





Markus Thayer

Guerra no Centro da Terra

Obra completa

2ª edição

São Paulo

2019

Copyright

Copyright © 2019 Markus Thayer

Capa: Camila Denleschi

Todos os direitos reservados ao autor.

Esta é uma história de ficção e fantasia. Todos os personagens, nomes, empresas, entidades são imaginários ou usados de forma ficcional. Assim, qualquer semelhança com pessoas, empresas ou entidades, são mera coincidência.

A obra contém erros propositais de grafia, palavrões, xingamentos e palavras de baixo nível e cenas de violência.

Sumário

Copyright

Livro 1

Prólogo

Capítulo 1

1856 - Cambridge - Inglaterra.

Capítulo 2

Capítulo 3

Capítulo 4

Capítulo 5

Capítulo 6

Capítulo 7

Capítulo 8

Capítulo 9

Capítulo 10

Livro 2

Capítulo 11

Capítulo 12

Capítulo 13

Capítulo 14

Capítulo 15

Capítulo 16

Capítulo 17

Capítulo 18

Capítulo 19

Livro 3

Capítulo 20

Capítulo 21

Capítulo 22

Capítulo 23

Capítulo 24

Capítulo 25

Capítulo 26

Capítulo 27

Capítulo 28

Capítulo 29

[Capítulo 30](#)

[Dois meses depois](#)

[Epílogo](#)

[News Letter](#)

[Outras Obras do Autor](#)

[Série: Pandemia H36 – Episódio 1](#)

[Série: Pandemia H36 – Obra completa](#)

[Episódio 1](#)

[Episódio 2](#)

[Episódio 3](#)

[Sobre o Autor](#)

[Agradecimentos](#)

[Dedicatória](#)

Livro 1

Prólogo

Dezenas de warnnenes atravessaram pelo túnel. Eram soldados, engenheiros, cientistas, pilotos e estrategistas.

Em pouco tempo, aquele prédio se transformou no quartel-general dos warnnenes.

Peças e equipamentos também cruzaram pelo buraco de matéria exótica.

Drímor olhou para um canto da sala. Havia um canhão de bósons, pronto para o uso.

Aquilo o incomodou. Virou-se para o cientista.

— O que é isso? Por que perdeu tempo construindo essa arma?

O interlocutor olhou para o canhão.

— General, eu precisava garantir a minha segurança.

Drímor acenou com a cabeça.

— Bem, este canhão será útil.

O cientista sorriu.

— Sim, senhor, tenho certeza de que os dois serão.

Drímor fechou o rosto numa carranca.

— Dois? Você construiu duas armas?

— Sim.

— Por quê?

O warnnene vacilou, correu os olhos pelas paredes.

— As bruxas de Atlântida... Elas sabiam... Sabiam da minha presença na Terra. — Disse, arrependido de ter falado sobre os dois canhões.

Drímor fechou ainda mais a cara.

— Onde está a outra arma?

O cientista procurou pelas melhores palavras.

— A outra... está com um terráqueo.

Os olhos de Drímor ficaram vermelhos, suas têmporas tremiam.

— COM UM TERRÁQUEO? COMO UM CANHÃO DE BÓSONS VAI PARAR NA MÃO DO INIMIGO?

Foi naquela frase que o warnnene entendeu a dimensão de seu erro.

— A intenção era manter as atlantes longe do portal. Eu pensei...

A fisionomia de Drímor era de desprezo, decepção, fúria e frieza. Num movimento rápido, sacou sua arma e atirou.

A pequena bolha de gás superaquecido atravessou o crânio do cientista. Sua consciência desvaneceu, as pernas dobraram, os joelhos se chocaram contra o chão num estrondo surdo. O sangue warnnene esguichou pelos orifícios abertos pelo tiro.

Capítulo 1

1856 - Cambridge - Inglaterra.

— ... assim, caros alunos, — ensinava Sir Oliver Stewart, renomado professor do King's College — foi na batalha de Bosworth Field. No ano de 1485, que Henry Tudor venceu o exército de Ricardo III. Esta vitória o levou a ser coroado como Henrique VII. — O mestre fez uma breve pausa e arrematou. — Com isso, chega ao fim a Guerra das Rosas. E, de nossa parte, terminamos esse fascinante capítulo da história da Inglaterra.

— Para me certificar de que todos os ilustres alunos tenham aprendido a lição. Vou pedir que me apresentem um trabalho, o mais detalhado possível, sobre este período de nossa história. Sugiro que o façam em duplas, porém aceitarei trabalhos individuais. Quero isso para depois de amanhã e não vou tolerar atraso.

Um murmúrio surdo ressoou pela sala. Eram comentários de desaprovação, mas quem ousaria contestar o enérgico professor.

Isso não passou despercebido por Sir Oliver.

— Senhores, percebo o vosso natural desapontamento com relação ao tempo para a entrega do trabalho. — Sua voz era carregada de energia. — No entanto, sei que não estou entregando essa tarefa para crianças, mas sim para homens do King's College de Cambridge. Estou convicto de que, num futuro próximo, vocês conduzirão os caminhos da Inglaterra.

Respirou fundo.

— No mundo que nos defronta lá fora não há lugar para indefinições, medo ou preguiça. É necessário determinação, coragem e ousadia. Os senhores são a elite intelectual desse país. Esse, é o pensamento que deve nortear todas as vossas decisões e atitudes.

O mestre puxou seu relógio de bolso e, à maneira inglesa, consultou a hora. Após breve intervalo, voltou a fixar os olhos em seus alunos.

— Senhores, por hoje é só. Continuaremos os nossos trabalhos na sexta-feira.

E mestre correu os olhos pela classe e aguardou por alguma manifestação, mas o silêncio foi a resposta. Então, com a calma de um gentleman, passou a juntar seu material de trabalho.

Os alunos fizeram o mesmo, tomando cuidado para não fazer barulho, como exigiam as regras da escola.

Deixaram o recinto de forma ordenada, devagar e sem tumultos.

Tão logo ganhavam o ambiente externo, os jovens passavam a conversar com mais tranquilidade.

William caminhava a passos largos.

— John, o senhor Stewart vai nos deixar loucos com tanta coisa. Como será possível contar uma história de décadas em apenas dois dias! — Sua voz saiu melancólica, como quem sente pena de si mesmo.

William Kenward era um inglês típico, alto, olhos castanhos. Seu cabelo, na mesma cor dos olhos, usava penteado para o lado. Não era afeito aos esportes. Gostava de boa comida. E, neste item, pecava pelo excesso. Talvez por esses motivos, naquele momento, a agulha da balança flutuava bem acima do peso ideal.

Ao seu lado, John caminhava olhando para o chão.

— William meu caro, teremos de nos desdobrar, pois o mestre não aceitará pequenos resumos. Acho melhor a gente fazer esse trabalho em dupla.

— Concordo totalmente. Se dividirmos as tarefas, o trabalho não ficará pesado para ninguém.

John acenou com a cabeça, puxou seu relógio de bolso e confirmou a hora.

— Sim, vamos ter de fazer uma bela pesquisa. O que acha da gente se encontrar na biblioteca depois do almoço?

William acenou com a cabeça. Pegou seu relógio.

— Sim, claro. A que horas?

— Sugiro às quinze horas e trinta e dois minutos. Está bem para você?

William pensou um pouco.

— Sim, para mim está perfeito!

Atravessaram o campus. Deixaram os deveres de lado e passaram a conversar sobre outros assuntos. Algo próprio da juventude masculina. Esportes e, naturalmente, as curvas e os encantos das garotas.

Ao deixar os portões da faculdade, seguiram caminhos diferentes.

John McBrian também era um típico inglês, um metro e oitenta de altura, magro, pele branca e cabelo castanho escuro. Aos seus 20 anos era dotado de raciocínio ágil e seu maior objetivo era concluir os estudos.

O pai de John, Sir Morgan McBrian, era um próspero industrial da área têxtil. Possuía uma moderna fábrica de tecidos nas imediações de Londres e seu maior desejo era preparar o seu único filho para assumir os negócios da família. Isso, o deixaria livre para se dedicar mais à política.

Contudo, esse não era o sonho de John. O rapaz era fascinado pelo trabalho de Charles Darwin. Que só conhecia por causa de uma aula ministrada por Sir Oliver. As viagens e pesquisas do médico e naturalista britânico ainda não tinham sido publicadas, mas eram conhecidas por alguns amigos mais próximos.

John não conseguia tirar de sua cabeça o extenso trabalho que deveria entregar. O grande problema não residia na pesquisa si. A faculdade contava com uma excelente biblioteca. A questão era a montagem do trabalho. O manuscrito deveria conter mapas, gráficos e anexos explicativos.

Morava em uma pequena pensão. Quase ao lado da universidade. Onde, para minimizar os custos, dividia um quarto com outros dois estudantes.

Com seus passos largos, não demorou muito para chegar. Logo na entrada encontrou Emily Taylor, dona da pensão. Uma simpática senhora que vivia com alegria os seus 50 anos.

Emily tinha prazer em cuidar dos jovens que vinham de todas as partes da Inglaterra para estudar em Cambridge.

John subiu os três degraus da escada de entrada em um pulo.

— Boa tarde, senhora Taylor.

Um sorriso meigo se desenhou no rosto dela.

— Muito boa tarde, senhor McBrian, como estão os estudos na faculdade? O senhor me parece um pouco cansado.

O jovem retribuiu o sorriso.

— Na verdade, esses últimos dias têm sido trabalhosos, mas estou bem. Apenas com um pouco de fome. — Respondeu reticente, esperando um convite formal para o almoço.

O rosto de Emily se iluminou.

— Ah! Menino, então vamos comer que o almoço já está pronto.

As horas passaram, e os dois amigos se encontraram na biblioteca precisamente às quinze horas e trinta e dois minutos. Em virtude do tamanho da pesquisa que tinham pela frente, não perderam tempo. Entraram no prédio e solicitaram os livros necessários.

O velho relógio de pêndulo parecia girar feito pião. Num instante, seus ponteiros apontavam para as seis e cinquenta da noite.

Apenas algumas pessoas permaneciam na biblioteca.

A bibliotecária não perdia o relógio de vista. Era quase hora de terminar o expediente e ela estava ansiosa para voltar para sua casa. Levantou-se e caminhou pelo salão, parando de mesa em mesa. A última foi a dos dois estudantes.

— Senhores, me desculpem, mas fecharemos em alguns minutos.

William arregalou os olhos.

— Nossa! Eu não tinha percebido o tempo passar!

A moça sorriu, pediu licença e voltou para a sua escrivaninha.

William a acompanhou com o olhar.

“Que garota linda.” Pensou.

Girou o rosto e focou o amigo.

— Ainda bem que conseguimos adiantar a pesquisa.

Os olhos fundos e escurecidos denunciavam o cansaço de John.

— É verdade, foi exaustivo, mas precisamos terminar isso logo. Quando chegar no meu quarto, vou transcrever essas informações para o trabalho final.

William concordou com a cabeça e se levantou.

— Preciso dar uma passada no banheiro. Acho que bebi muita água.

John sorriu e se pôs de pé.

— Bem, vou devolver os livros à bibliotecária.

William saiu em direção ao sanitário masculino. Por sua vez, John pegou um punhado de livros e caminhou para o balcão de entrega.

A mesa ficou sozinha.

Mas não por muito tempo. Um homem se aproximou. Sorrateiro, analisando os presentes com o canto do olho. Sem ninguém perceber, retirou de dentro do sobretudo um livro. Mais uma vez, se certificou de que não era observado. Colocou a obra no meio das coisas de John. Se afastou a passos mansos, indo para o lado oposto da biblioteca. Sentou-se com elegância. Era uma figura esguia, com o rosto escondido atrás da aba do chapéu. Em um dos dedos, trazia uma peça de ouro. Um anel vistoso, com um símbolo em alto-relevo. Um polvo com cabeça de serpente.

John retornou e passou a juntar suas coisas. Tomou um leve susto ao ver o livro.

“Esqueci de devolver esse?”

Olhou para o antigo manuscrito. Estendeu a mão e o pegou. Por um momento apreciou a capa dura e os acabamentos feitos a mão.

“Não me lembro de ter pegado este aqui.”

Olhou para a porta do banheiro masculino.

“Será que foi o William que pegou essa antiguidade?”

Acariciou a obra com os dedos indicador e médio. Abriu e correu os olhos por algumas páginas.

“Guerra das Rosas. Talvez tenha alguma coisa interessante.”

Colocou a antiguidade de volta na mesa e retornou à tarefa de reunir suas coisas.

William voltou do banheiro e, como John, passou a juntar seus materiais.

McBrian pegou o manuscrito e mostrou para o amigo.

— Foi você que pegou este livro?

William deu uma olhada rápida na antiguidade

— Nem sei, pegamos tantos livros. Sei lá.

John focou o velho livro.

— É sobre a Guerra das Rosas. Acho que vou levar este manuscrito. Talvez encontre alguma curiosidade para enriquecer o nosso trabalho.

O amigo não deu atenção.

— Perfeito. De minha parte prepararei os gráficos, mapas e organizar a bibliografia.

John concordou com a cabeça e os dois saíram da biblioteca.

O homem do anel de ouro sorriu. Se levantou e deixou o local de estudo.

William e John traçaram alguns planos para o dia seguinte. Se despediram e tomaram rumos diferentes.

Cada um seguiu para sua residência. A noite prometia ser longa. Eles iriam ter de trabalhar duro para dar conta da tarefa.

John entrou em seu quarto. Puxou o relógio do bolso do paletó. Eram sete

e trinta.

“Vamos começar logo com essa escrita. Ainda é cedo e dá para fazer uma boa letra.”

Separou o que precisava. Jogou o resto na cama. Debruçou-se sobre a escrivaninha, acendeu a velha lâmpada a óleo e iniciou a escrita.

Lá pelas nove, o peso das pálpebras fazia com que seus olhos quase não parassem abertos. Era necessário grande esforço para se manter acordado. Se deu conta de que não venceria aquela batalha. Deixou a escrita de lado. Se espreguiçou e bocejou com os braços esticados para cima. Olhou pro lado e lá estava o manuscrito.

Era uma relíquia, já devia ter uns cento e cinquenta anos. No livro estavam registrados muitos acontecimentos históricos do norte da Inglaterra.

John o apreciou por um momento. Passou a manusear com extremo cuidado.

Todo esse zelo era por conta de seu amor pelos livros.

Encontrou várias curiosidades, ricas informações que valorizariam o trabalho.

Ao virar uma página, percebeu que algo estava diferente. A folha era mais grossa que as demais. Parou de folhear, inclinou a cabeça com um ponto de interrogação na cara. Examinou com mais atenção. Colocou contra a luz da velha lâmpada.

“Estranho, acho que tem duas páginas grudadas uma na outra.”

Analisou, tentando entender o que tinha em sua frente.

O sono desapareceu.

“Sim, duas folhas estão coladas!”

Girava a antiguidade buscando melhor ângulo.

“Não, não apenas coladas. Elas foram unidas apenas nas bordas com muita precisão.”

A curiosidade tomou conta de seu coração.

“Parece que o serviço foi feito para que o meio ficasse livre, formando um tipo de envelope.”

John continuou sua investigação. A colagem era muito bem-feita.

“Será que a intenção era esconder o texto que há nessas páginas?”

Pensando assim, ele leu a página anterior e posterior.

“Não pode ser, o texto não está truncado. Segue de forma fluida.”

“Será que foi o próprio escritor que colou as duas folhas? Teria sido para acobertar algum erro grave de grafia?”

Olhou de um lado, olhou do outro.

“Ou será que era para esconder algo que não deveria ser lido?”

Coçou a cabeça,

“Puxa vida, como faço para ler o que está escrito aqui dentro?”

As páginas envelhecidas da antiguidade levavam a concluir que aquela não seria tarefa fácil

“E se eu tentar cortar, com cuidado, uma parte da folha?”

Balançou a cabeça com força.

“Não, isso destruiria o livro. Não, de jeito nenhum.”

Passou a tatear a colagem.

Sentiu que havia uma terceira folha solta entre as duas páginas!

— O que será isso? — Balbuciou em voz alta.

— Que merda, tem que ter um jeito de abrir essa coisa sem estragar nada.

Tentou...

Tentou...

Tentou mais uma vez.

A decepção tomou conta de John. Percebeu que não seria possível separar as páginas sem causar um belo estrago no livro. Era um exemplar único, escrito a mão há mais de cento e cinquenta anos.

“O que fazer?”

Colocou o manuscrito sobre a escrivaninha.

“Acho que vou ter que devolver sem saber o que tem aí dentro.”

Exalou o ar com força.

Chacoalhou a cabeça.

“Não, nem pensar!”

Pegou o livro de volta e folheou novamente para ver se não havia mais

nada de anormal.

“Oh, meu Deus, o que devo fazer?”

Parte dele queria rasgar aquelas páginas e acabar com o mistério. Outra parte queria proteger aquele objeto histórico.

Uma luz se acendeu em sua mente.

— Senhor Stewart! — Falou em voz alta.

“Sim, o professor adora história, com toda a certeza do mundo, ele vai se interessar por este achado.”

O rapaz andava em círculos pelo quarto.

“Mas quando falar com o professor? Na faculdade?”

“Não, não, não, isso vai atrapalhar a aula. E o mestre pode não gostar.”

Colocou a mão no queixo, como se isso o ajudasse a pensar.

“Já sei, vou levar o livro até a residência do professor. Caso ele não se interessar, ninguém precisa ficar sabendo de nada.”

“Isso, farei isso, irei para sua casa antes dele sair para a faculdade.”

Um sorriso tomou conta de seus lábios.

Já era tarde. O cansaço do dia e a luz bruxuleante da lâmpada minaram a resistência de John. Precisava descansar. Apagou a velha lâmpada. Se deitou e adormeceu quase que no mesmo instante.

Acordou com pássaros cantando em sua janela. Abriu os olhos, sonolentos por causa da noite maldormida. Lembrou do livro e se levantou da cama num salto. Seus olhos pousaram no velho manuscrito.

Seu grande dilema retornou. Tentar soltar aquelas duas páginas sozinho ou procurar o professor?

Balançou a cabeça, desaprovando sua própria indecisão.

Vestiu-se e desceu para a cozinha.

O cheiro do feijão enchia o ambiente e o barulho dos ovos na frigideira causava água na boca.

— Bom dia senhora Taylor!

— Bom dia senhor McBrian, como passou a noite? Percebi que se recolheu tarde ontem.

— Me desculpe, espero não ter atrapalhado a senhora.

— Não precisa se desculpar, não me atrapalhou em nada. Eu sempre vou me deitar tarde. E, quando passei pelo corredor, vi que a luz do seu quarto estava acesa.

John se sentou à mesa.

— Fiquei um pouco mais porque tenho um trabalho grande para entregar amanhã.

Emily colocou a caneca e encheu com chá preto e um pouco de leite.

— Então você precisa se alimentar bem.

John sorriu sem dizer nada.

A bondosa mulher saiu para a cozinha e num instante voltou com um prato repleto de feijão, salsicha e ovos.

— Vamos, senhor McBrian, coma a sua refeição, não queremos que ela esfrie, não é?

— Claro que não, muito obrigado, senhora Taylor, a senhora é um anjo.

Emily corou e fez um sinal desajeitado com a mão.

— Imagina, bondade sua, senhor McBrian.

John experimentou o feijão.

— Nossa, está uma delícia.

Emily sorriu.

— Obrigada. — Disse quase cantando. — Com licença, senhor McBrian, tenho uma porção de coisas para fazer. O senhor pode ficar à vontade.

John acenou com a cabeça.

— Obrigado.

A dona da pensão se afastou e sumiu pela porta da cozinha.

Durante o café da manhã, John não parou de pensar no livro. Chegou à conclusão de que só havia uma coisa a fazer. Ir até a residência do professor e mostrar o seu achado.

Foram trinta minutos de caminhada até a residência do mestre. Durante o percurso, o rapaz tentava antecipar como ele poderia interpretar a questão.

“Talvez o senhor Stwart, simplesmente, não se interesse pelas páginas coladas. Pode achar isso trivial. Algo que não merece atenção.”

Olhou para o livro em sua mão.

“Bem, este é um risco que tenho de correr.”

“Na pior das hipóteses, se ele não se interessar, eu devolvo o livro para a biblioteca e pronto!”

As ideias iam e voltavam à sua mente.

“Mas, se o conheço bem, o mais provável é que o professor fique mais curioso do que eu.”

Um leve sorriso surgiu em seu rosto.

“Tomara que eu esteja certo.”

Após uma curva na rua estreita, o casarão de Oliver Stwart ficou à vista.

John hesitou por um momento.

“Será que é isso mesmo o melhor a fazer?”

Voltou a focar o manuscrito, fechou os olhos tentando ver melhor as imagens que se formavam em sua mente.

As pernas travaram e se tornaram bambas por alguns instantes. O medo de passar por ridículo o prendia ao chão. Abriu os olhos. Encheu os pulmões de ar. Tomou coragem e, com passos decididos, se dirigiu para a entrada da casa.

Sir Oliver levantou-se cedo para se preparar para o trabalho. Fez uma refeição frugal e foi matar tempo em seu escritório. Procurou por um livro em sua biblioteca particular. Sorriu ao ver uma monografia que o interessava. Puxou o livro e leu o título.

Caminhou até sua escrivaninha pôs-se a ler aquele estudo científico.

Alguém bateu à porta.

Oliver parou sua leitura no mesmo instante. Olhou para a porta.

— Entre, por favor.

A porta se abriu devagar, sem fazer ruído. A empregada se esgueirou pela passagem antes da folha se abrir por completo. Sua timidez a forçou a baixar a cabeça. Evitava olhar direto para o professor.

— Com licença, senhor Stwart. — Disse com voz sumida.

O mestre fechou o livro e a encarou.

— Pois não, senhorita Balding.

A custo, ela olhou para ele.

— Me desculpe interrompê-lo, senhor Stewart. Tem um moço na sala. Ele quer falar com o senhor, diz que é seu aluno.

Sir Oliver levantou apenas uma sobrancelha, como era seu costume.

— Aluno? Que aluno?

A menina deu um passo para trás.

— O rapaz diz chamar-se McBrian, senhor, John McBrian.

Aos seus dezoito anos, Emma Balding vivia em um vilarejo próximo a Cambridge. Já fazia alguns meses que trabalhava na residência do mestre. Nunca tivera a oportunidade de estudar. Por causa das dificuldades na infância, mal aprendera a ler. Isso a fez sofrer por bastante tempo. Se sentia diminuída ao ver pessoas cultas e estudadas, mas aquilo já era passado. Seu sonho era se casar e construir uma família e ser feliz.

Sir Oliver colocou a monografia sobre a escrivaninha.

Levou a mão ao queixo e seus olhos buscaram o teto.

— John McBrian?

Tentou lembrar a fisionomia do estudante.

— Onde mesmo você disse que ele está?

— Na sala de estar, senhor.

Sir Oliver se levantou, ajeitou o paletó e consultou seu relógio.

— Está bem, vamos recebê-lo. — Sua voz denunciava preocupação com o horário.

Sir Oliver Stewart era um homem alto, de porte físico vigoroso. Seus cabelos grisalhos mostravam a posição de homem maduro. O cachimbo e o monóculo eram quase parte de seu corpo. A face era marcada por um largo bigode. E, como ditava a moda da época, ele exibia um belo par de costeletas e um cavanhaque vistoso.

Foram poucos passos até a sala de estar. John distraíra-se com um quadro na parede. Uma autêntica tela de Edward Calvert. O mestre pigarreou de leve para anunciar sua presença.

Num sobressalto, John virou-se tão rápido que quase perdeu o equilíbrio.

— Sir Stewart, bo... bo... bom dia! Desculpe-me se estou atrapalhando, mas é que... — Gaguejava o texto que tinha ensaiado durante todo caminho da pensão até a casa do professor.

Sir Oliver tentava acender o seu cachimbo.

— Acalme-se, meu rapaz, não estou entendendo nada.

O cérebro de John segurou a língua à força.

Num suspiro profundo buscou por serenidade.

— Senhor Stewart, — disse em voz compassada — ontem, durante a pesquisa sobre a Guerra das Rosas, me deparei com uma situação bem estranha.

O mestre conseguiu acender o cachimbo e deu uma baforada.

— Estranha? Como assim?

John percebeu o interesse do mestre e se sentiu mais confiante.

— Minha ideia era enriquecer o trabalho com mais detalhes. Então peguei este manuscrito na biblioteca da faculdade. Na verdade, fui atraído pela beleza da capa e pelo capricho escrita.

O rapaz folheava o velho livro.

— Durante a pesquisa, percebi que duas folhas estão coladas. Uma colagem feita com muito cuidado. Me deu a impressão de que alguém queria esconder algo.

Os olhos de Sir Oliver se abriram um pouco mais e ele afastou o cachimbo da boca.

— Que livro é esse?

John segurou o manuscrito com as duas mãos.

— O título é War of the roses. Trata-se de uma verdadeira relíquia que conta a história da Guerra das Rosas.

McBrian estendeu os braços.

O mestre se apressou em pegar o livro.

— Vejamos, — murmurou — onde estão as páginas coladas?

Uma onda de felicidade invadiu a mente de John.

— Estão aqui. — Indicou sem perder tempo.

O professor passou a analisar união das páginas. E, tal como aconteceu com John, foi ficando cada vez mais intrigado.

— Parece-me, meu rapaz, — observou, quase falando consigo mesmo — que existe uma terceira folha no interior. Digo, entre essas duas.

John abriu um leve sorriso

— Sim, senhor, eu também acho isso.

Sir Oliver girou o livro para lá e para cá.

— Vejamos, vamos abrir para ver o que tem aqui dentro.

O mestre puxou um pequeno canivete que sempre trazia consigo. Devagar, sem tremer, ele iniciou o corte na borda inferior das páginas.

John arregalou os olhos. Sentiu um arrepio percorrer seu corpo, mas permaneceu petrificado sem dizer palavra. Seus nervos trincavam de medo do professor danificar aquela antiguidade.

As mãos hábeis do professor foram precisas como as de um cirurgião. Abriu uma fenda e parte do interior ficou à vista.

— Veja, senhor McBrian, de fato existe outra folha. Parece ser bem mais antiga que o livro!

John esticou-se todo para ver o papel através da fissura.

— Senhor, parece que existem inscrições.

Sir Oliver não tirava os olhos do papel.

— Sim, sim, vou tentar retirar a folha.

Abriu um pouco mais a fenda.

Colocou o livro sobre uma mesa no centro da sala.

— Espere um minuto, vou precisar de uma pinça.

John assentiu com a cabeça.

O mestre deixou a sala a passos largos.

McBrian pensou em pegar o livro, mas optou por não mexer.

Em menos de um minuto o professor voltou com uma caixa de ferramentas. Enfiou a pinça no buraco e tentou puxar o papel. Sentiu resistência.

— Parece que está grudado.

Sir Oliver se endireitou e deu uma tragada em seu cachimbo.

Retornou ao trabalho. Sua calma era impressionante. Seus movimentos eram lentos e delicados. Acostumado com artefatos históricos, usava todas as técnicas que conhecia. O mestre demorou cerca de vinte minutos para soltar o papel. Depois de mais de cem anos, aquela mensagem era novamente exposta à luz. Um documento histórico, enigmático e desconexo.

Continha um desenho oval, que lembrava a forma de um feijão. Porém ligeiramente torto, como uma banana. Na extremidade inferior, havia uma linha com uma seta, que apontava para baixo e para fora da figura oval. A linha tocava o ovoide sem penetrar no interior dessa. No canto superior direito, estava desenhado o símbolo da rosa dos ventos.

Trazia também algumas inscrições em inglês e uma data:

Mr. Ollirdal Ortauc, as I promised,

here is the key

Remember:

After the tenth day the bad dogs run side by side. Be Humble

2526574335343115

08 august, 1688

Tradução:

Sr. Ollirdal Ortauc, como prometi,

Aqui está a chave

Lembre-se:

Depois do décimo dia os cães malvados correm lado a lado. Seja Humilde

2526574335343115

08 de agosto de 1688

Capítulo 2

Cherry Hinton era um pequeno vilarejo nas proximidades de Cambridge. Um lugar agradável que se desenvolvia rápido recebendo novos moradores todos os anos. Ali viviam muitas pessoas pacatas, trabalhadoras e sonhadoras.

Era numa casinha, naquele vilarejo, que Emma morava com sua mãe. Foi ali que conheceu Klaus, seu namorado.

Klaus Sckelehner nasceu na Prússia e, ainda muito jovem, seguiu seu pai no ofício de marinheiro. A primeira infância foi cheia de aventuras, mas um acidente o fez deixar a vida do mar. Aquele acontecimento infeliz lhe custou dois dedos da mão esquerda. Este fato fez com que ele se tornasse um peso morto na família. Pouco podia fazer para ajudar a ganhar dinheiro. Foi por causa disso que resolveu deixar sua terra natal. Sair pelo mundo. Andou a esmo por vários países, vivendo um pouco na França, Espanha e em Portugal. Já fazia alguns anos que chegara à Inglaterra.

Klaus era um homem de corpo vigoroso, repleto de músculos salientes. Pele branca, cabelos claros e olhos azuis. A barba, sempre por fazer, combinava com o ralo cavanhaque em seu queixo quadrado. Uma pessoa agressiva, imprevisível, digno de se ter medo e desconfiança.

Há alguns meses, Emma conheceu o prussiano em uma festa na igreja local. E, desde então, se entregavam a um romance repleto de sonhos.

No entanto, longe de Emma, Klaus levava uma vida incerta. Vivia envolvido em brigas e jogos de azar. Não tinha trabalho fixo e ninguém sabia onde ele morava. As amizades de Klaus, também não eram bem-vistas pelos moradores do vilarejo. Na verdade, eram temidos como bandidos.

Ao lado da taverna, um obscuro grupo de pessoas discutia quase aos sussurros. Vez por outra olhavam para os lados para se certificarem de que ninguém os ouvia.

Klaus gesticulava com as mãos.

— Tom, hoje não vai dar. Tenho um encontro com Emma. Prometi iria, não gosto de falhar.

O rosto do interlocutor se transformou em uma careta de descontentamento.

— Klaus, tô dizendo, hoje, a coisa é grande. Muito grande. Vamos precisar de todos. Não dá pra arriscar tudo por causa de mulher. Cacete, homem, depois do

negócio você vai num puteiro e resolve o seu problema.

O musculoso namorado de Emma fez endureceu a face. Coçou o cavanhaque com tal força que chegou a arrancar alguns fios. Encarou o outro com olhos ameaçadores. Cerrou o punho com energia. Encheu o grande tórax de ar. Se segurou para não dar uma bela porrada. O clima ficou tenso, eram dois homens corpulentos.

Tom Palmer não se intimidou. Fechou o cenho numa atitude feroz. Enfiou a mão no bolso e agarrou um objeto. A merda estava encomendada, faltava pouco para eles travarem uma luta mortal.

Um terceiro membro do grupo entrou no meio dos dois.

— Gente, gente, para com isso. Não vamos brigar entre nós.

Olhou para Klaus, depois para Tom.

— Tom, sei o que você sente, mas a gente precisa entender o Klaus. Sei que o negócio é bom, ele também sabe, mas não pode ser tão bom a ponto de fazer a gente brigar. Homem, posso te garantir uma coisa, sempre surgirão novas oportunidades. A vida é cheia delas.

Os dois pareciam não ouvir os conselhos do amigo. A tensão aumentou ainda mais e eles só não se pegaram porque Steve permanecia entre eles.

Habilidoso, Steve encontrou uma maneira de resolver a situação.

— Quer saber, vamos acalmar os ânimos. Precisamos beber alguma coisa, vamos lá, é por minha conta!

Puxou os dois pelos braços para dentro do bar.

— JOSEPH, — gritou ao dono da taverna — sirva o melhor Gin da casa para os meus amigos.

Tom bufava.

— Steve, o negócio de hoje é muito bom, não podemos perdê-lo.

Steve Wilkinson encarou Tom com ar de psicólogo, demonstrando ser bom conhecedor da alma humana.

— Tom, o que temos de mais precioso é a união do nosso grupo, nossa amizade. O desejo de cuidar uns dos outros. — Fez uma pausa, Focou Tom e em seguida Klaus. Sorriu e continuou. — Se perdermos essa união, nós nos perderemos e não seremos mais nada!

Colocou uma mão no ombro de cada um.

— Klaus tem um compromisso que assumiu antes de saber do nosso negócio. Não temos direito de cobrar nada dele.

Tom tornou-se um pouco mais calmo. Girou para o balcão, pegou seu copo de Gin e o trouxe à altura dos olhos.

— Bosta, com um a menos, isso vai ficar bem mais difícil.

Steve acenou com a cabeça.

— Sim, mas a gente dá um jeito.

Klaus focou o chão. Vergonha? Arrependimento? Nem ele mesmo sabia ao certo, o fato é que as palavras de Steve falaram alto em seu coração.

— Espera aí pessoal, — sua voz saiu mansa, quase melancólica — Steve tem razão, não podemos nos dividir. — Olhou para Tom — Tenho de admitir. Você tem razão, o negócio é muito bom. Bom demais para perder. — Levantou a cabeça e olhou para os dois. — Vamos fazer o trabalho, eu me entendo com Emma amanhã.

Tom abriu um sorriso vitorioso.

— Assim é que se fala, homem, primeiro o dinheiro, depois as mulheres.

A face de Steve Wilkinson se iluminou.

— Ótimo juntos somos muito mais fortes.

Fizeram um brinde e viraram o gin em um único gole.

Klaus Sckelehner desenhrou em seu rosto um sorriso disforme, triste.

— É verdade, as mulheres podem esperar.

Já fazia três horas que um navio cargueiro de bandeira portuguesa tinha atracado no porto de Liverpool. Os estivadores trabalhavam como máquinas descarregando a grande nave.

Quatro homens se penduraram para fora da embarcação. Iniciaram a perigosa tarefa de saírem do navio através da poupa. O que para uns seria impossível, para aqueles homens foi moleza. Em poucos segundos, escalaram a nau e mergulharam no oceano.

Ninguém percebeu nada. Os clandestinos nadaram até uma praia próxima. Pisaram, ilegalmente, no solo da Inglaterra. Trocaram suas vestimentas e se desfizeram das roupas velhas.

— Mestre, aonde vamos? — Perguntou em japonês.

O homem de origem asiática focou o horizonte.

— Vamos para o norte. Ficaremos escondidos por um tempo e no momento certo entraremos em ação. Lembrem-se, não podemos chamar a atenção dos Ingleses.

— Sim, senhor.

Por algum tempo, professor e aluno ficaram mudos, apenas analisando o estranho pedaço de papel.

Emma Balding entrou na sala, em suas mãos, uma travessa contendo uma chaleira e duas xícaras. Parou por um momento, num misto de indecisão e receio.

— Os senhores aceitam uma xícara de chá?

Sir Oliver desviou sua atenção para ela.

— Ah! Sim, boa ideia, eu aceito sim. O senhor aceita, senhor McBrian?

— Sim, sim, muito obrigado.

Emma se aproximou.

Os dois voltaram fitar o documento histórico.

— O que acha senhor Stewart? O que lhe parece este papel?

Sir Oliver não tirou os olhos da descoberta.

— Não sei...— falou devagar, como se quisesse se convencer do que dizia. — Parece um... Mapa.

John olhou para o mestre num movimento rápido.

— Mapa?

Sir Oliver nem ouviu a pergunta.

— Talvez um tesouro perdido?!

Naquele momento, Emma servia o professor. E, com habilidade felina, se esticou para ver o papel.

Oliver pegou a xícara e sorveu um gole.

— O que acha, senhor McBrian, não parece um mapa?

Emma passou a servir o rapaz.

John focou os olhos da menina.

—Obrigado.

— Não há de que. — Respondeu Emma.

O estudante voltou-se para o documento.

— O senhor tem razão, a figura apresenta as características de um mapa.

— Apontou o dedo para o papel. — Veja esta seta, com certeza aponta para um lugar especial.

Sir Oliver levou uma das mãos ao queixo e coçou o cavanhaque. Colocou o pedaço de papel sobre a mesa, onde todos podiam ver.

Emma deu uma boa olhada no velho pedaço de papel.

— Os senhores desejam mais alguma coisa?

O professor colocou a xícara de volta no pires.

— Não, senhorita Balding, muito obrigado.

— Não há de que, senhor Stewart.

A empregada deixou a sala.

Intrigado, Sir Oliver analisava o papel.

— Veja essa data, 08 de agosto de 1688. Este papel tem cento e sessenta e oito anos!

John concordou com a cabeça.

— E o destinatário. Este homem deve ter morrido sem saber que esse papel existia!

— Pode ser. — Concordou o mestre. — Por outro lado, talvez que ele próprio tenha escrito e feito a colagem.

John levantou a cabeça de súbito.

— Por que alguém faria isso?

— Não faço a menor ideia, isso é apenas uma suposição. Em uma guerra, é comum o uso de mensagens cifradas. Talvez nem seja o nome de uma pessoa.

— No caso de ele ter escrito, é possível que tenha sido aluno ou professor do King's.

Sir Oliver ergueu uma pestana.

— Sim, é bastante provável. Talvez exista algum registro sobre esse homem na faculdade.

Os dois se encararam por um instante.

— Vamos, pegue as suas coisas, continuaremos nossa pesquisa no King's College. — Concluiu o senhor Stewart.

John sorriu. Era fato, Sir Stewart se envolvera por completo com aquele mistério.

Aluno e professor pegaram seus pertences e saíram.

Pelo caminho, trocavam impressões sobre o livro e o antigo papel. Tudo levava a crer que se tratava de um mapa com um código secreto. Uma mensagem codificada. Estavam certos de que, se conseguissem decifrar, teriam mais informações sobre a colagem e o desenho.

A pista mais importante era o nome inscrito na relíquia. Pelo texto, o tal de Ollirdal deveria ter recebido aquele bilhete há mais de cento e cinquenta anos. No entanto, surgiram outras questões. Por que o autor do bilhete o escondeu? A mensagem ameaçaria alguém? Existiria alguma chave para desvendar aquela cifragem? Qual seria a importância da mensagem? Ou, quem seria o verdadeiro destinatário?

Muitas perguntas e nenhuma resposta. Aquilo parecia impossível de ser decifrado.

No entanto, para homens de ciência, a palavra ‘impossível’ é apenas a venda que cobre o desconhecido. Não havia a menor possibilidade de eles deixarem aquele enigma de lado. A curiosidade movia os dois. As respostas estavam ali, em algum lugar, precisavam arregaçar as mangas e garimpar aquele rio de águas turvas.

Com suas mentes imersas naquelas incógnitas, andaram a passos apressados. Num instante venceram o trajeto entre a casa do professor e a faculdade. Quando se deram conta, a entrada principal do King’s College se abria para eles.

Sem cerimônias, foram direto aos arquivos da instituição. Não foi difícil para o doutor e professor Oliver Stewart ter acesso ao enorme volume de documentos do arquivo da faculdade.

As horas se sucediam. Pilhas de papéis se amontoavam ao redor deles. Uma secretária da faculdade entrou na sala do arquivo.

— Professor Stewart, me desculpe, já são doze horas. O senhor ainda vai ficar por mais tempo?

Sir Oliver tomou um leve susto e puxou o relógio de bolso.

— Deus do céu, já é hora do almoço! — Disse, olhando perplexo para John.

O rapaz se limitou a arregalar os olhos, também surpreso com o horário.

O mestre girou para a secretária.

— Confesso que perdi a hora. Não vamos nos demorar muito mais, logo lhe devolverei a chave.

A moça agradeceu e saiu.

A verdade era que ambos tinham perdido seus compromissos acadêmicos da parte da manhã. Para complicar, John teria de dedicar a tarde inteira para concluir o trabalho solicitado pelo próprio Sir Oliver.

A pesquisa nos arquivos não rendeu nenhum resultado sólido. Não encontraram ninguém que pudesse estar relacionado com o enigmático pedaço de papel. Não havia nenhuma alusão ao nome Ollirdal Ortauc, ou mesmo à data assinalada na mensagem.

A mente de John fervilhava, sentia que o manuscrito era uma mensagem a respeito de algo valioso. Por que outro motivo o remetente teria cifrado a mensagem?

— Senhor Stewart, acha mesmo que este papel é um mapa? Será que leva a um tesouro?

Sir Oliver se espreguiçou, pegou seu cachimbo que tinha se apagado e iniciou o processo de reacendê-lo.

— Meu caro, senhor McBrian, acredito sim. Acho que essa mensagem é uma trilha para um tesouro. Entretanto, não um tesouro de ouro ou pedras preciosas. Não, creio que ela revele o local onde possa conter documentos ou artefatos antigos. Material histórico, referente à Guerra das Rosas. Tais documentos podem ter sido muito importantes na época e não podiam cair em mãos erradas. Talvez por isso, eles tenham escondido com tanto cuidado o mapa.

John deixou os ombros caírem num súbito desânimo.

— É uma boa hipótese.

Sir Oliver ajeitou o monóculo e voltou a consultar as horas.

— Rapaz, teremos de continuar em outra ocasião. Tenho assuntos inadiáveis para tratar agora.

A velha cadeira rangeu quando John se levantou.

— Eu também, tenho muito trabalho a fazer nesta tarde.

O mestre deu uma baforada e ergueu o papel.

— Sugiro que guardemos esse papel em lugar seguro, não podemos correr

o risco de danificá-lo.

John assentiu.

— Sim, senhor, concordo. Onde podemos guardá-lo?

O mestre pensou um pouco.

— Podemos colocá-lo em meu armário. Apenas eu tenho acesso, a mensagem ficará segura lá.

John sorriu e desabou de volta na cadeira.

— Boa ideia. Vou fazer uma cópia para que possa pensar a respeito mais tarde.

O professor fez um movimento de cabeça.

— Isso, vou fazer uma para mim também.

Alguns minutos mais tarde os dois se separaram. Cada um foi atrás de suas responsabilidades, as quais não podiam mais esperar.

John chegou correndo na pensão. Engoliu a comida o mais rápido que pôde. Pegou suas coisas e saiu, tomando o rumo da biblioteca.

Tropeçou na porta de entrada do local de estudo. Deu dois ou três passos desequilibrados. Quase caiu, a custo se equilibrou. Aprumou-se como um gentleman e caminhou para o interior.

William, debruçado sobre os livros e cadernos, desenhava um mapa para o trabalho que pretendiam entregar.

John se aproximou, sentindo vergonha pelo atraso.

— Olá, William, como vai? Estou muito atrasado?

William levantou os olhos.

— Estou bem, e você?

— Também, tudo bem. — Disse lançando-se para a cadeira.

O amigo colocou a pena de lado.

— Onde você estava? Por que não foi para a aula de hoje cedo?

John hesitou por um momento.

“Devo contar sobre o papel para William? Seria prudente mais pessoas saberem sobre o achado? Mentir? Inventar uma história?”

O amigo o encarava, esperando uma resposta.

“Sim? Não? Sim? Não?”

Colocou seu material sobre a mesa.

“Seja o que Deus quiser.” Decidiu McBrian.

— Na verdade, aconteceu um fato muito intrigante de ontem para hoje. —
Havia ar de mistério em sua voz.

William se ajeitou na cadeira.

— Fato intrigante? Qual fato intrigante?

John puxou o ar devagar. Seu espírito ainda navegava em mar de dúvidas.

— Lembra daquele livro que levei emprestado ontem?

— Sim, lembro sim.

— Então, ontem à noite, o peguei para ver se achava algo interessante.
Quando comecei a folhear...

Contou, com detalhes, todos os acontecimentos e concluiu mostrando a cópia da mensagem.

Os olhos arregalados de William pareciam querer engolir o papel.

— Então, isso é um mapa de tesouro? — A curiosidade pulsava em cada célula do rapaz. Moveu a cabeça num movimento repentino, aguardando a resposta do amigo.

John soltou o ar e deixou os ombros caírem.

— Eu acho que sim, mas Sir Oliver acredita que este papel leve a documentos histórico.

O sorriso na face de William quase se desfez.

— Nada de ouro ou diamantes?

— Não sei, William, prefiro acreditar que seja um tesouro. Tenho esperança de encontrar uma antiguidade perdida. Ou então artefatos valiosos. Sei lá, qualquer coisa mais interessante do que documentos históricos.

— Posso ver esse mapa?

— Sim, claro.

John entregou o papel para o colega.

William era um amante dos números. O conjunto de caracteres o intrigou e

passou a analisá-lo. Lembrou-se da sequência de Fibonacci, da progressão aritmética, da progressão geométrica e sequências infinitas. Não encontrou nenhuma relação com o número 2526574335343115.

— E esses números? Faz alguma ideia do que seja? — Perguntou na esperança de que John já tivesse feito alguma descoberta.

— Não, já quebrei a cabeça com esses números, mas não consegui tirar nada daí.

William segurava o papel com as duas mãos.

— E esse desenho, já decifrou o que é isso?

John levou a mão no queixo.

— Também não. Me passou que possa ser o perímetro de uma ilha.

Os olhos de William brilharam.

— Será? Uma ilha? Sim, sim, sim, talvez a ilha onde o tesouro esteja escondido!

Pensamentos confusos visitavam sua mente.

Olhou para John como quem vislumbra o paraíso.

— Só pode ser isso, uma ilha. Veja, estamos em uma biblioteca. Podemos pegar os livros sobre ilhas e cartas geográficas. Então, procurar a que mais se aproxima desse desenho. Podemos descobrir onde o tesouro está escondido! O que você acha?

O rosto de John também se iluminou.

— Sim, boa ideia! — Falou com entusiasmo.

O sorriso se desfez, seu rosto ficou tenso.

— Tem um problema, temos o trabalho de Sir Oliver para concluir.

William soltou o ar, coçou a cabeça, mas não perdeu o momento.

— Tudo bem, podemos dividir as tarefas. Enquanto um procura nos mapas, o outro adianta o trabalho. Podemos nos revezar para que as tarefas não se tornem cansativas demais.

John voltou a sorrir.

— Perfeito!

Na sala de aula de outra turma, o professor passou vários exercícios para a

classe. A ideia era encher os alunos de trabalho, de modo que ele pudesse dar mais atenção ao enigma.

Como combinado, deixou o verdadeiro em seu armário e usava uma cópia.

Sir Oliver tentava, de todas as maneiras, entrar na mente da pessoa que escrevera aquela mensagem. Se aquilo fosse um criptograma, e ele iria decifrá-lo.

Tinha certeza de que a frase possuía ligação íntima com a sequência numérica. Qual seria esta relação?

After the tenth day the bad dogs run side by side. Be Humble

2526574335343115

Foram horas de observação e análise.

Quando fez sua cópia, tomou o cuidado de preservar as distâncias geométricas entre as palavras e números. Notou que existiam dezesseis caracteres na sequência.

Sir Oliver trabalhava com a hipótese de que havia uma relação matemática entre os números e a frase escrita no bilhete. Carregava a convicção de que aquela sentença era uma charada incluída no papel para dar sentido aos números.

“Após o décimo dia”. Seria aquilo uma data relativa? Estaria o autor da mensagem se referindo à data impressa no papel?

Como professor de história, não se lembrava de nenhum evento importante acontecido em dezoito de agosto de mil seiscentos e oitenta e oito.

Foi então que uma pergunta surgiu em sua mente.

“Seria a sequência de números uma palavra cifrada por algum algoritmo matemático?”

“Bem,” pensava o professor “a chave para resolver este enigma está escondida em algum lugar nesse bilhete.”

Sua mente obcecada não desviava a atenção daquela mensagem.

Uma luz acendeu em seu espírito.

Por pura inspiração. Ou talvez por ter ficado muito tempo olhando aquele pedaço de papel, uma ideia surgiu.

Foi tão inesperado que o mestre falou em voz alta.

— Será?

Os alunos, levantaram a cabeça para ver com quem o professor conversava.

Meio envergonhado, Sir Oliver fez sinal com a mão, tornando claro que havia pensado alto.

Os alunos voltaram a seus afazeres.

E ele retornou para sua ideia.

Pegou uma pena e começou a ordenar as letras em um quadro. Sua ideia era atribuir um número para cada letra da mensagem. Escreveu toda a frase seguindo sempre a mesma lógica. Letra - Número.

Construiu duas tabelas, uma incluindo os espaços e outra sem estes. Após alguma análise descartou um dos quadros. A tabela que não considerava os espaços não fazia sentido, afinal, os espaços eram parte da mensagem.

O resultado foi uma tabela com dez colunas por seis linhas.

A - 1	F - 2	T - 3	E - 4	R - 5	- 6	T - 7	H - 8	E - 9	- 10
T - 11	E - 12	N - 13	T - 14	H - 15	- 16	D - 17	A - 18	Y - 19	- 20
T - 21	H - 22	E - 23	- 24	B - 25	A - 26	D - 27	- 28	D - 29	O - 30
G - 31	S - 32	- 33	R - 34	U - 35	N - 36	- 37	S - 38	I - 39	D - 40
E - 41	- 42	B - 43	Y - 44	- 45	S - 46	I - 47	D - 48	E - 49	- 50
- 51	B - 52	E - 53	- 54	H - 55	U - 56	M - 57	B - 58	L - 59	E - 60

O óbvio lhe saltou aos olhos.

Após o número dez, incluindo este, os números passam a ter dois dígitos!

A unidade e a dezena são dispostas em duplas. Isto fazia uma ligação direta com a continuação da frase: *the bad dogs run side by side (Os cães malvados correm lado a lado)*.

“Os cães malvados são os próprios números!” Pensou.

Seus olhos focaram a sequência 2526574335343115. A mão em seu queixo brincava com o cavanhaque.

“Se é assim, então essa sequência só terá sentido se separar os caracteres de dois em dois” Concluiu.

Pôs mãos à obra e continuou os seus rabiscos.

25 - 26 - 57 - 43 - 35 - 34 - 31 - 15

“Bem, vamos substituir os números pelas letras correspondentes no quadro, para ver no que dá.”

O mestre quase caiu da cadeira quando terminou a substituição.

25 - 26 - 57 - 43 - 35 - 34 - 31 - 15

B - A - M - B - U - R - G - H

Capítulo 3

Dizem que os olhos são o espelho da alma. Através deles, percebe-se alegria, sofrimento, harmonia, êxtase, amor entre tantos sentimentos. É tão intenso que, em algumas regiões do mundo, é falta de educação olhar direto nos olhos de outra pessoa.

Naquele dia, um par de olhos, embebidos em sublime lucidez, contemplava a imensa planície. Um lugar vasto, que se estendia para além de onde a visão podia alcançar. Do alto da torre, em frente à enorme janela, a jovem senhora observava. Era mais do que isso. Em transe, ela vibrava amor. Como se quisesse absorver e se doar a toda aquela beleza.

Com passos mansos e lentos, alguém chegou ao seu lado.

A jovem senhora percebeu a presença sem tirar os olhos da paisagem.

— Minha filha, o novo tempo é chegado. — Falou a mulher. Sua voz era compassada e vinha do fundo do coração.

O dia foi cansativo e trabalhoso. Cuidar sozinha da casa do mestre, era uma tarefa e tanto. Contudo, Emma se sentia feliz. Tinha encontro com o eleito de seu coração. Não cabia em si. A ansiedade a consumia. Não via a hora de estar nos braços de seu amado.

Caminhava rápido. Queria vencer logo os seis quilômetros que separavam a residência do professor de sua casinha em Cherry Hinton.

Chegou em seu lar após alguns minutos. Mary Balding, sua mãe, cuidava dos últimos detalhes para o jantar.

Emma jogou a bolsa em um canto e abraçou sua mãe por trás. Beijou com carinho.

— Oi, mãe, tudo bem?

Mary sorriu.

— Sim, muito bem, e você, como foi o seu dia, filha?

Emma fez ar de cansada

— Estou exausta, o professor é muito gentil, mas tem muito serviço naquela casa.

— É verdade, casa grande é assim mesmo.

Emma se soltou do abraço.

— Paciência. O que eu preciso mesmo é de um bom banho. Vou me lavar e já venho te ajudar.

— Não se preocupe, filha, tome seu banho e descanse. Pode deixar que eu cuido do jantar.

A menina deu outro beijo e saiu cantarolando para o banheiro.

A casa onde Emma vivia era bastante simples. Era o que as duas podiam manter. Mary Balding, fora abandonada pelo marido ainda jovem. Naquela época, sua filha era uma criança de colo. Foram muitos anos de luta e dedicação. Mary trabalhou duro para manter o lar. E Emma, logo na primeira infância, ajudou no que podia.

Mary se lembrou de Klaus. Não aprovava o namoro dos dois. Rezava todos os dias para que ela se afastasse dele. Apesar disso, se mantinha neutra, não queria se intrometer ou impor sua vontade. Afinal de contas, no passado ninguém se colocou entre ela e seu marido.

“Esse não é um bom homem para minha Emma.” Pensou.

Ao ver sua amada filha sair da cozinha, alegre e feliz, limpou uma lágrima que bailava no canto do olhar. Balançou a cabeça como que a espantar pensamentos ruins.

“Não tenho o direito de interferir. A mim só resta ter fé.”

Emma sumiu de sua vista.

“Você vai ser feliz, minha filha. Se Deus quiser, você vai ser feliz.”

A mesa da biblioteca transbordava em livros. O trabalho da escola tinha sido relegado para segundo, talvez terceiro plano. Num determinado momento, os dois amigos perceberam que tinham gastado um tempão tentando encontrar a bendita ilha.

A ideia de um tesouro escondido havia tolhido todo e qualquer pensamento que pudesse se mostrar mais produtivo.

William se esparramava na cadeira.

— John, existem muitas ilhas que se parecem com esse desenho. Mas e daí? O que podemos tirar de concreto disso?

O olhar cansado de John falava por si.

— É verdade, acho que perdemos muito tempo com esses mapas. A

verdade é que continuamos na mesma situação.

William empurrou ao caderno de lado.

— O pior é que precisamos entregar o trabalho amanhã. Quase não tem mais tempo.

— Você tem razão. Fizemos papel de tolos, nessa busca infrutífera. Acho que teremos de trabalhar a noite toda para finalizar essa porcaria de trabalho.

— Cacete, — falou William — a aula do senhor Stewart é na primeira hora.

— William, vamos devolver esses livros e nos concentrar no que interessa.

Cabisbaixos, retiraram os livros da mesa e os entregaram para a bibliotecária. Olharam, mais uma vez, para a cópia do mapa e voltaram suas atenções para texto histórico.

Os minutos passaram e eles abandonaram por completo o enigma.

A porta da biblioteca se abriu num estrondo. Todos no interior daquele templo de estudo voltaram-se, guiados pelo instinto. Assustados, os estudantes viram surgir a conhecida figura do doutor Oliver Stewart.

Cabelos desgrehados. Olhos esbugalhados, quase saltando das órbitas. O mestre mais parecia um louco foragido do hospício.

— Senhor McBrian, — falou em voz alta, muito incomum em bibliotecas — preciso falar com o senhor agora!

Alguns estudantes expressaram caretas de desaprovação.

“Onde já se viu?” Pensavam alguns. “Um mestre gritando dentro da biblioteca.” Mas, a despeito de seus pensamentos, ninguém teve coragem de reclamar.

John olhou atônito para o professor. Seus músculos travaram. Ficou preso em si mesmo por um instante. A custo se recuperou do susto e fez menção de levantar-se.

— POR FAVOR, SENHOR MCBRIAN, — bradou, com pouca paciência — É URGENTE!

A curiosidade tomou conta de todos os presentes. Os olhares se dividiam entre o professor Oliver e John.

O rapaz se levantou num pulo desajeitado. Se aprumou e foi ao encontro do mestre. William acompanhou a cena petrificado em sua cadeira.

Já fora da biblioteca, o catedrático puxou um papel do bolso e o entregou

ao estudante.

— Veja isto. — A voz saiu trêmula, denunciando sua ansiedade.

O jovem pegou o papel das mãos do professor.

Já bastante amarrotado, a peça continha o quadro que o educador usara para decifrar a mensagem.

A confusão se formou na mente de John, aquilo parecia mais um jogo de palavras cruzadas.

Sir Oliver não falou nada, deixou o rapaz estudar o retalho de papel.

Um minuto ou dois se passou até ele entender a relação entre o texto e a sequência numérica. John leu em voz alta a palavra escrita pelo mestre.

— Bamburgh!?

Os olhos do professor se iluminaram.

— Sim, meu jovem Bamburgh.

O rosto de John expressava toda a sua confusão.

— Mas... O que é Bamburgh?

O semblante de Sir Oliver se fechou em indignação.

— A cidade de Bamburgh, — disse reassumindo a pose de mestre — em Northumberland.

John continuou extático, com cara de poste de rua.

— O que o senhor está querendo me dizer?

A cabeça do professor balançou num gesto de negação.

— Pense um pouco, meu rapaz. Hoje Bamburgh é uma cidade praiana. Agora, o que havia naquelas terras no final do século XVII?

John se lembrou do trabalho. Uma parte da Guerra das Rosas aconteceu em Northumberland. No entanto, a única coisa que lhe vinha em mente era o castelo.

— Eu acredito que existia apenas o castelo de Bamburgh. — Disse com voz pausada, carregada de incerteza.

O rosto do professor voltou a se acender.

— Exatamente!

O rapaz suspirou aliviado.

Sir Oliver puxou um livro que trazia embaixo do braço. Um grande marcador de páginas o dividia em dois. Ele abriu no local marcado e o entregou a John.

— Agora veja esta figura.

Ele segurou o livro em suas mãos. Sua mente fervia em curiosidade.

— Eis aí a planta baixa do castelo. — Concluiu o professor com euforia e um indisfarçável ar de vitória.

Estarrecido, John observou a figura por algum tempo.

— Senhor Stewart, a figura é igual ao desenho impresso na mensagem.

— Isso mesmo, a mensagem faz alusão ao castelo de Bamburgh. Os documentos que procuramos estão lá em algum lugar!

William deixou o prédio da biblioteca.

Olhava para os lados, procurando John e o Professor

— WILLIAM, VENHA CÁ. — Gritou McBrian ao vê-lo.

Num movimento rápido Sir Oliver olhou para trás para ver de quem se tratava.

— Ele está sabendo? — Perguntou em voz baixa.

— Sim, senhor, eu contei.

O mestre levantou um sobrolho.

— Senhor McBrian, o senhor falou para mais alguém?

John baixou o olhar desconcertado.

“Puxa, acho que não devia ter falado nada pro William.”

— Não, apenas o senhor Kenward.

O professor deixou transparecer certa indignação.

— Está bem, senhor McBrian, porém sugiro que não contemos isso a mais ninguém. Não devemos gerar especulações. Essas coisas podem ser perigosas. O senhor me entende?

— Sim, senhor.

William chegou ofegante.

— Boa tarde, senhor Stewart.

— Boa tarde, senhor Kenward. — Respondeu o mestre.

Em poucos minutos, John e Sir Oliver colocaram William a par da nova descoberta.

Deixaram o tempo escoar, conversando sobre o achado. Precisavam decidir o que fazer com aquilo.

Emma saiu do banho com o coração cheio de alegria. Procurou seu melhor vestido. Penteou os longos cabelos castanhos com destreza e carinho. Caminhou até o jardim nos fundos de sua casa. Colheu uma bela rosa e voltou para dentro. Usou a flor para dar o toque final ao jeitoso penteado.

Mary acompanhou a cena com olhos brilhantes.

— Emma, minha filha, venha jantar antes que esfrie.

— Tô indo, mãe, tô morrendo de fome.

Mary sorriu.

— Eu também.

As duas sentaram-se à mesa e passaram a se servir. Quase não falaram durante o jantar, apenas comentários corriqueiros do dia.

Após a rápida refeição, lavaram a louça e guardaram tudo.

A senhora Balding se sentou em sua cadeira favorita. Pegou o bordado e, ponto por ponto, passava a agulha de um lado para o outro.

Emma correu para a janela, procurando na distância, o rosto querido de Klaus.

“Tomara que eu esteja errada.” Pensou Mary. “Deus queira que a minha cisma com Klaus seja só implicância.”

Voltou sua atenção para o bordado.

As horas se arrastaram com lentidão.

Dezenove horas...

Vinte horas...

Vinte e uma horas...

A cada dez minutos, Mary olhava para sua filha na janela.

“O que será que aconteceu com Klaus?” — Se perguntava com alma repleta de aflição.

“Será que se meteu em alguma briga? Oh, Deus, será que está

machucado?”

Emma também demonstrava aflição, esfregava as mãos com força e pendia para fora da janela tentando ver melhor.

Vinte e duas horas.

Era visível que o cansaço vencia Emma na luta épica entre a vigília e o sono.

Mary colocou o pano de lado. Se levantou e chegou de mansinho. Pôs a mão no ombro da filha.

— Emma, acho que Klaus não virá mais hoje, é melhor você ir se deitar. O dia vai ser duro amanhã.

Com movimentos lentos, Emma retira a flor de seu cabelo.

— Mãe, o que será que aconteceu? Será que ele tá com outra?

“Só Deus sabe.” Pensou a senhora Balding.

— Não, filha, claro que não, que bobagem. Já está ficando tarde, é melhor descansar. Amanhã você conversa com ele.

— Homem é uma bosta mesmo. Custava avisar? Onde será que tá esse filho da puta? Se ele estiver com outra eu mato ele.

— Calma filha, não adianta nada ficar nervosa.

— A senhora tem razão.

Fechou a janela.

— Amanhã ele vai se ver comigo.

Mary não disse nada.

— Boa noite, mãe.

— Boa noite Emma.

A jovem jogou a rosa murcha no lixo. Foi para seu quarto a passos lentos. Com certeza, aquela seria uma noite difícil para dormir.

Como de costume, Emma chegou na residência do professor às seis e trinta da manhã. E como de costume também, Sir Oliver já estava pronto para o trabalho.

— Bom dia, senhor Stewart.

— Bom dia, senhorita Balding.

Ela sorriu e continuou seu caminho para a cozinha. Queria iniciar logo o trabalho e adiantar a parte da manhã.

— Senhorita Balding, eu gostaria de lhe falar um minuto.

Ela parou de staccato e se virou para o professor.

“Meu Deus, será que vou perder meu emprego?”

— Pois não, senhor.

Ele apagou o cachimbo e retirou o monóculo.

— De forma inesperada, surgiu um trabalho científico que reclama a minha presença.

Emma relaxou e aguçou a atenção.

— Sim.

Feliz de ter a atenção da moça, o mestre continuou.

— Precisarei me ausentar da casa por, pelo menos, dois meses.

Emma permaneceu olhando para ele sem mexer um músculo.

Sir Oliver enfiou a mão no bolso.

— Assim, vou deixar a chave da casa com a senhorita.

Ela acenou com a cabeça em sinal positivo, mas não disse nada, esperando por mais instruções.

Sir Oliver insistiu.

— A senhorita tem alguma objeção?

Emma saiu de sua letargia.

— Não senhor, nenhuma. Pode deixar que eu cuido de tudo aqui.

— Ótimo!

Ela deu um leve sorriso.

O professor retirou um envelope do bolso de seu paletó.

— Bem, como estarei fora, deixarei três salários adiantados. Pode ser assim?

— Sim, senhor, lógico, como o senhor quiser.

— O dinheiro está neste envelope. Coloquei aqui também, uma reserva para necessidades da casa. A senhorita sabe, coisas inesperadas que possam acontecer. — O mestre estendeu a mão com o envelope. — A senhorita tem

alguma dúvida?

Emma pegou o envelope e o trouxe junto ao peito.

— Não, senhor, nenhuma. — Disse por entre um sorriso.

— Então está bem, — continuou Sir Oliver — devo partir hoje à tarde. Fico mais tranquilo, sabendo que a senhorita tomará conta das coisas por aqui.

— Obrigada pela confiança, senhor.

O professor se limitou a um aceno de cabeça.

— Eu que agradeço, senhorita, por me ajudar nesse momento.

Ela acenou com a cabeça.

“Será que ele vai atrás daquele mapa?”

— O senhor viajará pra muito longe? — Perguntou, vencendo a timidez.

Sir Oliver pegou a cartola que descansava no cabideiro.

— Nossa pesquisa será feita em uma cidadezinha em Northumberland.

Ajeitou a cartola na cabeça.

— Bamburgh, a senhorita conhece?

Emma baixou o olhar.

“Bamburgh?”

— Não, senhor, nunca saí dessa região.

O mestre fitou um horizonte imaginário.

— Eu gosto muito de viajar. Se pudesse, conheceria o mundo. Ah, seria muito bom, mas os deveres vêm primeiro. Já fui muitas vezes para o norte da Inglaterra, mas nunca estive em Bamburgh. Estou ansioso para conhecê-la.

Emma deu um sorriso amarelo.

“Ai que invejinha. Sempre quis viajar.”

— Ah... Boa viagem então.

Ele fez reverência com a cartola, num gesto paternal.

— Obrigado, muito obrigado senhorita. Bem, com a sua licença, preciso sair. Tenho de fazer os preparativos para a viagem.

— Pois não, senhor Stewart.

Ele sorriu.

— Se faltar alguma coisa ou tiver algum problema, por favor, entre em contato com o senhor Pasley. Clyfford Pasley, ele é o reitor da faculdade. Está informado de tudo. Não se preocupe em gravar o nome, deixei todas as instruções por escrito aí dentro.

Emma pousou o olhar no envelope que segurava.

— Pode ficar sossegado senhor Stewart. Eu cuido da casa.

Sir Oliver se despediu. Abriu a porta e saiu para a rua.

Oliver Stewart recebeu todo apoio do King's College para a expedição. A instituição forneceu animais, ferramentas, dinheiro para despesas, entre outras coisas. A reitoria da faculdade também preparou uma carta de apresentação para as autoridades de Bamburgh. Era um documento timbrado, explicando a pesquisa. Além de ressaltar a importância do trabalho para a história da Inglaterra.

Bamburgh fica a trezentos e oitenta quilômetros de Cambridge. Distância, que Sir Oliver pretendia vencer entre cinco e sete dias. Seu plano era transportar o material em carroças até a cidade de King's Lynn. Então, contratariam um barco para concluir o resto da viagem.

Para minimizar os custos, a expedição seria composta por apenas pelo professor, John e William.

Logo após o almoço, eles se encontraram na frente da faculdade. Carregaram a carroça com equipamentos, ferramentas, mantimentos, água e armas.

Tudo pronto e conferido.

Sir Oliver deu uma última olhada para a faculdade.

“Obrigado por mais essa aventura. Prometo que não vou decepcionar.”

Já eram cinco horas da tarde quando eles subiram em suas montarias. A pequena caravana se pôs em movimento rumo a King's Lynn.

Já se podia ver a silhueta das casinhas em Cherry Hinton. No retorno para o lar, Emma caminhava quase contando os passos. Não tinha nenhuma pressa para chegar. Trazia o semblante triste pelo acontecimento do dia anterior. Sentia em seu coração que não era correspondida em seu amor.

Klaus não demonstrava o mesmo entusiasmo que ela.

“Talvez ele não tenha amor por mim. Talvez queira apenas se divertir.

Talvez nem isso.”

Durante o dia, aqueles pensamentos sombrios foram ofuscados pelo trabalho. No entanto, na volta para casa, eles tomaram força e a infernizavam sem piedade.

Ao longe avistou sua casa. Seu coração acelerou ao ver Klaus encostado em uma árvore. Pensamentos controversos dominaram sua mente com forças titânicas.

“O que devo fazer? Mandá-lo pro inferno? Ou perguntar por quê?”

“Nem uma coisa nem outra, o melhor é passar direto e nem olhar na cara.”

Baixou a cabeça, para fugir do olhar dele. Alargou os passos, imprimiu velocidade em sua marcha.

Mãos poderosas a seguraram pelo braço.

Parou quase num tranco e se virou como gata assustada. Deu de cara com os olhos de Klaus.

— Emma, por favor, preciso falar com você.

“Vai pro inferno seu filho da puta.”

— O que você quer, por que você fez aquilo comigo ontem?

Ele ensaiou um sorriso triste.

— Eu não tive culpa, surgiu um trabalho urgente... não tive tempo pra te avisar.

“Mentira, mentira, mentira.” Sua mente alertava num loop diabólico.

— Que trabalho urgente é esse? Por acaso esse negócio usa saia?

Ele recuou a cabeça num movimento automático.

— Saia? Outra mulher? Não, não, não...

Klaus balançou a cabeça com energia viril.

— Não, minha pequena azaleia, você sabe que só tenho olhos para você.

Seus braços fortes e irresistíveis a puxaram para um abraço de urso.

— Nunca existirá outra mulher. Emma, meu amor, você é e sempre será a única

Ela lutou em vão na tentativa de escapar.

“Me solta, seu merda.”

— Então o que aconteceu ontem? Com o que você trabalha? Por que nunca me conta nada sobre a sua vida?

O prussiano desviou o olhar.

— Você sabe, eu já lhe disse, sou comerciante.

Ela franziu a testa.

“Comerciante o cacete, trambiqueiro, isso sim.”

— Comerciante? Comerciante do quê?

— Sim, um tipo de mercador... aí, quando aparece um bom negócio, não posso perder tempo. Se demorar muito, outra pessoa vai agir antes de mim.

Os demônios voltaram a assolar a alma de Emma.

“Isso é mentira.”

— Você não é comerciante coisa nenhuma. É um fracassado que se entrega as bebidas. Isso sim. — Descarregou sem piedade.

A palavra bebida não fez efeito na cabeça de Klaus, mas nunca aceitou ser chamado de fracassado.

— Não fale assim comigo. — Sua voz saiu alta e sonora. — Depois que você começou a trabalhar para aquele professor idiota, está ficando cada vez mais distante e indiferente. Nem liga mais pro nosso amor.

A raiva borbulhava como lava incandescente na mente da menina.

“Seu merda, você é quem não dá a mínima.”

— O PROFESSOR NÃO É UM IDIOTA. — Berrou descontrolada. — Enquanto você tá aí com bafo de álcool, ele tá indo atrás de um mapa. Vai à busca de um tesouro. Ele é um vencedor! Você sim é um idiota.

A palavra tesouro vibrou nas entranhas do prussiano. Klaus a segurou com mais força.

— Mapa? Que mapa?

Ela se esforçou para se libertar. Porém outra vez sem sucesso.

— Me larga, eu não quero mais falar com você. Quer saber de uma coisa, VAI PRO INFERNO.

Klaus afrouxou o abraço sem libertá-la. Manteve Emma colada ao seu peito.

— Me desculpe, meu amor, eu perdi a cabeça.

Emma apenas deixou as lágrimas rolarem.

Ele baixou os olhos.

— Sei lá, quando você falou que eu sou um fracassado... Idiota eu sei que sou mesmo, mas não queria ser um fracassado. Não pra você.

O rosto de Emma se contorcia.

“Você só me faz sofrer.”

Uma lágrima também escapou do olho de Klaus.

Devagar, focando o chão, deixou seus braços penderem, soltando-a por completo.

— Talvez você tenha razão... acho que sou um fracassado mesmo. Um homem que merece o inferno.

Ela tentou enxugar o rosto.

— Klaus, por quê? Diga-me a verdade, por quê?

Ele tocou de leve em seus ombros.

— Só existe uma verdade. — Sua voz era mansa — Eu te amo. Eu te amo...

As lágrimas que ele represava saíram todas de uma vez. Escondeu o rosto para ela não o ver chorar.

Emma se sentiu sem ação.

“Que merda, que merda.”

— Eu devia desistir de você. Acho que a gente não dá certo mesmo. — Murmurou desapontada consigo mesma.

Klaus não se importou mais com seu pranto e acariciou o rosto de Emma.

— Não fala assim, por favor, não fala assim. — Sussurrou. — Sem você eu não sou ninguém.

Ela o fitou nos olhos e permaneceu estática.

Klaus encostou sua testa na dela.

— Me perdoa, Emma, eu te amo.

Ela ficou em silêncio.

Se beijaram a ponto de suas lágrimas se misturarem.

Klaus acariciou o rosto dela.

— Acho que você tem razão. Preciso me afastar de você. Você merece uma pessoa melhor.

Os braços de Emma permaneceram envolvendo o prussiano.

“Não, não sei se quero isso.”

Não disse nada, continuou ali, sentido o calor dele e ouvindo as batidas de seu coração.

Ele voltou a abraçá-la e acariciar seus longos cabelos.

— Você me dá outra chance?

Os olhos brilhantes dela desnudavam seu espírito.

— Você promete que não mente mais para mim?

Klaus segurou as duas mãos dela e focou direto em seus olhos.

— Sim prometo.

Ela deixa escapar um leve sorriso.

“Filho da puta, me dobrou de novo.”

Emma olha para sua casa.

— Preciso ir.

Ele também olha para a casinha.

— Eu te acompanho.

Caminham abraçados até o portão.

Emma olhou para porta da casa, mas optou por ficar mais um pouco com ele.

Conversaram por um bom tempo, passando a vida a limpo.

A felicidade voltou a enfeitar o coração da jovem de Cherry Hinton.

Já era quase hora de dormir e Emma não tinha nem jantado.

— Tá ficando tarde, tenho de entrar.

— Claro, você precisa descansar.

Ele deu um beijo de despedida e já estava de saída.

— Emma, meu amor, achei engraçada aquela história de mapa. Já li alguma coisa parecida em um libreto. Que mapa é esse que o professor tem?

A menina, sonolenta, tentou puxar pela memória.

— Sei lá... um aluno do professor encontrou o mapa num livro antigo. Eu tava lá na hora que eles acharam o papel. O senhor Stewart disse que era um mapa de tesouro.

Os olhos de Klaus brilharam.

— É mesmo, e você viu o mapa?

— Eu vi de relance, é um papel bem velho!

A curiosidade tomou conta do prussiano.

— E eles disseram onde estava o tesouro?

Ela olhou para o lado tentando se lembrar.

— Puxa, não tenho certeza... Eu acho que o professor disse que era uma cidade pequena no Norte. Qual era o nome mesmo? Ah... acho que o nome era Bam... Bamburgh. Sei lá, acho que é isso.

Ele ajeitou os cabelos dela.

— Bem, isso não importa pra nós. O mais importante é estarmos juntos.

Klaus e Emma se beijaram outra vez.

— Minha azaleia, eu não tenho certeza ainda, mas talvez eu tenha de viajar a negócios.

— Negócios de novo? Que negócios?

— Sim, coisas de serviço. Não se preocupe. Na verdade, é quase uma continuação do trabalho de ontem. Se eu for mesmo, eu aviso.

Despediu-se com mais um beijo na testa de Emma. Esperou ela entrar na casa e saiu correndo.

Klaus chegou ansioso e ofegante na taverna. Seus amigos já estavam lá há algum tempo, enchendo a cara.

— Steve, venha comigo, preciso lhe falar.

Steve Wilkinson, um inglês de perto de um metro e setenta e cinco, era um sujeito alegre. Sempre com sorriso no rosto. Seus cabelos claros, cor de mel, pendiam até os ombros, destacando os olhos amendoados.

Ao ver o estado de Klaus, largou a caneca no mesmo instante. Com rosto preocupado e tenso seguiu o amigo para fora do bar.

— Diga-me logo, homem, o que aconteceu?

Ofegante pela corrida, Klaus lutava para controlar a respiração.

— Sabe aquele professor idiota.

— Não, que professor?

— Aquele, lá da casa que Emma trabalha?

Steve assentiu com a cabeça.

— Sim, acho que sei quem é. O que tem?

Klaus inalou um bom volume de ar.

— O filho da puta tem um mapa de tesouro. Talvez um baú cheio de ouro.
Acho que tá enterrado em Bamburgh.

Capítulo 4

Sobre o pequeno monte, majestoso, opulento, ergue-se sobre suas fundações o Castelo de Bamburgh. Cenário de muitas disputas por poder. Sangue, amor e ódio, tão próprios do ser humano, misturam-se às memórias do lugar. Uma peça importantíssima na história dos Bretões.

Foram três dias e meio no pequeno navio. O camarote era desconfortável e a comida ruim. No entanto, estavam convictos de que o sofrimento valeria a pena.

Ao longe, do mar, já se podia ver a imponente torre central. O castelo, iluminado pelo sol de outono, apresentava uma visão memorável. Digna de ser apreciada até pelos homens de ciência.

Sem tirar os olhos do edifício histórico, Sir Oliver se aproxima de John.

— Senhor McBrian, lá está o nosso castelo.

John também não desviou o olhar.

— Estou ansioso para iniciar as buscas.

A custo o professor acendeu seu cachimbo.

— Caso não encontrarmos o que estamos procurando. Vou pedir permissão ao dono do castelo para estudar a estrutura dessa construção medieval.

John sorriu e concordou com a cabeça.

— Tenho certeza de que vamos encontrar o que estamos procurando.

— Assim espero, meu rapaz, assim espero.

Passados alguns minutos, a embarcação lançou âncora. Botes foram baixados ao mar e todos os equipamentos foram levados para terra, incluindo a carroça e os cavalos.

Ao final da difícil tarefa de desembarque, o professor pagou o capitão.

O homem sorriu ao ver o dinheiro e deu ordem para zarpar.

Em bem pouco tempo, levantou âncora e deixou para trás os pesquisadores.

O vento frio cortava como navalha. Sir Oliver esfregava os braços para se aquecer.

— Senhores, vou até o castelo. Quero avisar os moradores sobre o nosso trabalho aqui.

— Sim, senhor. — Respondeu John.

— Sugiro que montem o acampamento em um lugar seguro. Observem até onde sobe a maré.

William esfregava as mãos com força.

— Fique tranquilo, senhor Stewart, acharemos um bom lugar para montar as cabanas.

John concordou com um gesto de cabeça.

O professor caminhou com dificuldade sobre os cascalhos soltos. Tomados de curiosidade, alguns moradores se aglomeravam na entrada do castelo.

“Parece gente boa. Espero que dê tudo certo.”

Sir Oliver tirou a cartola.

— Boa tarde!

Um homem se adiantou.

— Boa tarde.

O professor estendeu a mão.

— Eu sou Oliver Stewart, mestre e doutor do King’s College de Cambridge. É um prazer conhecê-lo, senhor?

O homem retribuiu o aperto de mão.

— McJhones, Henry McJhones, o prazer é todo meu. Sou responsável por esta propriedade.

O mestre sorriu.

— Ah, sim! O senhor é o proprietário?

Henry sorriu desajeitado.

— Oh! Não, senhor, o dono é o senhor James Andersen. — Disse com entonações variáveis. — Ele vive em Londres.

Quase por instinto Oliver olhou para a muralha do castelo.

“Bem, isso torna as coisas um pouco mais difíceis.”

— Sim, sim, entendo.

Um breve silêncio se formou.

— Neste caso, me deixa explicar ao senhor o que estamos fazendo aqui.

Ele retirou do paletó a carta de apresentação do King’s College.

— Eu e a minha equipe viemos para cá em uma expedição científica. Nós temos motivos para crer que existem documentos históricos perdidos por aqui. Acreditamos que estão ocultos próximos ao castelo.

— Documentos históricos?

O mestre entregou a carta para o senhor McJhones.

— Sim, acreditamos que sim. Nos parece algo importante para este país. Os documentos devem ser da época da guerra das rosas.

— Guerra das rosas... — Repetiu McJhones quase no automático.

— Sim, um momento importante de nossa história. Assim, meu amigo, em nome do King's College, eu peço permissão ao senhor para acampar ao sul dessa propriedade. Faremos um trabalho de busca arqueológica nas redondezas. O senhor tem alguma objeção?

O homem segurava a carta sem saber se estava na posição certa. Sua expressão facial denunciava que ele não sabia ler.

Girou o papel para lá e para cá.

— As terras não são minhas, não posso autorizar nada. — Disse estendendo a mão com a carta.

Sir Oliver era um pesquisador experiente e sabia que isso fazia parte do show.

Pegou a carta e a colocou de volta no bolso do paletó. Puxou um envelope e entregou para o Henry.

— Eu garanto que não vamos estragar nada, deixaremos tudo como está.

McJhones abriu o envelope e constatou uma boa quantia em dinheiro. Fechou com habilidade para que os aldeões não vissem nada.

— Bem, se o senhor me promete de que não vai danificar nada.

O mestre sorriu.

— Dou-lhe a minha palavra.

McJhones também sorriu.

— Então está bem, o senhor pode fazer o seu trabalho. Se precisar de alguma coisa é só me procurar.

O mestre estendeu a mão para selar o acordo.

— Muito obrigado, senhor McJhones, pode ficar tranquilo que tomaremos

todas as medidas para não prejudicar esse lugar. E se eu precisar de alguma coisa ou souber de alguma novidade falarei com o senhor.

McJhones apertou a mão do professor.

— De minha parte, também, se houver qualquer coisa em que eu possa ser útil, por favor, é só me dizer.

Sir Oliver fez reverência com sua cartola.

— Senhores, se me dão licença, preciso me juntar aos outros pesquisadores. Temos muito trabalho pela frente.

— Ah, sim, — falou o McJhones — fique à vontade, por favor.

A passos cuidadosos, por causa do terreno, o mestre retornou ao acampamento.

John martelava uma estaca no chão e William esticava a lona encerada. Peças de madeira se amontoavam ao redor. O professor juntou-se à equipe para agilizar o trabalho.

Foram necessárias duas horas para erguer três cabanas. Duas para abrigar os pesquisadores e a terceira para guardar as ferramentas, equipamentos e os animais.

A noite já se avizinhava e, apesar de sua ansiedade, Sir Oliver achou melhor começar a procurar pela manhã. Acenderam uma fogueira e prepararam o jantar.

Numa pequena mesa improvisada, o professor estendeu uma cópia do mapa.

— Vejam, senhores, acredito que o alvo de nossa busca esteja enterrado em algum lugar aqui. — Apontava o dedo para a seta do desenho. — Observem que aquele quadrado no meio da figura, representa a torre do castelo. Bem, se eu não estiver enganado, a medida do comprimento da seta deve estar proporcional às dimensões do próprio castelo.

William aquecia as mãos na fogueira.

— Diga-me, senhor Stewart, o que acha que encontraremos nas escavações?

O mestre se acomodou sentando-se sobre uma pedra.

— Eu gostaria de encontrar documentos que lançassem mais luz sobre os fatos passados. Meu medo é o modo como foram acondicionados para serem enterrados. Se não foram selados hermeticamente, com certeza não suportaram a ação do tempo. Neste caso, seria melhor encontrar artefatos ou instrumentos de

época.

John se sentou ao lado do professor.

— Eu pensei também, na possibilidade de encontrarmos peças preciosas roubadas por piratas no século dezessete.

William concordou com a cabeça e olhou para o professor em busca de sua expressão.

O mestre pegou o seu cachimbo.

— Nenhuma hipótese está descartada meus amigos. Essa possibilidade também é bastante válida.

O mestre usava um graveto em chamas para acender o cachimbo.

— Precisamos trabalhar com cuidado de forma a não destruir nenhum objeto histórico. Vamos agir como se este fosse um sítio arqueológico. Toda peça que for encontrada deverá ser catalogada. Devemos anotar a localização, a profundidade e outras informações que forem pertinentes. Só então iremos removê-la.

Depois da refeição, os pesquisadores permaneceram ao redor da fogueira, trocando ideias sobre as escavações do dia seguinte.

Amanheceu claro e frio, iluminado pelo fraco sol de outono. Sir Oliver foi o primeiro a se levantar. Aproveitou para preparar seu chá e colocar algumas salsichas para assar. Repassou o plano na cabeça, mentalizava como as buscas seriam feitas.

John acordou com o barulho da água fervendo na chaleira. Abriu os olhos e sentiu o cheiro da refeição matinal que mestre preparava.

Deixou o saco de dormir colocou a blusa e a bota.

— Bom dia, senhor Stewart, o cheiro está muito bom.

— Bom dia, senhor McBrian. Venha comer, aproveite enquanto está quente.

William também levantou e se juntou aos dois.

Durante a refeição matinal eles conversaram muito sobre a divisão do trabalho.

Pegaram as ferramentas e, com energia, caminharam para o trabalho.

Foram necessárias muitas contas e medições para achar o local determinado pela seta do mapa.

Sir Oliver estacou em um ponto do terreno.

— É aqui, segundo meus cálculos, este é o lugar. Acho que o erro máximo é de uns três metros para lá e para cá.

Os estudantes descarregaram as pás, enxadas e picaretas.

O mestre agachou para avaliar as ferramentas.

— Bem, vamos evitar usar as picaretas, precisamos trabalhar com cuidado para não danificar nada.

John concordou com a cabeça.

— Sim, claro.

O professor levantou a cabeça e olhou para o terreno.

— Vamos dividir o lugar em setores. Cada um de nós fica responsável por um. Devemos retirar o mato e escavar devagar. Analisar a terra retirada e prestar atenção a tudo que possa ser indício de escavações antigas.

Os três iniciaram suas tarefas. O trabalho árduo fez com que eles nem sentissem o frio de Bamburgh. O dia passou rápido e com a chegada da noite voltaram para o acampamento.

Colocaram mais lenha na grande fogueira e prepararam o jantar. O esforço do dia se fez sentir na forma de cansaço.

Após o jantar, os homens da pequena expedição trocaram algumas breves palavras e foram dormir.

À distância, uma luneta observa o grupo. Fazia horas que cinco homens acompanhavam os trabalhos dos pesquisadores.

Não era fácil acompanhar as escavações dos homens de ciência. Tom Palmer trazia a alma em chamuscas.

— Que gente mole do inferno. Nunca vi tanta lerdeza!

Steve Wilkinson abriu o sorriso.

— É, meu caro, esse povo almofadinha nunca pega no batente. Quando pega dá nisso.

O russo Yuri Raskolnikov colocou a mão no ombro de Palmer.

— É verdade, as coisas mais pesadas que essa gente carrega é um livrinho e um caderninho. O lápis já não dá não, porque senão cansa.

Joseph Tylor ria de seus próprios pensamentos.

— Queria ver esses palhaços fazendo o nosso serviço.

Klaus, que manuseava a luneta também fez seu comentário

— Mas aí eles iriam manchar...

— Manchar o quê? A moral e a honra? — Perguntou Joseph com voz zombeteira.

Klaus ficou sério, colocou a luneta de lado.

— Lógico que não.

— Não?

Klaus olhou para Tylor.

— Manchar o fundo das calças com bosta, isso sim. — Finalizou o prussiano, enquanto se segurava para não gargalhar alto. — Eles iam se cagá todos na primeira tentativa de roubo!

Yuri não se conteve e riu, metendo a mão na própria boca para se calar.

O bando de Steve levava a vida na base de pequenos furtos nos arredores de Cambridge. Tinham preferência por roubar dinheiro, mas joias também eram bem-vindas. Contudo, o fruto dos roubos não durava muito, pois tão logo conseguiam algum dinheiro, gastavam com bebida e mulheres.

Quando ficaram sabendo da existência do suposto tesouro, decidiram que este seria o maior assalto de suas vidas. Imaginavam uma arca repleta de ouro. Viam a possibilidade de darem uma bela virada no rumo de suas vidas.

O plano era muito simples, esperariam os estudantes encontrarem a arca. Então, roubariam o tesouro e os pertences dos pesquisadores.

Por sorte a neve não caia naquele dia, mas a noite fria gelava sem piedade.

Eles não podiam erguer barracas e nem acender fogueiras, não queriam revelar sua presença ou levantar suspeitas.

É, aquela noite seria muito sofrida.

Os dias se sucederam. No início do quinto dia de escavações, os salteadores liderados por Steve não suportavam mais a espera. O frio intenso lhes causava dores até nos ossos. O roubo que, a princípio, parecera ser uma tarefa fácil, havia se transformado num sofrimento digno dos piores lugares do inferno. Não comiam direito há dias. E o frio ininterrupto não permitia que eles descansassem às

noites.

Perceberam que morriam aos poucos.

As escavações eram lentas e improdutivas. Era enervante ver os pesquisadores trabalhando. Em vez de cavarem, se limitavam apenas a roçar a terra.

— Caralho, esses bostas nunca vão encontrar nada assim. — Reclamou Tom com a voz trêmula.

Raskolnikov friccionava as mãos para aquecê-las.

— Não entendo por que ficam só esfregando a terra e não cavam de uma vez.

Tom sentia o corpo tremer da cabeça aos pés.

— Essa moleza deles tá dando nos nervos.

— É, se fosse eu, já tinha feito um poço de dez metros. — Resmungou Klaus rangendo os dentes.

— Senhores, — falou Steve com voz entrecortada pelos tremores — acho que não dá mais para esperar. É hora de agir, sugiro que tomemos controle da situação. O que vocês acham?

— Siiiiimmm — responderam num coro fantasmagórico.

Alguns dias atrás.

Emma se levantou cedo como de costume. Uma sensação estranha lhe tomava o ser, não conseguia entender o motivo. No dia anterior, sem intenção, mencionara o mapa do professor para seu namorado.

“Por que será que ele ficou tão interessado no assunto?”

Sentia uma sensação estranha na boca do estômago.

“Será que é verdade o que dizem a respeito dele?”

“Oh meu Deus, será que estou apaixonada por um ladrão?”

Lembrou-se da história da viagem a negócios.

“Por que ele só mencionou a viagem após saber o local aonde o professor estava indo?”

“Será?”

A moça saiu da casa em busca de ar fresco.

Pensativa, tentava a todo custo espantar o mal-estar que a dominava.

Na varanda, um envelope jogado no chão.

Emma permaneceu travada, olhando para o objeto.

Agachou com o coração acelerado.

Pegou o envelope.

Abriu.

Querida Emma,

Você é a razão da minha vida. Sou capaz de tudo pra te agradar. Sou muito feliz quando estou ao seu lado.

No entanto, o trabalho que faço exige muito de mim. E, às vezes, sou obrigado a ficar longe.

Surgiu uma oportunidade de ouro pra mim. Aquela que te falei. Se tudo der certo, ficarei rico! Aí, poderemos nos casar. Isso é o que mais quero da vida.

No entanto, precisarei ficar alguns dias fora. Espero que você entenda.

Quando eu retornar, te conto tudo.

Do sempre seu Klaus

A moça levou o envelope ao peito.

Se esforçou, mas não conseguiu segurar mais. Chorou, chorou como nunca tinha chorado antes.

Não havia mais dúvidas, o seu namorado era um ladrão.

Em seu setor de trabalho, o professor examinava alguns torrões de terra.

— Encontrou alguma coisa, senhor McBrian? — Perguntou com os olhos fixos no chão.

Ninguém respondeu.

— Aqui, ainda não achei nada. — Disse o mestre, querendo travar alguma conversa.

Ninguém respondeu.

— Senhor McBrian, o senhor está me ouvindo? — Perguntou irritado.

Levantou a cabeça para ver onde estava o seu aluno.

Deu de cara com o enorme cano de um revólver, apontado direto para a sua cabeça.

Capítulo 5

Da imensa janela, mãe e filha contemplavam a planície carregada de vegetação. Eram plantas em tons róseos e alaranjados. Todo o lugar permanecia imerso numa luminosidade tênue e constante.

Uma brisa, vinda da floresta, trazia aromas variados e sutis.

— Mãe, outro dia você me disse que o tempo tinha chegado. Confesso que não entendi, do que você estava falando?

Um sorriso iluminou o rosto da jovem senhora.

— Briéla, meu amor, o tempo e o espaço orquestram a música da vida na eternidade do agora. — Disse sem tirar os olhos da planície. — E, vez por outra, a sublime criação troca a linha melódica para o crescimento e encantamento de todos.

Briéla franziu a testa numa expressão confusa.

— Como assim?

A jovem mãe se virou para a moça, segurou suas mãos com força.

Sua resposta foi um olhar profundo e enigmático.

Famintos, sedentos, os homens do bando de Steve quase acabaram com os suprimentos dos pesquisadores.

Yuri Raskolnikov segurava um pedaço de pão em uma mão e uma caneca na outra.

— Caramba, eu até tinha me esquecido de como comer era bom! — A frase não ficou clara porque ele falou com a boca cheia, espalhando migalhas de pão entre os ouvintes.

Entretanto, Tom compreendeu sem dificuldade.

— É, a comida aqui é du cacete de boa.

O professor e os dois alunos foram amarrados, amordaçados e deixados no fundo da cabana. Era visível o pânico em seus olhos.

Ainda mastigando, Steve se aproximou do mestre.

— Então este é o famoso professor Oliver Stwart?

O mestre, fez um sinal com a cabeça, dando a entender que queria conversar.

Steve soltou a mordação.

— Quem são vocês?

Klaus gargalhou.

— Puxa, essa pergunta é difícil de responder.

Joseph Tylor também se desmanchava em risos sarcásticos.

— Também, o que você queria, o homem é professor de faculdade. Só podia fazer pergunta difícil mesmo.

Steve se agachou ao lado de Sir Oliver.

— Eu vou simplificar para o senhor. Segundo o dicionário da vida, nós somos ladrões. — Fez uma pausa e olhou para cima numa encenação teatral. — Ladrões são pessoas que retiram coisas, dinheiro, tesouros de outras pessoas. Com o intuito de não devolver. — Disse em tom melodramático. — Normalmente vivem em bandos e fogem da polícia.

Todos riram até as gargalhadas.

Sir Oliver permaneceu mudo.

Steve finalizou.

— Essa explicação é suficiente para o senhor?

Olhos bem abertos, coração acelerado, suor frio e leves tremores torturavam o mestre.

“Meu Deus, como saio dessa?”

— O que vocês querem? Se for dinheiro, não temos muito, mas podem levar tudo o que quiserem.

Steve sorriu, enquanto brincava com o seu revólver.

— Na verdade, até hoje cedo nós queríamos um baú cheio de ouro. Sei lá, moedas astecas ou carregado de dobrões espanhóis. Isso, lógico, sem fazer nenhum esforço. Entretanto, com o frio infernal que está lá fora. E com a demora, enervante, de vocês para cavar um burquinho no chão. Nós decidimos fazer os buracos nós mesmos. Agora, me deixa ver o mapa.

Por um momento Sir Oliver ficou atônito.

“Como eles sabem do mapa?”

Buscou John com os olhos

“Será que os estudantes contaram para mais alguém?”

Voltou a focar o chefe dos ladrões.

“Provavelmente, este sujeito está nos observando há dias. Ele sabe demais, será inútil tentar esconder o papel.”

— O mapa está no meu bolso direito.

Se virou um pouco para deixar mais fácil para que Steve o pegasse.

O salteador enfiou a mão no bolso do professor e puxou a folha. Abriu e mostrou aos demais componentes do bando.

— Vejam, o mapa!

Dos cinco homens, apenas Steve e Klaus sabiam ler, os outros prestaram atenção apenas no desenho.

Klaus coçou a cabeça.

— Não estou entendendo nada. Será que essa bosta de papel é o mapa?

Steve se virou para o professor.

— Que porcaria é essa? Este não é o mapa. Isto aqui não passa de rabiscos.

O mestre se ajeitou.

— Você tem razão, isso aí não é o mapa. É uma cópia. Foi feita observando os mínimos detalhes. O verdadeiro ficou em Cambridge.

— O SENHOR ESTÁ BRINCANDO COMIGO? — Gritou — Isto aqui me parece mais garrancho de criança. Aqui não fala nada sobre Bamburgh. Pensa que eu sou um idiota?

Sir Oliver engoliu em seco.

“Melhor tomar cuidado, esse pessoal pode ser muito violento.”

— Não, não estou brincando. A palavra Bamburgh está escrita aí sim, porém está criptografada.

— Crip... Crip... o quê? — Perguntou Yuri.

Steve encarou o professor.

— Você continua brincado, não é? Aqui só tem uma frase estranha e um punhado de números sem o menor sentido!

Sir Oliver não desviou o olhar.

— A palavra Bamburgh está cifrada, codificada, escondida entre essas frases e números.

Virou-se um pouco para liberar o outro bolso.

— Pegue, neste outro bolso tenho algumas anotações.

Oliver cooperava com os ladrões, precisava ganhar a confiança deles. Era o único jeito de saírem vivos daquela enrascada.

Steve enfiou a mão no outro bolso e puxou um pequeno bloco de papel.

Sir Stewart se acomodou.

— Deve estar na quinta ou sexta página.

Steve folheou o caderninho. Não demorou quase nada para encontrar o quadro com as frases e números. Em pouco tempo entendeu como o professor achou a palavra Bamburgh. Sir Oliver falava a verdade.

— E esse desenho, o que é? — Sua voz se tornou mais branda.

O mestre olhou para o papel.

— É a planta do castelo de Bamburgh. E é por causa dessa seta, desenhada aí no mapa, que estamos escavando neste lugar.

Klaus, que também analisava os papéis, tomou a palavra.

— E quem é esse tal Ollirdal Ortauc?

Sir Oliver focou o prussiano.

— Sinceramente, eu não faço a menor ideia. Fizemos uma pesquisa na faculdade, mas não encontramos nada, nenhuma alusão a esse nome.

Steve não tirava os olhos dos papéis.

— E como estão as escavações? Acharam alguma coisa?

— Não encontramos nada ainda. Na verdade, não temos certeza de que aquele seja o local certo.

Klaus se afastou, sentou-se desanimado em um canto.

Steve parecia um lunático andando de um lado para o outro. Lendo e relendo os textos.

“Será que esses malucos não esqueceram nada? E se eles deixaram passar algum detalhe?”

“Será que tem mais alguma mensagem escondida neste texto?”

Se perguntava enquanto lia.

After the tenth day the bad dogs run side by side. Be Humble

Era muito claro que a primeira frase dizia respeito ao criptograma dos números. Cada letra era representada por dois números e tal.

Por algum motivo ele se lembrou de um ditado popular: ‘Os últimos serão os primeiros’. A segunda frase cresceu diante de seus olhos. “ *Be Humble* ” (*Seja Humilde*), por que estaria ali?

Steve andava em círculos como um louco.

— Seja Humilde... Seja Humilde...

— S E J A H U M I L D E!! — Gritou ensandecido.

Todos olharam assustados para o chefe do bando.

Steve começou a rir. Se empolgou e passou a gargalhar, foi tão intenso que quase soluçava.

Klaus se levantou e foi ao encontro do amigo.

— O que foi?

Steve não conseguia parar de rir.

— Seja hum... seja humilde quer dizer para não procurar na ponta da seta, mas na parte de trás! Esses burros estão cavando no lugar errado!

Sir Oliver levantou um sobrolho.

“Isso bem que pode ser possível.”

Dois dias se passaram desde que Emma lera o bilhete de Klaus.

Aquele fatídico papel lhe trouxera a certeza de que seu namorado mentia para ela. Desde então a tristeza a dominava por completo.

Arrastava-se para o trabalho, atravessava o dia envolta em pensamentos sombrios. À noite, se fechava no quarto e não saía para nada. Alimentava-se mal e se deixava abater pelo desânimo.

A princípio, quando soube da carta do prussiano, Mary sentiu-se satisfeita. Emma desmancharia o namoro. E, em pouco tempo, encontraria alguém muito melhor como companheiro.

Mas depois desses dois dias. Presenciando o sofrimento da filha, sentiu que, talvez, estivesse errada.

Emma, por sua vez, tinha a mente inflamada por pensamentos controversos. Por um lado, amava Klaus e queria lutar por esse amor. Por outro não

queria magoar sua mãe e nem ferir a si mesma.

A porta do quarto rangeu numa melodia monótona, enquanto se abria devagar.

Mary entrou com semblante preocupado.

— Filha, por que você não reage e procura algo para distrair a cabeça?

As lágrimas que tinham dado uma trégua voltaram a jorrar.

— Não consigo mãe, não consigo parar de pensar em Klaus.

Mary caminhou até a cama. Se sentou ao lado de Emma.

— Klaus não é um bom homem. Todos dizem que ele é um ladrão. Que vida você levará ao lado dele?

— Eu sei, penso nisso o tempo todo. A sensatez avisa que o melhor a fazer é esquecê-lo.

Mary acariciou o cabelo da filha.

Emma enxugou as lágrimas num gesto arrastado.

— Mas o coração grita que, para o amor não existem condições. Tirá-lo de minha vida seria pior do que arrancar um pedaço de mim.

Os olhos de Mary brilharam. Sabia o quanto era difícil perder um grande amor. Abraçou a filha sem dizer nada.

A menina encostou a cabeça no ombro amigo da mãe.

— O que eu queria mesmo era ir atrás dele. Impedi-lo de fazer alguma besteira.

Mary respirou fundo. Ponderou as palavras que diria a seguir.

— Então, vamos. Vamos atrás de seu namorado. Não cometa o mesmo erro que eu cometi.

O grupo de ladrões conversava animado. Tudo ficaria bem. Eles fariam as escavações e achariam o tesouro. Depois, antes de irem embora, fariam para alguém do vilarejo soltar os pesquisadores.

Steve parou de rir e sua expressão se tornou grave.

Segurou o prussiano pelo braço.

— Klaus, temos um problema. — Disse num sussurro.

— Problema? Que problema?

— O lugar onde tá o tesouro, fica colado ao muro do castelo.

O prussiano também desfez o sorriso.

— E daí?

Steve olhou para os estudantes.

— E daí que, se o professor e os alunos não estiverem escavando, os moradores vão desconfiar.

Klaus coçou a cabeça.

— É verdade.

— Não podemos levá-los com a gente. E soltar os putos seria ainda pior.

Klaus virou a cabeça na direção dos estudantes.

— Acho melhor conversarmos lá fora.

— Concordo com você. — Disse o chefe. — Joseph, tome conta dos prisioneiros. Os outros venham comigo, precisamos falar.

Klaus, Tom e Yuri seguiram Steve para fora do acampamento.

— O que foi? — Perguntou Tom.

— Precisamos reiniciar as escavações, mas se mantemos esses caras presos, os aldeões podem desconfiar. Por outro lado, se levamos eles para trabalhar com a gente, ficaremos com três homens para vigiar. E você sabe, eles vão tentar escapar. Precisamos pensar em alguma coisa. O que podemos fazer? Alguém tem alguma sugestão?

Yuri ergueu os ombros e seu rosto dizia tudo. Não tinha a menor ideia.

Tom chacoalhou a cabeça negativamente e cuspiu no chão.

— E se a gente passar fogo nos três? Só vão dar conta deles quando começarem a feder.

Steve olhou para Tom com um pouco de indignação.

— Não podemos, a busca pode ser demorada. Além do mais, eles podem ter outras informações que ainda não disseram. Talvez ainda precisemos deles.

Os olhos ferozes de Tom focaram Steve.

— Precisar desses bostas? Pra quê?

Steve não desviou o olhar.

— Não importa. O professor está cooperando. Sinto que ainda vou precisar dele.

Klaus roçava o cavanhaque pensando em uma solução.

— Bem, podemos agir como se fôssemos ajudantes do professor.

Steve se interessou pela ideia.

— Ajudantes? No que você está pensando?

Klaus gesticulava com as mãos enquanto explicava.

— Libertamos apenas o professor. Mantemos os aldeões longe do acampamento.

Steve concordou com a cabeça.

— E os alunos, o que fazemos com eles?

O prussiano olhou para a cabana.

— São dois moleques, basta deixá-los amarrados. Apenas um de nós cuidaria deles, mesmo com uma mão amarrada nas costas.

Tom acompanhava a conversa com ar de desaprovação.

— Ainda acho melhor matar todo mundo e jogar os corpos no mar. Coloca uma pedra bem pesada e nem os ossos vão subir pra a superfície.

Steve girou na direção de Tom.

— Não, meu amigo, não precisamos caminhar por essa trilha. Penso que poderemos resolver tudo sem matar ninguém.

O chefe do bando se voltou para Klaus.

— Concordo com Klaus. Em quatro será mais fácil tomar conta do professor.

Tom focou os dois.

— Tudo bem, pra mim não importa desde que eu tenha minha parte na grana.

— Não se preocupe com isso, se dermos sorte, todos ficaremos ricos.

Tom ensaiou um sorriso.

Retornaram para o interior da cabana.

Steve tomou a dianteira.

— Professor, quero fazer um acordo com o senhor.

— Acordo? Que acordo?

Steve puxou um banquinho e se sentou em frente ao mestre.

— Teremos que cavar próximo ao muro do castelo. Tenho certeza de que os aldeões vão estranhar a nossa presença lá.

O mestre deu um imperceptível sorriso e esperou o ladrão concluir.

— Minha proposta é a seguinte. — Continuou Steve — O senhor vem conosco para as escavações. Se aparecer alguém, o senhor diz que nós estamos trabalhando para o senhor.

O mestre fez um sinal afirmativo com a cabeça.

— E os meus alunos?

Steve olhou para os dois rapazes.

— Eles continuam aqui na cabana.

O professor pensou por um instante.

— E depois? Podemos achar um tesouro, mas também podemos não encontrar nada.

Steve encheu os pulmões de ar.

— Eu sei que isso é um jogo. Podemos ganhar ou perder. Fique tranquilo, senhor Stewart, dou a minha palavra de que em qualquer uma dessas hipóteses vocês estarão livres.

Foi a vez do mestre respirar fundo.

“Deus queira que você esteja falando a verdade.”

— Qual é o seu nome?

— Wilkinson, Steve Wilkinson. Mas o senhor pode me chamar de Steve.

Sir Oliver fez um sinal afirmativo com a cabeça.

— Senhor Wilkinson, eu vou acreditar no senhor. Peço apenas que não faça mal aos estudantes.

Steve retirou a faca da bainha que levava presa em seu cinto.

Cortou a corda que prendia as mãos do professor.

— Está combinado. — Disse, enquanto estendia a mão.

Sir Oliver apertou a mão de Steve.

— Farei tudo o que me pedirem, mas por favor, não machuquem os

rapazes.

Steve sorriu.

— Não se preocupe com isso. Não tenho o menor interesse em ferir ninguém.

Juntaram algumas ferramentas e foram em direção à muralha. Passaram boa parte da tarde procurando o local correto. Foi só lá pelas três horas da tarde que iniciaram as escavações.

O senhor McJhones, responsável pelo castelo, estranhou o movimento e foi conversar com os trabalhadores.

— Boa tarde, senhor Stewart.

— Senhor McJhones, muito boa tarde! — Respondeu o professor.

Steve olhou para o professor com desconfiança, mas optou por não dizer nada.

McJhones externou sua dúvida.

— O que aconteceu? Por que vocês estão aqui tão perto do castelo?

O mestre retirou o chapéu.

— Em nossas escavações, achamos uma peça de cerâmica que tem algumas inscrições.

— Inscrições... — Repetiu o caseiro como se fosse um autômato.

— Sim, tudo indica que os documentos que procuramos estão enterrados aqui, ao lado do muro do castelo. — Explicou o professor.

O homem fez um leve movimento com a cabeça.

Sir Oliver deu um sorriso.

— Me deixe aproveitar para apresentar ao senhor a outra parte da equipe de que eu tinha falado.

McJhones externou uma expressão de dúvida.

“Outra parte da equipe?”

— Não me lembro de o senhor ter comentado nada a respeito.

Sir Oliver fez cara de poste de rua.

— Não? Falei, falei sim. Ou não? Bem, este é o senhor Wilkinson, de Cambridge, ele é especialista em operações de subtração de ativos em situações de alto risco.

Steve olhou para o mestre.

“Filho da puta.” — Pensou.

Steve esboçou um sorriso amarelo e estendeu.

— É um prazer conhecê-lo.

McJhones retribui o aperto de mão.

— O prazer é meu.

Sir Oliver se adiantou.

— Senhor McJhones, o senhor pode ficar tranquilo que deixaremos tudo como estava.

Ele concordou com a cabeça.

— Ah, sim, obrigado.

Durante a noite, tanto alunos como professor permaneceram amarrados.

No dia seguinte, pela manhã, Steve soltou Sir Oliver.

— Bom dia, professor. Desculpe ter de mantê-lo preso, mas não tenho outra opção até poder confiar plenamente no senhor.

— Sim, espero conquistar logo a sua confiança, porque dormir com essas cordas não é fácil.

Steve baixou a cabeça.

— Vamos ver, acho que logo não precisará mais dormir com isso.

O professor massageou as mãos. Havia uma marca roxa por causa da corda. Pôs-se em pé e se espreguiçou.

— E os meus alunos?

Steve balançou a cabeça e olhou para os dois.

— Infelizmente, preciso mantê-los sob controle.

Sir Oliver optou por não forçar a situação.

Steve se virou para o russo.

— Yuri, você toma conta dos prisioneiros na parte da manhã.

— Pode deixar, Chefe, eu cuido dos meninos.

Prepararam o café, se alimentaram e saíram apressados rumo à muralha.

Yuri sentou-se ao lado dos estudantes e retirou a mordaça dos dois.

— Não contém pro Steve que eu tirei a mordaça, senão ele me dá uma bronca danada.

Os dois acenaram com a cabeça.

— Acho horrível esse negócio de mordaça. — Falou tentando acalmar os estudantes. — Meu nome é Yuri, e o seu?

Era uma situação inusitada para os estudantes. Nenhum dos dois tinha passado por estresse semelhante.

— McBrian, senhor, meu nome é John McBrian.

Yuri sorriu.

— Eu o seu? — Apontou o de para William.

— William Kenward. — disse com voz trêmula.

— Me diz uma coisa, vocês gostam mesmo desse negócio de estudar?

John relaxou um pouco.

— Sim, é trabalhoso, mas, no fim, até é bom.

— Olha, meninos, vou dizer uma coisa pra vocês. Num precisa ficar com medo não. O Steve é boa gente. Faz pose de durão, mas é só pose.

Nenhum dos três percebeu o pequeno tubo que foi inserido entre o solo e o pano encerado da cabana.

Yuri ia falar mais alguma coisa, mas um sono irresistível o fez ficar mole, sem ação.

O tubo enchia a cabana com um poderoso gás.

O russo sentou-se no chão por causa da tontura. Não resistiu, perdeu os sentidos e caiu para o lado.

William também desmaiou e pendeu feito boneco de borracha.

John assistia a cena com os olhos turvos, A cabana girava e uma sensação de enjoo se apossou dele. Foram momentos terríveis em que se sentia morrer. Foi o último a perder os sentidos.

Acordou com tapas no rosto.

Abriu os olhos com dificuldade e pensou que sonhava.

Um homem segurava sua cabeça e o fazia cheirar algo forte, éter, talvez.

Em sua mão, o estudante notou um grande anel de ouro, mas não conseguia ver os detalhes. Notou também que ele usava uma máscara branca muito estranha.

Na época, as máscaras contra gás não eram difundidas. Sonolento, John não relacionou aquela máscara com proteção respiratória.

— John, John, você está me ouvindo? Inverta a frase. Não se esqueça disso, inverta a frase.

John delirava. Sentia os fortes efeitos do gás e do éter.

— Inverta a frase.

John voltou a desmaiar.

As horas passaram e Yuri acordou de sobressalto.

— Hã, o que foi que aconteceu? — Perguntou a si mesmo.

Notou que os dois estudantes ainda dormiam.

Voltou a amordaçar os dois e deu uma olhada pelo acampamento. Não tinha nada fora do lugar.

— Que diabos?

Saiu da cabana e correu os olhos por todo o horizonte.

Voltou para dentro, era quase hora do almoço. Logo os outros retornariam.

“Será que é bom falar com o Steve sobre o que aconteceu aqui?”

Deu mais uma olhada ao redor e não achou nada de anormal.

“Melhor não. Acho melhor acordar os meninos.”

Nem precisou, pois os alunos acordaram em seguida.

“Será que eles sabem de alguma coisa? Acho que vou perguntar pra eles.”

Levantou, caminhou até John, ia retirar a mordaça.

O rapaz ainda tinha expressão sonolenta. O russo balançou a cabeça.

“Melhor esquecer esse assunto. Acho que fui eu que acabei dormindo.”

Yuri voltou a se sentar.

Ouviu um barulho e correu para a porta da cabana.

Era Steve e o resto do bando que chegava para o almoço.

Com medo dos outros, não contou nada e deixou o incidente cair no esquecimento.

Fazia um dia e meio já tinha que eles escavam no novo local. As visitas do senhor McJhones eram frequentes e inoportunas para o bando. O homem se preocupava com a quantidade de terra que eles estavam revirando. O trabalho coordenado pelos bandidos se transformou em uma bagunça. Cada um cavava onde queria.

Até aquele momento, não tinham encontrado nada. Steve começava a desconfiar de que procuravam no lugar errado. A falta de êxito e o trabalho duro minavam a paciências dos salteadores.

Steve se aproximou e agachou perto de onde Sir Oliver trabalhava. Carregava um cantil com água fresca.

— Professor, o senhor não precisa trabalhar, já está ajudando demais mantendo a nossa farsa.

O professor parou e olhou para Steve.

— Não se preocupe comigo senhor Wilkinson, prefiro trabalhar, ficar parado é muito tedioso.

— Está bem, tome um gole de água então.

O mestre pegou o cantil e tomou um longo gole.

— O senhor pode me chamar de Steve, se preferir.

O mestre assentiu com a cabeça.

— Steve, obrigado Steve. — Disse enquanto devolvia o cantil.

O chefe do bando pegou o frasco e também tomou um gole.

Sir Oliver enxugou o suor.

— Diga-me uma coisa, você não poderia relaxar um pouco a prisão dos meus alunos? Eu me responsabilizo por eles, garanto que não vão causar problemas.

Steve olhou para a cabana.

— Sabe, professor, eu bem que queria deixá-los livres. Confio no senhor. O problema é Tom Palmer, ele é um sujeito instável. Acredite, os alunos continuam presos para a própria segurança deles.

Os olhos do mestre também focaram o acampamento. Naquele momento, Tom tomava conta dos estudantes.

— É, talvez você tenha razão. — Falou com voz sumida. Abaixou-se e

voltou a cavar.

Steve percebeu o desapontamento do professor.

“Merda, preciso ganhar a confiança desse homem.”

— Bem, vamos fazer uma coisa.

Sir Stewart voltou a olhar para Steve.

— Sim.

Steve mediu as palavras que falaria.

— Vou deixá-los soltos dentro da cabana. Só que tem uma condição.

— Qual?

— Eles não podem sair de lá. Não posso correr o risco de eles tentarem fugir. O senhor sabe, se isso acontecer, a coisa pode ficar feia.

— Eu confio na sensatez deles. — Aduziu Sir Oliver.

— Está bem, mas, mesmo assim, eles ficarão amarrados um ao outro por um dos pés. O que acha?

Um sentimento de alegria encheu o mestre de esperança.

— Bem, isso já é um avanço e tanto. Ficar sentado e amarrado o dia inteiro é muito doloroso. Espero convencê-lo de que os rapazes são confiáveis. De qualquer modo, fico feliz com sua proposta.

Steve se levantou com um sorriso no rosto.

— Eu mesmo vou até lá libertá-los.

O professor também sorriu.

— Obrigado.

— Não me agradeça, professor. Sei o quanto está sofrendo. O que mais quero é achar esse tesouro e sumir da vida de vocês.

Steve foi até a cabana cantarolando. E, como combinado, soltou algumas das cordas que prendiam os estudantes. John e William permaneceram amarrados um ao outro, mas já podiam se movimentar, se esticar, caminhar no interior da cabana.

Lá pelas quatro horas da tarde, uma pequena carruagem surgiu na estradinha, vindo em direção ao castelo.

Steve a acompanhava com os olhos.

Puxada por dois cavalos a carruagem deixou a rua e se virou na direção onde eles escavavam.

Steve saiu de seu lugar e foi para o buraco onde o mestre trabalhava.

— Professor, professor, o senhor conhece aquelas pessoas? Mais alguém chegaria pra expedição?

— O reitor da faculdade está sabendo de tudo, mas não havia planos de outras pessoas virem para Bamburgh.

— Estão vindo pra cá. O senhor pode despistá-los, por favor?

— Vou ver o que posso fazer.

O veículo chegou bem perto e parou.

Todos eles pararam o que faziam.

O cocheiro desceu de sua posição e caminhou até a porta da carruagem.

Abriu a portinhola e auxiliou Emma a descer.

Klaus empalideceu.

Logo em seguida, Mary também deixou o veículo.

O professor tomou um susto

“Meu Deus, o que será que a senhorita Balding está fazendo aqui? Que hora terrível para a menina chegar. Cristo, ela será aprisionada por esse bando! Preciso dar um jeito de fazê-la sair daqui.”

Klaus olhou para Steve e fez um sinal com a cabeça. Jamais deixaria que alguém fizesse mal para sua Emma. Morreria por ela, se fosse o caso.

Com a velocidade do relâmpago, Steve equacionou a situação. Tinha de despistar Emma, achar um jeito de tirá-la do lugar. Ela jamais poderia saber a verdade.

Naqueles segundos, avançou até Yuri e disse-lhe algumas rápidas palavras.

Klaus sentia todos os músculos do seu corpo enrijecer.

Steve deixou Yuri para trás e caminhou na direção de Klaus.

— Veja só quem está aqui, Klaus. Não é a sua namorada?

Petrificado, o prussiano balbuciou.

— Si... Sim.

A custo, Klaus saiu da letargia e foi ao encontro da garota. Caminhou a passos vacilantes, tentando montar uma mentira em sua cabeça.

Steve o seguiu a uns dois passos atrás.

Klaus parou em frente às duas.

— Emma, o que você tá fazendo aqui?

O professor saiu do buraco em que trabalhava.

Emma acompanhou todo o movimento. Viu Steve falar com Yuri. Notou o russo correr desajeitado.

Num estalo de dedos, compreendeu tudo. O professor era prisioneiro de Klaus e seu bando.

Mary, que se aproximava, também entendeu a delicadeza da situação.

“Como são tolos os homens quando tentam enganar uma mulher.” — Pensou.

Emma deixou a emoção tomar conta.

Mary estampou um largo sorriso, sabia da existência do mapa e da expedição do mestre.

— Klaus, você está trabalhando na expedição do professor? — Disse tomando a dianteira.

Deu uma imperceptível piscada para Emma.

No mesmo instante, ela entendeu a ideia de sua mãe.

Klaus demorou um pouco para entender a pergunta da senhora Mary. Gostou da sugestão, era bem melhor que a mentira que tentava inventar.

— Sim, sim, sim, é verdade, nós estamos ajudando o professor.

Emma beijou o rosto de Klaus. Optou por responder a primeira pergunta que ele tinha feito.

— Eu não suportei a saudade e achei que seria melhor vir aqui ajudá-lo.

Klaus ficou vermelho como pimentão. Emma tinha descoberto sua mentira. Não havia outra possibilidade. Em carta, não tinha deixado o nome do lugar para onde iria.

Não tinha mais como seguir com a farsa.

Ele a abraçou e sussurrou em seu ouvido.

— Me perdoa?

A menina fez um movimento quase imperceptível com a cabeça. Não dava para saber se era sim ou não.

Um par de lágrimas bailava nos olhos de Klaus. Sim, morreria por ela se fosse o caso.

Tom, esparramado na pequena cadeira, deixava transparecer todo o seu tédio. Tomar conta de dois moleques não era o que tinha planejado. Por ele, seria muito mais fácil dar cabo dos dois.

“Steve é um cara muito teimoso. Não sabe resolver as coisas de forma prática.”

Quase caiu da cadeira quando a porta se abriu num estrondo. Yuri entrou tropeço e ofegante. Afinal, correr com sua enorme barriga não era tarefa fácil.

— Tom, fedeu geral.

Tom nunca foi com a cara de Yuri. Se irritava só de vê-lo.

— O que aconteceu, homem? Você não fala coisa com coisa.

Raskolnikov respirou fundo tentando se controlar.

— A namorada do prussiano, a tal de Emma, acabou de chegar sei lá de onde!

Tom fechou o cenho num rosto deformado pela raiva.

— Como assim? Emma? Como a vadia sabia onde a gente tava?

Yuri se limitou a balançar a cabeça e erguer os ombros.

Tom se levantou. Caminhou, bufando, até a porta da cabana. Olhou pela fresta.

— Será que aquele palhaço contou para ela onde a gente tava?

Yuri respirava fundo.

— Eu não sei, não. Só sei que a menina chegou e está conversando com eles lá. Isso a gente vê depois. Steve pediu pra soltar os meninos.

A irritação de Tom foi ao máximo.

— Soltar esses merdas? Por quê?

Yuri se sentou para recuperar o fôlego.

— Ora! Não seja burro homem. Se ela entra aqui e vê os meninos amarrados... aí é que a coisa vai fedê mesmo. Você sabe, o prussiano gosta dela!

Tom retirou a faca da bainha em seu cinto e fincou na mesa com raiva.

— Mulheres, mulheres... Essa mulher que o Klaus arrumou só traz problemas. Caralho. Merda. Cacete.

Deu um chute no banquinho. Isso pareceu acalmá-lo um pouco. Olhou para o russo.

— Que cacete, o que a gente faz?

Raskolnikov balançou a cabeça.

— Não tem muito que fazer.

Tom pegou a faca.

— Diabos.

Agachou-se e ficou cara a cara com John.

Colocou a ponta da faca bem no nariz do estudante.

— Eu vou ser curto e grosso. Só vou soltar vocês porque o Steve tá pedindo. Se falarem alguma coisa pras moças. Se tentarem fugir ou gritar, ou o diabo que for. Eu mato vocês. Mato o professor. Mato a moça. E mato quem entrar na minha frente. Entenderam?

Paralisados de medo, John e William não se moveram.

— SE SAÍREM DA LINHA EU ENFIO UM NO CU DO OUTRO. TÁ CLARO? — Berrou o ladrão, respingando saliva na cara dos estudantes.

Eles concordaram com rápidos movimentos de cabeça.

Emma esqueceu sua timidez, deixou o namorado e foi na direção do professor.

— Senhor Stewart, como está o senhor? — Perguntou com os olhos prestes a derramar um turbilhão de lágrimas.

O mestre, àquela altura, já havia compreendido tudo o que tinha acontecido.

“Será que a senhorita Balding faz parte do bando? Ela sabia do mapa. Deve ter contado para os bandidos.”

No entanto, os olhos da moça contavam outra história. Ela sofria com o que presenciava.

“Talvez ela tenha deixado escapar uma frase infeliz.”

“A senhorita Balding pode ser inocente. Além do mais, não sei do que esse bando é capaz. Melhor ir com calma.”

— Estou bem senhorita Balding.

Saiu do buraco e colocou a mão no ombro de Steve.

— No caminho para cá, encontrei esses rapazes a procura de emprego. E como sabia que a tarefa aqui seria árdua, contratei-os para me ajudar. Não é mesmo, Steve?

Steve sorriu como de costume.

— Sim, senhor. A gente tá sempre pronto pra ajudar os amigos.

Sir Oliver também ensaiou um sorriso.

— É verdade, é verdade. O importante é que o serviço seja feito.

— Claro, claro.

Ventava frio e as elas esfregavam as mãos para aquecê-las. O mestre, aproveitando da situação se virou para as mulheres.

— As senhoras têm onde ficar aqui em Bamburgh?

A senhora Balding se adiantou.

— Ah, nós vamos procurar uma pensão aqui por perto para passar a noite.

Sir Oliver olhou para Steve.

— Eu não conheço nenhuma pensão por aqui, você conhece Steve?

Steve procurou os olhos de Klaus. O prussiano parecia uma estátua de granito, sem ação, sem expressão, quase nem respirava. Voltou a focar as recém-chegadas.

— Não, não conheço. No entanto, as nossas cabanas são bastante aconchegantes. Se o senhor não se importar, professor, acho que elas podem passar a noite conosco.

O mestre assentiu num movimento de cabeça.

— Sim, claro, as senhoras serão muito bem-vindas. Só peço para não repararem a bagunça. — Disse enquanto se dirigia para senhora Balding.

— Imagine, senhor Stewart, ficaremos muito felizes de ter onde pernoitar. Muito obrigada.

Sir Oliver sorriu.

— Então, o que acham de irmos para a cabana. Podemos tomar um chá

para esquentar. As senhoras devem estar cansadas da viagem.

Mary deu um leve sorriso. Sentia-se aliviada, pois tinha medo de Klaus e seu bando.

— É muita gentileza de todos os senhores. Sim, a viagem foi bastante cansativa. E o chá será muito bem-vindo.

Steve soltou o ar que prendia há algum tempo nos pulmões.

— Claro, vamos para o acampamento, o tempo não tá nada agradável aqui, vamos sair dessa friagem.

Os homens recolheram as ferramentas e acompanharam as mulheres até as cabanas.

Klaus se aproximou de Steve.

— Se o Tom tentar alguma coisa contra Emma ou a mãe dela eu mato ele.
— Sussurrou.

— Pode deixar que eu cuido do Tom.

O prussiano apertou o passo e se posicionou ao lado de sua amada. Segurou a mão dela de forma tímida e envergonhada.

Deixou o revólver no jeito para fazer uso rápido, caso as coisas se complicassem.

A porta da cabana abriu devagar, sem fazer ruído.

— Por favor, entrem. — Ouviu-se a voz de Steve.

Klaus entrou na frente, com a mão no bolso. Tentava disfarçar, mas era visível que segurava o revólver com o dedo no gatilho.

Tom olhou para ele com sua carranca de desaprovação.

As mulheres entraram seguidas por Steve, o professor e Joseph.

John e William se espremiavam em um canto do pequeno cômodo.

Steve se adiantou e passou por Klaus.

— Senhorita e senhora Balding, estes são Tom e Yuri.

A menina deu um passo e estendeu a mão.

— É um prazer conhecê-los.

Tom desfez a cara feia e cumprimentou as duas.

Yuri sorriu.

— O prazer é todo nosso. — Disse, buscando as palavras certas, se sentindo importante.

Mais uma vez, Sir Oliver se aproveitou da situação.

— Senhorita, este é o senhor McBrian, que a senhorita já conhece e este é outro aluno meu, senhor Kenward.

Emma fez breve reverência.

— Encantada.

Aterrorizados, eles se limitaram a acenar com a cabeça.

O professor caminhou até uma prateleira e pegou uma chaleira.

— Bem, vou preparar um chá para nós.

O clima ficou tenso, ninguém falava nada. Vez por outra, surgia uma frase vazia.

Em poucos minutos o chá ficou pronto.

O próprio Sir Oliver serviu as mulheres.

Foi Mary quem quebrou o gelo.

— Professor, como está indo a pesquisa aqui em Bamburgh?

— Bem, na verdade, um papel enigmático nos trouxe até aqui. Estamos procurando por documentos ou artefatos históricos. Material que teria sido importante há duzentos anos. No entanto, confesso que até agora não conseguimos achar nada.

Sir Oliver, na tentativa de relaxar o ambiente, entrou em detalhes técnicos sobre as buscas.

Mary prestava atenção. Já Emma estava distante, com olhos presos a seu namorado.

Quando o professor fez uma pausa um pouco maior. A moça tocou de leve no braço de Klaus.

— Podemos conversar um pouco?

Klaus sentiu-se gelar. Aquela seria a hora da verdade.

— Sim, claro. — Respondeu com voz trêmula.

Colocou a xícara, ainda cheia de chá, sobre a mesa e se levantou. Ajudou Emma a se levantar e saíram da cabana.

Andaram em direção à praia. O vento frio, que vinha do Norte, e o céu acinzentado emolduravam aquele momento.

Emma não conseguiu segurar mais e deixou as lágrimas caírem.

— Por quê?

Klaus não tinha mais motivos para mentir. Sentia que perdia o maior tesouro de sua vida.

Olhou para ela com semblante triste, quase desesperado.

— Emma, — falava escolhendo com cuidado as palavras — talvez você nunca me perdoe. É bem possível que não acredite em mim também. Não gosto dessas merdas que venho fazendo. Há muito tempo quero mudar. Tornar-me um homem honesto, digno de você. Porém quando se entra nesse mundo de erros, é muito difícil sair.

O casal caminhava lado a lado na praia. Emma trazia os olhos embaçados pelas lágrimas. Acompanhava o raciocínio de Klaus com atenção, mas sua alma era dirigida pela emoção.

O frio não dava trégua e ela cruzava os braços na tentativa de se aquecer.

Por sua vez, Klaus tinha a mente em chamas, nunca na vida experimentara tamanho constrangimento e dor.

— Há um bom tempo que vivo à custa de roubos. — Respirou fundo. — Um assalto aqui, outro ali. Esse tem sido o meu trabalho, mas juro pra você uma coisa, nunca matei ninguém. Não, isso não carrego comigo.

O musculoso ex-marinheiro engoliu em seco.

Seus olhos ficaram turvos por conta da emoção.

— No início, era só uma diversão. Depois, aos poucos, foi se tornando mais e mais sério. Agora, o mundo do crime me consumiu. Não consigo encontrar outro jeito de viver.

Fez uma pequena pausa para se controlar.

— A única coisa honesta que tenho é o meu amor por você.

Emma olhou para ele com indignação.

— Como você pretende construir uma relação de amor sobre o sofrimento e a dor de outras pessoas? Mesmo que não tenha matado ninguém, ainda assim causou terror.

— Eu sei que fiz bastante coisa errada, mas foi tudo pra te dar uma vida

melhor...

— Do mesmo jeito — interrompeu Emma — que uma sementinha precisa de terra fértil para germinar. O amor precisa de paz e harmonia para crescer saudável. Não há como construir uma vida melhor, destruindo o que temos de mais sagrado que é a paz interior. Qualquer coisa que se conquiste com base em roubo, torna-se estéril e se desvanece.

Klaus, tocado em suas fibras mais íntimas, segurou Emma pelo braço.

— Eu posso mudar. — Murmurou — Se você me ajudar, se você ficar comigo, eu faço o que você quiser.

A moça não respondeu, apenas deixou que mais lágrimas lhe escorressem pela face.

“Eu quero te ajudar, mas não sei como.”

O prussiano a envolveu com seus braços fortes. Seu corpo quente aqueceu o coração da jovem Emma, que retribuiu o abraço.

Ele contemplou os olhos dela por um tempo.

— Emma, me perdoe. Eu juro, farei o que você me pedir. Por favor, me perdoe.

Ela levou a mão ao rosto dele.

— Klaus, se eu posso te pedir algo, então eu quero que você deixe de ser ladrão.

A palavra “ladrão” fincou como uma adaga no coração dele.

O olhar de Emma permaneceu magnetizado à face do prussiano.

— Eu prefiro levar uma vida simples. Posso trabalhar. Posso cuidar da casa, do lar, dos filhos, mas uma coisa não abro mão. Preciso muito, muito mesmo, que essa vida simples seja coroada com honestidade.

O rapaz abaixou a cabeça para esconder as lágrimas.

— Por você, minha pequena azaleia, — falou limpando os olhos — eu me viro do avesso se for preciso. Eu mudo... Eu juro a você que nunca mais farei algo que possa atormentar o seu coração. Construirei um lar, um verdadeiro lar pra nós.

Emma acariciava o rosto dele, lutando contra os pensamentos perturbadores.

“Será que posso confiar?”

Os olhos dele, ainda brilhantes, enchia seu coração de esperança.

“Será, meu Deus, que poderemos criar um lar?”

Consultou seu interior e não encontrou dúvidas.

“Eu amo você.”

Klaus aproximou seu rosto à delicada face da jovem.

— Me perdoe, — disse num sussurro — eu te amo.

Emma fechou os olhos.

— Eu também te amo. Mas não vamos nos perdoar com palavras, e sim com trabalho, mudança e amor.

Entregaram-se a um beijo ardente, que parecia mais um compromisso, um pacto de luta.

Não retornaram para a escavação naquele dia. Passaram o resto da tarde preparando uma enorme fogueira para aquecer a fria noite de Northumberland.

Lá pela hora do jantar, o clima do ambiente tinha se tornado mais ameno.

John e William não abriram a boca, só respondiam com monossílabos.

Sir Oliver, ao lado dos rapazes, se esforçava para diminuir o trauma que tinham vivido. Contava histórias sobre aventuras vividas em outras expedições.

Yuri, que gosta de uma boa conversa, falou muito da Rússia. Steve também tinha interesse em manter o ambiente calmo. De modo que aproveitou para contar suas histórias.

Tom ficou o tempo todo com a cara amarrada.

Klaus permaneceu calado. Vez por outra ria de alguma coisa engraçada.

Foi ficando tarde e na hora de dormir, eles separaram as melhores acomodações para as mulheres.

Pouco antes de se deitar, Klaus chamou Steve para fora da cabana. Uma neve fina caía sobre Bamburgh.

— Obrigado, amigo, por me entender e proteger Emma.

— Klaus, você e os outros são a minha família. Tudo o que faço é pela nossa amizade. Fique sossegado, todos nós cuidaremos das duas.

Os dois homens se abraçaram como irmãos.

Yuri sentiu-se feliz com a chegada das mulheres. Era como se tivesse uma grande família outra vez. Foi por isso que dormiu uma noite tranquila, repleta de sonhos. Klaus quase não pregou o olho. Os fortes sentimentos do dia foram mais fortes do que o cansaço. Passou boa parte da noite remoendo pensamentos. A noite de Emma foi muito parecida com a de seu namorado, também dormiu muito pouco. John já estava a duas noites sem dormir por causa das cordas. Assim, com a diminuição da tensão, ele dormiu um sono reparador.

Desconfiado, Steve foi dormir próximo à porta. Se alguém tentasse fugir, ele acordaria. Em seu íntimo, tinha medo dos estudantes. Afinal, foram eles que mais sofreram nessa pequena história.

Amanheceu, e o professor foi o primeiro a acordar. Respirou fundo e meditou sobre os acontecimentos bizarros que estava vivendo. Sua empregada é, ao mesmo tempo, vilã e heroína. Foi ela quem trouxe os bandidos. E foi também ela quem salvou a situação. Levantou-se pensativo. Pegou a chaleira e foi preparar chá e salsichas para o desjejum. Seu movimento acordou o chefe do bando.

Ao ver o professor sair da cabana, Steve saiu do saco de dormir e o seguiu. O professor alimentava a fogueira com mais lenha seca.

Se aproximou devagar.

— Bom dia, professor, posso lhe falar?

O mestre girou a cabeça.

— Bom dia Steve, sim, é claro pode falar.

Steve coçou a cabeça, procurando um jeito de começar.

— Eu queria agradecer ao senhor pelo que fez ontem. Quero dizer, na hora em que Emma chegou. Naquele momento, tive medo de que o senhor contasse a verdade. — Steve baixou a cabeça e continuou. — Se o senhor tivesse feito diferente, as coisas poderiam caminhar para um desfecho trágico. Klaus gosta mesmo daquela menina! Tom é cara legal, mas não pensa duas vezes para puxar o gatilho. É um sujeito muito estourado.

O professor olhou para trás para se certificar de que ninguém ouvia.

— Vou lhe confessar uma coisa. Ontem, tive medo de vocês aprisionassem, também, a senhorita Balding e sua mãe. Entrei em pânico ao vê-las. Eu gosto da senhorita Balding como se fosse minha filha. Quando percebi que ela e Klaus são namorados. Meus pensamentos foram bem outros. — O mestre fez uma breve pausa. — Não precisa me agradecer. Continuei com a farsa porque, neste momento, acho que é o melhor para todos.

Steve também olhou para trás e baixou a voz.

— Professor, a vida não tem sido fácil para nós...

Fez uma pausa procurando as palavras certas e continuou.

— Klaus, Tom... Quero dizer, meus amigos não são pessoas más. Talvez seja difícil pensar assim, mas, na verdade, eles são mais necessitados do que gente ruim. Yuri por exemplo, chegou a pedir esmolas...

Sir Oliver interrompeu o chefe do bando.

— Eu entendo, às vezes somos forçados a fazer o que não queremos.

Steve pegou sua arma.

— O senhor não é mais prisioneiro. Acho que desde ontem não é mais.

Girou o revólver, segurou pelo cano e o ofereceu ao mestre.

— Pegue, é seu agora.

Sir Oliver pousou o olhar no revólver de Steve e fez um sinal de negação com a mão.

Steve focou o rosto do mestre.

— Acho que somos mais fortes se ficarmos unidos. Sei que entramos de forma violenta no negócio de vocês. Mas, por outro lado, ainda não achamos nada. E, tecnicamente, nós ainda não roubamos o senhor.

Sir Oliver levantou uma pestana.

“Olha só isso, vamos ver aonde essa conversa vai.”

Steve coçou a cabeça outra vez.

— O que eu quero dizer é que, podemos fazer dessa mentira uma verdade. O senhor contrata o nosso serviço. Nós ajudamos a cavar e encontrar o tesouro. E no fim, dividimos. Todos nós sairemos ganhando.

Sir Oliver ponderou. A ideia não era ruim. Era um jeito honroso para sair da situação em que se encontravam. Além do mais, os últimos acontecimentos mostravam que Steve não era um homem perigoso.

“Filosofia do ganha-ganha.” — Pensou com olhos presos nele.

— Steve, você é um bom homem. Confesso que não confio muito em Tom. Já os outros me passam boa impressão.

O ladrão baixou o olhar.

— Tom é um cara legal. Cabeça dura, turrão, mas não é difícil de lidar.

Sir Oliver mexeu a panela. O cheiro das salsichas começava a se espalhar.

— Bem, eu concordo com essa parceria com uma condição.

Os olhos de Steve brilharam.

— Qual?

— Somente se os meus alunos também não forem mais prisioneiros. Total liberdade para todos.

Steve sorriu.

— Negócio fechado. Só peço uma coisa.

— O que?

Steve baixou ainda mais a voz.

— Que o senhor os convença a não nos denunciar. Se não, não terei como controlar meus amigos, principalmente o Tom.

Sir Oliver concordou com um aceno.

— Pode deixar comigo, eu converso com eles. São dois rapazes inteligentes. Tenho certeza de que não farão nenhuma besteira.

— Ótimo. Achamos o tesouro. Dividimos. E então, a gente some e não atrapalha mais vocês.

O mestre parou de mexer a comida e se virou para Steve.

— Está certo. Entretanto, você deve estar ciente de que, talvez, não encontremos nenhum tesouro. É possível que só achemos documentos.

O rapaz se sentou ao lado do professor.

— Eu pensei nisso também. E cheguei à conclusão de que nenhum idiota enterraria documentos. Todo mundo sabe que papel apodrece rápido. Se fosse documento, o cara colocaria num cofre. Não no chão!

Sir Oliver voltou a mexer as salsichas.

— Concordo em parte. Talvez enterrar os documentos tenha sido uma solução de emergência. Talvez não pretendessem esperar tanto tempo. Algo pode ter acontecido impedindo o resgate dos papéis.

Steve assentiu num movimento leve.

— Bem, de qualquer modo, oficialmente de agora em diante nós trabalhamos para o senhor. — Falou enquanto estendia a mão para selar o acordo.

O professor apertou a mão do rapaz.

— Vamos encontrar esse tesouro.

Steve, que ainda segurava a arma, insistiu.

— Tome, professor, fique com minha arma como sinal de minha sinceridade.

O mestre sorriu.

— Não precisa, Steve, eu confio na sua palavra.

O rapaz guardou o revólver.

— Então, vou contar aos meus amigos sobre o nosso acordo.

— Sim, farei o mesmo com meus alunos.

Não precisaram chamar ninguém. Em pouco tempo, o cheiro bom da comida, fez esse serviço por eles.

Uma a uma, as pessoas foram deixando a cabana, atraídas pelo aroma da refeição matinal.

Após o café da manhã, o professor chamou John e William para conversarem um pouco mais afastados.

Sir Oliver falou sobre o acordo e pediu para que tomassem cuidado, em especial com Tom.

Naquele grupo heterogêneo, cada um buscava por seus interesses pessoais.

O professor e seus alunos queriam a liberdade. Aquele acordo se parecia mais com um armistício do que com uma declaração de paz. Sentiam-se vigiados, sempre havia alguém do grupo de Steve por perto. Klaus queria provar para Emma que era capaz de mudar. Steve tentava costurar um acordo político com todos os envolvidos. Tom Palmer queria apenas meter a mão no dinheiro e sumir dali. Yuri se divertia com tudo. Sentia-se aceito. Feliz com sua nova família. Joseph pensava como Tom, queria o dinheiro e um jeito de acertar sua vida. Mary lutava pela felicidade da filha. Emma se esforçava para acreditar que Klaus era capaz de mudar.

A presença das duas mulheres fez o ambiente mudar para melhor. As ameaças e animosidades terminaram. Nasceu um clima de harmonia.

Steve terminou sua refeição, levantou-se e pegou uma pá.

— Vamos, pessoal, temos muito pra cavar hoje.

Não demorou muito para todos estarem de pé e cada um com sua

ferramenta.

Sir Oliver fez o mesmo. John e William aproveitaram o momento. Pegaram picaretas e se juntaram aos trabalhadores.

Sir Oliver sorriu.

— Então vamos, meus amigos, vamos achar esse tesouro.

Mary se levantou.

— Aonde os senhores estão indo?

Sir Oliver estranhou a pergunta.

— Continuar as escavações.

— E esse monte de louça suja aqui? Vai ficar assim?

O professor olhou para Steve, como que a pedir ajuda sobre o que dizer.

— A gente não costuma lavar isso não. — Respondeu Steve.

Mary externou um olhar de desaprovação

— Não, não, senhores, precisamos limpar isto. Vocês estão em oito e nós em duas. Assim, se não se importarem, precisamos de ajuda aqui.

Steve não sabia o que dizer e tinha de continuar com a farsa.

— Professor, — sugeriu — o que acha de deixarmos os senhores Tylor e Raskolnikov para ajudar na limpeza da cabana?

O rosto do russo se iluminou.

— Boa ideia, eu fico. — Disse quase como uma criança.

O mestre olhou para Joseph e percebeu a desaprovação dele.

“Hora de testar o nosso acordo.”

— Senhor Tylor, o senhor poderia ficar para ajudar as senhoras?

— Mas, professor, eu não entendo nada de louça.

— Não se preocupe, — interrompeu Mary, — a gente ensina. Não é Emma?

— Claro que sim.

Joseph ficou sem respostas e, a contragosto, acenou que sim.

— Está bem, mas vamos ter de revezar isso.

— Sim, claro. — Concordou o mestre. — A cada refeição será a vez de

dois de nós. Na verdade, as senhoras são nossas convidadas e nem deveriam trabalhar.

Sir Oliver girou para Mary.

— A propósito, eu agradeço muito pela ajuda de vocês.

A mãe de Emma inclinou, de leve, a cabeça.

— Senhor Stewart, somos nós quem agradecemos a hospitalidade. Ajudar com as coisas de casa é o mínimo que devemos fazer.

Trocaram mais algumas impressões e, em poucos minutos, o restante do grupo caminhava para o local das escavações.

John não comentou seu sonho com ninguém. Na verdade, não sabia dizer se aquilo tinha sido um sonho, uma alucinação ou acontecera de verdade. Aquelas imagens permaneciam turvas em sua mente. Pela primeira vez em dias ele voltava para o trabalho. Ainda sentia medo dos ladrões. Assim, tomou a decisão de não cometer erros tolos.

Naquele momento, sentindo-se mais seguro. Voltou a meditar sobre o criptograma.

“Será que Existe mais alguma coisa escondida naquele manuscrito? A data talvez seja outro segredo.”

“E o nome Ollirdal Ortauc? Será que não é outro código?”

Lembrou-se de sua alucinação.

“Inverta a frase”

“Inverter a frase. Qual frase?”

“Todas as frases escritas no mapa. Lógico.”

Passou a trabalhar, mentalmente, na inversão das frases daquele pedaço de papel. A maioria não fazia sentido algum. Mas um trecho, quando invertido, lhe chamou a atenção.

Precisava falar com o professor. Porém ainda tinha medo de Tom.

Venceu a si mesmo.

Aproximou-se de Sir Oliver.

— Senhor Stewart, o senhor pode me emprestar o bloco de notas e um lápis?

— Sim, claro.

O mestre enfiou a mão no bolso. Retirou a caderneta e um toco de lápis John pegou com as mãos trêmulas. Traçou alguns garranchos.

— Professor, olhe isso, o nome Ollirdal Ortauc de trás para frente!

LADRILLO CUATRO.

Sir Oliver arregalou os olhos.

— Isso é espanhol!

O grupo parou e olhou para o mestre.

— Sim, isto está escrito em espanhol e quer dizer TIJOLO QUATRO.

Num movimento simultâneo de cabeça, todos olharam para a muralha do castelo.

Os pensamentos confusos do grupo eram mais ou menos o mesmo. Estaria o tesouro escondido em algum lugar naquela grande parede?

Ansiosos, os homens correram para o local onde faziam as escavações.

Seus olhos procuravam alguma coisa na parede.

Foi John quem viu primeiro.

— Lá, olhem lá. — Disse enquanto apontava o dedo indicador como se quisesse voar.

A uns cinco metros de altura havia uma pedra com o número quatro talhado em algarismo romano.

Capítulo 6

Plantas exóticas enfeitavam o jardim com suas flores. Cores vivas. Ricas em tonalidades, texturas e brilhos. Chamava a atenção as folhagens em tons rosa e laranja. A paisagem. O perfume. A brisa. A luz amena. Os sons harmoniosos. Tornavam o ambiente quase angelical.

Definitivamente, aquele não era um lugar com o qual estamos acostumados. Até o voo dos insetos zunia diferente.

O grande jardim era cheio de ruas e corredores. Os quais interligavam vários prédios no topo da imensa plataforma.

Centenas de mulheres caminhavam pelas ruelas. Cada uma em busca de seus afazeres.

Briéla e sua mãe andavam lado a lado.

— Mãe, estou com vontade de iniciar um novo curso. — Briéla falou com entusiasmo, impelida por sua ideia. — Pensei na área de Psicobiologia, o que você acha?

A mulher sorriu e buscou imagens na memória.

— Acho fantástico. Você deve aproveitar a sua juventude para estudar. Já escolheu algum tema?

— Ainda estou pensando.

A jovem olhou para frente com olhos sonhadores.

— Pretendo me aperfeiçoar em Campo Bio Modelador. Você sabe, na interação entre campo modelador e a malha quântica.

Sorriu de sua ideia.

— O que você me diz?

A mãe olhou para a garota e sorriu.

— Minha filha eu tenho certeza de que você vai amar. Estudei muito isso no passado. É um assunto apaixonante.

De repente, o sorriso desapareceu de seu rosto. Tornou-se séria, pálida, como se tivesse visto uma legião fantasmas.

— Mas, faça isso logo.

Fez uma pausa e olhou para sua filha.

— Os tempos de paz estão no fim.

— Precisamos dar uma olhada naquela pedra. — Disse Sir Oliver com entusiasmo.

Steve sorria como sempre.

— O senhor tem escada no acampamento?

O mestre balançou a cabeça.

— Não, apenas algumas madeiras.

— A gente pode construir uma escada. — Sugeriu Klaus.

— Ou então, ver se alguém tem uma pra empresta. Alguém do castelo. — Falou Tom.

— Melhor não envolver mais ninguém. — Ponderou Sir Oliver.

Steve concordou com a cabeça.

— Também acho. Vamos juntar as madeiras que temos e construir uma.

Em umas duas horas, eles improvisaram um artefato que lembrava uma escada. Por ser o mais magro, John foi o escolhido para subir no instável instrumento.

A escada balançava muito e subir aquilo não foi uma tarefa fácil. Após alguns sustos e quase queda, o rapaz chegou à pedra com o número “IV”. Parecia um bloco de rocha como outro qualquer, mas ao bater com um martelo...

— SENHORES, A PEDRA É OCA! — Gritou. Desequilíbrio. Quase caiu da escada dançarina.

— Cuidado! — Advertiu o mestre.

— Estou bem. — Disse, enquanto voltou a estudar o tijolo de granito.

Lá embaixo, houve grande euforia pela nova descoberta.

John olhou para baixo.

— Existe uma câmara no interior. Está fechada por uma fina camada de pedra.

Sir Oliver mantinha os olhos pregados no rapaz.

— Senhor McBrian, consegue retirar a tampa?

— Sim, acho que sim. Não me parece estar muito presa.

Com as poucas ferramentas de que dispunha passou à tarefa de remover a

camada externa.

Os minutos foram passando. A tensão aumentou. A ansiedade também.

Num estalo, a tampa se soltou. Porém, com as ferramentas na mão, John não conseguia remover a pedra. Não dava para ver o que tinha dentro.

— Jogue a pedra pra baixo. — Gritou Steve.

John olhou para o chão.

— Ela vai se despedaçar.

— Foda-se, joga pra baixo. — Insistiu Steve.

— Vamos precisar dela para fechar o buraco.

— Caralho, moleque, joga essa porra. Foda-se o buraco — Ordenou Tom com pouca paciência.

Sir Oliver olhou para Steve.

O ladrão entendeu a mensagem do professor.

— Tom, pensando bem, acho melhor não destruir a tampa. Precisaremos deixar tudo como estava.

Tom balançou a cabeça em desaprovação.

— Que perda de tempo do caralho.

— Desce com a tampa. — Sugeriu Sir Oliver.

John jogou as ferramentas.

— Sai de baixo que eu estou descendo.

Klaus se esticou até onde pôde e pegou a pedra das mãos de John.

John olhou para cima. Encheu os pulmões de ar. Subiu com olhos fixos na abertura.

O sol do outono britânico iluminava o interior da câmara.

O coração de John quase saiu pela boca ao ver que no interior havia uma caixa de madeira.

Retirar a caixa exigia cuidado e planejamento. Havia vários pontos a serem observados. A caixa poderia ser muito pesada. A madeira poderia estar podre. Pregos e peças metálicas poderiam estar enferrujados.

Sir Oliver tinha ainda outras preocupações. Em tempos passados, era

comum colocar ampolas com ácido ao lado de documentos importantes. Complexos mecanismos eram instalados com a única função de quebrar a ampola. Assim, se alguém, não autorizado, tentasse abrir, todos os documentos seriam destruídos pelo ácido.

Logo ficou claro que não podiam arriscar tirar a caixa apenas com as mãos. Este pensamento os levou a construírem uma grua de madeira. Por sorte, entre os equipamentos dos pesquisadores, havia duas roldanas e cordas. Objetos que foram fundamentais para a montagem.

Foram necessárias mais duas horas de trabalho. Confeccionaram o pequeno guincho. E, sem perder tempo, baixaram a caixa com a segurança que o professor demandava.

Com o artefato histórico seguro no chão. John subiu com a tampa e a colocou de volta em seu lugar. No final, a muralha ficou com a mesma aparência que tinha antes.

De longe, sem ser percebido, um homem observava com um binóculo muito avançado para a época. O anel de ouro brilhava em seu dedo.

Todo aquele movimento não passou despercebido dos habitantes da grande construção medieval. E, em pouco tempo, um rumor começou a se espalhar. Contavam que um rico tesouro havia sido encontrado na muralha do castelo.

Bocas mexeriqueiras falavam a ouvidos fantasiosos e estes distorciam a história para outras bocas mexeriqueiras. Sem que os pesquisadores percebessem, uma estranha e perigosa onda de boatos tomava corpo entre os corredores e vielas do vilarejo de Bamburgh.

O transporte da caixa até o acampamento foi feito com bastante cuidado. Tomaram a precaução de mantê-la sempre na posição em que foi encontrada na muralha.

Embora feita de madeira rústica. Era construída com muita técnica e estava hermeticamente fechada. Várias ripas, com cerca de sete centímetros de largura, compunham a caixa. As peças eram pregadas umas nas outras com cravos medievais. As junções foram seladas com uma cera desconhecida.

A antiga caixa media uns sessenta centímetros de comprimento por quarenta de largura e outros trinta de altura. Não havia dobradiças, nem fechadura. Quem a fez, não pretendia abri-la.

Sir Oliver estudava o artefato apenas com os olhos. Todos davam sugestões.

— Vamos quebrar essa caixa logo e pegar o ouro. — Esbravejou Tom.

— Precisamos ter cuidado. — Advertiu o mestre. Além do mais, a caixa é muito leve para conter ouro.

— Eu não ligo se forem pedras preciosas. — Argumentou Yuri.

Concentrado, o mestre nem comentou. Após alguns minutos de estudo, chegou à conclusão de que o único meio de abrir seria usando ferramentas pesadas. Olhou para o martelo e sentiu até um calafrio.

Oliver respirou fundo. Pegou a talhadeira com a esquerda e o martelo com a direita. Focou os dois por um momento. E iniciou com pequenas pancadas nos cravos, tentando soltá-los.

Tom olhou para Steve, balançou a cabeça.

— Pra mim não dá. Vou fumar um cigarro. — Disse e saiu pela porta.

Klaus esfregava as mãos. Teve o ímpeto de arrancar as ferramentas das mãos do professor e arrebentar aquela caixa velha. Mas seu olhar cruzou com o de Emma e ele se conteve.

Depois de uma hora, todos os bandidos já tinham se afastado. Cada um foi para um canto. Apenas Sir Oliver e os dois alunos permaneciam firmes no trabalho meticuloso.

A primeira peça de madeira se soltou.

O interior ficou à vista.

— Abriu. — Falou o professor.

Todos vieram de uma só vez. Se inclinaram para ver o que havia dentro da antiguidade.

A pouca luz não permitia ver nada.

O professor meteu a mão dentro da caixa e puxou um livro com capa de couro.

Era um manuscrito, uns trinta e cinco por vinte e cinco centímetros, talvez. A contar pela espessura, devia ter umas quatrocentas páginas.

Os olhos de Sir Oliver brilharam e seu rosto se iluminou num largo sorriso.

Yuri deixou os ombros caírem.

— Um livro, que droga!

Klaus não queria acreditar em seus olhos.

— Tanto trabalho, tanto sofrimento por um miserável punhado de papel.

Os amigos de Steve, os estudantes e as duas mulheres compartilhavam da mesma decepção.

John se aproximou de Sir Oliver.

— Senhor Stewart, que livro é esse?

O mestre folheava a peça histórica.

— Ao que parece é o diário de bordo de uma nave portuguesa.

— Um diário?

O mestre abriu nas primeiras páginas tentando identificar a embarcação.

— Terei um pouco de dificuldade. Está escrito em português.

Mary olhou com interesse.

— O senhor entende português?

Sir Oliver fechou o livro, marcando a página com um de seus dedos.

— Não muito, passei alguns meses estudando em Coimbra e tenho alguma noção da língua. Provavelmente este livro é o diário de bordo de uma caravela. Não está completo, faltam as páginas iniciais. Não consta aqui o nome do navio.

Desapontadas, as pessoas se dispersaram.

Alguns saíram da cabana, outros se quedaram apáticos, como que não querendo acreditar. Todo o esforço tinha sido em vão.

John, ao lado do mestre, olhava as folhas do livro.

“Será que também tem folhas coladas?”

O rosto de McBrian se iluminou.

“Espera um pouco, isso é um livro para apontamento de datas!”

— Professor, se é um diário, verifique, por favor, se existe a data de oito de agosto de mil seiscentos e oitenta e oito.

O mestre olhou para o rapaz num movimento rápido de cabeça. Levantou um sobrolho.

— Sim, é claro, a mensagem cifrada.

Como que por encanto, todos olharam para o livro. Um silêncio tumular se

fez presente. Ouvia-se apenas o som das folhas de papel roçando umas nas outras.

Tensos segundos se passaram.

Steve esfregava as mãos em ansiedade.

Os corações batiam acelerados.

William prendeu a respiração. Yuri parecia uma estátua. Klaus segurava com força a mão de Emma. Tom Palmer voltou para dentro e mastigava um ramo de capim.

O professor parou de folhear.

— Outro mapa!

Todos correram de uma só vez para ver a página do livro.

Havia um desenho. Era o mapa do Brasil, com a divisão política do ano de 1600, aproximadamente. Tinham duas cruzes impressas. Uma marcando a cidade do Rio de Janeiro. Que naquele tempo se chamava São Sebastião do Rio de Janeiro. E a outra fora desenhada bem no coração do Brasil. Ao lado uma inscrição, ‘Serra do Roncador’.

Pouco acima do mapa se podia ler:

Se vossa mercê conseguiu chegar até aqui, dou-te os meus cumprimentos. E aviso-te que, se persistires, haverás de achar o maior de todos os tesouros. Segues, pois, o caminho da Serra do Roncador. Porém não te esqueças da preciosa chave.

A euforia tomou conta dos presentes. Felizes, eles começaram a festejar. Afinal, existia um tesouro. E não era um pequeno tesouro, mas sim, o maior de todos os tesouros. E o mais importante, não havia concorrência. Ninguém no mundo sabia disso.

O professor protegia o livro, para que ninguém o danificasse.

A caixa de madeira ficou esquecida no chão. John se agachou e passou a examinar aquele artefato medieval.

Olhou o interior com cuidado. Queria se certificar de que não tinha mais nada.

Bem ao fundo, colado a uma das paredes da caixa, percebeu um objeto reluzente. Para ser mais exato, era espelhado.

Curioso, enfiou a mão e tateou o fundo da caixa. O objeto tinha formato retangular com vinte centímetros de comprimento por dez de largura. A espessura não era superior a cinco milímetros.

“O que será isso?”

Pensou que estivesse colado nas tábuas. Agarrou o objeto com força.

Puxou.

Se espantou ao notar que não estava preso. Apenas descansava na parede da caixa. Deslocou-se sem oferecer resistência.

À primeira vista, era uma liga metálica.

Confuso, John tentava entender o que era aquilo. A coisa parecia não ter peso algum.

— Professor, olhe isso, o senhor já viu alguma coisa parecida?

Sir Oliver, fechou o livro e virou o rosto.

— Onde encontrou isso?

John apontou para a caixa.

— Estava lá dentro, encostado em uma tábua. Segure professor, isso não pesa nada!

O professor pegou o objeto, pensando se tratar de algum metal bastante leve. Entretanto, seu cérebro ficou atônito. O estranho pedaço de metal não sofria os efeitos da gravidade.

— Meu Deus, o que é isso?

O novo achado despertou a curiosidade de todos.

O mestre lançou o objeto para cima. Queria estudar seu comportamento no ar.

A placa caiu devagar. Mais devagar do que uma pena.

Com os olhos vidrados, John acompanhou o movimento da peça.

— Professor, seria essa coisa a chave de que fala o mapa?

O mestre segurou o objeto.

— Não sei, não se parece com uma chave. Para mim é apenas um pedaço de metal. Entretanto, quem no século dezessete ou mesmo em nosso tempo teria tecnologia para fundir um metal como este?

Confuso, coçou a cabeça e continuou.

— Senhor McBrian, não podemos afastar nenhuma hipótese. Guarde isso, acho coerente deixar o livro separado desse objeto.

Steve se aproximou.

— Penso que é melhor deixar tudo junto.

O mestre olhou para o ladrão.

— Nunca devemos deixar todos os ovos na mesma cesta.

Steve deu de ombros

— Está bem, foi apenas uma sugestão.

Sir Oliver entregou a placa a John.

— Tome, guarde isso.

— Sim senhor.

Klaus pegou a caixa do chão.

— Será que existe mais alguma coisa aqui dentro?

Steve se aproximou.

— Não custa dar mais uma olhada.

Reviraram, olharam, chacoalharam.

— É, não tem mais nada aqui mesmo. — Afirmou o prussiano.

Os outros admiravam a placa metálica. Não havia inscrições, riscos, nada que pudesse dar alguma pista de sua serventia.

Sir Oliver voltou sua atenção para o livro e passou mais alguns minutos examinando o documento.

A noite se aproximava e era necessário que o grupo se preparasse para partir. Não havia mais nada a ser feito ali.

Steve deixou a caixa com Klaus e se aproximou do mestre.

— Onde vamos guardar o livro?

O mestre olhou para os lados procurando um lugar seguro

— Bem, vamos deixar dentro da caixa. Acho que ficará mais protegido lá.

Steve concordou com a cabeça.

O mestre fechou o livro. Forrou o interior da caixa com um pano e colocou o diário.

— Senhores, prometi ao senhor McJhones que deixaria tudo como estava. Precisamos tampar os buracos que fizemos.

Houve uma certa resistência, mas, ao fim, o grupo de Steve cedeu. Pegaram as ferramentas e voltaram para fechar as escavações.

Não foi preciso muito tempo para os oito homens tamparem os buracos.

Ao cair da noite, iniciaram os preparativos para partirem no dia seguinte.

Enquanto isso, Mary e Emma preparavam o jantar.

Colocaram mais lenha na fogueira. A noite prometia ser fria.

Jantaram ao redor do fogo. Embora cansados do dia de trabalho, eles sorriam e cantavam animados.

Com um gesto de mão, Sir Oliver pediu a atenção do grupo.

— Senhores, senhoras, retornaremos para Cambridge amanhã. Penso que o melhor seria contratar um barco para nos levar até King's Lynn. De lá, seguimos caminho a cavalo.

Steve tomou a palavra.

— Não concordo. De barco, a viagem seria muito lenta. A cavalo, seremos mais velozes. Sugiro que as mulheres viagem na carroça. Os homens vão a montados em seus animais. Faríamos nosso trajeto de forma a passarmos as noites em pensões. Desse modo, seríamos rápidos durante o dia. E as noites seriam mais confortáveis para as damas.

Sir Oliver colocou o prato vazio de lado e acendeu o cachimbo.

— Senhora e senhorita Balding, o que senhoras preferem?

Mary se ajeitou em seu banco de madeira,

— Para nós, o que os cavalheiros decidirem, estaremos de acordo, não é mesmo Emma?

Emma limpou os lábios com um pano.

— Sim, mãe, com certeza. Estou ansiosa pra voltar pra casa.

A jovem se lembrou que deixara a casa do mestre sozinha. Estava preocupada com isso, mas optou por não comentar.

O mestre deu uma tragada.

— É, meu caro Steve, parece que a decisão cabe a nós mesmos.

Soltou a fumaça e continuou.

— Não sei ao certo, mas acho que a carroça nos deixará lentos. Não o barco. Contudo, concordo com você que as noites serão melhores em pensões. Na verdade, estou ansioso para chegar a Cambridge. Não vejo a hora de efetuar um minucioso estudo nesse livro. Além do mais, precisamos descobrir que material é aquele que encontramos na caixa.

Steve percebia que a relação entre eles melhorava a cada dia, mas tinha dúvidas.

“Ir para King’s Lynn? Cacete, e se o professor nos trair? E se nos delatar lá?”

Ficou pensativo por um instante.

“Em Cambridge também vai ser perigoso para nós. Droga, outro mapa? O tesouro podia estar aqui. A gente pegava a nossa parte e sumia.”

Ia dar uma desculpa para evitar King’s Lynn, mas Klaus falou.

— Eu acho que pelo mar é melhor mesmo, quanto mais rápido voltar melhor.

Steve olhou para Klaus e em seguida para o professor.

“O professor parece um cara confiável. Droga, vamos ter que arriscar a sorte.”

— Está bem, não vou me opor. Pra mim não tem problema. Podemos ir pelo mar. Mas ainda acho que por terra, será melhor para as damas.

John também deu sua opinião.

— Sou favorável à ideia do senhor Stewart. De minha parte estou muito interessado em desvendar o mistério daquele mapa.

Klaus olhou para Emma.

— Eu também, já estava combinando com Emma, vou achar uma maneira de ir atrás desse tesouro. Mesmo que seja lá do outro lado do mundo.

Steve fez um sinal positivo com a cabeça.

— Eu estou com você, vamos juntos.

Sir Oliver levantou a mão.

— Esperem um minuto. O mapa diz que o tesouro está no Brasil. Antes de embarcar para lá, será necessário fazer um bom planejamento para a expedição. Talvez tenhamos de pedir autorização ao imperador do Brasil. Explicar sobre pesquisa que será feita. Precisamos deixar claro de que se trata de um estudo de

cunho histórico e científico. E se o tesouro existir de verdade. Ele pertence ao Império do Brasil.

Tom olhou para o alto e exalou o ar com força.

— Caralho, professor, ninguém precisa saber de porra nenhuma. Se ninguém souber, ninguém vai encher o saco.

Steve concordou com a cabeça.

— Eu também acho, professor, podemos fazer a coisa sem ninguém saber de nada.

Sir Oliver olhou para os dois.

“De fato, esse não é o momento de discutir o assunto.”

— Sim, mas, de qualquer maneira, precisamos planejar muito bem esta viagem. Não sabemos o que se pode encontrar lá. O continente americano é um terreno novo. Pouco se conhece sobre o interior daquelas terras.

A discussão se estendeu por mais alguns minutos. E, discordâncias aparte, ficou acertado que retornariam a Cambridge. Depois, com a calma necessária, planejariam a expedição ao Brasil.

A neve fina caía na noite escura. As chamas tingiam os cristais de água em amarelo e vermelho vivo. A fogueira iluminava as redondezas. E as sombras dos troncos dos pinheiros projetavam imagens fantasmagóricas na escuridão.

Animado, o grupo não dava a mínima para os perigos da noite. Bebiam, comiam, gritavam, gargalhavam.

Mas um par de olhos os observava.

Uma figura esguia e sinistra, escondida atrás dos troncos, não perdia um só movimento dos festeiros. Não se importava com o frio. Não se movia. Não fazia barulho. Apenas espionava o acampamento.

Minutos e horas transcorreram lentos. Os componentes do grupo se renderam ao cansaço. Entraram para a cabana, onde o ambiente era mais agradável.

Esgueirando-se pelo chão, a estranha figura se aproximou pela lateral do acampamento. Encostou-se na lona da cabana. Podia ouvir as vozes no interior.

Sacou um punhal. Fez um corte no pano. Um buraco pequeno, mas grande o suficiente para espiar o interior.

Lá dentro, os homens de Steve ainda conversavam de forma animada. E,

vez por outra, a palavra ‘tesouro’ chegava aos ouvidos do espião.

O misterioso homem vestia um traje todo de preto. A roupa cobria até a cabeça. Apenas os olhos ficavam à vista. Bem preso às costas, carregava uma katana acomodada na bainha.

Mais alguns minutos se passaram até o espião visualizar o que procurava a tosca caixa de madeira.

Estava no chão, longe demais para ser alcançada pelos braços. Isso tornava a operação um pouco mais complicada. Precisava de mais tempo. Assim, optou por esperar as pessoas pegarem no sono.

Devido ao trabalho do dia, não demorou muito para todos estarem dormindo.

Sem fazer ruído e demonstrando ser profundo conhecedor de artes marciais. O espião foi para o lado da cabana que o deixaria mais próximo de seu objetivo. Abriu um grande buraco na lona encerada. Certificou-se de que não tinha acordado ninguém. Entrou como gato sorrateiro. Passo a passo, com movimentos perfeitos. Sequer se percebia sua respiração. Aproximou-se da antiga caixa. Pegou-a, retornou com cuidado, pisando nas próprias pegadas.

Saiu por onde entrou, desaparecendo na escuridão.

Sentia-se feliz por não ter sido visto.

No entanto, enganava-se a esse respeito.

De longe, com um binóculo de visão noturna (Inexistente na época), outro personagem acompanhava toda a movimentação do estranho. Seu anel de ouro reluzia ao fraco luar de Bamburgh.

No meio da noite, Emma começou a se sentir incomodada pelo frio. Uma brisa gelada entrava pelo buraco.

Sonolenta, com preguiça, abriu os olhos. Tentava entender o porquê do desconforto. Levantou a cabeça e viu o grande rasgo na lateral da cabana. Demorou um pouco até tomar consciência da situação. Sentou-se para ver melhor. Esfregou os olhos. Sim, havia um rombo.

— Mãe, mãe acorda.

Mary sentou-se de sobressalto.

— O que foi?

Emma apontou o buraco.

— Olha, alguma coisa entrou aqui! — Disse com a voz trêmula.

Mary arregalou os olhos.

— Meu Deus!

Acordaram os outros. Alguém acendeu um lampião.

Klaus, Steve e Tom saíram à procura de pegadas.

Sir Oliver, olhou ao redor.

“Meu Deus, o livro.”

— A caixa, desapareceu. Roubaram o nosso mapa!

John coçou a cabeça desnortado.

— Mas como pode ser isso? Apenas nós sabíamos do mapa. Por que alguém quereria uma caixa velha?

O mestre olhava pelos cantos na esperança de encontrá-la em outro lugar.

— Talvez esse seja o problema. — Falou enquanto procurava. — A curiosidade pode ter atraído o ladrão.

Parou e se virou para o estudante

— Espera aí. Você está com a placa?

John tinha embrulhado a peça em um pano e colocado ao lado do saco de dormir.

Virou-se como um autômato. E agarrou o embrulho.

As mãos se atrapalharam um pouco para se livrar do pano.

— Está aqui, graças a Deus a placa está aqui.

O mestre suspirou aliviado.

— Que bom, pelo menos não perdemos tudo.

Mary aproximou-se dos dois.

— Professor, o que o senhor acha que aconteceu? Como o ladrão sabia do mapa?

O mestre olhou para a mãe de Emma, sua testa franzida desnudava seu espírito.

— Talvez alguém do vilarejo. Muitas pessoas viram a gente tirar a caixa da muralha. Sei lá, alguém pode ter pensado que achamos ouro ou algo precioso.

Os olhos astutos de Mary fitavam Sir Oliver.

— Mas, professor, aquele mapa conduz a um tesouro.

Ele assentiu com a cabeça.

— É verdade.

Mary olhou para Emma.

— Então, nossa situação não é mais tão confortável.

Sir Oliver fitou as duas mulheres.

— Sim, a senhora tem razão, a nossa situação agora não é nada confortável.

A porta da cabana se abriu, Steve e Klaus entraram.

— Encontraram alguma coisa? — Disparou Emma.

Klaus colocou a mão ombro dela.

— Nada. Já deve fazer algum tempo que entraram na aqui. Não existem pegadas. A neve cobriu tudo.

Yuri ainda não tinha se levantado. Com esforço se sentou no saco de dormir.

— Steve, cadê o Tom?

— Você sabe como ele é turrão. Continua lá fora, procurando por alguma pista.

Sir Oliver olhou para Steve.

— Não podemos mais ficar aqui. Temos que sair o quanto antes.

— Por quê? — Perguntou Mary.

Todos os presentes focaram o mestre.

Sir Oliver não perdeu tempo.

— Porque no mapa diz que para pegar o tesouro é necessário estar com a chave. Isso, certamente, trará o ladrão de volta.

Steve puxou o revólver e mostrou para o mestre.

— Neste caso, professor, nós estaremos preparados.

Sir Oliver respirou fundo.

— Sim, sei que estamos armados. Entretanto, a pessoa que entrou aqui não se intimidou.

— É um covarde, esperou a gente dormir para entrar. — Disse Klaus.

— De qualquer modo, — ponderou o mestre, — acho melhor evitar riscos desnecessários.

Tom retornou de sua busca

— Não achei nada mesmo. O filho da puta sabe despistar.

Steve se dirigiu para o senhor Stewart

— É, professor, acho que o senhor tem razão. Melhor sairmos daqui antes que esse pessoal volte.

Sir Oliver acenou com a cabeça.

— Está bem, vamos desmontar as barracas e dar o fora desse lugar.

O ninja aproximou-se de seu superior.

— Senhor, como ordenaste, aqui está a caixa encontrada na muralha do castelo. — Disse em japonês.

O outro homem olhou com frieza para o objeto.

— Pelo que vejo, não existem peças de ouro. Nenhuma riqueza, nada!

O ninja fitava o chão para não cruzar o olhar com seu superior

— Não, senhor, apenas um livro. Mas quando vigiava os ingleses, eu ouvi, por várias vezes, eles comentarem que iriam atrás do tesouro. Além do mais, festejavam muito, o que me leva a crer que eles acharam alguma coisa.

— Você quer dizer que eles esconderam o tesouro em outro lugar?

— Não, senhor, pelo que entendi, eles encontraram um mapa?

— Mapa?

— Sim, senhor. Ouvi eles comentarem que o mapa está em uma das páginas desse livro. Tomei a liberdade de dar uma olhada. Está escrito em uma língua estranha.

O chefe era um homem de caráter duro. Trazia uma imensa cicatriz no rosto e um de seus olhos era de vidro.

Com semblante pesado e sombrio, passou a folhear o manuscrito.

— Hum... está em português. Será que os ingleses entenderam o que está escrito aqui?

— Não sei, senhor, apenas lembro que falavam de um tesouro em uma terra distante.

Alguns minutos se passaram

— Achei, — comentou o chefe — achei o mapa.

Leu com atenção o texto.

— Sim, eles conseguiram entender o que está escrito. Aqui diz “O maior de todos os tesouros”.

Leu novamente.

— Espere um pouco. O texto diz algo a respeito de uma chave. Você encontrou mais alguma coisa na caixa?

— Não, senhor, na caixa não havia mais nada. Somente o livro.

O homem fechou o diário.

— Então, eles estão com a chave.

O ninja permaneceu imóvel.

O chefe caminhava de um lado para outro a passos lentos.

— Deve ser um objeto valioso. Feito em metal nobre, talvez.

Parou e focou o subalterno.

— Hashimoto San, precisamos dessa chave.

— Senhor, — falou o ninja — eles ainda devem estar lá. Posso retornar e procurar a chave. Mas dessa vez precisarei usar a força. Talvez alguns morram.

— Temos ordens para não chamar a atenção aqui na Inglaterra. Mas esse é um caso especial.

Pensativo, caminhava em círculos.

O ninja permaneceu imóvel, aguardando instruções.

— Hashimoto San, quero aquela chave. De preferência para a discrição, mas se for preciso use a força. Traga a chave.

— Sim, senhor.

O superior não desviou seu olhar.

— Não podemos perdê-los de vista. Eles sabem demais. Na hora certa, mataremos todos.

— Sim, senhor.

— Ótimo. Com a chave em nossas mãos, decidiremos o que fazer. Agora vá, não perca mais tempo.

Takashi Hashimoto fez reverência e deixou a sala.

Já no lado de fora da pequena casa, chamou um de seus homens.

Kanji Nishiwaki ouviu atento as instruções de seu superior. E, poucos minutos depois, os dois saíram na direção do castelo.

A neve esfriava a noite. Enchia a estrada de flocos brancos e brilhantes. Era doloroso viajar naquelas condições. Por conta disso, a pequena caravana avançava devagar. William e as duas mulheres conduziam a carroça, os outros montavam seus cavalos.

John pareceu com o mestre.

— E agora, senhor Stewart, o senhor tem algum plano em mente?

Sir Oliver trazia o chapéu e o sobretudo carregado de neve fina.

— Não parei de pensar um minuto sobre o que nos aconteceu. A pessoa que entrou na cabana foi muito audaciosa. Devia estar bem armada. Talvez não estivesse sozinho. — O mestre balançou a cabeça. — Cometemos o erro da indiscrição. Não devíamos retirar a caixa da muralha com tantas pessoas olhando. Acho que agora não temos muitas alternativas.

— O senhor acha que eles vão achar o mapa no diário?

— Não sei. Espero que não. Mas precisamos estar preparados para tudo. Se o encontraram, é bem capaz de irem para o Brasil. Desse modo, se voltarmos para Cambridge, daremos vantagem de tempo ao ladrão.

John olhou para frente, sua respiração lançava tufos de vapor.

— Sim, concordo. Existe, ainda, outro problema nessa história.

O mestre apenas prestou atenção e o jovem continuou.

— Se eles descobriram o mapa, devem estar interessados na chave. Na nossa placa metálica.

— É verdade, mas para isso o ladrão precisaria entender português.

Steve entrou na conversa.

— Garanto a vocês que isso não é problema. No mundo do crime existem muitas maneiras de se conseguir uma informação. É muito fácil comprar pessoas. Traduzir um texto não seria problema.

Sir Oliver coçou o queixo.

— É verdade. Nossas alternativas ficam cada vez mais limitadas. Se ficarmos na Inglaterra, eles chegam primeiro ao Brasil. Por outro lado, sem um bom planejamento, uma viagem como essa pode ser suicídio.

John olhou para frente, pensativo.

— Ainda assim, acho melhor ir direto para lá.

Steve ajeitou o chapéu.

— Concordo. A gente planeja no caminho.

O mestre acenou com a cabeça.

— Talvez vocês tenham razão. Não podemos perder tempo.

Steve retirou a neve de seu chapéu.

— Bem, nosso plano de ir por mar foi por água abaixo. Precisamos de um plano B.

Sir Oliver concordou num gesto. E Steve continuou.

— Sugiro ir direto para Liverpool. Klaus foi marinheiro e conhece algumas pessoas que podem nos ajudar.

John ainda não confiava em Steve. No entanto, naquele momento, o objetivo era o mesmo.

— Antes, acho melhor deixar as mulheres em segurança. Ir primeiro para Cambridge me parece uma necessidade.

Steve olhou para o estudante.

— Acha mesmo que elas estarão seguras em Cambridge? Eu sei muito bem como pensam os bandidos. Emma e Mary seriam transformadas em moedas de troca. Não se esqueça de que nós temos algo que eles querem.

Sir Oliver arregalou os olhos.

— Você tem razão. Em Cambridge elas podem ficar em grande perigo!

— Só em Cambridge? Não, na Inglaterra inteira! — Falou Steve. — Deixá-las sozinhas, será muito perigoso.

— Você está propondo de levá-las para o Brasil? Isso é loucura. Lá, será até mais perigoso. — Ponderou o mestre.

— Não sei não. Acho melhor pensar sobre isso.

John olhou para a carroça.

— Precisamos conversar com elas e explicar todos os riscos.

O mestre, também focou a carroça.

— Sim, sim, concordo, temos de falar com elas.

Takashi Hashimoto e Kanji Nishiwaki eram soldados de uma antiga organização ninja. Por força da tradição, tinham ingressado ainda crianças em uma escola de artes marciais. O local era mantido por homens poderosos, comerciantes e membros do governo japonês. Foram treinados para lutar e servir à Ordem. Não conheceram outra vida senão a dos desafios e batalhas constantes.

Nessa missão, existiam para eles apenas dois finais possíveis, vitória ou morte! Conforme a tradição, não suportariam viver com a vergonha do fracasso. Nesse caso, somente a morte seria uma saída honrosa.

Quando chegaram ao acampamento, constataram que os ingleses já tinham partido.

A neve, que há algumas horas havia coberto as pegadas de Takashi, agora também escondia os rastros deixados pela caravana.

Entretanto, eles eram exímios rastreadores. Não demorou muito para os ninjas encontrarem indícios do caminho tomado pelo grupo.

Como dois cães de caça, passaram a seguir os ingleses.

Lá pelas nove horas da manhã, os pesquisadores chegaram ao vilarejo de Rothbury. A neve havia cessado, uma leve neblina tomava conta do local.

William e Yuri foram até o mercado local comprar suprimentos para a viagem.

Um pouco mais afastados, Sir Oliver, John e Steve traçavam os detalhes da viagem até Liverpool.

— Sugiro que descansemos um pouco e retomemos a viagem após o almoço. — Falou o professor.

John tirou o chapéu e coçou a cabeça.

— Precisamos encontrar uma maneira de aumentar a velocidade da nossa marcha. Pode ser que eles estejam nos seguindo.

Mary e Emma se aproximaram.

Sir Oliver entendeu que aquele seria um bom momento para partilharem

suas preocupações.

— Senhora e senhorita Balding, — iniciou o mestre — precisamos lhes falar.

Mary olhou para Sir Oliver, Emma também.

— Sim, pode falar professor. — Disse a senhora Balding.

— Estamos decididos a ir para o Brasil. Achamos que o tempo é um fator importante no episódio que estamos vivendo.

Mãe e filha depositavam toda sua atenção.

O mestre continuou.

— Porém desde a madrugada um problema nos consome.

A expressão de Mary se alterou, um vinco se formou em sua testa.

— Problema, que problema?

— Pensamos, inicialmente, em deixar vocês duas em Cambridge. Porém os ladrões podem estar nos seguindo. Talvez em busca da chave.

Emma deu um passo para trás.

— Nos seguindo?

— Não temos certeza de nada. — O professor falava devagar tentando ser o mais claro possível. — O fato é que se vocês ficarem em Cambridge, os bandidos podem querer sequestrá-las.

— Sequestrar? — Emma perguntou com voz aflita.

— Senhorita, infelizmente sim. Eles podem querer usá-las para trocar pela chave que temos.

Mary colocou a mão na boca.

— Meu Deus!

Sir Oliver fez expressão de preocupação.

— Será perigoso ficar na Inglaterra. — O mestre fez uma pequena pausa. — Mas, por outro lado, ir para o Brasil será uma aventura extenuante e, talvez, mais letal do que ficar aqui.

Com olhos arregalados, Mary focou sua filha.

— Estou confusa, o que acha que devemos fazer?

Sir Oliver puxou o ar com força.

— Senhora Balding, me parece que ficar na Inglaterra é a melhor opção. Só que vocês não podem voltar para Cambridge. Não importa o lugar, deverão ficar muito atentas.

Klaus, que acompanhava a conversa, deu sua opinião.

— Acho melhor vocês virem com a gente. Pelo menos estaremos todos juntos.

Os olhos de Emma se tornaram úmidos, um misto de medo do desconhecido com o desconforto da separação.

Não queria ficar longe de sua mãe nem de Klaus.

— O que você pretende fazer mãe? — Sua voz saiu carregada de aflição.

Mary olhou para Klaus, em seguida para Emma. A dúvida se agigantava em sua mente.

— Filha, eu vou aonde você for.

Emma olhou para Klaus.

— Por favor, fica com a gente. Pode ser que não tenha nada lá no Brasil.

O prussiano girou na direção da moça

— Emma, meu amor, essa pode ser a grande chance da minha vida. Talvez a única forma de poder dar a você a vida que merece.

Steve colocou uma mão no ombro de Klaus e outra no ombro de Emma.

— Eu sempre acreditei que unidos somos mais fortes. Sugiro irmos todos juntos para o Brasil. E, uma vez lá, podemos decidir com maior clareza o que fazer.

Mary leu nos olhos de Emma sua vontade de ir com o namorado.

— Acho que você tem razão. É melhor ficarmos juntos.

William e Yuri retornaram do mercado e colocaram algumas mercadorias na carroça.

O russo se espreguiçou.

— Steve, eu vou levar o meu cavalo até o ferreiro. É que uma das ferraduras não tá boa não.

O professor pegou seu cachimbo.

— Bem lembrado. Seria bom verificar as ferraduras dos outros animais também. Vou com senhor.

Perguntaram a um morador do local onde era o ferreiro.

Na rua estreita, cada um puxando seu animal pelas rédeas. Caminhavam devagar em direção ao comerciante.

Era uma cidade pequena e o dono do estabelecimento não tinha o que fazer. Assim, atendeu os forasteiros sem perder tempo.

Enquanto o ferreiro trabalhava, Sir Oliver andava pelo lugar prestando atenção aos objetos nas prateleiras. Havia vários produtos destinados à venda.

Parou e fixou o olhar em um ponto em particular.

Estendeu a mão e pegou um objeto.

Era uma enorme chave medieval de uns trinta centímetros de comprimento.

Virou-se para o comerciante.

— Quanto quer por esta chave?

O homem levantou o olhar.

— Bom, isso aí não tá à venda. Vou derreter pra usar o metal.

Sir Oliver voltou a fitar o objeto.

O ferreiro seguiu o olhar do mestre e percebeu seu interesse.

— Quanto o senhor me paga por ela?

Algumas horas antes.

Mesmo com a escuridão da noite. Com a neve que caía sem parar. Os dois ninjas seguiram firmes os rastros deixados pelos ingleses. Não era uma tarefa fácil. Pois os perseguidos evitavam a estrada. Cortavam os campos na direção sudeste. Às vezes mudavam de direção e tentavam apagar as evidências de sua passagem.

Estava claro que eles sabiam que eram seguidos.

A preocupação de Takashi era o grupo se dividir. Por isso, mantinha atenção total em cada trecho do caminho. Cada floco de neve remexido contava uma história. As evidências indicavam que eles seguiam para o vilarejo.

Quase ao amanhecer, a neve parou. Isso facilitou o trabalho de rastrear. E, à medida que avançavam, os rastros ficavam mais salientes. Próximo da entrada do vilarejo, em meio à neblina, os ninjas avistaram os pesquisadores.

Takashi deu um sorriso contido.

— Lá estão eles. Acho que farão parada em Rothbury.

Orientais não eram muito comuns na Inglaterra. Fato que dificultava o disfarce. Porém Takashi não podia perder o grupo de vista. Se fossem vistos pelos ingleses, as coisas poderiam complicar bastante. Perderiam o elemento surpresa.

Não podia arriscar expor sua posição. Como mestres na arte da espionagem, Takashi e Kanji estavam preparados para aquela situação. Traziam consigo roupas de camponeses ingleses. Se trocaram e esconderam os rostos atrás dos capuzes.

Klaus e Steve pegaram seus cavalos e retornaram uns quatro quilômetros, pelo caminho em que vieram. Preocupados com os acontecimentos da noite, queriam ter certeza de que não estavam sendo seguidos.

Nada, não encontraram nada.

Steve parou seu cavalo.

— O que você acha Klaus?

O prussiano ajeitou o chapéu.

— Se estiverem nos seguindo, são muito bons. Não deixam rastros. Mas sinto nos ossos que estão nos espionando.

Steve acenou com a cabeça.

— Eu também. Vamos voltar e ficar com os olhos bem abertos.

Puxaram as rédeas e galoparam rumo a Rothbury.

As ferraduras ficaram prontas e os aventureiros acertavam os últimos detalhes para partir.

O ambiente era de preocupação. Ninguém falava muito. Fechados, com semblantes carregados. Pensamentos ruins atormentavam os espíritos de todos.

Steve montou em seu cavalo.

— Vamos, — instruiu seu grupo, — fiquem atentos, não descuidem da retaguarda.

Sir Oliver conduzia a carroça, Yuri e Mary viajavam ao seu lado. Todos os outros seguiam a cavalo.

Deixaram o vilarejo por volta das treze horas, tomando o rumo de Liverpool.

À medida que caminhavam, a apreensão aumentava se tornando mais e mais forte. Era um misto de medo com ansiedade. A caravana avançava devagar por conta dos obstáculos do caminho. Os homens traziam as armas em punho. Engatilhadas. Prontas para matar.

As horas passaram com preguiça. O tempo, aos poucos, fez com que eles relaxassem.

Descontraíram. Baixaram a guarda.

O sol se punha no horizonte.

Steve pareceu com a carroça.

— Professor, temos um problema.

— Problema? Qual?

— Precisamos parar para que os animais descansem.

— É verdade, já tinha pensado nisso.

Steve coçou o nariz.

— Só que não podemos acender fogueira. O senhor sabe, o fogo nos tornará muito visíveis.

— Sim, eu sei. Está vai ser uma noite fria. — Falou o mestre

Steve deu uma olhada para trás depois voltou a focar o professor.

— Fria e tensa. Acho que esta é a parte mais difícil. A escuridão tira a nossa vantagem.

Sir Oliver assentiu sem dizer palavra.

O astro-rei sumiu atrás dos morros. As sombras da noite cobriam a Inglaterra. O aroma do frescor noturno enchia as narinas. Essências de ervas e terra úmida se misturavam com o cheiro dos animais.

Um grito rasgou o ar. Um corpo caiu no chão. Os cavalos relincharam.

Sir Oliver olhava aflito para os lados.

— O QUE FOI ISSO? — Gritou.

Caos.

Emma e Klaus cavalgavam lado a lado. O prussiano saltou de seu animal e puxou a moça para o solo.

Um tiro atravessou o ar. A adrenalina corria solta pelas veias.

Dois animais fugiram em disparada.

O Cavalo de William emitiu um guincho medonho e empinou assustado. O estudante caiu e bateu a cabeça.

Todos se lançaram para o chão.

Eram vítimas de um ataque bem planejado.

Tom fora atingido e tremia em convulsões.

Estavam espalhados, distantes entre si. Quase não tinham contato visual um do outro.

Outros tiros sibilaram pelo ar.

Steve atirava a esmo para várias direções. Ninguém conseguia definir onde estava o inimigo.

O silêncio voltou a reinar.

Outro grito de dor.

Terror. Medo. Aflição.

Sir Oliver viu que John também tremia no chão.

A situação piorava a cada instante. Sequer sabiam quantos eram os agressores.

Apavorada, Emma só pensava em sua mãe, não conseguia vê-la. Também não conseguia se mexer, pois Klaus colocara seu corpo sobre o dela, limitando seus movimentos.

Num ato desesperado, o mestre gritou:

— SE QUEREM A CHAVE NÓS A ENTREGAMOS! POR FAVOR, NÃO ATIREM.

Silêncio, podia-se ouvir a própria respiração.

Pesados segundos passaram. Os nervos trincavam e os músculos enrijeciam como pedra.

O inimigo respondeu.

— SE QUEREM VIVER, JOGUEM A CHAVE NO ARBUSTO À SUA DIREITA. — Alguém falou com forte sotaque japonês.

Os olhares se dividiram entre a direção de onde vinha a voz e a arvorezinha indicada.

Sir Oliver sentia o coração bater em sua garganta.

— VOU ME LEVANTAR. ESTOU COM A CHAVE NA MÃO. ESTOU DESARMADO.

— DEVAGAR. FAÇA ISSO DEVAGAR. — Respondeu o invisível.

O professor se levantou com as mãos erguidas. Em uma delas, a chave medieval. Deu alguns passos em direção ao arbusto. Seu corpo tremia. O medo invadiu sua alma. Mas não havia outro caminho. Engoliu em seco e se aproximou um pouco mais. Lançou o objeto.

— AGORA SAI DAÍ. — Voltou a falar o desconhecido

Naquele momento, muitas dúvidas invadiram o coração do mestre.

“E se perceberem que esta não é a verdadeira chave?”

“E se eles me viram comprando este ferro velho em Rothbury?”

“Meu Deus, isso pode custar a vida de todos”

“Será que agi certo?”

O professor retornou devagar. Deitou-se no chão e aguardou.

Steve apontava a arma para o arbusto. Tinha esperança de que o estranho se mostrasse ou ficasse exposto por um mínimo que fosse.

— Steve, abaixe a arma. — Ordenou o mestre.

Nada poderia ser mais desastroso naquele momento do que um tiro.

Meio a contragosto, Steve atendeu e guardou seu revólver.

— CALA A BOCA. NÃO TENTA NADA. — Gritou o inimigo.

Após alguns segundos de silêncio, os homens perceberam um leve movimento no arbusto. O estranho continuava invisível. Usou uma ferramenta para apanhar a chave.

Tensos minutos escoaram.

Tom e John gemiam de dor. Tremiam e se debatiam.

— PODEMOS LEVANTAR? — Gritou o professor.

Não obteve respostas.

Sir Oliver se levantou devagar, com as mãos para cima.

Ficou um tempo parado.

Silêncio.

Correndo os olhos por todos os lados, os homens foram se levantando.

Sir Oliver e Mary correram para socorrer os três caídos.

William estava apenas desmaiado. Já Tom e John sofriam de algo desconhecido. Não tinham ferimentos visíveis. Mas os surtos de tremor não diminuía.

Às pressas e meio desajeitados, Raskolnikov e Steve improvisaram uma cabana.

Sir Oliver, Mary e Emma cuidavam dos feridos.

Joseph Tylor e Klaus foram os que se arriscaram mais. Saíram atrás dos cavalos que tinham fugido, seria impossível continuar a viagem sem eles.

Acenderam uma fogueira para amenizar o frio que se intensificava.

William recobrou a consciência e se aquecia próximo ao fogo.

Os tremores dos dois homens se espaçavam, porém eles permaneciam desacordados.

A febre alta indicava que corriam risco de vida.

Steve entrou na cabana.

— O que aconteceu com eles, professor Stewart?

Sir Oliver estendeu a mão.

— Encontramos isto fincado na pele dos dois

Eram dois minúsculos dardos. Feitos à mão, se pareciam com espinhos.

— O que é isso? Dardos envenenados?

— Sim, os sintomas que os dois estão apresentando são característicos de alguns tipos de peçonha de cobra.

Steve respirou fundo.

— Caralho. Eles vão viver?

O professor olhou para os dois.

— Ainda não sei. Estou rezando por isso, mas neste momento o estado deles não é nada bom. O que me preocupa agora é a febre que vem aumentando. As próximas horas serão decisivas para eles.

Steve achou a resposta evasiva. Continuou olhando para mestre a espera de mais informações.

Sir Oliver olhou para o chão.

— Este veneno é muito forte. Poucos sobrevivem.

Takashi pegou a chave, olhou para o objeto.

“Será que é essa a chave? Bem, o mestre disse que seria algo valioso.”

Elevou a cabeça e focou os ingleses.

“Isso aqui é bem velho. Talvez fosse preciosa no tempo em que foi colocada na caixa.”

“Merda. Se eu estivesse no Japão. Matava todo mundo e revirava tudo, até achar o que eu queria.”

Coçou a cabeça.

“Preciso ser prático. Tenho ordens do mestre para usar a força só em último caso.”

A missão dos japoneses no Reino era roubar ouro. Levantar recursos para financiar a causa de seu Clã. Entraram clandestinos na Inglaterra. E, se fossem descobertos, sua missão principal fracassaria. O grupo seria uma vergonha para seu Clã.

“Sim, acho que estou fazendo a coisa certa. Não faz sentido chamar a atenção da polícia com uma matança.”

Outra coisa martelava sua cabeça. Não queria ter falado com os ingleses. Não dominava a língua inglesa e, por consequência, seu sotaque o denunciava. Agora, sabiam que ele era japonês.

Balançou a cabeça em negação.

— Nishiwaki san, leve essa chave ao mestre. Pergunte se é isso que procuramos. Ficarei aqui e observarei os ingleses. Aguardo seu retorno.

Kanji pegou o objeto com as duas mãos.

— Sim, senhor.

— Agora vá, se eles se moverem, deixarei rastro para você nos alcançar.

O guerreiro colocou a chave no bolso, fez um cumprimento ao modo japonês e saiu correndo, de volta para Bamburgh.

Sentia frio, muito frio. As ondas de tremor eram incontrolláveis. Dores musculares percorriam o corpo todo. Dores tão fortes que ele preferia morrer de

uma vez. John não conseguia se mover. Nem mesmo abrir os olhos.

Ouvia, ao longe, a voz do professor. Preocupado com os feridos, temia por suas vidas. Ouvia também a voz da senhora Balding. Com horror, John compreendeu que vivia os últimos momentos de sua vida.

Perdeu a consciência. Se entregou a pesadelos sombrios e carregados de medo

Fantasmas de toda ordem surgiam para caçoar de sua situação miserável

Lembrou-se de sua infância em Londres. Reviu os momentos mais importantes de sua vida, as brincadeiras nas margens do Tamisa, os passeios dominicais.

Banhado em suor, sentia que sua existência chegava ao fim.

“Morte, será que morrer é isso?”

Lembrou-se de seus pais e a emoção tomou conta de sua mente. Mas a paralisia era tamanha que nem as lágrimas puderam sair. Chorou em pensamento.

“Me desculpe pai, mãe. Perdão. Adeus. Perdoem por eu morrer tão cedo.”

Exausto, entregou-se ao sono profundo.

Abriu os olhos num sonho iluminado.

Era uma floresta com folhagens em tons laranja e rosa.

Um grande rio transmitia paz. Ao longe, flutuando no céu avermelhado, imensas construções em forma de cálice.

Olhou para baixo. Divisou uma floresta densa. Algo chamou sua atenção.

Um enorme cavalo galopava em sua direção. Era um monstro de uns quinze a vinte metros de altura. Suas crinas eram feitas em labaredas. De suas narinas saíam chamas. Quando suas patas tocavam o chão, tufo de fumaça e fogo consumiam tudo ao redor. Os olhos vermelhos o fitavam, como se quisessem entrar em sua alma.

John sentiu que não podia escapar. Então, como último recurso, cobriu seus olhos com o antebraço. Esperava dor. Esperava a morte. Esperava deixar de existir. Deixar de ser.

No entanto, o silêncio voltou. Abriu os olhos e o cavalo tinha desaparecido.

Olhou em redor. Estava de volta à cabana. Amarrado. Yuri tinha acabado de se sentar no banquinho.

Num gesto amistoso, ele tinha retirado sua mordação. Ia falar alguma coisa, mas caiu desmaiado. William também desmaiou.

Foi quando aquele homem entrou protegido por sua máscara. O homem do anel de ouro.

Sim, agora podia ver com clareza. O anel era um símbolo. Um octopus com cabeça de cobra.

Seus olhos se arregalaram.

“A Seita da Cobra!”

Balançou sua cabeça e estava de volta na floresta alaranjada

Seguiu seu instinto, virou-se para o lado.

Entre as árvores, viu a silhueta de uma mulher. Ela o observava com curiosidade.

A passos lentos, caminhou na direção dela. Os grandes olhos azuis da jovem o fitavam. Sentiu o coração acelerar. De onde conhecia aquele olhar?

Sorriu para ela.

A menina retribuiu o sorriso num gesto meigo e carinhoso.

Capítulo 7

O sol poente da primavera espargia tons entre o vermelho e o amarelo-ouro por todo o firmamento.

A cabeleira branca denunciava seus 80 anos ou mais. Sentado em um tronco, Kaluanã admirava, embevecido, as cores do céu.

Trazia o coração perdido nas lembranças do passado.

A vívida imagem da aldeia dava a impressão de que, se ele esticasse os braços, poderia tocar as pessoas, as ocas, os animais.

Podia até ouvir a algazarra da criançada. A aldeia pululava em vida.

Seu coração saudoso cruzou com aqueles olhos castanhos escuros.

“Airumã, como você tá linda!”

Sua amada surgiu em sua mente.

Há muito que Deus já a tinha levado ao paraíso.

Kaluanã não conseguiu segurar. Chorou.

Ninguém na rua notou as lágrimas no rosto sofrido do velho índio.

Amanheceu. O sol brilhava tímido no horizonte.

A noite fora longa e sofrida. Os acontecimentos da tarde anterior colocaram todos em alerta. Qualquer ruído era motivo para horas de preocupação. Além do mais, os dois feridos passaram por altos e baixos. Por vezes, pensaram que eles não sobreviveriam.

Foi só perto do nascer do sol que a febre começou a ceder.

Sir Oliver, não pregou os olhos durante toda a noite. Mary, Emma e Steve se revezaram para ajudá-lo a cuidar dos envenenados.

Tom abriu os olhos devagar.

— Diabos, eu tô vivo ou morto?

O professor sorriu de leve.

— O senhor está vivo. Mas foi por pouco.

— Arrr, que inferno. O que aconteceu? Caralho, não lembro de nada?

Sir Oliver deu uma baforada em seu cachimbo.

— Um dardo envenenado. Veneno de cobra, eu acredito. Talvez escorpião.

Mas, para sua sorte, a dose foi bem pequena.

Tom tentou se levantar, mas desabou em seguida.

— Veneno? Caralho, aquela bosta doeu pra cacete!

— Eu diria que vocês dois têm sorte por estarem vivos. — Falou o professor.

Tom olhou para os lados

— Dois? Quem mais se fodeu?

— Acertaram o senhor McBrian também.

Tom fez cara de dor.

— Pobre moleque.

Steve entrou na barraca.

— Tom, você acordou! Como tá se sentindo?

O enfermo focou o amigo

— Fudido, cara, tô me sentindo todo fudido. Parece que fui atropelado por uma carruagem de oito cavalos!

— Puxa, não deve ter sido fácil. — Falou o chefe do bando.

Steve se virou para o mestre

— E o menino, como ele tá, professor?

Sir Oliver olhou para John.

— Agora está bem melhor, já não tem febre. Acho que, em mais uma hora, ele deve acordar também.

Steve se sentou.

— Professor, não tivemos muito tempo pra conversar. O senhor acha que eles engoliram a história da chave?

Sir Oliver fez uma cara de dúvida

— Acho que, por enquanto, sim. Mas não podemos ficar esperando para ver se eles voltam.

— Quantos o senhor acha que eram?

— Não faço ideia. Talvez uns quatro ou cinco. Uma coisa eu tenho certeza, eles são profissionais.

Steve coçou o queixo.

— Como será que eles nos cercaram? Como fizeram isso sem a gente perceber?

— Fiquei com isso na cabeça também. Acho que eles estavam sem cavalos. Senão, teríamos ouvido o barulho dos cascos.

— É verdade. Eles só nos alcançaram porque a carroça nos deixa lentos demais.

O mestre deu mais uma baforada.

— Sim, sim. Tem mais uma coisa. Acredito que eles ainda estejam lá fora. Nos espionando. Esperavam uma chave valiosa. Entregamos um ferro velho. Temo que este episódio ainda não terminou.

— Isso é bem possível.

O professor olhou para fora da cabana improvisada e voltou a fitar Steve.

— Se eles estiverem sem cavalos, talvez possamos nos livrar deles de uma vez por todas.

— Qual a ideia do senhor?

— Deixamos barraca montada. Carroça, equipamentos, tudo. Você sabe, para dar a impressão de que ficaremos mais tempo. Eles sabem que temos os feridos para cuidar. A ideia é causar confusão. Como os animais estão descansados. Montamos e cavalgamos a toda velocidade. Levamos só o que pudermos carregar. Depois de uns dez minutos, tomamos a direção de Darlington. Sem cavalos, eles nunca nos alcançarão.

Sir Oliver colocou o cachimbo de lado e continuou.

— Uma vez em Darlington, nos dividimos. Eu e mais uma ou duas pessoas vamos para Cambridge. Precisaremos de recursos para cruzar o oceano. Acho que consigo isso com a reitoria do King's College. Os outros seguem direto para Liverpool e esperam lá.

— O senhor pretende falar sobre o mapa?

— Não, depois do que passamos na noite passada, se sairmos vivos, não falarei mais nada sobre esse maldito mapa.

— Ótima ideia.

O mestre voltou a focar o jovem estudante.

— Só precisamos esperar os dois se recuperarem mais. Afinal, eles precisarão cavalgar.

Steve concordou com a cabeça.

Sir Oliver voltou a fitar o chefe do bando.

Se eles estiverem em condições, podemos sair em duas horas. Desse modo, chegaremos a Darlington ao anoitecer. Pernoitamos lá e, amanhã cedo, nos dividimos.

— Está certo, vamos torcer para os dois se recuperarem rápido.

Mesmo para um ninja, o frio da noite de Northumberland era muito severo. Além do mais, estava cansado e precisava dormir.

Depois de algum tempo de observação, percebeu que os ingleses não partiriam tão cedo. Eles tinham acendido uma fogueira. E não abandonariam os feridos.

Procurou um lugar mais seguro. Improvisou um abrigo. Deitou-se, cobriu-se com folhas e dormiu.

Acordou de sobressalto. O dia já tinha clareado. Levantou-se devagar, não queria ser visto.

Ficou tranquilo ao ver que os ingleses permaneciam no acampamento.

Tinha de tomar muito cuidado. O Sol brilhava e não havia neblina. Na luz do dia ele ficaria muito mais vulnerável. Além do mais, Kanji só chegaria por volta do meio-dia.

Decidiu continuar ali por mais tempo. O local combinado com Kanji era perto e não fazia sentido arriscar sair de seu esconderijo.

Passaram-se duas ou três horas. Àquela altura, os dois homens, atingidos pelos dardos, já deveriam ter se recuperado.

Ouviu um barulho.

Levantou a cabeça para ver melhor.

Demorou um pouco para entender.

Os ingleses montaram seus cavalos. Alguns levavam mochilas nas costas. Picaram os animais e saíram em disparada deixando o acampamento para trás.

Nos primeiros cinquenta quilômetros de fuga, eles sacrificaram bastante os animais. Os cavalos foram quase à exaustão. Então, diminuíram o ritmo. Pararam por uma hora. Se alimentaram e cuidaram dos animais. Depois de refeitos,

retornaram para a viagem. Mantendo um ritmo adequado.

O trajeto até Darlington foi tranquilo. Não houve nenhum incidente. Ao final da tarde, eles já cavalgavam pela movimentada cidade.

Sem perder tempo, procuraram por uma pensão.

Sentiam-se aliviados da tensão do dia.

Emma, depois de horas, conseguiu dar um sorriso. Disfarçou e deu uma leve cheirada nas axilas. Se esforçando para que ninguém percebesse.

“Deus, a coisa não tá fácil aqui!”

— Estou precisando de dois banhos, — confidenciou para sua mãe — pois um só não será suficiente.

— Nem te digo, minha filha, mas acho que nunca na vida estive em um estado tão deplorável.

— Mãe, você até que tá bem. Meu caso muito é pior. Sinto vergonha de chegar perto do Klaus.

Mary sorriu.

— Entendo, minha filha, entendo.

Os homens de Steve não hesitaram e foram direto para uma taverna próxima.

Precisavam algo forte para beber.

— Vamos, Tom, — disse Joseph Tylor, — vamos tomar alguma coisa melhor do que veneno de cobra.

Tom sorriu com o canto da boca.

— Cara, pra curar esse maldito veneno só mesmo uma boa garrafa de Gin.

Olhou para o lado. John descansava em um canto

Caminhou até o rapaz. Tocou de leve no ombro do estudante.

— John, sei que não começamos muito bem. Queria dizer que...

John olhou para Tom sem falar nada.

O ladrão continuou.

— Que Diabos. Não sou bom com palavras. Quero dizer que fiquei feliz de você ter se safado daquela bosta de dardo.

Deu um sorriso torto e coçou a barba.

— Nós vamos beber alguma coisa, você não quer vir com a gente? Acho que tá precisando experimentar um veneno bom.

John pensou um pouco.

“Sei lá, ontem quase morri. E nem sei direito o que é uma bebida alcoólica.”

“A gente não é dono do destino.”

“Num momento estamos aqui, no outro podemos não estar.”

— Vamos lá, estou precisando mesmo tomar alguma coisa diferente.

Yuri chegou dançando, balançado a barriga.

— Vocês dois são dois molengas, levam uma picadinha e passam uma semana com tremedeirinha. Ah! Isso é coisa de bundão.

Tom fechou a carranca.

— Ah! Seu russo barrigudo do inferno. Vou fazer você engolir aquele maldito espinho pelo cu.

Yuri ria de gargalhar

O rosto de Tom relaxou e ele quase riu também.

— Isso, ria, maldito, se fosse com você, aposto que estaria com esse barrigão tremendo até agora.

Sir Oliver reservou três quartos para pernoitarem. Um para as mulheres e os outros dois dividiriam entre os homens. O quarto de Mary e Emma era mais confortável e possuía seu próprio banheiro.

Mãe e filha não perderam tempo e foram direto para o aposento.

No bar, John até experimentou o Gin.

— Puxa, isso é muito forte. Não dá para tomar tudo.

Yuri ria de balançar as bochechas vermelhas.

— Não gostô não, deixa que eu resolvo o problema.

Pegou o copo do estudante e virou de uma vez.

Sir Oliver e William também tinham ido para a taverna. E, tal como John, não conseguiram beber quase nada.

O mestre se levantou da mesa.

— Senhores, se me derem licença, vou para o meu quarto descansar um pouco antes do jantar.

John se pôs de pé e sentiu que estava meio zozinho.

— Eu vou com o senhor.

William seguiu os dois e também decolou de sua cadeira.

Steve olhou para eles.

— Professor, vou ficar mais um tempo por aqui. Acho que cabe mais um pouco de gin na minha barriga.

— Claro, claro, fiquem à vontade.

Eles fizeram um sinal afirmativo com a cabeça. Os pesquisadores deixaram o bar em direção à pensão.

Foram menos de dez minutos de caminhada até entrarem no quarto.

Sir Oliver aproveitou para acender seu cachimbo.

— Senhores, algum de vocês imaginava todos esses acontecimentos?

John sentou-se em uma das camas.

— Em hipótese alguma. Essa está sendo a maior aventura da minha vida!

William se esparramou na outra cama.

— Espero que tenhamos despistado aqueles bandidos.

Sir Oliver deu uma baforada.

— É eu também espero.

John pegou a placa metálica.

— Senhor Stewart, o que acha que é isto?

— Senhor McBrian, o que mais me espanta nesse objeto é a leveza. Embora tenha aparência de metal, seu peso é equivalente a uma folha de papel! Não consigo imaginar do que é feito e para que sirva.

— Será que essa é a chave mencionada naquele livro?

— Só existia essa placa e o livro dentro da caixa. Portanto, eu acredito que sim, penso que esse pedaço de metal seja a chave. E é por esse motivo que eu vou até o Brasil.

Ele deu mais um trago e continuou.

— Contudo, não creio que a função dela seja abrir alguma coisa.

William se sentou interessado.

O mestre continuou.

— Acho que em algum lugar daquela terra deva existir uma jazida desse metal. E isso sim seria um grande tesouro.

John levantou os olhos e focou o mestre.

— Como assim professor?

— Pense um pouco, se encontrarmos uma jazida. Poderemos agir de forma legal. Comprar a propriedade. Extrair amostras para pesquisas científicas. Vocês sabem, testes de resistência, densidade, temperatura de fusão e coisas assim. O próximo passo seria vender aos construtores de máquinas, locomotivas, barcos e industriais em geral. Todos nós ficaríamos muito ricos.

William se ajeitou na cama.

— O senhor acha que as pessoas que roubaram aquele livro também irão ao Brasil?

— Sim, acho que sim. Eles têm o mapa e as mesmas coordenadas. Entretanto, assim como nós, não sabem o que procurar. Acredito que irão atrás de uma arca cheia de ouro. Nós estamos com a vantagem de ter essa placa conosco. Nosso leque de opções é maior.

Sir Oliver deu mais uma baforada no cachimbo e o apagou. Levantou de sua cadeira e se espreguiçou, tentando afastar o cansaço.

— Bem senhores, eu peço licença para me retirar, pois estou precisando de um banho.

Mais à noite, eles se reuniram para jantar na taverna. O clima era de descontração. Combinaram não trocar qualquer palavra em público sobre a viagem. Nem fazer qualquer alusão ao tesouro.

Com os revezes do dia, a união de Klaus e Emma fortaleceu. O mesmo fenômeno alcançava pesquisadores e ladrões. Aos poucos, por causa de objetivos comuns, o grupo se tornava mais coeso.

O dia longo se fez sentir na forma de cansaço. Após o jantar, retornaram juntos para a pousada. Sentiam saudades de uma cama quente.

Amanheceu, e o dia reclamou atitude. A hora pedia determinação.

Sir Oliver juntou suas coisas.

— Muito bem, quem vem comigo para Cambridge?

John se adiantou.

— Senhor Stewart, ou vou com o senhor.

— Ótimo.

Steve olhou para os pesquisadores.

“E se eles estiverem preparando uma cilada pra nós? Preciso estar por perto.”

Deu um passo à frente.

— Eu também vou.

Sir Oliver assentiu com a cabeça.

Klaus, abraçado a Emma acompanhava a cena.

— Professor, — disse o prussiano — ainda hoje nós partimos para Liverpool.

— Ótimo, o quanto antes melhor. Acredito que serei rápido e Cambridge. Acho que não terei problemas em conseguir recursos para nossa viagem ao novo continente.

Caminharam até o estábulo e colocaram as selas nos animais.

Os três montaram em seus cavalos. Despediram-se. Deixaram Darlington, rumo à cidade de Cambridge.

Ao ver os ingleses saírem a toda velocidade, Takashi percebeu que não tinha como alcançá-los. Decidiu então esperar Kanji e saber quais seriam as novas ordens. Se fosse necessário, eles rastrearão os ingleses novamente.

Não precisou esperar muito. Pouco tempo depois, Kanji Nishiwaki retornou.

Curvou-se em reverência.

— Hashimoto san, mestre Tsujimura sama recebeu a chave.

— E o que ele achou daquele objeto?

Kanji tomou fôlego.

— O mestre não falou muito. Observou por um tempo e disse que esperava algo parecido. Aquela é a verdadeira chave.

Takashi apontou com destra.

— Os ingleses fugiram. Esperaram os feridos melhorarem. Deixaram tudo pra trás. Levaram apenas carga leve. Talvez tenham ido buscar reforços.

Kanji não falou nada.

Takashi focou o rapaz.

— Quais são as ordens de Tsujimura sama?

— Devemos retornar à base. Mestre Tsujimura sama quer fazer os preparativos para viajarmos para o Brasil. O mestre acredita que as coisas lá estarão mais complicadas. Mas ele quer o tesouro.

— Então, voltemos sem demora.

Depois de exaustivos dias de viagem, o grupo chegou a Liverpool. Não tinham mais nada para fazer, a não ser esperar pelos outros três. Klaus calculava que demorariam, pelo menos, uns dez dias. Seguiram o combinado e se hospedaram em uma pensão.

No dia seguinte, o astro-rei aquecia a cidade. Ao longe, o canto das gaivotas chamava a atenção para a beleza natural daquele lugar.

Emma espreguiçou. Levantou-se sonolenta. Abriu a janela de seu quarto. A luz do sol nascente inundou o pequeno aposento. Mary, que se demorava na cama, despertou com o clarão. Sentou-se no colchão.

— Que dia lindo.

— É verdade, mãe, o dia tá maravilhoso!

Toc, toc, toc.

Alguém bateu à porta. As duas entreolharam-se. Focaram a velha peça de madeira que fechava a entrada.

Mary se levantou e deu dois passos.

“Meu Deus, será que são os bandidos?”

— Quem é?

— Sou eu, senhora Balding, Klaus. Emma já acordou? Queria convidá-la pra passear.

A jovem sorriu.

— Sim, já acordei.

Olhou para sua mãe com olhos brilhantes.

— Aguarde um momento, vou me vestir.

— Sim, não precisa se apressar, esperarei aqui. — Foi a resposta vinda de fora.

Emma limpou o vestido surrado. Era a única peça de seu vestuário que tinha sobrado. Vestiu-se com a ajuda de Mary.

Abriu a porta.

O musculoso ex-marinheiro, encostado ao batente da porta, se distraía com os desenhos do antigo piso de cerâmica.

Se aprumou.

— Você tá linda.

Um sorriso radiante iluminou o rosto de Emma.

— Você acha?

— Não, linda é pouco, tá deslumbrante!

Emma corou.

“Nossa, você é que tá demais!”

Klaus viu Mary. Se curvou.

— Bom dia, senhora Balding.

— Bom dia Klaus.

Ele sorriu desajeitado e voltou a olhar para sua namorada.

— Amanheceu bonito. E eu pensei que poderíamos passear um pouco. Sei lá, ir até a praia, caminhar. O que acha?

Emma olhou para a janela por um instante e voltou a fitar o prussiano.

— Obrigada, pelo ‘deslumbrante’, você é muito gentil. Quanto ao convite, eu adoraria passear.

Emma se virou para Mary.

— Mãe, nós vamos andar um pouco, quer vir com a gente?

— Muito obrigada, filha, mas prefiro ficar por aqui. Vão passear vocês. Isso fará bem para os dois.

— Tá bem, então. Estaremos de volta lá pela hora do almoço.

Mary acenou com a cabeça.

— Não precisam se apressar. Teremos de esperar vários dias aqui em Liverpool. Tomem cuidado!

O jovem casal deixou a pensão. Eles Seguiram a pé em direção à praia.

De mãos dadas, caminhavam a esmo. Ouviam o murmúrio doce das ondas, se quebrando na areia. A brisa, que vinha do oceano, refrescava e despertava sensações sutis.

Klaus segurou a mão dela com força.

— Emma, eu queria te falar uma coisa.

Ela parou e virou-se para ele.

— Diga, meu amor.

Ele passou a mão pelos cabelos, despenteados pelo vento. Lançou um olhar para o oceano e voltou a fitar Emma.

Seu olhar era profundo e sério.

— Eu não sei o que nos espera no Brasil. Às vezes temo por você. E também por sua mãe. Sei que não estão acostumadas a esse tipo de aventura. Por outro lado, ficar na Inglaterra pode ser ainda pior.

O olhar de Emma também ficou sério.

— É verdade, eu sei disso. Mas se você tá tentando me convencer a ficar...

— Não, — interrompeu o prussiano — não, eu quero você do meu lado. Na verdade, eu queria...

Ela ajeitou o cabelo. E o segurou, para tirá-lo dos olhos.

— Sim?

Klaus respirou fundo.

— Emma, você quer se casar comigo?

— Casar?

— Sim, quero dizer, depois de voltarmos do Brasil, com o nosso tesouro.

Os olhos dos dois se buscavam como que por magnetismo.

— Klaus, o meu coração é seu, é lógico que eu aceito.

Ele sorriu e apertou a mão dela com mais força.

— Quero casar logo. De preferência, antes de partirmos.

O coração de Emma ficou dividido.

“Puxa, mas assim, na correria?”

Baixou o olhar.

O que foi? — Perguntou Klaus.

— Eu adoraria casar com você agora. Mas... sei lá, queria ter tempo pra planejar, convidar amigos, festejar.

Ele sorriu.

— Sim, você tem razão. Voltaremos ricos do Brasil e faremos uma enorme festa.

Ela o abraçou forte.

— Obrigada, meu amor. Isso é importante pra mim.

Ele acariciou o rosto dela

— O que é bom pra você é bom pra mim também.

Se beijaram ao som de um bando de gaivotas que procuravam peixe fresco.

Dez dias depois.

Sir Oliver, Steve e John chegaram de Cambridge com recursos para a viagem. Com dinheiro novo, foi fácil fazer todos os preparativos.

Mais dez dias escoaram pela ampulheta da eternidade.

Um navio a vapor partiu de Liverpool com destino ao Rio de Janeiro. Levava em seu bojo os aventureiros de Cambridge e muitos outros passageiros.

Entre esses, um homem que usava um anel de ouro.

Capítulo 8

Naquela época, não havia muito que fazer dentro de um navio. Os dias passavam devagar. Restava aos viajantes apreciar a paisagem monótona, conversar e contar histórias.

Este cenário, porém, teve sua utilidade. Serviu para que os pesquisadores, as duas mulheres e o bando de Steve se conhecessem melhor. E laços de amizade foram se formando.

Não foi nada fácil para John e William esquecerem os dias em que ficaram amarrados na cabana. Mas, aos poucos, aquelas memórias perdiam força e desvaneciam no passado. Além do mais, as terras do Brasil seriam um desafio imenso para todos eles. De modo que a união do grupo poderia fazer a diferença entre vida e morte.

Klaus e Emma aproveitavam a viagem como se estivessem em férias. Passavam horas fazendo planos. Se divertiam imaginando uma vida farta e cheia de filhos.

Steve, em seus momentos de reflexão, imaginava como seria o tesouro. Havia descartado a ideia de ser um baú enterrado por piratas. Afinal, o local marcado no mapa era muito longe da costa. Só um idiota esconderia um baú a centenas de quilômetros da costa. Assim, a hipótese do professor, de o tesouro ser uma jazida de metal raro, parecia bastante razoável.

John passava horas e horas analisando o pedaço de metal. Fazia isso com cuidado, escondido em seu camarote. Depois do trauma sofrido, não queria que mais ninguém soubesse o motivo da viagem para o Brasil.

Talvez, suas preocupações fossem desnecessárias. Ninguém prestava atenção à presença deles no navio. Ninguém exceto uma pessoa. Um homem que na maior parte do tempo permanecia em seu quarto. Muito raramente era visto no convés.

Aquela era uma das raras vezes. Ele admirava o horizonte longínquo. Sua mão segurava no parapeito lateral da embarcação. Na sua mão direita, no dedo anular, um anel de ouro com o símbolo de uma cabeça de cobra com tentáculos de polvo.

“Agora não falta muito.” — Pensou.

“Todo está correndo como o previsto.”

Escondido, consultou um instrumento digital.

“Estamos quase lá.”

Guardou o aparelho, ajeitou a lapela do paletó e voltou para seu quarto.

O navio se aproximava do equador.

Como de costume, John manuseava o objeto.

Era perto das treze horas e o sol no Atlântico ardia, transformando o dia num suplício.

Se súbito, um dos lados da placa passou a emitir luz.

Num movimento instintivo, John a colocou sobre a cama.

“Cacete, o que é isso?”

Um ou dois segundos passaram. E a coisa não se alterou.

Para qualquer pessoa de sua época, aquilo seria o suficiente para sair correndo, gritando por socorro. Mas John era um homem de ciência. A curiosidade era maior que o medo.

“Deus, que luminescência é essa?”

“Será alguma reação química em função da temperatura?”

“Será que tem a ver com a proximidade à linha do equador?”

Ouviu a voz de Sir Oliver no convés.

“O senhor Stewart precisa ver isso.”

Abriu um trecho da porta, apenas o suficiente para colocar o rosto para fora.

— Senhor Stewart, senhor Stewart, o senhor poderia vir até aqui por um momento?

O mestre estranhou o tom de voz do rapaz.

— Já estou indo.

Pediu licença para o marinheiro com quem conversava. E se dirigiu para o camarote de John. Apertou o passo, pois, sentiu uma dose de aflição na expressão do estudante.

— O que foi meu rapaz?

John levantou a placa.

— Olhe isso.

O objeto mantinha a luz tênue.

O professor arregalou os olhos.

— Que luz é essa? Está quente?

— Não, é luz fria.

Sir Oliver estendeu os braços.

— Deixe me ver.

Pegou a placa com as duas mãos.

— Por que tem luz só de um lado? — Perguntou sem esperar resposta.

— Não faço ideia.

Estupefatos, os dois pesquisadores tentavam entender aquele mistério.

O pedaço de metal chegava a ser assustador.

— Meu Deus, o que será isso? — Murmurou o mestre.

A luminescência era constante, não oscilava em intensidade. O fenômeno não tinha uma explicação.

Por serem homens esclarecidos, descartaram a ideia de forças ocultas ou magia. Devia existir uma causa que explicasse aquele efeito.

Sir Oliver tateava o objeto, na expectativa de sentir alguma alteração de calor. Ou, talvez, encontrar qualquer coisa que ajudasse a explicar a luz.

Diante dos olhos dos dois a luz se apagou.

A cidade do Rio de Janeiro era, sem dúvida, uma das cidades mais badaladas do império brasileiro. Sendo a sede do governo, era muito natural que pessoas importantes, de várias partes do mundo, embarcassem e desembarcassem em seu movimentado porto.

Ninguém estranhou a chegada de quatro japoneses que viajavam em um navio de bandeira inglesa. Discretos no modo de vestir e agir, os homens de Seiji Tsujimura entraram na ensolarada cidade brasileira sem serem notados. Desembarcaram no Brasil quinze dias à frente dos pesquisadores de Cambridge.

Dos quatro homens apenas Seiji conhecia um pouco de português. Portanto, tinham combinado nunca conversar em público. Apenas Seiji, o líder do grupo, poderia falar. Também determinou que a palavra ‘tesouro’ não fosse pronunciada em momento algum. Não podiam mencioná-la nem mesmo em japonês.

O mestre ninja trouxera do Reino Unido o livro e a chave que tinham roubado. Passara a viagem inteira estudando o diário na esperança de encontrar alguma outra pista sobre a posição exata do tesouro. Mas não encontrou nada além daquele simplório mapa. Apenas a pequena cruz indicando o local onde deveria estar a riqueza.

Devido às dimensões continentais do Brasil, achar o local correto seria uma façanha e tanto. O mestre japonês contava que, uma vez em terras brasileiras, encontraria outras pistas que iriam conduzi-lo ao seu alvo.

O plano era simples. Após desembarcarem no Rio de Janeiro, comprariam quatro cavalos e seguiriam para o interior do Brasil. Uma vez no local indicado pela cruz, procurariam por mais pistas. O líder levava em consideração o que dizia o manuscrito: ‘Siga a Serra do Roncador’.

Muitas coisas ainda não faziam sentido para Seiji. No entanto, ele era um homem determinado. Tinha decidido tirar tudo a limpo e, se existisse um tesouro, ele o encontraria.

A peça de metal e sua misteriosa luz deixaram John e Sir Oliver impressionados e curiosos. Sabiam que qualquer metal, quando aquecido, emite luz. Mas, aquela coisa, colocava o conhecimento científico em cheque! Afinal, emitir luz implicava emitir calor. Como poderia ser diferente? Como aquele objeto emitia luz sem alterar sua temperatura?

Conversaram por horas e depois de muita discussão só havia uma possibilidade. Aquilo não era uma simples placa de metal. Era um mecanismo. Uma máquina complexa, cujo funcionamento escapava à capacidade de compreensão dos dois.

Sir Oliver sentou-se na velha cadeira como quem se lança ao abismo. Seu rosto cansado externava a batalha mental que tinha espaço em sua mente.

— Senhor McBrian, não adianta conversarmos mais sobre este assunto. Essa coisa precisa ser estudada. E isso deve ser feito em uma grande universidade. Com equipamentos adequados.

John também se sentou. Segurava o objeto com as duas mãos.

— O senhor tem toda razão. Será que no Brasil existe algum lugar onde possamos submetê-la a testes?

— Não, com certeza não. O Brasil é uma nação nova. Proclamou a independência a pouco mais de trinta anos. Está iniciando uma nova fase política e

financeira. O governo de Dom Pedro II ainda não teve tempo de investir em educação. Não no nível que precisamos.

John baixou a cabeça.

Sir Oliver colocou ao cachimbo de lado.

— Confesso que estou arrependido de ter deixado a Europa. Lá, teríamos mais chances. Contaríamos com grandes universidades. — Fez breve pausa. — Talvez seja conveniente voltar para a Inglaterra.

O aluno olhou para o professor.

— Senhor Stewart, Steve e seus homens não nos deixarão voltar.

O mestre respirou fundo.

— O senhor tem razão. Eles estão obcecados com a ideia de um baú com joias. Jamais entenderiam que temos um tesouro bem aqui em nossas mãos!

John voltou a se concentrar na placa.

— Se isso é um mecanismo, quem o teria produzido há duzentos anos? Com que tecnologia? E, depois de tanto tempo trancado numa caixa, como continua funcionando?

— Senhor McBrian, mesmo nos dias de hoje, nenhuma das civilizações que conheço tem condições de construir uma coisa como essa. Imagina há duzentos anos!

— O que faremos, professor?

— Bem, por enquanto, não vamos contar nada a ninguém. Nem mesmo para o senhor Kenward. Acho prudente conseguirmos mais informações. Entendermos um pouco mais sobre isso.

— Sim, o senhor tem razão, vou agir com mais cautela dessa vez.

O mestre concordou com a cabeça.

— Senhor McBrian, vou andar pelo convés, pensar um pouco.

— Obrigado por ter vindo, senhor Stewart, vou ficar aqui, mexendo mais um pouco na placa. Quero ver se descubro mais alguma coisa.

Sir Oliver sorriu, pegou seu chapéu.

— Está bem, qualquer novidade, por favor, me avise.

A palavra ‘puri’ quer dizer ‘Gente Mansa’.

Kaluanã nasceu numa pacífica aldeia Puri, no coração do Brasil. Sua vida, durante os primeiros vinte e cinco anos, tinha sido coroada de alegria. Harmonia é a melhor palavra para descrever sua relação com a vida.

Na medida que os portugueses avançavam para o interior e tomavam as terras com a força de suas armas. Os puris se afastavam, tentando manter convivência pacífica.

No entanto, houve casos em que aldeias inteiras foram dizimadas. O teatro da morte servia como distração para alguns.

O velho índio perdera todos os seus, incluindo a doce e amada Airumã.

Seus olhos se encheram d'água quando se lembrou dela. Airumã fora muito mais do que sua companheira. Era a confidente, conselheira e a amiga que dividira com ele os momentos tristes e alegres da vida. Era a flor que enchera de perfume e cor os jardins do seu coração.

Na invasão de sua aldeia, os homens foram aprisionados. Seriam levados como escravos para uma fazenda do Arraial de Santo Antônio do Paraibuna.

Ela tentou fugir, mas não conseguiu ir muito longe. Foi ferida de morte por um tiro de carabina.

Kaluanã a viu cair, queria ajudá-la. Tentou lutar. A vida sem ela não fazia sentido. Mas um golpe de coronha na cabeça o fez desmaiar. Nunca soube mais nada sobre sua amada.

Passou boa parte da vida no cativeiro. Quando a velhice chegou, o fazendeiro o libertou. Não por caridade, mas para evitar uma boca a mais.

Sem forças para retornar às aldeias no coração da mata, se viu forçado a viver de esmolas. Alimentava-se de sobras de comida nas imediações do porto do Rio de Janeiro.

Seiji e seus homens não perderam tempo. A distância era longa e precisavam se colocar a caminho. Compraram quatro cavalos, pagando com ouro roubado na Inglaterra.

A bolsa, recheada de metal precioso, não passou despercebida por um grupo de ladrões do local.

Aquilo sim seria um roubo fácil.

Após deixarem os limites da cidade, Seiji diminuiu a marcha. Queria poupar os animais e não cometer erros tolos de navegação. Sabia das grandezas

envolvidas, se errasse um grau sequer, jamais chegaria ao local desejado. E, se perder na mata, não fazia parte dos planos do experimentado combatente.

O mestre ninja baseava-se em uma pequena bússola de mão e na posição das estrelas. Enfrentava pequena dificuldade por conta de estarem no hemisfério sul. As constelações no céu noturno não eram as mesmas que ele conhecia tão bem.

Contudo, usava todos os recursos a seu dispor. Conferia o terreno. Marcava montanhas e rios. Imprimia sinais em árvores e atualizava seus mapas de navegação.

Pararam à beira de um riacho para os animais descansarem.

Seiji sentou-se em uma pedra para fazer suas anotações.

Ouviu um barulho na mata.

Levantou o olho e aguçou os ouvidos.

— Hashimoto san, estamos sendo seguidos. — Disse em voz baixa no seu idioma natal.

— Sim senhor, também ouvi.

— Subam nas árvores, e fiquem atentos.

Takashi Hashimoto entendeu de pronto. Fez sinal para os outros. Como felinos, eles escalaram os troncos próximos.

O mestre dos ninjas aguardou.

Distantes quarenta ou cinquenta metros, os três ladrões não perceberam o movimento dos japoneses.

— Óia, Zé, aquele veio isquisito tá sozin. É a nossa chance!

O comparsa sorriu, deixando à mostra os dentes escurecidos pelas cáries.

— Bobage isperá mai, vamo pegá aquele oro.

John tateava a placa metálica, tentando entender como o mecanismo era ativado. Não havia alavancas ou botões como nos dispositivos mecânicos.

Talvez respondesse ao tato ou à pressão dos dedos, mas nada surtia resultado.

“Por que isso emitiu luz?”

“Por que não faz o mesmo agora?”

Girava o objeto, tomado de curiosidade.

“Acenda.”

O estudante do King's College quase caiu de bunda no chão. A placa se acendeu em resposta ao seu pensamento.

Em um lugar distante dali um monitor mostrava o planeta Terra. Não era uma tela plana. Não, aquele monitor mostrava, também, uma terceira dimensão. Era como se você estivesse na Lua olhando para a Terra girando em seu eixo. Vendo-a em todos os seus detalhes.

Um ponto brilhou com intensidade naquele globo sintético.

O alarme soou.

No mesmo navio em que John viajava, há alguns camarotes de distância. Um homem sinistro lia um livro sem nome. Ouviu um bip. Parou de ler no mesmo instante. Levantou a cabeça.

Seus olhos se abriram um pouco mais que o normal.

Sua mão direita, aquela que ostentava o anel de ouro, procurou por alguma coisa no bolso. Tirou uma placa metálica muito parecida com a de John.

O pequeno objeto, aceso, apresenta várias informações num idioma desconhecido, parecido com hieróglifos.

Sua boca se deformou num sorriso medonho.

Guardou o aparelho e voltou a ler seu livro.

Seiji não era como os outros. Não, sua capacidade técnica estava muito acima da média. Se dedicava aos treinamentos com paixão religiosa. Havia passado a vida inteira estudando e se aperfeiçoando nas artes marciais. Por isso, ele era temido em seu país. Sua fama de ninja invencível se espalhara por todo o Japão.

Os ladrões investiram contra o japonês. Um deles empunhava uma garrucha. Os outros dois traziam facões de cortar cana.

Destemido, o homem com a arma de fogo se aproximou.

— “O zóio puxado, vói mecê tá encencado, passa pra cá a bolsa de oro. Aí vô pensá se te arranco as tripa”. — Ria, de forma ameaçadora, à medida que falava.

Seiji só entendeu a palavra ‘ouro’. Mas compreendeu o que aqueles homens queriam.

Os outros ladrões traziam rostos fechados. Batiam as laterais dos facões nas palmas de suas mãos. Era um som metálico, que colocaria medo em qualquer um.

Qualquer um, menos Seiji. O mestre ninja tinha pressa.

— Agora Hashimoto san. — Gritou em japonês.

Girou o corpo e, num golpe, chutou a garrucha do ladrão.

Desnortado o homem acompanhou com o olhar o voo de sua arma.

Todos os movimentos de Seiji já tinham sido pensados antes da batalha começar.

Enquanto seu corpo ainda girava, ele segurou com força a kunai em sua direita.

O ladrão ainda decidia se corria ou não atrás de sua garrucha. Sentiu um tranco no centro do peito. Uma pontada aguda. Uma dor insuportável. Os olhos embaçando.

Seiji, acostumado a batalhas difíceis, cortou, no primeiro ataque, a aorta do ladrão.

O sangue jorrou como cachoeira.

Em face da morte o homem esqueceu o ouro, a arma, o motivo pelo qual estava ali.

Sentiu-se tonto. As pernas fraquejaram e não seguraram mais peso de seu corpo. Seus olhos arregalados fitavam o japonês enquanto a vista escurecia.

Atônitos, ao ver o companheiro ser golpeado pelo punhal do japonês, os outros dois ladrões avançaram. Desferiam golpes de facão. Empregavam energia, porém de forma desordenada.

Seiji inclinou o corpo, o suficiente para que as poderosas lâminas passassem a alguns centímetros de seu peito.

Retirou o kunai do peito do ladrão enquanto ele se ajoelhava. Mais sangue se espalhou pelo chão.

Um dos homens tentava recuperar o equilíbrio, quando sentiu as costas arderem.

Seus olhos aterrorizados viram a ponta da katana de Takashi abrir caminho

através de seu peito, levando pedaços do osso esterno.

O outro teve sorte igual, só que ferido de morte pela arma de Kanji.

A curta batalha não durou cinco minutos. Os três ladrões com olhos esbugalhados jaziam mortos, vislumbrando o inferno.

Seiji Tsujimura limpou sua arma com indiferença.

— Vejam se eles possuíam algo interessante e vamos continuar.

— Sim, Tsujimura sama. — Respondeu Takashi, curvando-se em respeito ao mestre.

“Será? Será que este troço responde ao pensamento?”

Chacoalhou a cabeça com força.

— Lógico que não.

Segurou a placa com as duas mãos.

— Apague. — Disse em voz alta.

Nada aconteceu.

— Apague. — Ordenou novamente, com mais energia.

O objeto não se alterou, permaneceu emitindo luminosidade esbranquiçada em apenas uma das faces.

“Será que foi coincidência?”

Olhou para cima, para os lados e voltou a fitar o objeto.

Fechou os olhos, encheu os pulmões de ar.

“Apague.” — Pensou, imaginando a placa apagada.

Abriu os olhos e se espantou ao constatar que tinha se apagado.

Refez o teste, agora com os olhos abertos.

“Acenda.” — Imaginou acesa e a coisa obedeceu.

“Que maravilha, como você faz isso?”

O desejo de saber disparou algumas funcionalidades.

“Este psico-transceptor de navegação responde a impulsos mentais.” — Surgiu escrito em inglês no lado iluminado do objeto.

John arregalou os olhos. Gotas de suor frio surgiram em sua face.

Respirava apressado, a ponto de sentir tontura por causa da oxigenação.

“Essa coisa respondeu a minha pergunta?”

Levantou-se de sobressalto, colocou o objeto na cama.

Abriu a porta do camarote. Respirou o ar fresco do Atlântico.

“Será que estou com alucinação? Algum tipo de confusão mental?”

Ficou ali por mais um tempo. Seu coração acelerado, aos poucos, foi retomando a frequência normal.

Voltou seus olhos para a cama.

Lá estava a placa, pacífica, aguardando outras perguntas.

Fechou a porta.

Caminhou a passos indecisos.

Uma dose de medo invadia sua mente.

Inalou profunda e demoradamente.

Pegou a placa com as duas mãos.

“O que é um psico-transceptor de navegação?”

O texto escrito se alterou.

“É um instrumento de geoposicionamento, utilizado para definir posição e rota de antígravos”.

A mente de John girava em turbilhão. Aquele aparelho era a maior descoberta de todos os tempos.

O texto mudou.

“Atenção, baixo nível de energia”.

— Nível de energia? O que isso quer dizer?

Aos poucos a luminosidade foi diminuindo. O instrumento não respondeu a última pergunta.

A luz se apagou por completo.

John tentou, tentou, tentou...

Tentou fazer a placa se acender de novo. Mas a coisa não respondia mais.

Precisava contar aquilo para o professor. Teriam de achar alguma maneira de ligar aquele aparelho outra vez. Este fato colocava mais um tempero naquele cozido. Nem mesmo as mais proeminentes universidades da Europa poderiam

ajudá-los a descobrir o que era aquilo!

Lembrou-se do tesouro.

— Sim, o tesouro existe.

As respostas não estavam na Europa. A explicação para aquilo dormia em algum lugar no coração do Brasil. Na Serra do Roncador.

Olhou para o objeto.

— Vou encontrar esse lugar, custe o que custar.

No monitor tridimensional, um insistente ponto vermelho piscava. Apontava para um local no Atlântico Norte, muito próximo ao equador.

A passos largos e decididos, uma moça entrou no local. Seus cabelos eram louros com pontas avermelhadas, olhar penetrante, postura séria e respeitável.

Desviou o olhar para se certificar da posição do ponto luminoso no monitor.

— Aquela é a última posição do psico-transceptor?

O lugar era um salão de proporções enormes. Além do grande monitor tridimensional, havia também dezenas de monitores bidimensionais espalhados ao redor. Centenas de mulheres, com idades entre dezesseis e oitenta anos, executavam várias funções.

Brania, uma garota de dezoito anos, gerenciava o grupo de mulheres que faziam a varredura do planeta.

— Sim, Briéla, faz alguns minutos que deixou de emitir sinal.

Briéla não tirou os olhos do monitor.

— É dos nossos?

— Não tenho certeza ainda. Tudo indica que sim, mas não responde aos comandos.

Briéla pensou por um momento.

— Fique atenta. Qualquer alteração aqui na estação 632 me avise. Por precaução, deixe o meu Phobus IV preparado.

— Sim, Briéla, pode ficar tranquila.

Ela acenou com a cabeça e saiu.

Depois de caminhar pelo convés, Sir Oliver retornou ao camarote de John.

— Senhor Stewart, que bom que o senhor voltou.

O mestre percebeu o estado alterado do aluno.

— O que foi, aconteceu alguma coisa nova?

John não sabia por onde começar.

— Sim, senhor, aconteceu. Isso aqui é muito mais do que um pedaço metal com comportamento diferente. Isso é uma máquina inteligente!

— Inteligente? Como assim, o que você quer dizer com inteligente?

— Essa coisa responde ao pensamento. Responde a perguntas e se intitula ‘psico-transceptor de navegação’.

Sir Oliver coçou a cabeça.

— Como é que é?

O estudante contou sobre os seus testes e as respostas dadas pelo aparelho.

O mestre ouviu a história com incredulidade.

John nem percebeu os olhares de dúvida do professor.

— Só consigo pensar em uma coisa, senhor Stewart, o livro que encontramos em Bamburg falava de uma chave. Estou convencido de que este aparelho é a chave.

O professor colocou a mão no cavanhaque.

“Meu Deus, acho que o sol do equador está fazendo mal para o senhor McBrian.”

— Eu entendo a sua euforia, mas precisamos ter cuidado.

— Senhor Stewart, tenho certeza de que o tesouro é um conjunto de máquinas maravilhosas como esta. Talvez, deixadas por uma civilização avançada que a história não conheceu. Ou ainda, trazidas para cá por seres de outro planeta.

Sir Oliver olhou para o lado

“Acho que o garoto está precisando descansar um pouco. Tudo isto está sendo muito para ele.”

— É, talvez, talvez. Olha, senhor McBrian, porque não sai um pouco para o convés. Acho que precisa relaxar.

John focou o professor, a expressão no rosto dele era quase de pena.

“Bem, parece que palavras não vão fazê-lo acreditar. O professor pensa que estou enlouquecendo. Terei de continuar este trabalho sozinho.”

Baixou o olhar.

— Sim, talvez o senhor tenha razão, vou descansar um pouco.

— Senhora PYthía, posso lhe falar por um momento?

— Sim, minha querida, pode falar. Sinto você um pouco agitada, está acontecendo alguma coisa?

— Sim, senhora, um alarme disparou em uma das estações de guerra, mais precisamente a estação 632.

Com calma, PYthía pousou o olhar na interlocutora.

— Alguém já verificou qual alarme disparou?

— Sim, Briéla já esteve lá e Brania acompanha o caso de perto.

— Bem, o caso está em boas mãos. Por favor, me faça um relatório completo e envie para o cérebro quântico da minha sala.

— Sim, senhora.

— Obrigada.

Capítulo 9

A despeito da distância entre Inglaterra e Brasil, com paciência e perseverança, o então moderno navio a vapor venceu o desafio. Dias depois de ter deixado o porto de Liverpool, a embarcação atracou no porto da maravilhosa cidade do Rio de Janeiro.

Sir Oliver optou por não trazer nada do Reino Unido. Por questão de economia, achou melhor comprar os equipamentos no Brasil.

Logo após o desembarque eles procuraram uma boa pensão. O mestre se empenhou em comprar os materiais e ferramentas que precisariam. Como seu português não ajudava muito, gastou dois dias para completar essa tarefa.

O doutor de Cambridge trazia consigo cartas endereçadas ao governo brasileiro. Eram papéis timbrados. Ofícios, que esclareceriam a natureza dos trabalhos a serem feitos em território brasileiro. No entanto, com as novas descobertas sobre o misterioso aparelho, Sir Oliver decidiu não as entregar. Resolveu nem mesmo entrar em contato com as autoridades. O fato era que ele não acreditava mais que encontraria uma jazida. Dado aos últimos acontecimentos, tinha a esperança de encontrar ruínas de uma antiga civilização.

John, por sua vez, solidificava a certeza de que encontrariam uma base alienígena.

Os preparativos para a jornada foram realizados seguindo uma extensa lista de afazeres. No final do terceiro dia, eles se sentiam prontos para a aventura no coração do grande país.

Analisando um mapa da região, constataram o quão complicado seria a empreitada. O destino ficava a algo em torno de mil e trezentos quilômetros de distância. Era mais do que o comprimento do Reino Unido! No entanto, essa informação era incerta, pois não possuíam o mapa original. Contavam apenas com um desenho, que fora feito pouco depois do livro ter sido roubado. E isso, apenas baseado na memória. Assim, a precisão era nenhuma. Para piorar a situação, aquela região era coberta por uma densa floresta tropical.

Todos os estudos prévios indicavam que aquela seria uma viagem impossível. Talvez suicida.

Os pensamentos eram divergentes. Alguns acreditavam que encontrariam uma jazida de metal. Outros pensavam num baú com ouro e pedras preciosas. E outros imaginavam algo de enorme valor científico. De um modo ou de outro, a ideia de desistir não tinha espaço na cabeça de ninguém.

A única informação relevante que tinham era a de seguirem para a Serra do Roncador.

Fizeram várias reuniões para decidirem os procedimentos a serem tomados. Sir Oliver, com um chumaço de papéis na mão, conduzia a última reunião.

— Seguir o Roncador, provavelmente refere-se a alguma coisa que produza o som de um forte ronco. Penso que pode se referir a uma cachoeira.

A longa viagem de navio aproximou muito aluno e professor. John assumira tarefas importantes no planejamento.

— É muito provável. Se isso for verdade, nossos pontos de procura deverão ser nos leitos dos rios. — Ponderou McBrian

O mestre concordou com um aceno de cabeça.

— De qualquer modo, precisamos de um guia. Acredito que consigo encontrar alguém que possa nos ajudar. Meu grande problema é a língua, tenho tido muita dificuldade com o português. Me arrependo de não ter me dedicado mais ao estudo dela.

Até então, Steve e seu grupo pouco tinham participado nos planejamentos. Não concordavam com o excesso de cuidados do professor. Sentiam que perdiam tempo. Seria melhor estarem na estrada, ganhando terreno.

Klaus acompanhava a conversa e resolveu tornar-se mais ativo.

— Professor, trabalhei alguns anos em Lisboa. Falo bem português, talvez eu possa ajudar nessa tarefa.

Todos se entreolharam com certo espanto.

— Sério? Não sabia disso. — Disse Steve.

Sir Oliver levantou uma pestana.

— Verdade? O senhor fala português?

— Sim, não é minha língua preferida, mas falo bem.

O mestre sorriu.

— Essa é uma ótima notícia! Isso simplifica muito as coisas. O que temos de fazer agora é procurar um bom guia.

Emma sentiu-se orgulhosa por seu namorado.

Steve deu um leve tapa nas costas de Klaus.

— Professor, como deverá ser o nosso guia?

Sir Oliver olhou para Steve.

— Precisamos de um homem aventureiro, que conheça bem a região.

Uma ideia surgiu na mente de John.

— Eu sugiro que procuremos por um indígena. Um homem que tenha vivido na região que vamos explorar.

— Ótima ideia. — Concordou o mestre.

Steve se levantou de sua cadeira

— Também concordo, vamos procurar o nosso guia.

Klaus também se levantou.

— Acredito que teremos mais sucesso se formos procurar nas docas. Normalmente esses lugares estão cheios de pessoas a procura de serviço.

John, Klaus, Steve e Sir Oliver saíram em busca do guia. Caminhavam pela orla procurando por possíveis candidatos.

Foi John quem viu, ao longe, um homem velho e paupérrimo, mendigando o que comer. Não teve dúvidas.

— Klaus, aquele é o nosso homem.

Klaus torceu o nariz e olhou para o rapaz.

Steve também achou estranha a escolha.

— Aquele velho? Por quê?

— Não sei, apenas sinto que ele pode nos ajudar.

Sir Oliver inclinou a cabeça.

— Senhor McBrian, o homem me parece um pouco cansado.

John não se deu por vencido.

— Ao menos vamos perguntar se ele conhece a tal Serra do Roncador.

Chegaram mais perto do índio solitário.

Klaus tomou a dianteira.

— Com licença, senhor, será que pode me dar uma informação?

Kaluanã nunca tinha sido tratado daquela maneira por um europeu. Aliás, o tratamento para índios era pior do que para escravos. Ergueu os olhos para ver melhor o homem que lhe dirigia a palavra.

Levantou-se com esforço.

— Sim, sinhô, pode perguntá, sinhô. — Sua voz era branda e humilde.

Klaus olhou para os amigos e fez um aceno com a cabeça.

Voltou a focar o ancião.

— O senhor conhece essa terra? Quero dizer, conhece as florestas do Brasil?

Os olhos de Kaluanã brilharam.

— Passei boa parte da vida nessas mata, sinhô.

Klaus assentiu.

— O senhor conhece um lugar chamado Serra do Roncador?

Kaluanã buscou na memória. Em sua juventude havia visitado uma distante tribo bororó. Foi lá que conheceu a famosa Serra dos Deuses.

— O sinhô tá falano da Serra do Roncadô lá pro lado do Araguaia?

O prussiano coçou a cabeça.

— Não sei bem ao certo, acho que sim.

O velho desviou o olhar para o continente.

— U lugá fica muito longe daqui, muitos e muitos dia de viagem.

Klaus sorriu.

— O senhor conhece o lugar?

— Kaluanã teve lá quando novo. Kaluanã conhece a Serra dos Deuses.

Klaus se virou para os ingleses.

— Ele conhece o lugar! Disse que é a Serra dos Deuses.

A expressão ‘Serra dos Deuses’ levou Steve a pensar nas cidades Maias e Astecas. Imaginou ruínas repletas de ouro.

— Pergunte se ele pode nos guiar.

Klaus se voltou para o homem.

— O senhor pode nos levar até lá?

Num flash, as lembranças da infância e da juventude passaram pela mente de Kaluanã.

“O destino me chama de volta para a mata.”

“Quem sabe não será bom reencontrar com os bororós. Passar o resto de meus dias em terra de irmãos.”

— Tô véio e cansado, mai acho qui posso sim sinhô. Mai ói, é uma caminhada grande.

Sir Oliver se aproximou de Kaluanã.

— Quanto custar por esse longo viagem? Eu querer dizer, o senhor cobrar quanto?

Kaluanã não entendeu nada e olhou para Klaus em busca de ajuda.

— Ele perguntou quanto o senhor vai cobrar para nos guiar até lá?

Uma lágrima surgiu no olho do velho índio.

— Kaluanã num cobra nada não. Kaluanã só percisa di um cadinho di comida di veis em quando.

O prussiano traduziu o que havia entendido da resposta.

O mestre fitou Kaluanã.

— Diga-lhe que eu insisto. Pergunte o que ele gostaria de ter? O que o faria feliz?

Klaus repetiu a pergunta em português.

Kaluanã pensou um pouco.

— Sinhô, si num fô pedi muito, Kaluanã ia ficá feliz com argum sapato prá protegê esses pé veio.

Sir Oliver concordou de pronto.

Levaram o homem até a pensão. Almoçaram todos juntos. Compraram um belo par de botas para ele.

Sir Oliver e Steve foram até o mercado, onde puderam comprar alguns animais.

— Senhores, — falou o professor — está na hora de começar a nossa aventura.

Ele se aproximou do índio e pediu para que Klaus traduzisse.

— Senhor Kaluanã, este cavalo é do senhor. Peço que aceite como um presente meu. Uma forma de compensar o senhor pelo imenso favor que está fazendo para nós.

O ancião aceitou com lágrimas brotando nos olhos.

Seguiram viagem, embrenhando-se na mata, a caminho da Serra do Roncador.

Eram trezentas alunas. Todas sentadas em poltronas que flutuavam a vinte centímetros do chão. Não eram apenas poltronas. Não, cada uma possuía monitor tridimensional, bloco de notas mental, biblioteca telepática e um sistema de realidade virtual.

Sobre um pequeno palco, rodeada por imagens tridimensionais, a mulher discorria sobre o assunto do dia.

— Como vocês sabem, as coisas que temos a impressão de serem sólidas. Como esta mesa, por exemplo, — bateu de leve com a mão na pequena escrivaninha que flutuava ao seu lado, — são constituídas de átomos. No entanto, o que dá forma e existência a essas estruturas é energia. Tudo é campo. Campos oscilando em intensidade. Criando padrões vibratórios. São esses padrões que geram as formas tridimensionais que conhecemos como átomos. Mas o que é campo? — Fez uma pausa. — Campo é uma substância plástica, volátil, que interage no espaço, atravessando várias dimensões. É uma queda do ser para o não-ser, e vice-versa. Os antigos costumavam chamar de substância elementar.

A educadora fez outra pausa.

— A substância elementar é viva e inteligente. Muito mais do que isso, ela é consciente de si própria. Sua forma de pensar cria o Universo como o conhecemos. Nós somos parte de todo esse complexo. Logo, através do nosso pensamento somos cocriadores da realidade objetiva.

Existe um relacionamento bastante íntimo entre o nosso pensamento e o pensamento da substância. Ela reage aos impulsos de nossa vontade. Se reorganiza, no sentido de materializar a forma-pensamento que a sensibiliza.

Assim, tanto o Universo físico como o extrafísico, são a resposta dessa energia primária aos pensamentos dos seres vivos que nela habitam. Cada espécie sensibiliza a substância conforme o seu estágio na evolução.

Briéla Austhrum prestava total atenção. Fazia anotações mentais e usava o ambiente de realidade virtual para vislumbrar o que a professora falava. O assunto não era novidade para ela. Conversavam muito sobre este assunto com sua mãe.

A professora continuou com entusiasmo.

— Todo pensamento, por simples que seja, é uma criação na substância elementar. Cada imagem pensada faz a energia se reorganizar, alterando os padrões vibratórios. Vocês sabem, alterando o jogo de dados das possibilidades quânticas. É desse modo que o salto quântico de uma partícula está fortemente ligado ao

somatório dos pensamentos dos seres vivos nas imediações.

Uma das estudantes levantou a mão num movimento delicado.

— Pois não? — Perguntou a professora.

— Me desculpe, senhora Enphan, esse assunto está relacionado com a lei da atração?

— Sim, Layra, este é o modelo que explica a lei universal da atração. Veja, se você mantém a imagem de algo em sua mente. E acreditar que irá recebê-la. Com o tempo essa coisa será atraída por você. Estou certa?

— Sim.

— Pois bem, — continuou Enphan — Quando mentalizamos alguma coisa, o poder do nosso pensamento constrói uma réplica na substância primária. Esse primeiro passo é invariável. É lei. Assim, à medida que o tempo avança, surgem três possibilidades de continuidade para essa forma recém-criada.

A primeira tem a ver com a fé. Não se trata de apenas acreditar. Fé é algo muito maior. Está relacionada com convicção somada à emoção positiva. Desse modo, se você tiver fé. A substância elementar alterará a estrutura molecular de substâncias químicas presentes no ambiente. O resultado será o objeto se materializando diante dos seus olhos. Isso explica muitos milagres contados por várias religiões.

A professora correu os olhos pela classe e voltou a falar.

— A segunda possibilidade está ligada à atração. Se você mantiver, com persistência, a imagem do objeto em sua mente. A substância inteligente movimentará pessoas e coisas, trazendo o objeto para suas mãos. E isso acontece da forma mais harmoniosa possível. É muito parecido com o magnetismo. Você atrai a essência de seus pensamentos. Isso acontece o tempo todo. Seja para coisas boas ou não.

Silenciou por um instante.

— Por fim, a terceira tem a ver com a desistência. Se você deixar de pensar no objeto, a forma, inicialmente criada, com o tempo desvanece. Perde força e, conseqüentemente, o seu poder de atração.

Briéla esperava com ansiedade pela parte prática do curso. Sabia que esses fenômenos podiam ser vistos e medidos pelos equipamentos daquela escola.

Sua pulseira tremeu, chamando-lhe a atenção. Ela olhou para o objeto. No pequeno visor apareceu a mensagem: ‘Briéla, quando puder me ligue, PYthía’.

“Mãe? Será que aconteceu alguma coisa?”

Fechou os olhos e mentalizou PYthía. Buscou seu interior, se aprofundou em si mesma. Até vê-la em sua mente. Era uma visão subjetiva onde se podia perceber muito mais do que imagem.

“Precisa falar comigo, mãe?” Iniciou uma conversa telepática.

PYthía identificou a chamada mental da filha.

“Ah, meu amor, quero sim, mas não é nada urgente. Quando puder, gostaria que viesse até o cálice central. Precisamos conversar sobre o recente acontecimento na estação 632.”

“Ah sim, irei logo depois da aula, está bom assim?”

“Claro, claro, fique em paz.”

“Você também, fique em paz.”

A viagem estava apenas em seu início, mas se apresentava muito mais sofrida do que imaginaram. A floresta, rios, lagos e campinas ofereciam paisagens maravilhosas, mas, ao mesmo tempo, perigos de todos os tipos. As noites eram quentes e cheias de insetos. Sem falar nos ruídos da mata que, às vezes, chegavam a ser aterrorizantes. Vez por outra, ouviam sons diferentes e sentiam que eram seguidos por indígenas.

Sir Oliver permanecia o tempo todo atento.

“Realmente, foi uma grande ideia trazer um índio como guia. Kaluanã, com certeza, poderá se comunicar com os nativos, se isso for preciso.”

Aquela era uma noite clara de lua cheia e o grupo tinha acampado próximo a um riacho de águas cristalinas. Como de costume, acenderam uma fogueira para afugentar animais selvagens.

Sir Oliver distraia-se com o reflexo da Lua nas águas do pequeno rio.

Mary se aproximou, a passos lentos, evitando pisar nos gravetos do chão.

— Sir Stewart, por que está tão isolado aqui?

O professor sorriu.

— Ah, bem, na verdade estou só matando o tempo.

Ela sorriu em retorno.

— Essa viagem não vai ser nada fácil, não é mesmo?

— Gostaria de dizer que seria apenas um grande passeio. Mas a verdade grita na face de todos. Esse é de longe a empreitada mais perigosa da minha vida.

O rosto de Mary se tornou tenso.

— O senhor acha que estamos dando um passo maior que a perna?

Mesmo com a pouca luz, ele percebeu medo nos olhos dela.

— Eu acho que essa será uma aventura que nos marcará para o resto de nossas vidas. Mas tenho certeza de que conseguiremos. Somos um grupo grande e a cada dia nos tornamos mais unidos.

— Espero que o senhor tenha razão. Preocupo-me muito com Emma. Ela é uma criança sonhadora. E Klaus parece não ter nada na cabeça.

Sir Oliver deu espaço para que ela continuasse.

Mary fixou o olhar nas águas correntes.

— Ele só pensa em ficar rico, em dinheiro. Tenho medo dessas ideias.

Sir Oliver sorriu desajeitado.

— Acho que a senhora não deve se preocupar demais com isso. Devemos ser sempre a placa na estrada para nossas crianças. Nossa parte é mostrar o caminho, mas a tarefa de caminhar é delas. Precisamos nos esforçar para ser o bom conselho e o bom exemplo.

Ela deu um leve sorriso. Pegou uma pedrinha no chão e atirou no riacho. As ondas se espalharam em círculos perfeitos

— O senhor acha que existe mesmo um tesouro?

O professor se lembrou dos últimos acontecimentos com a placa metálica.

— Eu tenho motivo para acreditar que sim. Não o mesmo tipo de tesouro que Steve e seus amigos esperam.

O rosto da mulher exprimia sua perplexidade.

— Não? O que o senhor quer dizer com “tipo de tesouro”?

O professor Stewart, olhou para ela.

“Meu Deus, devo confiar e contar tudo que sei?”

“Nós temos passado por tantas coisas juntos.”

A luz do luar iluminava o rosto de Mary. Ele, por alguns instantes, apreciou a beleza daquela cena.

— A senhora seria capaz de guardar um segredo? Não contar nem mesmo

para a senhorita Emma?

Ela franziu a testa.

— Segredo? Que segredo?

O mestre titubeou.

“Será que eu falei demais?”

— Bem, a senhora promete que não conta para ninguém.

Curiosa, Mary acenou positivamente.

— Sim, pode confiar em mim, não conto para ninguém.

— Nem mesmo para a senhorita Emma.

Ela inclinou a cabeça, a curiosidade exalava por seus poros.

— Sim, não conto nem para minha filha. Senhor Stewart, o senhor está me assustando.

— Me desculpe, não queria assustá-la.

Ele olhou de volta para o lago e continuou.

— O assunto tem a ver com aquela placa de metal.

Mary não tirou os olhos do professor.

— Sim, a placa que não tem peso.

Sir Oliver respirou fundo.

— A princípio, pensei que seria um metal raro, desconhecido de nossa ciência. Inclusive foi esse o argumento que usei em Cambridge para convencer o reitor do King’s College a financiar o nosso projeto.

Ela ficou quieta, acompanhando o raciocínio de Sir Oliver. Ele continuou

— Bem, aquilo não é um pedaço de metal. É um aparelho. Uma máquina com funcionalidades que ainda desconhecemos. Aquilo, por si só já é um tesouro.

— Senhor Stewart, não estou certa de que entendi direito. A placa é uma máquina? E como isso pode alterar a nossa situação?

O mestre voltou a fitar Mary.

— Não é uma simples máquina. Por várias vezes, o senhor McBrian me disse que a coisa é capaz de se comunicar. A princípio pensei que ele estivesse vendo coisas, fantasiando demais. Mas não sei mais se penso assim.

Mary ia fazer mais uma pergunta, mas se conteve ao ver Emma se

aproximar.

A jovem sorriu com expressão tensa.

— Vocês não querem vir para mais perto do fogo, há muitos animais selvagens por aqui.

Sir Oliver se levantou.

— A senhorita tem razão, precisamos ter cuidado, estamos pisando no terreno do inimigo.

Aquela imensa floresta tropical impunha obstáculos difíceis de transpor. A despeito de todo o treinamento que tiveram durante toda a vida, os quatro ninjas passavam situações complicadas naquelas terras. Aos poucos, Seiji tomava consciência de havia subestimado o gigante.

Progrediam devagar, sem saber que os ingleses faziam a mesma rota com alguns dias de diferença. Tinham optado por não levar nada, além de suas armas. Desse modo, eram bem mais rápidos.

Seiji evitava o confronto com os índios e com os fazendeiros. Era um homem experimentado em batalhas. Sabia que os eles conheciam o terreno e tinham vantagem numérica. Por isso, levava seu grupo de forma a não invadir aldeias ou fazendas. A estratégia era passar de forma discreta, e em paz.

Estava ciente de que os nativos os seguiam de longe. E, para sua sorte, eles evitavam o contato, talvez com medo de armas de fogo.

Caminhavam durante o dia, acendiam pequenas fogueiras à noite. Dormiam oito horas e cada um cumpria duas horas de sentinela. Seiji não queria ser pego de surpresa.

Os ninjas tinham chegado a um ponto importante da viagem. Já podiam ver as margens do rio Paranaíba. Segundo o mapa, existia uma passagem a barco no distrito de Santa Rita do Paranaíba. Atravessar aquele rio, sem serem notados, era uma tarefa difícil. Sua outra opção seria construir uma canoa, mas, sem ferramentas adequadas, isso tomaria tempo demais.

O mestre ninja decidiu atravessar o rio usando os barcos do distrito.

— Desceremos até o vilarejo. Espero que não precisemos pagar com ouro. Acredito que o dinheiro que temos seja suficiente. Porém, volto a advertir, não falaremos nada com ninguém. Nem mesmo em japonês.

— Sim, mestre. — Responderam os guerreiros.

A jornada dos pesquisadores era, de longe, muito mais branda do que a dos ninjas. Primeiro, porque Sir Oliver não queria correr riscos desnecessários. Segundo, porque Kaluanã conhecia o lugar. Sabia interpretar os avisos da natureza e usava trilhas seguras.

O velho índio, que ia à frente fez um sinal com a mão. Os ingleses pararam.

Klaus chegou próximo dele.

— Ouviu alguma coisa?

Kaluanã fez um sinal afirmativo.

— Num alarma as pessoa, mai tem uma jaguapitã di oio in nós.

— Uma o quê?

O índio sorriu.

— Uma pintada. Acho qui tá acompanhano nós desdi onti.

— Uma pintada? O senhor quer dizer uma onça?

— Sinhô Kraus, esse bicho é tihoso, fica di longe, contra o vento só oiano.

Klaus olhou para os lados.

— O senhor acha que ela vai nos atacar?

— Num vai não, a jaguapitã num é besta, tem muita gente aqui. É que é um bicho curioso. Mai ó, é mió num si ispaia. Si ela vê argum sozinho, ela pega memo, sem dó.

Sir Oliver juntou-se aos dois.

— Klaus, o que está acontecendo? Por que paramos?

— Kaluanã está me dizendo que tem uma onça-pintada nos seguindo.

O mestre olhou em redor.

— O animal está muito próximo? Você consegue vê-lo?

— Não, mas o índio aconselhou a ficarmos juntos.

— Sim, é verdade, — disse o professor, — onças-pintadas são animais solitários e atacam de modo furtivo. Kaluanã está certo precisamos ficar juntos. Ninguém pode ficar sozinho na mata. Nem para fazer necessidades.

Klaus sorriu.

— Adoro plateia na hora de cagá.

Depois da aula, Briéla foi direto para o cálice central. A curiosidade corroía a alma. Além disso, não queria deixar sua mãe esperando por mais tempo.

Como de costume, dirigiu-se ao terraço norte onde. PYthía Austhrum dirigia uma reunião numa das grandes salas do local. Várias mulheres, de alta envergadura política, acompanhavam atentas. Pela seriedade expressa nos rostos, o tema parecia ser importante.

Briéla não quis interromper, preferiu aguardar. Sentou-se em uma poltrona que flutuava por perto. A mobília alterou seu formato. Seguiu a silhueta da moça, de forma a deixá-la o mais confortável.

— Briéla, você está tensa. Deseja massagens tonificantes? — Perguntou a poltrona. A voz era masculina, serena, agradável.

Briéla divagou.

“Essa é uma boa ideia.”

— Ah! Por favor, obrigada.

— Não há de quê. — Respondeu o móvel.

Sutis vibrações produziam a sensação de massagem por mãos treinadas. Sentia-se relaxar.

Briéla fechou os olhos.

— Você continua tensa, deseja ouvir alguma música? Quer que eu cante?

— Não, obrigada, estou aguardando PYthía.

— Oh, sim. Se desejar, posso enviar uma mensagem para avisá-la.

— Não, não é preciso, não quero atrapalhar a reunião.

Apesar da massagem e do relaxamento, não conseguia evitar a preocupação. Não era comum sua mãe enviar mensagens para chamá-la. Eram telepatas, uma sentia o pensamento da outra. Algo de diferente tinha acontecido. Sabia do alarme na estação 632. Também sabia que o psico-transceptor não tinha dado mais sinal de vida.

Sua mente viajou para uma aula de história que tivera na infância.

“A estação 632 foi criada durante a mais longa guerra da história da

humanidade. Foi o quartel-general que abrigou a inteligência de Atlântida.”

Respirou devagar.

“A guerra durou dois mil anos. Quase acabou com a humanidade.”

“A situação é sempre tensa. Mas os dois lados estão respeitando o cessar-fogo”

Não foi difícil encontrar o distrito de Santa Rita do Paranaíba. Era o caminho usado para escoar a produção das fazendas. De modo que, havia muitas pessoas indo e vindo. Fato que alegrou Seiji. Disfarçaram-se de agricultores. Tomaram o rumo do píer.

Vários barqueiros faziam a travessia de pessoas e cargas. Cruzar o rio foi mais fácil do que Seiji imaginara. Não aconteceu nenhum contratempo. Não levantaram suspeitas, quase não foram percebidos.

Mais tranquilos, os japoneses concentraram-se em seu objetivo principal. Consultaram a bússola e prosseguiram em direção à Serra do Roncador. O obstáculo mais difícil tinha sido vencido. Mais da metade do percurso ficara para trás.

Todavia, algo começava a incomodá-lo. O mapa dizia para não esquecer a chave. Ele tinha uma chave. Mas era um objeto velho, enferrujado, medieval.

“Será que nesta tal Serra do Roncador existe um baú medieval? Ou será que esta chave abre a porta de algum lugar secreto?”

Essas questões martelavam sua cabeça.

Porém, a longa viagem fez nascerem outras duas perguntas. Por qual motivo alguém esconderia um tesouro tão longe? E por que essa pessoa levaria a chave para a Inglaterra?

Cismado, em um momento de trevas. Seiji, montado em seu cavalo, acompanhava o movimento ondulante do animal.

“Será que me fizeram de otário na Inglaterra? Será que tudo isso é uma farsa? Será que existe realmente um tesouro aqui?”

Chacoalhou a cabeça para afastar aqueles pensamentos. Olhou para trás e viu o pequeno vilarejo sumindo na distância.

Os pesquisadores seguiram sem serem molestados pelo maior felino das

Américas. Tom queria caçar o bicho. Entretanto ninguém aderiu à sua ideia. Ali, naquele fim de mundo, os recursos eram preciosos. Não podiam tirar o foco de seu objetivo.

O grupo cavalgava coeso e devagar para não extenuar os animais.

Kaluanã cuidava de seu cavalo com muito carinho. Tratava-o por ‘meu filho’. Nos momentos de descanso, ficava o tempo todo com o animal, conversando, contando histórias.

Tinha-se a impressão de que o animal entendia o que o velho índio dizia. Pareciam até grandes amigos de outros tempos.

Intrigada com a conversa que tivera com o professor, Mary queria saber mais.

Durante uma das pausas de descanso, ela o procurou.

— Senhor Stewart, posso falar com o senhor por um momento?

— Sim, claro, senhora Balding.

Os dois caminharam um pouco pelo descampado.

— Me desculpe, não queria atrapalhar, mas o senhor tem alguma novidade sobre aquela placa.

O mestre pegou o seu cachimbo.

— A senhora se importa se eu fumar?

— Não, de jeito nenhum, por favor, fique à vontade.

Sir Oliver acendeu o fumo.

— Obrigado. Falei hoje cedo com o senhor McBrian, e nada de novo aconteceu. O aparelho permanece inerte, desde o último evento, não fez mais nada.

— Será que está quebrado?

— Não sei, pode ser.

Mary parou de caminhar.

— Se estiver com defeito, pode ser que não funcione quando precisarmos dele. Quero dizer, se aquilo for uma chave pode não conseguir abrir nada.

O professor acenou com a cabeça.

— A senhora tem razão. Essa é uma possibilidade com grande probabilidade de acontecer. Por outro lado, se encontrarmos alguma coisa de diferente, acharemos um jeito de abrir.

Mary sorriu.

— Ainda bem que trouxemos machados e outras ferramentas.

— É verdade, mas espero não precisar delas.

— Senhor Stewart, não acha que deveria contar a todos sobre a nova descoberta?

O mestre ficou pensativo.

Mary avaliou a expressão do mestre e continuou.

— Os meninos estão muito eufóricos com a ideia de riqueza. Acho importante deixá-los informados. Digo isso para evitar ou diminuir a decepção deles, caso não encontremos ouro, joias, essas coisas...

Sir Oliver deu uma baforada.

— A senhora tem razão. Porém, não posso tomar essa decisão sozinho, preciso da opinião do senhor McBrian.

— Sim, sim, claro.

Depois de breves minutos, PYthía saiu da reunião e viu a filha sentada.

— Briéla, querida, você já está aí, por que não se anunciou?

A moça fez um sinal com as mãos.

— Vim o mais rápido que pude.

— Ora, eu disse que não era urgente.

— Eu sei, mas fiquei preocupada por causa do alarme na estação 632.

— Ah, sim, o alarme. De certa forma tem a ver com aquele alarme.

Briéla levantou-se da poltrona.

A passos lentos, as duas caminharam em direção ao terraço norte.

— Lembra-se, há alguns dias, quando lhe disse que o novo tempo tinha chegado?

— Sim, me lembro, aquilo me deixou muito curiosa por dias.

PYthía parou e seu semblante se tornou grave.

— Como você bem sabe, um psico-transceptor não pode ser ativado por qualquer um. Logo, a pessoa que conseguiu ativá-lo possui um padrão mental semelhante ao nosso. Certo?

— O que a senhora está tentando me dizer?

— Que se o padrão mental dessa pessoa é semelhante ao nosso e semelhante atrai semelhante...

Briéla arregalou os olhos.

— A pessoa está sendo atraída para cá!

PYthía fechou os olhos.

— Acredito que sim.

As duas se calaram. Um silêncio pesado encheu o ambiente.

— Tem mais uma coisa. — Falou PYthía.

Briéla focou sua mãe.

— O quê?

— Estou sentindo uma vibração diferente no plano extrafísico. Um sabor mental que há muito não sentia.

— Como assim? Pressentimento, ou algo assim?

PYthía olhou para um horizonte invisível.

— Não, não é um pressentimento. É algo mais forte. Um aroma que não pertence a esta bolha de Universo.

Briéla permaneceu quieta, mas o coração acelerou. Sentiu suas mãos esfriarem.

PYthía, sem sinal de alteração, continuou.

— Receio que temos um warnnene entre nós.

Briéla sentiu um calafrio percorrer a espinha.

— Um warnnene? Como isso é possível? Não detectamos um hipersalto há milênios. Você tem certeza?

PYthía retomou sua caminhada rumo ao terraço.

— Não, não tenho certeza. É percepção.

— Você acha que os lemurianos têm alguma coisa a ver com isso?

PYthía respirou fundo.

— Talvez. Nossa relação de paz com eles sempre esteve por um fio.

Briéla se endireitou e tomou pose imponente.

— O que vamos fazer?

— Por enquanto aguardar.

PYthía deu mais alguns passos. Parou e virou-se para Briéla.

— Minha filha, quero lhe pedir para que assumir o comando dos trabalhos de rastreamento. O psico-transceptor não dá sinal há dias, provavelmente está sem energia. Mas, se chegar próximo a uma base, as baterias serão carregadas.

Briéla levou a mão ao queixo.

— Sim, mesmo que seja uma base de Lemúria.

O rosto de PYthía se tornou ainda mais sério.

— Exato. Preciso de você neste caso. Será importante ter alguém de alta patente dirigindo os trabalhos. Você deverá estar preparada para agir rápido. Não pense, siga seu coração. Sei que as tarefas como General das Forças de Atlântida consomem bastante o seu tempo, mas...

Briéla encheu os pulmões de ar.

— Não se preocupe, meu tempo é elástico. Quando quer que eu comece?

— O mais rápido possível.

Em silêncio, caminharam até o grande terraço.

Briéla parou.

— Espero que tudo isso seja apenas um alarme falso.

PYthía externou um olhar triste.

— Eu também espero.

Briéla pensou um pouco.

— Quer que eu coloque as Filhas de Atlântida em prontidão.

PYthía olhou para a planície alaranjada. O grande sol vermelho ardia ao meio dia.

— Sim, sinto tempestade à frente.

A noite chegou e eles acenderam uma fogueira.

Durante o jantar, Sir Oliver tomou a palavra.

— Senhores, gostaria de compartilhar uma novidade.

Os olhares se voltaram para o mestre.

— Bem, estamos nos aproximando de nosso destino. Mais alguns dias de viagem e estaremos lá. O que eu quero dizer é que, talvez, não encontremos um baú de ouro.

Steve parou de mastigar.

— Professor, todos sabemos dessa possibilidade.

— Sim, sim, eu sei. Acontece que, no navio, durante o percurso para cá, surgiu um fato novo.

Tom afastou o talher.

— Fato novo? Que fato novo? — Falou com a boca cheia.

Sir Oliver respirou fundo.

— Aquela placa não é uma simples peça de metal fundido. É muito mais do que isso.

Kaluanã olhava para os ingleses tentando entender alguma palavra.

Klaus olhou para Emma e em seguida para o mestre.

— O que o senhor quer dizer com isso, professor?

John veio em auxílio ao senhor Stewart.

— Isso aqui, — disse puxando o objeto da bolsa, — é uma máquina. Fruto de uma ciência aprimorada.

Dúvida e cisma se espalharam entre os presentes.

— Por que diz isso? — Dessa vez foi William quem perguntou.

John olhou para o amigo.

— Me desculpe não ter falado nada antes, William, mas o fato é, — disse voltando o olhar para o grupo, — isso aqui é uma máquina capaz de se comunicar. Quando ativa, parte dela fica acesa e mostra textos. Como se fosse um telégrafo. Só que mostra letras, ao contrário de código Morse.

Tom colocou a colher de volta no prato.

— Como sabe disso? Que caralho aconteceu no caminho de Liverpool pra cá?

John contou toda a história. Falou sobre a luz fria. Relatou as mensagens desconexas. A comunicação mental.

— Senhores, isso pode ser um instrumento alienígena. Devemos estar preparados para encontrar algo muito diferente de uma arca com joias.

— Mas que diabos! — Resmungou Tom — Por que não disse isso antes?

John olhou para Tom e em seguida para Steve

— Porque essa é uma informação perigosa. Uma tecnologia tão avançada pode ser o diferencial para qualquer nação. Correríamos sérios riscos se mais pessoas ficassem sabendo. Não podemos esquecer o aconteceu em Rothbury.

Tom jogou a comida de lado e se levantou irritado.

— VOCÊS NÃO TINHAM ESSE DIREITO. — Gritou. — NÃO SÃO OS DONOS DA VERDADE!

Sir Oliver também se levantou.

— Tom, por favor, entenda.

— Entender o QUÊ? Que vocês são os BONITÕES que decidem TUDO?

Steve interveio.

— Tom, se acalma homem. Ninguém tá querendo enganar ninguém. Senão, eles não teriam falado nada, deixariam as coisas rolarem.

— Steve, eu só quero uma coisa. Pegar a minha parte no tesouro e me mandar pra a Inglaterra.

John levantou-se.

— Tom, olhe isso.

Soltou a placa no ar. O objeto levou quase trinta segundos para chegar ao chão.

— Isso, Tom, é quase magia. Isso, por si só, já é um enorme tesouro. Eu tenho certeza de que tem muito mais lá na Serra do Roncador. Não fique limitado aos valores do ouro. Pense no valor que essa tecnologia terá para o mundo.

Tom olhou para todos.

— Tecnologia o caralho, eu quero é a minha grana.

John pegou a placa do chão.

— Isso pode se converter em muito, muito dinheiro. Podemos ficar milionários!

O ladrão resmungou alguma coisa ininteligível e voltou a se sentar.

Sir Oliver fez um sinal apaziguador com as mãos

— Vamos fazer um acordo. De agora em diante, todas as decisões serão tomadas em grupo. Por voto. O que acham?

Mary tomou a palavra.

— Não faço questão disso. Penso que podemos apenas compartilhar ideias e colher opiniões.

Steve se sentou.

— Concordo com a senhora Balding.

— Eu também. — Disse Klaus. — Do jeito que tá, tá bom pra mim. A gente conversa e decide junto.

O professor fez um sinal com a cabeça.

— Está bem, de agora em diante dividirei tudo o que souber.

Voltaram a se alimentar. Há uns quinhentos metros dali um homem flutuava acima da copa das árvores. Mantinha os olhos fixos no grupo de pesquisadores. Em especial, prestava atenção a John.

O homem acionou um aparelho em seu braço. Uma imagem apareceu no pequeno visor.

— Diga, por que me chama? — Alguém perguntou através do aparelho

— Senhor, estão chegando ao portal.

— Ótimo, garanta que eles consigam abri-lo.

— Sim, senhor. E depois, o que faço?

— Espere a resposta de Hathor. Então mate todos.

Capítulo 10

Fazia alguns dias que os quatro ninjas tinham chegado ao lugar marcado no mapa. Encontraram um grande rio e uma cadeia de montanhas. Era uma área extensa, muito extensa.

O líder japonês concentrava seus esforços no ponto central da cruz. No entanto, havia a possibilidade de o tesouro estar em qualquer lugar. Afinal, era um manuscrito e o autor poderia ter feito o desenho a olho.

Os dias se passavam e eles não encontravam nada que pudesse dar novas pistas. A falta de sucesso deixou Seiji bastante irritado. Sentia-se perdido, não sabia nem o que procurar.

Afastou-se um pouco de seu grupo.

“O tesouro deve estar em uma arca, talvez enterrado. Provavelmente em uma ruína.”

“Preciso achar algum caminho a seguir, senão...”

Olhou para trás, onde seus homens se reuniam.

“Eles vão desanimar. Perderei poder sobre eles. Será a minha vergonha.”

Afastou aquele pensamento.

“Deve existir algum sinal. Uma pedra com inscrições. Um totem. Uma edificação, sei lá, alguma coisa.”

Pegou uma folha de um arbusto e passou a mastigá-lo.

“Posso tentar falar com os nativos. Pode ser que eles saibam de alguma coisa. Talvez, eu consiga trocar alguma bugiganga por informação.”

“O problema é que eles falam uma língua desconhecida. Serão necessários dias para ter um mínimo de comunicação.”

Se levantou e cuspiu a folha no chão.

“Não, isso não dará certo.”

“Só tem um jeito. Procurar com mais atenção.”

Após vários dias de viagem, Kaluanã chegou com os aventureiros às margens do Araguaia. Não demorou muito para encontrar a tribo bororó. Foram recebidos com festa. A criançada, maravilhada, corriam ao redor, brincando e cantando. Já os adolescentes, se interessavam pelos instrumentos que os visitantes traziam.

Kaluanã reconheceu um velho amigo. Conversaram, falaram sobre suas vidas. Suas vitórias e derrotas.

Sir Oliver queria seguir viagem, mas o chefe da tribo fez questão de que pernoitassem na aldeia. Ele queria fazer uma festa para os recém-chegados.

O entusiasmo do líder da tribo contagiou os visitantes. Foi unânime a decisão de ficar e passar a noite ali.

Ao entardecer, os bororós prepararam o jantar. Era comida simples, à base de mandioca, peixe e frutas silvestres. Porém era servida com carinho e estava deliciosa.

A comunicação era feita por sinais. E, vez por outra, pediam o auxílio de Klaus e Kaluanã para traduzirem.

Num dado momento, o chefe da tribo falou alguma coisa que preocupou o velho índio.

— Sinhô Klaus, eles tão mi dizendo que ixiste otros forasteros andando por aí. Eles fica longe das aldeia, num mexe cum ninguém mai são istranhos. O chefe dissí qui chegaro faz uns dia e parece qui eles prucura alguma coisa.

Klaus traduziu a mensagem.

Sir Oliver coçou a cabeça.

— Procurando? Quem serão esses homens?

O rosto de Klaus externava preocupação.

— Dizem que eles têm o olho diferente.

Sir Oliver levantou uma pestana.

— Diferente?

— É o que Kaluanã acabou de dizer. Pensei que podem ser japoneses.

John arregalou os olhos.

— Será que são os mesmos que nos atacaram na Inglaterra?

O mestre segurou o queixo.

— É bem possível, eles estão com o mapa. Isso não é bom. Nada bom. Mas, por outro lado, significa que estamos no lugar certo.

Por instinto, Steve levou a mão à arma.

— Dessa vez não vai ser tão fácil pra eles. Vamos proteger a pele pra evitar os dardos. E, se eles tentarem alguma coisa, a gente passa fogo.

Sir Oliver acenou com a cabeça.

— Precisamos evitar uma nova emboscada. Ficar atentos e preparados. Talvez seja melhor as mulheres ficarem na aldeia.

— De jeito nenhum, — falou Mary convicta, — estamos todos juntos.

— Eu concordo com você, mãe. Não vamos nos separar. — Confirmou Emma.

O mestre fez um sinal com as mãos.

— Está bem, está bem, mas, vamos tomar cuidado para não chamar a atenção. Eles não sabem que estamos aqui.

O assunto preocupou bastante. Afinal, a última coisa que queriam era encontrar os homens fantasmas novamente.

Passaram horas conversando. Várias histórias dos índios diziam respeito à Serra do Roncador. John e Sir Oliver convenceram-se de que estavam no lugar certo.

Contavam, que a serra tinha esse nome por causa dos barulhos que vinham de lá. Não era sempre, mas a montanha roncava. Diziam que ali existia uma passagem. Um portal para a cidade onde os deuses moravam. O chefe da tribo pediu para eles não irem para o portal. Pois, quem entrava na cidade proibida nunca mais retornava.

Sir Oliver não deu atenção para a parte mística das histórias. Aliás, ficou empolgado com ideia de uma cidade perdida. Isso sim seria um enorme tesouro para a humanidade.

Só tinha um jeito de saber a verdade. Ir até a Serra do Roncador e procurar pelo portal.

Chegou a hora de dormir, e os índios separaram uma oca para os convidados.

A cabana era grande e acomodou, com facilidade, o grupo inteiro. Kaluanã, por sua vez, aceitou o convite de pernoitar na oca de seu velho amigo.

No lugar onde Briéla vivia, não existe a separação entre o dia e a noite, a luz é constante por todo o sempre.

Os trabalhos na estação 632 se intensificaram depois do alarme. A quantidade de pessoas, trabalhando no salão circular, triplicou. Parecia uma colmeia agitada.

As mesas, dispostas em círculo, acompanhavam a curvatura da única parede. O diâmetro daquele lugar equivalia a cinco campos de futebol. A altura era tal, que caberia, com folga, um prédio de dezessete andares.

Bem ao meio, flutuava o grande monitor tridimensional. Era uma esfera achatada, montado de modo que todos pudessem ver.

Também no centro, logo abaixo do monitor, havia um buraco. Um fosso escuro e profundo, medindo uns cinquenta metros de diâmetro. Em seu perímetro, não havia mureta ou qualquer cerca de proteção.

As mesas mais próximas ao poço central eram ocupadas pelas pessoas de maior hierarquia.

A palavra de ordem era ‘paciência’. Não tinham certeza de que o psico-transceptor acionaria outra vez. Havia também a hipótese de ter sido um alarme falso. Uma falha nos instrumentos ou coisa parecida. No entanto, não podiam baixar a guarda. Era um transceptor de Hathor, perdido no meio do Atlântico. Por outro lado, passar o dia olhando para um monitor de nanocubos não é uma tarefa agradável.

Já fazia horas que Briéla e sua equipe focavam o monótono equipamento.

— Acho que essa bosta nunca mais vai aparecer. — Disse a filha de PYthía. — Vou tomar um café para não dormir.

Levantou-se. Se espreguiçou.

— Fiquem atentas, volto já.

Caminhou três ou quatro passos.

Um ponto acendeu no monitor de nanocubos.

— BRIÉLA, VEJA ISSO. — Gritou uma garota.

A General girou nos calcanhares e levantou os olhos em direção ao monitor.

Lá estava, o pequeno ponto em vermelho, bem no meio da América do Sul.

— Amplie, por favor.

A assistente digitou alguma coisa. Holografia cresceu. O Brasil ficou em destaque.

— Mais zoom. — Pediu Briéla.

O sinal luminoso aparecia claro, nas margens do rio Araguaia. Ao lado da

Serra do Roncador.

— Por Yrm! A porra do transceptor está ao lado do portal!

Com dificuldade para dormir, John virava-se de um lado para o outro. Não era o chão duro que lhe causava insônia. Há muito já tinha se acostumado com isso. Era a ansiedade pelo dia seguinte.

Abriu os olhos. Já que não conseguia dormir, para passar o tempo, resolveu analisar os detalhes daquela construção indígena. Ao virar de lado, viu que uma luminosidade saía de sua maleta.

“O aparelho está ligado!”

Sentou-se. Abriu a velha bolsa. Suas mãos tremiam. Retirou o objeto.

A placa metálica iluminou o interior da oca.

Lembrou-se de que bastava pensar para obter resposta.

“O que é um psico-transceptor?” — Foi sua primeira pergunta.

A resposta apareceu escrita no pequeno painel.

“É um instrumento para navegação de uso geral. Idealizado para conduzir antígravos automaticamente.”

“Você é inteligente?”

“Sim, inteligência artificial.”

“Você é uma máquina?”

“Sim.”

“Você foi construído aqui na Terra?”

“Sim.”

Maravilhado, John se deu conta de que alguém no nosso planeta detinha aquela tecnologia fantástica.

“Onde você foi construído?”

“Em Hathor.”

Aquele sim era um fato importante. Briéla sentiu que devia comunicar ao alto-comando. Fechou os olhos e se concentrou. Sua ideia era enviar uma mensagem telepática para PYthía.

Mas a ansiedade a impediu. Telepatia exige controle dos sentimentos.

Tocou a pulseira e mandou um comando mental, pedindo para fazer uma ligação para sua mãe.

A imagem de PYthía apareceu no pequeno visor colorido.

— Briéla, você precisa falar comigo?

Agitada, a moça disparou.

— Sim, o psico-transceptor ligou. Você tinha razão, ele está ao lado do portal lemuriano, no Brasil.

O rosto de PYthía se tornou grave.

— Isso não é nada bom, tente tomar controle do aparelho. Não podemos interferir muito, mas tente evitar que consigam abrir o portal.

— Certo, farei isso. Você vem para cá?

— Não, no momento oportuno eu irei. Confio em você. Tome as decisões acertadas e fique em paz.

O pequeno aparelho desligou.

Briéla retornou a passos apressados para sua estação de trabalho.

Lançou-se sobre a poltrona flutuante. A mobília deslizou alguns metros e voltou sozinha.

Colocou um capacete translúcido, quase transparente. Fechou os olhos. Dentro de sua mente surgiram várias interfaces de controle. Com a mente, ela movia centenas de mãos virtuais. Aos poucos, se aproximou mais e mais do modelo mental do transceptor. Por várias vezes, o aparelho tentou escapar dela, mas a General não desistiu. Minutos depois, assumiu o controle.

Leu todas as perguntas feitas por John e as respostas dadas.

“Por Yrm! O maldito aparelho falou sobre Hathor!”

Enviou um novo comando, queria saber quem estava manuseando.

John surgiu no grande monitor tridimensional.

Quase todas as mulheres param seus trabalhos. Focavam o monitor de nanocubos, hipnotizadas pela cena.

— É um homem... De verdade... — Alguém comentou.

Sem entender por que, Briéla perdeu o controle sobre o aparelho. A imagem sumiu. O ponto no mapa apagou.

— Vamos, isso não é hora de desligar de novo. Eu ainda tenho muitas perguntas a fazer. — Resmungou John.

Sir Oliver acordou com voz do estudante.

— Aconteceu alguma coisa?

— Senhor Stewart eu o acordei? Desculpe-me.

— Não se preocupe, o que foi?

John mostrou a placa.

— O aparelho voltou a acender e logo em seguida desligou.

— Ligou outra vez?

— Sim, fiz algumas perguntas. A placa disse que foi construída em Hathor. O senhor já ouviu falar desse lugar?

O professor puxou pela memória.

— Não, não me lembro de nenhuma cidade com esse nome. Pelo que me lembro, Hathor é uma deusa da mitologia egípcia.

O aparelho voltou a se acender.

“Alerta de segurança. Este psico-transceptor está sendo rastreado. Configurando barreira de proteção.”

John franziu a testa.

— O quê? Rastreado? O que será que quer dizer isso?

Petrificado, Sir Oliver não conseguia acreditar no que via.

O professor sentou-se ao lado de John.

“Minha nossa, o que o rapaz falava era verdade! A coisa escreve mensagens.”

— Meu Deus! Isso é inacreditável.

O estudante fez uma pergunta e o objeto respondeu.

Sir Oliver levou as duas mãos à boca. Seus olhos viam, mas seu cérebro não acreditava.

— Deixe-me tentar, por favor. — Pediu o professor.

Experimentou uma vez. Pensou. Criou a imagem em sua mente. Falou. Até gesticulou, mas o aparelho o ignorava por completo.

A conversa dos dois e a luz do aparelho fez com que todos acordassem.

Depois de várias tentativas, Sir Oliver aceitou o fato de que o aparelho não respondia aos seus pensamentos.

Steve também experimentou. Depois Klaus, William, Emma... todos tentaram. Mas o objeto só reconhecia o pensamento de John.

“O que é um antígravo?” — John perguntou.

“Antígravo é um veículo que se apoia na substância elementar. Com isso, cria sistemas próprios de gravitação e inércia. Em outras palavras, neutraliza a ação da gravidade.”

Não entenderam nada. O choque psicológico era demais para alguns. Aquilo era inteligente, talvez vivo!

William tocou no ombro do amigo.

— Pergunte como se chega a Hathor.

John olhou para William.

— Boa, como não pensei nisso antes?

Fechou os olhos. Mentalizou a pergunta.

“A cidade de Hathor fica do outro lado do portal. É necessário atravessá-lo.”

“Onde tem um portal?”

A tela se apagou. Os textos sumiram. Surgiu uma foto vista de cima, como imagem de satélite. Um rio se destacava. Era possível ver as ocas da aldeia. Foi fácil perceber que era o lugar onde eles estavam.

A imagem trazia dois pontos luminosos, um indicava a posição onde se encontrava o psico-transceptor e o outro apontava para a face de uma montanha próxima.

No canto inferior da pequena tela uma mensagem piscava em vermelho.

“Está é a posição do portal mais próximo.”

Silêncio.

— Achamos o tesouro. — Disse John.

Brania se virou para Briéla.

— O que aconteceu?

— O psico-transceptor me bloqueou. Percebeu que estava sendo monitorado. O algoritmo achou que o sinal vinha de uma fonte insegura. Levantou a barreira e está impedindo o controle remoto.

— O que vamos fazer?

— Merda, não sei. Eles estão do lado do portal lemuriano. Agir é ruim e esperar também. Talvez tenhamos que tomar atitudes drásticas. O meu Phobus foi preparado?

— Sim, flutua no espaçoporto principal. Ao lado do fosso de escape.

— Ótimo.

Briéla tirou o capacete e se levantou.

— Notifique o conselho de administração.

— Sim, General. — Falou outra assistente.

Briéla voltou a olhar para o mapa do Brasil.

— Se aquele bosta conseguir abrir o portal lemuriano com um psico-transceptor de Hathor a coisa pode esquentar.

Amanheceu com o sol brilhando no horizonte. Os pesquisadores fizeram uma breve refeição.

Kaluanã não seguiria viagem com eles. Cumprira sua palavra, trouxera todos os estrangeiros até a Serra do Roncador pelo caminho mais seguro. Evitara cidades e vilas movimentadas, desviou das fazendas. Enfim, usou os antigos e seguros caminhos indígenas.

Sir Oliver aproximou-se do velho índio. Tirou o chapéu de forma respeitosa.

— Quanto estou lhe devendo, meu bom amigo? — Perguntou através de Klaus.

O ancião fitou o inglês.

— O sinhô não mi deve nada não. Kaluanã é que deve, o sinhô mi trouxe pra esse lugá maravioso. Aqui vô terminá meus dia no meio de amigo, contano história, ouvino outras.

O mestre sorriu.

— Então aceite pelo menos uma lembrança.

Retirou de seu bolso um valioso objeto.

— Guarde esse relógio como símbolo de nossa amizade.

Kaluanã aquiesceu, com os olhos úmidos, pois nunca havia sido tratado daquela maneira por um europeu.

Não guardava mágoas em seu coração. Há muito já tinha perdoado os perseguidores do passado. E agora, aos oitenta e tantos anos, aprendera mais uma lição.

O que faz um homem não é sua cor, sua raça ou seu dinheiro. O que faz um homem é seu coração.

Agradeceram a hospitalidade e partiram para a Serra do Roncador. Deixaram os cavalos na aldeia e cruzaram o Araguaia em canoas construídas pelos bororós.

Com a luz intensa do sol era difícil ver as imagens apresentadas pelo aparelho. Mas isso não atrapalhou de chegarem ao local indicado. Era uma encosta de montanha sem nada de especial. Não tinha nenhuma construção, ruína, caverna, inscrição em pedra, nada.

John andava de um lado para o outro procurando por alguma coisa.

— Deve haver algum engano, segundo o aparelho o portal é bem aqui.

Yuri se sentou no chão.

— Eu sabia que ia dar nisso. Vamos ter de voltar com as mãos vazias.

Ninguém deu atenção para o Russo e continuaram procurando.

Flutuando, sem ser visto, o homem de anel de ouro acompanhava a busca. Tinha pressa, queria cumprir logo sua missão.

Retirou do bolso seu psico-transceptor e enviou uma mensagem mental para o aparelho. A pequena máquina passou a rodar um aplicativo.

Sorriu com satisfação. Seu aparelho tinha sincronizado com o de John.

“Bem, vamos apressar as coisas.”

A placa do estudante emitiu um bip.

John olhou para o aparelho. Uma mensagem piscava em cor viva.

“Abra o Portal.”

O rapaz ficou intrigado e perguntou em pensamento.

“Como?”

“Apenas ordene que eu abra.” — Respondeu o psico-transceptor.

John sorriu.

— É isso, você é a chave! — Disse em voz alta.

Os outros pararam e focaram o estudante.

McBrian procurou um lugar com sombra, onde pudesse ver melhor o visor.

“Abra o portal.”

O chão começou a tremer. Um barulho ensurdecedor saía da montanha.

Entraram em pânico. Assustados e aos tropeços, eles correram de volta para o rio.

Era como se fosse o ronco de mil gigantes. Animais silvestres saíram em disparada. Aves de todos os tipos alçaram voo.

Diante os olhos arregalados dos pesquisadores, a face da montanha começou a se mover. Milhares de toneladas de rocha mudavam de lugar, impulsionadas por uma força titânica.

Todos, exceto John e o professor, pensavam no fim do mundo.

Os olhos arregalados de Sir Oliver acompanhavam o movimento.

“Que mecanismo poderia ser tão poderoso?”

A despeito de todas as leis da natureza conhecidas por eles. A rocha gigante deslizava o lado. O movimento era lento, uniforme e não causava avalanches.

Seiji e seus homens se levantaram cedo. Há dias faziam uma varredura meticulosa, procurando por qualquer sinal que indicasse a localização do cobiçado tesouro.

A área era extensa e o mestre ninja tinha de fazer a busca com cuidado. Perder o suposto sinal. Poderia significar o fracasso de sua missão.

Eles haviam dividido o terreno em quadrantes. E percorriam, quadrante por quadrante, analisando-os com atenção.

Um poderoso ruído fez com que todos olhassem para o outro lado do rio.

Os ninjas se assustaram. A dúvida cresceu em suas almas.

Esfregaram os olhos. Incrédulos, eles viam a montanha se mover.

Seiji encheu os pulmões de ar. Um sorriso nasceu em seu rosto.

— Esse é o sinal que procuramos. Vamos, tem algo acontecendo do outro lado. Precisamos atravessar o rio.

O barulho infernal durou quase um minuto. As expressões variavam do espanto ao terror. Duvidavam do que viam. Em frente a eles, na luz do dia, um enorme portal se abriu. Uma imensa caverna. Escura e sombria. Sem exceção, todos permaneceram rígidos como pedra. Alguns tinham se lançado ao chão e não queriam mais se levantar.

Foi John quem deu o primeiro passo.

— Aonde você vai? — Mary perguntou tomada de pânico.

— Vou ver o que tem lá dentro.

William segurou-o pelo braço.

— Será seguro?

John olhou para a montanha e em seguida para o aparelho. A tela mostrava a mensagem.

“Portal Aberto.”

— Não sei, mas só há um modo de saber.

Iniciou sua marcha rumo à caverna. Os primeiros passos foram tímidos. Aos poucos, ganhou confiança. Apressou a marcha. Se lançou na direção da grande entrada.

Os outros, presos à indecisão, permaneceram fixos em local seguro.

John continuou caminhando. Sir Oliver foi o próximo a sair da letargia e seguiu o estudante.

Steve e Klaus foram logo atrás.

John parou na entrada. Sir Oliver chegou ao seu lado. Devagar, os outros se aproximavam.

Uma mistura de ansiedade e medo tomava conta de suas mentes. O que poderia existir ali dentro? Tudo lhes vinha à cabeça. Desde um imenso tesouro até uma faminta criatura das trevas.

O ruído parou por completo. Não se ouvia mais nada. Apenas os sons dos animais retardatários que passavam em fuga desesperada.

Ofuscados pela luz do dia, não conseguiam ver o que havia no interior da gruta. Mais uma vez foi John quem deu o primeiro passo. Entrou naquele lugar

imenso, sumindo rápido na escuridão.

Pesados segundos se passaram em silêncio.

— É muito grande aqui. — Ecoou a voz do estudante no interior da caverna.

Sir Oliver seguiu os passos do aluno e também entrou na escuridão.

Os dois foram seguidos por Steve, Klaus.

Os outros criaram coragem e seguiram para a caverna.

No interior, os olhos arregalados dos aventureiros varriam a imensidão do lugar. Não era uma caverna, mas sim uma enorme construção, edificada no interior da montanha. O estilo arquitetônico era minimalista.

A luz exterior iluminava uma boa parte da entrada, entretanto, o resto da grande construção permanecia em escuridão.

À medida que os olhos se acostumavam com a pouca luz, podia-se ver máquinas e equipamentos armazenados em vários locais.

Mais ao fundo, imersas em trevas, silhuetas gigantescas causavam medo. Não dava para definir o que eram.

John se lembrou do psico-transceptor. O pequeno aparelho abria o portal. Poderia ter mais alguma função?

“Acenda as luzes.”

O ambiente se iluminou. Uma luz tênue vinha de holofotes presos nas paredes.

Foi só então que eles tomaram consciência da grandeza daquele lugar.

Seiji precisava atravessar o rio. Não podia ser a nado, pois isso inutilizaria as armas de fogo. Confiava em sua destreza na luta, mas o revólver sempre foi efetivo.

Era necessário um barco. Sabiam das canoas dos bororós.

Sorrateiros, eles se aproximaram da aldeia. Estava vazia. Por causa do rugido da montanha, os bororós fugiram para a mata.

No leito do rio, algumas canoas ficaram para trás.

Seiji agradeceu aos deuses da natureza pela sorte daquele momento.

Tomaram duas pequenas embarcações e iniciaram a travessia do Araguaia.

Com as águas calmas, eles fizeram o percurso em poucos minutos. Desembarcaram na outra margem.

Os japoneses puderam ver com mais clareza a abertura na montanha.

Seiji colocou a mão no queixo.

“Será que foi uma avalanche?”

Esconderam as canoas. Caminharam rumo à entrada da caverna.

Os grandes olhos arregalados de Briéla demonstravam seu estado de alma.

— Por Yrm! Aquele bosta abriu o portal!

O espanto era geral na estação 632. Centenas de mulheres fitavam o grande monitor central entre incrédulas e apavoradas.

Aquela era uma situação inusitada ao extremo. A grande cidade de Hathor corria em perigo. O desenrolar dos acontecimentos poderia forçá-las a usar a estação para aquilo que mais abominavam. E também o que mais temiam. A guerra.

Sem mover um músculo Briéla pensava.

“Calma, Briéla, calma, você tem que se manter calma. Hathor precisa de você.”

— Brania, veja se consegue conexão pacífica com o portal lemuriano.

A moça fez um sinal com a cabeça e colocou seu capacete translúcido. Fechou os olhos e se concentrou.

Briéla também usava um capacete mental. Um mundo digital, criado por poderosos computadores, se tornava real no interior de sua mente. Ela podia tocar nos móveis imaginários, sentir o cheiro e o calor. Naquele momento, sentia-se flutuar em um ambiente repleto de imagens, instrumentos, teclados, botões e alavancas. Os aparelhos surgiam e desapareciam conforme a necessidade.

Um monitor em especial lhe chamava a atenção. Era um pequeno visor que mostrava qual era o status da conexão com o portal lemuriano.

Segundos virtuais se passaram e surgiu a mensagem.

“Acesso negado”

— Brania o que aconteceu?

— Não sei, usei o protocolo de paz. O acesso está bloqueado.

Briéla cerrou os punhos físicos com energia.

— Que inferno, continue tentando. Vou entrar em contato diplomático com os lemurianos.

— Sim, General, pode deixar.

Após alguns comandos mentais, o mundo virtual de Briéla mudou.

Estava numa sala sem janelas, com, apenas, uma porta em cerejeira. Ao centro uma mesa de reuniões. Não havia ninguém, o vazio causava desconforto.

Um pequeno aparelho repousava sobre a mesa. Um intercomunicador. Briéla avançou e pressionou um botão.

Ouviu o som da campainha.

— Departamento de Assuntos Externos, no que podemos ser úteis. — Disse o aparelho em tom solícito.

Briéla respirou fundo. Seu rosto físico suave e o coração acelerou.

— Sou Briéla, General de Paz da cidade de Hathor. Sou Filha de Atlântida. Preciso falar com o Chanceler.

— Aguarde um momento por favor.

Os segundos se escoaram preguiçosos.

— Sinto muito, Princesa Briéla, o Chanceler não está no momento. Ele foi chamado para uma reunião na sede do governo.

Briéla sentiu o sangue gelar.

— Quem está respondendo pela relação entre Lemúria e Atlântida?

A voz demorou um pouco para responder.

— Infelizmente só ele pode falar por Lemúria. Por favor, tente mais tarde ou amanhã.

Briéla percebeu que a situação era bem mais complicada do que imaginara.

— Está bem, obrigada.

O aparelho ficou mudo. Olhou em redor e balançou a cabeça. Deixou a sala de reuniões virtual.

— Brania, conseguiu alguma coisa?

— Nada, eles desativaram o protocolo de acesso pacífico. Não consigo entrar nas instalações dos lemurianos. Verifiquei várias e nenhuma funciona.

Briéla tirou o capacete e o mundo físico se tornou real em sua mente. Brania fez o mesmo.

A estação 632 estagnou numa inatividade crescente. Quase todas as mulheres olhavam para o comando central. Em especial, para Briéla, filha da Imperatriz de Atlântida.

— Merda, o que fazemos?

A resposta foi o olhar confuso de Brania.

— Cacete, como conseguiram abrir um portal lemuriano? Como conseguiram um psico-transceptor de Hathor? — Perguntou Briéla para si mesma.

Brania se levantou de sua poltrona.

— Não temos muito que fazer.

Briéla levou as duas mãos no rosto e exalou o ar com força.

— Precisamos ter imagens daquele hangar. Tenho de saber quem é esse homem.

— Eu sei, mas fizemos tudo o que estava ao nosso alcance.

A General levantou-se.

— AAAHHH. QUE MERDA!

Andava de um lado para o outro.

— Quer saber.

Briéla voltou a colocar o capacete.

— Que se foda, vou quebrar a segurança e capturar imagens daquele lugar.

Um arrepio percorreu as costas de Brania.

— O quê? Tem certeza de que quer fazer isso?

Já era tarde, Briéla não ouvia mais nada, mergulhara no mundo virtual.

Brania se jogou sobre sua poltrona, colocou o capacete e seguiu sua amiga.

A cena chegava a ser cômica. Dez pessoas com os olhos arregalados e bocas abertas. A grandeza daquele lugar roubava-lhes a noção de realidade. Mesmo com todas as luzes acesas, não era possível ver o fim daquela construção. Era um túnel gigante, em formato de semicírculo. O ponto mais alto era capaz de abrigar a pirâmide de Quéops e ainda sobriam alguns metros. O chão era tão polido que chegava a ser espelhado. As paredes, pintadas em branco, eram foscas e

sem ondulações.

Entretanto, essa grandiosidade não era o que mais impressionava. Centenas de objetos, com pequenas asas laterais, flutuavam a um metro do chão.

No século XIX, o mundo científico pouco sabia sobre as leis da aerodinâmica. Somente décadas depois, os aviões só se tornariam realidade. Assim, aqueles objetos e máquinas eram novidades até mesmo para Sir Oliver.

Muitos painéis, fixos nas paredes, mantinham uma infinidade de instrumentos. Seriam necessários anos de estudo para identificar suas funções.

Aquele era o tesouro. Ninguém tinha mais dúvidas sobre isso. Nenhuma nação na Terra, por rica que fosse, possuía algo parecido. O simples fato de os objetos flutuarem, já seria motivo para todos os políticos do mundo quererem aquele lugar.

Sem perceber, devagar, os pesquisadores foram se distanciando uns dos outros. Maravilhados com o que viam, não se deram conta de que se espalhavam pela construção.

Um grito de mulher ecoou na caverna.

A primeira reação foi paralisia.

Em seguida, todos correram na direção de Emma.

Petrificada. Estática. Olhos arregalados. Ela permanecia em frente a uma passagem situada em uma das paredes.

Klaus foi o primeiro a chegar.

Sua reação foi semelhante. Susto, sensação de horror. Segurou Emma com força.

A visão era imponderável.

Um a um, os outros também chegaram apressados.

Era um corredor curto que dava acesso a um enorme salão.

No interior, enfileirados, um à frente do outro, como batalhões de um exército. Milhares, talvez milhões, de seres metálicos imitando a forma humana. Eram tropas e tropas de humanoides, que se alinhavam até onde a visão podia alcançar.

Tinham mais de dois metros de altura e, na cabeça, possuíam um único olho. Era negro, com bordas avermelhadas, no formato hexagonal. Tomava quase todo o rosto.

Permaneciam em pé, imóveis, não respiravam, não emitiam nenhum ruído. Na mão direita, empunhavam espadas fundidas num metal azul. Traziam, acima de cada ombro, saliências articuladas que apoiavam duas pequenas estruturas. Armas, sem dúvida nenhuma. Aquele era um exército medonho.

Segundos de tensão fizeram os batimentos cardíacos acelerarem.

Os seres metálicos continuavam inertes, estavam desligados.

Emma sentia as pernas bambas.

— Vamos sair daqui. Eu quero sair.

Klaus a abraçou, tentando tranquilizá-la.

— Calma. — Disse o prussiano.

— Não, por favor, — replicou a moça — eu quero sair.

Sir Oliver veio em auxílio de Klaus.

— Não se preocupe, acalme-se, senhorita Balding. Vamos lá para fora.

Mary abraçou a filha e ambas iniciaram a caminhada na direção do Araguaia.

Pararam de staccato.

Suas mãos gelaram e tremores percorreram seus corpos.

Medo.

Medo não, horror.

Quatro homens fechavam a saída.

Um deles jogou no chão um objeto metálico.

— Então essa é a chave? — Gritou Seiji com raiva.

Sir Oliver reconheceu o objeto medieval que comprara do ferreiro na Inglaterra.

Os quatro ninjas apontavam suas armas para os ingleses.

Sir Oliver fez um sinal apaziguador com as mãos.

— Escute, podemos estudar este lu...

Seiji tremia de ódio.

— Cale a boca, não estou aqui para negociar nada. Joguem as armas no chão.

Os homens de Steve ficaram confusos. Sabiam que entregar as armas não

era a melhor opção. Porém os japoneses já empunhavam seus revólveres.

Seiji apontou para Emma.

— AGORA! — Gritou.

Puxou o gatilho e o projétil sibilou no ar.

A bala passou zunindo a centímetros do ouvido da moça.

Emma se agachou com o susto.

Klaus foi o primeiro a ceder. Devagar, retirou o revólver do coldre e o colocou no chão.

Steve também se desfez de sua arma. Yuri e Joseph fizeram o mesmo. Tom relutou, era nítida sua indecisão.

Os quatro japoneses apontaram suas armas para ele.

Sem opções, Tom Palmer pôs o revólver no chão polido.

— Hashimoto san, amarre esses miseráveis.

— Sim, senhor. — Replicou o fiel soldado.

Em poucos minutos o grupo de Cambridge foi imobilizado

Mais à vontade, o mestre ninja passou a observar as instalações.

Tinha encontrado muito mais do que um tesouro. Aquele lugar o faria invencível. Se aprendesse a operar aquelas máquinas, todos os problemas de seu clã estariam resolvidos. Talvez ele próprio se tornasse um shogun ou, mais ainda, o imperador do Japão. Era apenas uma questão de tempo. Precisava saber tudo o que os ingleses sabiam. E depois, daria cabo deles.

Se aproximou do grupo a passos lentos.

— Onde está a verdadeira chave?

Ninguém respondeu.

O ninja puxou o punhal, agarrou Steve pelos cabelos, forçando a cabeça para trás.

Aproximou a lâmina do pescoço do ladrão.

— Onde está a verdadeira chave?

Correu os olhos pelos prisioneiros.

— Vou matá-los um a um até que alguém me responda.

A lâmina afiada do punhal, encostada na pele do pescoço de Steve, fez um

pequeno corte, um fio de sangue escorreu.

Alguns segundos se passaram tormentosos. Apavorantes. Medo e terror se misturavam.

A mente de John trabalhava na busca de uma solução. A balança de sua consciência tentava encontrar um ponto de equilíbrio. De um lado a vida das pessoas que aprendera a amar. Do outro o risco de entregar a chave para aqueles homens.

Seu corpo tremeu com o grito de Seiji.

— ONDE ESTÁ A CHAVE. NÃO VOU ESPERAR MAIS.

John se entregou.

— Está aqui.

Seiji afastou o punhal do pescoço do ladrão. E, com um bufete, colocou-o de lado.

Caminhou na direção do estudante. John focou o professor, seus olhos pediam perdão. Não sabia se tinha feito a coisa certa.

Seiji o agarrou pelos cabelos, como fizera com Steve.

— Onde está?

Com apenas um pequeno movimento de cabeça, John apontou para a bolsa de couro.

— Dentro daquela maleta.

O mestre ninja se afastou do estudante num gesto brusco. Pegou a mala, vasculhou por alguns instantes. Não encontrou nenhuma chave.

Virou a maleta e chacoalhou para que as coisas caíssem. Os objetos tilintavam quanto tocavam o chão.

Aos olhos espantados do ninja, uma placa metálica fez seu caminho até o chão, como se fosse uma pena.

“Sim, isso é a chave.”

Jogou a maleta de lado e pegou a placa. Tateou de um lado e de outro sem nenhum sucesso.

“Mas o que é isso? Como se usa essa coisa?”

Perdeu a paciência.

— Como isto funciona?

O coração do estudante tão batia forte, que sentia pulsar até nos olhos.

— Isso responde ao pensamento.

Seiji fitou-o com olhar desconfiado.

— Como assim?

John engoliu em seco.

— O senhor faz a pergunta com a mente, pensa naquilo que quer, e ele responde.

O mestre fez uma carranca.

— VOCÊ ESTÁ BRINCANDO COMIGO? — Bradou colérico.

O estudante se encolheu.

— Não, juro que é assim que funciona.

John sentiu o risco que corria, se o aparelho não responder ao japonês. Aquele homem o mataria.

“Meu Deus, que situação. Minha vida depende daquela coisa funcionar com este homem.”

Lembrou-se da noite anterior. A placa só respondera aos seus pensamentos, de mais ninguém!

“Deus, acho que esse é o meu fim!”

“Senhor, tenha piedade da minha alma.”

O suor escorria pela face. Seu corpo tremia. E a pequena placa não dava nenhum sinal de vida.

Ele próprio não conseguia concatenar pensamentos para enviar alguma pergunta lógica ao psico-transceptor.

O ninja se afastou um pouco com o objeto na mão.

Pesados segundos se passaram e nada acontecia. O aparelho não respondia.

O desespero de John crescia na medida em que percebia a paciência do ninja se esgotar.

Brania encontrou Briéla no mundo virtual.

— O que você vai fazer?

— Vou quebrar o protocolo. Estou burlando o sistema de segurança com

um algoritmo de força bruta.

— Mas, como? Só um cérebro quântico é capaz disso.

Briéla olhou para Brania.

— Sim eu sei, estou usando o cérebro da estação 632.

Brania abriu os olhos além do possível.

— Mas, isso pode...

— Eu sei o que pode acontecer...

— Briéla pense com calma, não vale a pena. A gente nem sabe quem abriu aquele portal. Do que eles podem nos acusar?

— Você não consegue ver?

Brania fez um movimento rápido de cabeça, dizendo que não.

Briéla continuou.

— Está tudo armado. É uma montagem muito bem-feita, o psico-transceptor nem seja nosso. Porque a essa altura, pouco importa. O fato é que estão acumulando provas falsas para... espere um pouco, acho que consegui. Quebrei a chave de segurança, poderemos ver imagens do hangar.

Briéla retornou para o mundo físico. Brania fez o mesmo.

No monitor central, a cena era intrigante. Um grupo de pessoas amarradas, sentadas no chão. Quatro homens em pé. Um deles tateava um psico-transceptor antiquíssimo.

Na imagem mostrada no telão, ao lado de cada pessoa, aparecia um quadro com o nome, idade, nacionalidade, grau de instrução, estado emocional, entre outras.

O medo predominava nos prisioneiros. Enquanto raiva e indiferença preenchia os japoneses.

O cérebro quântico reconheceu a placa na mão de Seiji.

‘Psico-transceptor modelo v-254623, construído em Hathor há 42.235 anos.’ Apareceu escrito no monitor.

Briéla encheu os pulmões de ar.

— O transceptor é realmente nosso. Mas como foi parar na mão desses humanos? — Perguntou Briéla.

Seiji se aproximou com o objeto na mão.

— Rapaz, se você estiver caçoando de mim, pagará com a vida!

John sentia que vivia seus últimos minutos. Seu rosto se deformava numa carranca de horror.

— Senhor, talvez esse aparelho não obedeça à qualquer um.

Seiji não era um homem de esperar. Sua honra estava em jogo naquele impasse. A situação ficava insustentável.

Como poderia deixar um moleque brincar com ele daquele jeito?

Fez um sinal com a cabeça.

Takashi Hashimoto desembainhou sua katana num movimento lento. Caminhou na direção de John segurando a arma com as duas mãos.

Sentado no chão, com as mãos e pés amarrados, John não tinha nem a chance de tentar correr.

Takashi tomou posição atrás de rapaz. Ergueu a katana acima da cabeça. Seria uma vergonha ter que dar dois golpes.

Olhou para Seiji, aguardando a ordem da execução do inglês.

Um reflexo de luz percorreu toda a extensão da lâmina, como que antecipando o desfecho sangrento.

Seiji mirou os olhos de John.

— Está é a última vez que eu vou perguntar.

O homem tremia de ódio. Agia como carrasco louco e cruel. Seu olho de vidro embaçado dava a ele um aspecto ainda mais aterrorizante.

— COMO... ISTO... FUNCIONA? — Eram gritos carregados de saliva espumosa, que atingiam o rosto do jovem.

Todo o corpo do inglês estremeceu.

Sir Oliver se desesperou.

— É com o pensamento, é com o pensamento.

Seiji olhou para o professor com seu único olho carregado com as chamas do inferno.

— Mate-o! — gritou, em inglês, para que todos entendessem.

Os amigos de John viraram suas faces, focavam o chão.

O moço tremia esperando seu fim. Optou por fechar os olhos. Se encolheu o mais que pode. Enrijeceu todos os músculos e esperou o golpe mortal.

O coração de Briéla acelerou. A cena se desenrolava para uma execução a sangue frio.

Não tinha nada que pudesse fazer. Naquela trama hedionda, ela era apenas plateia.

Aguardou, com olhos fixos no monitor.

Um novo alarme disparou na estação 632

Todos os rostos foram atraídos para um ponto no monitor de nanocubos.

Os olhos de Briéla se arregalaram. Reconheceu o alarme apenas pelo código de som.

A coisa estava esquentando. Não se tratava mais de um simples transceptor.

Incrédula, olhou para o seu monitor particular. O aparelho mostrava o mapa do hangar lemuriano.

Pontos vermelhos começaram a acender.

Um calafrio lhe percorreu a coluna vertebral.

— Por Yrm, Mnemes!

Brania se levantou num salto, como que adivinhando o pensamento da amiga.

Briéla jogou de lado o capacete. Levantou-se. Girou sem dizer nada. Saiu correndo na direção do fosso central.

Brania entendeu de imediato as intenções da General. Sem pensar muito, a seguiu no mesmo ritmo de corrida.

A um comando mental de Briéla, sua roupa iniciou uma metamorfose. O mesmo aconteceu com Brania.

Saltaram juntas no imenso fosso central.

Um grito lancinante ecoou por todo o túnel.

John ouviu um barulho grave, profundo, misturado com tilintar metálico.

Não sentiu dor. Ouviu mais gritos.

Abriu os olhos. Girou a cabeça

“Meu Deus, o que está acontecendo?”

Ao seu lado, caídas no chão, as duas mãos do ninja ainda seguravam a katana. O sangue jorrava dos antebraços do japonês.

John sentiu o líquido quente caindo sobre ele.

Viu, atrás do ninja, um daqueles homens metálicos. Um dentre os milhares daquele exército, havia acordado. Estava vivo e empunhava sua espada flamejante de cor azul.

O gigante girou num movimento preciso. No segundo golpe, partiu Takashi ao meio, na região do abdome. Sangue, tripas e outras substâncias espirraram para todos os lados.

Seiji sacou sua arma e atirou várias vezes. O sistema de proteção do homem metálico desviou todas as balas.

O monstro avançou para o mestre ninja com sua espada ainda mais iluminada.

Seiji sacou sua katana e se preparou para a luta.

Os outros dois ninjas vieram por trás e tentaram fincar suas espadas na criatura. Mas as katanas não chegaram a tocar na armadura daquela coisa. As lâminas se fundiam à medida que se aproximavam do corpo do Mneme. Gotas de aço derretido pingavam no chão.

Num movimento rápido para seu tamanho e peso, o monstro golpeou o mestre ninja. Sua espada encontrou o vazio.

Astuto, Seiji saltou antes de ser atingido.

Porém o monstro não perdeu o ataque, continuando o giro sobre seu eixo e atingiu, ao mesmo tempo, os outros dois ninjas.

Tatsuo e Kanji caíram mortos no chão. Partidos ao meio na altura do tórax. Suas pernas ainda sustentaram os corpos decepados por algum tempo antes de desmoronarem por completo.

Sozinho, vendo todos os companheiros mortos, Seiji entendeu que aquele era seu fim.

— AARRRRRRRRRRRRRRRRHHHH. — Gritou feito animal.

Lançou-se na direção do monstro.

A luta foi rápida. Seiji não conseguiu atingir o Mneme.

Sentiu a consciência desvanecer. Um misto de sonho com pesadelo tomou conta de seu espírito. Não sentiu o corpo cair no chão. Tinha apenas uma certeza. Estava morto.

Em queda livre, uma armadura foi se formando sobre o corpo de Briéla. Imitava o couro, porém milhares de vezes mais resistente.

A aceleração de queda das duas moças superou em muitas vezes a da gravidade. O ar não oferecia resistência, as moléculas se afastavam à medida que as duas se aproximavam. Em milésimos de segundo a velocidade delas era de centenas de quilômetros por hora.

Através do exaustor inferior, deixaram o prédio que flutuava a grande altura.

Desprezando a inércia, fizeram uma curva de noventa graus, tomando trajetória paralela ao solo.

Logo à frente das duas, uma enorme aeronave aguardava com os motores ligados. Era um Phobus IV, uma esfera com quatrocentos metros de diâmetro. Se pousado no mar, seria mais alto que o Pão de Açúcar.

Briéla e Brania entraram no gigante de aço sem desacelerar.

Chegaram à ponte de comando a grande velocidade. Pararam de forma brusca. Colocaram os capacetes translúcidos e entraram no mundo virtual da aeronave.

O gigante sumiu no horizonte sem fazer barulho. Despejou tal energia que se aproximou da velocidade da luz.

Banhado no sangue de Takashi, John viu o homem metálico se virar para sua direção.

Os passos sonoros daquela coisa sugeriam toneladas de metal.

Pela segunda vez, em menos de cinco minutos, o jovem inglês antevia o termo de sua vida.

O rosto rígido do Mneme não conseguia expressar nenhuma emoção.

Com seus alvos imobilizados no chão, não havia motivo para pressa.

Outros robôs de mesmo calibre surgiram, vindos do fundo da caverna. Eram dezenas deles.

Traumatizado pelas cenas que acabara de ver, John se manteve rígido.

Aos olhos do Mneme, aqueles homens eram ameaças ao hangar. Seu processador central tinha decidido que deveriam ser exterminados por questão de segurança.

John era o primeiro em sua frente.

Ainda faltavam dois passos quando um transleve de Atlântida entrou em grande velocidade.

Os Mnemes olharam, num só tempo, para o pequeno veículo. No mesmo instante, se colocaram na configuração de combate.

O monstro metálico deixou de lado os ingleses e caminhou em direção ao transleve.

Briéla saltou da pequenina nave. Seus passos firmes a levavam de encontro ao Mneme.

De sua armadura surgiram duas grandes espadas. Assemelhavam-se a longas pinças de caranguejo. A cor era amarela, incandescente e emitiam forte luz.

O Mneme de guerra atacou a jovem com sua arma.

Briéla não se esquivou do ataque. Confiou em seu escudo. A pancada foi medonha, mas o campo energético absorveu o impacto. O corpo do Mneme tremeu inteiro, gerando um ruído infernal.

Briéla fez seu ataque. Num giro feroz, as pinças de luz cortaram o monstro ao meio.

Aqueles robôs não eram páreo para a armadura de uma Filha de Atlântida.

Os outros Mnemes apertaram o passo e correram na direção de Briéla.

Brania saltou do transleve e foi ao encontro deles.

Briéla desligou sua garra. Se aproximou dos ingleses sem dizer palavra.

O transleve, que se parece com um bote salva-vidas, estacionou ao lado dela.

A General de Atlântida olhou para os ingleses e para os Mnemes que se aproximavam. Fez uso de um dispositivo de antigravitação. E, com movimentos rápidos, colocou todos dentro do veículo.

Num golpe, Brania abateu dois monstros. No entanto, vários outros correram em sua direção.

Briéla deixou os europeus e foi ajudar sua amiga.

Fachos de luz e respingos de metal davam conta da intensidade da batalha.

Um minuto de luta, gerou várias toneladas de metal espalhados pelo hangar.

Entretanto, centenas de outros Mnemes surgiram no fundo da caverna. Corriam ordenados, com seus passos pesados, na direção das duas.

Briéla olhou para a Brania.

— São muitos, prepare a bomba.

A Oficial retirou um pequeno cilindro de seu cinto.

Olhou para a General aguardando sua ordem.

— AGORA! — Gritou Briéla.

Brania lançou a bomba.

As duas correram em direção ao transleve.

Uma luz azul relampejou no interior da caverna.

Não foi uma explosão, mas sim um fortíssimo pulso magnético. Os Mnemes caíram inertes no chão polido.

Elas sabiam que aquilo era temporário. Em pouco tempo eles estariam ativos de novo.

Não havia tempo a perder. Entraram no transleve e deixaram a caverna. O Phobus IV flutuava inerte, escondido no interior de uma nuvem.

Aterrorizados, os ingleses se viram voando. John olhou para o chão se afastando.

“Meu Deus! Será que morri na espada daquele homem? Isso não pode ser real.”

Mas seu pesadelo não terminou ali. Entraram numa esfera gigante sem desacelerar.

— Brania, por favor, coloca eles nas poltronas.

— Pode deixar, eu cuido disso.

Briéla fez um sinal afirmativo.

— Vou tirar a gente daqui. — Disse, enquanto colocava o capacete.

Fechou os olhos. Diante dela, os instrumentos virtuais. Porém, naquele

momento, um alarme chamava a atenção. Centenas de naves-robôs estavam decolando do hangar.

Seu cérebro trabalhava rápido.

“O protocolo de paz, o protocolo de paz... Não, não, cacete, não há tempo para isso.”

“Protocolo de paz o caralho, preciso é tirar o rabo daqui.”

Acionou alguns controles e o Phobus IV deixou a terra em trajetória vertical. As naves-robôs o seguiram.

Fazendo uso de um laser da alta potência, Brania cortou as cordas, soltando os ingleses.

Sir Oliver olhou para a mão da moça. Aquela faca de luz era pura magia.

— O que está acontecendo? Quem são vocês? — Sua voz era de uma pessoa, confusa, desorientada, à beira de um ataque de nervos.

A expressão de Brania demonstrava a tensão do momento.

— Sentem-se nessas poltronas e aguardem. — Sua voz era trêmula, com boa dose de agonia.

Eles obedeceram por instinto.

Quando o último se sentou, Briéla ativou o cinto de segurança das poltronas. Sua ideia era mantê-los presos, evitando que fizessem alguma besteira. Em estado de choque, ninguém reclamou.

As naves inimigas abriram fogo.

O escudo protetor do Phobus foi acionado, absorvendo as descargas de energia.

— Hathor, Hathor, aqui é a General Briéla. Preciso de ajuda. Repito, preciso de ajuda.

A resposta não demorou.

— Briéla, aqui é Layra, o que está acontecendo? Onde você está?

Briéla puxou o ar com força.

— Layra, estamos sendo perseguidas por centenas de naves lemurianas. Acho que são raptos. O escudo do Phobus não vai aguentar por muito tempo. Estou com o meu Phobus IV.

— Briéla, estou ativando um Phobus X em Vênus. Tem também uma

esquadra de Phobus III saindo da Sibéria neste instante.

— Ótimo, vou tentar ganhar tempo na Lua, mande todos para lá.

— Está bem, se segura aí.

A cada rajada de contra-ataque do Phobus IV, dezenas de raptos lemurianos eram destruídos.

Mas eram muitos. Também eram mais rápidos que o gigante voador de Briéla.

Brania se juntou a Briéla no combate.

Briéla entrou no lado escuro da Lua num voo rasante, usado o satélite natural como escudo.

Incansáveis, os raptos fizeram a mesma manobra, sem parar de disparar um segundo sequer.

— BRIÉLA, O ESCUDO SE FOI!

— MERDA!

Um estrondo se ouviu na parte de trás do Phobus.

A nave girou no seu eixo com parte da carenagem derretendo, espalhando metal incandescente pela superfície da Lua.

O controle artificial de gravidade deixou de funcionar. Briéla e Brania foram atiradas contra uma parede próxima.

A nave se chocou contra o solo lunar, mergulhando dezenas de metros sob o terreno arenoso.

As naves-robôs pararam sobre a cratera que se formou.

Faziam varredura para identificar se havia sobreviventes.

Se tivesse um coração batendo lá embaixo, seus instrumentos o detectariam.

Livro 2

Capítulo 11

A música enchia o largo salão circular.

Mais de uma dezena de homens e mulheres dançavam uma peça sensual e provocante. Usavam apenas fitilhos nos punhos para realçar a coreografia e destacar ainda mais seus corpos nus.

O lugar era próprio para aquela festa. O grupo de dança performava no centro, enquanto, ao redor, na periferia do salão, centenas de festeiros acompanhavam com olhos lascivos.

Os convidados, tomados pelo ambiente luxuriante, também expunham seus corpos em ondas de sedução.

Não raro, se via pares ou grupos, totalmente sem roupas, envolvidos em explícitas relações sexuais.

Cordas em vermelho vivo, adornadas com correntes de ouro, separavam um lugar de honra. Era uma reentrância no lado oposto à entrada., separado por cordas em vermelho vivo e detalhes em ouro. Aquele era o local destinado ao Imperador. Guardas armados garantiam a segurança. Só pessoas autorizadas podiam passar os limites.

Kumárin sentava-se no trono como quem se deixa derramar. Usava apenas uma camiseta. Rasgada, malcuidada, manchada de batom e outros cosméticos femininos.

Meia dúzia de mulheres, com corpos sinuosos e belezas invejáveis abraçavam e acariciavam o Imperador.

Klans Kumárin tinha apenas quarenta anos de idade, mas sua aparência o envelhecia para uns sessenta. Pesava cento e oitenta quilos, talvez duzentos. Sua pele brilhava por causa do suor pastoso que o cobria e, quando ria, seu rosto se transformava numa careta.

Não precisava muito tempo para perceber que o Imperador era um homem doente. A respiração ofegante, as tosses repentinas e seu olhar perdido davam conta de seu estado físico e mental. Vivia para os prazeres do corpo. Alimenta-se em excesso, consumia drogas de vários tipos, abusava do álcool e do sexo. A rotina do Imperador de Lemúria era uma sequência de festas desse naipe.

Quase sem exceção, todas as tarefas administrativas eram delegadas para seus subalternos. Apenas em casos extremos era procurado para emitir alguma

opinião.

Por mais que se esforçasse, John não conseguia acordar daquele pesadelo medonho. Se lembrava de ter entrado naquela caverna cheia de coisas esquisitas. Máquinas flutuando, homens metálicos e silhuetas monstruosas. Fora preso por japoneses. Talvez os mesmos que quase o mataram na Inglaterra.

“Meu Deus, será que tudo isso é um sonho?” — Perguntou-se em pensamento. — “Todos esses acontecimentos são bizarros demais.”

Sentia-se atordoado. Mas os fatos eram cobertos por uma aura de realidade difícil de explicar. John, em seu estado alterado, não fazia a menor ideia de que as coisas ficaram ainda piores.

Se lembrava que sua morte fora decretada por aquele homem.

“Será que eu morri?”

“Puxa, fechei os olhos esperando o golpe. Mas não me lembro de ter sentido nada.”

“E aqueles homens metálicos? Deus, estou ficando louco!”

“Sim, morri e esse é um trauma pós-morte. Devo estar no purgatório ou no inferno.”

Rememorava os japoneses sendo atacados pelos mnemes.

Olhou para seu próprio corpo. Quase não havia luz, mas, ainda assim, vislumbrou suas roupas encharcadas com o sangue de Takashi.

“Mas parece tudo tão real.”

“Estou vivo?”

Passou o dedo pela roupa e sentiu a textura viscosa do sangue.

“Sim, todos foram mortos em poucos segundos.”

“Aquele monstro iria me partir ao meio também.”

“O homem metálico não era muito diferente daqueles japoneses.”

“Se não fosse por aquelas duas moças...”

“Caramba, uma delas destruiu o homem metálico como se ele fosse manteiga.”

“Não, isso só pode ser sonho. Ela colocou todos nós dentro daquela canoa voadora. Fez isso usando apenas uma mão!”

“Canoa voadora? Jesus do céu, o que tá acontecendo comigo?”

“Sim, nós voamos até aquela nuvem. Não, não, não, era uma bola gigante.”

As imagens se sucediam em sua mente cansada.

“A outra moça cortou as cordas com uma luz.”

Aos poucos, os olhos se acostumavam com a pouca luz e ele começava a delinear o ambiente.

“Elas nos prenderam em cadeiras sem pés. Voam acima do chão!”

“Depois vieram os solavancos.”

“Alguma coisa aconteceu.”

Arregalou os olhos.

“A moça que nos salvou foi jogada contra a parede!”

“Será que ela está viva?”

Foi questão de segundos para os Raptores detectarem vida nos destroços dos Phobus IV.

Vários corações batiam no interior da nave abatida.

Raptores eram naves robotizadas e não precisavam de autorização para matar. Seu algoritmo definia o que fazer. Naquele caso, concluir a missão.

Apontaram os canhões para a cratera onde o Phobus IV fora sepultado.

Quase duas centenas de Raptores se prepararam para atirar.

As primeiras rajadas de plasma de hidrogênio emergiram dos tubos fumegantes.

A cratera lunar acendeu com mais intensidade. Mudou do laranja para o amarelo vivo.

John sentiu mais um solavanco. Ouviu ruído de ferragens se retorcendo.

Seu coração acelerou.

Foi quase sem querer que enviou um comando mental para a cadeira soltá-lo. O cinto afrouxou no mesmo instante. Escorregou e caiu no chão como gelatina flácida. Sentiu a textura fria do metal. Lembrou-se da placa que encontrara em Bamburgh. Ordenou, em pensamento, para o lugar iluminar-se.

Uma luz pálida e fraca encheu a ponte de comando do Phobus IV.

Viu Briéla caída, próxima à uma das paredes.

“Pobre menina, deve estar morta, ninguém sobreviveria àquela pancada.”

Correu os olhos pelo lugar. Os outros continuavam presos a suas cadeiras. Se aproximou de Sir Oliver. O homem dormia de roncar.

— Senhor Stewart, senhor Stewart, acorde. — Disse enquanto o chacoalhava de leve pelo ombro.

Nada, o professor não reagia ao seu chamado.

O barulho de metal retorcendo se intensificou. Como engenheiro, John pensou na estrutura daquela coisa.

“Isso não é bom. Esse negócio está cedendo.”

Voltou a olhar para a moça no chão.

Caminhou com dificuldade até o corpo de Briéla.

“Que jeito triste de morrer.”

A roupa dela impedia que ele medisse a pulsação no pescoço. Então, pegou suas mãos, retirou a luva e pressionou seu pulso.

Puxou o ar com rapidez.

“Meu Deus, ela está viva!”

O coração batia ritmado. Colocou o ouvido próximo às narinas e teve certeza de que a menina respirava.

Com cuidado, John se esforçava para movê-la para uma posição mais confortável.

O chão, inclinado uns trinta graus, dificultava bastante o trabalho.

John passou a mão direita pelas costas de Briéla. Trouxe-a próxima a seu peito. Segurou as pernas dela com a esquerda.

Briéla abriu seus grandes olhos azuis.

John se assustou. Travou. Sentiu-se embaraçado. Não sabia se soltava a moça ou se continuava segurando.

Briéla demorou um pouco para se lembrar onde estava.

O rosto de John, bem à sua frente, a tirou da letargia.

Toda a sequência de eventos pulou de sua memória. O portal, os ingleses, o

ataque dos Raptores e o Phobus sendo atingido.

Num movimento rápido, ela se soltou de John e se afastou até encostar na parede.

— Me desculpe, senhorita. — Falou o inglês, sentindo-se envergonhado.

Olhou desconfiada para John. Levantou-se num pulo.

— Como você tá acordado? — Perguntou confusa, tentando organizar seus pensamentos.

— Não sei.

“Será que esse humano é um espião? Como não dormiu? Como pode estar acordado?”

Briéla olhou para o lado num movimento rápido.

— Brania!

Correu meio desajeitada na direção da amiga. John a seguiu de perto.

Num esforço conjunto, os dois colocaram Brania numa posição melhor.

— Brania, Brania, acorde. — Briéla batia de leve no rosto da garota.

Consultou a armadura da amiga.

John percebeu a ansiedade da moça.

— Ela está bem? — Perguntou com ar de preocupação.

Tensa, Briéla não deu atenção à pergunta do rapaz. Continuou verificando o status da armadura de Brania. Depois de um tempo, focou o inglês.

— Sim, ela está bem. O neutralizador de inércia não conseguiu absorver toda a energia do impacto. Ela desmaiou com o choque, mas irá se recuperar logo.

Briéla se levantou, correu os olhos em redor. O som de metal rangendo ficava cada vez mais alto. Vez por outra, ouvia-se o som de parte da estrutura colapsando. A situação era bastante grave. Tinham sido abatidos pelo inimigo.

Respirou fundo.

— Precisamos sair daqui! Os Raptores sabem que estamos vivos.

John se virou para Briéla com cara de placa de trânsito.

— Raptores?

A dúvida corroía o coração da Atlante.

“Será que eu caí em uma armadilha? Será que esse cara é tão inocente

como se faz parecer?”

Não tinha como saber.

No entanto, o momento exigia atitude. Era necessário entender qual a dimensão do problema. E reverter o caos.

Pegou o capacete de Brania.

— Toma, coloque isso. Vai entender sobre o que eu tô falando.

Ele segurou o aparelho. Era bem mais pesado que o psico-transceptor. Permaneceu parado, travado com o capacete na mão.

— Vamos, cacete, coloque essa bosta na cabeça. Vou precisar da sua ajuda.
— Falou Briéla.

John não pensou duas vezes e posicionou o instrumento sobre seu crânio.

Sentiu uma vertigem, pensou que iria cair.

Uma imensidão de imagens tridimensionais surgiu diante de sua vista. Notou que as imagens não eram percebidas por seus olhos. Na verdade, esses atrapalhavam um pouco. As imagens eram colocadas diretamente dentro de seu cérebro. Era tão intenso que ele não conseguia evitar.

Retirou o capacete assustado.

— O que é isso? — A voz saiu trêmula.

Briéla respondeu sem se mover.

— Pode ficar sossegado. O capacete não vai te fazer nenhum mal. Por favor, coloque de volta, preciso de você.

O medo cresceu na mente de John.

— Me diga uma coisa. Pode falar a verdade.

Briéla tirou o capacete e colocou toda sua atenção no rapaz.

— Eu morri? — Perguntou o inglês.

Briéla franziu a testa, colocou o capacete de volta.

— Ainda não, mas se você não me ajudar, vai morrer logo, logo. Precisamos fazer alguma coisa, senão todos vamos morrer.

Ele colocou o capacete. As imagens voltaram à sua mente.

Virou-se para Briéla. Via a garota com a mente. Mas também a via os olhos. Eram duas dimensões totalmente diferentes. Seu cérebro tinha dificuldade para se acostumar.

— Feche os olhos, — aconselhou a moça — ficará mais fácil pra você. Prometo que te explico tudo depois.

John obedeceu.

A festa se desenrola com cenas grotescas de sexo. A porta do salão se abre. Um homem entra com olhos fixos no lugar de honra. Perdidos em ondas de luxúria e drogas, nenhum festeiro notou sua presença.

Grasso Vardin, caminhou com passos cuidadosos, desviando dos casais. Algumas garotas tentaram atraí-lo exibindo-se em poses sensuais.

Vardin seguiu, sem desviar o foco.

“Que nojo, quanta perversão. O povo de Lemúria não merece isso.”

Suas passadas largas o levaram ao local reservado para o Imperador. Se aproximou do guarda. O homem, concentrado em seu trabalho, reconheceu o Grão Vizir

— Preciso falar com o Imperador. — Falou Grasso Vardin, sua voz era compassada, mas carregada de preocupação.

O guarda abriu passagem.

— Sim, senhor, por aqui.

O administrador deu mais três passos.

Klans Kumárin não notou sua presença. Sua atenção voltava-se para uma de suas concubinas, com quem se preparava para fazer sexo.

— Me desculpe, senhor Imperador. — Grasso interrompeu com voz firme.

Klans reconheceu a voz, girou a cabeça.

— Vardin! — Quase gritou — Tire a roupa e entre na farra, homem. Escolha a mulher que quiser.

Olhou para as moças ao seu redor.

— Vamos, meninas, façam meu administrador feliz, ele anda muito tenso.

As garotas sorriram. Suas faces denunciavam o consumo excessivo de drogas e álcool.

Grasso sorriu paternal. Seu rosto tinha um traço de tristeza.

— Eu agradeço muito, senhor Imperador, mas o que me traz aqui é um assunto de estado.

Kumárin perdeu a concentração.

— Pelo amor de Deus, homem! Não vê que estou ocupado.

O Vizir respirou fundo.

— Sim, senhor, me desculpe a intromissão, mas o assunto é importante demais.

Klans Kumárin podia ser um festeiro, mas não era idiota. Seu raciocínio rápido e preciso passava despercebido por várias pessoas.

Colocou de lado a garota.

— Vamos continuar isso depois. — Disse sem olhar para ela.

Depositou sua atenção no Grão Vizir.

— Vardin, Vardin, você precisa relaxar um pouco e gozar mais a vida. Desse jeito vai acabar com um ataque do coração. — Falou balançando a cabeça. — Bem, vamos lá, o que foi que aconteceu.

Grasso Vardin entregou um computador de mão para o Imperador.

— Um de nossos hangares externo, aquele na América Latina, foi invadido.

Kumárin se ajeitou, assumindo posição mais ereta.

— O quê? Como?

— Senhor, veja com seus próprios olhos.

O computador de mão mostrava as imagens dos ingleses explorando o hangar.

— Humanos?

Vardin acenou positivamente.

— Sim, humanos. Como o senhor verá em seguida, os guardiões mataram alguns.

Klans focou o Vizir.

— Por que não mataram todos? — Havia impaciência em sua voz.

— O senhor verá, o senhor verá.

Klans voltou sua cara redonda para o pequeno aparelho.

As imagens de Briéla e Brania surgiram. Ele acompanhou a performance das duas. Seu rosto se contorceu num sorriso macabro.

— O que essas vadias estão fazendo em nosso hangar?

O Grão Vizir não disse nada.

— Caralho! Ela acabou com o guardião como se fosse um pedaço de bosta!

— Falou numa gargalhada que culminou num acesso de soluço.

O Imperador se esforçou para controlar-se.

— Essas malditas atlantes. Por que salvaram os humanos?

— Não faço a menor ideia, senhor. Mas não é só isso.

Kumárin tentava se concentrar nas imagens e no interlocutor.

— Não?

Vardin pegou, de volta, o computador de mão.

— Pouco antes dos guardiões serem ativados, uma estação de guerra de Hathor quebrou o protocolo de paz. Invadiu o sistema de câmeras de nosso hangar. Isso nunca aconteceu. Por que elas queriam espionar o nosso hangar? As atlantes sabiam de alguma coisa. Acho que existe uma trama por trás disso. Mas, ainda assim, perguntei ao Chanceler se ele foi informado.

— E o que ele disse?

— O Chanceler foi firme na resposta. Disse que ninguém entrou em contato com ele.

O rosto de Klans Kumárin ficou vermelho vivo.

— SAIAM TODOS. — Gritou — A FESTA ACABOU. GUARDAS, PONHAM TODOS PRA FORA.

Os convivas, embriagados e atordoados pelas drogas, demoraram para entender. Mas os soldados, atentos, fizeram com que eles se retirassem.

Foram necessários alguns minutos para o salão ficar vazio.

Impiedosas, as naves Raptore dos lemurianos, despejavam grande quantidade de energia na cratera.

O jovem inglês ficou maravilhado com as informações fornecidas pelo capacete telepático. Conseguia ver com clareza o estado em que se encontrava o Phobus e a posição de ataque do inimigo. As imagens surgiam em sua mente como se fosse um filme. Não foi preciso esforço para aprender a usar o capacete. As instruções surgiam à medida que precisava delas. John se sentia ciente de toda a situação. Não eram apenas imagens que recebia em sua mente, mas também a

capacidade de interpretar e transformar todos aqueles dados em informação útil.

Aquela coisa se conectava ao seu ser de forma harmoniosa. Fato que o deixava mais tranquilo. E, a despeito de viver no século XIX, se via, sem espanto, no bojo de uma supernave espacial. Percebia a tensão do momento. O ataque, vindo do espaço, era ininterrupto. A temperatura no exterior da Phobus passava de dois mil graus Celsius.

“Perdemos o reator central?”

John não conseguia definir se fez a pergunta ou se apenas pensou nela.

No entanto, o sistema de realidade virtual transmitiu a mensagem para Briéla.

“Perdemos. Pior do que isso, o cérebro quântico da neve também se foi. Estamos vivos graças à célula de sobrevivência.” Respondeu Briéla.

John entendeu o tamanho do problema.

“O que podemos fazer?”

Briéla não perdia tempo e acionava uma sequência interminável de comandos.

“Estou tentando entrar em contato com Hathor. Enquanto isso quero que você se concentre em economizar energia da célula. Desligue tudo que for desnecessário. Aplique o máximo de potência nos refrigeradores”

“Deixa comigo.”

Era uma situação estranha. No seu curso de engenharia em Cambridge, a custo ele compreendia as técnicas de controle do vapor. Mas ali, dentro daquele ambiente de realidade virtual, ele manipulava os elementos como se aquilo fizesse parte de sua vida por anos. Nem ele próprio conseguia explicar como.

Sem demora, passou a atuar nos controladores de temperatura. Reduziu em cinquenta por cento o consumo de energia. Durante sua tarefa, notou que dezenas de andróides se amontoavam em uma sala contígua.

Girou e focou a garota ao seu lado.

“Qual é o seu nome?”

Ela olhou para o rapaz.

“Você pode me chamar de Briéla.”

“Briéla é um bonito nome.” Deixou escapar em pensamento.

— Se concentra na temperatura da nave. — Falou em voz alta a General.

“Sim, sim. Estou cuidando.”

“Ótimo.”

“Briéla, tem um grupo de andróides pedindo para entrar aqui. Dizem que são médicos. O que faço?”

“Autoriza a entrada. Eles vão cuidar das pessoas...” Ela interrompeu seu pensamento por um momento e continuou. “Espere um pouco, estou recebendo mensagem de Hathor.”

Ela ativou alguns comandos virtuais.

“Hathor aqui é Briéla.”

“Oh Grande Universo, graças ao Supremo! Briéla, Brania vocês estão bem?” Veio em resposta.

“Estamos sendo atacadas. Tem uma caralhada de Raptóres fritando a gente.”

“O que está acontecendo? Como vocês estão?”

“Layra, eu estou bem. Brania desmaiou. Uma porrada de Raptóres de Lemúria derrubou o Phobus. Caímos na Lua. Eles ainda estão lá fora. Bombardeando. A nossa energia está se esgotando rápido.”

“Briéla, agüente mais um pouco, um Phobus X está a caminho.”

“Ótimo. Tenta falar com Lemúria, fala pra eles parar com essa porra de ataque.”

“Sim, farei isso.”

“Mais uma coisa, avise a Imperatriz.” Briéla pediu em tom imperativo, mas carregado de emoção.

A comunicação foi interrompida.

Os refrigeradores da célula aos poucos perdiam a batalha. A temperatura interna subia a níveis alarmantes.

John liberou a passagem e os andróides médicos entraram apressados. Não perderam tempo e se dividiram em prestar atendimento aos humanos.

John sofria com o calor. O mesmo acontecia com todos os europeus. Briéla e Brania estavam protegidas por seus trajes.

Briéla tirou o capacete.

— A temperatura, aqui dentro, tá quase quarenta graus!

Os androides médicos colocavam mantas refrigerantes sobre os ingleses. Porém isso não resolvia o problema, apenas amenizava.

Briéla correu até um canto da sala. Abriu um armário. Procurava por alguma coisa.

O calor continuou aumentando. John perdeu a consciência e caiu no chão. Um dos androides correu e colocou uma manta sobre ele.

— Achei. — Disse Briéla em voz alta.

Retirou uma caixa de uma prateleira. Abriu. Pegou um objeto. Um cinto em couro sintético.

Aos tropeços, correu na direção de John. Retirou a manta que o protegia.

Com a ajuda do androide, Briéla arrancou as roupas do rapaz.

John, desacordado e nu, permanecia no solo sofrendo com a temperatura que já passara dos cinquenta.

Briéla colocou o cinto nele. Enviou um comando mental para o objeto. Uma segunda pele se formou, acompanhando o corpo do inglês. Em menos de um segundo, o cinto se transformou numa armadura igual à de Briéla.

As funções vitais de John se normalizaram. Sua respiração se tornou profunda e calma.

Acordou.

— O que aconteceu?

— Você apagou por causa da temperatura. Coloquei uma armadura em você.

O inglês olhou para o traje.

— A senhorita trocou a minha roupa?

Briéla não deu atenção à pergunta

— Vamos, não temos tempo. Precisamos colocar armaduras nos seus amigos.

— Tirar as roupas deles?

— Mas que diabo! Você prefere que eles morram?

John caiu na realidade.

— Desculpe, o que devo fazer?

— Vamos, você e os androides retiram as roupas e colocam os cintos. Eu

ativo as armaduras.

Brania acordou. Se colocou de pé com a ajuda de um médico.

O rosto de Briéla se iluminou.

— Graças ao Supremo, você acordou. Tá sentindo bem?

— Um pouco tonta. O que aconteceu?

— Se sobrevivermos, eu te conto tudo. Vamos, me ajude a vestir armaduras nos humanos.

Ainda zonha, Brania passou a ajudar.

Yuri deu um pouco mais de trabalho por causa da grande barriga. Foram necessários dois andróides para levantá-lo.

Briéla ordenou aos médicos para manter os ingleses sedados.

— Bem, isso nos garante mais alguns minutos de vida. Agora, só nos resta rezar para Phobus X chegar a tempo.

Um pulso gravitacional de proporção descomunal se espalhou na velocidade da luz. Comprimindo e expandindo o tecido espaço-temporal do Universo.

Um encouraçado gigante emergiu do hiperespaço. O impacto abalou a espuma quântica num raio de milhares de anos-luz. Era um Phobus X. Uma estrutura esférica que faria o Monte Everest se sentir um anão. O colosso metálico deixou a quinta dimensão ao lado da Lua. Próximo ao local onde o Phobus permanecia soterrado.

O Titã se solidificou no plano físico e, no mesmo instante, apontou os seus canhões para os Raptos.

O algoritmo das naves robotizadas de Lemúria calculou a desvantagem. Melhor estratégia: Fugir. Iniciativa de autopreservação. Não faria sentido lutar contra o gigante.

Como um enxame, os Raptos giraram no eixo e aceleraram na direção da Terra.

O Phobus X acionou sua artilharia. Toneladas de partículas pesadas, superaquecidas, viajavam quase na velocidade da luz.

O inimigo não tinha como escapar da pontaria de um cérebro quântico. Só podiam contar com seus escudos. Suportaram bem, por breves momentos.

A rota de fuga dos Raptorez foi interrompida por uma frota Atlante, vinda da Sibéria.

As naves-robô recalcularam o plano de fuga. Mas estavam cercados. As explosões se sucediam no espaço. A coisa parecia mais com fogos de artifício sem som. Quem olhasse a Lua naquele momento, presenciaria um show pirotécnico nunca visto antes. Uma a uma, todas as naves inimigas foram destruídas. A batalha durou menos de um minuto

Os equipamentos ultrassensíveis do Phobus X iniciaram a tarefa de rastrear a cratera incandescente. Procuravam por sobreviventes.

Identificou o Phobus IV submerso em lava incandescente. O que sobrou dele repousava a uma profundidade de cinquenta metros.

Encontrou, entre os destroços, a célula de sobrevivência. A temperatura atingia o limite crítico.

Sim, corações pulsavam no interior, mas por quanto tempo? Preciosas vidas humanas estavam em risco. Entre elas Briéla Austhrum, Filha de PYthía, herdeira do trono de Atlântida.

Mais de mil naves-robôs deixaram o Phobus X e mergulharam na sílica derretida.

Sem surpresa, Frésnigo Leflan assiste à chegada de um Phobus IV ao portal da montanha do Roncador. Esboçou um sorriso sinistro. Acompanhou o transleve passar, em grande velocidade, rumo à entrada do hangar.

“Missão cumprida. Não imaginei que viriam até aqui.” — Pensou.

Lembrou-se da última conversa com o Grão Vizir.

“Ainda acho que teria sido muito mais fácil usar a força para trazer John até aqui. Não precisava daquela bobagem de criptograma”

Chacoalhou a cabeça com deboche.

“Mas o chefe preferiu assim. Paciência, quem pode manda.”

Inclinou-se para frente e flutuou devagar.

Pousou próximo à entrada.

“Caramba! Pelo uniforme, são Filhas de Atlântida! Acho que nem o Grão Vizir pensou nisso.”

Isso atrapalhou seus planos. Um punhado de Mnemes não seriam capazes

de vencer aquelas mulheres.

Os europeus precisavam morrer.

Pegou seu computador de mão e acionou mais uma centena Mnemes. As guerreiras de Atlântida fugiram.

O problema, e que levaram os humanos.

Ágil, ele se escondeu para não ser visto.

— Droga! — Falou o homem do anel de ouro.

“Eles não podem escapar.”

Mais alguns comandos e centenas de Raptores decolaram do hangar.

Não podia deixar as coisas como estavam. Tinha de se certificar que todos seriam mortos. Frésnigo entrou no Portal e se apossou de uma pequena nave de reconhecimento. Era um ovoide de uns três metros de comprimento.

Disparou atrás dos Raptores.

Teve o cuidado de manter distância segura. Longe dos poderosos canhões do Phobus.

A bordo de sua pequena nave, ele controlou o ataque à nave de Briéla. Queria extrair o máximo dos Raptores. Foi com alegria que presenciou a grande esfera metálica mergulhar descontrolada no solo lunar.

No entanto, sua alegria durou pouco. Seus instrumentos mostraram um grande abalo no espaço de quatro dimensões. Alguma coisa emergia do hiperespaço. Isso o fez sair daquele estado de espírito.

Procurou no visor para ver o que era.

“Meu Deus, um encouraçado! Mas que diabo, o que está acontecendo?”

Pensou rápido. Sua vida corria perigo. Mergulhou no outro lado da Lua. Se escondeu em uma cratera. Desligou todos os equipamentos de sua nave.

“Se eu for descoberto aqui, será o meu fim. Aquele maldito Phobus irá sentir meu coração. Só existe uma coisa que pode me salvar.”

Tão rápido quanto pode, digitou uma sequência de caracteres no teclado. Encheu os pulmões ar. Não teve tempo de fechar os olhos. Seu corpo entrou em hibernação.

Frésnigo foi congelado dentro de sua pequena nave. Todas as suas funções vitais foram suspensas. O coração parou de bater e a temperatura baixou, equalizando com o ambiente da cratera lunar.

Os sensores da aeronave de Leflan monitoravam a presença e posição do encouraçado. O computador de bordo ficou programado para efetuar um hipersalto se sua posição fosse descoberta.

Capítulo 12

Os remédios mantinham os humanos em sono induzido.

A pequena usina de fusão nuclear da célula trabalhava no seu limite. Mas a quantidade de energia que produzia não era suficiente para manter a temperatura. O termômetro virtual mostrava que o interior já tinha atingido cem graus Celsius. Continuavam vivos apenas por causa das armaduras.

Briéla sabia que, mesmo essas, possuíam limitações. O controle virtual começou a falhar. O capacete telepático ficou inoperante.

Sinais de alerta informavam que as armaduras davam os primeiros sinais de sobrecarga.

Impotentes, os androides médicos acompanhavam a morte lenta dos humanos.

Briéla, se desfez do desespero. Afinal, morte é só uma passagem.

Se concentrou e procurou em telepatia por sua mãe.

“PYthía, me desculpa, eu falhei.”

Ao seu lado surgiu um homem alto. Forte, com tórax largo. Tinha mais de dois metros de altura. Cabelos longos, até os ombros. Seus olhos calmos emitiam paz.

Briéla se sentiu fora do corpo físico. Sim, sentia-se morrer.

— Filha querida, — disse o homem na linguagem universal da alma — fique tranquila, PYthía sabe de tudo o que está acontecendo aqui. Ela nunca a abandonaria.

Uma nuvem de vapor surgiu ao lado do homem. Aos poucos, foi se transformando na figura de sua mãe.

— Minha filha, aguenta firme. O resgate está a caminho. Tenha fé.

Briéla sorriu. O tempo parecia escorregar com dificuldade. Tinha a impressão de que permanecera inerte por horas. Abraçou PYthía.

— Eu confio em você. — Sua voz carregava emoção. — Mas talvez seja tarde demais.

PYthía colocou o indicador nos lábios de Briéla.

— Não diga isso. Tenha fé. Seu corpo só permanecerá vivo se você acreditar.

A Filha de Atlântida ia dizer alguma coisa, mas um forte tranco fez o homem e sua mãe desaparecerem.

Acordou, sentiu o calor horrível que destruía suas células.

Outro solavanco, a célula de sobrevivência se movia.

Não sabia se aquilo era bom ou ruim.

Inalou devagar. Notou que o alarme de sua armadura tinha desligado. A temperatura no interior estava baixando.

“Estamos sendo resgatados?” — Raciocinou com dificuldade.

— Estão resgatando a gente. — Flou baixo, tentando acreditar no que dizia.

Respirou outra vez e o ar era agradável. Um sorriso nasceu em seus lábios.

— ESTAMOS SENDO RESGATADOS. — Gritou.

Briéla pulou, não conseguia conter a alegria. Abraçou Brania. Abraçou e beijou John.

Os robôs de resgate emergiram da cratera. Um largo filete de sílica derretida esticou atrás deles, retornando em seguida por força da gravidade lunar.

As naves carregavam consigo uma esfera de uns sessenta metros de diâmetro. Era a célula de sobrevivência do Phobus IV.

Foi conduzida ainda incandescente para o interior do Phobus X.

O compartimento de carga da grande nave comportaria, com folga, algumas montanhas dos Alpes Suíços. A pequena esfera avermelhada flutuava como um pequeno ponto perdido naquele espaço. Milhares de andróides operários voaram apressados em direção à célula.

Com precisão, aplicavam jatos de nitrogênio líquido para acelerar o processo de resfriamento.

No interior, os sobreviventes comemoravam.

A sala ampla permanecia na penumbra. No interior, um divã pairava no ar a poucos centímetros do chão. Uma mulher de cabelos louros, avermelhados nas pontas, repousava sobre ele. Usava um vestido azul claro, bordado com fios de ouro. Não, não era ouro. Eram linhas feitas em um material desconhecido. Emitiam luz amarelada, que remetia ao metal precioso.

Olhos fechados, rosto suave, sereno. PYthía meditava, mais do que isso, deixará seu corpo ali, enquanto a alma visitava o mundo espiritual.

No plano extrafísico, a Imperatriz se preparava para retornar ao corpo. Ao seu lado um homem a conduzia como um cavalheiro.

— PYthía, fiquei apreensivo, mas graças a Deus, deu tudo certo. Estive pensando, talvez esse seja o recomeço para a nossa linhagem genética.

Ela sorriu.

— Concorde, querido SëThus. Acredito que o Universo segue numa reestruturação. Quem sabe em breve, o que passamos hoje, seja apenas uma história triste.

— Vou pedir ao Altíssimo para que a Natureza fale mais alto. — Disse o homem em voz sublimada.

Ela acariciou a mão dele.

— Devemos nos preparar para um futuro maravilhoso. Porém, antes será necessário nos protegermos da tempestade que surge no horizonte.

— PYthía, meu anjo, vamos manter vibração alta. O que está em cima é igual ao que está em baixo. E o que está fora é reflexo do que está dentro. O trabalho mais importante é aquele que fazemos dentro de nós. Sejam exemplo para os nossos filhos. O desafio que os aguarda não é pequeno.

Ela aquiesceu com a cabeça. Olhou para seu corpo no divã.

— Acho que é hora de eu retornar para o plano físico.

Ele esboçou um leve sorriso.

— Sim, venha eu ajudo você.

Como um gentleman, ele a auxiliou a deitar-se sobre o corpo.

PYthía manteve os olhos abertos.

Aos poucos, o rosto de SëThus desvaneceu. Ela sentiu o abraço denso e frio do corpo. Intenso, forte, doloroso, aprisionante. Era como cair em um abismo escuro.

Abriu os olhos físicos. Respirou devagar e profundamente. Se espreguiçou. Sorriu.

“Briéla está salva. Obrigada, Senhor, obrigada.”

— Roupas, CARALHO, tragam-me roupas. RÁPIDO. — Gritou o Imperador.

Sua papada tremia com os movimentos do maxilar.

Vardin observava a certa distância. Sentia nojo de Klans Kumárin. Odiava quando ele o tocava.

Androides serviçais correram acudir o Imperador. Trouxeram-lhe trajes próprios para sua posição.

Zonzo, por ter levantado muito depressa, Kumárin se apoiou no trono flutuante. Aprumou-se.

— TRANSLEVE, EU QUERO UM TRANSLEVE. — Berrou.

Grasso Vardin permaneceu impassível. Seu olhar penetrante acompanhava os movimentos do monarca.

— O que Vossa Excelência pretende fazer?

O transleve chegou e pairou no ar.

O imperador entrou com a ajuda de seu cinturão antigravitacional.

— Vamos, Vardin, venha comigo. Vou conversar com aquelas vadias para saber a versão delas.

— Sim, senhor. — Disse o Grão Vizir enquanto flutuava para dentro do pequeno veículo.

O transleve ganhou velocidade e deixou o salão.

Dois minutos depois de resgatada, a célula de sobrevivência foi aberta.

Algumas dezenas de androides médicos entraram na esfera. Os ingleses continuavam em suas poltronas, em sono induzido.

— Obrigada, obrigada. — Agradeceu a menina de Atlântida. — Por favor, levem os humanos para a enfermaria e cuidem para que eles sejam bem tratados.

— Como quiser, princesa. — Respondeu um dos autômatos.

Sem o capacete telepático, John sentia-se diminuído. As coisas ao redor, a gravidade próxima de zero e os androides causavam-lhe insegurança. Diante de tudo aquilo, sentia-se como se fosse um homem de Neandertal.

A última frase do androide o confundiu ainda mais.

— Princesa? — Perguntou.

O rosto de Briéla permaneceu inalterado.

Brania se aproximou flutuando.

— Sim, princesa. Está é Briéla Austhrum, herdeira do trono de Atlântida.

— Princesa de Atlântida?

— Sim, além disso, ela também é General do Exército.

John tornou-se ainda mais confuso.

— General? Princesa? Atlântida? A cidade que afundou no mar?

— Não exatamente.

Brania ia continuar, mas vários transleves se aproximaram. Ela entrou em um deles.

Briéla saltou para dentro de outro

— Venha, deixa pra lá essa bobagem de princesa. Temos muito o que fazer.

Estendeu a mão num convite informal.

John hesitou.

— Mas, William, o senhor Stewart e os outros, o que acontecerá com eles?

— Perguntou, olhando para trás.

Brania se adiantou na resposta.

— Não se preocupe, serão levados para a enfermaria. No momento, dormem por causa de sedativos. Mas todos estão bem.

— Eu posso acompanhá-los?

Briéla interveio.

— Depois, agora preciso saber tudo o que você sabe. Venha conosco até a ponte de comando.

— Mas...

— Por favor, temos de retornar pra Terra. Caso você não tenha percebido, existe uma guerra em curso. — Falou Briéla com pouca paciência.

Sem pensar mais, John segurou a mão da moça.

— Me desculpe, não quero atrapalhar.

Ela o puxou para dentro do transleve.

— Não quero ser grossa, mas, realmente, não temos tempo a perder.

Com o transleve em movimento, dava para perceber a verdadeira extensão daquele gigante singular. Atravessaram um hangar com centenas de aeronaves. Algumas, pequeninas, com apenas dois metros de comprimento. Outras, gigantes com mais de cem. Máquinas exóticas se espalhavam por todos os lados. Umas fixas na estrutura da nave, outras perambulavam pelos corredores, paredes e tetos. O ambiente, no interior do Phobus X, era ainda mais impressionante do que a caverna na Montanha do Roncador.

Aquilo era orgânico, parecia até ter vida.

Chegaram à ponte de comando. Era bastante parecida com aquela que John tinha conhecido no Phobus IV. A principal diferença era o tamanho. Essa era uma sala bem maior.

Desceram do transleve.

Briéla tinha cabelos longos, que passavam do meio das costas. O louro bem claro harmonizava com os grandes olhos azuis. O rosto oval e delicado dava um toque meigo à sua aparência. Possuía um corpo atlético com um metro e setenta de altura.

Foi aos dezoito anos de idade, assumiu, por mérito, a posição de Primeiro General do Exército de Atlântida. Como herdeira do trono, não precisava seguir carreira militar. Mas a tendência para as armas estava escrita em seu DNA.

Naquele momento, com mais de dezenove, era uma mulher segura de si. De seu dever para com o destino de Hathor e dos Atlantes.

— Bem, vamos fazer as apresentações, está é Brania e eu sou Briéla.

O jovem inglês sentia-se atordoado. As últimas horas tinham exigido muito dele.

— Você é princesa? — Insistiu o inglês.

— Já disse, isso é bobagem. — Falou, girando o rosto para o lado. — Sou filha da Imperatriz. Serei obrigada a assumir o trono. Mas, francamente, prefiro ser General. O mundo político me enerva. Graças ao Universo que será por apenas vinte anos.

— Vinte anos?

— Sim, vou governar Atlântida por vinte anos.

— Então, Atlântida ainda existe?

— Sim, apenas uma parte dela foi destruída pelo anjo.

Brania se aproximou.

— Qual é o seu nome?

Ele olhou para ela com olhos perdidos.

— McBrian, meu nome é John McBrian.

— John, — disse Briéla — você e seus amigos não deveriam estar aqui. Mas já que estão, terão que assimilar muita coisa nova.

John correu os olhos pela larga ponte de comando.

— Isso é outra nave, não é? Onde estão os marinheiros dessa... dessa coisa?

Briéla se virou para Brania.

— Por favor, nos leve para Hathor.

— Sim, Briéla.

Voltou-se para o rapaz.

— Este é um encouraçado. Uma espaçonave autômato. Controlada por um cérebro quântico, não precisa de tripulação.

— Cérebro quântico?

Briéla olhou diretamente nos olhos do inglês.

— Olha, é melhor você não se preocupar muito com isso agora. Não sei se tenho termos para explicar pra você. Um cérebro quântico é um supercomputador.

— Supercomputador?

Briéla fechou os olhos e expirou com força.

— Imagine uma régua de cálculo que faz as contas sozinhas. Um ábaco inteligente que mexe as bolinhas por conta própria e depois fornece o resultado. Em linhas gerais o cérebro quântico é isso.

— Essa coisa é capaz de controlar uma nave como essa?

— Sim, é uma ciência muito antiga. Este encouraçado pertence a um dos esquadrões de defesa da Terra. Foi construído há milhares de anos.

John balançou a cabeça.

— Nunca ouvi falar sobre nada disso na Inglaterra. Nunca vi um voando por aí.

— Existe um pacto entre Atlântida e Lemúria para que as aeronaves não espalhem pânico na crosta externa. Esse Phobus X, por exemplo, fica estacionado em uma de nossas bases em Vênus.

Brania optou por não imprimir muita velocidade para que o inglês pudesse acompanhar a viagem.

Em frente a eles, uma enorme janela se abriu. A Ficou visível em grande magnitude. Em destaque, a cratera incandescente que o Phobus fizera em sua queda.

— Olhe, — apontou Briéla — nós caímos ali, estávamos submersos em sílica derretida há cinquenta metros de profundidade.

John arregalou os olhos. Ele já tinha visto aquilo no ambiente virtual do capacete telepático. Por algum motivo, aquele aparelho o levava para um nível diferente de consciência. Sem ele as fobias da alma se tornavam dominantes.

— Minha nossa! Como conseguimos sair dali com vida?

Briéla puxou duas poltronas flutuantes.

— A gente vai conversando sobre essas coisas com calma. Mas agora, me conta tudo. Como você conseguiu abrir o portal dos lemurianos.

— A Serra do Roncador? Aquela caverna?

— Sim, aquela construção é um hangar de guerra de Lemúria. Você tinha um psico-transceptor de Hathor. Abriu o portal. Esse ato pôs fim a um armistício que já durava seiscentos anos. Por que e como fez isso?

O gigante iniciou sua marcha e a Lua foi diminuindo no visor. Terra apareceu resplandecente na grande janela. John ficou maravilhado.

— Caramba, aquilo é a Terra?

Briéla desviou o olhar para a bola azul.

— Sim, é o nosso planeta. — Voltou a focar o inglês. — Como você abriu o portal?

— Eu não sei, nós achamos aquela placa na Inglaterra, em Bamburgh.

A nave acelerou e em poucos segundos sobrevoava o polo sul.

— Me conte a história toda, desde o princípio.

— Bem, primeiro eu encontrei um livro na biblioteca do King's College. Era um manuscrito histórico com mais de cem anos...

John contou sua história. Mesmo assim, seus olhos não perdiam um segundo da viagem.

O Phobus X mudou de trajetória. Iniciou o processo de descida. O solo gelado do polo sul se aproximou rápido.

Tão depressa que John pensou que bateriam contra o chão. No entanto, entraram em uma bruma branca, uma névoa densa.

Aos poucos, a névoa se dissipou. A quantidade de luz diminuiu. As Trevas tomaram conta do exterior. O inglês teve a impressão de que entraram por um buraco. Sim, era um fosso, largo o suficiente para caber o gigante com folga.

John parou a narrativa.

— É impressão minha ou estamos descendo por um poço no polo sul?

— Estamos descendo por uma abertura circular. Hathor fica na face interna do planeta.

— Face interna? O que você quer dizer com isso?

— O planeta Terra é oco. — Respondeu Briéla.

— Oco?

— Sim, como tantos outros. O nosso planeta é oco. Possui todo um ecossistema no interior. Oceanos, continentes, matas, rios e enorme abundância de vida.

Perplexo John mantinha os olhos grudados no visor.

— Minha nossa!

— Então... O Edmund Halley estava certo. Uma vez li sobre sua teoria da terra oca.

O rosto de Briéla se iluminou.

— De certa forma, sim. Exceto pelo fato de que as aberturas existentes nos polos, propostas por Halley, são muito menores do que em sua teoria. Além do mais, estão cobertas por espessa camada de gelo. Outra curiosidade é que as tais aberturas não são responsáveis pelas auroras boreais. Também não são visíveis do espaço. Essa passagem que estamos atravessando é artificial.

Sem sentir inércia, John percebeu uma mudança no movimento.

— Que estranho, parece que estamos subindo de novo.

Briéla olhou para o visor.

— Ah, sim, quando passamos da metade da espessura da parede do planeta, a nave gira de cabeça pra baixo.

— Por quê?

— Simples, porque, quando a gente sair do outro lado, não vamos pensar

que estamos de ponta-cabeça.

— Existem mais passagens como esta?

— Sim, existem várias delas espalhados pelo mundo.

Ela olhou firme para ele, fez uma pausa e continuou.

— Mas, nós podemos falar nisso depois. Conta pra mim o resto da sua história.

John sentia-se magnetizado por aquele visor. Não queria perder nada daquela viagem. Por outro lado, não tinha a intenção de ser indelicado com a moça.

Tentou fazer as duas coisas ao mesmo tempo. Contava sua aventura, mas com os olhos pregados na janela.

Naquele momento, se via apenas as paredes escuras da passagem.

— Me diga uma coisa, — interrompeu Briéla — esse livro que você achou na biblioteca.

— Sim, a relíquia.

— Você o pegou na estante de livros ou ele apareceu na sua mesa?

John tentou se lembrar.

— Tínhamos muitos livros na mesa. Não me lembro de ter pegado esse em especial. William fazia o trabalho junto comigo, ele pode tê-lo trazido.

O ambiente externo à nave clareou. As imagens no visor ficaram nítidas. Saíram pela cratera de um vulcão extinto. Na base da montanha, uma planície se estendia e sumia na distância. Banhada por uma luz avermelhada, sua forma não delineava um horizonte.

Era coberta por vegetação. Árvores com folhagem em tom alaranjado enchiam a paisagem.

— Que mata é essa?

Briéla pensava nas informações que John acabara de passar. Sua mente vagava longe, numa guerra que acabara de começar. Sentia no ar o cheiro de armação. Teriam os ingleses caído em uma armadilha?

Contudo, a General não afastava uma desconfiança. Aquelas pessoas poderiam ser espiãs. Portanto, não baixaria a guarda até ter certeza.

Brania tirou o capacete telepático e respondeu à pergunta de John.

— Essa floresta é formada por espécimes que se adaptaram a este

ambiente. Nosso planeta possui duas crostas. Cada uma seguiu seu próprio caminho evolutivo. Aqui, fauna e flora são bem diferentes da crosta externa. Afinal, não temos um sol, mas uma grande massa de ferro derretido.

John ergueu os olhos e viu parte do núcleo, que parecia um gigante sol vermelho no céu do meio dia.

Brania finalizou sua explicação.

— Essa massa gira em grande velocidade. E é mantido no lugar por um vórtice gravitacional. Uma fenda no tecido espacial, naquele ponto.

— Mas, essa massa não deveria ser atraída pelas paredes do planeta?

Briéla se levantou.

— Com licença, preciso falar com o conselho de administração.

Brania acenou com a cabeça.

— Sim, Briéla. Eu cuido das coisas por aqui.

— Obrigada. — Agradeceu, enquanto saía da sala.

Brania se virou para o jovem inglês.

— Para entender tudo isso, primeiro é necessário mudar um pouco o seu conceito de matéria e gravidade. Segundo o postulado do seu mundo científico, a massa de um corpo causa o efeito da gravitação. No entanto, nossa ciência acredita justamente no contrário. Existem pontos de ligação entre o que conhecemos como mundo físico e o mundo suprafísico. Através dessas fendas a energia flui de um plano para outro em forma de ondas. Essas ondas gravitacionais criam a ilusão de matéria. São essas vibrações que organizam a substância elementar. Essas organizações, ou supercordas, formam as estruturas subatômicas. Que, por sua vez, dão origem aos átomos e moléculas. O centro do nosso planeta possui um poderoso vórtice gravitacional. Ele pressiona uma quantidade de pequenas fendas contra si próprio. Existem duas grandes estruturas gravitacionais, uma que molda o núcleo e outra a crosta.

Todo aquele conhecimento estava muito além da ciência humana do ano de 1856. John não conseguiu acompanhar o raciocínio de Brania.

Muitas perguntas ainda surgiam em sua mente quando a aeronave iniciou a travessia de um grande corpo de água.

Brania sorriu ao ver o rosto pasmo do inglês.

— Este é o oceano Telesto. Ele banha o continente de Atlântida. Em breve chegaremos na capital Hathor.

O transleve percorreu alguns corredores e entrou em uma grande avenida. Era com um largo tubo na forma de meia cana.

Muitos veículos iam e vinham. Não apenas transleves. A maioria empregava tecnologia inferior. A avenida possuía faixas para máquinas voadoras e outras para veículos terrestres. A discrepância de modelos era acentuada.

Por ser mais robusto, o transleve imperial abria caminho entre os outros.

— Vardin, como vai o nosso exército?

— Senhor, nossas fábricas trabalham no máximo de suas capacidades. Triplicamos a produção de Mnemes. A montagem de raptos também aumentou. Estamos nos dedicando bastante no desenvolvimento de novas armas.

— Bom, bom, e os nanodroids?

O Grão Vizir deu um leve sorriso, adivinhando as intenções do imperador.

— Ainda temos algum estoque. Mas, espero em breve encontrar a capsula perdida. Li em um livro antigo que é possível aumentar o poder de ação deles.

O imperador olhou para o esmalte em suas longas unhas. Uma delas se apresentava levemente descascada. Isso o aborreceu.

— Sabe, Vardin, você tem um raciocínio rápido, não demora muito para pegar as coisas.

Klans Kumárin focou os olhos de Grasso.

— Me diga uma coisa, quais são as nossas chances contra Atlântida?

O leve sorriso de Grasso Vardin aumentou e tomou forma. Seus dentes brancos ficaram à vista.

— Hathor nunca esteve tão vulnerável. Os relatórios dos nossos espiões mostram isso com todas as letras. O governo brando de PYthía é fraco. Nem de perto chega ao totalitarismo que foi o governo de Brathía. Nos últimos anos, o exército afrouxou. Eu diria que Atlântida ainda possui vantagem tecnológica. Mas nossos generais são muito mais preparados.

— Muito bem, Vardin, muito bem, era isso que eu queria ouvir.

O Grão Vizir acenou positivamente com a cabeça.

Saíram do túnel avenida e tomaram um menor, com menos movimento.

Todo o trajeto foi feito dentro de túneis.

Chegaram em uma sala de proporções médias. Trinta metros de largura por outros tantos de comprimento. Parecia um cinema, ou um teatro. Numa das paredes havia uma tela de projeção. Muitas poltronas enchiam o lugar. Eram comuns, presas ao chão. Ao centro, numa posição mais elevada, havia um lugar de honra. Com poltronas flutuantes, mais confortáveis e espaçadas entre si.

O transleve estacionou no local em destaque. Os dois passageiros desceram fazendo uso da antigravitação.

Kumárin desabou sobre uma poltrona. Sua pele fofa ainda ondulava quando ele pressionou um botão no pequeno painel ao seu lado.

Na tela surgiu a imagem de um homem magro, com olheiras profundas e cabelos brancos.

— Pois não, sua alteza, no que posso ser útil? — Perguntou em voz pausada.

O imperador esfregou o braço no nariz.

— Eu preciso falar com aquelas vagabundas de Hathor.

Impassível, o homem não moveu um músculo do rosto.

— Sim, senhor, imediatamente, senhor, com quem o senhor gostaria de falar?

O imperador riu.

— Quero falar com a vagabunda mor.

— A Imperatriz PYthía? — Perguntou o homem.

— Sim, caralho. Para de fazer pergunta e faz logo o seu trabalho, porra.

O homem não alterou a postura em um milímetro.

— Sim, sua alteza.

A imagem desapareceu.

No interior do planeta não existe uma linha de horizonte separando a terra do céu. Isso porque os continentes e oceanos curvam-se para cima. As imagens distantes são distorcidas pela atmosfera e, gradativamente, se fundem com a tonalidade avermelhada do céu.

Quando olhamos para cima, vemos uma a grande massa esférica. Em um vermelho radiante, quase amarelo, como aço incandescente. Este pequeno sol vermelho nunca muda de lugar. Permanece, eternamente, no meio do céu.

Ao longe, já se podiam ver enormes estruturas. Flutuavam a dez mil metros de altura. Tinham formado circular, parecido com cálices. Na base de cada uma, havia uma haste centralizada, sustentando a construção. Esses pilares emitiam forte luz azulada. Na verdade, se pareciam com feixes energéticos. E, à medida que se aproximavam do solo, se desvaneciam numa névoa esbranquiçada.

A parte superior das estruturas mediam dois mil e quinhentos metros de diâmetro por um quilômetro de altura.

Milhares de construções semelhantes se espalhavam em diferentes alturas.

Existiam muitas ligações entre os cálices. Eram corredores feitos da mesma luz azulada que se via nas hastes. No interior desses, grande quantidade de pequenos veículos trafegava, frenéticos, de um lado para outro.

Um fato que chamou a atenção do inglês. Apenas uma pequena parte das construções estava ativa. A maioria permanecia na escuridão.

O Phobus X sobrevoou a cidade.

Parou acima das construções. Ficou estacionado, como que sustentado por mãos invisíveis.

No terraço norte do cálice central, uma jovem entra no gabinete da Imperatriz.

— Senhora PYthía, com licença.

A Imperatriz levanta o rosto e sorri.

— Deixa ver se eu adivinho. — Falou sem desmanchar o sorriso — O Imperador de Lemúria está ansioso por uma conferência e tem de ser agora. Pois é um caso de suprema importância e bla bla bla... estou certa?

A jovem sorriu.

— Sim, senhora, exatamente isso.

— Está bem, diga-lhe que falarei com ele em um minuto.

— Sim, senhora.

A moça fez reverência e saiu.

PYthía fechou os olhos e se concentrou em sua única filha.

“Briéla, você consegue me perceber.” Perguntou em pensamento.

“Sim, mãe, que bom sentir o seu perfume mental.”

O coração da Imperatriz se aqueceu.

“Por favor, minha filha, venha para o cálice central. Vou precisar de você. Aquele homem quer falar comigo de novo. Acho que agora o assunto é sério.”

“Eu tenho certeza de que é. Precisamos tomar alguma providência. Dessa vez, Lemúria foi longe demais.”

“Filha, estou te aguardando para falarmos com ele.”

“Estarei aí em alguns segundos. Um beijo grande.”

“Te amo, venha em paz.”

“Também te amo. Paz? O que tenho neste momento é ebulição de raiva, e ódio. Isso sim.”

Briéla voltou para a ponte de comando.

— Brania, vou na frente, como era de se esperar, as coisas vão esquentar.

— Sim, Briéla, eu cuido dos nossos convidados.

— Isso, acorde eles e depois conduza-os para o terraço norte. Quero apresentá-los a PYthía.

— Deixa comigo.

Briéla flutuou até um transleve e deixou o lugar.

John acompanhou toda a conversa.

— Senhorita Brania, o que ela quis dizer com “as coisas vão esquentar”?

— John, você pode me chamar simplesmente de Brania. Nossa relação com os lemurianos nunca foi muito boa. Mas agora, com a abertura daquele portal por um psico-transceptor de Hathor, eles têm o argumento que precisavam.

— Estou me sentindo mal com esta situação. Não fazia a menor ideia do que podia acontecer. Juro, estávamos obcecados com a possibilidade de encontrar um tesouro.

Brania olhou pelo visor do Phobus.

— Entendo, mas não se culpe por isso. Acho que vocês foram usados. Na verdade, nunca houve uma declaração de paz entre Atlântida de Lemúria. Sim, vivíamos um armistício que já durava muitos séculos, mas sempre tivemos dúvidas.

John ficou mudo.

“Cacete, como eu podia imaginar que daria nisso?”

Brania voltou a focar o rapaz. Colocou a mão no ombro dele.

— Venha, vamos acordar os seus amigos. Preciso que me ajude a minimizar o choque que terão.

O jovem aquiesceu com a cabeça.

— Ah! Vardin, Vardin, você é muito sério. Precisa sorrir mais, aproveitar o que é bom na vida!

Grasso fez uma imperceptível cara de tédio.

“De novo. Lá vem esse devasso com suas ideias imorais. Deus, quanto tempo suportarei?”

— Oh, sim, e o que sua majestade me aconselha?

Klans Kumárin gargalhou alto.

— Mulher, Vardin, mulher!

A tela se acendeu com a imagem da Imperatriz de Atlântida. Ao seu lado a princesa Briéla. Ambas vestidas em traje oficial.

PYthía fez reverência.

— Sua majestade Imperador de Lemúria Klans Kumárin, é uma honra falar com o senhor.

Kumárin parou de rir. Seu rosto tornou-se pesado, feroz, ameaçador. Uma carranca de barco Viking.

— Vamos deixar a papagaiada de lado. Acho que você sabe por que te chamei.

— Sim, faço alguma ideia.

— Pois bem. Quero que assista o vídeo que fizemos em uma de nossas bases.

O filme mostrou duas guerreiras destruindo alguns Mnemes do exército de Lemúria.

— Como você pôde ver, — continuou Kumárin — duas vagabundas do seu bando invadiram o nosso hangar. Destruíram parte dos equipamentos. UMA COISA COMO ESSA É INADMISSÍVEL. Quero ouvir sua versão e exijo retratação imediata.

O rosto de Briéla ficou vermelho como brasa. Sua respiração acelerou. Os punhos fecharam com força.

PYthía permaneceu calma, como se não tivesse ouvido uma palavra dita pelo interlocutor.

— Imperador Kumárin, — disse com voz mansa e pausada, — antes de mais nada. Em nome do Império de Atlântida. Eu PYthía Austhrum, pelos poderes a mim conferidos, peço desculpas por um aparelho de Hathor ter aberto o portal do hangar de Lemúria. Estou convicta de que a paz é o maior bem da humanidade.

— Eu não aceito o seu pedido de desculpas barato. — Esbravejou o Imperador.

PYthía não se alterou.

— Imperador, eu ainda não terminei. O filme que o Vossa Excelência mostrou está incompleto. Falta uma parte importante. De modo que gostaria de lhe mostrar o resto.

Klans sorriu desajeitado.

— Mostra essa porra.

Surgiu na tela o Phobus IV sendo perseguido por centenas de Raptore. A luta nas proximidades da lua. Sua destruição e queda em solo lunar.

Kumárin não tinha visto essa parte. Olhou para o Grão Vizir e gargalhou.

— Aquelas vagabundas tiveram o que mereceram. — Falou entre as gargalhadas e soluços.

— Não vejo motivo para tanta violência. Estamos em um armistício. Acionar centenas de naves-robôs contra um único Phobus IV? Por quê?

— Foda-se, o que aquelas vadias estavam fazendo lá?

— Resgatando os humanos que seriam mortos pelos Mnemes descontrolados. Além do mais, as duas mulheres em questão são a General Briéla e Coronel Brania.

Kumárin parou de rir

— Como disse, — continuou PYthía — a paz é o maior bem da humanidade. O nosso armistício já dura por séculos. É com base nesse acordo que eu quero saber por que o ataque contra nossa nave? Seguimos todos os protocolos de paz. Por que vocês desrespeitaram o cessar fogo?

Kumárin respirava ofegante. O suor escorria em sua face.

— Por que vocês invadiram o nosso hangar? — Sua voz era trêmula e carregada de raiva.

— Eu já dei as minhas explicações. Agora espero as explicações de Vossa Excelência.

O Imperador fervia em seu interior.

— Quer saber, sua vadia, o armistício acabou. A partir de agora, estamos em guerra!

O sangue de Briéla ferveu.

— Estulta aqui seu maníaco pervertido. Dobre a língua quando falar da minha mãe. Você é um bosta, um ninguém, um vagabundo que suga seu reino. Um parasita desprezível. Ouse atacar Atlântida e eu terei motivo para arrancar as suas tripas pelo cu. Seu filho da puta.

A conexão foi interrompida.

Kumárin ficou um tempo com olhos arregalados.

— Caralho! Gostei dessa garota, deve ser muito boa na cama.

Virou-se para o Grão Vizir.

— Vardin, nunca se case com uma dessas. Elas te controlam pela vida inteira.

Grasso Vardin não moveu um músculo. Optou por não comentar.

“Deus do céu. Quando esse incompetente irá se dar conta de que sou casado. Com uma pessoa maravilhosa. Minha vida é reta.”

— Majestade, o que devemos fazer agora?

Kumárin deu de ombros.

— Você eu não sei. Quanto a mim, vou voltar para minha festa.

— Mas, majestade, o senhor declarou guerra contra Atlântida!

Kumárin flutuou para o transleve.

— Vou pensar nisso depois. Você sabe, eu penso melhor quando estou bêbado. Até logo, Vardin.

O veículo acelerou e desapareceu pelo corredor de entrada.

Acordou. Dormira demais. Dormira a ponto de a ramela impedi-lo de abrir os olhos. Encheu, devagar, os pulmões com ar puro. Sir Oliver forçou as pálpebras

com os dedos. Só então pode ver onde estava.

“Meu Deus, o que é isso?”

Correu a visão em redor. Não possuía paralelo para comparação. Assustou-se com hominídeos metálicos caminhando ao seu lado.

Tentou se levantar, mas a tontura o impediu.

— Por favor, não se esforce, senhor. Precisa descansar mais. — Disse um dos homens de metal.

O pavor tomou conta de sua alma. Ia gritar, mas viu John vindo em sua direção.

— Senhor McBrian, é o senhor?

O rapaz apertou o passo.

— Sim, senhor Stewart, sou eu. Como o senhor se sente?

O professor fechou e abriu os olhos várias vezes.

— Tonto, bastante tonto.

— É efeito do sedativo, vai passar num instante.

— Que lugar é esse? Onde estamos? E os outros? O que aconteceu com os outros? — Perguntou, tentando levantar-se pela segunda vez.

— Melhor o senhor ficar deitado por mais alguns minutos.

Sir Oliver desistiu, soltou seu corpo na cama.

— Está bem, mas que lugar é esse?

O jovem respirou fundo e olhou ao redor.

— A história é longa. Na verdade, passamos por tantas coisas nos últimos minutos que eu nem sei se isso é realidade ou sonho.

Brania se aproximou, vindo de trás. Pousou a mão no ombro do estudante.

— John, posso te garantir uma coisa. Não é sonho.

O professor olhou para moça tentando reconhecê-la.

— Esta é Brania. — disse John fazendo a apresentação — Uma das moças que nos salvaram daqueles monstros metálicos. O senhor se lembra?

O mestre se esforçou um pouco para recordar.

— Sim, a caverna. Os japoneses. Meu Deus! Aquele homem. Ele ia decapitar o senhor. Mas foi atacado pelo homem metálico. Depois apareceram as

moças. — Parou. Olhos arregalados. Expressão de demente. — Senhor McBrian, eu enlouqueci? Estou num hospício? Jesus, nada faz sentido.

— Senhor Stewart, se eu também me sinto assim. As vezes penso que estou louco. Ou do outro lado da vida.

— Nem uma coisa nem outra. — Falou a Coronel. — Vocês estão vivos e saudáveis. Apenas precisam de um tempo para assimilar todas essas coisas novas que estão vivendo.

John fez um gesto afirmativo com a cabeça.

— Sim, acho que sim.

Sir Oliver se virou para Brania.

— Senhorita, me desculpe o desconcerto. É um prazer conhecê-la.

— Senhor Stewart, não precisa se desculpar. Peço a vocês que abram suas mentes. Nas próximas horas, verão coisas que desafiarão as suas capacidades de cognição. E isso é natural. Os humanos, da crosta externa, vêm se desenvolvendo por quarenta e dois mil anos. Na crosta interna, já passamos dos quinhentos mil.

O professor permaneceu paralisado.

“Quinhentos mil anos? Deus, o que isso significa em termos de conhecimento?”

— Vamos, — continuou a moça — vamos acordar os outros.

Um a um, os europeus foram tomando consciência. Lembravam-se, aterrorizados, dos últimos minutos na caverna. Estavam traumatizados, e Brania fazia o papel de terapeuta.

Passados os primeiros segundos de espanto, Emma notou que vestia um macacão de couro. Era bastante justo e colava ao corpo.

— Que roupa é essa? O que estou vestindo?

Sir Oliver também já tinha notado, mas não teve tempo de perguntar.

— Sim, como e quando vestimos isso?

Brania olhou para John.

— Você explica ou eu explico?

— Deixa que eu falo. — Respondeu o rapaz.

Paciente, John contou toda a história. Começou com a queda na Lua. Falou sobre o calor. Explicou sobre a necessidade de colocarem as armaduras. Finalizou,

dizendo que viajaram para o centro da Terra.

O rosto de Mary demonstrava seu transtorno interno.

— Me desculpa, mas não dá pra acreditar nessas coisas.

John ia falar alguma coisa, quando Brania fez um sinal com a mão.

— Acho que palavras não adiantarão nada. É melhor que eles vejam com os próprios olhos.

Ao seu comando mental, um transleve surgiu por uma das entradas. Tinha a forma de um bote inflável. Era ligeiramente ovalado, quase redondo. No interior, uma poltrona acompanhava todo o perímetro do aparelho.

O objeto voador pousou no chão e abriu uma portinhola.

— Vamos, entrem e fiquem à vontade. — Convidou a anfitriã.

John foi o primeiro, seguido pelo professor. Klaus segurou na mão de Emma e entraram juntos. Em pouco tempo todos desfrutavam a maciez da poltrona.

O veículo decolou. Com a exceção de John, todos os europeus experimentaram medo.

O transleve atravessou vários corredores. Saiu por uma larga abertura, deixando o Phobus X para trás.

Foi só então que eles tiveram consciência do tamanho da nave em que estavam. Se dividiam. Uns maravilhados com o gigante do espaço. Outros extasiados com os cálices flutuantes logo abaixo.

Desceram rápido e entraram em uma daquelas estruturas.

Brania conduziu os visitantes para o terraço norte. Lugar onde a Imperatriz recebia seus convidados. O local era repleto de poltronas flutuantes. Os móveis se aproximavam quando o visitante sentia vontade de se sentar.

A anfitriã Brania estendeu a mão apontando os estofados.

— Fiquem à vontade, vou avisar que vocês já estão aqui.

Com olhos totalmente abertos, Mary olhava para os lados, para o teto, para o chão.

— Que lugar doido. Maravilhoso. Parece paisagem de um sonho.

A perplexidade também habitava o rosto de Sir Oliver.

— É magnífico! Jamais, em toda minha vida, imaginei algo assim.

Os dois aproximaram-se do parapeito. Dali, era possível apreciar melhor a vista.

Aos poucos, os outros também foram se chegando. Um novo mundo se abriu diante de seus olhos.

A paisagem era inebriante. Além dos cálices iluminados, também se podia ver um grande rio. Seu leito estendia-se por baixo das grandes construções.

Apesar da altitude em que os prédios flutuavam, dava para ver com facilidade a floresta. Árvores de quarenta metros de altura ladeavam as margens do rio. Vez por outra, surgiam animais silvestres em busca de água fresca. Mais ao longe, contrastando com os cálices flutuantes, havia uma aldeia indígena. Constituída de moradias semelhantes às ocas. Os aldeões viviam de forma bastante simples. À primeira vista, pareciam não ter consciência dos prédios voadores.

Na paisagem, os tons avermelhados predominavam nas folhagens. Entretanto, existiam muitas árvores amarelas, outras em verde-claro e ainda, embora mais raras, algumas árvores verdes. Nuvens distantes coroavam a paisagem com uma aura de doce mistério.

Joseph Tylor pareceu com Steve.

— Cara, que coisa louca, o que você acha disso?

— Homem, já fiquei muito bêbado na minha vida, mas nunca fiquei tão virado como estou me sentindo agora.

William estendeu o braço com o dedo indicador apontando.

— Vejam aquelas aves.

John firmou o olhar.

— Parecem... parecem répteis! Répteis voadores.

— Meu Deus! Como é possível? — Comentou William.

Sir Oliver também olhou para os animais.

— Sim, acho que são pterossauros!

John olhou para o professor.

— Pterossauros? Não estão extintos?

— Até onde sei, eles estão extintos. — O mestre fez uma pausa. — Existe uma teoria, — Continuou, sem tirar os olhos dos répteis — acho que é de Georges Cuvier, ele acreditava que eram animais voadores e não aquáticos. Pelo jeito, ele estava certo.

John voltou a contemplar a paisagem.

— Futuro e passado se misturam num mesmo lugar. — Disse, quase falando consigo mesmo.

Emma permanecia agarrada ao braço de Klaus.

— Isso tudo é estonteante.

— É verdade. — Concordou Mary.

Era o lugar mais enigmático e estranho que eles já tinham visto.

Capítulo 13

Grasso Vardin acompanhou o transleve do imperador sair da grande sala. Respirou fundo, balançou negativamente a cabeça. Pegou o telefone e solicitou um veículo oficial.

Sentou-se na poltrona. Escorregou no acento e focou o teto do teatro.

“Sim, Lemúria não merece esse Imperador. Uma nação não pode ficar nas mãos de um drogado viciado em sexo.”

Um pequeno transleve estacionou ao lado de Vardin. Ele olhou para o veículo, era pequeno, comportava duas pessoas. Ficou por alguns momentos naquela posição.

“As coisas não podem continuar assim.”

O Grão Vizir deixou sua poltrona e entrou no transleve. Digitou o destino, através de um teclado no painel. O veículo se pôs em movimento.

Entrou por uma avenida movimentada. Seguia para uma das saídas. Ao contrário de Atlântida, Lemúria optou por construir suas cidades dentro de montanhas. Através dos séculos, várias delas se transformaram em grandes metrópoles. Os lemurianos abriam túneis e escavavam enormes plataformas. O teto dessas era no formato de doma e eram iluminadas por poderosas lâmpadas imitando o Sol.

Vardin deixou a capital e seguiu para uma pequena cidade ao sul. O lugar não ficava dentro de um monte, mas sim a céu aberto. Era um aglomerado de casas, bares e lojas. Construídos sem senso de lógica, uns sobre os outros. Não havia saneamento básico e a cidade cheirava mal.

O transleve parou na avenida principal.

Grasso desceu e seguiu a pé.

As ruas eram lotadas, milhares de pessoas, paupérrimas, se arrastavam pelos bairros malcuidados.

Grão Vizir caminhava sem olhar para os lados. Os moradores saíam de sua frente. O acompanhavam com olhos carregados de ódio. Apesar disso, não diziam uma palavra. O medo era maior que a raiva.

Vardin não se importava. Cabeça erguida seguia adiante sem titubear. Não temia ser atacado. Confiava em seu escudo protetor.

Entrou num prédio abandonado. Paredes rachadas e sem teto. Cascalhos e

grandes pedras se espalhavam pelo chão.

Os curiosos não o seguiram. Sabiam, muito bem, o que tinha ali. Aquele prédio era temido por Lemúria inteira.

Grasso parou em frente a uma parede semidestruída. Olhou para trás. Confirmou que ninguém o seguia.

Enfiou a mão no bolso e retirou um anel de ouro. Havia um símbolo: A cabeça de cobra com tentáculos de polvo.

Colocou o anel no dedo. Caminhou em direção à parede.

A passos confiantes se lançou contra os tijolos.

Atravessou, como se não houvesse nada ali.

Aquilo era um portal de alta tecnologia. Uma ilusão holográfica. A proteção da entrada. Qualquer um que tentasse atravessar sem o anel, seria morto.

O objeto não era uma simples peça em ouro. Era uma insígnia. Um instrumento capaz de reconhecer seu dono. Ninguém entrava na Seita da Cobra sem autorização.

Saiu do outro lado, em um túnel escuro.

Tateou pelo corredor até chegar a um pequeno veículo. Entrou e seguiu em sua jornada.

— Briéla, minha filha, que linguajar é esse?

A moça soltou o ar com força.

— Me desculpa, mãe, esse merda me tira do sério.

Como Briéla, PYthía era uma mulher de cabelos longos que passavam do meio das costas. Também louro claro e grandes olhos azuis. Contava quase quarenta anos. No entanto, aparentava uns vinte e poucos.

Com dezenove anos de governo, ela já se preparava para passar o comando do Império para sua única filha.

— Eu sei que não é fácil, ele é imaturo, inconsequente, intolerante e imprevisível. Mas você é uma princesa e precisa se controlar.

— Blaah.

PYthía focou sua filha com semblante sério.

— Acho que esse homem fala muito e age pouco. Mas, dado aos últimos

acontecimentos, precisamos nos preparar e deixar o exército em alerta. — Ponderou PYthía.

Briéla chacoalhou a cabeça.

— Não creio que Kumárin tenha coragem de atacar Hathor.

Os olhos tristes de PYthía falavam mais que palavras.

— Não é Kumárin que me preocupa. Ele é só um símbolo. O Grão Vizir é quem realmente governa Lemúria. Ele é muito mais perigoso.

O rosto de Briéla se transformou em um ponto de interrogação.

— Por que diz isso?

— Aquele homem consegue esconder sua alma. Existe algo muito sombrio em seu olhar. — PYthía se virou para uma das conselheiras. — Você não acha, vovó?

Sarhin sorriu com os olhos imersos numa paz mística.

— PYthía, minha neta, o seu coração não se engana. O Grão Vizir guarda um segredo medonho. Consigo ver sombras caminhando com ele. Atlântida corre perigo, o mundo espiritual vem sussurrando em meu ouvido.

A Imperatriz aquiesceu com a cabeça e virou-se para outra senhora.

— E você, mamãe, o que pensa.

Brathía tem cinquenta e nove anos, mas quem a conhece imagina no máximo trinta e cinco. Forte, atlética e vivaz, é detentora de grande lucidez.

— Não faço a menor ideia de quem seja esse bosta. Por mim, deveríamos tomar a dianteira e atacar Lemúria. Derrubar esses malditos. Tomar o poder. Colocar o nosso governo lá. Tenho certeza de que o povo seria mais feliz.

Brathía se virou para Briéla.

— Querida, adorei a sua fala. Quando você for arrancar as tripas daquele imprestável, por favor me chame. Quero fazer parte disso. Ah se quero.

Briéla gargalhou alto.

PYthía olhou para as duas com desaprovação.

— Mamãe, por favor, não incentive as loucuras de Briéla.

Brathía gargalhou também.

— Você pediu a minha opinião eu dei.

O bracelete de Briéla vibrou.

— É Brania. Os humanos nos aguardam no terraço norte.

PYthía mudou a fisionomia, tornou-se mais alegre.

— Me diga uma coisa, qual foi a sua impressão desses visitantes da crosta externa?

Briéla correu os olhos pelo ambiente.

— Não sei, acho que nenhuma. Só espero que não sejam espiões de Lemúria.

PYthía sorriu.

— Bem, isso é fácil de ver, não é vovó?

Sarhin olhou para Briéla.

— Tenho certeza de que se houver um espião entre eles eu consigo ver em sua aura.

— Por favor, bisa, faça isso. Tem um que gostaria que você olhasse com calma.

O sorriso de PYthía se intensificou. Sarhin sorriu pela primeira vez.

— Ah, sim o tal de John McBrian. — Falou PYthía.

Briéla arregalou os olhos.

— Como sabe o nome dele?

— Querida, eu e sua bisavó somos telepatas, você sabe. Está escrito em sua mente o nome dele.

A moça balançou a cabeça.

— Esse mesmo, ele pode ser um perigo. Não consigo entender como ele conseguiu abrir aquele portal lemuriano.

Sarhin fechou os olhos por um segundo ou dois.

— Briéla, minha menina, não há espião entre os humanos. Você pode ficar tranquila. Eles não trazem perigo para Atlântida. — Fez uma breve pausa. E continuou num tom enigmático. — ‘Perigo’ é uma palavra cinzenta, cujas raízes podem permear vários níveis de realidade.

PYthía sorria com os olhos vidrados em Sarhin.

— Bem, acho melhor recebermos os convidados de Briéla.

Duas senhorinhas, que acompanhavam a conversa, se aproximaram. Uma era TYríade de noventa e nove anos e Zranide com cento e dezenove.

Apesar da idade, as duas eram lúcidas e bem-dispostas.

— Vamos, estou ansiosa para conhecê-los. — Falou TYríade. — Quem sabe entre eles não tenha um bom partido.

Não dava para ver nada no interior daquele túnel. Não havia o menor raio de luz. O Grão Vizir não se importava com isso. Mantinha os olhos fechados num estado de meditação.

Passaram-se alguns minutos até o veículo entrar em um largo salão em forma de domo.

Várias tochas forneciam pouca luz, mantendo o ambiente na penumbra.

O cheiro de enxofre atacava as narinas, causando desconforto.

Ao centro do domo havia um fosso. Guardando as proporções, assemelhava-se à boca de um vulcão. Tufos de fumaça cinzenta saiam do buraco, deixando a visibilidade ainda pior. No interior daquela câmara, o calor passava dos setenta graus e a humidade era superior a oitenta por cento.

Para suportar tal insalubridade, o Grão Vizir colocou uma máscara e acionou dispositivos de controle de temperatura em sua roupa.

O veículo parou próximo à parede. Desceu e caminhou na direção de um grande aparelho, incrustado na rocha.

Era um tubo de vidro. Tinha a altura de dois homens adultos e diâmetro de um metro e oitenta.

Uma substância leitosa, esbranquiçada flutuava no interior daquela máquina.

— **Grasso Vardin,** — a voz saiu do interior tubo, — **Como está o nosso plano?**

Vardin se ajoelhou, à moda dos cavaleiros da idade média.

— Lord ThreCumb, — disse como quem saúda um rei, — o plano já está em curso.

— **Grande notícia, Em breve seremos donos desse planeta.**

Briéla e mais cinco mulheres entraram no salão que dá para o terraço norte.

Ao vê-las, Brania chamou a atenção dos estrangeiros.

— Senhoras, senhores, por favor.

Eles viraram-se quase ao mesmo tempo.

O espanto foi geral.

As seis mulheres eram quase idênticas. Apenas os traços da idade as diferenciavam.

Briéla tomou a palavra.

— Senhores, esta é PYthía, minha mãe, atual Imperatriz de Atlântida.

Não fosse pela vestimenta, seria difícil dizer quem era quem. Briéla e sua mãe pareciam irmãs gêmeas. Os mesmos olhos, a mesma boca os cabelos de cor e comprimento iguais. O porte físico e jeito de se portar também eram muito próximos.

Sir Oliver retirou o chapel.

— Sua Alteza. — Cumprimentou baixando a cabeça.

PYthía sorriu.

— Senhores, por favor, não deixem o título impressioná-los. Somos todos humanos. Somos todos filhos da mesma Mãe Natureza. — Sua voz era compassada, gentil e embebida em sentimento. — Somos irmãos na eternidade.

Levados pelo costume da crosta externa, os visitantes curvaram-se em reverência.

A Imperatriz continuou.

— Meus amigos, podem ficar à vontade. Gostaria de aproveitar a ocasião e apresentar o conselho de administração de nosso país. Esta é Brathía, minha mãe, Sarhin, minha avó.

Uma das senhoras se adiantou.

— Eu sou TYríade, estou encantada em conhecê-los. — Falou olhando para o mestre de Cambridge.

PYthía a acompanhou com os olhos e prosseguiu.

— TYríade é minha bisavó e esta é Zranide, minha trisavó. Sejam muito bem-vindos a Hathor, capital de Atlântida.

Foi o jovem inglês quem primeiro saiu do transe.

— Obrigado, sou John McBrian. Estudante no King's College na

Inglaterra.

Aproveitou para apresentar seus amigos. Por algum motivo, sentia-se bastante à vontade.

PYthía deu um passo à frente.

— Imagino, que vocês estejam perplexos com as coisas do nosso mundo, não estão?

Foi a vez de Sir Oliver falar.

— Alteza, a senhora está certa. Em particular, sinto-me dentro de uma alucinação que não acaba.

PYthía fez um sinal com a cabeça.

— Não se preocupem. Faremos o possível para que a estada de vocês aqui seja a mais agradável possível.

O mestre aquiesceu.

— Obrigado Alteza.

— Não por isso. Aqui não usamos formalidades. Vocês podem me tratar apenas por PYthía.

A mente do professor fervilhava em curiosidade.

— Mais uma vez obrigado pela recepção. — Fez pequena pausa. — Me desculpe, esses prédios. Essas construções são moradias?

A Imperatriz olhou pela grande janela.

— Nós chamamos de cálices. Cada um possui moradias, postos de trabalho, escolas, unidades médicas. E outras facilidades para o conforto e desenvolvimento das pessoas.

Mary foi a próxima a perguntar.

— Não deixei de notar. Muitos prédios estão apagados, no escuro. Tem algum motivo para isso?

Os olhos da Imperatriz deslizaram para a tristeza.

— Sim. Nossa cidade, no passado, tinha uma população invejável. Todos esses cálices eram cheios de vida. Mas, por causa de um problema, esse número diminuiu. Os prédios vazios foram desativados. — Fez uma pausa. — No entanto, temos fé de que, um dia, estarão acesos outra vez.

— Como vocês construíram essa cidade aqui? Quero dizer, no centro do

planeta? — Perguntou Steve.

— Esta é uma história longa. Eu diria, até um tanto cansativa. Mas, se quiserem, posso mostrar a vocês. Temos um lugar onde as histórias são contadas em imagem e som. Vocês podem assistir toda a saga de Hathor. Vocês querem?

Os olhos de John brilharam.

— Claro, ficaria muito honrado e feliz em saber mais.

Briéla se adiantou.

— Nossa história se mistura com a de vocês. Será muito bom conhecê-la. Só assim, entenderão o tamanho do problema que vivemos neste momento.

John baixou a cabeça.

— Sim, claro!

Briéla se virou para Brania.

— Por favor, coloque todo o exército em prontidão. Quero que acompanhem os movimentos dos lemurianos. Se tentarem alguma coisa. Qualquer coisa, seja contra nós ou contra os habitantes da crosta externa, use as Forças Armadas para impedir. Entendido?

Brania fez um movimento rápido com a cabeça.

— Sim, Briéla, tomarei todas as providências.

— Ótimo. No caso de qualquer emergência, me avise.

— Pode deixar, estarei em contato.

Brania cumprimentou os visitantes e saiu a passos largos.

PYthía a acompanhou com o olhar, depois se voltou para os estrangeiros.

— Então, venham comigo, por favor.

As anfitriãs caminharam em direção à porta. Um grande transleve entrou no ambiente e parou diante delas.

— Entrem. — Convidou Briéla.

Aos poucos, eles se acostumavam com aquele veículo. Entraram e seguiram por um corredor largo e bem iluminado. Havia portas e outros corredores dispostos nos dois lados.

Desceram na vertical por um duto transparente. Saíram em um salão circular com vários portais. Cortinas de luz azulada mantinham as passagens fechadas.

O transleve parou em frente a uma delas.

A Imperatriz foi a primeira a descer.

— Por aqui.

Os visitantes a seguiram. A cortina de luz desapareceu quando se aproximaram.

Entraram em um salão alto. No formato de um cubo. Era amplo com a largura de um campo de futebol. No centro, vinte poltronas aguardavam os visitantes.

PYthía se aproximou de uma delas.

— Sentem-se, por favor.

Cada visitante procurou uma poltrona e se acomodou. Como no Phobus, surgiram cintos, prendendo-os com energia.

Ergueram-se no ar, até atingir uns vinte e cinco metros. Era alto o suficiente para causar desconforto. Emma gritou, Mary também. Steve se agarrou com toda a força ao braço da poltrona.

Briéla posicionou-se em frente a eles.

— Não tenham medo. Este ambiente é totalmente seguro. Mesmo que vocês escapem da poltrona, não tem como cair.

Ela soltou seu cinto e mergulhou no ar.

Emma gritou, imaginando o pior. Mas a General não caiu. Permaneceu flutuando, feito bolha de sabão.

— Estamos em gravidade zero. — Disse com um sorriso.

TYríade também se lançou. Fazia piruetas no ar.

— Vejam, não tem perigo nenhum. Disse sorrindo, agora olhando firme para Joseph.

Briéla e Brathía riram.

— Está bem, vovó, — disse Brathía, — pare de se exhibir. Precisamos iniciar a sessão.

A senhorinha, voltou com habilidade para sua poltrona.

— Está bem, está bem. Estava só mostrando para eles como é seguro.

Briéla também retornou.

A estratégia das duas funcionou, os visitantes sentiram-se mais confiantes e

relaxaram.

PYthía tomou a palavra.

— Senhores, estamos em uma sala de projeção de imagens em três dimensões. Sei que vocês nunca viram nada parecido. Então, mantenham suas mentes tranquilas. Tudo o que verão, aconteceu há centenas de anos. Não se impressionem, são apenas imagens. Não tem como se ferir aqui. Se tiverem qualquer dúvida, é só perguntar.

— Podemos sentir alguma coisa? — Inquiriu Emma, exalando medo pelos poros.

— Sim. Podem sentir firo, calor, vento, chuva, entre outras sensações. Mas nada agressivo. Em alguns pontos, existem sequências rápidas. O que pode causar de tontura. Em todo caso, se alguém sentir alguma coisa, é só avisar que paramos a apresentação.

— O que é essa tal de três dimensões? — Perguntou Yuri.

TYríade se adiantou com olhos vidrados no russo.

— Dimensão é uma convenção de medição. Uma reta possui uma dimensão, um plano possui duas dimensões. Tudo o que vemos no nosso mundo está representado em três dimensões. Altura, largura e profundidade.

— Aaah... — Foi a resposta quase inaudível.

— Alguém tem mais alguma pergunta? — Inquiriu PYthía.

Os recém-chegados apenas balançaram negativamente suas cabeças.

As luzes se apagaram. O ambiente ficou escuro e quieto.

As imagens foram surgindo. Eles se sentiram soltos, perdidos no espaço cósmico. Estrelas e galáxias enchiam a sala de projeção. Eram imagens holográficas, que surgiam por todos os lados, incluindo, acima e abaixo dos espectadores.

Uma voz retumbante iniciou a narrativa:

— *Senhoras e senhores, é um prazer tê-los conosco nesta apresentação.*”

— O sistema fez uma pausa. — *“Todas as datas desse documentário estão relacionadas à contagem de tempo do planeta Terra. Esta história começa há quinhentos mil anos, em um planeta localizado a duzentos e onze anos-luz daqui.*

Surgiu à frente, um sistema solar com dois sóis e dezenas de pequenos

planetas.

“Estamos no sistema solar de Omicron Cephei. Localizado na constelação de Cepheus, dentro da Via Láctea. Neste sistema, existe um pequeno planeta chamado Yrm. Berço de uma civilização pacífica. Voltada para a autorrealização. Focados na busca da paz interior e na prosperidade.”

Naquele ponto, o filme tinha se dirigido para um planeta, muito parecido com a Terra. A sequência de imagens mostrava várias cidades. As construções, em forma de cálice, desfilavam com esplendor.

As matas, os oceanos, os rios permaneciam preservados em suas formas naturais. A fauna e flora do pequeno planeta seguiam sua caminhada, sem a intervenção dos avançados habitantes de Yrm.

“Durante milhões de anos, — continuou o narrador — esse povo evoluiu em paz. Muitos mistérios da natureza foram desvendados. O avanço tecnológico foi inevitável. Construíram grandes cidades, dominaram a engenharia, física, química, artes, medicina. Expandiram o conhecimento humano em todas as direções.”

A plateia, maravilhada, assistia as imagens de máquinas e equipamentos. Obras arquitetônicas magníficas. Salas cirúrgicas espantosas. Androides e robôs para os mais diversos propósitos.

“Em certo momento de sua evolução, descobriram uma maneira de transportar matéria pelo espaço de cinco dimensões. Percorrer grandes distâncias em tempo próximo de zero. Este método de transporte passou a ser chamado de salto pelo hiperespaço, ou plano suprafísico.”

“Isso possibilitou a exploração de outros sistemas solares. Como resultado, a colonização de outros mundos.”

Planetas desfilavam como numa procissão, alguns com várias luas no céu, outros com mais de um sol. Havia um cujo sol era um gigante vermelho que cobria metade de sua abóboda celeste.

Sir Oliver, que era adepto às ideias de seu amigo Charles Darwin, sentia-se extasiado com o que via. O coração de estudante batia forte e a mente procurava reter todos os detalhes.

“Um dos planetas descobertos naquela época foi a Terra. Nosso mundo foi visitado muitas vezes, e considerado passível de colonização.”

O filme deslizava poético por imagens da Terra há quinhentos mil.

John sentia-se um tanto incomodado. Alguns trechos o enchiam de uma

nostalgia que ele não sabia explicar.

As cenas eram vívidas. A apresentação não se resumia a imagens e som. Os espectadores também sentiam o vento, o aroma, a temperatura e, até mesmo, quando passavam por uma folhagem, sentiam o toque das plantas. Algumas cenas simulavam voos rasantes pelas campinas, matas, oceanos, montanhas. As poltronas acompanhavam o relevo. Inclínavam, subiam e desciam, sincronizadas com as imagens. Em outros trechos, onde havia chuva ou neve, os expectadores recebiam gotículas de água, na temperatura proposta pelo filme.

Pouco depois, o planeta Yrm, encheu novamente a sala.

“Entretanto, é necessária uma quantidade enorme de energia para efetuar um hipersalto. A consequência é um natural abalo no tecido do Universo. Abalo que pode ser sentido a milhares de anos-luz de distância.”

“Com isso uma outra civilização passou a rastrear os saltos. Os warnnenes tinham evoluído com base na competição. Para eles, Yrm era um adversário a altura.”

“Depois de anos de colonização, Yrm possuía bases em muitas estrelas próximas.”

O filme passou a mostrar uma base repleta de Cálices. Homens, mulheres e crianças vivendo felizes na Colônia.

Um violento ataque teve início.

“Pegos desprevenidos, os habitantes daquele local não tiveram tempo para se proteger. A colônia foi destruída em questão de minutos. Yrm nem chegou a ser avisado.”

“Após perder o contato com a colônia, os governantes de Yrm enviaram várias espaçonaves para descobrir o que tinha acontecido. Essas nunca retornaram. Contudo, conseguiram alertar os dirigentes. A humanidade estava sendo atacada por um povo desconhecido.”

“Pacíficos, os habitantes de Yrm não possuíam armas. Colônia após Colônia, todas sucumbiam ante um inimigo impiedoso e cruel.”

“Um dia, os warnnenes chegaram ao planeta Yrm. Foi um ataque sem precedentes.”

“A essa altura, nosso povo, já possuía algum armamento, mas não era páreo para as máquinas de guerra de Warnnenia.”

“Não existia saída, Yrm, o berço da humanidade, fora condenado à

morte.”

“Várias pessoas conseguiram fazer saltos pelo hiperespaço. O planeta Terra foi escolhido por muitos.”

“Desembarcaram no planeta azul. Desligaram e esconderam todas as naves. Queriam despistar o inimigo.”

“Os sobreviventes de Yrm se separaram e construíram dois grandes países em pontos opostos do planeta. Foi iniciada, naquele momento, a saga da raça humana no planeta Terra.”

“Traumatizados, os dirigentes da nova colônia decidiram que construiriam um exército e armamento à altura. A meta era estarem preparados para o lutar contra aquele inimigo.”

“Várias armas foram inventadas e construídas. A maior delas foi um satélite artificial na forma de esfera. Seu diâmetro era quase a extensão da península Ibérica, e orbitava há cento e cinquenta mil quilômetros de altura. Este uma fortaleza no espaço. Foi batizado como Anjo da Guarda da Terra.”

“Por milhares de anos, podia-se ver duas luas no céu.”

“Os milênios passaram. E a humanidade continuou sua trajetória evolutiva. Os remanescentes de Yrm esperaram por um ataque que nunca veio de forma objetiva. Os Warnnenes sabiam de nossa posição. Acompanhavam de longe. Às vezes, surgiam em nosso sistema solar, mas nunca atacaram.”

“Há pouco mais de quarenta e quatro mil anos, desencontros políticos entre os dois principais países ameaçavam a paz. A luta pelo poder foi se tornando mais e mais agressiva. E, para o desalento geral, guerra teve início.”

“Mais uma vez, as pessoas se viram obrigadas a fugir. Seguiram para o centro oco do planeta e construíram a Nova Atlântida. Várias cidades flutuantes foram erguidas. Entre elas, Hathor. Os lemurianos fizeram o mesmo, com uma proposta diferente. Escavavam montanhas e instalavam suas cidades. A guerra se tornou mais violenta. A própria cidade de Hathor foi usada como quartel-general.”

“Um dia, um grupamento de elite, tomou de assalto o Anjo da Guarda. Então, suas poderosas armas apontaram para a Terra. Isso deu início a uma luta, entre o chão e o espaço. O satélite artificial, construído para defender o planeta, agora era o seu maior inimigo.”

“Um ataque suicida colocou fim à maior construção da humanidade. Espiões se infiltraram na estação. Causaram explosões em seu interior. Em pouco

tempo, o Anjo foi destruído.”

“Porém, o satélite orbitava a Terra por antigravitação e não por velocidade. A destruição de seus neutralizadores de gravidade, fez com que milhões de toneladas de matéria precipitaram-se para o planeta.”

Aturdidos, os observadores presenciaram uma chuva de rochas, caindo incandescentes do céu. O firmamento apresentava tons de vermelho e laranja.

“Mas esse ainda não era o fim da guerra. Como último recurso, Lemúria, que perdia a guerra, lançou mão da mais mortífera arma que o homem já produziu.”

“Bombas de antimatéria bailaram na atmosfera. Uma dança macabra, finalizada com um horrendo show de devastação. As cidades da superfície foram totalmente destruídas. O continente de Atlântida afundou no mar.”

“O silêncio reinou e, a despeito do cheiro de morte, a paz voltou.”

“Nova Atlântida e Nova Lemúria assistiram aos últimos dias da guerra.”

A crosta externa foi se resumia em ruínas e destruição.

“Naquele momento, era impossível retornar para a superfície. A radiação não permitia.”

“Os poucos sobreviventes da crosta externa recomeçaram como habitantes de cavernas. O ambiente insalubre fez a humanidade sofrer um severo recuo mental. À sua maneira, a natureza cobrava reparação. Aos poucos as magníficas cidades que os homens construíram passaram a existir apenas em suas lendas e mitos.”

“No interior do planeta, a paz nunca foi atingida em sua plenitude. Atlântida e Lemúria declararam o cessar fogo, mas o ódio permaneceu.”

As imagens sumiram, as luzes se acenderam. As poltronas devolveram os visitantes ao chão.

— Quer dizer... que... — disse Sir Oliver pensativo — nós também somos descendentes de Yrm?

PYthía piscou devagar e inclinou a cabeça.

— Sim, nós todos pertencemos a uma grande família. Nossa origem está em um pequeno planeta que existe a duzentos e onze mil anos-luz daqui.

Sir Oliver ia perguntar mais alguma coisa. No entanto Briéla se adiantou.

— Hoje foi um dia exaustivo. Penso que vocês precisam descansar.

Podemos continuar nossa conversa amanhã.

Sim, eles sentiam o peso das últimas horas.

Entreolharam-se e Sir Oliver respondeu pelo grupo

— Sim, a senhorita tem razão, o dia foi muito intenso.

Briéla sorriu.

— Está certo, venham comigo.

Usaram o transleve para voltar ao terraço norte.

Briéla, PYthía e as outras senhoras desceram do veículo.

Uma outra garota se aproximou.

— Esta é Thália, — falou a Imperatriz, — ela irá acompanhá-los.

Briéla tomou a palavra.

— O cálice central é voltado para tarefas de administração. Não existem acomodações aqui. Thália irá levá-los ao cálice C3452. Lá tem ótimos apartamentos. Fica ao lado do rio. A paisagem é muito bonita. Nos veremos amanhã. Teremos bastante tempo para conversar sobre todas essas coisas.

Despediram-se, e embarcaram no transleve.

— Leve-nos ao cálice C3452, por favor. — Thália ordena ao veículo.

— Pois não, senhorita Thália. — Respondeu a máquina, enquanto iniciava movimento. — Estamos com pressa?

— Não, podemos ir em velocidade normal.

O transleve acelerou e em poucos segundos deixou o cálice central. Entrou em uma avenida de luz. Muitos veículos iam e vinham em grande velocidade. Centenas de cálices se espalhavam pela paisagem.

A viagem foi curta. Entraram em um prédio e a máquina estacionou em uma sala. Era circular e não havia móveis ali.

Thália saiu do aparelho.

— Venham, vou levá-los aos seus apartamentos.

Tomaram um elevador e subiram alguns andares. A porta se abriu e os visitantes entraram por um corredor largo, que acompanhava a curvatura do prédio. Muitas portas de luz se espalhavam pelos dois lados.

— Aqui, — explicou Thália — temos apartamentos de vários tamanhos. Pequenos, para uma pessoa. Ou grandes, para mais de dez. Aí, vai de cada um. Vocês escolhem.

— Bem, eu gostaria de ficar com minha filha. — Falou Mary.

Emma concordou com a cabeça.

— Como quiserem. — Concordou a anfitriã.

— A gente pode ficar tudo junto. — Falou Steve para seu grupo.

— Eu quero ficar sozinho. — Decidiu Tom.

— Tudo bem. — Afirmou Thália.

No fim, ficou acertado que Klaus e Steve usariam um apartamento, Yuri e Joseph ocupariam outro. E Sir Oliver, John e William se acomodariam num terceiro.

A moça conduziu os visitantes a seus aposentos.

— As portas são automáticas. O cérebro quântico do prédio percebe a intenção de sair e entrar. Agora, vocês podem ficar à vontade, tomar banho, trocar de roupa se quiserem.

— Muito obrigado pela hospitalidade. — Agradeceu John.

— Não há de que. A imperatriz pediu para convidá-los para o jantar hoje, no cálice central.

Yuri Raskolnikov passou a mão na barriga.

— Jantar! Nossa eu tô morrendo de fome.

— Eu também. — Falou William com alegria.

— Eu acho que todos estamos com fome. — Completou Sir Oliver. — Para nós, será uma honra senhorita.

— Então está combinado. Vou deixá-los à vontade. — A moça consultou seu bracelete. — Descansem um pouco, volto daqui a aproximadamente dois khons.

— Khon? O que é um khon? — Perguntou John.

— Ah, me desculpe, khon é a nossa unidade de medida de tempo. Um khon equivale a duas horas e vinte e quatro minutos no seu relógio.

— Então, nos encontramos em quatro horas e quarenta e oito minutos? — Confirmou McBrian.

A menina sorriu.

— Sim, aproximadamente. Está bom para vocês?

— Está ótimo. — Respondeu o mestre.

Despediram-se e cada um seguiu para seu apartamento.

Mary e Emma ficaram encantadas. Nunca tinham entrado em um lugar como aquele. O apartamento possuía uma grande sala, decorada com belas cortinas, obras de arte e uma mobília de requinte impressionante. A riqueza se espalhava por todos os cantos.

Havia três toaletes com banheiras ergométricas, pias, louças decoradas, torneiras em ouro e um enorme espelho. Eram três quartos, com a mesma riqueza e conforto. Cada quarto possuía uma varanda. A vista dava para o grande rio.

As duas iam de um quarto para o outro fazendo comentários a respeito de tudo o que viam.

Gastaram mais de uma hora na varanda, apreciando a paisagem.

— Emma, preciso me preparar para o jantar. Vou tomar um banho.

— Ah., nem me fale. Passar esses dias na floresta foi demais pra mim. Tenho de recuperar minha dignidade. Vou começar com um banho de, pelo menos, uma hora.

Fizeram alguns gracejos e cada uma se dirigiu para um banheiro.

Emma tocou na torneira para abri-la e deixar a água fluir...

— Boa tarde, senhorita Emma — disse a banheira com voz feminina.

A moça tomou um susto. Retirou a mão num movimento instintivo. Olhou para os lados, na tentativa de entender de onde vinha a voz.

— Não se assuste. — Falou a banheira. — Aqui em Hathor as mobílias usam a fala para otimizar a comunicação. Se preferir, não falarei.

Emma olhou desconfiada para a torneira.

— Tô ficando louca? A banheira tá falando?

— Não, você não está ficando louca. E não é a banheira quem está falando, mas um sistema de inteligência artificial. No entanto, volto a dizer, se preferir paro de falar.

— Não, me desculpe, é que... de onde eu venho quase ninguém fala comigo.

— Podemos passar a tarde e a noite toda conversando se você quiser. Por favor, entre na banheira que eu encherei com água.

Não havia laços ou fivelas na armadura que ela usava.

— Como faço para tirar essa roupa?

— Ah, é simples. Existe um botãozinho no cinto. Aperte-o e peça em pensamento para se despir.

Desconfiada, Emma seguiu as instruções.

A armadura se dissolveu em um cinto, que ela retirou com facilidade. Com passos leves, entrou na banheira.

Jatos de água surgiram por vários orifícios. A pressão massageava a pele, tornando o banho relaxante.

— A temperatura está boa? — Perguntou a máquina.

— Está deliciosa, você adivinhou o meu gosto. Adoro água bem quentinha. Muito obrigada.

— Não adivinhei, apenas identifiquei essa preferência no seu padrão mental.

— Meu Deus, isso é mágica?

— Não, não é não. Mas uma coisa é verdade, novas tecnologias se confundem com magia.

Emma sentia-se encantada com a banheira. Adorou a conversa.

Depois de alguns minutos, esqueceu-se que conversava com uma máquina. Contou histórias, confissões, riram juntas, compartilharam ideias, fizeram piadas. Era muito engraçado tagarelar enquanto tomava banho.

— Emma, posso colocar perfume na água. Seria interessante para impressionar o seu namorado.

— Ah! Sim, por favor.

— O que acha de fragrância de Alfazema?

— Nossa, adoro. Adivinhou outra vez.

A banheira riu.

— Foi jogo sujo. Você pensou no perfume, eu captei e sugeri.

— Oh! Eu esqueço toda hora dessa tal de tecnologia. — Falou Emma num sorriso descontraído.

Depois de um banho prolongado, se lembrou que não tinha mais roupas.

— Meu Deus, — disse assustada, — minhas roupas... Terei que usar aquele cinto outra vez?

— Não se preocupe, — respondeu a máquina, — vá até o seu quarto. Foram providenciadas roupas novas para você e para a sua mãe.

— Roupas novas?

— Sim, estão no quarto.

Emma parou de rir.

— Espera aí, quanto tudo isso vai custar?

A banheira riu de gargalhar.

— Fica tranquila. Não vai custar nada. Há muitos milênios que não possuímos um sistema financeiro. O que importa para toda a cidade é que você esteja feliz.

— Ah...

Passados alguns minutos Emma terminou o banho. Embrulhou-se numa toalha macia e foi com pressa até o quarto. Queria ver as roupas. Ficou um tanto frustrada ao entrar no aposento. Não havia nenhuma roupa sobre a cama. Também, não existia ali nenhum guarda-roupas.

“Onde estão as roupas?” — Pensou.

— A senhorita quer escolher uma roupa? — Perguntou uma voz vinda da parede.

— Sim.

— Pois não. — Continuou a voz.

Uma das paredes do quarto desapareceu, dando passagem para outro cômodo de igual tamanho. Neste havia uma enorme quantidade de vestidos, sapatos e acessórios.

Mary entrou no quarto.

— Mãe, mãe olhe isso, quantos vestidos, quantas coisas lindas.

— Nossa que beleza. Será que podemos usar?

— A banheira disse que sim. — Emma respondeu rindo, meio envergonhada. — Isso tudo parece coisa de conto de fadas.

— Ah! A sua banheira também conversava?

— Sim.

— Nossa, como essas banheiras são faladeiras, não? — Comentou Mary.

— É verdade, a minha falou que poderia conversar comigo a noite inteira se eu quisesse.

— Esse lugar é inacreditável. — Afirmou Mary.

Emma sorriu.

— Então vamos escolher as roupas?

— Claro.

Capítulo 14

Um coração voltou a bater na Lua.

Frésnigo abriu os olhos e sua mente retomou o corpo físico. Sentiu o enjoo, característico da hibernação, o instinto o forçou a virar para o lado.

Vomitou todo o almoço num jato sofrido.

— Maldição. — Praguejou.

Limpou a boca com a manga.

Esfregou o rosto com as mãos, torcendo para aquele mal-estar passar logo.

Correu os olhos pelos instrumentos.

“Ótimo, o maldito Phobus X desapareceu.”

Olhou pela escotilha e fitou por um instante a paisagem monocromática da Lua.

“Caramba, aquelas mulheres deviam ser importantes.”

“Qual seria o motivo de Hathor ter enviado um Encouraçado? Fizeram um hipersalto de Vênus pra cá. Por quê?”

“Ainda bem que ele ficou ocupado com os raptos.”

Ligou os motores e acionou todos os instrumentos de navegação. Todo o painel se acendeu. Sentiu-se aliviado ao ver que seu equipamento funcionava bem.

Ao contrário da classe Phobus, as naves de Lemúria eram controladas por comandos físicos e não virtuais.

Pressionou alguns botões e decolou do solo lunar. O planeta azul encheu a sua tela.

Respirou fundo e empurrou o acelerador.

Yuri saiu do banheiro quase dançado.

— Rapaz, aquela banheira doida me encheu de perfume. Tô cheirando igual aqueles almofadinhas lá de Londres. — Falou Raskolnikov, enquanto dava uma bela fungada nas axilas.

Seu colega de quarto balançou a cabeça.

— É, mas parece que a catimba não saiu de todo, não! — Retrucou Joseph Taylor num riso aberto.

O russo parou, focou o amigo com olhos risonhos.

— Óóó, o respeito, agora eu sou um magnata. Um magnata cheiroso.

Joseph ria ao ver Yuri balançar a pança numa dança assimétrica e desequilibrada.

— Você é um palhaço, isso sim! Vou te dizer uma coisa. Melhor tirar o seu cavalinho da chuva. Porque, quem nasce pra lagartixa nunca chega a jacaré.

— Você tá é com inveja. Já tomei meu banho. Não sou eu quem tá fedendo igual um gambá.

Briéla entrou na estação 632 a passos rápidos. Deu uma olhada para o monitor central. O mundo permanecia em paz.

— Brania, como vão as coisas.

— Lemúria não moveu uma palha. Nem sequer foram buscar os Raptorez abatidos por nossas naves.

Briéla franziu a testa.

— Será que a fala de Kumárin foi apenas um blefe?

— Não dá pra saber, — respondeu Brania, — os lemurianos são muito instáveis.

A General colocou a mão no queixo e falou pensativa.

— Não sei por que, mas estou com a impressão que estamos caindo em uma armadilha.

Brania colocou de lado seu capacete telepático e se levantou.

— Armadilha?

— Sei lá, esse merdeiro todo tá fedendo demais. Pense um pouco, como esses sujeitos saem da Inglaterra, atravessam o Atlântico, se embrenham mata adentro e chegam exatamente em um portal lemuriano?

— Você ainda acha que eles são espiões?

— Sarhin disse que não. Confio nela, mas não faz sentido. Não tem lógica.

Brania deu uma olhada para o monitor.

— Você suspeita de alguma coisa?

— Venha, vamos caminhar um pouco.

Brania aquiesceu num movimento de cabeça.

As duas se afastaram das mesas de controle.

— Outro dia, — falou Briéla, — minha mãe me disse que sentia uma vibração diferente no extrafísico.

Brania não disse nada. Continuou ouvindo.

— Ela acha que podemos ter um warnnene entre nós. — Falou Briéla. — Quero dizer, aqui. Na Terra.

A interlocutora a encarou.

— Não pode ser. Nossos instrumentos não perceberam nenhum hipersalto neste braço da galáxia. Ocorreram alguns, mas a centenas de anos-luz daqui.

— Pois é. Eu sei disso, mas acredito bem mais na sensibilidade de PYthía. Se ela diz que tem, é porque tem.

— A Imperatriz está certa disso?

— Não há certeza de nada. Ela tem uma forte desconfiança. Sei lá. Onde tem fumaça tem fogo. Precisamos manter a guarda, ficar atentas. Brania, quero que pense nisso. Convoque uma reunião. Quero todas as Filhas de Atlântida.

Seu veículo de transporte era blindado e adaptado para o seu porte físico. Kumárin deixou a sala de videoconferência e se dirigiu para seu aposento.

Situado no coração da montanha, o palácio do imperador era protegido por várias linhas de segurança.

O transleve estacionou dentro do quarto maior.

Klans olhou para a cama imperial. Lugar onde nunca teve coragem de se deitar.

Memórias desagradáveis visitaram sua mente. Foi ali que seu pai morreu assassinado.

Voltou para o passado. A cama encharcada com o sangue do homem que lhe dera a vida. Seu pai com dezenas de perfurações, espalhadas pelo tórax e abdome.

Fechou os olhos, chacoalhou a cabeça. Seguiu em direção a um aposento adjacente.

A nuca doía como nunca. Pegou uma bebida forte. Encheu o copo. Tomou de uma vez.

Fazia anos que Kumarin não fazia uso das pernas. Para caminhar, usava sempre o antígravo. Não tinha noção de seu próprio peso.

Seu corpo flutuava a dez centímetros do chão.

“Será que, algum dia, nós teremos condições de derrotar os Atlantes?” Pensou, olhando para sua imagem no espelho.

Encheu outro copo.

Lembrou-se da tropa de elite de Hathor.

“Vencer as armas deles não seria tão difícil, mas derrotar as malditas Filhas de Atlântida.” Balançou a cabeça. “Essa é uma tarefa quase impossível. Aquelas vadias têm parte com o demônio.”

Virou o segundo copo com gosto.

“Agora é diferente. Não vou recuar.”

Pairou até sua cama, já sentindo os efeitos do álcool.

“Deixe aquelas tolas pensarem que embaixo de nossas montanhas só tem vagabundos.”

Olhou para a sua barriga.

“Bem, alguns são bem vagabundos mesmo.”

“Esse negócio de guerra deve ser muito trabalhoso e sem graça. Só será legal se vencermos.”

Sua mente divagou.

“Seria ótimo ter mãe e filha como escravas. As orgias vão ficar do caralho de boas.”

Sorriu como criança que vê um brinquedo na vitrine.

Se deitou e desligou o antígravo. Com desconforto, sentiu o peso de seu corpo.

— Merda de gravidade do caralho. Que bosta que é isso.

Adorameceu.

O fraque era confeccionado em seda de alta qualidade. Três horas já tinham se passado. John admirava sua roupa no espelho holográfico. Colocou a cartola. Sentiu saudade da Inglaterra. Ficou, por um momento, absorto em lembranças da terra natal.

Acordou para a realidade que vivia. Sua intenção era impressionar Briéla. Contava os minutos. Só de pensar nela, sentia uma sensação desconhecida na boca do estômago.

— Senhores, — anunciou o cérebro quântico — Thália os aguarda no corredor.

Os convidados deixaram seus apartamentos.

Thália sorriu ao vê-los.

—Estão todos prontos?

— Ah, sim. — Respondeu John.

— Vamos, pessoal, — disse a anfitriã, — não queremos nos atrasar para o jantar.

— Com certeza não, — falou o mestre, — em hipótese alguma.

Tomaram um transleve e retornaram para o Cálice Central.

Entraram num salão circular. A decoração era minimalista. No centro havia um palco. Doze moças tocavam e cantavam com alegria. A música suave enchia o lugar.

O ambiente, em meia luz, transmitia sensação de tranquilidade e conforto. Próximo ao palco uma mesa aguardava os convidados.

— Por favor, fiquem à vontade.

John correu os olhos, procurando a mesa das autoridades. Tentava adivinhar onde Briéla se sentaria. Confuso, percebeu que não havia um local especial.

Pessoas chegavam a todo momento. Em pouco tempo, o salão ficou lotado. Centenas de mulheres e meninas se acomodavam nas poltronas flutuantes. Com exceção dos estrangeiros, não havia ninguém do sexo masculino.

Pensativo, Sir Oliver levou a mão ao queixo.

“Desde que chegamos aqui, não fomos apresentados a nenhum homem. Mais do que isso, não vi nenhum até agora!”

Olhou ao redor.

“Nenhum homem... Será que vivem separados das mulheres? Será que existe uma cidade só para eles?”

A música parou.

A Imperatriz PYthía Austhrum entrou. Brathía e Sarhin a acompanhavam.

Os presentes se levantaram.

PYthía fez sinal para que se sentassem.

As três mulheres caminharam direto para a mesa dos europeus.

— Podemos nos sentar com vocês? — Perguntou PYthía.

Tomados de surpresa, eles se demoraram um pouco. Foi o mestre quem primeiro saiu da letargia.

— Sim, claro, sua alteza, sua presença é uma honra para nós.

Ela agradeceu com um simples movimento de cabeça.

O mestre se levantou. Puxou a poltrona flutuante para a dama.

John seguiu o exemplo do professor e também se levantou. Fez o mesmo gesto com as poltronas de Brathía e Sarhin.

Elas agradeceram.

PYthía olhou para os ocupantes da mesa.

— Sejam muito bem-vindos, — disse com elegância, — espero que se sintam em casa. Estou ciente de que, até poucas horas atrás, Atlântida era apenas uma lenda para vocês. Faço ideia do quão difícil é assimilar tudo isso. Mas, por outro lado, estão descobrindo a importância dos humanos na Via Láctea. Somos descendentes da grande irmandade de Yrm.

Os ingleses agradeceram a anfitriã. Steve e seu bando também o fizeram, mas desajeitados e com certo embaraço. Sentiam-se diminuídos naquele ambiente. Até mesmo Yuri, o mais expansivo, se achava envergonhado diante das damas.

Brathía olhou para o Russo, seus olhos expressavam carinho.

— O senhor não precisa sentir medo, — disse em russo, — nem vergonha. Aqui, somos pessoas simples. Vou confessar uma coisa. Eu também gosto muito de comer e encher a barriga. Em Hathor, a gente tem um jeitinho de comer pra cacete e não engordar nada.

Raskolnikov sorriu, relaxou, soltou-se.

— Que bom, — respondeu em russo, — então eu vou encher a pança.

— Faça isso, vamos ver quem come mais. — Replicou Brathía.

Os outros europeus acompanhavam a conversa sem entender.

PYthía colocou a mão no braço de Brathía.

— Mamãe, por favor. O que eles vão pensar de nós? — Disse em inglês.

Yuri traduziu a conversa para os colegas. Todos riram.

Brathía deu de ombros.

— Essa minha filha, — falou, agora em inglês — não sei a quem puxou. Sempre cheia de regrinhas.

Sarhin, interveio.

— Brathía, minha filha, você sabe que nossa vida é assim mesmo. — Disse em tom apaziguador. Em seguida se dirigiu aos convidados. — Aqui em Hathor, cada geração nasce com inclinação diferente. Eu tenho tendência para desenvolver a espiritualidade. Minha filha Brathía já é voltada para as coisas da Terra. Minha neta PYthía é como eu. Briéla se assemelha mais a Brathía.

PYthía concordou com um aceno de cabeça.

A mesa se acendeu, mostrando imagens de vários pratos.

— Por favor, fiquem à vontade. O cardápio é extenso e vocês podem escolher o que quiserem. — Disse a anfitriã.

Após examinar os pratos, Sir Oliver já tinha sua opção.

— Onde estão os garçons? Como faço para pedir?

PYthía olhou para ele.

— Não precisa pedir, o cérebro quântico já registrou o seu desejo.

Sir Oliver levantou uma sobrancelha.

— Estava para perguntar sobre isso. Como é possível? Essas máquinas leem pensamentos?

O rosto da Imperatriz tornou-se ainda mais brando.

— Não exatamente. Um cérebro quântico não é capaz de ler um pensamento. Ele interpreta padrões de pensamento.

— Como assim? — Insistiu o mestre.

— Vamos fazer uma analogia. Quando você joga uma pedra em uma lagoa, uma sequência de ondas surge em resposta. Certo?

— Sim.

— E quanto jogamos duas pedras, um padrão diferente de ondas se forma. — PYthía fez uma pequena pausa. — O Universo ao nosso redor é a lagoa. Os pensamentos são as pedras. Cada pensamento, por pequeno que seja, geram

padrões de ondas no ambiente. Os nossos prédios e veículos possuem sensores capazes de captar esses impulsos.

— Não sei se entendi. Se eu pensar, por exemplo, em uma fórmula matemática, a máquina saberá em que fórmula pensei?

A Imperatriz sorriu.

— Dependerá da intensidade somada ao sentimento. O sentimento potencializa o pensamento. Quando o pensamento é mentalizado e sentido, as ondas se tonam mais fortes, conseqüentemente, mais fáceis de interpretar.

— Tivemos uma experiência interessante com as banheiras durante o banho. — Falou Mary. — Elas conversavam com a gente e adivinhavam as coisas.

— Sim, é verdade. — Confirmou o mestre.

— Há muitos séculos que nossas mobílias conversam conosco. Isso para dar mais conforto para as pessoas. Também como mecanismo de confirmação, afinal, nem sempre é possível entender o desejo de alguém.

John prestava atenção, mas uma tristeza se instalava em seu coração. Briéla não tinha aparecido. Olhou para seu fraque.

Encheu os pulmões devagar.

Sentiu-se ridículo vestindo aquilo.

A pequena nave de Frésnigo Leflan voltou para o Brasil. Entrou, sem diminuir a velocidade, pelo hangar da Serra do Roncador. O portal se fechou atrás dele.

Pegou um túnel que descia para o centro da Terra.

Consultou o relógio do no painel da aeronave.

Era certo que o Grão Vizir esperava seu relatório.

Seu fracasso parcial o colocava em uma situação delicada. A ordem era para matar todos!

Levou a mão à testa.

“Quase todos escaparam.”

Esfregou o rosto com energia.

“Bem, pode ser que eles tenham morrido durante a queda do Phobus”

Não dava para ter certeza, mas a probabilidade maior era de que teriam

sobrevivido.

“Malditas guerreiras.”

Bateu na própria cabeça com força.

“Eu devia ter entrado na batalha. Talvez conseguisse matar uma delas.”

“Que diabos, o que faço agora?”

Respirou fundo e procurou se acalmar.

“Bem, antes de mais nada, preciso saber se a guerra foi declarada. Depois, descobrir como está o Grão Vizir.”

Balançou a cabeça.

“Deve estar bastante aborrecido comigo.”

Frésnigo batucava com os dedos sobre o painel de controle.

“Será que é uma boa ideia ir até a Seita da Cobra?”

Olhou para o painel, estavam prestes a entrar na crosta interna.

“Não, melhor não. Primeiro vou falar por telefone. Dependendo de como ele estiver, nem apareço por lá. Sumo de uma vez.”

Com as mãos trêmulas, Leflan tocou em seu bracelete. Digitou alguns números. Aguardou.

— **Grasso Vardin, meu corpo iniciou o processo de materialização. Isso demora um pouco. Mantenha a guerra até eu finalizar a transferência.**

Vardin aquiesceu com a cabeça.

— Sim, Lord ThreCumb, farei isso. Já posso contar o plano para os membros da Seita?

— **Sim, mas não conte tudo, apenas o que eles precisam saber.**

— Sim, senhor, pode ficar tranquilo.

— **Mais uma coisa, Grasso Vardin, cuidado com o Cavaleiro de Fogo. Sinto a presença dele.**

— Me desculpe, senhor, mas não entendi. Cavaleiro de fogo?

— **Ele ainda não tem identidade, mas seu hálito espiritual se expande. Você precisa ter cuidado. Agora pode ir.**

O Grão Vizir se levantou.

— Senhor, voltarei tão logo tenha novidades.

Não houve resposta e ele deixou aquele lugar insalubre.

John deixava os pensamentos fluírem. Acompanha as conversas sem expor opinião. Klaus e Emma falavam entre si. Yuri conversava com a mãe da Imperatriz. Sir Oliver, Mary e Steve bombardeavam PYthía com perguntas.

Os pratos foram servidos por androides. Yuri e Brathía eram os mais afoitos pela comida.

Para o jovem inglês, o momento era agradável, mas faltava alguém.

“Briéla e sua mãe são idênticas. Parecem gêmeas.” — Pensava.

“Por que será que ela não veio para o jantar? Ela prometeu que falaríamos mais sobre Hathor e Atlântida.”

“Será que ela gostou de mim? Será que eu tenho alguma chance?”

Balançou a cabeça.

“Por que estou pensando essas coisas? A garota me salvou a vida, e é só. Ela é uma princesa, lembra John McBrian.”

PYthía e Sarhin entreolharam-se e sorriram.

A Imperatriz cochichou no ouvido da avó.

— Acho que teremos problemas.

— Ou não. — Respondeu Sarhin.

A pulseira de Brathía vibrou.

PYthía olhou para sua mãe.

— O que foi?

— Uma reunião na IFA. Está marcada desde hoje à tarde. Precisamos discutir sobre esse momento.

Ela se levantou. Correu os olhos pelos visitantes.

— Me desculpem, preciso ir. Tenho uma reunião importante. Tenho certeza de que ficarão bem. Foi um prazer conhecê-los. — Falou apressada.

Os estrangeiros se levantaram.

— Aconteceu alguma coisa? — Perguntou John.

— Não, ainda não, mas precisamos estar atentas.

Ela desculpou-se novamente e saiu a passos apressados.

Eles se sentaram.

Sir Oliver virou-se para a Imperatriz

— O que está acontecendo?

PYthía se ajeitou na poltrona.

— Atravessamos um momento delicado. A nossa relação com Lemúria fica pior a cada dia. Como Briéla, Brathía também é general do Exército. As duas são membros da Irmandade Filhas de Atlântida. A IFA é responsável pelas forças armadas, consequentemente, pela defesa de Atlântida. A reunião é para discutir as estratégias de ação.

PYthía amenizou e conduziu a conversa para outros assuntos. Aos poucos a tensão diminuiu.

As anfitriãs faziam o possível para os estrangeiros se sentirem à vontade.

PYthía fixou o olhar em Klaus.

— O que aconteceu com a sua mão? Faltam dois dedos.

O prussiano levantou a mão esquerda.

— Ah, Isso. Bem, isso foi um acidente em um barco pesqueiro. Eu era garoto ainda e trabalhava com meu pai. Vivíamos do mar na pequena cidade de Brunsbüttel, no Reino da Prússia. — Fez uma pausa. — A vida não é fácil naquele lugar. Certo dia, já estávamos no cais, atracando a embarcação. Uma onda inesperada sacolejou o barco. Eu era acostumado àqueles movimentos bruscos. Naquele dia, porém, não me sentia muito bem. Estava enjoado e o cansaço do dia tomava conta de mim. Fui pego de surpresa. Não consegui me segurar. Aí, caí de mau jeito sobre algumas caixas metálicas. Ferramentas e coisas pra pesca. Machuquei feio os dedos. Não tinha médico e nem remédio. A coisa arruinou. Não teve jeito. Precisou tirar fora!

PYthía inclinou-se um pouco.

— Posso ver?

— Sim, claro.

A jovem senhora pegou a mão do prussiano e analisou com interesse.

— Esses dedos devem fazer falta. Não?

Klaus coçou a cabeça.

— Ah, sim. Fizeram falta, mas, com o passar dos anos, aprendi a viver sem

eles. Agora, já tô acostumado. Afinal, depois de tanto tempo, nem penso mais no assunto. Além do mais, não adianta lamentar.

Os grandes olhos azuis de PYthía fitaram Klaus com profundidade.

— Aqui em Hathor, a nossa medicina tem tecnologia para curar a sua mão.

— Curar? — Perguntou incrédulo.

Olhou para a própria mão. Lembrou dos androides.

— Dedos mecânicos?

A Imperatriz sorriu.

— Dedos mecânicos funcionariam bem, mas seria uma solução simplista.

— Quer dizer que vocês podem fazer dedos mecânicos? — Insistiu o prussiano.

— Sim, como eu disse, este seria o método mais fácil de resolver o problema. Mas existe um jeito melhor. Se você quiser, podemos fazer os seus dedos crescerem de novo.

A afirmativa de PYthía deixou Klaus ainda mais perplexo.

“Crescer? Será que essa mulher está brincando comigo?”

— Crescerem? Como?

— A natureza é cheia de pequenos segredos. E cabe a nós procurá-los nos lugares certos. As salamandras reconstroem seus membros perdidos sem precisar de nenhuma tecnologia. No seu caso, basta fazer com que as células da sua mão pensem que você é uma salamandra.

— Células? — Perguntou Sir Oliver. — A senhora está se referindo à recente teoria de Matthias Schleiden e Theodor Schwann a respeito dos seres vivos serem compostos por criaturas pequeninas?

— Exatamente professor, a teoria desses cientistas está correta.

— Que maravilha, confesso que quando li pela primeira vez fiquei cético. Depois, achei que a ideia fazia sentido. Mas como é possível conduzir o desenvolvimento das tais células no sentido e quantidade corretos? — Inquiriu novamente o mestre.

— O que a sua ciência não sabe ainda, é que todas as criaturas possuem um campo extrafísico. Chamamos de campo modelador biológico. Este campo rege todas as funções do corpo. O que temos de fazer, é incentivar as células da mão dele a se reproduzirem de forma ordenada, seguindo orientação do campo

modelador.

Sir Oliver ficou pensativo, a explanação era plausível. Contudo, aquele era um ramo da ciência que ele desconhecia por completo.

Vendo a expressão de perplexidade de Sir Oliver, a Imperatriz continuou.

— No início da vida, quando ainda estamos no útero, nosso corpo desenvolve um tipo especial de célula. Chamamos de célula-tronco. Essas pequeninas entidades vivas têm a propriedade de se transformarem. Se ajustam, formando os tecidos, como ossos, músculos, nervos. Assim, num primeiro momento, convenceremos algumas células da mão de Klaus de que elas são células-tronco. Depois, acompanhamos as reproduções para garantir o desenvolvimento correto.

Um profundo silêncio encheu o lugar. A senhora Austhrum compreendeu que aquele assunto era avançado demais para os visitantes.

— Você gostaria de ter os seus dedos de volta? — Perguntou PYthía.

— Sim, gostaria. — Respondeu Klaus. — O que devo fazer?

— Vou pedir para Thália levá-lo ao nosso centro de saúde. Lá, os médicos explicarão tudo o que deve ser feito. Posso lhe garantir que você não se arrependerá. Em poucas semanas, terá os seus dedos de volta.

— Eu posso ir ao hospital com ele? — Perguntou Emma, interessada no assunto.

— Sim, claro. Será até melhor. O laço afetivo entre vocês dois ajudará no processo. — PYthía focou o mestre. — Se o senhor se quiser, professor, pode ir também. Poderá sanar todas as suas dúvidas.

O mestre abriu um largo sorriso.

— Ah! Sim, eu adoraria muito.

— É sempre um prazer compartilhar o nosso conhecimento.

O jantar transcorria animado. As pessoas, aos poucos, se descontraíam. Contavam suas histórias, riam e se divertiam. E, à medida que o tempo passava, o senhor Stewart ficava mais intrigado. Alguma coisa parecia não estar certa.

— Senhora Austhrum, estou com um grande ponto de interrogação na cabeça. Se importa se eu lhe fizer uma pergunta?

— Pois não, fique à vontade.

— Por favor, se a senhora se sentir constrangida, me perdoe e peço que não

se ofenda com a minha ignorância.

— Agora estou realmente curiosa...

— Desde que chegamos aqui, eu não vi nenhum homem entre vocês. Viveriam eles em algum outro local?

O transleve viajava em velocidade padrão e Grasso Vardin já entrara, de volta, na metrópole incrustada na montanha.

Sua mente trabalhava incansável, maquinando todos os passos que seriam necessários para atingir o seu objetivo.

“O plano de Lord ThreCumb é factível.”

“O primeiro passo está dado. A guerra contra Atlântida.”

Vardin sabia de antemão que jamais venceria os Atlantes. Lemúria sobreviveu ao grande conflito há quarenta e tantos mil anos, mas ao custo de tornar-se quase escrava dos vencedores.

“A arrogância de Atlântida é insuportável. Sentem-se os donos do mundo, da verdade e do destino das nações.”

Balançou a cabeça

“Decidiram, lá no passado, que não interfeririam no desenvolvimento dos humanos na crosta externa. Uma decisão egoísta. Os pobres são deixados de lado. Entregues à sua própria sorte.”

“Por que não compartilhar todo o conhecimento que temos?”

Soltou o ar com energia.

“Bem, isso não importa mais. Lemúria tomará o poder em breve!”

“Como disse Lord ThreCumb, as forças de Warnnenia estão estacionadas em Alfa Centauri. Nos últimos seis meses, eles movimentaram, aos poucos, um poderoso exército.”

“Estou curioso para saber como funciona o sistema de abafamento de hipersalto. Não vejo a hora de botar a mão nessa tecnologia.”

“Atlântida pensa que pode tudo, mas não faz ideia de que eles já estão lá. Até um wormhole foi construído entre a estrela vizinha e a Megalópole de Warnnenia.”

“Minha missão é manter Hathor ocupada. Não podem perceber o movimento dos warnnenes.”

O bracelete de Grasso tremeu.

Olhou para verificar quem o chamava.

“Frésnigo?”

Tocou na tela do aparelho para atender. Selecionou opção de encriptar a comunicação.

— Leflan, onde você está? As coisas estão pegando fogo aqui.

Pela tela, Vardin percebeu o humor de Frésnigo.

— Senhor, as coisas fugiram do controle.

O rosto de Grasso se deformou numa carranca.

— É eu percebi. Você quase colocou tudo a perder.

— Me desculpe, senhor, mas não estava nos planos enfrentar duas Filhas de Atlântida. Tive que improvisar.

— Leflan, você não podia deixar aqueles idiotas saírem vivos. Eles contarão toda a história para elas. Aquelas mulheres não são tolas, ligarão uma coisa à outra.

— Senhor, fiz o que pude. Fui atrás delas até a Lua. Chegamos a abater o Phobus. Mas, de repente, um encouraçado emergiu do hiperespaço. Foi só então que eu percebi o quão importante eram aquelas duas. Elas sobreviveram?

Vardin soltou o ar.

— Sim, todos sobreviveram. E uma delas era nada menos do que a princesa.

— O quê? Briéla Austrum?

— Exatamente, foi por isso que um Phobus X foi acionado.

— Droga! Quando vi aquela coisa, me escondi em uma cratera da Lua e hibernei. Apaguei por horas. O que aconteceu depois? Eu fui descoberto?

— Acredito que não, mas aqueles ingleses vão contar toda a história. Tenho certeza de que Hathor levantará a hipótese de espionagem.

— O que devo fazer agora? — Perguntou Frésnigo.

— Ainda não sei. Acho melhor nos encontrarmos no Templo e conversar com mais calma.

— Sim, senhor, estou indo para lá.

Grasso pressionou alguns botões no painel do transleve. O veículo fez meia

volta e acelerou.

Sarhin trocou olhar com PYthía.

A Imperatriz baixou a cabeça. Aquele era um assunto que incomodava.

— Senhor Stwart, fazem mais de três mil e quinhentos anos que não nascem homens em Hathor.

A um só tempo, todos estrangeiros olharam para a anfitriã.

Sir Oliver sentiu-se confuso. Balançou a cabeça.

— Desculpe, acho que não entendi. Quantos anos? Como assim?

Os olhos da Imperatriz viajaram pelos visitantes.

— Depois da grande guerra, — iniciou em voz pausada, — Atlântida e Lemúria vivem em constantes conflitos. Batalhas isoladas seguidas de cessar fogo temporário e novas batalhas. Este ciclo não tem fim. Para piorar, os warnnenes não se esquecem de nós. Eles nunca atacaram o nosso planeta. Não diretamente. Mas, também, não nos deixam em paz.

PYthía tomou um gole de água.

— De tempos em tempos, mandam espiões, sabotadores ou guerreiros. São ataques curtos, sem lógica, sem efetividade. Nossa apreensão aumenta, nos preparamos para a guerra. Então, eles, simplesmente, desaparecem. E ficam séculos sem dar as caras.

Fez uma pequena pausa.

— Há pouco mais de três mil e quinhentos anos, um grupo de warnnenes apareceu por aqui. Chegaram num hipersalto. A nave deles emergiu do hiperespaço nas imediações de Marte. Atento, o exército de Atlântida entrou em ação para defender nosso planeta. Lemúria aproveitou o momento para nos atacar. Os warnnenes fugiram. Porém, antes de mergulhar no hiperespaço, eles dispararam uma capsula em direção ao nosso planeta.

— Os Atlantes tentaram destruir a capsula. Afinal, poderia ser uma bomba. Não conseguiram por culpa dos lemurianos, que intensificaram a batalha. O objeto caiu na Terra.

— A coisa explodiu? — Inquiriu o professor.

— Não, — respondeu a Imperatriz, — não era uma bomba. Era uma arma. Endereçada aos lemurianos. Não sabemos como, eles conseguiram resgatar a

capsula.

— O Que tinha nela? — Foi a vez de Steve perguntar.

— Nanorobôs.

— Nanorobôs? O que é isso? — Perguntou Mary.

A imperatriz olhava para um horizonte fictício.

— São mecanismos microscópicos autocontrolados.

Baixou a cabeça e continuou.

— O tempo passou. A paz foi declarada. Esquecemos o episódio. Naquela época, não fazíamos ideia do havia na cápsula. Então uma doença acometeu o Império de Atlântida. Quando grávidas de meninos, as mulheres adoeciam. Os bebês enfraqueciam, seus corpinhos degeneravam e morriam. As mães não tinham melhor sorte. Depois de contraída a doença, a morte era certa.

Uma lágrima bailava no olho de PYthía.

— Tentamos de tudo para descobrir a causa. Mas nada surtia efeito. Anos se passaram sem encontrar o motivo daquilo. Os meninos não conseguiam nascer. E, com o passar das décadas, a população masculina foi diminuindo. Um dia, muito triste para nós, o último homem de Atlântida morreu.

Sir Oliver acompanhava a narrativa entre curioso e enternecido.

— Meus Deus! Que tragédia! Como vocês conseguiram sobreviver?

A Imperatriz enxugou aquela lágrima.

— Bem, como eu disse para Klaus, a natureza possui segredos. Para manter a chama da vida acesa, as mulheres de Atlântida decidiram se reproduzir fazendo clones de si mesmas.

— Clones? O que é isso?

— Senhor Stewart, nós somos cópias umas das outras.

A cara de paisagem do professor falava por si.

De propósito, PYthía fez uma pausa mais longa, aguardando suas palavras causarem desconforto. Então continuou.

— Somos clones, eu fui gerada a partir do material genético da minha mãe e Briéla foi gerada pelo meu. No corpo físico, somos idênticas em quase tudo. É como se fôssemos irmãs gêmeas.

— Como? Como é possível copiar pessoas? Isso é inimaginável. Por Deus,

como se faz isso? — Indagou o mestre perplexo.

PYthía fez um sinal com a mão, dando a entender que o “como” não importava muito

— Num futuro próximo, a sua raça também desenvolverá este conhecimento. — Respondeu com voz contida.

— Vocês descobriram a causa da doença? — Perguntou John.

— Atlântida levou mais de um século para descobrir os nanorobôs. Eles se instalam no corpo da mulher, disfarçados de proteínas, e permanecem em estado passivo. Nesta fase são inofensivos e invisíveis. Mas, se perceberem a presença de gameta Y, entram em ação.

— O que é um gameta Y? — Mary indagou.

PYthía dirigiu o olhar para ela.

— Podemos dizer que é o código genético masculino.

A Imperatriz tomou mais um gole de água.

— Descobrimos que essa catástrofe era um plano arquitetado entre warnnenes e lemurianos para tomar Atlântida. Queriam as instalações e a tecnologia, sem precisarem destruir nada. A ideia era enfraquecer a população para em seguida dominar.

Steve focou PYthía e disparou.

— Eles voltaram a atacar? O plano funcionou?

— O plano falhou. Não contavam que as mulheres de Atlântida resistiriam. Surgiu a IFA, Irmandade Filhas de Atlântida. Através dos séculos, mulheres corajosas têm dedicado suas vidas para controlar a ânsia de poder dos lemurianos.

Emma venceu sua timidez.

— E a cura? — Perguntou.

— Não existe cura. Os nanorobôs passam de mãe para filha. São inteligentes. Quando percebem que o corpo está morto, o deixam em busca de outro hospedeiro. São invisíveis aos nossos equipamentos. Não sabemos se eles se multiplicam ou se são controlados. Na verdade, nem sabemos se, depois de tantos séculos, ainda estão ativos.

Capítulo 15

A porta do quarto do Imperador se abriu devagar, num movimento contínuo.

Com a barriga para cima, Kumárin roncava de fazer gosto.

Uma figura sinistra entrou na ponta dos pés. Girou e encostou a porta atrás de si.

Seu rosto deformado, ainda sangrando, encarou o Imperador com ódio.

Caminhou na direção da cama. Parecia não ver nada ao redor, apenas o objeto de sua ira. A respiração acelerou. O coração disparou. Os dentes rangeram. Uma baba gosmenta escorreu pelo canto da boca, pingando no chão e na sua roupa esfarrapada.

A cada passo, poças de sangue semi-coagulado escoriam pelo chão.

Seu cheiro desagradável de carne apodrecida encheu o ambiente.

Mais um pouco e ele se encontrava ao lado da cama. Olhos fincados na face de Klans Kumárin.

O imperador, sentindo a presença de alguém, abriu os olhos.

Uma onda de terror percorreu seu corpo e, apesar de seus cento e oitenta quilos, saltou da cama como um gato assustado.

O estranho soltou uma gargalhada estridente. O sangue brotou em profusão de suas feridas.

— Lembra-se de mim, Im-pe-ra-dor?

Kumárin tentou se esconder, fugir, sair dali de alguma maneira, mas as pernas o traíram.

— Me deixa em paz. Você tá morto!

— Morto? Você acha que eu estou morto? — Disse entre uma gargalhada e outra.

— Saia daqui. Vou chamar os guardas. — A voz de Klans era trêmula e carregada de horror.

— É, e vai dizer o que para eles? Que matou seu próprio pai?

Os olhos do infeliz vazavam sangue.

— Vai dizer que queria o maldito trono.

Kumárin tremia sem dizer nada.

A figura olhou para a porta.

— Chame os guardas! GUARDAS... GUARDAS... — Gritou ensandecido.

Voltou a fitar o Imperador num movimento rápido de cabeça.

— Matou o próprio pai para assumir um trono que já era seu! Por quê? Maldito. POR QUÊ? — Berrava.

Kumárin se lembrou. As imagens eram vívidas, como se ele estivesse vivendo aquilo outra vez. Tentou fugir de sua memória, mas via, repetidas vezes, ele esfaqueando seu pai na cama imperial.

— Eu tinha bebido, tinha cheirado umas coisas. Tava louco, tava louco.

O estranho trazia a face cortada por faca e várias perfurações no tórax, barriga, pernas e nos braços.

Ele desembainhou um punhal. A lâmina brilhou com a luz fraca do quarto.

Kumárin se viu transportado para a cama imperial.

— O quê? Não, NÃO. Não, pai, por favor não, me perdoe pai. NÃÃÃOOOO.

Mas o fantasma de seu pai não ouvia mais nada.

— ASSASSINO. ASSASSINO. MORRA ASSASSINO.

A figura não tinha mais olhos, apenas duas esferas brancas preenchidas por veias negras pulsando.

— MORRA DO MESMO JEITO QUE EU MORRI!

A figura ergueu a mão com o punhal e desceu com violência.

Kumárin, levantou o braço para se proteger. A lâmina atravessou a palma de sua mão e riscou de leve seu rosto.

Dor. O braço tremeu e não impediu que o segundo golpe rasgasse sua bochecha.

Aterrorizado viu a lâmina levantar-se outra vez. Medo, terror, desespero.

Mais um golpe, outra pontada agonizante.

O sangue esguichou e se misturou com o de seu pai.

— Não, me perdoe. — Kumárin suplicava em choro.

O rosto do agressor se transformou na face de um demônio.

— Não tem perdão, maldito. Não tem perdão. Está contente com seu trono. Essa merda te trouxe felicidade. Olhe para você, não passa de um peso morto para Lemúria. Foi para isso que me matou?

Mais um golpe, e outro, e outro.

Dor, dor, dor.

Kumárin se sente morrer.

Acordou.

Coração acelerado. Suando frio.

Com os olhos esbugalhados, ainda ouvia as gargalhadas de seu pai.

Afastado do centro da cidade flutuante, um cálice destacava-se dos outros. Sua forma mais alongada e seu tamanho avantajado o tornavam um ponto de referência.

Este era a sede da IFA.

A história de Hathor se confundia com aquele lugar. História de guerra e paz. Muitas mulheres morreram nas batalhas contra os lemurianos. As corajosas herdeiras de Yrm precisaram se superar para manter vivo o continente de Atlântida.

Eram temidas por seu treinamento intenso e suas armas poderosas.

No salão principal do prédio, milhares de mulheres aguardavam o início da reunião de emergência.

A General Briéla entrou ao lado de Brathía.

O silêncio reinou. Ouvia-se apenas a respiração de algumas.

As duas subiram no tablado. Briéla se dirigiu ao púlpito.

A multidão aguardava sua fala.

— Filhas de Atlântida, — sua voz ecoou retumbante pelo ambiente espaçoso. — O armistício acabou. Voltamos aos tempos de guerra.

O silêncio ficou ainda mais profundo. Dramático.

— Acabamos de ter uma teleconferência com o Imperador de Lemúria, Klans Kumárin. Aquele homem asqueroso nos preparou uma armadilha. Usou habitantes da crosta externa como isca. Eles ativaram um de nossos psico-

transceptores e o usaram para abrir um hangar lemuriano.

— Quando percebi que Lemúria ativou seus Mnemes, me vi impelida a agir. Até aquele momento, não dava para saber se matariam os humanos ou espalhariam terror na crosta externa.

A imagem de Briéla aparecia, enorme, no telão tridimensional.

— Eu e Brania conseguimos salvar os humanos, mas a coisa ficou séria. Os lemurianos lançaram centenas de Mnemes e Raptores contra nós. Foi quando eu tomei consciência de que uma nova guerra tinha iniciado. E é por esse motivo que eu convoquei este encontro. A partir de agora, todas as forças de Atlântida estão em alerta máximo. O foco do nosso exército deixa de ser a manutenção da paz.

Fez uma breve pausa.

— Agora, nosso foco é minimizar as perdas materiais e humanas.

Parou de falar, correu os olhos pela multidão.

— Quero deixar claro que não gosto da luta armada. Mas, não hesitarei em matar para proteger nossas mães, nossas irmãs e nossas filhas.

— Os lemurianos só conseguirão tomar as nossas cidades depois de terem jogado por terra o meu cadáver.

— Minha mãe é uma mulher amante da paz e das coisas espirituais. Herdei um pouco disso.

Briéla respirou fundo.

— Mas também sou neta de Brathía, a maior guerreira que Hathor já viu.

A multidão deu um grito de apoio.

— Sou Briéla, Filha de Atlântida.

As mulheres aplaudiram com euforia.

Briéla aguardou.

— Mas antes de tudo, sou irmã e serva de cada uma de vocês.

— Hathor e Atlântida estão em perigo. E eu, investida da responsabilidade que a vida me deu, venho pedir a ajuda de vocês. Minhas irmãs de sangue e de alma. Preciso de vocês para me ajudar a defender o nosso país.

O salão explodiu em gritos e aplausos.

Já fazia um bom tempo que eles tinham finalizado o jantar. Até mesmo a

sobremesa já havia sido servida.

Era um momento de descanso e conversa sobre assuntos triviais.

Zranide, a trisavó de PYthía entrou no salão.

Os convivas se levantaram em respeito à anciã.

Ela sorria. Caminhava a passos tímidos. Elevou a mão até a altura do tórax e acenou com carinho.

PYthía e Sarhin caminharam em sua direção.

Zranide, apesar dos cento e vinte anos, esbanjava saúde. Introvertida, falava pouco. No entanto, não desperdiçava as palavras. Sua fala era sempre direta, sem rodeios.

Sarhin adiantou-se e segurou a mão de Zranide.

— Vovó, você decidiu vir para a recepção? Tinha dito que se sentia cansada.

O olhar da anciã brilhava num enigma profundo.

— Às vezes, querida, o corpo quer ditar as suas regras. Às vezes, eu aceito com carinho e amor por ele. Mas existem momentos em que o espírito deve tomar as rédeas com doçura e determinação.

Tocava uma música suave.

PYthía e Sarhin acompanharam Zranide até a mesa.

As duas se sentaram. A anciã não.

Cumprimentou os europeus. Pousou o olhar no jovem inglês.

— Estou com vontade de dançar. Senhor John McBrian, o senhor dança comigo?

Pego de surpresa, John ficou sem respostas. Olhou para os lados.

— Eu?

— Sim, querido.

Cento e vinte anos derrubam qualquer um. Mas Zranide, apesar das rugas, ainda trazia um pouco da jovialidade de Briéla.

John se levantou como um cavalheiro.

— Sim, claro.

Tocava uma valsa. Naquele momento, ninguém dançava. Talvez, pelo

avançado da hora.

Ele pegou nas mãos dela com sutileza. Uma sensação diferente percorreu a coluna, atingindo em cheio a base do cérebro. Sentiu-se bem e feliz.

Caminharam alguns passos de mãos dadas.

Ele a segurou pela cintura.

— Senhora Zranide, nuca fui muito bom em dança. Esse não é o meu forte.

— Não se preocupe. — Disse colocando o indicador no peito do inglês. — O que mais importa, é o que vai aqui dentro.

O rapaz sorriu e os dois seguiram o embalo da música em três por quatro.

McBrian focava os olhos dela. Sentia-se hipnotizado. Atordoadado pela impressionante semelhança com a moça que salvara sua vida. Seu coração acelerou ao se lembrar de Briéla.

O sorriso de Zranide intensificou-se.

— Briéla é uma criatura fascinante. — Disse, deixando claro que lia o pensamento dele. — No seu lugar, eu também me apaixonaria.

John corou. Olhou para o chão. Voltou a fitar Zranide. Não encontrou nenhuma resposta em seu repositório de evasivas.

— Relaxa, menino, — falou a anciã, — percebi o seu interesse por ela desde o primeiro momento.

— Me desculpe. — Disse o rapaz com voz sumida. — Sei que ela é uma princesa. Que tem um país para governar. E, sei lá, sentimentos a gente não controla... a senhora pode ficar tranquila, sei qual é o meu lugar. Sou apenas um estudante de engenharia...

O rosto de Zranide tornou-se sério.

— Engano seu John. Você é um espírito imortal. Como todos nós. Na sua essência, você e o Universo são Um.

Ele nunca fora muito apegado aos estudos filosóficos. Sorriu com benevolência.

— John, meu querido, você não está aqui por acaso. Tudo tem um propósito. Ação e reação, causa e efeito, trevas e luz. A dança mística das dualidades na unidade do Todo.

O rapaz continuou calado.

— Menino, você precisa acordar desse sonho!

Ele se lembrou do momento em que seria executado por Takashi.

— Sonho? Eu morri pela espada daquele japonês, não foi? Eu sabia. Tudo mudou depois daquele momento.

Zranide sorriu, mostrando seus dentes brancos e bem cuidados.

— Não, meu jovem, não. A morte, claro, não existe. Mas seu corpo físico não foi abatido por aquela katana.

John encheu os pulmões de ar.

— Vou ser sincero. As coisas estão acontecendo tão rápido. Tenho visto tanta coisa. Que, confesso, me sinto pequeno, incapaz. Talvez, estar morto, seja uma boa explicação.

— Menino, confia em mim. Seu corpo está bem.

Ele suspirou aliviado.

— Do que preciso acordar então.

A música continuava e, sem parar de dançar, ela tirou a mão do ombro dele. Tocou com o indicador na testa do rapaz, entre os olhos, na altura da sobrancelha.

John sentiu um choque. O corpo tremeu. Teve a impressão de ver um clarão.

Uma vertigem repentina o deixou zozado.

Viu-se num lugar desconhecido. Teve a certeza de que a história de Lemúria e Atlântida se misturavam à sua própria.

Chacoalhou a cabeça com força. Parou de dançar. Curvou-se e colocou as mãos no rosto. Respirou, pausadamente, para se recuperar da tontura.

— O que foi isso?

Zranide colocou a mão no rosto do rapaz.

— Isso é lembrança.

— Lembrança?

— Sim, em uma vida passada, você foi um personagem importante. As suas decisões influíram os acontecimentos entre Lemúria e Atlântida.

John não disse nada.

— Você, precisa se preparar para cumprir sua missão. — Continuou Zranide. — Do jeito que está, será derrotado na primeira batalha. John, meu

querido, pesadas responsabilidades pousam no seu ombro. Precisa se preparar. É imperativo que se fortaleça. Senão, esse peso poderá esmagá-lo.

O rapaz se aprumou. A tontura desapareceu.

— O que devo fazer?

— Me aguarde em seu apartamento. Passarei lá mais tarde. Contarei tudo o que sei e farei o que puder para ajudar.

A valsa terminou. Os dois trocaram olhar. Não tinham retomado a dança.

Outra música teve início.

— A senhora quer dançar mais?

— Não, querido, muito obrigada. Acho que preciso me sentar um pouco.

— Sim, claro.

Voltaram para a mesa, sem dizer mais nada.

Entrou no templo. Um altar destacava-se na construção. Tinha a forma de semicírculo, montado próximo à parede do fundo. Atrás do altar, três grandes estátuas chamavam a atenção. Eram figuras místicas que embasavam os seguidores daquela seita.

À direita, um cântaro com água simbolizando a criação. À esquerda, o fogo da destruição. No centro, uma estátua de uma cabeça de cobra com tentáculos de polvo. No pedestal havia uma placa em ouro: ‘Agilidade, força e controle’.

Frénigo correu os olhos pela abóboda do templo. Esculturas fantasmagóricas lembravam suas obrigações.

“Causa e efeito,” pensou, “Entregar a vida atual, para receber a vida futura.”

Ele respirou fundo. Caminhou até o altar, o eco de seus passos era como uma música triste em tom menor.

Ajoelhou-se diante da escultura. Inclinou a cabeça. Fechou os olhos.

Frénigo mergulhou para o interior de sua alma. Sentiu uma alegria incômoda.

“Entregar a vida atual para receber a futura? Estaria isso certo?”

“Causa e efeito é visível em tudo, sem questionamentos. Mas qual a razão da troca?”

Olhou para o passado. Já tinha deixado pelo caminho uma fileira de cadáveres. Sombras que o perseguiram para onde quer que fosse.

“Ação e reação. Será que estou no caminho certo?”

Ouviu passos. Abriu os olhos sem sair da posição.

— Frésnigo Leflan.

Ele se levantou. Virou-se. Inclinou o corpo no modo oriental.

— Senhor, Grão Vizir.

Vardin andava a passos rápidos.

— Leflan, venha você precisa me contar tudo, vamos para o meu escritório.

Os dois saíram por uma porta lateral. Entram em um corredor longo. Mal iluminado. Com dezenas de portas nos dois lados.

Caminharam por um ou dois minutos. Uma porta se destacava pelo acabamento. O cedro apresentava uma figura em alto-relevo. Vardin girou a maçaneta. Entraram. Poltronas flutuantes se apressaram em oferecerem seus serviços.

O Grão Vizir se sentou, atrás de sua escrivaninha imponente.

Leflan puxou uma poltrona e se acomodou.

Vardin enviou comandos mentais para o centro de controle da sala.

— Pronto, Leflan, a sala está selada. Ninguém pode nos ouvir.

Frésnigo se esparramou.

— Até agora estou atordoado. Elas ativaram um encouraçado! No máximo, eu esperava uma frota de Phobus V ou coisa parecida.

Vardin coçou o cavanhaque ralo.

— O que me intriga é, por que a princesa, em pessoa, entrou nessa operação? Por que deixou de seu palácio para ir até o nosso portal? Apenas para salvar meia dúzia de humanos?

Frésnigo se limitou a balançar a cabeça.

O Grão Vizir focou o espião.

— Muito bem, me conte a sua história outra vez. Temos tempo agora, conte tudo, não deixe nada escapar.

Leflan relaxou os ombros e iniciou seu relatório.

O jantar com a Imperatriz terminou. Após as despedidas, Thália conduziu os estrangeiros para seus apartamentos.

John permaneceu calado. Pensativo. Ouvia os comentários dos amigos, mas não colocava suas opiniões ou pontos de vista. A imagem da tetravó de Briéla permanecia, o tempo todo, em sua cabeça.

“Como ela conseguiu ler o meu pensamento?”

“Que lembrança ou bruxaria foi aquela?”

Desceram do transleve. A menina de Hathor seguia na frente do grupo. Riam, comentavam sobre a comida, a música, a bebida, a receptividade.

— Bem, acho que vocês se lembram quais são os seus quartos, não lembram?

— Apesar de as portas serem todas iguais, — adiantou-se o mestre, num sorriso — acho que nos lembramos sim.

Thália sorriu.

— Fiquem à vontade e descansem.

Olhou para o relógio em sua pulseira e continuou.

— Daqui a alguns khons, passo aqui para levá-los para conhecer alguns lugares interessantes de nossa cidade.

Eles agradeceram. Cada um procurou sua porta.

Yuri entrou no apartamento. Não tinha sono. Coçou a cabeça. Precisava achar alguma coisa para se distrair. Na sala de estar havia várias poltronas flutuantes. Aproximou-se de uma delas e, meio envergonhado, perguntou.

— Ô, dona cadeira, você também fala?

— Pois não. — Respondeu a poltrona. — Posso ajudá-lo em alguma coisa?

— O que tem aqui pra distraí a cabeça?

— Existem inúmeras distrações. O senhor pode assistir um filme. Participar de jogos de simulação, jogos de estratégia. O xadrez por exemplo. Também podemos conversar, enquanto o senhor toma um drink ou come alguma coisa.

— Ah! Gostei dessa última. — Falou Yuri feliz.

— Qual? — perguntou a mobília — Conversar?

— Não, não. Comer. — Respondeu sem pestanejar.

— Ah, sim, o que deseja comer? — perguntou a máquina.

Uma tela se acendeu exibindo diversos tipos de comidas e bebidas.

Joseph Taylor entrou na sala.

— O que é isso?

— Eu não sei não, — respondeu o russo, meio sem jeito, — eu tava aqui conversando com essa cadeira e ela me sugeriu comer alguma coisa.

Taylor balançou a cabeça

— Cacete, homem, você acabou de jantar!

Yuri Raskolnikov deu de ombros.

— Então, eu também penso como você, mas eu vou comer alguma coisinha. Você sabe, só pra não fazer desfeita.

Joseph olhou desconfiado para o russo.

— Você é quem sabe. — Falou e deixou a sala em direção a um dos quartos.

Raskolnikov voltou sua atenção para a poltrona.

— Bom, eu vou querer um prato desse aqui e também essa bebida aqui.

— Senhor, — advertiu a poltrona, — é meu dever alertá-lo de que esse prato, somado à bebida dão duas mil calorias. Como o senhor jantou há bem pouco tempo, essa quantidade pode ser excessiva.

— Num entendi nada, que coisa é essa de caloria?

— De modo simplificado, é a energia contida no alimento.

— Ótimo, manda o prato e a garrafa que eu tô precisando mesmo de energia.

John entrou em seu apartamento e foi direto para o quarto. Livrou-se daquele fraque e o jogou sobre uma poltrona.

Deitou-se na cama. As imagens de Briéla voltaram a bailar em sua mente.

Apesar do dia cheio, não sentia sono. Aquela avalanche de acontecimentos torturava seu cérebro.

Puxou o ar e encheu os pulmões.

“Princesa Briéla,” deixou a mente divagar, “que garota linda!”

Virou-se de lado.

“Preciso dormir, quem sabe eu acorde desse pesadelo.”

Fechou os olhos. Soltou os músculos. Tentou não pensar em nada e relaxar.

Zranide apareceu dentro de sua imaginação.

“John, lembra-se do que eu lhe disse durante a dança?”

Ele sentia a presença dela, como se ela estivesse ao seu lado.

“Isso é mais um sonho?” Se perguntou em pensamento.

“Não, isso é telepatia. Estamos conversando em espírito”

“Como a senhora consegue isso?”

Ele sentiu que ela sorria.

“Não vamos perder tempo com explicações tolas. Você precisa se preparar, lembra-se?”

“Sim, a missão, me lembro sim.”

“Então venha, você precisa vir comigo até um lugar.”

“Onde a senhora está?”

“No lado de fora do seu apartamento. Estou aguardando na porta.”

Ele abriu os olhos. Tinha a impressão de continuar vendo Zranide.

Se levantou. Colocou a armadura que Briéla lhe tinha dado.

Sentiu-se tolo, mas caminhou até a porta. Esta abriu quando ele se aproximou.

— Olá, menino. — Cumprimentou Zranide ao ver o rapaz.

— Olá, senhora... — Não se lembrava do nome dela.

— Zranide, Zranide Austhrum.

Ele coçou a cabeça com embaraço.

— Me desculpe, senhora Austhrum. Eu ando com a cabeça péssima.

Ela tornou-se séria.

— Nunca, jamais fale isso de novo. — Falou com severidade — Somos o que pensamos. Nossos pensamentos se materializam em realidade. São a causa das nossas experiências. Verbalizar coisas ruins a nosso respeito, diminui a nossa força.

E você precisará de tudo o que estiver ao seu alcance.

— Me desculpe de novo, senhora Austhrum.

Ela voltou a sorrir.

— Me chame de Zranide ou Zra. Como preferir. Bem, deixa isso para lá. Pensou no que eu lhe falei no jantar?

— Sim, acho que sim. Se bem que não sei o que tenho de fazer.

A mulher focou bem nos olhos do rapaz.

— Vejo diante do seu destino duas possibilidades. Nenhuma delas é fácil. Você deve fazer uma escolha.

Ela fechou os olhos, e parecia mirar paisagens distantes.

— Será como escolher entre o fogo e a água. De um lado, o fogo aquece e permite a vida, seu excesso queima e destrói. Já a água hidrata, mas pode afogar.

Zranide fez uma pequena pausa e continuou.

— Você deve escolher entre vir comigo, mergulhar no seu interior para tentar salvar o mundo. Ou voltar para a Inglaterra e, em pouco tempo, ver todos os que ama morrerem.

O rosto de John se contorceu numa interrogação disforme.

— O que a senhora está dizendo? Não estou entendendo nada. Salvar o mundo? Ver as pessoas morrerem?

Ela abriu os olhos.

— John, Fogo ou água. Agir, vir comigo e lutar contra algo que se aproxima. Ou fugir. Se esconder e assistir a destruição da Terra.

O rapaz ficou extático, olhando para ela.

— Sei que é injusto. — Continuou Zra. — Mas nada acontece por acaso. Se você está aqui é porque tem capacidade para fazê-lo.

— Eu preciso decidir agora?

A anciã afirmou com a cabeça.

— Não temos mais tempo. Se escolher me seguir, deixará de ser John McBrian. Talvez, ninguém, nunca mais, o veja. Como disse, o peso de sua responsabilidade é enorme. Sei que está inseguro, sei também que não confia em mim, e que isso tudo parece besteira. Entretanto, esse é o grande momento da sua vida. Qual é a sua decisão. — Disse enquanto estendia a mão convidando-o a

seguí-la.

Quem olhasse a cidade de Hathor à distância, teria a impressão de ver uma grande plantação de tulipas. Os cálices dourados flutuavam a alturas diferentes, suspensos por suas hastes de luz azulada.

Vários tubos ligavam um prédio ao outro. Eram feitos do mesmo material luminoso. Sua função era acomodar vias de transporte. Algumas dedicadas para veículos rápidos como os transleves. Outras serviam como corredores destinados aos pedestres.

O tempo passou. As horas de sono fizeram grande bem aos estrangeiros. Tomaram a primeira refeição em seus apartamentos.

Após comerem, Sir Oliver e William procuraram por John pelos corredores próximos. Não o acharam. O mestre tentou não se preocupar, imaginou que John tivesse saído para andar pelo lugar.

Como prometido, Thália surgiu chegou cedo e reuniu o grupo.

— Pessoal, hoje nós vamos fazer um passeio pela cidade. Quero mostrar alguns lugares bacanas. Tenho certeza de que vão se encantar com Hathor.

Sir Oliver se adiantou.

— Senhorita, será um prazer acompanhá-la. Mas uma coisa está me incomodando. Posso fazer uma pergunta?

— Sim claro.

— Meu aluno, John McBrian, não estava no quarto quando acordamos. Deve ter saído bem cedo. Procuramos por ele, mas não o encontramos. A senhorita saberia onde ele está?

A moça sorriu.

— Senhor Stewart, pode ficar tranquilo. Não tem como se perder em um prédio como esse. O cérebro quântico central registra todos os movimentos dos moradores. Deixe-me ver.

Ela tocou em sua pulseira leitosa. A tela emergiu com várias informações.

— Ah, aqui está. Ele saiu com alguém.

— Com alguém? Ele não nos disse nada! Com quem ele saiu?

Thália franziu a testa.

— As imagens estão difusas. Não dá para ver o rosto. Não costuma ser

assim.

— O que isso quer dizer? — Insistiu o professor.

Ela fez um sinal com a mão, pedindo mais tempo. Emitiu alguns comandos mentais.

— Nunca vi isso antes. O cérebro central não sabe quem é a pessoa!

O mestre imprimiu dúvida em sua face.

— Como assim?

A moça ficou desconcertada.

— Me desculpe, isso não é normal. Não sei explicar. Vou tentar mais uma vez.

A tela de sua pulseira renovou as informações. A resposta foi a mesma. O dispositivo quântico não conseguia identificar aquela pessoa.

— Senhor Stewart, peço mil desculpas. Não há uma resposta precisa. Mas, olha, estou certa de que ele está bem. Deve ter conhecido alguma garota que mora neste cálice. Ela pode ter levado ele para conhecer as redondezas. Saíram juntos por algum motivo.

Sir Oliver fez um leve movimento de cabeça.

— Sim, pode ser.

Thália desligou a pulseira.

— Vamos fazer uma coisa. Vou solicitar um relatório mais completo. Com isso, saberemos, exatamente, onde ele está.

Sir Oliver sentiu a desconfiança nascer em seu coração. Mas achou indelicado insistir. Fez um sinal afirmativo com a cabeça.

Thália os conduziu até um corredor de luz.

— Como funcionam essas interligações? — Perguntou o professor, preocupado com a segurança daquilo.

A menina entendeu o receio dos visitantes

— Esses corredores são construídos com substância sintética, onde a distância entre moléculas é controlada artificialmente. Isso garante a elasticidade e resistência necessárias.

Sir Oliver não se convenceu.

— Mas se é matéria, por que se parece com feixes de luz?

— É justamente por causa da distância entre as moléculas, o material em si é invisível. Essa luminescência é produzida por compostos químicos que emitem luz fria. Tudo é controlado por campos de energia.

Thália entrou no corredor.

— Podem vir sem medo, é completamente seguro.

Entraram a passos vacilantes. Um abismo se abria abaixo de seus pés.

Eles flutuavam no interior do tubo. Thália girou no ar.

— Não existe nenhum risco. Dentro da via, não há gravidade.

Dessa vez, Emma foi a primeira a se acalmar e confiar na tecnologia.

Steve procurou evitar olhar para baixo.

— Tenho observado que grande parte do trabalho é feito por máquinas. E quanto a vocês, o que fazem?

Thália deslizava em baixa velocidade, um pouco à frente dos visitantes.

— Nós estudamos, a principal tarefa dos humanos é aprender. Se desenvolver, se preparar para um trabalho que as máquinas não podem fazer. Todas as tarefas que envolvem imaginação, criatividade ou emoção são feitos por nós.

Ela percebeu que ele ainda tinha dúvidas.

— Por exemplo, — continuou — vamos supor que precisamos projetar uma nova mobília. A parte que envolve criatividade como o design e suas funcionalidades são tarefas nossas. Viabilizar e construir a mobília são de responsabilidade dos andróides.

Capítulo 16

Depois da noite maldormida, em seu apartamento no centro da montanha, Frésnigo acordou cedo. Uma dor de cabeça infernal martelava seu cérebro, como se esse fosse uma bigorna de ferreiro.

Levantou-se e, cambaleante, caminhou até o banheiro. No meio do caminho tropeçou em alguma coisa. Roupas e objetos se espalhavam pelo chão. O lugar era caótico.

Urinou com vontade e alívio.

“Um incomodo a menos.” — Pensou, quase que praguejando contra a vida.

Abriu o pequeno armário. Lá estava o vidro de comprimidos contra cefaleia.

Pegou um e olhou para o seu reflexo no espelho.

“Quem é você, Frésnigo? No que você se transformou?”

Colocou o comprimido na boca e engoliu sem água. Sentiu a pílula descer raspando na garganta seca.

Se aprumou.

“Eu sou o homem mais importante do Grão Vizir.” — Respondeu à própria imagem.

Baixou os olhos, esfregou a cabeça com as mãos num movimento oscilatório.

“Será?” — Mergulhou em si mesmo — “Será mesmo que sou importante para essa porcaria de Império?”

Levantou os olhos. Fitou o seu rosto mais uma vez.

As últimas palavras de Grasso Vardin ainda ecoavam em sua mente.

“Vamos continuar com plano. Destrua a usina.”

A mão que esfregara a cabeça escorreu para o meio da cara.

“Destruir a usina, será uma tarefa fácil. Mas... será que este é o melhor caminho? Já não temos a guerra declarada? Por que destruir a usina?”

Os cabelos desgrehados, eram a imagem de sua mente atordoada.

“Às vezes penso que o Vizir está ficando louco. Esse maldito plano de poder pode nos levar para o inferno.”

Saiu do banheiro e foi para a cozinha procurar alguma coisa para comer.

Encontrou apenas sujeira espalhada por todos os lados. O cheiro de coisa estragada causava náusea.

“Bosta.”

Voltou para o quarto e colocou as mesmas roupas que vinha usando a dias.

Saiu do apartamento sem nem mesmo fechar a porta.

Pegou seu veículo elétrico. Não tinha dinheiro para comprar um transleve.

Dirigiu por alguns minutos e estacionou em frente a um pequeno bar.

Pelo caminho foi triturando as ideias de Vardin.

Balançou a cabeça com força.

“Não concordo com você, Vardin. Não concordo com o seu método. Não acredito que o pacto com os warnnenes seja um bom negócio. Vamos todos virar escravos desses malditos lagartões.”

Entrou no barzinho e sentou-se no banco alto ao lado do balcão.

— Pois não, senhor? — Atendeu uma bela jovem de uns dezessete anos.

Ele olhou para a menina. Esboçou um sorriso débil.

— Miriá, você está mais bonita a cada dia!

A menina corou e se limitou a um risinho tímido.

O espião continuou.

— Por favor, Miriá, eu queria uma xícara de café com leite e aquele pãozinho na chapa, que só você sabe fazer.

Ela sorriu com jovialidade.

— Pode deixar, senhor Leflan, vou fazer com capricho.

Ela se afastou quase saltitante.

Ele mergulhou em suas sombras.

“Que droga. Por que destruir a usina?”

Frésnigo travava uma batalha contra si próprio. O plano de Grasso Vardin era destruir a usina de energia da periferia da capital de Lemúria. Isso não enfraqueceria o poder do Império Lemuriano, mas seria a gota d’água para início das ofensivas.

A usina fora construída num bairro da periferia. O mesmo bairro onde ele,

Frésnigo Leflan, tinha nascido e crescido. Conhecia quase todos por ali. Lembrava-se da menina Miriá brincando com outras crianças na rua.

Há muitos anos que tomava café com leite naquele lugar.

A falta de energia causaria grandes transtornos para aquelas pessoas.

Não seria fácil reconstruir uma usina de fusão nuclear em tempo de guerra.

Mas a ordem era clara: Destrua a usina.

A travessia de um cálice para outro, foi tranquila. A partir de um ponto, divertida.

— Agora quero que conheçam um lugar que eu acho incrível. — Falou Thália — Para ser mais rápido, vamos pegar um transleve.

O pequeno veículo ganhou velocidade e entrou numa larga avenida. O trânsito era intenso, mas, ainda assim, se moviam bastante rápido.

Impressionado, Sir Oliver apreciava as paisagens.

— Como é feito para controlar esse trânsito?

— Todo o controle é automático, cada cálice possui um cérebro quântico, como vocês já sabem. Esses poderosos processadores se comunicam através de vários protocolos. Luz, ondas eletromagnéticas e até partículas emaranhadas. Enfim, a troca de informação entre os cérebros permite que estes calculem a melhor velocidade e trajetória de cada transleve.

Era sofrido para o renomado mestre de Cambridge ter de calar-se por não ter argumentos. Sua mente brilhante estava acostumada a conversar sobre os temas mais complexos de sua sociedade. No entanto, ali, ele era menos do que um aprendiz iniciante. Mais uma vez não entendeu nada e, meio envergonhado, optou por não falar.

Em poucos minutos, o transleve chegou a uma praça arborizada.

— Essa é a Praça das Águas, uma das maiores de Hathor. — Observou Thália com orgulho.

Era um centro de entretenimento, com cinemas tridimensionais, teatros, restaurantes, locais de encontro entre outras coisas.

Mais ao centro, havia um belo lago artificial.

A Estação 632 era o centro nervoso do sistema de defesa de Atlântida. Um

transleve entrou pelo corredor principal e estacionou ao lado da área dos oficiais.

Briéla desceu e caminhou a passos apressados em direção à sua mesa.

— Brania, como estão as coisas? Os lemurianos fizeram algum movimento?

Brania se levantou em respeito à presença da superior.

— Não, Briéla, até o momento estão agindo como se nada tivesse acontecido.

A General deu uma rápida olhada ao monitor principal.

— Levando em conta a conversa de ontem, pensei que iriam nos atacar imediatamente.

— Também pensei, mas até o momento nada.

Briéla exalou com força.

— Ótimo, mas não vamos baixar a guarda, não quero cair em outra armadilha.

Brania olhou para o seu terminal de mesa.

— Bem, com relação aos lemurianos está tudo em paz, mas nem tudo está tranquilo.

Briéla, que já caminhava para sua poltrona parou e se virou para a Coronel.

— Como assim?

— Bem, recebemos uma mensagem de Thália, uma das assistentes de sua mãe.

— Sim.

— Ela informou que um dos estrangeiros não foi encontrado no cálice de apartamentos. Pesquisei os vídeos de segurança e, realmente, ele saiu com alguém.

Briéla franziu a testa.

— Qual deles?

— John McBrian.

— Imaginei. E com quem ele saiu?

— Não sei. De modo muito incomum, as imagens estão borradas. E o cérebro quântico também não conseguiu identificar a pessoa.

O rosto de Briéla saiu da tensão para a surpresa.

— Como o cérebro quântico não conseguiu identificar a pessoa? Ele mede ondas mentais. Não há como errar nisso!

— Sim, você tem razão. Mas, por algum motivo, o cérebro do cálice não identificou essa pessoa. Pior do que isso, não sabemos para onde eles foram. Não há registro deles. Sumiram, não estão em nenhum cálice.

A face da princesa se contorceu em raiva.

— Maldição. Eu sabia que esse bosta era um espião. Precisamos encontrar o canalha. Avise todo o sistema de segurança de Hathor e das cidades vizinhas. Quero todo o sistema de inteligência atrás dele.

Brania fez um movimento afirmativo.

— Sim, Briéla, pode deixar que eu cuido disso.

— Brania, quero esse merda vivo ou morto! Entendeu?

— Sim, Briéla.

A general perdeu toda a concentração e andava em círculos.

“Puxa, mas Sarhin afirmou que os estrangeiros não eram espiões!”

— Quer saber, vou até a administração central. Talvez PYthía saiba de alguma coisa.

Sem esperar respostas, ela girou nos calcanhares e entrou em seu transleve. O veículo se pôs em movimento, ganhando velocidade.

Kumárin chegou ao salão de festa imperial com olhos sonolentos. A noite fora horrível. Carregada de pesadelos e remorso.

Sentou-se no seu trono e olhou para o salão vazio.

Já fazia dez anos. Era jovem e inconsequente. Queria mulheres, bebida, drogas, orgias. Seu pai o aborrecia o tempo todo. Uma vez, o tirou à força de uma orgia que tava o máximo. Não aguentava mais aquele homem enchendo o saco.

O justo seria ele se tornar imperador. Ditar as próprias leis.

Bebeu e consumiu drogas para criar coragem. Assassinou seu pai a sangue frio.

Foi tudo bem planejado. A culpa caiu sobre um jovem criado.

Desde então, os gritos do rapaz, pedindo clemência, ecoavam em sua mente.

Na época, ele chegou a ter vontade de perdoar o pobre, mas o medo da verdade vir a tona o impediu.

Com repulsa de si próprio, ordenou a execução do rapaz.

Entre os homens, ele era inocente. Entretanto, sua consciência o condenava a cada minuto.

Na tentativa de fugir desse estado de alma, Klans Kumárin tentou transformar sua vida em uma festa eterna.

Porém, seus olhos eram tristes, embebidos em arrependimentos.

O salão vazio causava angústia.

Olhou para o painel e pressionou alguns botões.

Surgiu um visor com a imagem de um homem. Era um tipo de mordomo do palácio.

— Pois não, sua alteza, no que posso ser útil?

— A festa, cadê a festa, onde estão todos?

— O Grão Vizir informou que estamos em guerra e que sua alteza estaria ocupado com a defesa da nação.

— Arrrri, Vardin ficou louco? Como assim não tem festa? Às favas com o Vizir. Chame os convidados. Faremos uma grande festa.

— Como desejar, senhor.

Kumárin bocejou.

— Vamos não perca tempo, chame todos. Ah, mulheres, muitas mulheres.

Uma pequena multidão passeava pelo parque. A grande maioria mulheres, mas podia-se ver também alguns casais.

Pela primeira vez, Sir Oliver observou a presença de homens na cidade.

“Homens? Mas... A Imperatriz não havia dito...”

Resolveu não ficar com aquela dúvida.

— Me desculpe, senhorita Thália, sua alteza, PYthía Austhrum, me disse ontem que não existem homens em Hathor. No entanto, estou vendo alguns nesta praça. Será que entendi errado?

A menina não se abalou com a pergunta.

— Senhor Stewart, o senhor entendeu certo. Aqueles homens são, na

realidade, andróides de última geração. São máquinas projetadas para simular seres humanos do sexo masculino. Essa foi uma maneira que encontramos para suprir a falta de um companheiro.

Sir Oliver sentiu-se desconfortável por ter perguntado. Acenou com a cabeça e resolveu não tocar mais naquele assunto.

Do lago artificial, ouvia-se uma música que enchia o ambiente com notas harmoniosas. O espetáculo principal acontecia no centro da pequena represa. Coreografia de águas. Imensas bolas de líquido deixavam o lago. Subiam a alturas variadas. Se transformavam em figuras. Depois se dissolviam e retornavam para o lago.

Por vários minutos eles apreciaram as evoluções das águas.

Tomavam forma de bailarinas e dançavam suspensas no ar. Outras vezes, formavam pássaros voando. Ou estruturas abstratas em desenhos tridimensionais.

Muitas mulheres, em trajes de banho, nadavam no grande lago. Algumas se dirigiam ao centro, se infiltravam nas bolas de água e subiam, nadando no interior das esferas. Saltavam do alto. Como naquele local, a gravidade era parcialmente neutralizada, elas caíam com lentidão, girando no ar.

— Cacete, vocês são foda mesmo, que negócio legal! — Afirmou Steve com a boca aberta.

Thália olhou para o ladrão.

— Todos esses desenhos são feitos com a água do lago. O funcionamento é bem simples...

— Como funciona, eu não sei não, — falou Yuri — mas essa água deve tá uma delícia pra nadar.

A moça sorriu.

— Se quiserem, vocês podem nadar. Nós temos...

Thália não conseguiu terminar a frase. Yuri e Joseph correram e se lançaram no lago como se fossem crianças.

— ...temos ...roupas de banho em uma sala aqui perto.

Emma olhou para Klaus.

— Vamos?

— Claro. — Respondeu o prussiano.

Mary girou para a anfitriã.

— Onde podemos trocar de roupa?

— Ah, sim, é por aqui, me acompanhem, por favor.

Bem próximo, havia um grande vestiário.

— Vocês têm traje de banho para homens? — Perguntou Sir Oliver.

Thália se virou para o mestre.

— Na verdade, as roupas não existem, são confeccionadas no momento em que são solicitadas. E depois de usadas, são destruídas, voltando ao estado de substância plástica.

Sir Oliver fez um sinal com a cabeça e seguiu para o vestiário.

Passaram horas nadando e flutuando no trecho de baixa gravidade.

Miriá retornou com uma bandeja na mão. Trazia café com leite. No pãozinho, a manteiga, derretida, ainda escorria por causa do calor da chapa.

A menina sorriu e colocou a bandeja na frente de Frésnigo.

— Espero que o senhor goste, senhor Leflan.

Ele deu um meio sorriso.

— Me diga uma coisa, o bar...

Ela prestou atenção.

— Quero dizer... — ele continuou — o bar tem gerador?

— Gerador?

Ele deu uma mordida no pão crocante.

Colocou o dinheiro no balcão.

— Deixa pra lá, esquece o que eu disse.

Se levantou e saiu sem provar o café com leite.

Chegou ao terraço norte de forma cinematográfica. Saltou de seu veículo antes mesmo dele ter parado por completo.

A General Princesa trazia o rosto tenso.

Um androide atendente permanecia estático, aguardando a moça.

— Senhorita Briéla, posso ser útil? Seus pensamentos estão um pouco confusos e eu não consegui...

Um dos problemas era que a menina atravessava aqueles terríveis dias de TPM.

Olhou para o autômato com inexplicável sentimento de raiva.

“Vai pro inferno.”

Passou por ele sem olhar para o autômato.

— Tenha um bom dia, senhorita Briéla. — Falou o androide, acompanhando-a com a cabeça.

Briéla entrou no gabinete da Imperatriz.

PYthía sabia ler aquele rosto como ninguém. Na verdade, ela conseguia sentir até as dores da cólica que sua filha sentia.

— Briéla, minha filha, o que a perturba? — Perguntou como se não soubesse.

Briéla explodiu.

— Eu falei que aquele bosta era um espião. Mãe, você e Sarhin estavam erradas. Ele fugiu, não sei como o filho da puta conseguiu sair do prédio. Ninguém viu nada! Ninguém notou nada. Nem mesmo a porra do cérebro quântico tem registro de sua saída. De certo, a essa hora, aquele bosta tá rindo da nossa cara do lado daquele maldito imperador.

PYthía sorriu.

— Briéla, acalme-se. De quem você está falando? — Novamente fingia não saber.

— Daquele merda do John. Eu sabia que ele era um espião. Eu sa-bi-a. — Gesticulava com o dedo em riste.

A Imperatriz fixou o olhar na filha.

— Então por que o trouxe para cá?

A Princesa focou sua mãe. Pensamentos controversos e desconexos invadiram sua mente. Procurou uma resposta racional. Porém, naquele momento, ela era só emoção.

— Sei lá. Não podia deixá-los morrer.

— Claro que não. Sua ação foi correta. Mas você os trouxe para Hathor. Devia ter um motivo forte para fazer isso. Ou não?

Briéla respirou fundo e se rendeu. Não encontrava nenhuma resposta. Deixou os ombros caírem, PYthía tinha o dom de acalmá-la, mesmo naquelas horas difíceis.

— Confesso que estou arrependida. Agora Atlântida corre perigo. — Falou numa mescla de razão e emoção.

PYthía estendeu os braços.

Ela olhou para aqueles braços abertos e a infância voltou em sua mente.

A General não aguentou e se entregou ao abraço de sua mãe.

— Briéla, minha menina, Atlântida corre perigo sim, mas não é por causa de John. Existe uma sombra muito mais pesada pairando sobre o planeta.

Briéla encheu os pulmões devagar.

— Você vê alguma coisa?

— Ainda não, minha filha. Nem mesmo Sarhin consegue ver. Existe uma névoa no plano extrafísico.

— Névoa?

— Sim, sinto que forças perversas se aproximam. Mas não consigo ver nada. Este sentimento vem se intensificando a cada dia.

Briéla se afastou um pouco.

— E Zranide, ela é a maior vidente de Atlântida. Já falou com ela?

PYthía olhou para o chão. Briéla viu tristeza em seu olhar.

— Ela não fala a respeito, desconversa. Dá a entender que não sente nada do que eu e Sarhin sentimos.

Briéla segurou a mão de PYthía.

— Será que... quero dizer, — tentava ser suave com as palavras — isso que vocês estão sentindo... Será que não é só impressão? Sei lá, imaginação?

A Imperatriz suspirou.

— Eu sei o que sinto. Não dá para tapar o sol com uma peneira. Alguma coisa está acontecendo. Sei que está. E não tem nada a ver com o jovem inglês.

Briéla baixou a cabeça, caminhou até um móvel próximo.

— Então por que ele desapareceu?

PYthía levou a mão ao queixo.

— Espere aí! Ontem, durante o jantar, aconteceu um fato diferente.

— O que aconteceu? — Perguntou Briéla.

— Zranide chegou, o jantar já tinha terminado, conversou um pouco e tirou John para dançar.

— Dançar? Eu nem sabia que Zranide sabia dançar.

— Pois é, eu também não. E olha, ela dança muito bem. Mas o que importa é que ela conversou bastante com o rapaz.

— Tudo isso é muito estranho, mas podemos falar com ela, ver se sabe de alguma coisa. — Ponderou a General.

— Sim, vamos sim. Só que ela não apareceu por aqui hoje.

As duas trocaram um olhar surpreso.

— Será que estão juntos? — Falaram em uníssono.

— Espere um pouco, — disse a Imperatriz — vou ver se a encontro.

PYthía fechou os olhos e se concentrou.

“Zranide, Zranide,” falou em pensamento, “sei que você está me ouvindo. Por favor, me responda.”

Esperou um pouco.

Nada, não houve resposta. PYthía tentou mais duas vezes, sem sucesso.

Abriu os olhos.

Briéla acompanhava com ansiedade.

— Conseguiu falar com ela?

— Não, ela se fechou. Não quer falar. Sinto que está fugindo. Mas descobri uma coisa é importante. Zranide levou John.

— Como sabe disso?

— Senti a presença dele. Conheço Zranide. Ela sabe de alguma coisa que nenhum de nós sabe. Tenho certeza de que ela consegue ver através da névoa.

Briéla caminhou pensativa.

— O que será que o inglês tem a ver com tudo isso?

— Sinto muito, mas eu também não consigo entender. Falarei com Zranide tão logo a encontre. Mas no momento, confesso que estou um pouco preocupada com Lemúria. Briéla, eu sei que é difícil, mas peço que esqueça John por enquanto.

Vamos nos concentrar nessa guerra.

— Não se preocupe, mãe. Estou muito atenta aos movimentos de Kumárin.

— Kumárin não me preocupa. Sua luta é contra seus próprios fantasmas.

Briéla acenou com a cabeça.

— É eu sei. O Grão Vizir é o nosso grande problema.

— Sim, — concordou PYthía — este deve ser o alvo de nossa atenção.

O passeio tomou quase o dia inteiro. Ficaram encantados com o cinema. Apreciaram os museus de arte e de história natural. Conheceram um bar, um salão de dança e um parque de diversões.

Thália reuniu o grupo.

— Senhores o dia foi bem cheio. Ainda temos muitos lugares para conhecer. Mas esses, ficarão para outro dia, porque hoje, temos uma coisinha para fazer. Precisamos ir até o hospital.

Girou para o ex-marinheiro.

— Klaus, você precisa iniciar o tratamento da sua mão.

O prussiano levantou um pouco o braço. Focou a esquerda, com os dedos faltantes. Se lembrou da medicina da Inglaterra.

— Hospital, será que é necessário, tô bem assim.

— Bem, você não sentirá dor nenhuma. Acho que vale a pena recuperar seus dedos, não acha?

Ele ficou pensativo.

— Sim, acho que sim.

— Então, vamos lá.

Aquiesceram e entraram no veículo.

A curta viagem levou cinco minutos.

Visto de fora, o centro médico era igual aos outros cálices. Seu interior, no entanto, apresentava algumas diferenças. Quase não se via pessoas, apenas andróides.

Thália estacionou o transleve. Um autômato se aproximou.

— Thália, no que posso ser útil?

— Estamos aqui a pedido de PYthía. O nosso hóspede, o senhor Klaus, sofreu um acidente na infância e perdeu dois dedos. Queremos reconstituí-los.

O atendente robótico focalizou a mão do moço.

— Correto, vamos dar início ao tratamento.

Quase no mesmo instante, um veículo, um pouco menor que um transleve, estacionou ao lado dos visitantes.

— Queiram entrar, por favor. — Convidou o androide.

O móvel decolou. Percorreram alguns corredores e pousaram em uma sala circular. Era toda branca, com algumas poltronas.

Um androide médico se aproximou.

— Senhor, posso examinar a sua mão?

O prussiano estendeu o braço devagar. Sentia medo. Por outro lado, queria fazer papel de durão para Emma.

— Sim.

O médico tinha mãos diferentes. Eram maiores e mais compridas. Possuíam microdispositivos médicos implantados. Capazes de fazer várias análises nos tecidos e no sangue. Seus olhos viam além da vista humana. Enxergavam o interior do corpo, como se esse fosse feito de vidro. Tudo aquilo servia de base para o cérebro central do hospital definir o diagnóstico.

— Senhor, não precisa ter medo. O caso aqui é simples. Usaremos métodos naturais para o tratamento.

Yuri vendo aquela cena não aguentou.

— Num precisa ficá com medo, não. — Falou em tom de gozação. — Lembra, a mulher disse que você é que nem lagartixa.

— É mesmo, — aproveitou Joseph Tylor — deixe de ser banana e seja uma lagartixa macho.

— A dona PYthía falou salamandra, seus dois burros, sa-la-man-dra.

O médico androide não entendeu. Perdeu alguns microssegundos tentando decifrar o teor daquela conversa. Por fim, optou por explicar como seria o procedimento médico.

— Senhor, nas próximas semanas, usará uma luva especial. Tudo gira em torno de sensibilizar os tecidos para se comportarem como construtores biológicos. Ao final de seis semanas, a luva será retirada. O senhor passará por fisioterapia.

Isso o ajudará a tomar controle e consciência completa dos novos dedos.

— E será necessário algum corte na mão? — Perguntou Emma.

— Não, — respondeu o médico, — todo o processo é feito sem nenhuma incisão. Só existe um inconveniente. O senhor Klaus não poderá remover a luva durante todo o tratamento.

— Nem para lavar as mãos? — Perguntou o prussiano.

— Não será necessário. A luva fará toda a higiene necessária. Aliás, após instalada, apenas este centro médico será capaz de retirá-la.

— Bom, para mim está bem.

— Aguarde um momento, por favor, — falou o androide, — enquanto preparamos a luva.

Thália se aproximou.

— Klaus, fique sossegado. O processo é seguro.

O ex-marinheiro assentiu com um movimento de cabeça.

Os estrangeiros foram levados para uma sala de espera.

Meia hora depois, outro androide se aproximou. Trazia, nas mãos metálicas, uma caixa. Transparente como vidro, mas com tênue luminosidade. No interior, um par de luvas em couro preto.

— Aqui estão. — Disse o autômato.

O prussiano olhou para o interior da caixa. Engoliu em seco.

O androide continuou.

— Senhor, a luva esquerda ficará presa. Faz parte do tratamento. A direita serve apenas como estética. Não é um equipamento ativo. O senhor poderá retirá-la quando quiser.

— O que devo fazer?

— Apenas calçá-las. A Inteligência Artificial do equipamento fará o resto.

Ele o fez. Devagar. Com medo.

Eram confortáveis. Se adaptaram aos contornos de sua mão. Não eram quentes nem frias. Tinha a impressão de que não estavam lá.

Klaus esfregou uma mão na outra. Seus olhos arregalaram.

— É espantoso! Estou sentindo... estou sentindo os dedos que não existem!

— Correção, — interrompeu o androide, — não existem fisicamente, porém, no campo biológico, estão aí. A luva se adapta à sua mão extrafísica. Isso explica o senhor sentir os dedos. Além disso, o equipamento simula os movimentos. O senhor terá a impressão de que os dedos já estão em seu interior.

Klaus movia, maravilhado, os dedos da mão esquerda.

O androide verificou se a luva estava bem colocada.

— Está tudo perfeito. Agora, daqui a seis semanas, o senhor retorna para iniciar os exercícios com os dedos reconstruídos.

Entrar na usina foi fácil. Como esperava, por causa da declaração de guerra, a segurança tinha sido intensificada. Mas nada que pudesse pôr em risco a sua missão.

Frésnigo era um homem preparado pela seita. Conquistar o anel de ouro foi a maior façanha de sua vida. Eram pouquíssimos os lemurianos que ostentavam aquela arma.

Existiam apenas algumas dezenas de anéis no planeta inteiro.

Não era para qualquer um. Tratava-se de um objeto com mais de quarenta mil anos. Fora construído pelos antigos atlantes. Na mesma época em que a seita teve início.

A arma se conectava ao cérebro de seu dono. Interferia em toda bioquímica do corpo. Aumentava a agilidade, a visão, a percepção e ainda lhe conferia poderes telecinéticos. Não era possível ser roubado. Se outra pessoa colocasse o anel, seu cérebro fritaria no mesmo instante.

Quem possuísse o anel da morte, seria temido em quase todos os lugares do centro da Terra.

Durante a guerra, a seita deixou Atlântida. Se instalou nas montanhas de Lemúria. Desde então, os anéis têm passado de geração a geração, sempre nas mãos dos guerreiros da Seita da Cobra.

Sem ser visto, usando de toda a sua habilidade, ele se aproximou do reator de fusão nuclear. Era uma usina muito antiga, mas fora tão bem construída que praticamente não precisava de manutenção.

Sentiu um aperto no coração quando instalou a bomba na base do reator.

“Mas que merda, por que estou fazendo isso?”

Em sua mente, via a imagem do Vizir.

— “Leflan, quando eu me tornar Imperador da Terra, vou colocar você para governar Atlântida. Hathor e todas aquelas cidades flutuantes ficarão em suas mãos. Confio em você.”

Olhou para a bomba, ninguém a encontraria ali. Ele tinha feito uma obra de arte no posicionamento dela.

Como combinado, plantou evidências que apontariam a culpa para Atlântida.

Saiu sem ser notado pelos trabalhadores.

Olhou para alguns deles.

“Espero que suas vidas, depois da morte, sejam melhores.”

Ninguém ali sobreviveria à explosão que aconteceria dali a alguns minutos.

Afastou-se para um lugar alto e distante. Olhou para o relógio. Segurou o detonador.

Digitou a senha de segurança.

A tela de detonação apareceu no visor do pequeno aparelho.

“Por que estou fazendo isso?” — Se perguntou mais uma vez.

Ergueu os olhos para a usina. Ficava no sopé da montanha. Na parte externa, fora das cavernas. Onde as casinhas dos mis pobres se aglomeravam.

Um par de lágrimas surgiu.

Fechou os olhos e elas escorreram pelo rosto.

Seu dedo tremia a dois centímetros do detonador.

Mais de dez segundos se passaram.

Num movimento rápido, Leflan pressionou o botão.

Capítulo 17

John sentia-se zozzo, num misto de medo, desconfiança, ansiedade e um sentimento que não sabia explicar.

Tudo se misturava em sua mente com intensidade enervante.

Zranide, parada diante dele aguardava a resposta.

— E então, o que você decide?

— Como posso saber se isso que a senhora diz é verdade?

— John, você já se acovardou outras vezes. No entanto, naquelas oportunidades havia tempo. A decisão será sempre sua. O problema, desta vez, é que não temos mais tempo. Forças poderosas lançam suas garras contra a humanidade. Nossa tecnologia não poderá fazer quase nada.

— Zranide, por que eu? Sou apenas um rapaz de Londres. Estou me esforçando para me tornar um engenheiro da área de vapor! Como posso ser um ‘Salvador da Humanidade’? Além disso, salvar de quê?

— John, sempre colheremos o fruto conforme a semente que plantamos. Nosso dever é reparar o que destruímos. Somos, em boa parte, escravos de nosso passado. Mas, meu filho, a vida se constrói no agora, nossas ações definem o que seremos em seguida, portanto somos os senhores do amanhã.

— A senhora quer dizer que sou culpado do que está acontecendo? Eu não queria abrir aquele portal. Eu nem sabia que vocês existiam. Esta sociedade nunca se declarou para os países na face externa. Se existe uma guerra, a culpa é do seu povo e não minha.

Zranide fechou e abriu os olhos devagar.

— O que estou falando não tem nada a ver com o portal. Nem mesmo com essa guerra contra os lemurianos. Essas intrigas deles já fazem parte do nosso cotidiano. Estou tentando abrir seus olhos para uma coisa muito maior. John, acredite em mim, a humanidade corre perigo e só você pode mudar o curso da história.

John balançou a cabeça, não queria acreditar naquilo.

— O que quer que eu faça?

— Venha comigo e saberá. Fuja e será consumido pelo remorso por séculos ou milênios talvez.

As palavras da anciã tocaram fundo o coração do jovem inglês.

“Remorso, sim, sempre senti remorso por alguma coisa. Não sei dizer o porquê.”

O jovem baixou o olhar.

— Remorso... Remorso... —Fechou os olhos. — Por que eu sinto tanto remorso?

— Colhemos o que plantamos, meu filho.

O rapaz ficou inerte por um instante. Ouvia vozes em seu interior.

“Vá com ela. Não perca mais essa oportunidade. Vá com ela.”

Abriu os olhos. Zranide sorria.

Encheu os pulmões devagar.

— Está bem. Vou com a senhora. Espero que esteja certa.

— Ótima decisão, venha, vamos sair daqui, não podemos perder mais tempo.

A pequena ogiva nuclear se abriu em luz. A fissão dos átomos pesados liberou energia. Num tempo diminuto, os megatons mostraram suas garras. Energia violenta e descontrolada.

A base do reator deixou de existir em poucos microssegundos. A temperatura subiu para a casa dos milhares de graus Celsius. Os trabalhadores da usina não tiveram tempo de tomar consciência da explosão. Seus corpos evaporaram no inferno que se formou. Ondas de gás superaquecido varreram as imediações destruindo tudo pela frente.

Milhares e milhares de vidas destruídas por um único botão.

Estilhaços viajaram para todas as direções, levando caos e horror.

Nuvens radioativas subiam para o céu avermelhado do centro da Terra.

Toda a base da montanha se apagou. Os veículos elétricos deixaram de circular. Os túneis subterrâneos mergulharam em trevas.

O pânico tomou conta da população.

A chão tremeu bem mais do que ele esperava. Grasso Vardin foi derrubado quando a primeira onda de choque atingiu o centro da montanha.

Em vão tentou se segurar em um móvel. Quadros caíram. As paredes trincaram.

O chão oscilava como borracha.

Com olhos arregalados experimentou o medo da morte.

Se lançou para debaixo de uma mesa.

Gritos ecoavam pelos corredores.

O abalo sísmico foi perdendo intensidade. As ondas de choque diminuíram em amplitude.

O Grão Vizir deixou o seu abrigo.

“Maldita bomba, não imaginei que fosse tão forte.”

A dúvida se instalou em seu coração.

“Será que exageramos? Era preciso tudo isso?”

Levou a mão na testa.

“Meu Deus, será que morreu muita gente?”

Vardin correu para seu transleve.

O veículo se pôs em movimento.

“Perdão, meu Deus. Eu peço perdão por isso, me perdoem, por favor.”

Exalou o ar tentando espantar demônios.

“Este era o sacrifício que Lemúria precisava.”

Sua mente lutava para se justificar.

“Se queremos ser a maior nação da Terra, precisamos cortar na própria carne.”

Respirou fundo algumas vezes.

“Agora é só culpar Atlântida e iniciar a luta armada.”

Os cintos antigravitacionais mantinham os dois a quinze centímetros do chão. Zranide ia à frente, seguida de perto por John McBrian. Um transleve os aguardava no corredor principal.

— Vamos, não podemos ser vistos por ninguém. — Falou a anciã.

— Por que não?

— Eu te explico no caminho. Por enquanto, quanto menos pessoas souberem, melhor.

“Meu Deus, que esquisito.” Pensou o rapaz.

Zranide parou e o encarou.

— Sinto muito, John, eu gostaria de poder falar mais, mas nesse momento, você não aguentaria. Confie em mim.

John aspirou o ar com força.

— Sabe o que é. O senhor Stewart e os outros ficarão preocupados.

— John, confie em mim. Você entenderá tudo no momento certo. Se outras mentes tomarem conhecimento do que vamos fazer, nosso plano falhará.

John acenou afirmativo. Sem fazer barulho, eles entraram no transleve. O veículo deixou o cálice de desceu na vertical. Com velocidade reduzida, porém constante. Levou cinco minutos para vencer os quase dez quilômetros de altura.

Era uma floresta densa e a copa das árvores cobria o céu.

John olhou para cima.

“Meu Deus, daqui não dá para ver os cálices de Hathor!”

Os dois desceram do transleve, e esse, automaticamente, retornou para o cálice.

— John, mantenha o antigravidade desligado. Não quero que descubram nossa posição.

— Vamos a pé?

A anciã sorriu.

— Claro que não. Venha, por aqui.

John a seguiu por um caminho fechado. Não havia trilha. Arbustos e capim alto dificultavam a marcha. John não se sentiu incomodado. Estava acostumado com mata densa. Aprendera bastante durante a viagem do Rio de Janeiro até a Serra do Roncador.

— Aqui, eles estão aqui. — Disse Zranide.

— Eles quem? — Perguntou o Inglês.

Mais um ou dois passos e John avistou dois grandes cavalos. Era uma raça desconhecida, muito parecida com o cavalo árabe. Porém, mais alto. Tinham uns dois metros de altura. A pelagem também era diferente. Os animais possuíam pelos mais longos, parecidos com os de um camelo.

Os cavalos demonstraram alegria ao ver Zranide. Aproximaram-se fazendo

festa.

Ela acariciou os animais com suas mãos delicadas.

Girou ligeiramente o rosto para John.

— Você sabe montar, não sabe?

— Sim, claro, meu mundo ainda depende muito dos animais.

Zranide retirou seu cinto antigravitacional e jogou no chão. Colocou nas costas a pequena mochila que trazia.

Um dos cavalos se abaixou para ela montar.

Zranide o fez com facilidade.

— Bom garoto. — Disse enquanto batia com carinho no pescoço do animal.

John se sentiu em casa e montou com tranquilidade.

— Eu já estava sentindo saudades de cavalgar, — falou num sorriso franco, — agora percebo o quanto os cavalos são importantes no meu mundo.

Zranide fez um leve movimento com a cabeça.

— Vamos, nosso tempo se esgota.

Segurou as rédeas com habilidade e saiu com o animal em galope.

John a seguiu.

Os dois desapareceram na mata.

Em sua festa, Kumárin se distraía com o encanto de duas belas jovens. As mulheres, cheias de energia, dançavam sobre seu corpo num ritual de movimentos e ondulações que ele tinha dificuldade em acompanhar.

Klans encontrara dois caminhos para fugir de si mesmo. As drogas e o sexo.

A música tocava alto. A bebida era servida em abundância. Petiscos e salgadinhos eram servidos pelos garçons e garçonetes, exibindo seus corpos jovens e nus.

O chão tremeu. Forte o bastante para jogar as pessoas para o alto. Caíram atordoados.

As ondas de choque intensificaram. O medo cresceu a ponto de se transformar em pânico. Fugir da morte era o pensamento reinante em cada mente.

O ruído era ensurdecedor. Estalos, vidro despedaçando, metal rangendo, madeira rachando e coisas caindo,

Havia uma só saída.

Os mais fortes se levantaram primeiro e correram, sem ver nada na frente.

Quase ao mesmo tempo, todos os convivas sentiram que morreriam soterrados ali. A loucura tomou conta daquele lugar.

Uma massa humana se moveu na direção da porta. Na ânsia por salvar as próprias vidas, as pessoas se empurravam. E abriam caminho à força.

Algumas garotas, no calor do momento, caíram ou foram jogadas no chão. A multidão passou por cima delas, como se fossem pedras no caminho.

Até os guardas, que protegiam o imperador, fugiram, deixando Kumárin entregue à própria sorte.

As duas jovens desapareceram no meio da multidão enlouquecida.

Na primeira onda, Kumárin foi lançado para fora de seu divã. Esborrachou no chão alguns metros adiante.

Anestesiado pelas bebidas e drogas, quase não sentiu dor. Sorriu como um idiota, sem entender a situação.

Optou por não se levantar, até porque as ondas subsequentes o impediram.

Ficou ali, sem roupas, esparramado no chão como resto de pudim esquecido.

Seus olhos zonzos varreram o teto do salão.

“De fato, eu sou o Imperador, mas e daí? No que essa bosta de vida melhorou depois que matei meu pai?”

Os segundos passaram. As ondas de choque foram diminuindo. E, devagar, ele foi tomando consciência.

“O que aconteceu?”

Sentou-se com dificuldade.

Olhou ao redor e viu os corpos caídos no meio do salão. Eram as três moças que foram pisoteadas durante o pânico. O sangue escorria e se espalhava.

— Guardas.

Ninguém respondeu.

— GUARDAS. — Gritou sentindo o ódio crescer em seu interior.

Tentou se levantar, sentiu uma pontada aguda nas costas. Ficou imóvel para limitar a dor.

Percebeu que tinha quebrado algum osso durante a queda.

— GUARDAS, GUARDAS, GUARDAS, GUardas, Guardas, g u a r d a s, g u a r... — Desmaiou, caindo de costas no chão frio.

Cavalgaram por, pelo menos, duas horas.

John seguia Zra bem de perto.

“Meu Deus, o que será que ela quer comigo? Será que suas palavras fazem sentido?”

Zranide puxou as rédeas e o cavalo parou.

— Daqui em diante iremos a pé. — Disse enquanto descia do animal.

Ela livrou os cavalos das rédeas e selas.

— Vão, meus amigos, vão ser livres.

Eles pareciam entendê-la, caminharam um pouco. Giraram a cabeça e fizeram sinal de adeus. Em seguida, desapareceram na mata.

John sentiu um nó na garganta. Seria muito sofrido voltar tudo aquilo a pé.

Zranide iniciou a caminhada.

O terreno íngreme e cheio de pequenas pedras fazia com que o avanço fosse lento. Era necessário atenção para não escorregar.

Desceram por alguns minutos. Chegaram em um despenhadeiro.

— Cuidado, se você cair use o antígravo do seu traje. — Advertiu Zra.

— Nós vamos descer isso?

— Sim, é necessário.

Zranide iniciou a escalada.

John foi logo atrás.

— Cuidado, a senhora está sem o antígravo. Não é melhor ficar acima de mim?

— Não se preocupe comigo, querido, eu estou acostumada.

A pouca luz do centro da Terra, dificultava ver o fundo do abismo. John calculou uns trezentos metros de queda. A parede não era escorregadia, mas algumas pedras estavam soltas.

Duas coisas preocupavam John, naquele momento: A possibilidade da cair e não conseguir ativar o cinto. E a possibilidade de soltar uma pedra e atingir a senhorinha que ia logo abaixo.

Demonstrando habilidade, a anciã descia com facilidade. John se esforçava para segui-la.

O penhasco se tornou ainda mais vertical. Não era todo lugar que dava para colocar os pés. O medo cresceu no coração de John. Nunca tinha praticado alpinismo. Optou por diminuir o ritmo.

Perdeu Zranide de vista.

Respiração acelerada e o suor frio mostravam o seu estado de ansiedade.

Parou, agarrado ao paredão.

— SENHORA ZRANIDE, FALTA MUITO, AINDA? — Gritou, sentindo o pânico crescer.

— NÃO, JÁ ESTAMOS CHEGANDO. NÃO PARE.

— PERDI A SENHORA DE VISTA.

— NÃO SE PREOCUPE. É SÓ CONTINUAR DESCENDO.

John respirou fundo. Tentou controlar a emoção.

Procurou um ponto mais abaixo para colocar o pé. A pedra se soltou. O inglês se desequilibrou. Só não caiu porque suas mãos seguraram como garras. Ouviu a pedra descer desfiladeiro abaixo, quicando contra o rochedo.

“Merda.”

Procurou outro lugar para colocar o pé. Soltou o peso.

“Droga, cacete, o que eu tô fazendo aqui?”

— VAMOS, NÃO PARE. — Gritou Zra. — NOSSO TEMPO ESTÁ ACABANDO.

John fechou os olhos por um segundo. Em seguida, buscou coragem no âmago de seu ser e continuou a descida.

Quinze minutos depois, chegou à entrada de uma gruta.

Zranide o esperava na estrada.

— Venha, é por aqui.

John respirava ofegante.

— Que lugar é esse.

— Essa é uma gruta há muito tempo esquecida. Quase ninguém neste mundo sabe da existência dessa caverna.

Ela girou e entrou na escuridão.

— Venha, ainda temos bastante para caminhar.

O terreno úmido tornava o caminho escorregadio. Era uma gruta estreita, com passagens estreitas. Havia pouca luz. Os olhos do rapaz já tinham se adaptado ao escuro, mas, mesmo assim, era difícil ver.

A anciã parou.

— John, daqui em diante, não podemos levar nenhum aparato tecnológico. Qualquer aparelho pode colocar tudo em perigo.

McBrian encarou a anciã.

— Eu não trouxe nada.

— Você está usando uma armadura de Atlântida. Precisa deixá-la aqui.

Ele olhou para sua roupa.

— Mas... Eu só tenho essa roupa! Não posso tirá-la.

Zranide sorriu.

— Não se preocupe, você não ficará totalmente nu. Eu trouxe esta toalha.
— Falou enquanto puxava um pano de dentro da mochila que carregava.

Perplexo, o rapaz focava o pano.

— Mas, por quê?

— A partir desse ponto, só podemos continuar com nossa alma e nosso corpo. Neste lugar, existem equipamentos antiquíssimos. São autônomos, automáticos. Sua armadura pode ativar os dispositivos de defesa, e seremos considerados inimigos.

John permaneceu extático, aguardando.

Zranide continuou.

— O que você vai ver aí dentro, são máquinas que foram construídas em Yrm. Nossos ancestrais, quando fugiram dos warnnenes, esconderam seus equipamentos neste local.

Ele pegou a toalha e ela continuou olhando para ele.

— Hãããã, poderia se virar por favor. — Pediu com embaraço.

— Mas que menino tímido. — Falou a anciã, enquanto se virava de costas.

John retirou a armadura e amarrou o pano o mais rápido que pôde.

— Pronto, já me vesti.

Ela se virou e mediu o jovem de alto a baixo.

— Ficou muito charmoso.

— Obrigado.

— Vamos, temos de continuar.

Zranide ia à frente, guiando o jovem inglês.

— O pior já passou, estamos perto agora.

A caverna ficou ainda mais estreita e a escuridão se tornou total. A falta de luz somada ao aperto das passagens fazia com que John se sentisse arrependido de ter seguido aquela mulher. Deixaram Hathor como fugitivos. Não avisaram ninguém, saíram se escondendo das pessoas.

Ao se lembrar dos cavalos, sentiu saudades de Cambridge, de Londres e, principalmente, de seus pais. Como estaria sua mãe, Anne McBrian, ele viajara para o Brasil sem sequer enviar uma carta. Lembrou-se também de seu pai. Uma lágrima rolou na escuridão.

— Eles estão bem, menino, — falou Zranide, — eles estão bem. Logo depois que vocês viajaram para o Brasil, seu pai foi até o Kings College para saber notícias suas.

John se lembrou das faculdades telepáticas de Zranide.

— Desculpe os meus pensamentos.

— Não deixe que o sentimento de culpa entre em seu coração. Seus pais pensam que você está em uma pesquisa científica.

— Eu nunca devia ter saído de meu país.

— John, a lei da atração é inexorável. Nosso destino é guiado pela somatória de nossos pensamentos. Foi embasado nesse estado de alma que você reencarnou. Foi o conjunto dos seus pensamentos que o trouxe até aqui.

— Eu tenho como mudar tudo isso?

— Sim, menino, você tem. Só que quando souber a verdade, não quererá

mudar nada.

A passagem estreita terminou em um salão natural. John ouvia o som de uma cachoeira por perto. E pelo ruído, dava para inferir a enorme quantidade de água que caía.

Sentiu medo, não via nada pela falta de luz. Tentava guiar-se pelos sons.

— John, segure no meu ombro, estamos atravessando uma ponte estreita, que passa por cima de um grande rio subterrâneo. É preciso ter cuidado. Não tem como sair vivo se você cair nessas águas.

Ele não pensou duas vezes. Colocou a mão no ombro dela.

— Não tem um caminho melhor?

— Não fale nada. Concentre-se nessa travessia. Cada passo é importante. Coloque todo o seu espírito em cada um deles.

O inglês obedeceu. Se calou. Depositou sua atenção nos pés e em seus ouvidos

À medida que caminhavam, o som ficava mais e mais forte. Percebeu, por intuição, que as águas despencavam por uma cachoeira à sua direita. Caíam em um fosso profundo. Escorriam tormentosas para a esquerda e, provavelmente, entravam por um túnel largo e rochoso. Sim, se caísse naquelas águas, nunca mais seria encontrado.

Zranide era cuidadosa e andava bem devagar.

John sentia o chão tremer sob seus pés. A força das águas era descomunal.

Mais um passo, outro passo e outro. Uma gota de suor gelado brotou em sua face.

Zranide permaneceu calada. O ruído das corredeiras tornou-se ainda maior, assim como o tremor do chão.

Sentiu a bruma fria das águas que batiam em rochas nas proximidades. Seu corpo ficou encharcado. A água escorria pelo seu corpo, pingava pela toalha, descia pelas pernas. E o chão se tornava mais escorregadio.

A instabilidade do chão, o barulho e a umidade levavam a mente do rapaz a um estado próximo da loucura.

Os passos eram curtos, um após o outro. Constantes. Zranide não parava.

Aos poucos, o som foi diminuindo, ficando para trás.

— Pronto, — falou a anciã — estamos seguros agora.

— Não tinha um caminho melhor para vir para cá? — Perguntou John ainda ofegante.

Zranide sorriu na escuridão.

— Tem, tem sim, mas esse é muito mais emocionante.

— O quê?!

— Venha, continue segurando em mim. Existem muitos túneis aqui e você pode se perder.

Caminharam por mais uns trinta minutos. O inglês tentou, várias vezes, saber por que vieram por aquele caminho, mas Zranide foi evasiva o tempo todo.

John sentiu o chão se tornar plano e polido. Estavam dentro de uma construção feita pelo homem.

— É aqui, chegamos. — Falou a anciã.

— Aqui não tem luzes?

— Não, menino, aqui não tem luzes. Neste lugar você tem que aprender a enxergar com a mente.

— E como faço isso?

— Não se preocupe, após o ritual de iniciação, você será capaz de ver tudo.

— Ritual?

— Sim, — respondeu Zranide, — você precisa ser iniciado. E isso envolve ocultismo e tecnologia.

Leflan permaneceu com os olhos fechados. Sentiu o clarão no rosto. O conhecido pulso de luz tinha passado.

Aguardou mais alguns segundos os abriu devagar. Com pesar. Com o coração apertado. Com dor. Com remorso. Abriu as pálpebras como se levantasse cento e cinquenta quilos.

Ao longe, o cogumelo de fumaça dava conta do acontecido. A base da montanha se destacava do resto pela falta de luz.

A região ao redor, daquilo que um dia fora uma usina de energia, estava totalmente queimada. As ondas de gás superaquecido fritaram tudo pela sua frente.

Rochas em chamas foram lançadas a grandes distâncias. Com isso, havia incêndios em vários pontos da periferia.

Milhares de pessoas tinham perdido suas vidas. Outras tantas morreriam nos próximos minutos. O sistema de saúde não teria como ajudar a todos os feridos.

Leflan baixou a cabeça.

Pensou nas mães abraçadas a seus filhos. Pensou nos amigos tentando se ajudar. Pensou naqueles que, em pranto, gritavam por seus mortos.

Um nó se instalou na garganta do espião.

“Está feito. Espero que você esteja contente Grasso Vardin.” — Pensou, tentando minimizar o remorso que sentia.

— Mas, vamos ficar na escuridão total? — Perguntou John com medo da resposta

— É preciso. Tenho certeza de que você vai me agradecer por isso. Quando abrir a terceira visão, perceberá a luz de modo diferente. Estará mais sensível a ela.

— Terceira visão?

— John, meu filho, eu gostaria de ter tempo para explicar tudo isso para você. Mas tempo é o que menos temos. Cada segundo é precioso.

O som do rio subterrâneo ficou para trás, sumiu por completo. O silêncio reinava. John ouvia as batidas de seu coração. Ouvia, também, o coração de Zranide. O som do sangue, correndo pelas veias, era belo e ao mesmo tempo aterrorizante.

Conforme caminhavam, ouvia o eco de seus passos nas paredes da caverna. Foi quando ele percebeu que seu cérebro se adaptava e montava imagens mentais a partir do som. Como se fosse um sonar, ele sabia dizer se a parede era lisa ou rochosa. Se havia obstáculos no chão. A altura do teto, a distância das paredes. Se tinha móveis ou equipamentos.

Estava num túnel de uns quatro metros de altura por uns três de largura. As paredes e tetos eram polidas. Percebia equipamentos nas paredes.

Mais alguns minutos e ele percebeu que entraram em um salão muito maior.

— Chegamos, — disse Zranide — neste lugar, você vai deixar de ser John McBrian.

— Não sei se quero deixar de ser eu.

— Não se preocupe, não perderá a sua consciência. Pelo contrário, irá aumentá-la.

Zranide conduziu o rapaz pela escuridão.

— Sente-se aqui.

Ele tateou com as mãos a poltrona que já tinha visto em sua mente pelo eco. Estofamento em couro, braços em metal polido, base única e rotatória como cadeira de barbeiro.

Sentou-se.

Antes que ele pudesse reagir, correias prenderam seus braços e pernas.

— O que é isso?

— Você precisa ficar imóvel. Relaxe sua cabeça no encosto.

A tensão aumentou e ele fez o contrário.

— O que está acontecendo, o que pretende fazer? — Perguntou com a voz embebida em desespero.

Zranide pousou a mão na testa do rapaz.

— John, confie em mim, sinta a paz, deixe-se embalar pelo amor. — Falou em tom hipnótico.

McBrian sentiu-se flutuar. Seus músculos relaxaram. Optou por confiar e pousou a cabeça no encosto.

Uma correia aprisionou sua cabeça também.

— Me desculpe, menino, mas você não pode mexer um músculo.

Em sua mente, a serenidade travava grande batalha contra o desespero.

“Meu Deus, o que estou fazendo aqui?”

Zra sorriu e acariciou seus cabelos.

— Não tenha medo. Este é um momento de ação. O seu futuro sempre esteve nas suas mãos. Tenha coragem de se colocar de pé, diante das suas responsabilidades.

Ele não falou nada, mas seus olhos diziam tudo.

Ela se dirigiu para um painel. Ligou alguma coisa. John ouviu o zunido de equipamentos entrando em operação.

Algumas luzes muito fracas se acenderam no salão.

Com o auxílio daquela minúscula quantidade de luz, ele percebeu onde estava.

Em seu transleve, Grasso Vardin chegou ao salão de festas.

Durante o breve trajeto, entre seu escritório e o salão, ele pôde ver as consequências da operação. Sentia-se mal, culpa, talvez. O planejado era atingir apenas a periferia.

Olhou para as garotas mortas.

“Isso não precisava ter acontecido, mas aumentará o poder do meu argumento.”

Ao lado do divã, o Imperador jazia inconsciente no chão.

Pousou o veículo, desceu e correu até Kumárin.

Colocou o dedo no pescoço dele. Depositou sua atenção no tato.

“Sim, tem pulsação. Está vivo.”

Apertou um botão em seu bracelete.

Ouviu um click.

— Preciso de uma equipe de médicos. — Falou apressado.

— Me desculpe, senhor, — respondeu o atendente, — mas estamos com muitos chamados.

— Esqueça seus chamados, aqui é Grasso Vardin, mande, imediatamente, uma equipe médica para o salão do palácio imperial. O Imperador está ferido.

Percebeu o atendente se desconcertar do outro lado da linha.

— Senhor Grão Vizir, me desculpe, senhor, os médicos já estão a caminho.

— Ótimo, que venham rápido.

— Sim, senhor.

Grasso colocou Kumárin numa posição melhor, de modo a facilitar a respiração

O Imperador abriu os olhos.

Sua feição era de quem sentia-se perdido. Desamparado.

Ficou feliz ao ver o Grão Vizir.

— Vardin, meu amigo, que caralho aconteceu aqui?

Grasso pegou o travesseiro do divã e colocou sob a cabeça do Imperador.

Kumárin contraiu o rosto, denunciando sua dor.

— Obrigado, Vardin.

— Senhor, procure não falar. Os médicos já estão vindo.

Klans puxou o ar com dificuldade.

— Vardin, você sabe que merda foi aquela? Foi um terremoto?

— Talvez, senhor, talvez. Ainda não sei o que aconteceu. Corri para cá logo que pude.

Um transleve entrou no salão imperial.

Passaram voando acima das três moças no chão. As ignoraram por completo.

Pousaram ao lado de Grasso Vardin.

Os médicos saltaram do veículo como se fosse uma cena de cinema.

Abriram suas maletas e auscultaram o coração do homem de cento e oitenta quilos.

Instalaram outros monitores médicos.

Colocaram talas por todo o corpo de Kumárin.

Grasso se afastou para não atrapalhar. Ficou observando, imerso em seus pensamentos.

Minutos depois, os médicos colocaram o Klans no transleve e saíram rumo ao hospital.

A pulseira leitosa de Briéla tremeu.

Mãe e filha olharam para o aparelho.

Ao comando mental da General, uma tela tridimensional, de uns cinquenta centímetros de altura, se materializou diante delas.

Surgiu a imagem de Brania.

— Briéla, aconteceu alguma coisa na capital de Lamúria.

— Sim, estou ouvido. Prossiga.

— Nossos sensores detectaram um grande abalo sísmico na periferia de Hydra.

— Um abalo sísmico?

— Sim. Não foi natural. Um pulso magnético atingiu Atlântida. Foi tão forte que os escudos dos cálices foram ativados. Nossa análise mostrou que foi a explosão de uma bomba de fissão nuclear.

— Uma bomba nuclear? — Perguntou Briéla atônita — Nossas forças fizeram algum ataque não autorizado?

— Não. Tenho certeza de que não foi o nosso exército que fez isso. Estamos tentando recuperar imagens refletidas para entender melhor o que aconteceu. Pode ter sido um acidente, mas as técnicas estão descartando essa hipótese.

— Está bem, me mantenha informada.

— Sim, qualquer novidade eu aviso.

O visor dissolveu no ar.

A princesa se virou para PYthía.

— O que acha disso?

— Não sei, mas irei à sala de conferência para saber se eles precisam de ajuda.

— Mas, mãe, eles declararam guerra contra nós.

— Sim, eu sei, mas não é o imperador que quero ajudar. Estou preocupada com as pessoas daquele país.

Briéla concordou com a cabeça.

— Você tem razão, vamos, irei com você.

As duas flutuaram até uma sala próxima. Era uma sala de reunião de proporções médias com uma mesa central e dezenas de poltronas flutuantes.

Sentaram-se e colocaram os capacetes de realidade virtual. No mesmo instante estavam em outro lugar, uma sala de usada pelos dois lados para intercâmbio político.

Digitaram um número no interfone.

— Pois não, no que posso ser útil.

— Por favor, — falou a PYthía — avise o Chanceler que a Imperatriz de Atlântida quer falar.

— Um minuto por favor.

Elas esperaram por trinta segundos e um homem alto, calvo e de olhos fundos entrou na sala virtual.

Ele as cumprimentou.

— Pois não, a que devo a visita não agendada?

PYthía foi direto ao ponto.

— Nossos instrumentos detectaram uma explosão nuclear próximo à capital de Lemúria. Gostaríamos de saber o que aconteceu e no que poderíamos ajudar.

O homem franziu a testa e manteve os olhos semicerrados.

— Ainda não sabemos o que aconteceu. As notícias estão desencontradas. O que sabemos é que a explosão não foi acidental. — Seus olhos insinuavam a culpa de Atlântida.

Briéla entendeu a indireta.

— O que o senhor está tentando dizer?

O Chanceler deixou os ombros caírem, sem desviar o olhar acusador.

— Alguém destruiu uma de nossas usinas de energia. Foi um ato terrorista que matou milhares de pessoas. Não temos ainda uma visão completa da situação.

Briéla ia falar alguma coisa, mas PYthía fez um sinal com a mão.

— Eu sinto muito, — disse a Imperatriz, — em nome de Atlântida, eu quero oferecer ajuda. Tanto na área médica como em infraestrutura.

O rosto dele se transformou numa carranca, qual gárgula enfurecida. Quis deixar escapar pela boca a sequência interminável de palavrões que tinha na cabeça. Mas não podia fazer nada sem antes falar com o Imperador. Engoliu em seco.

— Eu, em nome de Lemúria, agradeço esse gesto de amizade. Vou comunicar ao Imperador sobre sua gentil oferta. — Falou com voz mordida.

O silêncio encheu a sala virtual.

— Está bem, espero que consigam se recuperar logo. — Falou PYthía. — De qualquer modo, no que precisarem de nós, é só avisar.

Ele se limitou a um gesto de cabeça e deixou a reunião.

PYthía e Briéla fizeram o mesmo.

Era uma máquina enorme. Dezenas de metros de altura. Computadores e equipamentos espalhados por todos os lados. Câmaras de energia. Bolhas gravitacionais. Deformadores de tecido cósmico. Sim, o lugar era ancestral. Milhares e milhares de anos de idade.

Zranide voltou a acariciar os cabelos do jovem.

— John, antes de começar, eu preciso te contar uma história.

Com a cabeça imobilizada, ele a acompanhou com os olhos.

— Há muitos séculos, numa outra encarnação. Eu era uma garota dedicada ao estudo das coisas espirituais. Numa noite, pouco antes de dormir, eu fui retirada de meu corpo. Um grande amigo do mundo espiritual fez isso. Ele me levou para um lugar onde as almas sofriam. Não é o inferno como prega a sua religião. Não, não existe condenação eterna. Mas, por outro lado, não é possível voar com o peso dos lastros do passado. Somos almas imortais e sofremos quando não avançamos.

John ouvia sem dizer nada, Zranide continuou.

— Não há como fazer mal a alguém sem antes fazê-lo a nós mesmos. Não há como querer a vida, destruindo-a. Em momentos de decisões difíceis, devemos sempre escolher a opção que proteja a vida e incentive a evolução.

A anciã fez uma pausa, procurando as melhores palavras.

— Meu amigo me levou até aquele lugar para ajudar a resgatá-lo, John. Você dormia num pesadelo de muitos anos. Quando depusitei no teu espírito o perfume do meu corpo físico. Você acordou. Conversamos muito. Nos tornamos amigos. E, desde então, você vem se preparando para essa missão.

A cara do jovem era uma grande interrogação. Optou por continuar quieto.

— Nesta vida, nasceu na Inglaterra. — Falou Zranide — Afinal, por causa dos nanorobôs, não poderia ser em Atlântida. E por conta de outro problema, não poderia ser em Lemúria. A divina criação escreve certo por linhas tortas. E o somatório dos seus pensamentos o trouxe até aqui.

John sentia um aperto no peito.

— Eu não lembro de nada disso.

Zranide deu um leve sorriso.

— O corpo físico é um anestésico para a memória. Tem de ser assim, para que estejamos protegidos de nós mesmos.

Ela acariciou novamente os cabelos do rapaz.

— John, para continuar, você precisa abrir o terceiro olho. Isso é feito com uma operação que pode parecer bizarra, mas é efetiva.

— Que operação? — Perguntou com medo da resposta.

— Essa máquina fará uma incisão no seu crânio, um pouco acima dos olhos, mais exatamente na Glabella. O furo é raso, não chega a tocar o seu lóbulo frontal. Isso fará com que o Chi, que percorre seu corpo, ative a terceira visão. Só então você poderá iniciar seu treinamento.

Com olhos arregalados, o inglês ouvia com horror.

“Perfurar o crânio? Meu Deus, essa mulher é louca?”

Zranide continuou a acariciar os cabelos do jovem.

“Não John, não sou louca. Tenho total consciência do que estou fazendo. Você não se lembra agora, mas foi você quem, antes de nascer, me pediu para fazer isso.” Disse por telepatia.

John tremia de medo.

— Vai doer?

— Não, não vai doer. O local da operação estará anestesiado. A única coisa que precisa ter em mente, é que tem de ficar acordado.

Zranide fez uma pausa.

— Eu te contei essa história porque é importante que você, meu filho, esteja consciente do que vai acontecer. Então, eu farei essa pergunta pela última vez. — Fez uma pequena pausa, sem desviar o olhar do rapaz e continuou. — Eu tenho a sua permissão para abrir a sua visão?

John engoliu em seco. Pensou em Briéla, a princesa que o salvara da morte. Esse seria um jeito de poder lutar pelo amor dela. Esse pensamento o encheu de coragem.

— Sim, você tem a minha permissão.

Zranide sorriu.

Ela passou uma pomada na testa do rapaz.

— Isso é um anestésico, fique tranquilo e calmo.

Ela se afastou e sentou-se em uma cadeira, em frente a uma escrivaninha.

Havia um teclado sobre esta. Os dedos voavam pelas teclas antigas daquele aparelho. No monitor, imagens surgiam e desapareciam.

Braços mecânicos faziam movimentos, preparando-se para a delicada operação. Mais à direita um tubo de vidro emergiu de uma mesa metálica. Dentro do tubo havia uma substância amarela em estado efervescente. O braço mecânico se movimentou na direção do tubo e mergulhou, parcialmente, na substância. Um segundo depois retirou de dentro uma broca com um centímetro de diâmetro.

Agarrando-se à cadeira, John observou aquela broca por um momento ou dois.

O braço robotizado, num movimento rápido, trouxe a ferramenta para bem perto de seu rosto. A broca Começou a girar. A velocidade de rotação foi aumentando mais e mais.

John ouvia o zunido do ar se chocando contra a superfície do objeto.

Lenta e continuamente, ela se aproximou de sua testa.

Ele sentiu a broca tocar sua fronte. Sua cabeça vibrou em alta frequência.

Começou a rezar. Pedir a Deus por uma ajuda suprema. No desespero, não conseguia lembrar de nenhuma oração, então improvisou.

“Deus altíssimo, por favor, me ajude nesse momento. Faça com que dê tudo certo.”

A broca penetrou em sua testa. Devagar. Fazendo pequenas pausas. Cortando a pele. Tocando a Glabella.

O cheiro de osso queimado encheu o ambiente.

John não sentia dor, apenas o desconforto da vibração. Mesmo assim, não conseguia evitar o medo de morrer.

O corpo inteiro começou a formigar. Teve a impressão de que perderia a consciência.

— Não durma, não durma. — Falou Zranide. — Qual é o seu nome?

— Nome?

— Sim, seu nome, qual é?

— Meu nome é McBrian, John McBrian.

— Onde você nasceu John?

O tremor continuava e o cheiro ficou mais intenso.

— Eu? Em Londres.

— Bom menino, estamos quase no fim.

— Que bom.

— Não feche os olhos. Onde você estuda?

— Ah, em Cambridge.

— Como é a sua escola?

— É antiga, bem antiga, mas cuidada com carinho pelos alunos e professores.

— Ótimo.

Uma coragem desconhecida invadiu o coração do rapaz. O medo da morte desapareceu.

Uma forte luz se acendeu no ambiente.

Por instinto, John fechou os olhos. Mas continuava a ver a luz.

A broca recuou. A rotação foi diminuindo e a frequência do zunido se tornando mais baixa.

Não, não foi uma luz que acendeu, mas sim sua percepção visual que aumentou.

John via tudo com nitidez.

Não, era mais do que isso. Podia de ver as moléculas vibrando. Conseguia enxergar através das paredes de rocha. Se sentia consciente de tudo à sua volta.

Mesmo sem poder mover a cabeça, conseguia ver Zranide. Enxergava até o sangue percorrer as veias da anciã. Percebia através de seu corpo como se fosse raio X. No entanto, o que mais o espantou foi a beleza do espírito da mulher. Fachos de luz, carregados de amor, saíam de seu coração e imantavam os olhos do rapaz.

— Senhora Zranide, que luz é essa?

Ela percebeu que a primeira parte de sua tarefa tinha dado certo.

— John, — disse Zranide com lágrimas nos olhos, — agora você pode me ver.

Perplexo, ele não conseguia ordenar os pensamentos.

— Como é bela essa luz!

A anciã se aproximou e iniciou a tarefa de soltar as correias que o prendiam.

— John, meu filho, obrigada por nos ajudar. Agora posso dizer qual é a sua missão.

Ele se esforçou para prestar atenção.

— E qual é?

— Encontrar a cápsula perdida.

— A cápsula dos warnnenes?

— Sim. Sei que foi escondida em algum lugar em Lemúria. A cura para os nanorobôs está escondida nela. Quando estávamos planejando a sua reencarnação. Sua missão era trazer a cura para Atlântida. Mas isso mudou.

— Mudou? Por quê?

— Um fato inesperado está acontecendo. Algo que não tínhamos como prever. Assim, a cura ficou para segundo plano. O mais importante agora é você se fortalecer. A capsula pode ajudá-lo a se preparar para a sua grande luta.

— O que devo fazer, achar a cápsula e levá-la para Hathor?

— Não, acho que isso não será possível. O futuro está incerto.

— Mas e a cura? E os nanorobôs?

— Eles obedecem a um protocolo. Acredito que exista um jeito de desativá-los a distância. Isso você terá que descobrir. Será durante essa busca que ganhará força.

John levantou-se da cadeira. Sentiu tontura. O sangue escorria pela sua face.

— Sente-se, descanse um pouco mais. Vou fazer um curativo na sua fronte.

Ela abriu uma caixa e iniciou a limpeza do rosto do rapaz.

— Lá fora, — falou Zranide — um conflito está iniciando. Essa guerra não é sua. No momento certo você será chamado a agir. Você, é a última esperança da humanidade.

Depois de limpo, ela cauterizou os tecidos que sangravam.

— Agora só falta um detalhe, venha comigo. — Disse enquanto caminhou para uma porta.

McBrian se levantou. A tontura tinha passado.

Agora, podia ver tudo com clareza impressionante.

Entraram em um grande salão. Bem ao meio havia um sarcófago.

— Este lugar é um túmulo?

Zranide virou-se para John.

— Sim. Este é leito de um antigo herói.

Deu mais um passo e pressionou um botão ao lado do sarcófago.

A tampa se abriu devagar.

No interior um homem embalsamado. Seu rosto era calmo, lembrava um sábio chinês.

Havia um rubi incrustado em sua testa, entre as sobrancelhas.

Parecia bem presa nos ossos do crânio.

Zranide colocou a mão sobre a pedra.

Fechou os olhos.

O objeto emitiu uma luz forte.

Com cuidado, a anciã retirou a pedra e a segurou em sua mão

— Precisamos instalar isso na sua testa.

— O que é isso?

— É um filtro. Este aparelho o ajudará a controlar a sua visão. Será necessário um pouco de treino para você estar de posse de todas as suas novas habilidades.

Ela colocou a pedra vermelha no buraco recém aberto na testa de John.

— De agora em diante, — falou com enlevo — você será conhecido como Cavaleiro de Fogo.

Klans Kumárin sempre teve muitos problemas de saúde. Talvez por causa disso havia uma clínica instalada dentro do próprio palácio.

A porta dupla abriu num estrondo. Um carro maca entrou com as rodinhas

rangendo devido ao esforço.

Não era novidade para os médicos e atendentes a presença do Imperador naquele centro de recuperação. Afinal, nos últimos meses, ele dera entrada, várias vezes, por conta de excesso de álcool ou consumo de drogas. Os profissionais corriam mais uma vez para salvar a vida daquele homem.

Por questões médicas, Kumarin não usava o cinto antigravitacional. Foi necessário o esforço de vários homens para retirá-lo da maca e colocá-lo na cama. Fizeram isso com cuidado, para não comprometer, ainda mais, a saúde do Imperador.

Os primeiros exames foram feitos imediatamente.

Grasso Vardin acompanhava os médicos de uma antessala, onde uma parede de vidro permitia que se visse todo o interior.

“Caramba, a potência da bomba poderia ser menor. Meu Deus, exageramos na dose.”

Um médico entrou.

— Senhor Grão Vizir, as notícias não são das melhores.

Vardin estreitou os olhos.

— Continue.

O homem olhou para o papel.

— O Imperador sofreu fratura em uma costela.

— E isso é grave?

— Depende, a equipe médica está verificando se algum órgão foi comprometido.

— Doutor, ele corre risco de vida?

— Sim. As próximas horas são cruciais. Precisamos acompanhar o desenvolvimento com atenção. Nós sedamos o Imperador para poder fazer mais exames. Ao que tudo indica, ele só tem um osso quebrado. Nossa preocupação é com hemorragia interna. Não detectamos nada ainda, mas não podemos descartar.

Glasso ouviu calado

— Obrigado, doutor.

— Não há de que. Manteremos o senhor informado.

— Por favor, eu agradeço muito.

O médico fez um sinal com a cabeça e saiu.

O Grão Vizir aproveitou o tempo para se inteirar de toda a situação. Fazendo uso de seu computador de mão, procurou por notícias.

A explosão destruiu por completo a usina que abastecia a periferia da capital Hydra. Milhares de mortes tinham sido confirmadas. O número de desaparecidos era enorme.

“O fim justifica os meios.” Pensou, sentindo-se desconfortável com as notícias.

Grasso ficou ali, entre as notícias de seu computador e as imagens dos médicos trabalhando no corpo de Kumárin.

Duas horas depois, o médico retornou.

— Com licença, senhor Grão Vizir.

— Sim. — Respondeu num monossílabo aguardando novidades.

— Está confirmado, o Imperador não corre risco de morte. Tem apenas um osso fraturado. Não há sangramentos importantes. Está medicado e será transferido para um quarto de repouso.

— Ótima notícia!

O médico deu um leve sorriso.

— Ele já acordou e pediu para falar com o senhor.

Vardin olhou através do vidro, Kumárin continuava prostrado.

— Está bem, vamos lá.

Acompanhou o médico até a sala de cirurgia. Durante o percurso, repassou em sua cabeça o discurso que tinha preparado.

— Vardin, Vardin, — falou Klans com voz sofrida, — que diabo que aconteceu nessa Terra, Vardin?

Grasso imprimiu em seu rosto uma máscara de preocupação.

— Sua alteza, não deve se esforçar.

Klans fez uma cara de dor.

— Caralho, Vardin o que tá doendo é a costela, não a minha boca. Diga logo, o que aconteceu?

— Nós fomos atacados, majestade.

— Atacados? Os atlantes?

— Sim, senhor. Temos evidências de que uma espiã, do Exército de Atlântida, detonou uma bomba nuclear em uma de nossas usinas de energia elétrica.

— Mas que merda! Por que aquelas vadias fizeram isso?

— Bem, majestade, na última conversa nós declaramos guerra.

Kumárin fez uma carranca.

— Sim, mas eu já perdi a conta de quantas vezes fiz isso. Não faz sentido, elas não gostam de guerra.

Grasso deu um sorriso malicioso.

— Talvez, senhor, talvez, mas pode ser que elas mudaram de estratégia. Não foi um ataque direto. Foi um ato de terrorismo.

— Malditas, malditas vagabundas.

Kumárin bufava de raiva

— Alguém morreu? — Perguntou o Imperador.

— Até agora, majestade, já foram confirmadas doze mil mortes. Mas esse número vai aumentar, pois milhares de pessoas estão desaparecidas.

Os olhos do Imperador arregalaram.

— D o z e m i l? Ca-ra-lho! — Ficou de boca aberta por um instante.

Seus olhos buscavam imagens num vazio distante.

— Vardin, você sabe que eu não sou de violência. Na verdade, prefiro uma boa orgia. — Fez uma pausa. — Dessa vez elas passaram todos os limites. Precisamos vingar essas mortes. Não dá para deixar isso barato. Prepare o nosso Exército, vamos marchar para Atlântida. Quero todo o nosso poder de fogo. Traga todas as nossas naves. Inclusive as naves de defesa externa, que estão estacionadas em Marte.

Os olhos de Grasso brilhavam de alegria.

— Sim, majestade.

— Como estamos de munição?

— Majestade, nossos estoques estão no máximo.

— Ótimo, é hora de baixar um pouco esse estoque. Organize os ataques. Quero que nossa resposta seja a altura dessa brutalidade. Quero, pelo menos, doze mil vadias mortas e milhares de desaparecidas.

— Sim, senhor. Iniciarei imediatamente.

Grasso caminhou até a porta.

— Vardin.

— Sim, majestade.

— A Imperatriz e a filha dela, eu as quero vivas. Estou precisando de escravas novas. — Disse com um sorriso de deboche.

— Como quiser senhor.

De seu gabinete, o Grão Vizir fez várias ligações. Falou com generais e almirantes. Conversou sobre estratégia. Pediu para ser criado um conselho de guerra. Informou a todos que as ofensivas começariam em breve.

Colocou o telefone do gancho e empurrou sua poltrona para trás. Levantou-se num pulo. Consultou o relógio em seu bracelete. Saiu do gabinete e fechou a porta à chave. Permaneceu, segurando a maçaneta, por um tempo.

Girou nos calcanhares e saiu apressado.

“Preciso contar as novidades para ThreCumb.”

A vigem até o templo foi rápida.

A gruta onde o warnnene se materializava era um anexo do Templo da Cobra.

Grasso entrou ansioso, se colocou diante do tubo e aguardou.

— **Grasso Vardin, o que o traz aqui?**

— Lord ThreCumb, a guerra começará nas próximas horas. Nossas armas podem desestabilizar Atlântida, mas não vencê-la.

— **Ótimo, sua parte é fazer uma cortina de fumaça. Nós derrotaremos Atlântida. Preciso de mais dois dias para concluir a minha materialização. Ahrgg, não vai ser fácil viver neste planeta imundo. Mas o que importa é o fim. Como combinado, nossas tropas já estão posicionadas em Alfa Centauri.**

— Bom ouvir isso Lord ThreCumb, estou certo de que precisaremos desse reforço no momento oportuno.

— **Minha primeira missão será construir um túnel. Um wormhole.**

— Construir um túnel?

— **Sim, um túnel de matéria exótica. Através dele traremos todos os**

equipamentos, sem que o inimigo perceba. É silencioso, não faz ruído na espuma quântica. Não distorce o tecido do espaço-tempo.

— Entendo.

— **O túnel também será o portal de entrada do General Drímor e suas tropas.**

— General Drímor?

— **Sim, ele assumirá o comando da guerra. Tomará este planeta. Definirá as divisões territoriais e políticas. Depois, você, Grasso Vardin, será nomeado governador. Humanos e warnnenes se tornarão unidos. Seremos uma potência invencível nesta galáxia.**

Um sorriso torto surgiu na face de Vardin.

— Ótimo, senhor. Nosso acordo será honrado para sempre.

— **Eu tenho certeza que sim. Porque se tentar nos trair, você verá seu mundo ser destruído devagar e com muito sofrimento.**

Capítulo 18

Leflan vestiu o macacão contra radiação. Entrou em seu veículo e seguiu na direção da explosão.

Chegou o mais próximo que pôde. O calor e a radiação não permitiam continuar. Desceu de seu carro.

Vigas de aço retorcido se espalhavam pelas ruas e casas destruídas.

Caminhou a esmo.

Parou diante de uma menina. Ela tinha uns cinco anos de idade.

A criança, sentada ao lado de sua mãe, tentava conversar.

— Mamãe, por que você está com tanto sono? Acorda mamãe.

Leflan baixou os olhos, apenas metade da mulher estava ali.

Seu corpo, partido ao meio, permanecia inerte sem brilho, sem luz.

O espião colocou a mão no rosto e se afastou acovardado.

As pessoas corriam, gritando por nomes.

Frésnigo sabia que cada nome era um sorriso, um abraço, um carinho, uma vida. Cada nome era uma pessoa amada.

Mães desesperadas procuravam por seus filhos. Homens enlouquecidos corriam de um lado para o outro. As pessoas tentavam se ajudar. Se uniam para consolar. Choravam juntas. Morriam abraçadas.

Leflan andava a passos trôpegos.

Alguns estendiam os braços e pedindo por socorro.

Quando se deu conta, estava na frente do que sobrou do bar de Miriá. Um fragmento de rocha tinha esmagado o lugar e outras lojas vizinhas.

Não imaginava que a explosão seria tão forte. Sabia que a periferia ficaria sem energia por muito tempo, mas jamais pensou que os destroços seriam lançados para tão longe.

O desespero tomou conta de seu coração.

Cambaleante, caminhou até o bar.

“Tomara que a menina esteja viva”

Colocou seus óculos de visão ampliada. Vasculhou os escombros. O sangue se espalhava ainda quente.

Parou por um instante.

“Lá está ela.” — Uma pequena dose de alegria surgiu em sua alma.

Empurrou os escombros para o lado e se meteu no emaranhado de destroços.

Chegou mais perto. Parou com olhos esbugalhados.

Miriá tinha um leve sorriso no rosto. Algo angelical, doce, sublime. Porém, seus olhos não tinham mais brilho. Estava presa àquele lugar por um vergalhão de aço atravessava que atravessava seu peito.

As esperanças de Frésnigo se diluíram no nada, Miriá estava morta.

Afastou-se. Saiu do bar. Girou para outro lado.

Partes humanas se espalhavam pela praça.

Engoliu com dificuldade, pois não havia saliva em sua boca.

Os olhos secos não permitiam lágrimas.

Seu íntimo se contorcia numa devastação sem fim. Curvou-se, movido pela súbita e incontrolável ânsia. Vomitou o pouco que comera no bar de Miriá.

Correu, desengonçado para seu veículo. Acionou os motores.

— NÃO, MEU DEUS. O QUE FOI QUE EU FIZ. — Gritou com a baba escorrendo pelo queixo.

Saiu, dirigindo como louco, rumo a lugar nenhum.

Parte dele queria enlouquecer de tristeza. De remorso. Outra parte, explicava-se: um novo governo seria melhor para a população. Fizera aquilo pelo futuro da nação.

Vagou a esmo pela periferia. Tudo apagado. À medida que se afastava, a situação era menos caótica. Mas ainda assim, o sofrimento era muito acima do que ele imaginara.

Se esforçou para organizar seus pensamentos.

Encheu os pulmões de ar.

“O que está feito, está feito. Não há como retroceder.”

Olhou pelo retrovisor e as chamas sumiam na distância.

“Bem, melhor eu voltar para o templo. Vamos ver quais serão os nossos próximos passos.”

Imprimiu velocidade em seu veículo. Desviou dos congestionamentos.

Procurou atalhos. Depois de quase duas horas, estacionou na frente do templo.

Entrou. Ouvia seus próprios passos, era um som monótono, uma canção melancólica.

Parou diante da estátua da cobra e contemplou por um momento. Ajoelhou-se e sentiu que uma lágrima fazia força para sair.

Respirava descompassado e ofegante.

“Será que não tinha outra maneira? Precisávamos matar tanta gente?”

Frésnigo sentiu uma fígada na coxa.

Por instinto, levou a mão até o local. Num movimento automático, levantou-se com a arma em punho, pronta para atirar.

A visão ficou turva.

Sua mão sentiu uma seringa fincada em sua perna.

“Sonífero? Veneno?” — Se perguntava com a mente confusa.

Tentou apontar para o homem que se aproximava. No entanto, não suportava o peso do braço.

— Você? Por quê?

Não houve resposta.

Frésnigo desmaiou. Caiu de uma vez, batendo a cabeça com força no chão polido.

A pedra em sua testa lembrava um rubi, mas não era. Aquele cristal fora sintetizado a mais de quinhentos mil anos. No longínquo planeta Yrm.

O filtro entrou em operação no momento em que tocou a pele de John. Parecia vivo, instalou-se sozinho. Criou raízes que entraram no osso frontal. Procurou por veias e passou a se alimentar do sangue do inglês.

John sentia os movimentos do cristal. Porém não havia dor. Nem medo.

— Agora, — falou Zranide, — o filtro só se separa de você depois de sua morte. É impossível retirá-lo de onde ele está.

De algum modo, John já sabia disso.

Percebeu que aquilo não se ligava apenas a seu corpo, o aparelho se

conectava também à sua mente. Através dele, tinha lembranças que não eram suas, mas de pessoas que usaram o filtro no passado. Por sua cabeça se passaram suas lutas. Seus sofrimentos, seus amores, as derrotas, as vitórias, suas vidas e suas mortes.

Quase por encanto, um arcabouço enorme de conhecimento se transportou para sua mente. Técnicas de luta e de meditação se misturavam ao conhecimento de equipamentos e armas.

— Zranide, por que eu?

— John, como você vai ver, isso não é um presente. Também não é um privilégio. A família humana, aqui da Terra, depende de você tomar as decisões certas. Eu sei que a sua maior vontade é encontrar a cura para os nanorobôs, mas as linhas do tempo e do espaço se movimentam em sentidos desconhecidos. Até mesmo para o meu mestre.

— Mestre? Quem é seu mestre?

— Você irá conhecê-lo em breve.

John fez um leve aceno com a cabeça.

— Você falou da família humana. Consigo ver Yrm e, até mesmo, os nossos irmãos do passado. — Fez uma pequena pausa. — Será que mais pessoas conseguiram escapar do ataque ao nosso planeta natal?

— Sim, nossa família se espalha pela Via Láctea. Tenho notícias de que a humanidade já chegou a várias galáxias vizinhas.

John olhou para Zranide, seus olhos pareciam arder em uma chama estranha.

— Eu não vou permitir que nossa família seja destruída. Vejo, com clareza, que se tentar lutar contra o mago, serei morto.

— Talvez a resposta não esteja na luta. — Falou a anciã.

— Sim, você tem razão.

O filtro em sua testa brilhou e ele sentiu uma força milenar invadir seu corpo.

— Zranide, vou levar você de volta para Hathor e depois seguirei para Lemúria.

— Não, John, não se preocupe comigo, vá atrás de seu destino. Meu

retorno para Atlântida será tranquilo.

John correu as vistas por aquele lugar. Era uma grande instalação há muito desativada. Repleta de salas, laboratórios, unidades de manufatura e hangares. Muitas naves descansavam perdidas no interior da gruta.

— Existem antígravos aqui perto, podemos usá-los para sair daqui. — Falou John.

— Sim, eu sei. Pretendo pegar um deles para voltar para Hathor.

Os dois caminharam pela escuridão. Sem medo, sem tropeço. Os olhos da mente enxergam sem luz.

Entraram no hangar. John passou a mão sobre uma das máquinas voadoras.

— São muito antigas, mas parecem estar em bom estado.

Zranide se aproximou de uma pequena nave. Lembrava um sedã sem rodas.

— Vou usar esse aqui. — Disse enquanto se sentava na poltrona do piloto.

John sorriu e correu os olhos pelo hangar.

Uma nave chamou a atenção do rapaz. Um antígravo em forma de delta, com proa pontiaguda feito agulha. Era pequeno, uns três metros de altura, cinco de envergadura e no máximo dez de comprimento.

— Um Pegasus! — Falou maravilhado. — Há quanto tempo que eu não via um Pegasus?

Zranide sorriu.

— Na verdade, nessa vida, é primeira vez.

John fez cara de idiota.

— É verdade, essas lembranças não são minhas.

A anciã parou de sorrir.

— Como você sabe que não são suas?

— Eu não sei, sinto como se fossem. Estou confuso.

— John, meu amigo, muitas coisas ainda estão encobertas. Aos poucos, tudo se mostrará.

Ela acionou os motores e uma luz azulada surgiu logo abaixo do antígravo.

— Adeus, meu amigo, desejo-lhe toda sorte do mundo. Tenho certeza de que não nos encontraremos mais nesta vida. Pelo menos não em corpo físico, mas

nossa amizade é eterna.

Uma lágrima surgiu no olho de John.

A máquina voadora de Zranide flutuou a uns cinquenta centímetros do chão.

— Ah, quase ia me esquecendo. — Falou a anciã. — Briéla também se interessou por você. O grande problema dela é que ainda não sabe disso. A cabeça dura dela é muito racional e dificulta a expansão natural das emoções.

O coração de John acelerou. Queria saber mais sobre Briéla. Tinha uma multidão de perguntas na cabeça. Mas a nave partiu levando a anciã que ele aprendera a amar.

McBrian enxugou a lágrima que nem chegou a sair.

Enviou uma mensagem telepática para o Pegasus. Na lateral da nave surgiu um pontinho escuro. Cresceu, desintegrando o metal em suas bordas. A fuselagem do antígravo se abria numa velocidade constante. Tornou-se grande o suficiente para a entrada de John. Após sua passagem, a escotilha se fechou, do mesmo jeito que abriu. Ao final, o metal ficou liso como se não houvesse nada ali.

O Pegasus decolou gentil, num movimento gracioso. Voou a baixa velocidade até o grande rio subterrâneo. John apreciou por um momento a enorme catarata. Olhou também para a ponte de pedra que atravessara. Era estreita úmida e as águas caíam a pouco mais de três metros de distância.

“Se eu estivesse vendo isso, nunca teria coragem de atravessar.”

Moveu o manche virtual e a nave obedeceu no mesmo instante. Mergulhou nas águas do rio. Seguiu o fluxo, era um túnel com uns trezentos metros de diâmetro. Cheio até o teto por águas velozes e violentas.

Dentro da nave John só tinha um pensamento.

“Preciso achar aquela cápsula o mais cedo possível.”

“Grandes tempestades estão se aproximando, e o tempo não está a meu favor.”

Minutos depois, o Pegasus emergiu em pleno oceano de Telesto.

Seguindo o conceito de olho por olho dente por dente, centenas de naves cruzaram o oceano de Telesto.

No mesmo momento, na Estação 632, uma série de pontos luminosos piscavam com insistência.

O Alarme sonoro gritava.

— Brania, são naves de combate! — Afirmou Layra.

A Coronel nem girou o pescoço.

— Acione toda nossa linha de defesa. Quero Cruzadores, Encouraçados e Destroyers Espaciais por toda nossa fronteira.

Layra fez um movimento de cabeça.

— Sim, deixa comigo.

Brania levantou a cabeça.

— Quero mais uma coisa. Preciso de alguém competente no front. Quero que você coordene, pessoalmente, as nossas defesas. Pegue um encouraçado e siga para lá.

Layra tirou o capacete. Olhou para Brania. Havia determinação em sua expressão.

Levantou-se num movimento rápido.

— Vai ser um prazer liderar a nossa frota. Pode contar comigo, Coronel. — Disse com convicção.

Brania fez um gesto positivo com a cabeça.

Layra pegou um transleve e deixou a estação em grande velocidade.

A frota inteira da grande nação entrou em ação. Centenas de naves de guerra deixaram seu descanso secular, assumindo sua posição na frente de batalha.

Por prevenção, foi iniciada a retirada de civis, conduzindo-os para lugares mais seguros.

O caminho mais curto entre Lemúria e Atlântida seria cruzando o centro da Terra. Mas o intenso vórtice gravitacional do pequeno sol vermelho impede qualquer tentativa neste sentido. Mesmo os mísseis de longa distância precisariam fazer seu caminho acompanhando a curvatura interna do planeta.

As unidades de batalha de Lemúria chegaram à divisa do continente Atlante.

Pararam, com todas as suas armas apontadas para Hathor. Em formações compactas, as aeronaves lemurianas ativaram seus escudos protetores.

Uma baba espessa escorria pelo canto da boca, molhando o travesseiro e incomodando o Imperador.

Os olhos abriram sonolentos. Um braço estava adormecido por deficiência na circulação.

Tentou girar para o lado, mas não conseguiu.

“Caralho.”

Tentou outra vez, com mais força. Dessa vez com êxito. O Braço adormecido ficou livre e em pouco tempo começou a formigar de forma insuportável.

“Mas que merda.”

Suas sobrancelhas vincaram denunciando seu mau humor. Olhou para os lados. Duas enfermeiras e um médico acompanhavam com atenção o seu caso.

Fez grande esforço, até conseguir se sentar na cama. Focou o médico.

Este fez reverência, como manda o protocolo.

— Senhor Imperador, não é bom o senhor se sentar, é melhor, nos primeiros dias, permanecer deitado. Procure descansar.

Kumárin chacoalhou o roso como cachorro que acaba de sair do banho.

— Quanto tempo eu dormi?

O médico se aproximou com leve sorriso.

— Majestade, aplicamos um sedativo. O senhor descansou por pouco mais de quatro khons (dez horas).

— QUATRO KHONS! PELO AMOR DE DEUS HOMEM, COMO VOCÊ ME FAZ DORMIR POR TANTO TEMPO?

O doutor deu um passo para trás.

— Me desculpe, majestade, mas...

— DESCULPA O CARALHO! ONDE ESTÁ O GRÃO VIZIR?

— Não sei, majestade, o Grão Vizir não falou nada quando saiu.

Klans fez a sua costumeira carranca.

— Encontre Vardin, preciso falar com ele.

O médico se curvou mais uma vez.

— Sim, majestade, imediatamente.

Sem mais questões, o médico deixou o quarto a passos apressados.

O Imperador virou-se para uma das moças.

— Enfermeira, chame meus serviçais. Tenho de me trocar. Vou fazer um pronunciamento à nação e não posso fazê-lo com esses trajes.

— Mas senhor, o médico disse...

— Tô pouco me fudendo pro que o médico disse, vamos, chame meus serviçais agora.

A moça baixou ligeiramente a cabeça.

— Sim, senhor.

O passeio pela cidade foi divertido, mas cansativo. Exaustos, os visitantes da superfície retornaram para o cálice de apartamentos.

Já estavam já se despedindo da anfitriã.

— Senhorita Thália, posso lhe falar um minuto? — Perguntou Sir Oliver.

— Sim, claro.

— Passamos o dia inteiro sem notícias de meu aluno, John McBrian. Ele apareceu? Está em algum lugar? Aconteceu alguma coisa?

O rosto da menina tornou-se sério.

— Senhor Stewart, vou ser sincera com o senhor. Enviei suas preocupações para a administração da cidade. E estou informada que a própria Imperatriz se envolveu no caso. Existe uma grande equipe procurando por John. Mas, infelizmente, até o momento não há notícias dele.

O mestre ficou vermelho como pimentão maduro.

— Como assim? Num lugar como esse? Tão avançado, tão cheio de tudo! Como é possível? Tem cérebro disso, robô daquilo, máquina pra tudo! E não sabem onde está o meu aluno?

A garota baixou a cabeça.

— É muito constrangedor. Estou sem palavras. Eu sinto muito.

Sir Oliver balançou negativamente a cabeça.

— Eu entendo, a senhorita não tem culpa, mas eu não posso ficar aqui, parado. Preciso fazer alguma coisa. Tenho de encontrá-lo.

Thália deu um passo na direção do mestre.

— Sim, professor, compreendo a preocupação do senhor. Mas o exército foi acionado, ele está sendo procurado por toda Atlântida. Tenho certeza de que o encontrarão nos próximos khons.

Sir Oliver não gostou da resposta. Queria agir, fazer alguma coisa. No entanto, a moça tinha razão. O que ele poderia fazer?

Sentia-se impotente diante daquela situação. Só lhe restava acreditar que aquelas pessoas falavam a verdade.

A menina correu os olhos pelo grupo.

— Eu, sinceramente, peço desculpas. Tenho certeza de que John está bem e será encontrado logo. Provavelmente, este é um grande mal-entendido. Sei que não é fácil, mas acho que, no momento, o melhor a fazer é retornarem para seus quartos e descansarem um pouco.

Os pensamentos do mestre estacionavam em outro quarteirão.

“Será que essas mulheres são o que dizem que são?”

A moça já caminhava rumo ao elevador quando o mestre a chamou.

— Senhorita Thália, por favor, mais uma coisa.

Ela se virou solícita.

— Sim.

— Existe algum quarto grande, no qual possamos ficar todos juntos?

— Todos juntos? Por quê?

O rosto do professor tornou-se mais sério.

— Me desculpe, mas quero evitar perder outras pessoas.

A menina baixou os olhos um pouco embaraçada.

— Ah, entendo... — Falou sílaba por sílaba. — Sim, senhor, existem apartamentos maiores. Compreendo a sua desconfiança. Acho que se eu estivesse no lugar de vocês, me sentiria do mesmo jeito.

Ela caminhou de volta, na direção deles.

— Pensando bem, acho que será mesmo melhor um apartamento onde todos possam ficar juntos. Venham, por aqui, tem um apartamento que será ideal.

Quando Grasso Vardin chegou ao palácio, Klans Kumárin já estava pronto para falar à nação lemuriana.

— Vardin, onde você estava?

— Me desculpe, majestade, passei o dia em reuniões com os nossos generais.

— Como está a nossa vingança?

O Grão Vizir se aproximou e sussurrou alguma coisa ao pé do ouvido de Kumárin.

O rosto do Imperador se iluminou. Olhou, com espanto, para Grasso.

— Verdade?

— Sim, majestade, mas não diga nada em seu pronunciamento. O senhor sabe, melhor do que eu, existem espiões por toda parte. Este é um segredo de estado.

— Sim, claro! Ótimo, Vardin, ótimo. Confio em você.

Um homem se aproximou.

— Sua Alteza, está tudo pronto para a transmissão em cadeia nacional. Estamos aguardando o senhor.

Kumárin deu uma risada torta.

— Está bem, vamos terminar logo com isso.

Ele caminhou até uma escrivaninha.

Sentou-se.

Atrás dele, a bandeira de Lemúria dava ar solene à transmissão.

— Estou pronto, me avise quando devo começar.

O homem fez um sinal com a cabeça.

— Quando esta pequena luz vermelha se acender, majestade.

Ele fez uma contagem regressiva com os dedos: três, dois, um. A luz se acendeu.

Kumárin colocou toda sua atenção na lente da câmera que o encarava

destemida.

— Senhoras, Senhores, honrados cidadãos de Lemúria. Gostaria de estar aqui, hoje, diante de vocês, para trazer boas notícias. Queria eu, ser portador de mensagem feliz, de paz, de união, de amor. No entanto, a crueldade da alma humana não me permite que assim seja.

— Deus é testemunha, de quanto eu tenho feito para manter a paz. O quanto eu tenho lutado pelo nosso povo sofrido. Mas a paz não serve para aquelas mulheres arrogantes e prepotentes que vivem do outro lado do oceano. A paz, para aquelas criaturas, é pouco! Elas querem escravos. Serviçais. Pessoas para pisar.

— Fiz de tudo, para que a crueldade delas não estendesse garras sobre nosso povo pacífico.

Kumárin se ajeitou na cadeira.

— Mas falhei. — Baixou a cabeça e fez uma pequena pausa. — Falhei miseravelmente. — Voltou a olhar para a câmara. — Como todos sabem, o ódio daquelas bruxas não tem limites. A sede de poder delas não encontra barreiras em lugar nenhum.

Nas ruas, nas lojas, em suas casas, o povo lemuriano assistia, ansioso por notícias sobre a explosão. Apenas as pessoas da periferia de Hydra não acompanhavam o pronunciamento.

O rosto do Imperador permanecia quase imóvel nos receptores de TV.

— Como disse, eu gostaria de ser portador de boas notícias. Mas hoje, apesar de toda a nossa atenção, apesar de todo o nosso cuidado e a despeito de tudo o que já fizemos para manter a paz, nós fomos vítimas de uma covardia gigante. Fomos apunhalados pelas costas.

— Aquelas mulheres endiabradas, na sua ambição desmedida, detonaram uma bomba nuclear em uma de nossas usinas de força. Não atinaram, um instante sequer, para as consequências desse ato desumano.

Tomou um gole de água.

— A periferia da capital do Império de Lemúria está totalmente sem energia.

Kumárin baixou os olhos. Seu rosto denotava tristeza.

— Muitas foram as mortes, e não temos conta dos feridos. Além de tantos, que estão ainda desaparecidos.

— Os hospitais estão superlotados. Os medicamentos, acabando. Os

médicos, no limite de suas capacidades.

Fez outra pausa.

— Sem energia, sem remédio, sem médico, o que esses feridos podem esperar? Só há resposta para essa pergunta... MORTE! — Gritou. — Morte é o que eles podem esperar. — Acentuou a última frase, balançando a cabeça.

A mão direita, que descansava na mesa, cerrou de forma ameaçadora.

— O desamor de algumas pessoas chega a ser tão sórdido, que custa acreditar que alguém carrega consigo esses pensamentos destruidores.

Seu rosto endureceu.

— É por esse motivo, meu povo, que esse humilde Imperador decidiu por fim, a essa série de provocações. Lemúria nunca se curvou para Atlântida. Nossos antepassados nunca se acovardaram. Lutaram até o último homem. Lutaram até a crosta externa se transformar em cinzas.

— Deus é testemunha de que não queremos a destruição. Mas, também, não podemos assistir de braços cruzados os assassinatos que presenciamos hoje. Não podemos ficar parados com cara de tolos. Sem ação, como se não tivéssemos espinha dorsal.

— Não é uma questão de vingança, mas sim uma demonstração de amor-próprio.

— Precisamos mostrar para essas desalmadas que nós temos sangue nas veias!

— Que nós, lemurianos, temos vergonha na cara.

— Não somos e nunca seremos vermes submissos daquela maldita cidade de demônios.

— ESTAMOS EM GUERRA!

Kumárin tremia de ódio.

Fez uma pausa mais longa.

Respirou fundo.

— Senhoras e senhores, Lemúria, depois de milhares de anos, está novamente em guerra contra a tirania. Contra a insanidade, a crueldade e a desumanidade daquelas mulheres de Atlântida.

— Deus abençoe a todos. Deus abençoe o nosso propósito. Quero pedir a cada um de vocês abstinência, devoção e força. Para acabarmos com esse inimigo

que impede, por milênios, nossa sociedade de viver em paz. De evoluir. De espalhar o amor que é tão característico de nosso povo.

Na estação 632, Briéla e centenas de garotas assistiram ao pronunciamento de Klans Kumárin.

Por gerações os atlantes se prepararam para uma possível guerra. E ali, naqueles minutos dolorosos, elas percebiam a chegada da besta.

Há dois ou três dias atrás elas viviam um armistício que durava centenas de anos. E tudo indicava que a situação permaneceria assim por outros tantos. No entanto, o destino preparava um chá de águas amargas, que elas precisariam tomar.

Brania olhou para a General.

— O que faremos?

Briéla levou a mão ao queixo.

— Eles pensam que fomos nós que explodimos a usina de energia...

Interrompeu sua frase em um staccato. Focou Brania com expressão de quem viu uma legião de fantasmas.

— Aquele inglês, — falou a princesa, — o bosta que desapareceu.

— Sim, o que tem?

— Será que ele detonou a ogiva nuclear?

Brania balançou a cabeça.

— Briéla, não faz sentido. Se o cara é da superfície, então não faz a menor ideia do que é energia nuclear. Ele não teria conhecimento nem capacidade para isso.

— Talvez, mas, se estiver de posse de algum sistema de realidade virtual, pode ter acesso, a esse conhecimento, por meio telepático. Não é tão impossível assim. Além do mais, ele pode ser um espião.

Brania pensou um pouco.

— Bem, é uma possibilidade remota, mas possível. Neste caso, se ele for um espião lemuriano, por que motivo atacaria seu próprio país?

Briéla enterrou a cara nas mãos.

— Não sei, as coisas parecem estar muito sincronizadas. Ele desaparece, nossos sistemas não conseguem informar para onde ele foi, uma bomba explode

em Lemúria e a culpa é colocada em nós. Essa sequência de fatos é muito esquisita.

Brania deixou os ombros caírem.

— Sem falar que eles conseguiram abrir um portal lemuriano com um psico-transceptor construído em Hathor. Nós os salvamos, mas quase perdemos nossas vidas, tamanho foi o contra-ataque de Lemúria.

Briéla concordou com a cabeça.

— Que merda, Brania, isso está fedendo muito. Minha mãe disse que ele está com Zranide.

— Com a senhora Zranide? Então, se isso for verdade, ele não pode ter detonado a bomba. Não estou entendendo a sua preocupação?

— PYthía não tem certeza, Zra não responde aos chamados telepáticos.

Briéla se levantou e andava de um lado para outro.

— Gostaria muito de saber onde está o inglês. Como vão as buscas? Temos algum sinal daquele bosta?

— Não, nada. Ele, simplesmente, desapareceu. Virou fumaça.

Briéla deu um murro na mesa.

— Caralho, preciso encontrar esse merda. Se ele está com Zranide, eu tenho de saber o porquê. Esse cara não pode evaporar no ar. Como enganou um cérebro quântico de quintos mil anos?

Brania acenou positivamente.

— É difícil de acreditar. Mas foi, exatamente, isso o que ele fez.

— Merda, como ele fez isso? — Briéla perguntou para si mesma, quase em sussurro.

Brania a acompanhava com o olhar.

— O problema, é que teremos de nos preocupar com aquela porção de naves inimigas na nossa fronteira.

Briéla respirou fundo.

— Você tem razão. Se foi ele ou não quem detonou aquela bomba, não faz mais diferença, a merda já está feita. É melhor esquecer esse inglês de uma vez por todas. Vamos nos concentrar na guerra que já está na nossa porta.

— E o que fazemos com os outros caras que trouxemos da crosta externa?

Briéla relaxou os ombros.

— Ainda não sei. Vou falar com a alta administração. Ver se elas têm alguma sugestão. Por mim, acho melhor levá-los de volta para o mundo deles.

— Depois de terem visto tudo o que viram aqui?

— Não será nada fácil para eles. Não poderão contar o que viram, serão taxados como loucos. Condenados pela igreja. Ridicularizados. Não poderão falar nada.

Um alarme soou. Este sim causou terror em todas aquelas mulheres da estação 632. O instinto forçou-as a olharem para o monitor central.

O aparelho tremeu, apagou. Reacendeu com uma nova imagem. Mostrava uma praia. E um cogumelo de fumaça radioativa subindo para o céu.

Corações aceleraram.

Era uma instalação de Atlântida, uma poderosa usina de energia.

Briéla demorou alguns milissegundos para entender.

“Por Yrm, aquele é um de nossos conversores!”

Não queria acreditar. Permaneceu como rocha por alguns instantes.

No entanto, as imagens não mentiam. Uma usina de conversão de matéria escura em eletricidade tinha acabado de se transformar em um inferno atômico.

Diante dos olhos perplexos delas, vários cálices perdiam flutuação e desciam suaves até o solo. Tocavam o chão e pendiam, rolando por sobre as florestas.

O Pegasus viajava em velocidade supersônica sob as águas do oceano. Era uma nave muito antiga, esquecida pelo tempo. Fora construído em Yrm pouco antes da fuga desesperada para a Terra.

As desvantagens dela eram muitas se comparada com os modernos caças do inimigo.

Os lemurianos, tinham um desenvolvimento humano aquém do esperado. Havia grande disparidade social. Pessoas muito ricas e outras muito pobres. A distribuição de renda e terras era desorganizada, dando margem à corrupção e desmandos por parte dos administrados de meio escalão. Boa parte da população vivia na pobreza extrema. Muitos morriam de fome. Os recursos destinados para as instituições sociais eram bem limitados, fato que dificultava, ainda mais, a vida dos

menos favorecidos.

Já os recursos destinados às forças armadas eram fartos. Todos os esforços dos imperadores, através dos tempos, foram no sentido de manter o Exército de Lemúria equiparado ao poderio de Atlântida.

Fortunas eram gastas na pesquisa de novas armas, na produção de munição, no treinamento de soldados e na manutenção do sistema de defesa.

John sabia das desvantagens de sua nave. Não seria possível entrar em combate aberto. Porém, o fato dela ser tão antiga, podia se tornar uma vantagem estratégica.

O Pegasus jamais seria detectado pelo sistema de defesa de Lemúria.

Os instrumentos indicavam que ele se aproximava do continente.

John diminuiu a velocidade.

“Bem, não posso entrar nas cidades de Lemúria com esta nave.”

“Melhor eu esconder o Pegasus em algum lugar.”

Procurou no mapa do painel um lugar seguro para entrar no país inimigo.

“Ah, aqui está, este é o meu caminho.”

Emergiu, até ficar a apenas cinco metros da superfície. Desligou os sonares e radares. Desligou os defletores e colocou a potência dos motores no mínimo. John dependia apenas do visual para conduzir sua nave.

Entrou no continente pela foz de um grande rio. Apagou todo o painel, não queria correr o risco de ser percebido na superfície. Navegou assim por quase dez quilômetros, sempre debaixo do nível da água.

À medida que se embrenhava no interior do continente, o rio ficava mais estreito. Chegou em um ponto onde se tornou muito raso

Emergiu devagar e viu plantações, havia fazendas nas imediações.

John parou.

“Bem, preciso esconder essa coisa. Mas onde?”

“Se deixar aqui, os fazendeiros encontrarão a nave.”

Perdeu uns cinco minutos pensando em suas possibilidades.

Por fim, inclinou a proa para baixo e acionou os motores do Pegasus.

Como uma flecha, a aeronave pontiaguda foi entrando no fundo barrento do rio.

Fez de forma lenta e continua até atingir uns dois metros abaixo do solo.

“Acho que aqui está bem escondido.” — Pensou, feliz com sua ideia.

No compartimento de carga havia várias armaduras antigas. Nem de longe se aproximavam das armaduras de Hathor, mas possuíam suas funcionalidades.

John olhou para aquelas peças de museu.

Pegou uma em sua mão.

“Isso vai ser útil.”

Vestiu a armadura e acionou o campo de energia.

Abriu a porta de saída do Pegasus.

Usou a bolha de energia da armadura para impedir que a lama entrasse.

Deixou a nave e fechou a escotilha atrás de si.

Abriu caminho até a superfície.

“Será que essa armadura pode ser rastreada pelo sistema de defesa?”

Emergiu em uma das margens.

“Não posso arriscar.”

Desligou o equipamento. Sem energia, a armadura se tornou desconfortável, pesada e difícil de andar.

“O que eu faço com esse trambolho?”

Correu os olhos pelo lugar. Foi para perto de uma árvore, onde a terra era úmida e fofa. Cavou um buraco. Retirou a armadura e a enterrou.

John agora tinha um outro problema. Sem a armadura, se encontrava completamente nu.

A toalha que Zranide tinha lhe emprestado havia ficado dentro do compartimento de carga do Pegasus.

Precisava encontrar roupas e se misturar aos habitantes de Lemúria.

Sentou-se no chão e se concentrou. O filtro acendeu num vermelho vivo. Dava para ver o sangue de John passar rápido pelo pequeno cristal.

Sua consciência se expandiu. Sentiu-se flutuar. Neste estado, viu a casinha de uma fazenda, poucos quilômetros a noroeste. Próximo à casa, havia uma plantação de milho. E, ao lado desta, um velho espantalho vestido com roupas simples do campo.

Levantou-se e caminhou tranquilo em direção à moradia singela.

A jornada custou-lhe quase uma hora a pé.

O espantalho já estava à vista, assim como a casinha da fazenda. Olhou de lado a lado. Tudo quieto e vazio. O pobre boneco foi roubado sem oferecer resistência.

John vestiu a roupa com alegria. Estava áspera por ter ficado no tempo, mas serviria até conseguir coisa melhor.

Sorriu e se preparou para seguir seu caminho.

Um barulho chamou sua atenção.

Vinha da pequena casa.

O milharal alto fornecia um bom lugar para se esconder. Girou nos calcanhares e colocou força nas pernas para correr.

— SOCORRO, SOCORRO, PELO AMOR DE DEUS ALGUÉM AJUDE.

O inglês se assustou, tinha sido descoberto. Alguém percebera que ele tinha roubado o espantalho.

Arriscou olhar para trás.

Uma garotinha, de uns sete anos de idade, saiu correndo pela porta.

John ficou indeciso em sua fuga.

A menina o viu e correu em sua direção.

— SENHOR, POR FAVOR ME AJUDE, MEU PAI TÁ MORRENDO!

O inglês não teve tempo para raciocinar. O olhar de desespero da menina dizia que ela não mentia.

Sua mente travou uma curta batalha entre fugir ou ajudar.

Parou num tranco, girou na direção da casinha. Até passou por sua cabeça que poderia ser uma armadilha, mas optou por seguir seu coração.

O rosto da menina se transformou num misto de esperança e sofrimento. Ao ver que o estranho atendia seu chamado, correu para o interior da casa.

— Venha, venha, por aqui.

John correu e entrou num pulo.

No chão, um homem de uns trinta anos de idade, permanecia imóvel com os olhos semiabertos.

Quase por instinto o inglês se agachou e colocou a mão na cabeça do homem.

Movido pela vontade de ajudar, sua mente expandiu. Viu que o pai da garota sofria um ataque cardíaco.

A menina se ajoelhou ao lado dele.

— Pai, Pai, acorda pai. — Gritava com lágrimas abundantes lavando seu rosto.

John nunca tinha estudado medicina ou nada que se aproximasse disso. Mas, naquele estado alterado de consciência, colocou as duas mãos no peito do desconhecido.

Conseguia ver os elétrons se acumularem em suas mãos. A matéria obedecia a sua mente. O filtro se acendeu como nunca e uma descarga de milhares de volts fez uma corrente circular pelo tórax do homem.

Seu corpo estremeceu.

O inglês afastou suas mãos.

Animado pela descarga, o coração do homem voltou a bater.

Ele arregalou os olhos, respirou fundo, como que engasgado. O sangue oxigenou seu cérebro.

Tossiu várias vezes. Quase vomitou. Aos poucos sentiu a vida retornar para o corpo.

A menina abraçou o pai num misto de amor e alívio.

O homem, a princípio, não notou a presença de John, abraçou a filha e chorou.

John não disse nenhuma palavra, se levantou e saiu.

Quando já ganhava o exterior, ouviu passos na sua direção.

— Senhor, senhor, espere.

Parou.

“Meu Deus, meu tempo é curto. O que devo fazer?”

A garotinha o alcançou e segurou sua mão.

John se virou devagar.

A menina o abraçou.

— Obrigada.

O homem surgiu na porta, andava devagar, com semblante cansado.

— Forasteiro, por favor, entre.

Capítulo 19

Vários outros alarmes dispararam na estação 632. Após segundos de choque, as trabalhadoras passaram a atender os alarmes.

O caos se instalou, muitas pessoas falando ao mesmo tempo.

— Por Yrm! — Gritou a General — Como esses malditos conseguiram explodir uma de nossas instalações?

Não esperou a resposta.

— Vocês querem guerra, seus filhos da puta. Vou arregaçar esse país de merda.

Enviou um comando telepático para seu monitor. A imagem da Coronel de Front apareceu.

— Layra, abra fogo, arregaça tudo. Não quero uma porra de nave flutuando. Arranca essas merdas das nossas fronteiras.

— Sim, General, vamos mostrar para esses caras o lugar deles.

O monitor apagou e Briéla se virou para Brania.

— Brania, quero um relatório completo sobre aquela usina. Quero saber tudo, como foi destruída, que tipo de bomba, tudo. Temos espiãs infiltradas em Atlântida. Precisamos descobrir quem são.

Apressada, Brania acionava os instrumentos virtuais.

Briéla parou e olhou para o nada.

“Será que foi John que fez isso?”

Um rasgo de fúria distorceu seu rosto.

— Quero também que encontre aquele maldito inglês. Ache-o custe o que custar.

Brania ficou confusa, a General acabara de dizer que deveriam esquecê-lo. Porém optou por obedecer.

— Sim, Briéla, pode deixar comigo.

— Eu vou até a administração. Preciso discutir com a Imperatriz sobre os nossos próximos passos. Mande destacamentos para ajudar as vítimas.

Briéla nem terminou de falar e já corria em direção ao fosso.

Eram doze quartos grandes, decorados em estilo vitoriano. As paredes eram pintadas em tom salmão. Detalhes em alto-relevo se destacavam nas cores ouro e branco. Cortinas como estampas leves acompanhavam o tom das paredes. Os móveis, em mogno escuro, se destacavam dando requinte ao lugar. Quadros, com moldura em ouro, completavam o visual, conferindo ar aristocrático.

Havia uma toalete para cada quarto, além de um closet agregado. Alguns possuíam camas de casal, outros duas ou três camas de solteiro.

Todos eram equipados com portas de luz e davam para uma grande sala de estar em forma circular.

A sala seguia o mesmo estilo dos quartos. Havia um piano de calda longa no meio. E, ao redor, se espalhavam pequenas mesas, poltronas e equipamentos de natureza desconhecida.

Para completar, um largo terraço dava vistas para o mar de Telesto. O vento fresco vindo do oceano embalava sentimentos diferentes. Os olhos se confundiam ao notar a leve curvatura das águas para cima. A falta de horizonte causava a impressão de estarem vivendo um sonho.

A luz avermelhada do pequeno sol tingia as cristas das ondas do imponente corpo aquático, gerando sucessivas linhas em tom rosa.

Androides mordomos permaneciam na sala aguardando as ordens dos convidados.

Esse era o quarto que Thália havia separado para os visitantes.

Apesar de todo o luxo, o clima era tenso. O desaparecimento de John causava a sensação de que tudo aquilo poderia ser uma grande mentira.

O rosto de Mary, transfigurado numa expressão de dor, falava sobre o que ia em seu interior.

— Professor, será que essas pessoas comem carne humana?

Emma arregalou os olhos e os outros voltaram suas atenções para o senhor Stewart.

O mestre olhou para Mary.

— Não, com certeza, não. É fácil de deduzir isso por causa da abundância que existe neste lugar. Mas, por outro lado, estou convicto de que escondem alguma coisa de nós.

— Tô com o senhor, as coisas aqui são perfeitas demais. — Falou Steve.

Klaus se ajeitou na cadeira.

— O problema é que somos vigiados vinte e quatro horas por dia. — Disse apontando para um androide.

— O que vamos fazer? — Foi a vez de Emma perguntar.

Sir Oliver coçou o cavanhaque.

— Ainda não sei, mas temos de achar um jeito de sair daqui.

— Sim, mas e John? Não podemos abandoná-lo. — Comentou William.

Steve balançou a cabeça.

— Não sei se poderemos fazer muito pelo rapaz.

O rosto de William endureceu.

— Não podemos sair daqui sem o John. Viemos juntos, voltaremos juntos!

Steve deu uma pequena olhada para William e depois se voltou para Sir Oliver.

— Professor, o senhor já tem alguma coisa em mente?

— Estou pensando em falar com a Imperatriz. Pedir para ela nos levar de volta para o nosso mundo. Mas concordo com o senhor Kenward, não podemos partir sem John.

Klaus se inquietou.

— Tudo bem, mas temos de levar alguma coisa que tenha valor pra Inglaterra. Vim atrás de um tesouro e não pretendo voltar de mãos vazias.

— Eu concordo com Klaus, — falou Tom, — essas mulheres são muito ricas. Podemos roubar alguma coisa, elas têm tanto que nem vão perceber.

— É verdade. — Concordou Joseph.

— Senhores, — interrompeu Sir Oliver, — penso que esse não é um bom caminho para trilharmos. Gostaria de lembrar aos senhores de que elas podem estar nos ouvindo.

— O professor tem razão. — Afirmou Steve. — Não faz sentido a gente roubar nada daqui. E mesmo que conseguíssemos, como venderíamos uma poltrona tagarela na Inglaterra?

— Num ia ser difícil não, Steve. — Comentou Yuri. — Conheço um doido lá que compra de tudo.

— Eu sei, não é da venda que tô falando. — Respondeu Steve. — Como a gente vai explicar essas coisas? Vão caçar a gente pra interrogatórios. Aí, quando

contarmos a nossa história, vão dizer que somos loucos. Podem escrever o que tô dizendo. Nossa vida seria bem curta. Sou a favor de tentar retornar para a Inglaterra, mas sem levar nada daqui.

— Puxa vida, Steve, eu já até tinha roubado umas coisinhas. — Afirmou o russo.

Steve balançou a cabeça e deixou os ombros caírem.

— Então acho melhor devolver. — Ordenou o líder.

Yuri baixou a cabeça, enfiou as mãos nos bolsos e retirou uma porção de pequenos objetos e os colocou em cima de uma mesa.

— Taí, acho que isso é tudo. — Disse com voz melancólica.

— Professor, quanto o senhor pretende falar com a Imperatriz? — Perguntou Mary.

Steve correu os olhos pelo grupo e falou antes que o mestre respondesse.

— Pessoal, tô me segurando aqui, mas acho que preciso ir ao banheiro.

Sir Oliver acenou positivamente com a cabeça.

— Sim, claro, mas procure não demorar, é melhor ficarmos juntos.

— É rapidinho, já volto.

Steve se dirigiu para a toalete de um dos quartos.

O Professor se levantou e olhou para o terraço.

— Bem, vou pedir audiência amanhã pela manhã. Quero falar com ela o mais rápido possível. — Respondeu, se dirigindo a Mary.

O mestre mal terminou de falar e um clarão intenso entrou pela abertura do terraço. Durou apenas um ou dois segundos.

— O que foi isso? — Alguém perguntou.

Os olhares foram atraídos para o terraço.

Um estrondo, mais forte do que mil trovões, invadiu o aposento à força.

Seus corpos vibraram com a intensidade do som, os ouvidos estalaram numa dor angustiante e aguda.

As ondas de baixa frequência jogou alguns contra o chão.

Por instinto, levaram as mãos aos ouvidos.

Um tremor sacudiu o prédio. As poltronas flutuantes caíram no chão.

O prédio inclinou.

— Meu Deus! — Gritou Mary.

Mas ninguém ouviu, pois, naquele momento, todos estavam surdos.

Rolaram junto com os móveis e andróides para o lado oposto da sacada.

Perceberam que o cálice perdia altura. Era uma queda lenta, mas constante.

O pavor tomou conta da alma de todos eles.

Nos momentos derradeiros, cada um se preocupou apenas consigo mesmo.

A queda pareceu durar uma eternidade.

Sentiram o baque no chão. Podia-se ouvir o som das árvores rachando, esmagadas pelo peso prédio.

O cálice girou e os estrangeiros pareciam bonecos de pano sendo jogados de um lado para o outro.

A tormenta não tinha fim. A cada pancada uma dor lancinante.

Sir Oliver bateu forte com a cabeça e perdeu a consciência.

O prédio levou quase um minuto para se estabilizar no solo do continente de Atlântida.

Livro 3

Capítulo 20

Um transleve entrou no terraço norte a grande velocidade. Parou fazendo uso do neutralizador de inércia. Briéla saltou do veículo antes que esse parasse por completo.

Caiu correndo em direção à sala de administração.

Ela não se anunciou. Avançou na direção da porta de luz, que se dissolveu antes de sua passagem.

O conselho já a esperava.

PYthía se levantou.

— Briéla, como estão as coisas?

— Eles explodiram uma de nossas usinas de matéria escura. Vários cálices perderam flutuação.

Briéla puxou o ar.

— Estamos tentando encontrar pistas que apontem os responsáveis. A guerra chegou até Atlântida. Não vamos continuar na defensiva. Dei ordem para Layra abrir fogo.

PYthía acompanhava o relato com atenção.

— Sim, precisamos saber quem fez isso.

Briéla ia falar mais alguma coisa, mas foi interrompida pela porta de luz que se abriu. Devagar, e com um leve sorriso no rosto, Zranide entrou na sala. As mulheres do Conselho se levantaram.

PYthía ficou dividida entre sua filha e sua trisavó.

Briéla tomou a dianteira.

— Zra, onde você tava? Sabe alguma coisa do inglês? Ele tá envolvido nessa explosão? Ou na explosão em Lemúria? Onde tá aquele bosta?

A anciã olhou para Briéla.

— Respire, minha filha, respire. — Seus olhos viajaram entre os presentes. — Vamos lá, sentem-se. Tenho novidades.

PYthía foi a primeira a sentar-se, seguida pelas outras mulheres membros do Conselho.

Briéla, agitada, permaneceu em pé.

Zranide caminhou até sua poltrona e se ajeitou. Todos os olhos permaneciam pregados nela.

— Aí, estou um pouco cansada.

— Vamos, bisa, — falou Brathía, — precisamos tomar decisões, conte logo tudo o que sabe.

Seu rosto calmo não se alterou.

— Primeiro, — disse olhando para Briéla, — a explosão em Lemúria não tem nada a ver com John.

— Como sabe disso, mãe? — Perguntou TYríade.

— Porque John estava comigo quando aconteceu.

A ansiedade não permitiu Briéla que esperasse.

— Onde ele está agora? E se não foi ele, por acaso você sabe quem foi?

Zranide continuou em paz.

— Não foi uma Atlante, nem tão pouco um dos estrangeiros. O responsável pela explosão em Lemúria foi um lemuriano. Consigo ver o rosto dele, mas não sei dizer quem é.

Briéla aproximou-se e colocou as duas sobre a mesa.

— Um lemuriano!? — Disparou. — Aqueles filhos da puta estão colocando a culpa em nós. Mandaram aquelas malditas naves pra cá por conta disso. Os filhos da puta destruíram uma de nossas usinas. Além de tudo isso, aquele bosta sumiu. Onde ele está agora?

A anciã sorriu do descontrole da princesa.

— Briéla, minha menina, aquele bosta não é mais o mesmo. Não desapareceu por acaso. Tudo no Universo é síncrono. Neste momento, ele segue seu próprio caminho.

— Zra, — Perguntou a Imperatriz, — você sabe quem explodiu a nossa usina.

Ela soltou os ombros e um olhar de tristeza invadiu seu rosto.

— Foram três meninas novas, dezesseis anos no máximo.

Briéla arregalou os olhos.

— Três meninas? Por Yrm! Como?

— Você as vê? — Foi a vez de Sarhin perguntar.

O rosto de Zranide era como as águas profundas de um lago. Nada parecia atormentá-la.

— Sim, elas estão tentando fugir do continente em um barco robotizado.

— Onde? — Perguntou Briéla num estouro.

— Elas estão se preparando para zarpar na Baía das Belezas Eternas. No canto mais à esquerda da Baía.

Briéla não ouviu mais nada.

“Caralho, as filhas das putas fugindo e nós aqui tomando chá com bolachas!”

O sangue subiu.

— Mas que merda! Não vou deixar ninguém escapar.

Girou nos calcanhares. Aplicou força em seu corpo atlético. Saiu da sala numa explosão muscular.

Zranide a acompanhou com o olhar.

— Essa menina precisa aprender a se acalmar. Engole sem sentir o sabor da fruta. Isso não é bom. — Disse balançando a cabeça.

PYthía colocou a mão sobre o antebraço da anciã.

— Muito bem, Zra, ela já foi. Conte tudo o que sabe.

Zranide tornou-se séria.

— Temos um warnnene se materializando na Terra. Não consigo vê-lo, mas sei que seu corpo se forma em Lemúria.

— Cacete! Esses materializadores ainda existem? — Brathía tremia, tentando controlar seus impulsos.

— Sim, querida, ainda existem. Talvez esse seja o último deles. O problema não é este warnnene em si, mas o que está por trás dele. Algo tenebroso se desenha no extrafísico.

— Tenebroso? O quê? Mãe, você tem mais detalhes? — Inquiriu TYríade.

Zranide olhou para sua filha.

— Acho que ninguém consegue ver detalhes. Algo, no mundo espiritual, impede que possamos ver com mais clareza. Sinto que o nosso mundo está em perigo. Precisaremos nos unir para derrotar as trevas que se infiltram em nosso planeta. É maior do que nós. E mais poderoso.

Todas permaneceram em silêncio, e ela continuou.

— A nossa provação será grande. Nossas máquinas de guerra não estão à altura do que está por vir. O gigante se aproxima. Nossas armas terão um papel pequeno na batalha.

A Imperatriz focou sua trisavó.

— Zra, o que você nos aconselha?

— Por enquanto, esperar. Afinal, o Universo nos deu uma grande esperança.

— Esperança? — Perguntou a Imperatriz.

Zranide sorriu.

— Sim, PYthía, depois de tantos séculos, Atlântida tem novamente um Cavaleiro de Fogo.

Os olhos da Imperatriz brilharam.

— John?

— Sim, John.

A boca de Klans Kumárin se curvou numa gargalhada estridente e escandalosa.

— Ótimo trabalho, Vardin, ótimo trabalho! Porra meu, que du caralho! Coloca outra vez, eu quero ver o vídeo de novo.

— Como quiser majestade. — Respondeu o Grão Vizir.

O monitor passou a mostrar a explosão da usina que alimentava alguns dos mais imponentes cálices de Hathor.

O Imperador ria de se mijar ao ver os prédios descendo sem vida para o solo do continente.

— Me diga uma coisa, como conseguiu isso?

— Majestade, foi um plano arquitetado há mais de um ano. Nós colocamos algumas espiãs na cidade de Hathor.

— Sim, mas como elas não foram percebidas?

O Grão Vizir encheu o peito numa pose de orgulho.

— Nossas espiãs se infiltraram em uma organização política, fizeram algumas amizades.

— Sim, mas essas usinas são todas automatizadas, possuem andróides defensores e coisa e tal. Como conseguiram plantar explosivos?

Grasso deu um sorriso sarcástico.

— Majestade, quando mandamos as nossas naves para as fronteiras de Atlântida, elas perderam um o foco. Olhavam apenas para fora, sem prestar atenção ao que tinha dentro. Fizemos um ataque sincronizado. Agentes infiltradas desligaram o sistema de segurança. Então, um simples lança-foguetes atingiu a usina.

O sorriso de Kumárin ia de orelha a orelha.

— Muito bem, e qual será o nosso próximo passo?

— Agora é luta aberta. O primeiro batalhão de naves automáticas está distraindo os encouraçados de Atlântida.

O sorriso de Klans se desfez.

— Distraindo? Nós vamos conseguir segurar aqueles malditos encouraçados?

— Não se preocupe, majestade, eu tenho um plano para eles também. Mas, por enquanto, vamos aguardar o contra-ataque de Atlântida.

Sob o comando de Layra, os Phobus dispararam contra as aeronaves de Lemúria.

Num movimento rápido, as máquinas robotizadas se agruparam numa formação compacta. Com isso, somavam o poder de defesa em um único e enorme campo de energia.

Ao receber os primeiros impactos, o escudo oscilou. Diminuiu de tamanho, até encontrar um equilíbrio dinâmico.

A proximidade com o continente forçava a comandante ser comedida no uso de armas. Disparava com os canhões de plasma, evitando ogivas nucleares. Sua estratégia era drenar energia dos reatores de fissão nuclear que alimentavam as naves inimigas. Era uma batalha entre geradores de força. Uns produzindo descargas de hidrogênio superaquecido. Outros dissipando essas descargas com um escudo de deflexão.

Layra pretendia aumentar, aos poucos, a intensidade de seu ataque. Até minar por completo o combustível nuclear do inimigo. Eles seriam forçados a desligar o escudo. Então uma segunda arma entraria em ação.

Os caças eram o orgulho de Atlântida. Considerados imbatíveis, eram temidos no centro oco. Possuíam canhões de plasma, mísseis de curta distância, metralhadoras de projéteis sólidos, mecanismo de pulso magnético, pulso sônico de baixa frequência e laser de alta potência. Além disso, eram as naves mais rápidas do planeta. Nenhum objeto voador, construído pelo homem, era capaz de escapar de um caça Atlante.

A comandante desenvolvia um trabalho de pura paciência. Sabia que se as naves lemurianas tentassem um confronto aberto, seriam abatidas em minutos.

Para conter o inimigo, usava apenas uma fração de sua frota. Os Encouraçados permaneciam na retaguarda. Só entrariam em ação se, porventura, os lemurianos conseguissem romper a linha de frente. O que, pela lógica, seria impossível.

Como esperado, eles revidaram e rajadas de gás superaquecido viajavam de um lado para o outro iluminando o céu do centro do planeta.

A vida retornava devagar para o seu corpo. A cabeça latejava. As costas doíam. Havia um aperto no abdome. Tentou encher os pulmões de ar, mas uma pontada nas costelas o fez desistir. Foi tomando consciência devagar. E, por causa daquele estado de coisas, ele demorou um pouco para se lembrar onde estava.

Seus ouvidos reclamavam atenção especial, pois a dor era insuportável. Não ouvia nada, nenhum som, estava surdo. O mundo externo se apresentava afônico. No lugar de sons, um zumbido enchia sua cabeça, gritava, deixando-o ainda mais atordoado.

Tentou abrir os olhos, mas não conseguiu. As pálpebras estavam coladas uma na outra. Se deixou ficar inerte por um instante. Não sabia dizer quanto tempo estava ali caído.

Perdeu a consciência mais uma vez.

Acordou tão confuso quanto antes. Foi com bastante esforço que conseguiu abrir os olhos. Escuridão impenetrável. Abertos ou fechados, não fazia diferença.

Tentou se levantar. Impossível, seu corpo estava preso. Apenas o braço direito podia se movimentar.

Sua mente aos poucos retornava para a realidade.

“Por Deus, o que aconteceu? Que explosão foi aquela?”

“O prédio caiu?”

Tateou o próprio corpo.

“Ah, pelo menos estou vivo.”

O medo de estar soterrado aterrorizou sua mente.

O zumbido tinha diminuído, e, com isso, a audição retornava devagar.

“Os outros? Onde está todo mundo?”

— Alguém aí? Senhora Balding? Senhorita Balding?

Não obteve respostas.

“Preciso sair daqui.”

Com o único braço que tinha movimento, foi retirando peças menores, que cobriam seu corpo.

À medida que forçava o braço, sentia pontadas agudas nas costas. Seu rosto franzia em caretas de dor.

— Klaus? Steve? William? Por favor, alguém responda. — Implorou o mestre de Cambridge.

Um vulto. Uma silhueta se destacou na escuridão.

— Senhor Oliver, procure não se mexer. Poupe suas energias. Já vamos tirar o senhor daí.

O mestre não reconheceu a voz.

— Quem é você? Está tudo escuro, não enxergo nada?

Ouviu o barulho de objetos sendo movidos nas imediações.

— Sou um androide socorrista, senhor.

— Você consegue me ver?

— Com perfeição, enxergo mesmo com baixa iluminação.

O mestre exalou o ar devagar.

— Onde estão os outros?

O androide não interrompia sua tarefa e continuava retirando escombros.

— Muitas pessoas já foram resgatadas, senhor. O cérebro quântico do prédio foi desligado. Não temos informações exatas.

Sir Oliver percebeu que mais dois ou três andróides trabalhavam no resgate.

— O que aconteceu?

— A guerra, senhor, nós sofremos um ataque inesperado. Uma de nossas usinas de energia foi destruída. Isso fez com que alguns cálices perdessem a flutuação.

— Sim, me lembro, o prédio caiu.

— Na verdade, senhor Oliver, se tivesse caído todos estariam mortos. Ele perdeu altura devagar. O maior problema foi quando tocou o solo. O prédio pendeu e as pessoas foram lançadas contra as paredes.

O androide retirou a última peça de mobília que prendia o professor.

Os três robôs, com movimentos sincronizados, retiraram Sir Oliver do local onde se encontrava.

— Minha perna dói.

— Sim, eu sei. O senhor fraturou a tíbia e a fíbula. Não se preocupe, já estamos providenciando o socorro.

Traumatizado e atordoado, o mestre não entendeu o que o robô falou.

Colocaram o professor em uma maca e flutuaram para fora do prédio tombado.

Centenas de cabanas se espalhavam pelo chão do continente. Uma multidão de androides ia e vinha com as vítimas. Choro, gritos de dor, lamentações, cheiro de sangue, cheiro de morte.

Sir Oliver foi colocado em uma cama baixa.

Tentou se levantar.

“Caramba, o que é isso?” Pensou ao sentir uma forte físgada na perna.

— Por favor, — pediu o androide, — procure não se mover. O senhor quebrou dois ossos da perna esquerda. Fique deitado, o médico irá atendê-lo em um minuto.

Não tinha alternativa, soltou o corpo e deixou a perna imóvel.

— Onde estão os outros?

— Ainda não sabemos, senhor, são muitos os feridos. Por favor, tenha paciência.

O mestre fez um movimento afirmativo com a cabeça e tentou relaxar.

O homem deu uns dois ou três passos cambaleantes.

— Meu nome é Kringo Sastinf, e está é minha filha, Carmin.

John ficou apreensivo.

“Santo Deus, essa pedra na minha testa vai me denunciar!”

“Preciso evitar que eles a vejam.”

Kringo deu mais um passo e estendeu a mão.

A dúvida visitou o coração de John.

“Não, definitivamente, não estava nos meus planos fazer amigos em Lemúria.”

Olhou para a mão do homem.

“Mas não posso simplesmente ir embora. Fugir levantará suspeitas. Mostrará que tenho algo a esconder.”

Apertou a mão de Kringo, enquanto tentava ocultar o rosto.

— É um prazer conhecê-lo, senhor Sastinf. Meu nome é Flamin, Grist Flamin.

Kringo abriu um sorriso largo.

— Senhor Flamin, o senhor salvou a minha vida! Não sei o que Carmim faria, sozinha neste mundo. Muito obrigado. O que posso fazer para recompensá-lo?

John balançou a cabeça.

— Não, eu não fiz nada. — Disse tentando disfarçar a roupa roubada. — Não precisa se preocupar. Fico feliz que esteja bem, mas já estava de saída. Passei aqui por acaso.

O pai da garota não se contentou com a resposta.

— Pelo amor de Deus, o senhor não pode ir assim. Já é quase hora do jantar. Por favor, fique e coma com a gente.

John deu um meio sorriso, aquele, de canto de boca.

— Eu agradeço muito, mas, realmente, preciso ir.

Carmin segurou na mão de John.

— Por favor, senhor, entre, descanse um pouco antes de continuar sua viagem.

Os olhos da menina magnetizaram o inglês.

Uma vontade enorme de ficar aflorou.

Kringo acenou positivamente com a cabeça.

— Sim, fique, jante conosco.

John se esforçava por esconder a pedra.

“Caramba o que faço?” Perguntou a si mesmo em pensamento.

“Fique e jante com eles.” Ouviu dentro de sua cabeça. “Não se preocupe com o filtro.”

O inglês tornou-se mais calmo e senhor de si.

— Está bem. — Concordou, seguindo sua intuição. — Me desculpem meus modos, é que eu sou um homem solitário, um andarilho.

Carmim sorriu.

— Oba! — Falou num salto de alegria.

— Vamos entrar, por favor. — Disse o lemuriano.

Entraram, John ajudou o homem a caminhar.

A sala de estar era pequena, mas bastante aconchegante. As poltronas eram confeccionadas em madeira rústica e, sobre estas, repousavam belas almofadas bordadas em tons bege e vinho.

— Por favor, sente-se. — Pediu Kringo. — Fique à vontade. Vou até a cozinha ver como está o nosso jantar.

O inglês fez um leve movimento com a cabeça.

O homem deixou o cômodo.

John olhou para as almofadas. Eram feitas à mão. Teve receio de sujar com a roupa do espantalho. Retirou uma almofada com cuidado e sentou-se na madeira.

O cheiro de batata cozida com carne enchia o ambiente. Lembrou-se da comida de sua mãe. Sentiu vontade de ir até a cozinha, mas se conteve.

Por um instante rápido, sua mente divagou e ele se sentiu transportado para Londres. Mais precisamente para a Ashfield Street, uma rua paralela da movimentada Stepney Way. Viu a casa de seus pais, sentiu-se no interior. A senhora Annie McBrian, sua mãe, varria a sala com uma vassoura de sorgo.

Se aproximou, sentiu a respiração dela. John a beijou enquanto um par de lágrimas escapava de seus olhos

Anne parou de varrer, colocou a vassoura de lado. Levou a mão ao peito. Se sentou em uma cadeira próxima.

— John, meu filho. — Sussurrou com a voz entrecortada.

Desabou a chorar.

O rapaz acariciou com leveza a cabeça dela. Percebeu uma luz deixar sua mão e penetrar o corpo de Anne.

“Mãe,” disse em pensamento, “eu estou bem, e quero que você também esteja.”

Ela parou de chorar quase no mesmo instante. Devagar um sorriso foi se desenhando em seu rosto delicado.

“Eu te amo, meu filho.”

“Eu também, mãe. Fique em paz, fique com Deus.”

John piscou os olhos várias vezes e retornou para a realidade.

Ao seu lado a pequena Carmin o tocava com o dedinho.

— O senhor não gosta de almofadas?

Ele sorriu.

— Não, não é isso, fiquei com medo de sujar. Elas são tão bonitas, tão bem-feitas.

Kringo retornou da cozinha e se sentou na outra poltrona.

— Me desculpe, — falou reticente, — notei que o senhor está usando as roupas do nosso espantalho.

John olhou para as roupas surradas.

“Ninguém ainda percebeu a pedra na minha testa?”

— Eu peço mil desculpas, senhor. Não tinha a intenção de roubar. Tive um problema com as minhas roupas velhas. Seu espantalho se vestia muito melhor do que eu. Então... me desculpe... Antes de ir embora eu as deixo de volta no boneco.

Kringo gesticulou apressado.

— Não, não, não, eu não quis... Por favor, eu lhe devo muito mais do que essas roupas miseráveis. Pelo amor de Deus, não me leve a mal.

John baixou a cabeça envergonhado

Kringo se levantou.

— Espere aqui, tenho roupas melhores do que essa. Posso dividi-las com o senhor.

Ele foi até o quarto sem esperar resposta do forasteiro. Voltou um minuto depois com várias peças de roupa em suas mãos.

— Senhor Flamin, por favor tome essas, não são novas, mas estão em estado bem melhor do que as do espantalho.

John sorriu.

— Me sinto envergonhado.

— Não sinta, o senhor salvou a minha vida. As pessoas não costumam fazer isso. É muito mais fácil dar as costas.

— Fiz apenas o meu dever.

— O senhor é médico ou algo assim?

— Não, não sou médico, longe disso. Não entendo nada de medicina. No entanto, quando vi o senhor caído no chão, não sei o porquê, mas desconfiei de parada cardíaca. Fiz uma massagem para o coração voltar a bater. Por sorte, deu certo.

— Que bom que o senhor passava por aqui. — Falou Carmin. — Eu não sabia mais o que fazer. Meu pai é teimoso, falei pra ele não mexer com eletricidade. Mas ele resolveu consertar o transformador e tomou um tremendo choque.

John olhou para ele com olhos complacentes.

— Essas coisas acontecem. Precisamos estar sempre atentos.

Sastinf olhou para a filha e em seguida para John.

— Senhor Flamin, por favor, existe um banheiro ali no corredor. Se o senhor quiser, pode tomar um banho e se vestir. Depois, eu faço questão de que o senhor jante conosco. A comida é simples, mas feita com o coração.

— Senhor Sastinf, não precisa...

— É o mínimo que posso fazer. Eu não aceito ‘não’ como resposta. Por favor, aceite.

McBrian buscava por uma saída.

“Meu Deus, meu tempo é curto, preciso ir embora.”

“Tenho de achar um jeito de sair daqui.”

“Aceite.” Aquela voz surgiu outra vez em sua mente.

“Aceitar?”

“Sim, aceite.”

John focou o lemuriano.

— Obrigado, não quero atrapalhar... vou aceitar as roupas e o banho.

O homem sorriu.

— Fico muito feliz.

No olhar delas havia um misto de orgulho e tristeza.

Orgulho pela façanha que tinham sido capazes de concluir.

Tristeza, porque algo, no fundo da alma começava a incomodar.

— Será que nós fizemos a coisa certa? — Perguntou uma delas.

A outra deu de ombros.

— Flavínia, o que tá feito tá feito. Nossa missão foi cumprida. Êxito total.

A moça respirou fundo, sentindo aperto no coração.

Baixou a cabeça.

— E agora, o que a gente faz agora?

A interlocutora guardava o lança-foguetes em uma maleta.

— Vocês duas sigam a rota de fuga, como ensaiamos tantas vezes. Eu ainda preciso fazer uma coisa.

— O que você vai fazer?

Demorou um pouco em sua tarefa com o lança-foguetes. Focou as duas amigas com olhar severo e finalizou.

— É segredo. A missão de vocês terminou aqui. A minha ainda continua.

— Brania, tá na escuta?

— Sim Briéla, pode falar.

— Zra identificou as responsáveis pela explosão na usina. Estão tentando fugir. Preciso da sua ajuda, siga minhas coordenadas.

— Já tenho o seu sinal, tô a caminho.

— Chame também o primeiro esquadrão da IFA.

— Pode deixar.

Briéla desligou o comunicador e acelerou ao máximo seu caça.

Benu era o nome daquela aeronave singular. Pontiaguda, no formato de tridente possuía no meio um bojo transparente que comportava o painel de controle e dois assentos. Um para o piloto e outro para o copiloto.

Chegou na Baía da Belezas Eternas como um raio flamejante.

Os sensores do caça não acusavam nada.

“Será que Zranide se enganou? Ou, na minha afobação, entendi errado o local?”

Baixou até o nível das águas. Usou vários instrumentos de rastreamento, mas não obteve sucesso.

Resolveu usar o sonar. Emitiu vários pulsos em frequências distintas.

Um pulso retornou, mostrando um ponto fora da curva.

Brania e o primeiro esquadrão chegaram em caças idênticos ao da princesa.

Briéla acelerou na direção do eco.

Era um barco minúsculo, do tamanho de uma canoa pequena. Era hermeticamente fechado, inclusive na parte de cima. Assemelhava-se a um charuto com pontas agudas nas duas extremidades.

Com a aproximação do caça, o objeto submergiu.

“Caralho, o barco-robô vai matar os tripulantes!” Pensou Briéla num reflexo de razão.

Ela conhecia essa estratégia desesperada. O robô afunda e afoga os ocupantes.

Mergulhou com o caça nas águas do oceano de Telesto. O pequeno barco, submergia rápido, mas não tão rápido como a nave da Filha de Atlântida.

Garras mecânicas emergiram da fuselagem e agarraram com firmeza o barco-robô.

Briéla sabia que o computador de bordo do inimigo tentaria outras maneiras de assassinar os espiões. Saiu da água com sua presa nas garras. Emitiu uma sequência de pulsos magnéticos contra o autômato do barquinho.

Os circuitos eletrônicos fritaram com as descargas do Benu.

Acompanhada por Brania e a esquadra da IFA, Briéla voou, a grande velocidade, rumo a terra firme. Pousou o caça e, como de costume, saltou antes mesmo que esse tocasse o chão.

De sua armadura surgiram as espadas de luz, na forma de garras energéticas.

Partículas superaquecidas confinadas em um campo controlado faziam daquelas garras uma arma mortal.

Briéla fez um corte cirúrgico na parte inferior do barco.

Como suspeitava, um bom volume de água escoou pelo rasgo. Briéla fez vários outros cortes.

Os outros caças estacionaram ao seu lado.

Brania e mais cinco garotas desceram de suas naves com as espadas térmicas prontas para o combate.

A General temia por um último perigo.

“Os lemurianos não são tolos.”

Escaneou com seus instrumentos.

— Acionem os escudos. — Avisou a General. — Vou abrir o barco e retirar os ocupantes. Pode ter explosivos. Cuidado.

— Você já fez a varredura? Perguntou Brania.

— Sim, parece limpo, mas nunca se sabe.

Brania concordou num gesto.

— Toma cuidado.

— Pode deixar. — Falou Briéla acionando seu escudo no máximo de potência.

Sem perder tempo, iniciou a tarefa de abrir o barco-robô. As placas metálicas foram soltando uma a uma até que os ocupantes se tornaram parcialmente visíveis.

— Pessoal, me ajudem a retirar as espiãs desse negócio.

— São quantos ocupantes? — Perguntou Brania.

— Zranide falou que são três meninas, — disse sem tirar os olhos de seu trabalho — crianças de dezesseis anos.

— Três pirralhas? — Perguntou uma das Filhas de Atlântida.

Briéla concordou com um aceno de cabeça.

— Sim, três malditas pirralhas.

À medida que cortavam, faíscas de metal derretido saltavam para os lados.

“Espero não ferir ninguém.” Pensava a General. “Preciso dessas espiãs vivas.”

No fundo da alma, Briéla tinha respeito pela vida. Sua intenção era salvar as meninas e não apenas garantir um interrogatório.

Não demorou muito para dois rostos assustados serem retirados do barco destruído. Encharcadas, com dificuldade de respirar as meninas tremiam e olhavam para os lados esperando o golpe fatal que roubaria suas vidas.

O olhar severo de Briéla pousou sobre elas.

— Muito bem, quero saber seus nomes? Quem são vocês?

Elas olhavam para os lados e não conseguiam articular palavra.

— Para onde vocês estavam indo? Quem teve a ideia de fazer isso?

Nenhuma resposta.

A General tomou consciência de que o problema era bem maior do que imaginara. Elas não entendiam as perguntas.

Respirou fundo.

— Malditos lemurianos.

— O foi? — Perguntou Brania.

— Os lemurianos não têm o menor escrúpulo. Não iam deixar a coisa tão fácil pra nós. — Afirmou a princesa.

— O que você quer dizer com isso?

— Essas meninas estão envenenadas.

— Envenenadas?

— Sim. Temos de agir rápido.

A General colocou algemas nas garotas e as colocou em seu Benu.

— Brania, junte-se a Layra na defesa de nossas fronteiras. Peça para a estação 632 acionar os Colossos em Vênus.

— Acionar os Colossos? Acho que não precisamos deles. Nossos

encouraçados resolverão o caso com facilidade.

— Também acredito que sim, mas eu não esperava que eles conseguissem destruir uma de nossas usinas. Chega de surpresas, vamos mostrar as nossas garras.

Brania aquiesceu com um movimento de cabeça.

— Enquanto isso eu vou levar essas meninas para o centro médico. Precisam ser desintoxicadas logo, senão morrerão. Quero elas vivas!

Briéla não esperou por respostas. Entrou no caça e decolou.

O androide médico flutuou apressado em direção ao professor. Não perdeu tempo e antes que o mestre falasse qualquer coisa, aplicou uma injeção em sua perna.

A dor passou no mesmo instante.

— Senhor Oliver, teremos que operar sua perna. Como não estamos no hospital, peço que o senhor fique o mais imóvel possível. O procedimento será rápido, cinco minutos e trinta e seis segundos no seu modo de contar o tempo.

— Sim, por favor, continue. — Pediu o mestre.

O robô não respondeu nada. A velocidade em que movia seus braços chegava assustar. Nos primeiros segundos, o mestre sentiu os toques do androide, mas logo passou a não sentir nada.

Dois ossos quebrados, sabia que isso era um problema sério. Meses de recuperação. De certo, seria necessário cortar os tecidos para ajustar a posição dos ossos, colocar talas e depois aguardar a calcificação.

Trêmulo, Sir Oliver optou por não olhar. Virou o rosto e assistia o atendimento de outras pessoas.

Foi neste momento que viu dezenas de pessoas colocadas no chão. Enfileiradas, uma ao lado da outra. Envoltas em grandes sacos de material plástico.

“Meu Deus, mortos! São muitos mortos.”

Um frio subiu pela espinha.

Ele nem percebeu os minutos passarem.

— Senhor Oliver, — falou o androide médico — está pronto, o senhor já pode andar. Mas fique aqui até ser levado para um lugar mais seguro.

O mestre girou o rosto.

— Andar? — Disse olhando para a perna.

— Sim, senhor pode andar.

Ele ia perguntar sobre os mortos, mas o androide se afastou para atender outra pessoa.

Voltou a olhar para sua perna. Não havia bandagem, nem talas ou qualquer coisa que ajudasse os ossos a ficarem imóveis. Tateou a perna e as coisas estavam no lugar.

“Andar? Deus, ele disse que já posso andar!”

Colocou a perna no chão. Pressionou de leve. Não sentiu dor. É bem verdade que ainda sentia ainda os efeitos da anestesia. Isso o deixou apreensivo, mas, aos poucos, colocou o peso do corpo sobre ela. Suportou sem se alterar. Incrédulo, Sir Oliver apoiou-se totalmente naquela perna. Atônito o mestre notou que a perna agia como se nunca tivesse sido quebrada.

Ariscou a se levantar.

Deu dois ou três passos com tensão. Sentiu-se mais confiante e seguro.

Sua atenção se voltou para os corpos enfileirados.

Olhou para o grande prédio. A tristeza invadiu seu coração ao ver aquele gigante tombado e inerte no chão.

Criou coragem e caminhou na direção aos corpos.

Um androide cuidava daquele lugar fúnebre.

— Com licença, — falou o professor — procuro por meus amigos.

— Senhor Oliver, Atlântida sente muito pelo acontecido.

O professor fitou os corpos por um instante. Criou coragem e perguntou.

— Você sabe dizer se alguns dos meus estão entre os mortos?

— Me desculpe, senhor Oliver, ainda não identificamos todas as pessoas. Mas o senhor pode procurar e ver se reconhece alguém.

O professor caminhou a passos vacilantes.

“Meu Deus, não sei se quero ver isso.”

“Mas é preciso ter certeza.”

Uma força mórbida o impelia, mais alguns passos e ele chegou ao primeiro corpo. A substância plástica se tornou transparente quanto o mestre aproximou o rosto.

Deu um passo para trás, quase vomitou. Uma jovem, uns vinte anos no máximo, tinha metade de seu corpo esmagado, misturado com terra e grama.

O mestre respirou fundo, buscando por equilíbrio. Olhou para a fileira de corpos.

“Preciso ser forte.”

Encheu o espírito de coragem.

Caminhou para o próximo corpo.

Depois para o próximo... para o próximo...para o próximo...

As cenas se repetiam em horror.

Seu coração bateu descompassado.

Fechou os olhos e os abriu várias vezes. Um rosto conhecido.

Sir Oliver engoliu em seco.

“Meu Deus!”

Tom Palmer, com olhos arregalados e boca semiaberta parecia entregue a um pesadelo eterno.

Fez o sinal da cruz.

“Pobre Tom.”

O mestre se ajoelhou em frente ao cadáver. Rezou uma prece, pediu a Deus por aquele homem. Pediu também por todas aquelas pessoas.

Levantou-se, deu uma última olhada e se afastou devagar.

Seguiu para o próximo corpo.

Duas horas depois, cambaleante e desorientado, o professor de Cambridge terminava sua busca.

Encontrou duas pessoas conhecidas entre os mortos.

Tom e Joseph não conseguiram sobreviver aos ferimentos que receberam no acidente.

Passou a andar a esmo pelas cabanas onde os feridos eram atendidos.

As lágrimas o venceram e escorreram pelo seu rosto.

Capítulo 21

Os warnnenes eram criaturas que divergiam dos humanos em vários aspectos. Eram reptéis de dois metros e meio de altura. Como nós, seus corpos possuíam duas pernas e dois braços. Com articulações iguais às nossas. A pele era de um marrom escuro. Não tinham pelos e nem escamas. A cabeça se parecia com a de uma cobra, mas com o volume bem maior. Onde acomodava um grande cérebro tão, ou mais, evoluído que o dos humanos. Os olhos eram frontais como nos primatas. Caminhavam eretos, em duas pernas. Além disso, traziam, como herança genética, uma pequena calda de uns vinte centímetros de comprimento.

Os warnnenes se espalharam pela Via Láctea muito antes dos humanos.

Na sua sociedade não existia o conceito de família. Desde tempos imemoriais eles viviam em grupos, porém sem o laço da consanguinidade.

Se dividiam em clãs e cada indivíduo defendia seu grupo até a morte. As lutas e guerras entre eles eram constantes.

Seu lema principal era.

É preciso ser forte para se adaptar mais rápido do que o inimigo.

Todo warnnene tinha a obrigação de ser o melhor.

Os bebês nasciam a partir de ovos e nunca conheciam seus pais.

As mulheres warnnenes, quando em época de pôr ovos, se encontravam com seus parceiros em um local denominado Centro de Fecundação.

O encontro entre machos e fêmeas acontecia na forma de um jogo. Onde força e intelecto eram testados ao limite.

As disputas aconteciam em arenas diferentes. Mulheres contra mulheres e homens contra homens. Qualquer um poderia se inscrever, independentemente da idade.

A população assistia o torneio com paixão e animosidade.

As pontuações eram distribuídas em duas categorias, Força Física e Força Intelectual.

As mulheres que mais pontuassem em força física eram fecundadas pelos homens que se dessem melhor nesta mesma categoria.

A mesma coisa acontecia para a categoria da força intelectual.

Os últimos colocados, dependendo da pontuação, perdiam o direito de

procriar.

Desse modo, as lutas eram acirradas, violentas onde as mortes eram comuns.

Como quase não existiam laços de amizade, essas mortes eram encaradas com naturalidade, e, às vezes, com gritos eufóricos das torcidas.

Ao final do torneio, os casais eram separados por aptidão e pela pontuação. Um grupo de juízes escolhia quem se relacionava com quem. O público torcia e tentava influenciar nas escolhas.

Chegava então o grande momento das relações sexuais. Na arena, os casais se entregavam sob o olhar lascivo do público barulhento.

ThreCumb, em sua época foi um dos campeões na categoria da força intelectual. Embora tenha lutado para estar entre os medianos da força física.

Fecundou muitas mulheres. Rostos que nem se lembrava mais.

Seu grande sonho de jovem era entrar para o exército e lutar nas frentes de batalha pela Via Láctea afora. Mas, por mais que tentasse, nunca era aceito.

Não desistiu de seu ideal e se especializou em mecânica quântica. Tornou-se um grande engenheiro nesta área. Desenvolveu projetos para criação de novas armas. Assim, depois de muitos anos de tentativas frustradas, ele finalmente conseguiu entrar para o exército como construtor de armas.

O tempo passou, ThreCumb envelheceu. E foi, naturalmente, colocado de lado. Voltou para os laboratórios, deixando para trás os tempos de guerra.

Um dia, foi chamado para uma reunião no alto-comando das Forças Armadas. Foi convidado a participar de uma operação delicada, perigosa, quase suicida. Seria, de longe, a missão mais arriscada de toda sua vida. Materializar-se em um planeta distante.

O materializador militar de corpos nunca fora um equipamento estável. A probabilidade de se morrer durante o processo era alta. Muitos detalhes técnicos poderiam ceifar sua vida. ThreCumb sabia disso, detinha grande conhecimento sobre esses equipamentos.

Aceitou sem titubear. Era a chance de ser reconhecido como um herói. Era a chance de retornar, por cima, ao exército. Talvez se tornar um comandante ou um general de estratégia.

O materializador consistia em um equipamento que escaneava o corpo físico a nível molecular. Em seguida, transmitia as informações para uma câmara.

Esta, carregada com substâncias orgânicas, fazia uma cópia do corpo original. Era um corpo sem vida, que poderia ser usado no campo médico. Os warnnenes faziam cópias de si mesmos para usar como peças de reposição.

O processo de escaneamento não oferecia riscos e era usado em larga escala.

Nesta missão, o materializador seria usado de forma diferente. No final do processo, quando a cópia estivesse pronta, o conjunto espírito-mente seria transportado para o novo corpo por um processo envolvendo partículas extrafísicas emaranhadas.

Por um curto período, ThreCumb controlaria dois corpos vivos, cada um em um planeta diferente. Um era o seu próprio organismo. O outro um corpo plasmado. Uma única mente, um único espírito e dois corpos: um Warnnenia, outro na Terra.

A câmara que construía o segundo corpo de ThreCumb permanecia protegida no centro de uma montanha lemuriana.

Pouquíssimas pessoas sabiam disso, até mesmo o Imperador ignorava o assunto.

Nas últimas horas, o warnnene enfrentava o grande embate de sua vida. Quando seu corpo na Terra ficasse pronto, ele precisaria efetuar uma ação que definiria para sempre o seu destino.

Apenas um dos dois corpos poderia continuar ligado ao seu espírito. E só a sua vontade poderia concluir essa ligação.

Não era apenas querer com a mente, era necessário desejar com o espírito.

O problema é que não havia uma segunda chance.

Quando chegasse o momento de transferir a sua mente para o corpo da Terra, seu organismo original seria decapitado. Esse era um procedimento de segurança, para evitar que ele desistisse no último instante.

Se desse certo, ele continuaria vivo na Terra. Caso contrário morreria.

Por causa disso, pensamentos sombrios rondavam sua mente. O medo do desconhecido o confundia.

Entretanto, fora treinado para ser forte, e nesses momentos, usava todo seu poder de vontade para focar em sua missão.

A conquista do planeta Terra dependia dele.

Abriu os olhos devagar, as dores pelo corpo anunciavam que ficara muito tempo deitado na mesma posição.

O braço formigava, as costas ardiam e tinha dificuldade em mover a perna. Até respirar tornou-se uma tarefa sofrida.

Leflan se arrastou como pôde até uma parede úmida.

Olhou em redor, era um calabouço edificado com rochas rústicas e disformes.

A injeção com sonífero ainda se encontrava fincada em sua coxa.

Arrancar aquele objeto num puxão forte. Uma gota de sangue escorreu pelo buraco deixado pela agulha grossa.

“Por que a Seita está me tratando assim?” Tentava organizar seus pensamentos “Não me lembro de ter feito nada errado, a explosão fazia parte do plano, o próprio Grão Vizir me pediu aquilo. Será que foi por causa dos humanos terem sobrevivido?”

Após alguns instantes reconheceu onde estava, era a prisão do Palácio, lugar onde os condenados à morte aguardavam sua execução.

“Por quê? Por quê? Por que o sacerdote faria isso? Não entendo.”

Num movimento rápido, procurou por seu anel.

Em seu dedo, apenas a marca na pele, em função de tantos anos ter suportando o pesado objeto de ouro.

Frésnigo Leflan sentiu, talvez, a maior angústia de sua vida.

Aquela posição era dele. Lutara muito pelo anel. Por várias vezes esteve à beira da morte. Tudo para merecer o anel.

“Meu Deus, o sacerdote me atacou pelas costas! Nunca o vi agir com tamanha covardia. Não é homem disso.”

Varria sua mente na busca de um motivo.

“Preciso arrumar um jeito de fazer o Grão Vizir saber disso.”

Percebeu com desespero que todos os seus equipamentos tinham sido roubados.

“Malditos!”

Procurou um lugar melhor para se recuperar. Precisava de um plano, uma ideia para sair dali. Mas antes, era necessário recuperar suas energias. Tinha de se

alimentar e fortalecer os músculos.

Rajadas de gás cruzavam o céu num espetáculo pirotécnico. Riscavam a abóboda celeste e explodiam nos escudos do inimigo. O Barulho ensurdecedor não chegava à ponte de comando, os abafadores de ruído não permitiam isso.

— Continuem assim, — ordenou Layra — o escudo dos lemurianos está cedendo.

— O que acha de aumentarmos a carga? Isso aceleraria o processo. —
Falou a subcomandante.

Ela pensou um pouco.

— Acho que não será necessário. Acredito que quando o escudo dissolver, eles tentarão fugir. Quando isso acontecer, quero estar com potência plena.

— O que pretende fazer? Persegui-los?

Layra fez um sinal positivo com a cabeça.

— Sim, mas não com todas as naves. Apenas com caças e naves de apoio, você sabe, Phobus IV e V. Não quero deixar a fronteira desguarnecida.

Mal terminou de dizer isso e o escudo das naves inimigas ruiu.

Como esperado, elas se comportaram como um enxame de abelhas. Se moviam de forma sincronizada. Uma fuga estratégica, espalhando-se no espaço.

— AO ATAQUE! — Gritou a comandante. — Quero todos os caças em ação.

As naves Phobus aceleraram atrás do inimigo, despejando centenas de caças Benu.

As naves lemurianas se dispersavam rápido, forçando os atlantes a escolher algumas para seguir.

Os Benus iniciaram o tiroteio. Os inimigos revidaram. No entanto, os caças eram mais rápidos e certos em seu ataque.

As explosões se sucediam no firmamento. Centenas de naves lemurianas se tornavam fuligem ante o fogo impiedoso dos caças de Atlântida.

Após pouco mais de um minuto, Layra optou por não correr riscos e ordenou que as naves retornassem para proteger a fronteira.

Retornou para a pequena sala, trazia em sua mão a roupa velha do espantalho.

Kringo sorriu.

Carmin arrumava a mesa para o jantar.

— O senhor janta conosco. — Afirmou o fazendeiro lemuriano.

— Senhor Sastinf, — ponderou o inglês — o senhor já fez muito por mim. Estou envergonhado de ter roubado as roupas do seu espantalho.

Carmin acompanhava a conversa.

Deixou a mesa e se aproximou de John.

— Senhor Flamin, nossa comida é simples. Comemos basicamente o que plantamos. São grãos, saladas e carne sintética que compramos na cidade. É simples, mas é gostoso.

Emocionada, a menina se segurava para não chorar.

— Eu não sei como o senhor salvou meu pai. Ele tá aqui, agora, porque o senhor ajudou. Não tenho como lhe pagar com moedas, mas posso lhe entregar amor através dessa comida. Por favor, jante com a gente.

Ela alcançou o coração de John. Ele olhou para Kringo, os olhos dele marejavam.

O inglês sorriu, sentindo a emoção do momento.

— Serei eternamente grato pela sua comida e pelo amor que vocês colocaram nela. Não mereço, mas sou grato.

A terceira visão de John se abriu. Ele viu as auras do pai e da filha, ambos vibravam em felicidade.

Atrás deles, o inglês viu um homem alto. Uns dois metros e vinte de altura. Ombros largos, cabelo até o ombro, olhos penetrantes.

Sabia que não via com os olhos físicos. Estava ciente de que se tratava de um espírito.

“De onde te conheço?”

“Quem é o senhor?”

O homem se aproximou e atravessou Kringo e Carmin sem que eles o percebessem.

“Olá, John, a quanto tempo! Como você está?”

Em suas fibras mais íntimas, McBrian sentiu que podia confiar nele.

“Estou me adaptando, me preparando para minha missão.”

O espírito sorriu.

“Zranide te arrumou trabalho, não foi?”

“Sim, mais ou menos isso. Senhor, me desculpe, lembro-me do senhor, mas não recordo seu nome.”

“Você pode me chamar de SēThus, serei o seu guia. Seu mentor nas tarefas que tem pela frente.”

“Mentor?”

“Sim, John. Irei ajudá-lo no que estiver ao meu alcance.”

John não falou nada e SēThus continuou.

“Mais tarde, Kringo e sua filha o convidarão para pernoitar aqui. Aceite. Quando adormecer, vou tirar você de seu corpo e levá-lo para um lugar que já conhece, mas que esqueceu com o tempo. É importante lembrar desse lugar.”

“Sim, farei isso.”

SēThus desapareceu diante de sua terceira visão.

Carmin ainda sorria por causa da última frase de John.

Kringo deixou a sala e retornou com uma panela. O cheiro gostoso da sopa encheu o ambiente.

— Hora de comer. — Falou com alegria.

Carmin sentou-se em sua cadeira preferida.

— Por favor, sente-se aqui. — Convidou Sastinf.

John acenou com a cabeça e seguiu a orientação do anfitrião.

— Obrigado.

Grasso acompanhou o Imperador até a clínica do palácio. Afinal, ele precisava descansar por causa da fratura. Deu algumas recomendações aos médicos e se dirigiu para a sala do alto-comando. Queria saber mais sobre os movimentos das tropas lemurianas e atlantes.

Entrou sem falar com ninguém. Analisou os gráficos e mapas.

Um oficial se aproximou e fez reverência.

— Senhor Grão Vizir, nosso primeiro objetivo foi alcançado.

Vardin, com o cenho fechado, apenas aquiesceu com a cabeça.

— E as meninas? Estão seguras? Escaparam?

O rosto do oficial se transformou de sorridente para tenso.

— Infelizmente, senhor, elas foram descobertas. Ainda não sabemos como o sistema de inteligência de Atlântida chegou tão rápido nelas. O plano foi seguido à risca, não houve falhas. Tudo corria como esperado, mas, de repente, um grupo de caças surgiu. O barco de fuga estava prestes a deixar a baía quando foi descoberto. Não houve tempo para nada, os caças desceram sobre o barco como abutres atrás de carniça. Parecia que sabiam exatamente onde as espiãs estavam.

— Maldição, isso não podia ter acontecido. As três foram capturadas?

— Não, senhor, apenas duas.

— Pelo menos o robô conseguiu matá-las?

— Não tenho certeza, senhor. Foi usado o procedimento padrão, para naufragar o barco. Mas a pilota do caça percebeu a manobra e retirou o barco da água.

O Grão Vizir ficava a cada minuto mais nervoso.

— Por que vocês não explodiram tudo?

— Senhor, não deu tempo. Os circuitos eletrônicos foram destruídos por pulsos magnéticos. Perdemos totalmente o contato com o barco.

— Mas que merda! Quero um relatório completo sobre esse incidente ainda hoje. Quero saber tudo o que elas sabiam e como isso pode prejudicar nossa estratégia.

— Sim, senhor, farei isso. Porém, não acredito que elas não falarão nada.

Vardin pousou seu olhar feroz sobre o oficial.

— Você não conhece as atlantes.

O homem engoliu em seco, sem responder.

Grasso levou as duas mãos à cabeça.

— E a terceira espiã?

— Ela entrou em contato pelo rádio, diz que está segura, retornando para Lemúria, senhor.

— Ótimo, pelo menos isso. Quanto às outras duas, ative o plano B.

— O plano B? O senhor sabe o que isso significa, não?

— Sim, eu sei o que significa, mas não posso correr o risco de elas abrirem suas bocas. — Disse sem desmanchar a carranca.

— Sim, senhor. — Respondeu o oficial.

— Está dispensado, vou para minha mesa analisar o andamento das coisas.

Grasso caminhou alguns passos e se sentou em sua poltrona.

Respirou fundo.

Fechou os olhos e se concentrou em restituir a calma.

Aos poucos a serenidade retornou. Focou seu anel de ouro e lembrou-se de ThreCumb.

“Mais algumas horas e o warnnene finalizará sua materialização.”

“Aí começa a parte mais complicada do plano. Construir um túnel com matéria exótica daqui até Alpha Centauri.”

Grasso se recostou na poltrona e colocou as mãos atrás da nuca.

“Então poderemos trazer aquela arma. Atlântida não perde por esperar.”

A imagem do Imperador lhe veio à memória.

“Pobre Kumárin, até que ele é divertido. Mas Lemúria precisa de um governante austero e dedicado. Sob o meu governo, a Terra se tornará a maior potência armada da Via Láctea.”

Um sorriso diabólico se desenhcou no rosto do Grão Vizir.

“Kumárin, você terá que morrer. Mas não se preocupe, pois não irá sozinho. O seu harém vai com você. A Imperatriz, a filha e todas as bruxas daquela família vão acompanhá-lo na viagem para o inferno.”

O tele comunicador de sua mesa tocou.

Era importante, porque a pessoa ligava pela linha de alta prioridade.

Vardin pressionou um botão.

Uma imagem conhecida apareceu no visor.

— Sacerdote Mor, bom ver o senhor, como estão as coisas? — Perguntou o Grão Vizir.

O homem não alterou sua expressão.

— Está tudo caminhando bem.

Vardin se aproximou um pouco do monitor.

— E Leflan?

— Está neutralizado, por enquanto, você sabe, Leflan não é um homem fácil. É, de longe, nosso espião mais habilidoso.

— Sim, eu sei. Bem, tome cuidado.

O sacerdote concordou com a cabeça.

— Pode ficar tranquilo, Leflan tá sob controle. Está preso no calabouço do Palácio Imperial, não há como sair de lá.

— Muito bem. — Falou Grasso.

— Eu liguei para avisar que o processo de materialização de Lord ThreCumb está no final. Deve acontecer a qualquer momento. Tudo indica que será nos próximos minutos.

— Ótimo, irei imediatamente. Quero estar presente quando ele chegar.

O caça estacionou ao lado do cálice hospital. Num movimento sincronizado, um transleve se aproximou.

Com o auxílio de andróides, Briéla colocou as duas meninas no transleve e acelerou para o interior do prédio.

— Doutor, — informava a General — elas não dizem nada, estão abobadas, parecem estar em outro mundo. Acho que estão envenenadas.

O andróide médico examinava com os instrumentos que tinha.

— Não há presença de substâncias químicas perigosas. No entanto, existe uma capsula implantada no pescoço de cada uma delas.

— Capsula? Qual o risco?

— Não tenho como dizer, preciso fazer outros exames com aparelhos mais precisos.

— Faça o que for necessário, não podemos perder essas espiãs.

Estacionaram em frente a um complexo médico. Robôs, designados especificamente para isso, transportaram as duas para uma sala próxima.

Briéla ficou aguardando do lado de fora.

Segundos depois, o andróide médico voltou.

— As capsulas são muito perigosas. São explosivos, com energia

suficiente para explodir a cabeça inteira. Veja, — mostrou um infográfico — as cápsulas só não explodiram porque pulsos magnéticos queimaram o receptor. Porém, podem explodir a qualquer momento.

— Retire as cápsulas imediatamente. — Ordenou a General.

— Sim, Briéla, mas devo advertir sobre risco dessa operação. Os explosivos podem ser detonados durante a operação.

Briéla pensou um pouco.

— Tudo bem, remova as bombas, mas em segurança. Não quero pôr o cálice hospital em risco.

— Sim, tomaremos todas as providências.

Era um grande cilindro de vidro. Uma substância leitosa e translúcida preenchia todo o interior.

À medida que o líquido se tornava mais transparente, mais o corpo no interior do vidro se completava.

Nas últimas horas, o processo de transformação se acentuou.

O novo corpo físico de ThreCumb tomava forma, a cada instante se completava mais e mais.

O espírito do warnnene entrara em um estado de sonolência. O corpo que existia na Terra clamava por sua presença. Já aquele em seu planeta natal se desesperava pelo afastamento de ThreCumb.

Ele vivia uma experiência aterrorizante.

No prédio da Seita da Cobra, os mostradores indicavam que o processo seria finalizado em alguns minutos.

Grasso Vardin, o sacerdote Mor e alguns poucos membros da seita aguardavam com ansiedade a chegada do warnnene.

O líquido ficou totalmente transparente, cristalino como água. No interior, um corpo diferente do que estamos acostumados a ver. A melhor descrição seria algo como ‘homem lagarto’.

A criatura abriu os olhos.

Parecia tomar consciência de sua nova realidade.

Fechou-os, colocando pressão sobre as pálpebras, se contorcendo em dor. Quis gritar, mas o líquido, que o envolvia, não permitiu.

Sentiu-se desfalecer.

Sua mente, viu com horror o antigo corpo cair morto, decapitado em Warnnenia.

Afrouxou todos os músculos.

“Está feito.” Pensou com a mente envolta em alucinações.

O sistema automático da cápsula evacuou o líquido, preenchendo com ar idêntico à atmosfera de Warnnenia.

Assim como nós, os warnnenedes respiram oxigênio. Não na mesma proporção, contudo próximo o suficiente para que eles possam respirar sem o auxílio de aparelhos.

“Meu corpo morreu.”

Encheu os pulmões de ar.

“Mas eu continuo vivo.”

Foram necessários alguns minutos para equiparar as proporções químicas do ar dentro do vidro.

O tubo foi retirado e ele teve o primeiro contato com o ar da Terra.

Voltou a abrir os olhos.

— Seja muito bem-vindo Lord ThreCumb.

O warnnene sentia o corpo girar, a tontura o consumia. Optou por não se mover. Permaneceu parado sem sair da cápsula.

— **Grasso Vardin, está feito. Não existe ponte para voltar, agora é vencer ou vencer.** — Falou com voz cansada.

— Como está se sentindo, senhor?

— **Cansado, preciso dormir.**

— Como quiser, senhor, se estiver em condições de andar, posso levá-lo aos seus aposentos.

O warnnene fez um sinal com a mão.

— **Me dê mais um momento. Ainda sinto tontura.**

— Sim senhor. — Respondeu o Grão Vizir.

ThreCumb respirou fundo várias vezes. Aos poucos, foi se sentindo melhor.

Tomou coragem e deu o primeiro passo para fora da cápsula. Colocava toda a sua vontade na tarefa de se equilibrar. Iniciou sua primeira caminhada com passos vacilantes. Andava devagar, aprendendo a controlar o novo corpo.

Ficou feliz ao se sentar no transleve que o esperava. Grasso e o sacerdote também entraram no veículo. Saíram do salão em baixa velocidade, deixaram para trás um materializador vazio.

A milhares de anos-luz dali um corpo warnnene decapitado era jogado em uma máquina para reaproveitar substância biológica.

Sir Oliver caminhava pelo hospital improvisado, olhava no interior de cada cabana, procurando por seus amigos.

Cabisbaixo, deprimido, aos poucos perdia a esperança. Era uma tragédia de proporções enormes.

Andou a passos arrastados até a próxima. Abriu uma fresta no pano e olhou.

Seu coração acelerou.

Abriu um pouco mais, para poder ver com os dois olhos.

Uma pessoa deitada na maca...

Firmou a vista.

“Sim, se parece com...”

— Professor, é o senhor? — Alguém perguntou do interior.

O mestre entrou de uma vez na cabana.

— Senhora Balding. — Sua voz saiu emocionada.

Caminhou até o lado da cama e por impulso segurou na mão dela.

“Obrigado Senhor!”

— Oh, Graças a Deus! A senhora está viva. — Disse com olhos brilhantes, denunciando seu estado de alma.

Mary se esforçou para segurar a mão dele com suas duas.

— Professor, — os olhos inundaram no mesmo instante, — que bom ver o senhor.

O mestre quase tremia de felicidade.

— Como você est... — Chacoalhou forte a cabeça. — Me desculpe, como

a senhora está se sentindo?

As lágrimas verteram pelo rosto de Mary.

— Sinto dores nas costas, não são muito fortes, mas não param um segundo sequer. — Fez pequena pausa e continuou. — Não sinto minhas pernas.

O professor correu o olhar pelo corpo dela.

— Consegue movê-las?

— Não.

Sir Oliver titubeou. Segurou as mãos dela com suas duas mãos e apertou de leve.

— Tenha fé, — falou sem convicção, — você vai ficar boa.

Mary quase nem ouviu a fala de Sir Oliver.

— Professor, o senhor viu minha filha? O senhor sabe se ela está bem?

O rosto do mestre se distorceu numa tristeza ainda maior. Lembrou-se do corpo esmagado daquela jovem desconhecida.

— Não, infelizmente ainda não a vi, a senhora é a primeira dos nossos que encontrei após o acidente. — Mentiu, não quis falar sobre Tom e Joseph. — Se Deus quiser, ela há de estar bem.

As lágrimas de Mary se intensificaram.

— Professor, o senhor me faria uma gentileza?

— Sim, claro, o que quiser.

— O senhor pode procurar minha menina para mim. Ninguém tem notícia dela. Acho que estão me escondendo alguma coisa.

O mestre não conseguiu segurar mais e as lágrimas rolaram pelo rosto.

— Senhora Balding, pode ficar tranquila, não descansarei enquanto não a encontrar.

O rosto dela, ensaiou um sorriso triste.

— Obrigada, professor.

Sir Oliver fez um movimento de cabeça.

— Vou fazer isso agora mesmo. Procure descansar. Daqui a pouco volto. Vou achar a senhorita Balding, custe o que custar.

Ela relaxou e soltou as mãos do mestre.

Seu rosto queria se animar, mas o coração não deixava.

O professor se levantou.

— Tente se acalmar. Eu volto logo. — Disse enquanto dava curtos passos para trás.

Saiu da cabana e enxugou as lágrimas.

Iniciou sua busca com passos apressados.

“Ai, meu Deus, o acidente foi muito grave. Acho que não vou encontrá-la com vida!”

Chacoalhou a cabeça com força.

“Não, não vou pensar assim. A senhorita Emma está bem. Eu sei que está!”

Era uma quantidade enorme de cabanas. Tinha de ser cauteloso para não deixar passar nenhuma sem ser inspecionada.

Já havia visitado dezenas delas sem resultado nenhum.

— PROFESSOR, professor. — Alguém o chamou atrás dele.

Sir Oliver virou-se num movimento rápido.

— Senhor Raskolnikov!

O russo caminhou em direção ao mestre. Passos rápidos, corridos, desengonçados, mancos, mas felizes.

Se abraçaram como velhos amigos.

— Graças a Deus, professor, o senhor tá vivo. — Disse Yuri, com alegria sincera.

— Sim, graças ao Altíssimo! Que bom encontrar o senhor. Está bem, graças a Deus está bem. — Respondeu Sir Oliver.

Yuri deu um passo para trás.

— O senhor já encontrou mais alguém?

Sir Oliver baixou a cabeça.

— Encontrei a senhora Balding, ela está viva, só que não consegue andar.

— A senhora Balding? Viva? Que bom!

Yuri olhou para o chão.

— Joseph e Tom não deram sorte não... — Sua voz embargou. —

Encontrei os dois... — Seus olhos brilhavam. — ...no meio dos mortos.

O mestre também baixou a cabeça.

— Sim, eu já sei, — a voz saiu melancólica, — também vi os corpos. Que Deus os tenha.

— Mas que merda, — falou o russo, — por que viemos pra esse lugar maldito? Por que não ficamos lá na Inglaterra? — Não segurou mais e deixou as lágrimas caírem.

Sir Oliver olhou para Yuri, uma expressão de dor pairava em seu rosto.

— É verdade, meu amigo, — falou, também emocionado, — não gosto de me arrepender. Mas dessa vez estou arrependido, muito arrependido. Nossa busca tem sido um desastre atrás do outro.

Um breve silêncio se formou.

— Senhor Raskolnikov, — voltou a falar o professor, — prometi à senhora Balding que procuraria sua filha. O senhor vem comigo?

— Sim, claro, quem sabe não encontramos também o Steve e o Klaus.

Como SēThus havia dito, Kringo o convidou para pernoitar ali. A casa tinha um pequeno quarto nos fundos. John aceitou a oferta e se recolheu uma hora depois do jantar.

Deitou-se e repassou pela mente tudo que lhe acontecera nas últimas horas. Parecia que fazia meses que ele abrira o portal com seu pensamento.

Se deu conta que, durante todo o dia, ninguém lhe perguntou sobre a pedra vermelha implantada na sua testa.

Tentou ficar acordado mais um pouco, mas uma sonolência incontrolável tomou conta de seu corpo.

Adormeceu. Sentiu-se flutuar.

“Que engraçado, estou dormindo ou acordado?”

Abriu os olhos e se sentou na cama.

Constatou, com certo horror, que seu corpo físico continuou deitado.

“Meu Deus, será que morri? De novo?”

Uma névoa branca começou a tomar forma diante de seus olhos, transformando-se em uma silhueta humana. Atônito, viu SēThus se materializar em

sua frente.

— Thotus, meu amigo até que enfim nos encontramos em condições de conversar.

John sentiu-se tomado de uma alegria desconhecida.

“Sim, meu nome preferido é Thotus. E esse homem, em minha frente, é um grande amigo!”

— Agora me lembro.

SëThus abriu os braços e os dois se abraçaram com força.

— SëThus, me lembro de você. Tem sido meu mestre há séculos.

— É verdade, nosso treinamento já dura bastante tempo.

John deu alguns passos pelo quarto.

— O senhor Sastinf e sua filha são muito amáveis. Que coincidência eu estar por perto no exato momento em que ele teve aquela parada cardíaca.

SëThus pousou nele seu olhar penetrante.

— Não foi coincidência.

John olhou para o amigo.

— Não? Mas Carmin disse que ele tomou um choque elétrico ou coisa assim.

— Eu a fiz pensar isso.

John ficou com cara de paisagem aguardando a conclusão.

— Thotus, eu parei o coração do pobre Kringo. — Disse SëThus com voz séria.

— Você? Como? Por quê?

— Bem, os motivos são muitos. A esposa de Kringo, Larita, retornou para o mundo espiritual a pouco tempo. Algo em torno de seis meses. Tanto ele como Carmin sentem muito a falta dela. Mas Kringo se entregou a uma depressão profunda, desejando morrer. E, a cada dia, seus pensamentos se cristalizam mais.

— E você ia matá-lo?

— Lógico que não. De modo algum deixaria que ele morresse ali. Só que eu queria que ele sentisse a importância de estar vivo. Queria que ele soubesse o quão grande é essa benção. Por outro lado, precisava que você exercitasse a pedra que traz na frente. Resolvi unir as duas coisas com uma única ação.

John deu um leve sorriso.

— Engenhoso.

— Você também precisava de roupas, comida e descanso. — Continuou SëThus. — Achei que essa cabana seria ideal.

— Bem, obrigado pela ajuda.

— Não há de quê.

O inglês olhou para o amigo espiritual.

— Me diga uma coisa, por que eles não notaram que eu tenho uma pedra enorme fincada na testa?

— É muito simples, porque eles não conseguem vê-la.

— Não?

— Isso que está implantado em você não é uma pedra. Chamamos de filtro, trata-se de um amplificador mental. Ele amplia a influência que a sua mente causa na matéria.

John não disse nada esperando por mais explicações.

— Esse amplificador não é uma arma em si, mas pode materializar uma na sua mão. O filtro opera realizando o seu desejo. Funciona reestruturando a matéria ao redor do seu corpo. Por isso é importante treinar e aprender a usar todo o potencial dele.

— Sim, vou iniciar meu treinamento o mais rápido possível.

SëThus caminhou pela sala.

— Sim, faça isso. — Fez uma pausa. — Thotus, o que vou lhe mostrar agora será muito doloroso, bem o sei. Mas é o único jeito de você conseguir cumprir a sua missão.

— Sim, Zranide falou sobre a minha missão. Não importa, farei o que for necessário.

SëThus ficou ainda mais sério.

— Vou levá-lo ao passado.

— Ao passado? Por quê?

— Não pergunte, apenas relaxe a mente e feche os olhos.

John obedeceu. SëThus colocou a mão direita próxima da testa do inglês.

Ele sentiu uma leve vertigem. Sentia as coisas girarem ao seu redor.

Imagens e mais imagens passaram rápido diante de sua mente.

— Pode abrir os olhos.

McBrian se viu em outro lugar.

— Estou reconhecendo este salão, já estive aqui. — Falou sentindo-se incomodado.

Pensamentos pesados invadiram sua mente. A vista ficou turva.

— Respire fundo meu amigo, — falou SëThus, — procure se acalmar. Você está seguro, não podemos interferir em nada, apenas assistir. Mergulhamos três mil anos no passado.

Com as palavras de SëThus, a mente de John clareou.

— Sim, estamos em Lemúria.

Era um laboratório de pesquisas, muitas pessoas trabalhavam ali.

Mais adiante, em uma posição de destaque, dois homens conversavam.

— General Trezo, acabamos de receber uma mensagem pelo hiper-rádio.

Trezo largou o documento que lia.

— Dos warnnenes?

— Sim, senhor. — Respondeu o interlocutor.

John se aproximou de Trezo com os olhos arregalados.

— Kirt Trezo, este sou eu naquela encarnação. Agora me lembro.

SëThus colocou a destra no ombro de John.

— Thotus, você se lembra da história inteira? Até o fim?

— Confesso que não.

— Então vamos continuar assistindo.

Briéla caminhava de um lado para o outro. Acionou seu bracelete e uma tela translúcida se formou.

— Layra, tá na escuta.

Ouviu-se um pequeno chiado.

— Sim, Briéla, pode continuar.

— Como estão as coisas?

— Os as naves lemurianas esgotaram suas baterias e fugiram. Optei por abater algumas, mas não fui atrás de todas.

— Sim, está bem. Ao que tudo indica, esse ataque foi uma cortina de fumaça para acobertar a ação de terra. Uma distração para conseguirem destruir a usina de força. — Falou Briéla.

— Sim, provavelmente, sim. O que faremos agora, General?

— Continue em posição. Por enquanto vamos ficar na defensiva. Estou alinhando com o conselho quais serão os nossos próximos passos.

— Está bem, qualquer novidade te aviso.

— Sim, por favor.

A tela desapareceu.

Briéla olhou para a porta. A operação nas meninas demorava mais do que o normal.

O bom era que nenhuma explosão tinha acontecido.

Enquanto esperava, pediu ao cérebro central para levantar a ficha das duas espiãs.

As meninas eram atlantes, nascidas em Hathor. Este fato deixou Briéla bastante intrigada.

Elas pertenciam a um grupo oposicionista que lutava para acabar com o Império e implantar um modelo parlamentarista de governo.

A General sempre soube dos pensamentos revolucionários do grupo que se denominava ODA - Organização para Democratização de Atlântida.

Até onde tinha conhecimento, as ativistas da ODA ficavam sempre na esfera da discussão política. Eram mestres em greves de todos os tipos. No entanto, nunca na história tinham pegado em armas. Ou mesmo tentado alguma ofensiva direta contra o Império. Aquela era a primeira vez. Deixavam de ser um grupo político para se transformarem em terroristas.

A porta se abriu.

Briéla deixou de lado seus pensamentos e correu na direção do androide médico.

— E então, como elas estão?

— As meninas passam bem. As cápsulas eram equipamentos robóticos. Uma vez implantada, ela se move no interior do pescoço até encontrar a artéria

carótida esquerda. Lança pequenos filamentos e se gruda a ela. Se tentássemos arrancar, as meninas morreriam de hemorragia em pouco tempo. Foi necessário destruir filamento por filamento. Esse foi o motivo da demora.

— Imaginei que não seria coisa simples.

O androide fez um movimento de cabeça.

— Sim, o importante é que conseguimos retirar as duas capsulas.

— Ótimo, quando poderei vê-las?

— Quando quiser, as meninas já estão acordadas.

— Agora, não vamos perder mais tempo.

O androide girou no eixo.

— Por aqui, por favor.

— Onde está a mensagem? — Perguntou Trezo.

O homem retirou um pequeno dispositivo em formato esférico.

— Aqui, senhor, nesta unidade de armazenamento. A mensagem está cifrada, e nossos computadores não foram capazes de extrair o conteúdo.

Trezo estendeu a mão.

— Deixe a mensagem comigo, só eu tenho como ler isso. — Falou com olhos fixos no interlocutor.

O homem retraiu num movimento quase imperceptível.

— Sim, General. — Disse, entregando o objeto.

Kirt Trezo pegou e colocou no bolso da farda.

— Está dispensado, sargento. — Falou sem desviar o olhar.

O homem bateu continência e se afastou.

O General tomou caminho oposto. Seus passos eram rápidos e, vez por outra, olhava sobre os ombros com desconfiança.

SëThus e John o seguiram como se estivessem imantados a ele.

Entrou em sua sala, um gabinete com uma grande escrivaninha, duas cadeiras e um sofá. O chão em madeira escura contrastava com a parede em verde-escuro com detalhes em ouro.

Encostou a porta atrás de si e a trancou. Certificou-se de que ninguém

poderia entrar.

Um breve sorriso percorreu seu rosto. Sentou-se, abriu uma gaveta e pegou uma chave. Olhou para um quadro na parede.

Levantou-se e caminhou até a moldura. Colocou sua mão em um ponto no meio da tela. A porta de um cofre se tornou visível.

Trezo inseriu a chave no orifício, digitou a senha em um teclado ao lado.

Girou o segredo e um estalo avisou que o cofre se abria.

Puxou a porta e no interior havia um conjunto de pequenos aparelhos.

Ele pegou um deles. Voltou para sua mesa e se esparramou na poltrona.

Colocou a esfera em um compartimento do dispositivo.

Uma tela translúcida surgiu em sua frente. Nesta, a imagem de um warnnene.

— **Kirt Trezo, entraremos no seu sistema hoje. Fique preparado, deixaremos a cápsula que prometemos. Use-a para enfraquecer o inimigo. Nesta mensagem estão todos os procedimentos a serem seguidos.**

A imagem do warnnene sumiu e Trezo teve acesso a um conjunto de manuais e vídeos. O material continha explicações sobre como os lemurianos deveriam resgatar a cápsula.

Desligou o aparelho e o colocou de volta no cofre.

SëThus acelerou a passagem do tempo.

Numa missão bastante arriscada, a cápsula foi ejetada no nosso sistema solar.

Os atlantes entraram em ação e travaram batalha contra os invasores

Trezo e seus homens aproveitaram para recolher a encomenda.

O General levou a carga a um laboratório, que tinha sido preparado para recebê-la.

A capsula continha um bom carregamento de nanodroids e informações detalhadas sobre como aplicar no inimigo.

Trezo não perdeu tempo e ativou o veneno inteligente.

Um ou dois meses depois, Atlântida foi contaminada pelos nanorobôs.

Todos os futuros bebês meninos do Império estavam condenados à morte.

John e SëThus foram transportados de volta para o quarto onde o corpo do

inglês dormia.

— Então, — falou McBrian separando em sílabas, — fui eu?

SëThus se aproximou.

— Me desculpe ter de lhe mostrar isso, meu amigo.

John olhava para o infinito preso às imagens de sua mente.

— Eu sou o responsável pela desgraça de Atlântida.

— Não, você não é o responsável. Você foi o instrumento que a natureza encontrou para manifestar a lei da causa e efeito, bem como a suprema lei da atração.

— Agora entendo por que estou aqui. Eu sou o único que pode encontrar aquela cápsula. E só eu posso descobrir como gerar o antídoto.

SëThus o segurou nos ombros com as duas mãos.

— Thotus, estarei ao seu lado para ajudar no que eu puder. O futuro é um emaranhado de possibilidades. Devemos ter em mente que materializamos a realidade com a força dos nossos pensamentos.

John olhou para suas mãos, estavam impregnadas de sangue pastoso e apodrecido.

— Sangue de inocentes. — Falou com tristeza.

— Não existem inocentes, todos somos responsáveis pelo que atraímos. — Ponderou SëThus.

O inglês levantou a cabeça.

— Vou mudar tudo isso, nem que, para tanto, eu tenha que morrer mais de mil vezes.

Em dois, a tarefa de procurar pelos amigos ficou um pouco mais fácil. Entretanto, a cada cabana que olhavam, as esperanças diminuía.

— Senhor Raskolnikov, faltam poucos lugares para ver desse lado. Mas, pelas luzes refletidas nas copas das árvores, me parece que do outro lado existem mais.

— Sim professor, é verdade, dá pra ver daqui as luzes. — Disse apontando o dedo.

Em poucos minutos eles olharam as outras cabanas e não encontraram

ninguém conhecido.

Ao tombar, parte do cálice se apoiou em um barranco e o outro lado mergulhou parcialmente num charco.

— Precisamos ir para o outro lado, acho que será mais fácil ir pelo brejo.
— Ponderou o mestre.

— Professor, melhor pegar uma dessas máquinas que voam, sei lá, pedir pra um robô levar a gente pro outro lado.

— Senhor Raskolnikov, não sei se confio nesse pessoal. Tom e Joseph estão mortos, John, provavelmente, também. Quero fazer do nosso modo, a pé, a cavalo ou com carroça. O fato é que não quero mais saber dessas coisas voadoras.

Yuri olhou para os lados.

— Num vejo cavalo nem carroça em lugar nenhum.

— Então teremos de ir a pé.

— É, acho que o senhor tá certo, professor.

Assim, entraram pelas águas escuras e paradas daquele lugar.

Não era fundo, a água chegava, no máximo, até os joelhos.

A caminhada foi cansativa e o professor passou a sentir dor no local onde tinha quebrado a perna.

No meio do percurso, ele se questionava se tinha sido uma boa ideia, ir por aquele caminho.

Já Yuri precisava fazer muita força para seguir em frente. Com vários quilos acima do peso, seu corpo era lento e dificultava o avanço.

Aos poucos, as dificuldades foram vencidas e eles viram cabanas do outro lado. Isso os animou a colocar mais empenho na pequena aventura.

Venceram os últimos passos dentro do charco e passaram a caminhar em terra firme outra vez.

Deste lado, também havia um local onde se acumulavam os cadáveres.

Sir Oliver olhou para Yuri.

— Vamos procurar entre os mortos?

O russo balançou a cabeça.

— Não, professor, por favor, vamos olhar as cabanas primeiro. Se não encontrar ninguém, aí nem precisa olhar os mortos.

O professor concordou com semblante sério e preocupado.

Iniciaram a tarefa de olhar cabana por cabana.

Briéla entrou no quarto de uma das espãs. Na cama, uma menina amedrontada, encolhida em posição fetal, olhos arregalados e corpo tremendo. Em seu estado de pânico, não percebeu a General.

— Flavínia? — Perguntou Briéla com voz forte. — Você é Flavínia?

A garota não respondeu, seu olhar aterrorizado parecia enxergar uma legião de demônios.

— Ela não fala nada desde que acordou. — Informou o androide médico. — Permanece neste estado. Fizemos exames e não encontramos lesões cerebrais.

— As duas apresentam os mesmos sintomas?

— Sim, arrisco dizer que, após o ataque, elas foram submetidas a lavagem cerebral.

Briéla pousou o olhar no androide.

— Destruição de sinapses?

O autômato simulou um rosto de preocupação.

— Não, não chegou a esse nível. Os testes indicam que sofrem de bloqueio psicológico em um nível mental e não físico.

— Entorpecentes mentais. — Falou a General quase para si mesma.

— Sim, Briéla, entorpecentes mentais. Talvez, em parte, elas estejam sofrendo por abstinência das drogas mentais.

A Princesa pensou um pouco.

— Talvez, PYthia e Sarhin possam nos ajudar, elas são ótimas telepatas.

— É provável, — falou o androide, — isso poderá nos mostrar os motivos que as levaram àquela ação. Mas a cura das meninas demorará um pouco mais.

Briéla fez um sinal positivo com a cabeça.

— Cuide bem delas, vou até a administração central para falar com minha mãe.

No momento em que o prédio iniciou a queda, Klaus agiu por reflexo. Abraçou Emma com força. Um único pensamento habitava sua cabeça, queria

protegê-la. Deu certo nos primeiros instantes, mas quando tudo começou a girar, ele não conseguiu segurá-la. Emma foi lançada para longe.

O prussiano se protegia como podia das coisas que voavam de um lado para o outro.

Mesmo na escuridão, tentava encontrar a menina de Cherry Hinton.

Aqueles minutos angustiosos terminaram com o prédio tombado sobre a floresta.

— EMMA, onde tá você?

Com força impressionante, ele jogou para o lado as peças de mobília que se acumulavam em seu caminho.

— EMMA, tá me ouvindo?

Mais alguns passos e o desespero aumentou. Seu braço esquerdo sangrava. Sua testa também tinha se ferido.

Não deu atenção

— EMMA, ONDE ESTÁ VOCÊ?

— Klaus, aqui. — Uma voz na escuridão.

O prussiano sentiu-se energizado.

— EMMA?

Abriu caminho com vigor aumentado.

— Klaus, aqui. Acho que tô presa.

Por causa da posição que o prédio ficou, quase não havia luz. Ainda assim ele a viu entre diversos objetos amontoados.

Se aproximou num salto, tocou o rosto dela com carinho.

— Você tá bem?

Emma tremia, não tinha certeza.

— Acho que sim.

— Fique calma, vou tirar você daí.

— Tá.

Aos poucos seus olhos se acostumaram com a pouca luz. Devagar, mas com a urgência necessária, ele retirou os objetos que se espalhavam ao redor.

Um androide apareceu. Não perdeu tempo e passou a ajudá-lo.

Emma, finalmente se viu livre.

— Como você tá se sentindo, meu amor? — Perguntou Klaus com voz trêmula.

— Acho que tô bem, foi mais o susto.

Outros androides se aproximaram.

— Senhor Klaus, senhorita Emma, vamos levá-los para fora. Estamos improvisando um hospital de emergência. — Falou um deles.

Colocaram os dois em macas e flutuaram rumo a uma janela.

No chão da floresta, centenas de androides trabalhavam, nivelando o solo e erguendo barracas.

Não demorou muito para o médico examiná-los.

Emma teve muita sorte, sofreu apenas alguns arranhões.

Klaus tinha um corte profundo no braço esquerdo e outro na testa.

Após os curativos, ele se aproximou de Emma, segurou a mão dela com energia.

Se abraçaram e choraram juntos.

— Minha mãe? Onde será que ela tá?

— Não a vi, mas deve estar por perto.

Emma se levantou.

— Vamos, precisamos encontrar ela.

PYthía e Sarhin conversavam em uma sala reservada, enquanto Brathía acompanhava os últimos relatórios de Layra e Brania.

Zranide e TYríade já tinham se recolhido para seus apartamentos.

Briéla entrou apressada.

Brathía caminhou ao seu encontro.

— Como foi? Conseguiu tirar alguma coisa daquelas malucas?

Ao perceber a chegada da General, PYthía e Sarhin cortaram o assunto e saíram da sala reservada para ouvi-la.

Briéla respirou fundo.

— Elas estão sob o efeito de um choque hipnótico.

— Então, — perguntou Brathía — elas não falaram nada de útil.

— Nada. — Fez pequena pausa. — Quando retirei elas do barco, fiquei com muita raiva ao perceber que eram atlantes. Não conseguia imaginar porque tinham feito aquilo. Depois, no hospital, descobri que são membros da ODA, esse fato esclareceu muita coisa e a raiva só aumentou. Mas depois de ver o estado delas, acabei ficando com pena. Talvez não tenham noção do que fizeram.

Soltou o ar com força.

— Não entendo, A ODA nunca orquestrou um ato terrorista antes.

Brathía fechou a mão e esmurrou uma mesa próxima.

— Maldito grupo revolucionário! Por que não juntamos essas vadias e expulsamos todas de Hathor? Já que querem um governo parlamentarista, que vão construí-lo na puta que pariu! Não aqui. Não com mortes de inocentes.

— Calma, minha filha, — tranquilizou Sarhin — todo efeito tem uma causa.

— Mãe, você viu quantas pessoas morreram hoje por causa dessas vagabundas?

Sarhin fez um sinal de paz com as mãos.

— Filha, você sabe muito bem que não se apaga fogo com combustível. Todo problema social tem origem e solução dentro do seu próprio povo. Precisamos entender com profundidade a causa de tudo isso. O grupo ODA é tão antigo que, talvez, nem seus próprios membros saibam por que o movimento existe. Não estou dizendo para deixar isso sem resposta, mas também não podemos agir por fúria.

Briéla deu um passo à frente.

— Sarhin, eu entendo a sua posição de pacifista. Mas Brathía tem sua razão. Acho que dessa vez a ODA foi longe demais. Não podemos ser displicentes e deixar que esse estado de coisas continue.

— Briéla, minha filha, — interveio PYthía, — você está certa. Penso que precisamos e vamos tomar uma posição com relação ao que aconteceu hoje.

PYthía olhou para Brathía.

— Com toda certeza, não será a expulsão de ninguém. Mas quero saber quem são os responsáveis por esse plano diabólico. Perdemos vidas! E isso não pode passar em branco. Lógico que não! Os responsáveis vão responder pelos seus atos, mas tudo dentro da ponderação e da lei do amor.

Briéla caminhou pela sala.

— Tenho certeza, que o mentor disso está em Lemúria. Muito longe do nosso sistema de justiça. Talvez, não consigamos pegar o verdadeiro culpado. O que me intriga é como suas ideias chegaram até a ODA e a quanto tempo isso vem sendo planejado.

— Eu gostaria de saber quem são esses malditos, para poder torcer um pescoço ou dois. — Esbravejou Brathía.

Briéla concordou com a cabeça.

— Deixe alguns para eu torcer também.

O semblante carregado de Brathía explicava seu estado de alma.

— O que não podemos, é ficar aqui, paradas. — Disse, olhando para PYthía. — Te juro, não sei se conseguirei ponderar ou seguir lei de amor. Mais fácil eu ralar a cabeça do filho da puta.

Briéla girou para Imperatriz.

— Mãe, será que você e Sarhin conseguem ler a mente daquelas meninas? Talvez possamos chegar mais rápido aos responsáveis.

— Sim, é claro, — respondeu Sarhin, se adiantando, — eu vou com certeza. Vou pedir a ajuda de Zranide, em três seremos mais eficazes.

— Pode ficar tranquila, minha filha, — falou PYthía, — deixe esse assunto conosco. Cuide da luta contra os lemurianos. Não gosto dessa calma que se estabeleceu. Temo que eles estejam preparando outro ataque.

— Pode deixar, vou cuidar disso.

— Zranide, já foi dormir, — disse Sarhin, — acho melhor nós descansarmos também. Amanhã será um dia cheio.

— Está bem, antes vou dar uma olhada nos relatórios de Brania e Layra, em seguida dormirei um pouco. — Falou Briéla.

Fez um sinal com a mão e caminhou em direção à saída.

Parou. Girou nos calcanhares.

— Alguma novidade sobre aquele bosta?

— SENHOR STWART, SENHOR RASKOLNIKOV. — Gritou uma voz conhecida.

O mestre girou num movimento brusco de pescoço.

— SENHOR KENWARD! — Gritou Sir Oliver. — William Kenward, graças a Deus!

O estudante correu, um tanto desengonçado, na direção do professor. Os três se abraçaram numa alegria pulsante.

— Senhor Stewart, Yuri, que bom vê-los, pensei que todos tinham morrido.

— Graças a Deus que não. Nem todos.

William sorria de orelha a orelha.

— Dei muita sorte, não sofri nada.

— Senhor Kenward, — perguntou Sir Oliver, — por acaso viu a senhorita Balding por aí?

— Sim, professor, ela está bem, sofreu só alguns arranhões. Klaus está com ela, estão procurando pela senhora Balding.

O rosto do mestre se iluminou. Yuri abriu um grande sorriso.

— Onde eles estão? — Atravessou o mestre. — Preciso falar com ela. A senhora Balding está do outro lado. Se machucou um pouco e não pode se levantar.

O rosto de William caiu em vibração.

— Por aqui, eles foram por este lado. — Disse apontando com o dedo.

Os três caminharam um pouco e avistaram os dois procurando nas cabanas.

— KLAUS. — Gritou Yuri.

O prussiano virou-se de forma abrupta.

— YURI! CARALHO... SEU BARRIGUDO DE MERDA. É VOCÊ? CARALHO, HOMEM, VOCÊ TÁ VIVO, SEU PUTO!

Os dois correram e se chocaram num abraço poeirento.

Independente do peso, os braços fortes do prussiano tiraram os pés de Yuri do chão.

— Aaahh, seu grande merda. — Falou Klaus com energia vibrante.

— Amigo, que bom te ver. — Disse o russo.

Emma se juntou ao abraço.

— Yuri, estou feliz por ver você bem.

William e Sir Oliver aproximaram-se devagar.

Meio sem jeito, se juntaram ao abraço.

Sorriam, felizes por estarem todos bem.

O mestre olhou para Emma.

— Senhorita Balding, preciso lhe falar.

Ela girou e focou os olhos do professor.

— Sim. — Sua voz era trêmula, esperando pelo pior.

— Senhorita, sua mãe, a senhora Balding está bem. Nós fomos socorridos do outro lado do prédio.

— Minha mãe? O senhor a viu?

— Sim, estive com ela.

— Como ela tá? Ela se machucou?

Sir Oliver baixou um pouco o olhar.

— No geral ela está bem, mas não consegue se levantar. Disse-me que não sente as pernas.

Os olhos de Emma arregalaram.

— Não consegue se levantar? Meu Deus! Preciso vê-la. O senhor pode me levar até lá?

— Sim, claro, mas o caminho é ruim. Eu e Yuri atravessamos um brejo. — Disse apontando para o charco.

Ela nem esperou ele terminar e começou a andar.

— Não importa, preciso ir pra lá. Tenho de ver minha mãe. — Disse com voz aflita, puxando Klaus pelo braço.

O prussiano olhou ao redor, procurando por outra opção.

— Acho que o melhor caminho é pelo brejo mesmo.

Os cinco caminharam até o limite do pântano.

Um androide se aproximou em um transleve.

— Senhores, por favor, estamos recolhendo as pessoas para o hospital. Peço que entrem no veículo.

Emma tomou a dianteira

— Não posso, minha mãe tá do outro lado. Preciso ir até lá.

O androide olhou para a moça.

— A senhora Mary não está mais lá, já foi levada para o hospital.

— Como ela tá?

— O caso dela não é grave, mas será necessário passar por uma cirurgia.

Neste momento, ela aguarda o centro cirúrgico desocupar.

— Deus! Preciso vê-la, falar que estou bem. Deve estar preocupada comigo.

— Não se preocupe, ela já sabe que vocês estão bem.

Emma pulou para dentro do transleve.

— Está bem, então vamos.

Klaus, Yuri, William e Sir Oliver também tomaram seus assentos.

— Vocês sabem alguma coisa sobre Steve? — Perguntou o prussiano com medo da resposta.

— Infelizmente, o senhor Steve ainda não foi encontrado. Um grupo de busca está escaneando o lugar, esperamos encontrá-lo em breve.

PYthía adiantou-se e segurou nas mãos de Briéla.

— Sim, já temos notícias dele, como você sabe, John foi levado por Zranide.

A testa da princesa franziu.

— Essa é a parte que eu não entendi. Por que Zranide o levou? E pra onde?

A Imperatriz soltou as mãos da jovem.

— Como todas nós, você conhece a capacidade de visão extrafísica de Zra, não conhece?

— Sim.

— Ela enxergou nele alguém que pudesse ajudar Atlântida.

Briéla ficou ainda mais confusa. Isso era visível em seu rosto.

— Bem, eu estou realmente perdida, mãe, o que você quer dizer com isso?

— Zra o levou para um lugar que foi construído nos primórdios da ocupação da Terra, quando os primeiros habitantes de Yrm chegaram por aqui. Trata-se de um laboratório especial e secreto. Pouquíssimas pessoas sabem de sua

existência.

— Laboratório secreto? Por que não me falaram nada sobre esse lugar antes?

— Porque você ainda não atingiu a idade. Ao fazer vinte anos você subirá ao trono. Passara a ser a Imperatriz de Atlântida. Durante o processo de posse, será levada até esse laboratório para aumentar alguns de seus dons.

A face da menina mostrava toda a sua perplexidade.

— Mas, por que John foi levado pra lá? Se é tão secreto, por que Zra levou um estrangeiro? — Havia uma ponta de ciúme em sua voz.

— Porque ela viu nele um Cavaleiro de Fogo.

— Cavaleiro de Fogo!? — Falou Briéla franzindo ainda mais a testa — Mãe, isso é uma lenda!

PYthía fechou os olhos.

— Talvez, talvez. O fato é que Zranide implantou o filtro ancestral no crânio do rapaz. E ele não morreu.

Briéla deu dois passos para trás.

— Filtro? Por Yrm, isso também é lenda... não é? — O silêncio consumiu o lugar. — O filtro existe? Ela implantou em John?

— Sim, — respondeu Sarhin, — foi o que ela nos disse. John já não é a mesma pessoa. É um pêndulo que oscila entre o mundo físico e o extrafísico.

— Funcionou? O filtro funcionou como conta a lenda?

— Zra diz que sim. — Falou PYthía.

— Onde ele está agora? — Perguntou a General.

— Ele foi para Lemúria, para cumprir sua missão.

— Missão? Que missão?

— Nós também não sabemos, Zranide não falou nada sobre isso. E quando perguntamos, ela foi evasiva.

Briéla sentiu um aperto no coração, mas não se deixou abalar.

— Ele foi sozinho pra Lemúria? É muito perigoso, ele vai morrer lá. Alguém pensou nisso?

PYthía encheu os pulmões de ar.

— Se ele está com o filtro ancestral, então terá como se defender.

Briéla olhava o chão pensativa.

“Sozinho? No meio dos inimigos? Será um alvo muito fácil.”

Balançou a cabeça e optou por banir pensamentos sombrios. Resolveu trocar de assunto.

— E os cálices que perderam flutuação, muita gente ferida?

PYthía baixou os olhos, sua face traduziu sua tristeza.

— Sim, são muitos, este é o maior desastre dos últimos trinta mil anos.

Briéla fechou os olhos devagar. E em seguida, os abriu focando o chão.

— A culpa é minha, eu estava no comando.

Sarhin abraçou a princesa.

— Não, não há como prever essas coisas. As nossas linhas de defesa eram perfeitas. Tanto que o ataque dos lemurianos foi rechaçado com facilidade. Ninguém esperava um ataque vindo de dentro. Esse é um fato novo e teremos de lidar com isso de agora em diante.

Briéla concordou num aceno. Mais uma vez, afugentou pensamentos sombrios.

— Precisamos descobrir quem e por quê. Aquelas meninas não agiram por conta própria. Tinham até um veículo de fuga. Havia um plano de suicídio caso fossem pegas. Elas tinham bombas implantadas no pescoço como último recurso de morte! Tudo isso é muito macabro. Quem teria capacidade de implantar bombas em uma garotinha de quinze anos?

— Lemurianos. — Afirmou Brathía.

PYthía tomou a palavra.

— O dia hoje foi muito cheio, todos precisamos descansar. Amanhã tentaremos descobrir quem está por trás disso.

O transleve pousou como uma pena no hangar do hospital. Uma multidão de mulheres se espremia no hall de entrada, atrás de notícias sobre pessoas queridas. O movimento dos andróides era frenético. Tentavam em vão atender àquela multidão em pânico.

No interior da enfermaria, era uma procissão de dor e sofrimento. Anestesiadas, as mulheres de Hathor não sentiam a dor física, mas o medo e o horror da guerra dilaceravam seus corações. Ninguém acreditava que a maior

nação da Terra poderia sofrer um ataque como aquele.

Um robô se aproximou dos estrangeiros.

— Senhores, sigam-me por favor.

Eles aquiesceram e caminharam atrás do autômato.

Emma ia mais a frente, movida pela ansiedade de ver sua mãe.

Entraram em um quarto pequeno, uns oito metros de comprimento por quatro de largura. As paredes eram pintadas em cinza claro, quase gelo. Ao fundo, uma janela permitia entrar a luz tênue do exterior. Quatro camas de enfermaria se alinhavam uma ao lado da outra. Todas preenchidas. Mary descansava, na segunda após a entrada.

Emma se aproximou tentando colocar um sorriso no rosto.

— Mãe, — falou, deixando as lágrimas escorrerem livremente, — mãezinha.

Ver a filha foi como sair do inferno e subir direto para o céu. A alegria invadiu o coração da senhora Balding. Lágrimas foram a resposta imediata.

— Filha, minha filha, graças a Deus! Você está bem! Graças a Deus... Ai meu De... Tive tanto medo, tive tanto medo.

Emma abraçou sua mãe.

— Eu também tive... Ai Deus, pensei que... Graças a D...

Choraram juntas, se abraçando, se acariciando, olhando nos olhos e chorando outra vez.

Emma brincava com os cabelos de Mary.

— Como a senhora tá? Sente dor em algum lugar?

Mary relaxou e imprimiu um leve sorriso ao rosto.

— Estou bem. — As lágrimas que tinham dado uma trégua, voltaram. — O médico falou que eu sofri uma lesão na coluna. Por isso que não sinto as pernas.

— Meu Deus! Isso tem cura? A senhora vai andar de novo, não vai?

Mary respirou fundo.

— Não sei, não sei. — Disse, tentando enxugar os olhos. — O doutor disse que vai me operar.

— Santo Deus! O médico flou mais alguma coisa?

— Ele foi otimista. Disse que eles têm como consertar isso.

— Será que demora muito?

— Não sei. O médico falou que estão atendendo primeiro as pessoas com risco de vida.

— Mãe, podemos tentar apressar as coisas, falar com a Imperatriz, pedir para...

Mary enxugou as lágrimas que escorriam pelo seu rosto.

— Não será preciso, o médico falou que serei operada em algumas horas.

— Mãe, essa operação é perigosa?

— Eu não sei filha, acho que não.

Sir Oliver interrompeu a conversa.

— Desculpem atrapalhar. No acidente, eu quebrei dois ossos da perna. Fui operado ali mesmo, no meio da floresta. Durou apenas alguns minutos. Pensei que fosse usar talas por dias, mas em menos de meia hora eu andava como se nada tivesse acontecido. Eu acredito que a operação deverá ser rápida e segura.

Mary fez um sinal afirmativo com a cabeça.

— Espero que sim. E os outros onde estão?

O professor abaixou a cabeça.

— Tom e Joseph...

A expressão de Mary mudou, externando a tristeza que habitava sua alma.

— Eu já sei, já me falaram sobre eles.

Sir Oliver fez um movimento com a cabeça.

— Eu vi os dois. Os ferimentos foram muito graves. Os socorristas não chegaram a tempo.

Mary ficou em silêncio por um momento e perguntou.

— E Steve?

Klaus segurou a mão de Emma.

— Tá desaparecido, ninguém sabe nada dele, ainda não foi encontrado.

Yuri balançou negativamente a cabeça.

— Mais um dos nossos que some.

Mary olhou para o russo.

— Senhor Raskolnikov, o que o senhor quer dizer com isso?

Yuri deu de ombros

— Será que essa coisa num tá tudo armado?

O rosto do professor tornou-se sério.

— Impossível, muitas mulheres de Hathor também foram feridas e mortas. Eu vi os cadáveres.

Yuri não se deu por vencido.

— Sim professor, eu também vi. Mas com tantos robôs, coisas que falam, coisas que voam, coisas sabe lá o que. Será que esses cadáveres não são bonecos? Será que esses prédios caíram mesmo ou foi tudo uma grande mentira?

Sir Oliver balançou a cabeça.

— Mentira, por quê?

Yuri baixou o rosto.

— Sei lá, professor. O que sei é que Tom e Joseph morreram. — Sua voz era melancólica, triste. — Steve e o menino John sumiram.

John acordou horas depois. Era madrugada e a casa estava em silêncio. Ouvia o vento lá fora e, também, o ronco de Kringo em seu quarto.

Levantou-se na ponta dos pés e caminhou, tentando não esbarrar em nada.

Olhou para a porta do quarto de Carmin, um leve sorriso se desenhou em seus lábios. Fechou os olhos e enviou pensamentos positivos para a menina.

“Adeus, fique em paz, seja feliz.”

Colocou sua atenção na porta de saída.

“Espero que não esteja trancada.”

Continuou sua jornada, sem tocar em nada. Com as cortinas fechadas, o lugar ficava bem escuro. No entanto, isso não era problema para John. Sua terceira visão conseguia ver tudo, Até mesmo o interior dos armários fechados.

Se aproximou da porta e olhou para o interior da fechadura. Estava trancada.

Tocou a maçaneta e sentiu tudo no interior. Sua confiança aumentou e, com a mente, segurou o mecanismo interno com firmeza.

Sob o poder de sua vontade, o embolo girou no interior da fechadura. A porta se abriu.

O Cavaleiro de Fogo aprendia a usar os seus novos poderes.

John fechou a porta sem fazer barulho e seguiu o seu caminho.

Tinha um destino definido. Após a viagem ao passado, John conseguia lembrar de detalhes das antigas cidades de Lemúria. Mais para o interior do continente, existiu um importante laboratório, localizado na cidade de Siaantor. Uma construção militar usada no desenvolvimento de armas. Foi lá que ele, vivendo como General Kirt Trezo, ativou uma das mais terríveis armas já vistas pela humanidade, os nanodroids.

Era para lá que ele ia. Sabia que o tempo transformara aquele lugar em ruínas. De qualquer modo, era a única pista que tinha. Siaantor, seria sua primeira parada.

Não tinha esperança de encontrar o que procurava. Nos últimos três mil anos, a cápsula poderia ter sido transportada para outro lugar. Mas, com suas novas percepções, John sentia que ela existia. Estava em algum lugar do planeta Terra.

Aquele não era um quarto comum. A cama bem maior do que o normal, o colchão ondulado com curvas irregulares. Deveria ser horrível dormir ali. Exceto se você fosse um lagarto de dois metros e tanto de altura. Neste caso, seria ideal.

ThreCumb acordou refeito.

Fora a experiência mais aterrorizante que atravessou na vida. Sentiu a morte em todas as suas cores. A agonia das células perdendo o contato com o espírito. Foi muito mais do que desagradável, foi desesperador.

Passou a mão pela cabeça. Seu novo corpo respondia bem. Nesta materialização, foi usado um mecanismo de rejuvenescimento. De modo que se sentia bem mais jovem. Estava revigorado e ansioso para entrar em ação.

Levantou-se, espreguiçou com exagero. Caminhou até o banheiro de seu quarto, urinou quase dois litros. Olhou-se no espelho.

“ Esse corpo é muito mais novo! Tenho, outra vez, uma vida inteira pela frente.” Pensou o recém-chegado

Sentiu-se feliz e arriscou alguns malabarismos, que costumava fazer na juventude. Um sorriso tolo nasceu em seus lábios ao conseguir a façanha.

— **Uma vida inteira pela frente!** — Falou consigo mesmo.

Sua alegria se justificava. Em Warnnenia, ele era um velho. Na Terra, era um jovem recém-saído da adolescência.

No entanto, ninguém é dono do destino, seus dias estavam contados.

O pequeno relógio de cabeceira disparou o alarme, e o barulho irritante se espalhou pelo quarto. Grasso Vardin despertou, olhou para o aparelho, estendeu a mão e o desligou.

Sua esposa, Acati Vardin, também acordou, mas fez de conta que não ouvia o relógio.

O Grão Vizir se espreguiçou.

— Bom dia Cat! — Falou meio sonolento.

Acati se virou na cama, mas continuou deitada.

— Bom dia querido, dormiu bem?

Grasso se sentou na cama.

— Sim, muito bem, como há muito não dormia.

Era mentira, não dormira nada bem. Os últimos acontecimentos e suas decisões roubavam-lhe o sono.

Acati se espreguiçou com delicadeza. Sentou-se na cama e abraçou os joelhos, forçando-os contra o peito.

— Que bom, algum motivo especial para isso?

Vardin estranhou a pergunta. Não sabia ao certo o que responder.

— Sim, meu amor, sim. Depois de anos de planejamento, chegou a hora de fazer as coisas acontecerem.

Ela baixou a cabeça, seu semblante denotava preocupação.

— Grasso, você tem certeza de que quer se tornar Imperador? Pense bem, como Grão Vizir, você governa sem ter de se responsabilizar por tudo.

— Cat, isso é muito pouco para mim. Não pretendo ser apenas Imperador de Lemúria.

— Não?

Ele se levantou, com olhos fixos nela.

— Não, meu amor. Isso também seria muito pouco para mim. Farei o que nenhum homem jamais fez. Eu serei o Imperador supremo das duas faces desse planeta.

Delicada, Acati se colocou em pé.

— Mas por quê? Querido, você não precisa disso. Temos uma vida ótima aqui. Somos respeitados. Governamos a segunda maior potência da Terra. Por que querer mais do que isso.

Grasso Vardin sorriu.

— Não é por mim, Cat, que faço isso. É por toda a humanidade. No centro da Terra, as duas nações vivem em constante atrito. Na crosta externa são muitos os países que mal saíram da idade da pedra. Meu sonho é unir todos em uma só nação. A grande nação do Planeta Terra. Todos têm direito ao conhecimento que temos aqui na face interna. No tempo em que os humanos viviam em Yrm não existiam nações. O planeta inteiro era uma só família. A Terra também merece isso. O que faço não é por ganância ou sede de poder. Não dou a mínima para o poder.

Acati retirou o pijama. Colocou um vestido longo, que caiu bem em seu corpo esguio.

— Entendo, o seu ponto de vista. Mas existem muitas forças políticas a serem convencidas. Seu sonho é belo, mas nunca será conseguido com a força.

Vardin também jogou de lado seu pijama.

— Eu sei, mas existe um momento para cada coisa. Há tempos em que o governador deve ser brando e outros em que deve mostrar suas garras. Haverá muitos entraves, bem o sei. Mas o sonho de igualdade merece ser sonhado... E deve ser perseguido, nem que para alcançá-lo, seja necessário a força.

O rosto de Acati deixava patente sua estranheza

— Isso é muito perigoso. Acho que não vale a pena.

— Sim, eu sei, é audacioso. Mas o plano foi muito bem desenhado. O primeiro passo foi iniciar a guerra. O próximo, será eu ser coroado como Imperador. Depois, derrotar e anexar Atlântida. Por fim, quando todo o Centro da Terra estiver sob o meu comando, levaremos nossas poderosas naves para doutrinar todas as nações da Terra.

A cada minuto, Acati se tornava mais incomodada.

— Grasso, suponhamos que tudo dê certo, o que você fará depois?

Os olhos de Vardin brilhavam como a vislumbrar imagens do futuro.

— Construirei o nosso palácio na Lua. Você sabe, muitos serão os interessados em derrubar o Imperador. Vou democratizar o conhecimento. Vou educar os selvagens da superfície e controlar com punho firme os habitantes do

centro da Terra.

Ele caminhou pelo quarto, apreciando as imagens que se formavam em sua mente.

— Eu assentarei o alicerce, sobre o qual nossos filhos construirão o maior poderio dessa Galáxia.

Acati balançou a cabeça negativamente.

— Grasso, acho tudo isso muito perigoso e sem senso prático.

A testa do Grão Vizir enrugou.

— Cat, você não entende de política. Esse não é o seu mundo. Você é uma artista e tem o costume de ver cores em tudo. Deixe a política comigo, e se prepare para ser a Imperatriz da Terra. Nossos filhos precisarão de uma mãe sensível e um pai enérgico.

— Posso não entender de política, mas o Imperador está vivo e possui muitos súditos fiéis. Como você pretende resolver isso?

Grasso deu um sorriso disforme, quase demoníaco.

— O Imperador é um homem doente, não viverá muito tempo.

Em Hathor, logo no começo do dia, Briéla convocou uma reunião com a cúpula da IFA.

Eminentes figuras das Filhas de Atlântida encontravam-se na sala de conferência.

No púlpito Briéla, Brathía, Brania e Layra. Suas expressões tensas e carregadas traziam para o lugar a importância histórica daquele momento.

Layra foi a primeira a falar.

— Filhas de Atlântida, ontem conseguimos, com facilidade, rechazar o ataque dos lemurianos. Foram apenas minutos de batalha. Mas ainda assim saímos derrotadas. A ofensiva deles foi apenas uma farsa, uma distração para tirar nossa atenção do verdadeiro ataque que destruiria uma de nossas usinas de energia...

... Foi um plano bem arquitetado e bem executado. Ontem, muitas pessoas, que devíamos proteger, morreram sem a menor chance de se defender. O inimigo foi covarde, atacando civis desarmados e indefesos.

Layra tomou um gole da água.

— Por sorte, conseguimos prender as terroristas que fizeram o ataque. Para

nossa surpresa são mulheres de Atlântida. Membros da ODA. Não sabemos como tudo isso começou, elas não estão em condições de falar. Assim, por segurança, todas as pessoas que são membros da ODA foram detidas. Não só elas, mas todas as mulheres que moravam nos cálices atingidos e se mudaram antes do atentado...

... Vamos rastrear todas as possibilidades. As duas terroristas permanecem hospitalizadas. Mas, ao que tudo indica, fritaram os cérebros delas. Talvez, não conseguimos tirar nada daquelas meninas...

... Nossa reunião de hoje é para decidir os nossos próximos passos. Não podemos ficar apenas na defensiva. O Conselho Administrativo, representado aqui pela ilustre ex-imperatriz Brathía Austhrum, nos deu carta branca para manter a segurança e a paz nos territórios de Atlântida.

Um longo aplauso encheu o salão.

Layra se afastou do púlpito.

Briéla a cumprimentou e tomou o seu lugar.

— Estamos atravessando um momento histórico. Por várias vezes na história da humanidade terrestre a guerra se instaurou entre Atlântida e Lemúria. Ao que parece, nunca conseguiremos viver em paz...

... O armistício, que parecia sólido e conciso era apenas uma máscara. Uma cortina de fumaça para esconder o punhal que cravariam no nosso peito. Fomos tolas, agimos como idiotas, pensamos como crianças, enquanto eles preparavam uma armadilha sórdida e traiçoeira....

... Fizemos o papel de fantoches na mão de uma mente diabólica que vive entre os Lemurianos. Esta pessoa, ou grupo de pessoas, arquitetou todo esse plano. Desde antes da abertura daquele maldito portal até culminar nas ações de ontem...

... Está claro para mim agora, que tudo o que aconteceu faz parte de um script muito bem encenado.

Briéla fez uma pausa e correu a vista pela audiência.

O anfiteatro, embora lotado, permaneceu em silêncio.

— Tenho certeza — continuou a General — de que o plano não terminou com os fatos que acabamos de relatar. Existem outras fases que estão por desenrolar nos próximos dias. Nossa missão é interceptar esse plano e neutralizar seus pontos de ação. Não quero ver mais morte entre os nossos. Lemúria já provou para mim que não é digna de nossa confiança.

... Lemúria é um inimigo venenoso, mortal e perverso. Lá vivem,

escondidos, a escória da humanidade. Homens que pensam no poder pelo poder. Corações vazios e mentes adoentadas. Não podemos ficar paradas esperando que esse tipo de gente tome a iniciativa. Não podemos ficar inertes, olhando esses vermes matarem nossas irmãs. Atlântida não pode se acovardar neste momento.

O silêncio permaneceu, e Briéla continuou.

— Há mais de três mil anos que nós, mulheres de Atlântida, não podemos contar com um companheiro ao nosso lado. Isso porque as mentes doentias dos lemurianos nos bombardearam com a mais vil e impiedosa arma da história. Uma arma mata bebês, embriões dentro do útero. Profanando o lugar que deveria ser o mais sagrado do universo...

... É por isso que, eu, Briéla Austhrum, filha de PYthía a Imperatriz, venho até vocês para pedir o apoio no sentido de parar esses desmandos de Lemúria. É com aperto no coração que peço a vocês permissão para matar o maldito imperador de Lemúria...

... Tomar aquele país à força. Colocar lá as nossas leis. Transformar aquela terra miserável em província de Atlântida. Varrer para sempre o nome ‘Lemúria’ da história. Vamos à guerra, para tomar o poder desses malditos!

Terminou com um murro na mesa.

O anfiteatro explodiu em gritos de apoio.

Capítulo 22

Sem o Pegasus, John precisava caminhar pelas antigas estradas de Lemúria.

A maioria delas tinham sido construídas a milênios, e as manutenções não eram feitas com a frequência necessária.

As vias encontravam-se em péssimo estado. Contudo, a despeito disso, elas ainda suportavam grande volume de tráfego. Veículos de todos os tipos usavam aquelas estradas.

Pensou em roubar um carro motorizado ou algo parecido, mas isso colocaria seu disfarce em risco.

Optou por seguir seu caminho a pé.

Depois de dez quilômetros de caminhada, com sua terceira visão, John percebeu um veículo abandonado a uns setecentos metros fora da estrada.

Saiu da via e rumou na direção do carro que virá em seu pensamento.

A vegetação espessa dificultava o avanço, mas com perseverança ele encontrou o móvel.

O veículo tinha sido roubado a há vários anos. No interior duas pessoas mortas. Dois esqueletos amarrados e jogados no banco de traz. Eram apenas ossos, mas John lia a expressão de terror em seus rostos.

O rapaz firmou o pensamento nos dois e viu a cena do assassinato. Formavam um casal e faziam uma viagem corriqueira quando foram abordados na estrada. Os bandidos roubaram seus pertences, amararam os dois e os colocaram no banco de trás. Dirigiram até aquele lugar. Atiraram nos dois e foram embora, deixando eles sangrarem até a morte.

O inglês, retirou os esqueletos com cuidado e os colocou lado a lado no chão. Pediu em pensamento autorização para usar o carro.

Sentiu vontade de sepultar os dois, mas não havia tempo.

“O sepulcro não faz o menor sentido para o espírito.” Pensou.

Fez uma prece, desatou os nós e uniu os esqueletos pelas mãos.

“Deus os abençoe.”

Olhou para o lado e viu a mulher se aproximando. Era a dona de um dos esqueletos.

Ela sorriu.

“Obrigada por se importar conosco.”

John ficou sem palavras.

“Eu sinto muito, foi horrível o que vocês passaram.”

Ela olhou para os ossos, não havia tristeza em seu olhar.

“Tudo tem um propósito, nada acontece por acaso. Há muito que já perdoamos os agressores. Não sabiam o que faziam. Eles também já retornaram para cá, faz pouco tempo. Nós os ajudamos na passagem. O ódio não leva a nada. O amor sim, merece atenção. A vida é muito maior do que imaginamos.”

O inglês concordou num movimento de cabeça.

O sorriso dela se tornou mais brilhante.

“John,” falou, “o carro é seu, pode usá-lo à vontade.”

“Obrigado, para mim vai ser muito útil.”

“Vá em paz.” Ela disse enquanto desaparecia.

John respirou fundo.

Se afastou, deixou para trás os dois de mãos dadas. Entrou no veículo, era um modelo alimentado por bateria nuclear.

John deu partida nos motores elétricos.

Sorriu ao ouvir o som do mecanismo funcionando.

Fez seu caminho, procurando por espaços seguros para chegar à rodovia.

A viagem se tornou menos penosa.

Segundo o que lembrava, Siaantor ficava a uns quinhentos quilômetros continente adentro.

O carro fazia com facilidade cem quilômetros por hora, o que dava a esperança de iniciar sua missão ainda naquele dia.

A paisagem tosca revelava a pobreza de Lemúria. Guetos e favelas se espalhavam sem controle. As comunidades pobres pareciam se multiplicar naquele país.

A fome também rondava os cidadãos das pequenas cidades. Crianças magricelas encaravam a estrada com olhos esbugalhados, na esperança de que alguma migalha fosse lançada dos carros que passavam em grande velocidade.

Com a terceira visão aguçada, John via a violência de um modo diferente.

Pessoas encarnadas e desencarnadas se aglomeravam com o propósito de formar grupos de revolta. Dar vazão ao ímpeto de vingança que fluía dentro deles.

Era um quadro aterrador, fruto de milênios de opressão social.

À medida que avançava para o interior, as cidades surgiam mais espaçadas. Eram também menos violentas, mais bem organizadas e mais harmoniosas.

As horas passaram e Siaantor surgiu diante do jovem inglês.

Como já sabia, eram apenas ruínas invadidas pela vegetação. Não havia ali sequer um vilarejo. A grande metrópole tinha sido abandonada há perto de dois mil e quinhentos anos por causa de um acidente nuclear.

Ele escondeu o carro e seguiu o resto do caminho a pé.

A custo conseguiram descansar um pouco. Mary dormiu sob o efeito de sedativos. E o resto do grupo, com receios de também desaparecer, se ajeitaram pelos cantos do quarto de enfermaria.

Dormiram sonos sofridos, carregados de pesadelos, dores e desesperos.

O mestre acordou, olhou em redor e, quase por instinto, contou as pessoas para se certificar de que não faltava ninguém.

Suspirou aliviado ao constatar que o número estava certo. Quase certo, faltavam quatro. Quatro pessoas sonhadoras, cheias de vida. Amigos que atravessaram o Atlântico em busca de seus sonhos. Colocou a mão no rosto tentando raciocinar sobre tudo o que tinha acontecido. Todos os fatos que se encadearam desde que encontraram aquele papel em Cambridge.

Lamentou em pensamento por ter deixado seus alunos, as aulas de história, sua casa, a faculdade para correr atrás de um tesouro.

Respirou fundo tentando afastar os pensamentos negativos. Afinal aquele era ele. Seu espírito de pesquisador não conseguiria agir de forma diferente. Sempre preferiu ser um cientista de campo. Nunca se dera muito bem no posto de catedrático de universidade.

Se espreguiçou, as costas doíam por causa da posição em que dormira. Se levantou, sentia fome. Há muitas horas não comia nada.

Um androide entrou.

— Senhor Oliver bom dia!

— Bom dia, meu amigo. — Respondeu com voz fraca e cansada.

— Senhor Oliver, os senhores precisam descansar melhor. Não foi uma boa ideia ficarem aqui na enfermaria. As poucas camas estão ocupadas. Tenho certeza de que não descansaram bem.

— Sim, talvez você tenha razão.

Com seu rosto inexpressivo, o androide apenas olhou por alguns segundos o mestre.

— Senhor, daqui a pouco, a senhora Mary será operada, o senhor sabe, ela sofreu uma lesão na coluna.

— Sim, eu sei. E quero estar junto para assistir tudo.

Emma acordou, se espreguiçou com rosto sofrido.

O professor a ajudou a levantar-se de sua cama improvisada.

— Senhorita, eles pretendem operar a senhora Balding em alguns minutos.

A expressão de medo da jovem dizia o que ia em seu coração.

O androide percebeu e se adiantou.

— Pode ficar tranquila, a operação é simples e sem riscos. Utilizaremos um reconstrutor biomolecular para esta intervenção. Sua mãe estará anestesiada e não sentirá nada. Se tudo acontecer como planejado, ela poderá andar logo que acorde.

— Eu gostaria de acompanhar a operação. — Insistiu o mestre.

— Infelizmente, não será possível acompanhar de dentro da sala de cirurgia, mas vocês poderão assistir através de monitores tridimensionais.

Klaus já estava acordado há algum tempo. Permanecera sentado para descansar um pouco mais.

— Escuta uma coisa, meu chapa, — disse com voz alterada, — ela não vai sumir como os outros dois, vai?

O robô virou-se para o prussiano.

— Sumir?

— Sim, desaparecer como o Steve e o John. — Disse entre os dentes.

— Senhor Klaus, é verdade que ainda não encontramos o senhor Steve. Mas as equipes de busca continuam procurando.

— E quanto ao menino John? — Voltou a inquirir o ex-marinheiro.

— O senhor John não é mais considerado desaparecido.

— Não? Por que não? — Foi a vez de Sir Oliver perguntar.

O androide girou para o mestre.

— O sistema central não tem informações de onde ele está. Sua posição foi considerada como segredo de estado. Seu paradeiro é conhecido apenas pelo alto-comando militar e pela Imperatriz. Para saber mais detalhes, vocês precisarão falar com a administração central.

Aquela informação chegou como um furacão devastador. A mente de Sir Oliver parecia ferver. Ia perguntar mais alguma, mas dois outros andróides entraram.

O androide médico girou na direção da mãe de Emma.

— Senhores, levaremos a senhora Mary agora. — Disse, enquanto caminhava até a cama onde ela dormia.

Tocou de leve em seu ombro.

— Senhora Mary, acorde por favor.

Ela abriu os olhos, um tanto desorientada.

— Hã.

— Iremos levá-la para a sala de cirurgia.

Ela acordou de vez.

— Agora?

— Sim, peço que fique calma. Como já disse, é uma operação simples.

Mary concordou com a cabeça.

Sem perder mais tempo, os robôs a levaram para fora do quarto.

Os estrangeiros seguiram logo atrás, como se fosse uma procissão.

Caminhou com desenvoltura pelos corredores, se acostumando com as novas pernas e braços.

ThreCumb, embora encantado, sabia o que devia ser feito. O primeiro passo seria desenvolver um sistema de defesa coerente. Precisava se proteger pois a guerra já era uma verdade entre Atlântida e Lemúria.

Entrou em seu transleve e foi direto para o laboratório de pesquisa, construído especialmente para ele.

Seu quarto não era longe, de modo que em poucos minutos entrou no salão

principal.

O sacerdote já o esperava.

Sua curta viagem foi desajeitada e incômoda, o transleve, pequeno para ThreCumb, o obrigava a manter as pernas encolhidas.

Teve dificuldade para descer do veículo.

— Seja muito bem-vindo Lord ThreCumb. — Falou o sacerdote.

— **Você, quem é?**

— Eu sou Drésno Kunfár, o Sacerdote Mor, eu ajudei na transferência da sua consciência para o novo corpo. É um prazer conhecê-lo pessoalmente.

ThreCumb franziu a testa e estendeu a mão.

— **Prazer. Onde fica o meu laboratório?**

O Drésno sorriu.

— Estamos na entrada principal, mas o laboratório é logo ali, siga-me, por favor.

Os dois caminharam lado a lado por uma saída lateral. Pegaram um corredor largo. O chão e as paredes eram rústicos, quase sem acabamento. Portas se distribuíam pelos dois lados de modo uniforme.

Entraram em uma delas.

Era um misto de laboratório técnico com indústria de manufatura. Possuía instrumentos de pesquisa e máquinas para transformação de matéria prima.

Os olhos do warnnene brilharam.

— **Bom.**

Drésno estendeu a mão, apontando os equipamentos.

— Tudo foi construído conforme as especificações que o senhor fez. Espero que esteja do seu agrado.

— **Está... Está.**

Caminhou até alguns equipamentos e fez alguns testes.

— **Correto, parece funcionar bem.**

O Grão Vizir entrou pela porta.

— Lord ThreCumb, bom dia! Como o senhor se sente com o novo corpo?

O warnnene se virou e o encarou.

— **Grasso Vardin, esse corpo é bom, vai servir bem.**

Vardin correu os olhos pelo laboratório.

— E então, gostou do lugar?

— **Vai servir, vai servir.**

Grasso acenou com a cabeça.

— Lord ThreCumb, qual o nosso próximo passo?

O lagarto olhou para os equipamentos.

— **Primeiro, vou construir um canhão de bósons.**

— Canhão de bósons?

— **Sim, preciso garantir a minha segurança. Depois, construirei o túnel de matéria exótica.**

Uma ideia surgiu na cabeça do Grão Vizir e fez um sorriso nascer em sua boca.

— Ótimo. Quanto ao canhão de bósons, o senhor poderia construir dois? Tenho informações de que seremos atacados pelas Atlantes em breve. O inimigo tentará mostrar seu poderio bélico. Assim, seria interessante dar boas-vindas para elas.

O warnnene pensou um pouco.

— **Não posso, esta é uma arma muito perigosa.**

— Concordo com o senhor, mas sua segurança seria ainda maior. Tenho certeza de que Lord ThreCumb sabe das videntes de Atlântida.

O extraterrestre fechou os olhos e se concentrou.

— **Sim, sinto a presença delas.**

Vardin fez um rosto expressivo.

— Tenho certeza de que elas sentem o senhor também.

ThreCumb olhou para os lados a dúvida era patente em sua mente.

— **Sim, eu sei que sentem, mas não posso construir outra arma.**

O Grão Vizir concordou com a cabeça.

— Está bem então, mas é meu dever alertá-lo de que Atlântida vai atacar a qualquer momento. E pelo que estou informado, virão com encouraçados espaciais. Dois canhões seriam muito melhores do que um, numa luta contra essas naves

poderosas.

— **Encouraçados...** — Disse o warnnene com mais dúvida.

— Sim, se elas destruírem esse laboratório, todo o nosso plano irá por água a abaixo. Podemos perder a guerra por causa disso. Desculpe-me, Lord ThreCumb, estar forçando o senhor. Sei que precisamos proteger esse lugar, mas o mais importante é garantir a segurança do senhor.

Um nó parecia se formar na cabeça do homem-lagarto. Ele balançou e quase disse sim.

— **Não, não vou construir duas aramas. Prefiro correr o risco. Embora elas consigam sentir a minha presença, não sabem onde eu estou.**

Vardin baixou o olhar, visivelmente desapontado.

— O senhor é quem sabe, Lord ThreCumb.

Leflan dormiu por horas na cama de palha seca. Em suas viagens, pala a crosta exterior, conhecera várias masmorras, bastante semelhantes àquela. Um cubículo, cheirando a bolor, de um e meio por três metros. As paredes, em rochas disformes e salientes, chegavam a escorrer água de tão úmidas.

Uma porta de madeira grossa e tosca o separava do mundo. Na parte inferior desta havia uma abertura retangular por onde entrava comida e água.

Na última refeição, não conseguiu comer quase nada. O alimento estava passado, malcheiroso e com sabor horrível.

Se levantou e caminhou em círculos por alguns instantes.

Ouviu passos.

Colocou-se em alerta e se posicionou ao lado da porta.

— Comida! — Alguém gritou do lado de fora.

O carcereiro, com uma ferramenta, puxou o prato da noite anterior.

— Tava sem fome? — Perguntou com deboche na voz.

“Não dá pra comer essa bosta.” Pensou Leflan.

— Não estava muito bem do estômago. — Disse por fim. Sabia que se fosse áspero, ficaria sem comer durante todo o dia.

— Ah, barriguinta delicada. — Falou o carcereiro, enquanto empurrava o café da manhã. — Quem sabe essa aqui não bate melhor.

— Vai ser melhor, com certeza. — Replicou o espião.

Embora faminto, Frésnigo esperou o homem se afastar.

A bandeja parecia que não era lavada há meses. Em cima, um pãozinho e uma caneca com café misturado com leite.

Pegou a caneca e a trouxe até o nariz. Cheirou, procurando pelo odor de substância entorpecente ou venenosa. Colocou a borda nos lábios. Despejou um minúsculo gole na boca. Fechou os olhos e colocou toda atenção no sabor. Estava fria, o leite apresentava um leve sabor de fermentação, mas ainda em condições de ser bebido.

“Não, não está envenenado.”

Fez o mesmo com o pão, se preocupando mais com a presença de fungos

“Bem, isso aqui dá pra comer. Além do mais, preciso repor minhas energias.”

Comeu tudo.

“Quando a fome aperta,” pensou, “qualquer porcaria é um banquete.”

Sentou-se na cama de palha. Repassou, mentalmente, todos os acontecimentos, desde Cambridge até o momento em que foi preso. Concluiu que, dentre todos os fatos, o único que lhe saiu do controle foi a perseguição ao Phobus IV.

“Será que me prenderam aqui por isso?”

“Qual outro motivo?”

Por mais que pensasse, não conseguia encontrar uma explicação para Drésno Kunfár cometer um ato covarde como aquele.

“Existe algo nas entrelinhas que não estou conseguindo ler.”

“Será que o Grão Vizir está sabendo que estou preso?”

Chacoalhou a cabeça com força.

“Não, Grasso Vardin é meu amigo. Eu estava lá quando traçamos o plano para derrubar o Imperador.”

Respirou fundo, se levantou e caminhou até a porta. Colocou os ouvidos na madeira grossa, para ouvir o exterior.

Nada, o carcereiro já tinha ido embora.

Resolveu se exercitar para evitar que seus músculos se atrofiassem.

Todos os hospitais de Hathor estavam lotados. Eram vítimas do ataque terrorista. Até mesmo o hospital militar tinha todos os leitos tomados. Contudo, não era por causa das vítimas que três personagens ilustres desembarcaram ali.

A Imperatriz, seguida de sua avó Sarhin e de sua trisavó Zranide, entrou por um dos corredores do grande prédio.

À frente delas, ia o androide médico, mostrando o caminho.

Entraram no quarto, onde Flavínia permanecia deitada.

O médico falava sobre o comportamento dela.

— Essa menina quase não pregou os olhos. Só, há pouco mais de uma hora, conseguiu adormecer. Passou toda a noite olhando para um ponto fixo no teto.

PYthía fez um leve aceno com a cabeça. Observou a garota com olhos complacentes.

Do ponto de vista físico estava bem. Respiração compassada, batimentos cardíacos ritmados e os gráficos mostravam que a bioquímica do corpo permanecia dentro do padrão. No entanto, um transtorno psíquico a dominava por completo.

— Ela está assim desde que a princesa a trouxe ontem. Não moveu um músculo sequer. — Informou o androide.

As três senhoras se aproximaram em passos sincronizados.

Zranide tomou a dianteira e segurou na mão de Flavínia.

A moça estremeceu ao toque da anciã.

— Pobre menina. — Falou baixinho.

PYthía e Sarhin também tocaram na moça.

Fecharam seus olhos e se concentraram na mente dela.

— Você consegue ver, PYthía minha neta, consegue ver o transtorno?

— Vovó, está um pouco confuso para mim. Flavínia não está em seu corpo físico? — Perguntou a Imperatriz.

— É verdade, — falou Sarhin, — ela não está ligada ao corpo.

Zranide respirou fundo.

— Não, não está. Vocês não conseguem ver?

PYthía e Sarhin relaxaram um pouco mais e tentaram aprofundar sua

concentração.

Zranide saiu totalmente de seu corpo físico.

“Minhas filhas, cuidem de meu veículo para mim,” falou em telepatia, “vou atrás do motivo desse sofrimento.”

“Zra, o que você está vendo?” — Perguntou PYthía.

Zranide virou-se para as duas.

“Coloquem toda atenção no lóbulo frontal dela.” Pediu.

Elas seguiram as instruções da anciã.

Sarhin foi a primeira a ver.

PYthía foi além, deixou o corpo físico e então pode ver melhor.

— Zra, o que é isso? — Perguntou a Imperatriz.

Zranide, em seu perispírito, era uma mocinha de uns vinte anos, lembrava Briéla, mas com um brilho mais lúcido no olhar. Seu peito emitia uma luz rosa, que transmitia paz.

— Isso, PYthía, é uma antiga arma warnnene, muito rara, há milênios que eu não via uma dessas.

— É por causa disso que Flavínia não consegue retornar para o corpo?

— Sim, essa névoa que você vê é uma matéria mental, que leva uns cem anos para plasmar. Por isso é tão rara. Seu uso só se justifica em situações muito importantes.

— Como os lemurianos conseguiram uma arma como essa? — Perguntou a Imperatriz.

— A cápsula, talvez...

Zranide focou sua atenção na névoa.

— Venha, PYthía, vou lhe mostrar uma coisa. — Falou a anciã. — Sarhin, por favor cuide de nossos corpos.

A avó de PYthía, que permanecera em seu físico respondeu em pensamento.

“Podem ficar tranquilas que eu cuido dos veículos.”

“Obrigada.”

Zranide segurou na mão de PYthía.

A visão da imperatriz aumentou.

— Consegue ver esse fio escuro que sai da névoa? — Perguntou Zranide.

— Sim, estou vendo.

— Vamos segui-lo para ver onde vai dar.

As duas, em corpo perispiritual, desapareceram na velocidade do pensamento. Seguiram o fio que atravessava o mar de Telesto e entrava em território lemuriano.

Chegaram em um grande laboratório. Onde o fio se conectava a uma máquina antiquíssima.

— Aqui está o problema, a causa do sofrimento delas. Esta coisa possui o mapa cerebral das meninas. Assim, pode interferir na ligação entre corpo e espírito. Elas, na verdade não estão fora do corpo, mas sim presas a eles sem conseguir vesti-los. — Explicou Zranide.

— Isso é muito cruel!

— Sim, concordo. As duas espiãs estão presas a esse equipamento.

— O que podemos fazer para libertá-las desse sofrimento? — Perguntou a Imperatriz.

O olhar de Zra se tornou sério.

— Nada, não há nada que possamos fazer. Os cérebros delas estão morrendo aos poucos. Mesmo que consigamos livrá-las, não serão mais capazes de recuperar a razão nesta encarnação. É difícil para mim dizer isso, mas o melhor que pode acontecer a elas é morrer.

— Por Yrm! Não tem nada mesmo que possamos fazer? Talvez nossos mentores espirituais?

Zranide balançou a cabeça.

— Infelizmente, elas já estão mortas, retirar aquela névoa só apressará a desencarnação.

PYthía se afastou um pouco, e só então se deu conta da grandeza daquele laboratório. Observou as instalações, e tentou afastar o seu pensamento do sofrimento das duas meninas.

— Não sabia que os lemurianos tinham lugares como esses.

Zranide fez um brusco sinal com a mão, chamando a atenção da Imperatriz.

— Espere.

PYthía parou e ficou em alerta.

Zra olhou para a neta.

— Você está sentindo?

— Sim, estou sentindo...

Naquele momento, um enorme lagarto de dois metros e meio de altura entrou no laboratório. Era ThreCumb em seu trabalho.

Ele foi em direção a uma das mesas. Sentou-se e começou a analisar alguns papéis.

Parou.

Girou em sua cadeira e olhou direto para as duas.

Seu rosto se carregou de ódio.

— **MALDITAS BRUXAS,** — gritou, — **SAIAM DAQUI.**

Apertou o botão de um pequeno equipamento que carregava.

Uma espécie de gás extrafísico encheu o ambiente.

Era um cheiro desagradável. Causava a sensação de queimação ao perispírito. Turvava a visão.

Zranide segurou PYthía pela mão.

— Vamos sair daqui!

Desapareceram por completo. Reapareceram em Atlântida.

A Pulseira de Grasso Vardin tremeu.

Ele consultou o aparelho e a imagem do warnnene surgiu na pequena tela.

Procurou um lugar seguro e atendeu.

— Sim, Lord ThreCumb, deseja alguma coisa?

— **Grasso Vardin, você precisa vir aqui com urgência.**

— Aconteceu alguma coisa?

— **Sim, aconteceu, venha rápido.**

— Sim, senhor, estou a caminho.

O Grão Vizir olhou para os papéis urgentes que repousavam em sua

escrivaninha. Balançou a cabeça e consultou o relógio de parede. Levantou-se, ajeitou o traje oficial. Caminhou com passos apressados. Entrou no transleve. Decolou com o ruído característico dos motores antigravitacionais. Ganhou velocidade pelo corredor.

— Tem certeza de que deseja fazer isso?

— Sim, tenho certeza absoluta. — Afirmou Briéla enquanto travava o fecho do cinto de segurança.

A imagem de Brania cintilava nítida na tela do monitor.

— Briéla, eu entendo a importância dessa missão, mas, com todo respeito, penso que você deveria se poupar. Afinal está prestes a se tornar Imperatriz.

— É exatamente por isso que devo aproveitar todos os momentos de liberdade. Além do mais, não sou do tipo de oficial que só fica na base olhando a coisa de longe. Sou como minha avó Brathía, gosto de ação. Escritório é para as telepatas.

Briéla acionou os motores nucleares de seu Benu.

— Brania, não se preocupe, nossas máquinas são muito mais poderosas do que as velharias de Lemúria. A miséria reina naquele lugar.

Brania também ligou os seus motores. Outros cinco caças fizeram o mesmo. As sete formavam o grupo de elite mais bem treinado do exército de Atlântida.

A nave da General foi a primeira a decolar, flutuando com precisão absoluta.

Movimentou-se na direção do portal de saída do grande hangar.

Os outros seis caças a acompanharam.

Acordou pelado, com duas mulheres nuas sobre seu corpo. Empurrou uma para o lado da cama king size. Adormecida, a garota girou, deitou-se de lado e se encolheu na posição fetal.

Ele tentou fazer o mesmo com a outra, mas uma forte dor nas costas o fez desistir.

Praguejou uma sequência de palavrões.

Olhou para a moça sobre ele. Seu rosto se distorceu numa careta.

— Sai de cima. — Ordenou com voz fraca.

A mulher nem ouviu e continuou inerte.

— Mas que merda. Sai de cima, caralho!

Nenhuma resposta.

— Cacete. — Disse sem paciência.

Juntou força e deu um belo empurrão na moça. Ela rolou inerte, sem ação, feito boneca de pano. A pobre menina sentia o peso das drogas. Em seu mundo interior, estava presa a seus pesadelos e temores.

Klans Kumárin se viu livre, mas a custo de outra forte pontada nas costas.

Tinha deixado o hospital para fazer repouso em seu quarto. Ele obedeceu às recomendações médicas por quase cinco horas. Depois voltou para sua festa.

Esforçou-se para se sentar.

A tontura tinha aumentado, assim como a dor de cabeça. E depois do esforço, a dor das costas tinha voltado também.

“Diabos, esses médicos não fazem um serviço que preste. Essa maldita dor voltou” — Praguejou em pensamento.

Esticou-se para pegar o cinto antigravitacional.

Passou em torno do abdome proeminente. Acionou os controles e flutuou para fora da cama.

— Ah, assim tá bem melhor. — Falou consigo mesmo, numa voz baixa e rouca.

Olhou pela cortina e a festa continuava no salão principal. Danças, música, bebidas, comidas e drogas.

O Imperador deu um sorriso indefinido.

Flutuou até o banheiro reservado para o Imperador.

Urinou quase um litro. Seu rosto deformado apresentava um misto de prazer e dor.

A porta se fechou atrás dele.

O Imperador se assustou.

— Klans Kumárin. — Alguém falou.

Girou-se tão rápido que as costas estalaram.

— Você? O que tá fazendo aqui?

— Justiça.

Foi só então que o Imperador viu a arma apontada para ele.

Uma onda de pavor percorreu seu corpo. Os olhos se abriram para além do normal.

Kumárin tentou gritar, alertar os guardas.

O assassino puxou o gatilho.

Dois minúsculos dardos penetraram o peito largo sem deixar marcas ou ferimentos. Sequer uma gota de sangue denunciava o local atingido.

Transportaram, com êxito, uma boa dose de veneno.

O coração do Imperador deu duas batidas fortes. Dolorosas. Demoradas. Ameaçou uma terceira, mas parou.

As veias tremeram quando o sangue estancou.

Seus olhos permaneceram arregalados, enquanto o cérebro ficava sem oxigênio. Tentou gritar, mas os músculos não respondiam mais. Para seu desespero, o ar saía do pulmão sem controle e de forma sofrida.

Seu último suspiro pareceu mais um urro abafado.

A visão foi ficando turva, escura, confusa, impalpável.

Klans Kumárin pendeu, sustentado apenas pelo cinto antigravitacional.

O resto da urina escorreu pelas pernas e pingou ruidosa no chão.

O Imperador de Lemúria estava morto.

Retornou ao corpo físico num tranco. Perdeu o equilíbrio e tombou para o lado. PYthía só não caiu porque Sarhin a segurou.

— O que foi? O que aconteceu? Você está bem? — Perguntou Sarhin, reagindo ao susto.

PYthía fechou e abriu os olhos várias vezes, num esforço para se recuperar rápido.

Zranide reassumiu seu corpo com maestria. Olhou na direção das duas.

— Warnnene. — Falou em tom preocupado.

PYthía respirou fundo.

— Tem um warnnene na Terra! Eu sabia, eu sabia.

Sarhin fez um movimento positivo com a cabeça.

— Eu também sentia. — Afirmou. — Vocês o viram? Onde?

— Em Lemúria, onde mais? E não é um soldado comum, é um técnico. —
Falou Zranide.

PYthía retomou a postura.

— Precisamos avisar Briéla, nosso exército corre perigo.

Sarhin ficou ainda mais confusa.

— Por quê? São muitos warnnenedes?

— Só vimos um, disse a Imperatriz, — mas é poderoso, foi capaz de ver a gente e nos expulsar de lá.

PYthía caminhou até a porta e virou-se para Zranide e Sarhin.

— Vou falar com o alto-comando do Exército. Precisamos nos preparar. Esse será um conflito muito perigoso para Atlântida.

As largas avenidas foram todas tomadas por árvores robustas. Algumas construções resistiam com heroísmo ao avanço da natureza selvagem.

À medida que caminhava, John tinha lampejos de lembranças. Imagens entrecortadas e desconexas.

“Sim, eu vivi aqui há muito tempo.”

Concentrou-se em seu terceiro olho.

O cristal iluminou e as imagens ficaram mais claras.

Apesar da vegetação, ele podia ver os caminhos, as avenidas e os prédios da antiga cidade.

Lembrou-se do local onde viu a cápsula pela última vez.

Seriam necessárias mais algumas horas de caminhada pelas ruínas de Siaantor.

Respirou fundo, cobriu a cabeça com o capuz e caminhou floresta adentro.

Na mata densa, animais o espreitavam. Eram lobos famintos, desejosos de alimentar a prole.

O jovem inglês seguia sem dar conta do que estava à sua volta.

A matilha o acompanhava numa estratégia de ataque. O macho alfa, ia à frente dando direção para todos os lobos.

John trazia a mente embebida em lembranças de outra vida.

A floresta se tornava mais densa. O chão úmido, carregado de folhas apodrecidas, dificultava o avanço.

Os animais fechavam o cerco e se preparavam para o ataque.

John chegou a ouvir o farfalhar das folhas movidas pelas patas dos lobos, mas não deu atenção.

Em seu instinto caçador, o alfa sentiu que a posição era favorável. Evitou rosnar para não alertar a presa.

Seus olhos caninos pareciam magnetizados ao jovem inglês. A matilha aguardava o comando de ataque. Deu mais um ou dois passos. Sim, aquele era o momento.

Despejou adrenalina nas veias, seu coração acelerou bombeando grande quantidade de sangue para os membros traseiros. A salivação era inevitável.

O sabor de carne fresca lhe veio à memória. Os poderosos músculos do animal contraíam e esticavam gerando movimento. Ele se atreveu a rosnar.

Como por encanto, a matilha se uniu ao alfa. Eram oito lobos famintos contra um estudante de engenharia.

Foram horas de angústia e apreensão. Nem ele mesmo sabia o quão importante aquela mulher tinha se tornado em sua vida. Sir Oliver andava de um lado para o outro na pequena sala de espera.

Emma esfregava, com energia, as mãos gélidas. O monitor tridimensional não adiantava de nada. Apenas podia ver uma porção de androides rodeando sua mãe. Caminhava em círculos, levava as mãos à boca por um instante e voltava a caminhar.

O mestre de Cambridge sentia o queixo tremer sem controle. Um aperto no peito parecia querer esmagar seu tórax.

Os músculos travaram quando a porta se abriu.

Um androide médico entrou na sala com rosto inexpressivo.

Sir Oliver odiou por um momento o fato de ele não ser humano. Os médicos humanos falam tudo pelo olhar.

O androide caminhou até o centro da sala, não se importando com a apreensão das pessoas. O tempo pareceu parar. Às vistas do mestre, Emma correu em câmara lenta em direção ao robô.

Seus músculos, a custo, reagiram e ele andou a passos trôpegos na direção do droid.

— A operação da senhora Mary terminou. — Disse o médico com voz contínua e sem emoção.

— Como ela tá? — Perguntaram Emma e Sir Oliver ao mesmo tempo, como se tivessem ensaiado aquela fala por horas.

Confuso, o robô demorou um pouco para responder.

— Ela está bem, a operação foi ocorreu como esperado. Não houve nenhum contratempo e tudo terminou bem.

Sir Oliver soltou o ar que prendia com força em seus pulmões.

— Graças a Deus! — Deixou escapar entre os dentes.

As lágrimas quase jorraram dos olhos de Emma.

— Já posso vê-la? — Perguntou a menina numa voz trêmula.

— Estamos finalizando os procedimentos. Em mais uns cinco minutos do seu tempo, ela será levada de volta para a enfermaria. Peço que todos vocês se acalmem.

— Ela vai poder andar de novo, doutor? — Perguntou Sir Oliver.

— Sim, senhor Oliver, na verdade, ela já pode andar. A senhora Mary foi vítima de um grave ferimento na base da coluna vertebral. Se isso tivesse acontecido na Inglaterra, ela ficaria paraplégica. Mas aqui, com a tecnologia que temos, vai se recuperar logo. Mais algumas horas e estará reestabelecida.

Pelo monitor eles viram que os androides colocaram Mary em um transleve.

— Podemos retornar para a enfermaria, — falou o androide, — ela está sendo levada para lá.

Caminharam por alguns corredores.

Emma foi a primeira a entrar. Suava frio e o coração batia forte, a ponto de senti-lo no pescoço.

— Mãe. — Falou quase num grito.

— Filha, minha filha.

Mary estava em pé ao lado da cama. Emma apertou o passo.

As duas se abraçaram e sentiram uma à outra.

Sir Oliver aproximou-se contido e, meio desajeitado, abraçou as duas.

O grandalhão Klaus chegou com seus braços longos e abraçou todo mundo.

Com seu transleve de última geração, não foi difícil para Grasso Vardin vencer a distância que separava seu escritório do laboratório de ThreCumb.

Em uma pequena cidade ao sul da capital Hydra, havia uma construção singular. Era templo da Seita da Cobra. Ficava na avenida principal, escondida embaixo de um prédio parcialmente demolido. Era um complexo, repleto de túneis, salas de reunião, alojamentos, entre tantas outras facilidades.

Bem ao centro, ficava o salão principal. E logo atrás deste estava o laboratório de pesquisas. Um lugar de proporções avantajadas, repleto de máquinas e equipamentos.

O Grão Vizir entrou, sem se anunciar. Parou por um instante na antessala. Olhou através da porta transparente. Lá estava o homem-lagarto trabalhando em seus equipamentos.

Estava prestes a dar o primeiro passo quando seu bracelete tremeu.

Grasso a olhou como de costume. Não havia nenhuma imagem.

Seu coração acelerou.

Aquele era o momento pelo que esperara por anos.

Sua mão tremia causando-lhe dificuldade para tocar no bracelete.

Venceu a si mesmo e pressionou de leve um botão.

— Pode falar, — disse em voz baixa, — como foi?

— Vardin, está feito.

— Ótimo, muito bom! O futuro império de Lemúria se lembrará de nossos feitos.

— Com toda certeza, Vardin.

O Grão Vizir desligou o aparelho e colocou sua atenção no cientista que trabalha no interior do laboratório.

Abriu a porta e entrou.

— **Grasso Vardin.** — Falou o warnnene.

— Lord ThreCumb, vim imediatamente, o que aconteceu?

A testa de ThreCumb franziu.

— **As bruxas, elas estiveram aqui.**

Uma expressão de dúvida flutuava sobre o rosto do Grão Vizir.

— Bruxas?

— **Sim, as Bruxas de Atlântida. Elas vieram aqui em corpo sutil.**

Agora já sabem que estou na Terra. Pior do que isso, sabem o lugar exato. Estou convicto de que virão atrás de mim. Preciso me proteger.

O rosto de Vardin migrou de dúvida para espanto.

— As videntes de Atlântida? Estiveram aqui em corpo sutil?

ThreCumb confirmou com a cabeça.

Vardin levou a mão ao queixo.

— Sabia que isso aconteceria, mas não imaginava que seria tão rápido.

— **O que está feito, está feito. Não há como voltar atrás. Perdemos parte da vantagem que tínhamos. Temos de nos preparar para a luta.**

O warnnene caminhou até um canto do laboratório e trouxe uma arma que parecia com um lança-chamas

— **Tome isso, é um canhão de bósons. Ainda não era tempo de os humanos possuírem esta arma. Mas fiquei sem opções.**

Um sorriso se abriu no rosto do Vizir.

Estendeu a mão para pegar a arma.

Segurou-a com força, mas o warnnene não a soltou.

— **Lembre-se, esta arma é muito perigosa. Não deixe isso cair em mãos erradas.**

Grasso Vardin focava o rosto do extraterrestre.

— Lord ThreCumb, o senhor pode ficar tranquilo, cuidarei com muito carinho dela.

O warnnene soltou a arma.

— **Estou terminando um segundo canhão. Se prepare, que Atlântida atacará em breve.**

Vardin segurou a arma com força. Não era leve, o que dificultava sua operação. No entanto, era o símbolo da vitória.

Perdeu alguns segundos apreciando o equipamento.

Seu rosto se iluminou em franca satisfação.

— Obrigado, Lord ThreCumb, este é o início de nossa vitória.

O warnnene olhou para Grasso.

— **Não deixe que os encouraçados cheguem aqui.**

— Pode ficar tranquilo. O Senhor está seguro aqui.

— **Ótimo.** — Disse o homem-lagarto, enquanto retornava para sua bancada de trabalho.

“Sim, já está perto o bastante. De costas, a comida não tem a menor chance.” Pensava em modo desconexo o macho alfa, guiado pela fome.

Saltou sobre o humano que caminhava pela floresta densa.

Viajava no ar sentindo o gosto de carne na boca. Mordeu com força e vontade.

Perplexo, sentiu os dentes se chocarem uns contra os outros.

O humano tinha se desviado no último milésimo de segundo.

No entanto, naquele mesmo instante, os outros membros da matilha também saltaram, voavam, vindos de lugares diferentes e em velocidades desiguais.

John concentrou-se no córtex e, controlando o poder de sua mente, aumentou a velocidade de seu metabolismo.

Tudo, dentro dele, se movia tão rápido que os segundos pareciam minutos.

Com calma, desviou-se de todos os animais, que para ele pareciam parados no ar.

Afastou-se um pouco e permitiu que seu metabolismo voltasse ao normal.

A exemplo do primeiro, os outros lobos também morderam o vazio, alguns até trombaram no ar.

O alfa mostrou seus caninos, rosnando com a força de seus pulmões.

Foi quando o Cavaleiro de Fogo colocou sua atenção na mente primitiva

do lobo.

“Não sou alimento para você, amigo. Não gaste mais a sua preciosa energia. Vai precisar dela para a vida.”

O lobo parou de rosnar no mesmo instante.

Os membros da matilha, também entenderam a mensagem.

O alfa deu dois passos tímidos em direção ao inglês.

John se agachou e abriu os braços.

O animal se aproximou com doçura.

John sentiu a pergunta mental que bailava no cérebro dele.

“Quem é você?”

Ele acariciou a pelagem robusta do grande animal.

“Sou amigo, e fui chamado para defender o nosso lar. Tenho uma missão importante aqui, me deixe seguir, por favor.”

O lobo abaixou a cabeça. Ficou assim por um instante. Olhou para a matilha e em seguida de novo para John. Deu dois passos para trás. Girou se juntou aos outros.

Indecisos, gastaram quase um minuto olhando para o homem. Por fim, iniciaram a caminhada de volta à floresta. Calmos, os lobos sumiram por entre as árvores.

John se levantou, o cristal voltou para sua cor original.

Continuou sua jornada, faltava pouco para chegar ao destino.

A floresta se tornava mais densa e a caminhada mais difícil.

Sentiu que os lobos o acompanhavam de longe, talvez curiosos, tentando entender o que tinha acontecido.

Os escombros de um antigo prédio surgiram diante do inglês. Sentiu uma onda estranha percorrer sua espinha dorsal. Aquele era laboratório onde tinha ativado os nanodroids.

Sentiu o peso da responsabilidade. Por um momento, viu a multidão de almas que fez sofrer.

Respirou fundo. Trouxe sua mente para a realidade objetiva. Entrou nas ruínas.

Os corredores destruídos se tornavam bastante estreitos em alguns pontos.

Seguir em frente ficava mais difícil a cada momento.

John trazia a mente focada no lugar onde escondeu a capsula há três mil anos.

Apesar das dificuldades, persistiu penetrando fundo na escuridão das ruínas. A tarefa lhe custou mais duas horas de trabalho, ora se espremendo pelas frestas, ora se pendurando como alpinista.

Chegou na porta da gruta onde vira pela última vez a capsula warnnene.

Era uma grande placa em aço inoxidável. Uns quatro metros de altura por seis de largura. O metal resistiu com bravura aos efeitos dos milênios.

No meio da grande porta havia um pequeno teclado numérico. O inglês se lembrou do sistema segurança. Só as pessoas autorizadas possuíam senha para acessar aquele lugar. Tentou lembrar, mas o número de sua senha não lhe veio à memória.

Sorriu para si mesmo. Afinal, não fazia o menor sentido lembrar o código, pois o local não era energizado há centenas de anos.

“Uma senha morta para um lugar morto.” Pensou.

Steve entrou no banheiro, olhou para o vaso sanitário.

Abriu o zíper da calça. Se encantava com aquele jeito diferente de abotoar sem botões.

“Isso aqui pode fazer um sucesso enorme na Inglaterra. Se a gente voltar de mão vazias, vou tentar fabricar esse negócio.”

Se posicionou em frente ao vaso sanitário.

“Ah, agora é só dá aquela mijada.”

Se lembrou das mobílias falantes.

“Caralho, espero que essa coisa não comece a fazer comentário sobre o meu...”

Riu sozinho.

“Nossa, isso seria muito esquisito.” Pensou, olhando desconfiado para a latrina.

O primeiro jato saiu com força enchendo a toalete com o ruído do xixi batendo na água.

O banheiro tremeu e inclinou, Steve se esforçou para permanecer em pé.

— Caralho! Não tô mijando tão forte assim.

O prédio iniciou a queda e o inglês perdeu o equilíbrio.

No desespero, abriu a porta, ainda urinando.

Tentou correr para a sala, mas tropeçou em alguma coisa, ou alguém.

Voou pelo ar, atravessando a sala espalhando xixi no ar.

Foi por muita sorte que conseguiu se segurar no parapeito da sacada externa.

Se deu conta de que o prédio inteiro perdia altura e se aproximava com rapidez da floresta.

Sua posição não era das melhores, seria esmagado contra o solo pelo prédio que vinha por cima dele.

As árvores copadas se aproximavam.

O pânico tomou conta de seu ser.

“Preciso saltar.”

Naqueles milésimos de segundo ele tomou a decisão mais arriscada de sua vida. Balançou seu corpo como se estivesse num show de circo. Se lançou sobre as árvores quando sentiu que a altura era favorável.

Rolou por sobre a copa, tentando se segurar nos galhos que chocavam contra ele.

A custo conseguiu se agarrar. Mas o prédio girou na sua direção e Steve mais uma vez precisou se lançar.

Pulou de uma árvore para outra como se fosse um macaco prego.

Porém, dessa vez, teve dificuldade em se segurar e foi caindo, batendo nos galhos, terminando por mergulhar num pequeno lago.

O cálice se chocou contra as águas, e o inglês foi lançado para longe numa onda gigante.

Prendeu a respiração o mais que pôde, sentindo-se girar como cata-vento.

Aos poucos, a onda perdeu força e se espalhou pela terra.

Steve ainda deu alguns passos, e quando se sentiu seguro, perdeu a consciência.

Acordou minutos depois, mas por causa da exaustão, quase não conseguia

se mexer.

— Ei, você... Você estava no cálice? — Ouviu com dificuldade.

— Humm?

Com a vista embaçada, ele percebeu que alguém o arrastava pela floresta.

— Ei, pra onde você tá me levando?

— Cala a boca senão esmago sua cabeça.

A frase o fez despertar por completo.

— O quê?

— Cala a boca, cacete! — Disse a pessoa de forma abrupta.

Com a vista embaçada, Steve forçava pra tentar enxergar.

— O que tá acontecendo, porra?

— Acho melhor você dormir.

Sentiu um instrumento se aproximar de seu braço e em seguida uma agulhada.

— O que tá fazendo, caralho?

Não houve resposta. Tentou continuar acordado, mas foi impossível.

Capítulo 23

A notícia da morte do Imperador viajou como relâmpago por toda Lemúria.

Kumárin não tinha herdeiros e o Império encontrava-se em guerra contra a maior potência da Terra.

Foi esse estado de coisas que levou o Grão Vizir a convocar uma reunião de emergência com os mais importantes conselheiros.

Organizada às pressas, a reunião foi recheada de desencontros e atrasos.

A pergunta que todos faziam era a mesma: O que aconteceu com o Imperador?

Klans Kumárin tinha lá seus problemas de saúde. Era consumidor de drogas e bebidas. Não foram poucas as vezes que teve de passar por atendimento de emergência. Mas nos últimos meses, depois da última overdose, ele tinha se comportado bem.

Faltava apenas um conselheiro. O homem tinha viajado para uma província no interior. Dado à urgência, desmarcou todos os compromissos e retornou para a capital do Império.

Os presentes o aguardavam e, segundo o informe mais recente, ele deveria chegar a qualquer momento.

O burburinho das conversas entre os grupos enchia a sala de reunião.

A porta se abriu e o conselheiro entrou apressado, cumprimentando os conhecidos.

Procurou sua cadeira na grande mesa e se sentou.

O Grão Vizir pôs-se em pé e levantou a mão direita pedindo silêncio.

Quase no mesmo instante a sala se aquietou.

— Amigos, é com grande pesar que estou com a confirmação da morte do nosso ilustre Imperador Klans Kumárin Terceiro, filho de Serlon Kumárin.

O silêncio permaneceu e Grasso continuou.

— Os médicos legistas já apresentaram a causa da morte.

Os conselheiros prenderam a respiração para captar a notícia inteira.

Vardin correu os olhos pelos presentes.

— O Imperador foi vítima de uma parada cardíaca.

Ávidos por mais notícias, os conselheiros permaneceram em silêncio.

— Os médicos, — continuou o Grão Vizir, — estão tentando entender o que causou a parada súbita. Estão trabalhando com a hipótese de outra overdose, mas não há nada confirmado. Segundo me informaram, esse trabalho pode demorar algumas horas.

O burburinho voltou com toda força.

O Grão Vizir deixou que os conselheiros conversassem entre si por um tempo, e então pediu novamente a palavra.

— Temos um grande problema em nossas mãos. Há poucos dias, a política externa tornou-se o assunto mais importante do Império. Todos sabemos das afrontas vindas de Atlântida. A invasão no nosso hangar e a destruição de uma de nossas usinas mais importantes. Esses fatos forçaram nosso ilustre Imperador a declarar guerra contra aquele povo governado por terroristas.

Os presentes apoiavam com acenos de cabeça.

— Não podemos tirar as mãos do timão, precisamos manter a proa alinhada contra as enormes ondas que se vê no horizonte. Na luta contra os Atlantes não poderemos cometer nenhum erro, sob o risco de sermos totalmente destruídos.

Um conselheiro levantou a mão, pedindo a palavra.

Vardin fez sinal para que ele falasse.

O homem se levantou.

— Vocês me conhecem, — falou com voz poderosa, — meu nome é Fransl Guildsen, conselheiro da província de Cranilla. Gostaria de perguntar se já foi levantada a hipótese de assassinato.

Todos olharam a um só tempo para o Grão Vizir.

Grasso respirou fundo.

— Este é um assunto que está sendo investigado.

Dirigiu um olhar sério para os ouvintes.

— Sim, — continuou, — a hipótese de assassinato não está descartada. Klans Kumárin pode ter sido morto por agentes Atlantes infiltrados em nossa sociedade. Ou até mesmo por algum grupo divergente, que são muitos.

Grasso fez uma pausa. Baixou o olhar e soltou o ar de seus pulmões.

— Senhores, isso é extraoficial, um sentimento meu. Peço que minhas palavras não saiam dessa sala. — Fez uma pequena pausa. — Eu acredito que o Imperador foi assassinado. Embora tudo aponte para uma morte natural, acho que ele foi vítima de espiãs de Atlântida.

— MALDITAS ATLANTES! — Gritou um conselheiro mais exaltado.

Todos começaram a falar ao mesmo tempo e o ruído se tornou quase insuportável.

Vardin fez sinal de apaziguamento com as duas mãos.

— Senhores, por favor, precisamos ter calma neste momento.

Aos poucos, o vozerio abaixou e o Grão Vizir pôde continuar.

— Senhores sei da comoção de todos, mas precisamos voltar ao assunto principal. Deixemos os investigadores analisarem os fatos e apontarem a causas da morte de nosso imperador. A nós, homens da política, cabe a tarefa de manter esse país governável. O primeiro passo é elegermos um sucessor interino. Lembrem-se, Lemúria depende de nossa frieza neste momento.

O vozerio voltou a crescer.

E mais uma vez Grasso teve que pedir silêncio.

— Senhores, — continuou Vardin, — na posição de Grão Vizir, pelas nossas leis, eu sou a pessoa que deve assumir o governo até que um descendente do Imperador se apresente. Todos sabemos que Klans Kumárin tem muitos filhos bastardos, que, pela nossa constituição, não são elegíveis ao trono. Desse modo, me coloco, inteiramente, a serviço de nosso amado país. E peço o apoio dos nobres conselheiros para ratificarem o que já diz a lei. Em paralelo a isso, os senhores devem pensar no nome do novo Imperador de Lemúria.

Guildsen se levantou e pediu a palavra.

— Senhores conselheiros, é de suma importância que tomemos a decisão correta neste momento. Sou totalmente favorável às palavras do nosso ilustre Grão Vizir. Digo mais, como Klans Kumárin não possui herdeiros e nunca se interessou pela vida regrada ao lado de uma legítima imperatriz. O fato é que a dinastia Kumárin termina aqui. Assim precisamos eleger, não um novo imperador, mas a nova dinastia que governará Lemúria pelos próximos séculos.

Mais uma vez o vozerio cresceu. E Guildsen levantou as mãos pedindo para falar.

Os presentes silenciaram.

— Senhores, nobres conselheiros, eu sugiro que nós, neste momento histórico, votemos pelo início da dinastia Vardin.

Ele se virou para Grasso.

— Ilustre senhor Grasso Vardin, Grão Vizir de Lemúria. Eu, em nome da província que represento, proponho que o senhor assuma o trono em definitivo. Meu voto é seu.

Um outro conselheiro se levantou.

— Faço minhas as palavras do conselheiro Guildsen. O ilustre Grão Vizir Grasso Vardin deve ser o novo Imperador de Lemúria. Meu voto também é seu.

Os votos se sucederam. Alguns com discursos acalorados. Todos apontando para a mesma pessoa. Grasso Vardin foi eleito Imperador de Lemúria por unanimidade.

Em seu laboratório, ThreCumb finalizava mais um aparelho. Tratava-se de um hiper-rádio, cujo sinal viajava sem ser percebido pelas malhas do espaço pentadimensional.

Depois dos últimos ajustes ele entrou na fase de testes do aparelho. Aquele era um momento crucial. Se Hathor fosse capaz de captar e decifrar o seu sinal, tudo estaria perdido e a sua presença na Terra não faria mais sentido algum.

ThreCumb colocou o dedo sobre o botão que ligaria o instrumento.

Hesitou por um momento, repassou mentalmente todos os circuitos e processos. Sentiu-se satisfeito e aplicou energia no hiper-rádio.

O artefato emitiu alguns bips e então um chiado prolongado. Um pequeno monitor bidimensional acendeu.

Surgiu uma imagem distorcida carregada de riscas em preto e branco.

Aos poucos os traços foram tomando forma. A tela se estabilizou e desenhou o rosto de outro warnnene.

ThreCumb sentiu-se satisfeito e deu um leve sorriso.

— **Alpha 1, aqui é o sargento ThreCumb, pode me ouvir?**

O chiado permaneceu por mais alguns segundos.

— **Alpha 1, aqui é o sargento ThreCumb, conseguem me ouvir?** —
Insistiu uma segunda vez.

— **Sargento ThreCumb,** — respondeu o aparelho — **estamos ouvindo,**

a comunicação está perfeita. O hiper-rádio funciona bem.

— **Ótimo. Avise ao general que a missão está progredindo como planejado. Em breve teremos o túnel.**

— **Entendido, a mensagem será transmitida.**

O sorriso de ThreCumb tornou-se mais intenso.

— **Ok, câmbio final.**

Atravessar o mar de Telesto com aqueles caças consumiu alguns segundos, isso porque a General Briéla optou por ser percebida pelo inimigo. Queria uma batalha aberta. Sua intensão era demonstrar a força do exército Atlante.

Quando se aproximaram da divisa de Lemúria, o radar emitiu um aviso.

Briéla olhou para o aparelho em seu painel virtual. No mesmo instante, ouviu a voz de Brania.

— Raptore, são centenas deles!

— Sim, eu já vi, — disse Briéla — acionem seus escudos a meia potência. Vamos direcionar a energia para as armas.

— Entendido. — Foi a resposta de todas as guerreiras.

Dentro do ambiente virtual de seu caça, Briéla via o inimigo como uma nuvem de gafanhotos.

Posicionou o cérebro quântico de tiro e deu liberdade total para o equipamento atirar.

Mergulhou para cima dos Raptore com as armas despejando grande quantidade de energia sobre eles.

Um sentimento de vingança pairava em seu coração. Primeiro por causa de sua queda na Lua e em segundo por conta dos cálices destruídos em Hathor.

As metralhadoras de plasma não paravam um só segundo.

Os Raptore eram abatidos como insetos diante de inseticida. Mas eram em maior número, e revidavam com poder assustador.

Explosões aconteciam por todos os lados.

Os sete Benus se misturavam as centenas de Raptore numa dança sinistra.

A maioria dos Raptore eram pilotados por robôs. Outros dependiam de mãos humanas para lutar.

Para as Filhas de Atlântida, era fácil separar quais eram pilotados por humanos. Eles ficavam mais afastados, usando os caças automáticos como escudo.

Briéla evitava atirar naquelas naves, não queria mortes. Sua missão era enfraquecer o exército Lemuriano.

Aos poucos, o enxame de Raptorez foi diminuindo e ficou bastante claro que eles já tinham perdido aquela batalha.

Com poucas naves automáticas sobrando, os pilotos dos caças Lemurianos se viram forçados a bater em retirada.

— Estão fugindo! — Gritou uma guerreira da irmandade.

Briéla reposicionou seu equipamento.

— Vamos para o nosso alvo principal.

— Entendido. — Foi a resposta geral.

As aeronaves atlantes despejaram potência nos motores e aceleraram rumo ao interior do continente.

Passaram sem problemas por várias baterias antiaéreas.

— Briéla, — disse Brania pelo rádio — o alvo está no radar.

— Perfeito, vamos destruir completamente essa fábrica de armas.

— Entendido.

Do solo, os canhões pipocavam o céu com milhares de disparos. Mas os caças atlantes pareciam demônios saídos do inferno.

Um por um, todos os canhões antiaéreos foram destruídos.

Em seguida, os caças apontaram suas armas para a fábrica

Indefeso, o prédio não resistiu nem um minuto inteiro. Tudo foi reduzido a escombros e ferro retorcido.

— Missão cumprida, parabéns a todas. — Falou a General pelo rádio.

— E agora, retornamos para Hathor? — Perguntou Brania.

Briéla pensou um pouco.

Aquela sede por vingança ainda escurecia seu pensamento.

— Ainda não, vamos dar um susto em Klans Kumárin. Vamos para a capital fazer bombardeios periféricos depois retornamos.

— Entendido.

Se fosse o John de dias atrás, aquela porta de aço seria o suficiente para ele desistir. Menos do que isso, jamais teria entrado naquela ruína.

Mas as coisas tinham mudado, o rapaz que zarpou de Liverpool em busca de um tesouro perdido encontrou algo mais valioso. Ele desvendava o seu próprio ser.

Concentrou-se na porta de aço e sentiu cada molécula. Fez valer a sua vontade.

O metal rangeu, poeira milenares desceram do teto.

Toneladas de metal gritavam ao se mover para o lado.

Aos poucos, uma abertura foi se formando.

Atrás daquela porta um túnel escuro.

Sete Benus riscaram o céu na direção de Hydra, a capital de Lemúria. Os canhões antiaéreo tentavam em vão abater aquelas naves invencíveis.

— Briéla, — falou Brania — Hydra já está à vista, qual será o alvo?

Briéla pensou um pouco.

— Minha intensão é apenas ferir a moral dos lemurianos. Vamos bombardear a praça central e derrubar a estátua de Serlon Kumárin. Fazemos isso e retornamos para a base.

— Briéla, aquela praça costuma ser muito frequentada, se fizermos isso, causaremos a morte de civis. É isso mesmo que você quer?

Briéla sentia que PYthía tentava falar com ela, mas o calor do momento não permitia telepatia.

— Já pensei nisso também, mas tivemos muitas mortes em Hathor... precisamos colocar os lemurianos em seu devido lugar. Vamos tentar evitar morte de civis.

— Entendido, alvo em cinco segundos.

— Desliguem os deformadores de campo. — Ordenou a General — Quero entrar na cidade em velocidade supersônica com todos os ruídos de que temos direito. Vamos ensurdecer os moradores de Hydra.

— Entendido.

Elas desligaram aquele equipamento e o metal dos caças passou a se chocar diretamente contra as moléculas de ar. O deslocamento das massas provocava trovões tão intensos que dava a impressão de que o mundo estava acabando.

O pânico se espalhou pela cidade. O povo em desespero tampava os ouvidos e procurava lugares para se esconder.

A primeira rajada de tiros atingiu os pés da estátua e fez oscilar a enorme massa de bronze. Era aterrorizante ver o monumento com vinte andares de altura oscilar como se fosse uma vara de bambu.

A segunda rajada terminou o serviço. Toneladas de metal penderam sobre a população. Homens, mulheres e crianças corriam apavoradas tentando fugir do esmagamento.

Nem todos conseguiram.

Foi só então que Briéla acordou de seu estado psicológico.

“Eles são inocentes.” Algo gritou em sua mente.

Sentiu dor no coração. Não era aquilo que queria.

O ódio sempre nos cega para a realidade da vida. O remorso encheu sua mente. Mas lembrou-se das vítimas dos cálices.

“Tudo tem seu preço. Olho por olho, dente por dente. Esse é o preço que Hydra tem de pagar.” Pensou, tentando afastar a dor moral que a consumia.

Os caças fizeram a volta apontando para Atlântida, era hora de retornar para casa.

Briéla deu uma última olhada para a praça. A grande maioria das pessoas fugiam em busca de abrigo, enquanto algumas tentavam socorrer os feridos.

Se arrependeu de ter atacado aquela praça. Sentiu que aquilo era desnecessário. Respirou fundo, tentando buscar alento no ar. Uma lágrima brotou em seu olhar.

Mas era a General, e não podia deixar ninguém perceber seus sentimentos.

Ajeitou-se no assento da nave.

— Muito bem, meninas, — falou a princesa, — missão cumprida.

Ela ainda terminava a sua frase quando o caça ao seu lado explodiu.

— BRIÉLA, O QUE FOI ISSO? — Gritou Brania.

Briéla olhou seus instrumentos, um Benu tinha sido abatido.

“Como é possível?” — Perguntou-se em desespero.

Um fino risco azul intenso rasgou o céu e partiu em dois o caça de Brania.

Os olhos de Briéla não acreditavam no que viam.

— BRANIAAAAAA. NÃOOOOO.

Por um momento perdeu o raciocínio lógico. As duas partes do caça de sua melhor amiga explodiram ao tocar o solo. Ninguém sobreviveria àquela explosão, mesmo com os escudos ligados.

Brania estava morta.

— VOLTEM PRA BASE. — Gritou com toda a força de seus pulmões.

Um terceiro raio azul varreu o céu e amputou sua nave, arrancando um dos motores.

O Benu de Briéla girou no próprio eixo e perdeu a flutuação

Desceu em rodopio, caindo descontrolado, deixando atrás de si uma faixa de fumaça negra e espessa.

Briéla ejetou e acionou seu escudo.

A despeito do terror do momento, ela pôde ver que o raio vinha da torre do palácio do Imperador.

Do chão, vários soldados atiravam contra ela. O escudo de seu traje absorvia os impactos, mas isso consumia quase toda energia que a pequena usina nuclear podia produzir.

Não podia revidar os tiros para não comprometer a flutuação.

Pousou na periferia da cidade, cercada por inimigos.

John olhou para a escuridão, cruzou a grande porta. Lembrou-se quando invadiu o portal no interior do Brasil. Fora um dia de medo e insegurança. Não era mais o mesmo garoto, agora a sensação era bem diferente. O medo tinha sido banido de sua mente. Sentia-se mais completo, senhor de si.

Uma leve vertigem o atordoou e sua mente viajou no tempo. Viu imagens distantes. Era ele próprio escondendo a cápsula naquele lugar. Selando a porta de aço. E, tomado de loucura, destruindo o palácio que existira em cima.

Ninguém, além dele, poderia entender o que acontecia naquela época. Sua mente adoentada queria escapar de si mesma. Apagar suas obras da história.

Enterrar aquela cápsula para sempre.

Olhou por entre o negrume compacto, nenhuma nesga de luz entrava naquele lugar. No entanto, uma estrutura em forma oval se destacava diante de seu olhar.

Um tremor percorreu seu corpo. Sentiu algo molhar seus pés. Era quente, viscoso e de cheiro forte. Olhou para baixo. Suas pernas imergiam até quase o joelho numa substância vermelho-escuro

Pessoas deformadas surgiram, saindo de trás da cápsula. Eram mulheres e meninos com menos de três anos de idade.

— ASSASSINO, ASSASSINO! — Gritavam em coro.

John tentou correr, mas a substância, em seus pés, não permitiu.

Desesperado, presenciou a morte de milhares e milhares de meninos dentro do útero de suas mães. Eles estendiam os bracinhos pedindo ajuda. Mas o inglês não podia fazer nada além de olhar.

Toda a autoconfiança desapareceu. Levou as mãos ao rosto sentindo o remorso corroer seu âmago.

Uma moça, toda desfigurada, chegou bem perto.

— Por quê? Por que você matou meu filhinho? Eu tinha sonhado tanto com ele.

John não conseguiu responder, apenas deixou que as lágrimas escorressem por seu rosto.

— Moço, — perguntou um garotinho, como eu faço para nascer agora? Tenho coisas importantes pra resolver na Terra.

John olhou em redor, era milhares deles, perguntando e exigindo respostas.

O inglês sentia a dor de cada um deles.

No ápice de seu sofrimento, perdeu a consciência. Se viu fora do corpo. Longe dali. Estava sentado na margem do Rio Tâmisa. As águas escoavam com serenidade.

Não sabe quanto tempo ficou ali, respirando ofegante, sentindo fortes dores pelo corpo.

— John, acorde. Acorde! — Ouvia uma voz distante.

Não deu atenção. Voltou a olhar para o rio. Não era água que escoava, mas sangue.

— ME PERDOEM. ME PERDOEM. — Gritou com todas as forças que lhe restavam. — EU JURO QUE VOU REPARAR MEU ERRO.

Se encolheu na posição de feto. Chorou, chorou, chorou.

— Pai, me perdoa, Pai. — Falou, erguendo os olhos para o céu.

Uma estrela brilhou na noite escura de Londres. Aos poucos foi crescendo e tomando forma.

Ao seu lado, surgiu um homem coberto por luz.

John tremia, cortado pela dor moral.

— General Trezo, vamos deixar o passado no passado. Os filhos do futuro precisam de você agora.

Aquelas palavras trouxeram alento para seu coração.

— O futuro... — Falou o inglês, separando sílaba por sílaba.

— Isso, — replicou a voz, — o futuro. Você precisa colocar sua consciência no agora. Só assim conseguirá alterar o futuro. Tudo o que necessita já lhe foi dado.

John abriu os olhos. Aquela luz era SēThus. Ao seu lado ele o acariciava com a direita.

— Não tenha medo. Relaxe, acalme o coração. Você consegue, tenho certeza de que você consegue.

O inglês sentiu a vida retornar para seu espírito.

— Por que eu fiz aquilo?

— Não importa, tire os olhos do passado. Só você pode se perdoar.

Aos poucos, sua visão clareou.

— John, — continuou SēThus, — águas passadas não movem moinho.

O jovem fechou os olhos e respirou fundo.

— Juro, por tudo que é mais sagrado, hei de reverter o que fiz.

Abriu os olhos e estava de volta na gruta. À sua frente, uma estrutura oval de quatro metros de altura.

— Aqui está a cápsula, — falou, apontando com a mão, — que eu tentei esconder do mundo por tanto tempo.

— Sim, — falou SēThus, — meu amigo, chegou a hora de tirar esse enorme peso do seu coração.

As lágrimas brotaram dos olhos de John.

— Como fui capaz de fazer aquilo?

SëThus colocou a destra nas costas do rapaz.

— Não deixe o remorso dominar sua mente. Procure se controlar.

O jovem deu passos vacilantes em direção à cápsula.

Estendeu o braço. Encostou a mão na estrutura. Seu tato percebeu a substância gelatinosa que a envolvia.

Ao toque, ele pode sentir o cérebro quântico no interno.

Aprumou a mente. O cristal iluminou-se. John enxugou o rosto.

— Ainda está funcionando.

SëThus se limitou a um gesto de cabeça.

John emitiu um comando mental e uma porta se abriu.

Os dois entraram.

O interior lembrava uma caverna tosca e primitiva. Paredes irregulares, estalactites, som de água pingando. Lá dentro era três ou quatro vezes maior que o exterior.

— Dobras de espaço. — Falou o inglês. — Pequenas fraturas no tecido do espaço-tempo para dar maior volume.

— Sim, — comentou SëThus, — os warnnenes usam muito essa tecnologia.

A substância gelatinosa se espalhava por todos os lados. John caminhou decidido até um ponto daquela estranha gruta. Meteu as mãos no líquido viscoso.

Sua mente se conectou com a capsula.

Procurou pela fórmula do nanodroid.

Tudo surgiu em sua mente como se ele pensasse naquilo.

John entendeu como aqueles micro-organismos funcionavam e também como neutralizá-los.

Precisava produzir um tipo de vacina baseada no sangue das atlantes.

Com uma das mãos, ele raspou a parede e retirou um pouco do líquido.

A luz do cristal tornou-se mais intensa.

A substância iniciou uma metamorfose. Aos poucos, se tornou sólida,

tomando a forma de um livro.

Alguns segundos se passaram o processo se completou.

— Aqui está, — falou John, — este livro contém todo o processo. Explica como sintetizar uma vacina para evitar a ação dos nanodroids.

SëThus sorriu.

— Essa é uma ótima notícia.

O inglês segurou o livro com as duas mãos.

— Há Também um capítulo sobre como tratar alguém que já contraiu a doença. Este é um caso um pouco mais grave, não tenho certeza se o método funcionaria.

— Esperamos não precisar desse tratamento. — Falou SëThus com ar de preocupação.

Zranide apareceu em frente aos dois.

John olhou para ela e sorriu, mostrando o livro.

— Senhora Zranide, encontrei o que eu procurava.

O rosto da anciã se manteve sério. SëThus entendeu que algo não ia bem.

— O que está acontecendo?

— SëThus, John, — cumprimentou Zranide, — temos um problema. Um warnnene se materializou na Terra. É um técnico espião. Trata-se de uma criatura perigosa, não pode ser subestimado.

Zranide se virou para o jovem inglês.

— John, precisamos detê-lo, o quanto antes, senão eles dominarão a Terra. Precisamos descobrir seu plano, é necessário saber o que os warnnenedes pretendem fazer.

Os traços no rosto do inglês se tornaram tensos.

— Um warnnene?

— Sim. — Respondeu Zra num monossílabo.

— Você o viu? — Perguntou SëThus.

A face de Zranide ficou ainda mais preocupada.

— Sim, quase por acaso fomos trazidas a um laboratório aqui em Lemúria.

SëThus levou a mão ao queixo.

— Você conseguiu identificar o lugar, sabe onde fica este laboratório?

— Ele nos expulsou de lá com um gás extrafísico. Voltamos tão rápido que eu não pude definir onde estava.

O rosto de John se iluminou.

— Espere um momento, acho que consigo encontrá-lo.

Os dois olharam para ele.

O rapaz correu para outro canto da caverna e enfiou a mão no líquido

Em sua mente surgiu um rastreador.

— Sim, existe um warnnene na Terra. Ele está trabalhando em um laboratório secreto, numa cidade ao sul de Hydra. Bem embaixo de um dos prédios da Seita da Cobra.

No alto de uma das torres do palácio Imperial de Lemúria, uma figura conhecida ostentava uma arma parecida com um lança-chamas.

Drésno Kunfár era um homem pragmático. Admirava o poder de um governante, mas não tinha coragem nem desejo de se tornar um. Preferia ficar escondido atrás das sombras de pessoas mais audaciosas, porém controláveis.

Era um influenciador, sua palavra magnetizava com facilidade. Ele tinha o dom de plantar sua vontade na mente das pessoas.

Por muitos anos foi mestre na EEL, Escola de Espionagem de Lemúria. Foi professor de Frénigo Leflan e de Grasso Vardin.

Foi ele quem articulou, politicamente, para que seu aluno se tornasse Grão Vizir. Também foi dele o plano de se unir aos warnnenedes para destruir Atlântida e subjugar o mundo.

Sabia de antemão dos riscos envolvidos nessa aliança, os warnnenedes nunca foram confiáveis. Mesmo assim, já fazia alguns milênios que os lemurianos mantinham contato com esses predadores galácticos. Brincar com fogo sempre foi seu jogo predileto.

Para Kunfár, no entanto, não era a aventura que o movia, mas sim o ódio que sentia pelas mulheres de Atlântida. Admirava a tecnologia que elas escondiam do resto do mundo. Se todos eram descendentes de Yrm, por que só elas tinham o direito de usufruir da herança da humanidade? Por que não dividiam com os lemurianos e com os humanos na crosta externa?

Toda vez que pensava nisso, colocava tanta força no maxilar que parecia que seus dentes iriam trincar.

Foram esses pensamentos que ele conseguiu colocar nas cabeças de Vardin e de Leflan.

Olhou para sua mão, o canhão de bósons era maravilhoso. Em segundos destruíra três caças atlantes. E não eram naves comuns. Não eram três Benus, a última palavra em aviação atlante.

Um sorriso diabólico deformou seu rosto magro e enrugado.

“Provavelmente eram soldadas de alta estirpe, talvez membros da IFA”

Não aguentou e deu uma gargalhada sonora.

— Morram, malditas Filhas de Atlântida, voltem para o inferno. De onde nunca deveriam ter saído. — Falou mordendo as palavras com ódio espumante.

Percebeu que a pilota de um dos caças conseguira ejetar.

Puxou o rádio do exército que trazia consigo e pressionou o botão.

— General, aqui é Kunfár.

— Sim, senhor Sacerdote Mor, estou as suas ordens.

— Eu quero aquela pilota viva. Entendeu, VIVA!

— Sim, senhor, estamos enfraquecendo o escudo dela.

— Ótimo, quando a pegarem, levem ela para a prisão do palácio.

— Sim, senhor.

Sir Oliver saiu do abraço meio desajeitado, até um pouco envergonhado.

— Estamos de novo em um daqueles prédios flutuantes, — comentou, — espero que esse não caia.

Ninguém riu da piada improvisada. Até porque o trauma fora grande e ainda incomodava.

— O que vamos fazer agora? — Perguntou Klaus.

O professor olhou em redor.

— Eu ainda não sei, por enquanto, acho melhor esperar. E, nesse meio tempo, vou tentar falar com a senhora PYthía ou com a senhorita Briéla. Vou pedir para nos levarem de volta para o nosso mundo.

Todos concordaram num gesto de cabeça.

— Não pode ser diferente, — falou o prussiano, — mas antes precisamos encontrar Steve e o menino John.

Sir Oliver abaixou a cabeça.

— Não me esqueço deles um minuto sequer. Quem sabe elas tenham uma resposta sobre esses desaparecimentos.

Para o azar da princesa, o local era um descampado e não tinha onde se esconder.

Os inimigos a cercaram e não havia rota de fuga.

Olhou para o céu e viu sua esquadra fazer meia volta para tentar resgatá-la

O raio azul brilhou novamente e mais um Benu foi engolido por uma bola de fogo.

“Não, não, não, voltem para Hathor.”

Foi num misto de desespero e alívio que viu os três caças restantes girarem no eixo e desaparecerem na direção de Atlântida.

A imagem da explosão da nave de Brania, repassava repetidas vezes em sua mente. Sua melhor amiga estava morta.

Deitou-se no chão para evitar os tiros e poupar energia do escudo.

Seu cérebro trabalhava como louco para encontrar um jeito de sair dali.

Através de seu capacete, conseguia ver, em realidade virtual, as redondezas. Os soldados inimigos se espalhavam pela campina.

Deram uma pequena trégua. Isso era bom para recuperar um pouco de energia e desafogar o reator de fusão nuclear que alimentava a armadura.

No entanto, Briéla sabia que o pior estava por vir. O próximo passo seria enviar andróides de guerra. Com a energia que lhe restava ela seria capaz de destruir uns dez ou vinte Mnemes, mas só. Depois disso, seu traje não suportaria mais e ela seria queimada viva pelas descargas de gás superaquecidos.

Procurou evitar pensar na morte.

Resolveu agir com prudência e preservar o máximo de energia que pudesse.

Optou por permanecer deitada.

“Merda, o que vou fazer? Se tentar voar eles me trazem de volta pro chão.”

Um alarme soou em seu capacete.

Uma fileira de Mnemes marchavam em sua direção.

“Lá vem eles, agora só um milagre.”

Respirou fundo, a adrenalina em seu sangue chegou ao limite do que o corpo podia aguentar. Seu coração batia desesperado, lutando bravamente em uma causa perdida. Os músculos aumentaram a tensão sobre os ossos. Seu corpo tremia.

O primeiro robô ficou visível, com seu braço armado apontando diretamente para ela.

Num ato de puro reflexo Briéla saltou no ar, girou e acionou a garra de caranguejo.

O androide a acompanhou com rapidez. Mas Briéla foi mais rápida e amputou o braço da máquina.

Outra surgiu atrás da primeira. E mais outra, e mais outra, e outra.

A princesa lutava com obstinação. Não entregaria sua vida de forma tão barata.

Os Mnemes dispararam contra ela. Eram tiros ordenados e sincronizados.

“Bosta, o que estão fazendo?”

Por instinto desviou de um disparo, mas foi atingida por outro e a bateria de seu escudo acusou a baixa.

Outro disparo a tingiu.

Não atiravam contra seu coração, mas na periferia de seu corpo. Apenas o suficiente para ativar o escudo.

Num relance ela entendeu.

“Sim, estão drenando a minha bateria!”

Desligou a garra para poupar mais energia. Saltou para trás, fugindo de um tiro.

“Malditos, eles me querem viva!”

Tomou outra descarga.

O escudo piscou e voltou a acionar, a bateria estava no limite.

Olhou para o indicador de energia.

“É o fim, não tem mais nada.”

Uma onda de desespero invadiu seu ser.

Preferia morrer em batalha. Seria anos-luz melhor do que ser torturada até a morte.

Aquele pensamento lhe deu força extra e, em vez de lutar, ela tentou fugir.

Tentou seguir em linha reta e escapar do cerco.

Os tiros aumentaram.

O alerta de energia baixa gritou com insistência.

Alguns instrumentos começaram a falhar.

Os tiros não paravam.

A energia de seu traje acabou.

Briéla caiu com o primeiro tiro que passou de raspão, causando queimadura e dor.

Tentou puxar o ar, mas teve dificuldade.

Evitou levantar-se. O ambiente virtual do capacete desapareceu e ficou tudo escuro.

Os tiros pararam.

Retirou o capacete e conseguiu respirar.

Olhou ao redor, estava cercada por Mnemes com suas armas apontadas para ela.

— Tome cuidado, John, este warnnene é um técnico, pode ter outros truques escondidos. — Avisou Zranide.

— Sim, — respondeu o rapaz, — eu já percebi. Não consigo acesso à mente dele, ao mesmo tempo sinto que ele percebe a minha presença.

John retirou a mão da gelatina.

Virou-se para SëThus e Zranide.

— Temos um problema ainda maior. — Disse com expressão tensa.

Os dois aguardaram o inglês continuar.

— Ele está construindo um túnel de matéria exótica.

— Um buraco no espaço? — Perguntou SëThus.

— Sim, um buraco para estreitar o caminho entre nosso sistema e o sistema de Alpha Centauri. Existe alguma coisa lá, preciso descobrir o que é.

SēThus assentiu com a cabeça.

John olhou para o livro em suas mãos.

— Preciso ir para Hydra, a cura para os nanodroids terá de esperar um pouco.

— Sim, não temos outra escolha, faça isso. — Falou Zranide com voz decidida. — Eu avisarei o Conselho de Atlântida. Talvez seja interessante mandar uma nave espiã para Alpha Centauri.

John balançou a cabeça.

— Melhor esperar um pouco, preciso ter certeza do que vi. Levarei o livro comigo. Quando for possível, coloco ele numa nave-robô com destino a Hathor.

O ataque promovido por Briéla atrasou a cerimônia de coroação de Grasso Vardin. A ofensiva inesperada gerou pânico até mesmo no palácio.

Com tantas coisas acontecendo ao mesmo tempo, o Grão Vizir sequer teve tempo de estudar a nova arma. Passou essa tarefa para Kunfár.

Durante o ataque dos Benus, Vardin torcia para que o canhão de bósons funcionasse. Caso contrário, não haveria novo imperador em Lemúria.

Com o desenrolar dos acontecimentos e a derrubada de quatro caças inimigos, a euforia tomou conta do palácio. Sorrisos se espalharam por todos os rostos.

A festa de coroação teve início logo após a fuga das três aeronaves atlantes. Centenas de nobres perambulavam pelo salão aguardando a entrada do futuro governante.

A antessala do salão de cerimônias era revestida por placas de mármore com acabamento em ouro nas portas e nos cantos. No interior, poltronas flutuantes se espalhavam, servindo as pessoas mais ilustres do Império. Dava acesso a dois corredores; um que conduzia à área nobre do salão, onde estava a mesa oficial. O outro conduzia para o interior do palácio.

Vardin e Acati aguardavam o momento de entrar.

Um dos conselheiros mais respeitados se aproximou de Grasso.

— Senhor, já está na hora de iniciar a cerimônia.

Vardin se levantou e olhou para o corredor. Procurava alguém, vindo do interior do palácio.

— Conselheiro Golden, eu entendo que já estamos atrasados, mas não posso começar sem a presença de uma pessoa.

— Quem?

Grasso deu um leve sorriso.

— Uma pessoa que será muito importante para este Império.

Guildsen estampou uma cara de dúvida.

Grasso sorriu.

— Ah, lá está ele.

Drésno Kunfár surgiu, vindo, apressado, do interior do palácio. Caminhou direto para o novo Imperador.

— Desculpem-me o atraso, um problema inadiável me segurou além do que eu esperava.

— Imagino que tenha sido um problema de grandes proporções. — Falou Grasso.

O conselheiro leu nas entrelinhas e se virou para o sacerdote. Havia um leve sorriso em seu rosto.

— Mestre Kunfár, o seu atraso tem alguma coisa a ver com a nova arma que derrotou os caças inimigos?

Kunfár mostrou os dentes num riso exagerado.

— Sim, tem alguma coisa a ver com isso. Mas por enquanto é segredo militar. Não posso dar mais detalhes. O que posso dizer é que Lemúria terá dias tranquilos daqui em diante.

O conselheiro bateu de leve no ombro de Drésno.

— Com certeza, sim.

Em seguida, dirigiu o olhar para o Grão Vizir.

— Podemos iniciar a solenidade?

Vardin fez um movimento afirmativo com a cabeça.

— Sim, agora já podemos iniciar.

Acati se levantou e se posicionou ao lado de seu marido.

O conselheiro caminhou na frente, seguido pelo Grão Vizir e sua esposa. Logo atrás, dezenas de figuras importantes daquele país.

Se acomodaram na mesa oficial.

Guildsen pegou o microfone

— Senhoras, senhores, ilustres conselheiros, ilustríssimo senhor Grão Vizir Grasso Vardin. É com muita honra que declaro aberta a cerimônia de coroação do Imperador de Lemúria. Gostaria eu que esta fosse uma solenidade longa, recheada de festas, muita comida e bebida. Mas, quis o destino que, neste momento, o nosso país estivesse em guerra. Além disso, lamento que a transferência de poder não esteja acontecendo por motivos naturais, mas sim por causa da morte prematura do Imperador Klans Kumárin.

Fez uma breve pausa.

— Como já foi divulgado por toda a mídia, o Imperador Kumárin foi vítima de um ataque cardíaco e morreu sem deixar herdeiros. Lemúria encontra-se em luto. No entanto, não podemos parar. Os atlantes, nossos arqui-inimigos, não dão folga para descanso. Como vocês bem puderam ver hoje em plena praça principal de Hydra. Os insolentes pensaram que fariam apenas um passeio, matariam alguns de nós e retornariam, ilesos, para seu covil.

Fransl Guildsen pigarreou para limpar a garganta.

— É por causa desses acontecimentos que acabei de narrar que a cerimônia, hora em curso, será breve, restrita apenas ao juramento solene do novo imperador.

— Foi por consenso geral, por unanimidade, que nós, membros do Conselho de Lemúria, decidimos elevar ao cargo máximo desse país o nobre e ilustríssimo senhor Grasso Vardin. O homem que retirou Lemúria da maior crise econômica de sua história.

Uma salva acalorada de palmas encheu o salão.

Paciente, Guildsen esperou os aplausos terminarem.

Girou na direção do Grão Vizir.

— Senhor Grasso Vardin, por favor dê um passo à frente.

Vardin obedeceu com o pé direito.

— Senhor Grasso Vardin, — continuou Guildsen em tom solene, — repita comigo o juramento.

Grasso assentiu com a cabeça.

— Juro pelos nossos ancestrais em YRM.

— Juro pelos nossos ancestrais em YRM. — Falou com voz grave e compassada.

— Cumprir até a morte, sem direito de renúncia,
Vardin trazia um leve sorriso.

— Cumprir até a morte, sem direito de renúncia,

— A santa missão de representar Lemúria como seu Imperador. —
Finalizou Guildsen.

Grasso inflou o peito.

— A santa missão de representar Lemúria como seu Imperador.

Um oficial se aproximou com uma almofada em veludo vinho. Parou ao lado do conselheiro.

Guildsen pegou a medalha que repousava sobre a almofada.

— Em nome do Conselho de Lemúria e do povo desse maravilhoso país, eu, Fransl Guildsen, declaro e afirmo que a partir desse momento o senhor Grasso Vardin deixa o posto de Grão Vizir... Para iniciar a grande missão de sua vida... A partir desse momento, tem início o governo do Imperador Grasso Vardin. Faço valer a verdade de que desse momento em diante Lemúria está sob o controle da dinastia Vardin.

Os aplausos encheram o salão novamente. Demoraram quase dez minutos.

Grasso se aproximou do microfone.

— Senhoras, senhores. Meu discurso será breve. Como não podia deixar de ser, minha primeira fala será a respeito da Imperatriz.

Ele se virou, segurou a mão de Acati e a trouxe para o seu lado.

— Quero apresentar a todos vocês a Imperatriz Acati Vardin. Mulher de fibra e força que me ajudou a chegar até aqui.

Olhou para ela.

— E tenho certeza de que me ajudará a governar este país com olhos voltados para a paz, para o progresso e para o engrandecimento do nosso povo.

— Quero também apresentar a vocês o novo Grão Vizir. Trata-se de um homem de índole inquestionável, uma pessoa que aprendi a respeitar e amar como a um pai. Senhores, os negócios de Lemúria serão agora geridos por Drésno Kunfár o novo Grão Vizir de Lemúria.

Acordou de sobressalto, barulhos vinham do corredor.

Leflan levantou-se da cama dura e foi até a porta onde uma pequena fresta permitia ver o exterior.

Guardas, vários deles, caminhavam rindo, comemorando alguma coisa.

Não demorou muito para Frésnigo perceber o motivo da euforia.

Eles traziam uma prisioneira, uma Atlante.

Não dava para ver direito, mas pelos trajes, tratava-se de uma Filha de Atlântida.

Eles abriram a masmorra a sua esquerda.

— Entre aí, maldita! — Rosnou um dos guardas, empurrando a moça para dentro. — Você vai apodrecer neste lugar.

Foi apenas de relance que Leflan pode ver a guerreira inimiga. Tempo suficiente para saber quem era.

“Como conseguiram aprisionar a princesa de Atlântida?” Se perguntou atônito.

— Guarda, guarda. — Gritou. Pela fresta.

— O que foi. — Respondeu um dos soldados.

— O que está acontecendo?

— Não é da sua conta, vê se morre logo pra não dar muito trabalho.

— Vocês prenderam uma atlante? Como?

O assunto interessou ao soldado.

— As vagabundas vieram atacar Hydra. Mas não esperavam pela nossa arma nova. Matamos três e essa outra vadia conseguiu ejetar, mas nós a pegamos no pulo.

Um outro soldado, que era de maior hierarquia, trancou a cela de Briéla.

— Vamos, — ordenou, — não dê atenção para esse preso.

O soldado obedeceu e se afastou da porta de Leflan.

— Vamos, — continuou o oficial, — precisamos dar um jeito neste lugar. Fui informado que o imperador, em pessoa, virá aqui conversar com essa prisioneira.

Frésnigo Leflan se afastou um pouco da porta.

“Kumárin virá visitar uma prisioneira? É bem verdade que é uma atlante, mas esse não é o perfil do Imperador. Ele nunca viria até a masmorra.” Pensou.

“A menos que ele já saiba que aprisionaram Briéla Austhrum.”

— Guarda, eu quero falar com o Grão Vizir, Grasso Vardin precisa saber que estou aqui.

O oficial se virou para fresta.

— Você está preso aqui por ordem expressa de Grasso Vardin. E ele não é mais Grão Vizir.

— Não? O que você quer dizer com isso?

— Klans Kumárin tá morto. Grasso Vardin é o novo Imperador de Lemúria.

Drésno entrou na sala do Grão Vizir, o escritório que era ocupado por Grasso.

Correu os olhos pelo lugar.

Respirou fundo, deu três passos em direção à mesa.

“Isso não é para mim.” Pensou. “Não sou um político, não me interesso por administração e conchavos. Gosto da ação da espionagem, da arte da infiltração.”

Lembrou-se quando se infiltrou em Hathor e conseguiu colocar uma de suas pupilas dentro da ODA.

“Aquilo sim foi um desafio. Não isso.”

“Se soubesse que Grasso tinha isso em mente, teria dissuadido ele dessa ideia. Agora é tarde. Pedir para sair do cargo seria vergonhoso para mim e para o Imperador. Por outro lado, ficar aqui será um verdadeiro inferno.”

Caminhou mais dois passos e colocou a mão na escrivaninha.

O Telefone tocou.

Drésno olhou para o aparelho.

Segurou-o por um instante sem retirá-lo do gancho. Era um aparelho de comunicação comum, sem monitor visual.

A campainha do objeto insistiu.

Ele arrancou o fone de seu lugar como se puxasse um cipó agarrado ao tronco de uma árvore

— Drésno Kunfár. — Falou com voz calma.

— Senhor Grão Vizir, me desculpe ligar direto para o senhor. Sou o legista responsável por apresentar a causa da morte do Imperador.

— Sim, doutor, o senhor já tem um laudo?

— Esse é o problema, encontrei um pequeno fragmento de dardo na região do coração. Tinha minhas dúvidas, mas agora, após alguns testes, estou convicto de que Klans Kumárin foi assassinado!

Um frio gélido percorreu a espinha dorsal de Drésno.

“Maldito dardo, ele deveria ter sido absorvido pelo corpo. Essa falha pode trazer complicações para nós.”

— Doutor, isso é muito grave! Já contou para alguém?

— Não, ainda não. Pretendo entregar meu laudo nas próximas horas.

— Muito bem, — falou o Grão Vizir, — não fale nada para ninguém. Quando o laudo ficar pronto, quero que o traga para mim. A situação do momento já é muito complicada. Levarei o caso ao Imperador para que tomemos a melhor decisão.

— Sim, senhor, farei isso. No entanto, prometi avisar os investigadores caso encontrasse alguma novidade.

Kunfár ficou mudo por um segundo ou dois.

— Sim, claro. O caso precisa ser esclarecido. Porém isso deve acontecer numa esfera especial. Estamos em guerra e não podemos complicar ainda mais a delicada situação política em que nos encontramos. Faça o que lhe falei, traga o laudo até mim. Não fale nada, ainda, para os investigadores. Se perguntarem, diga-lhes que o laudo será entregue direto ao Imperador. Em seguida, passaremos tudo o que temos para os órgãos competentes.

— Sim, senhor. — Respondeu o legista, separando cada sílaba

Drésno percebeu a indecisão do homem.

— Doutor, temos motivos para acreditar que Klans Kumárin foi assassinado por agentes de Atlântida. A espiã deve estar entre nós. Por isso, todo cuidado é pouco, a vida do senhor também corre perigo. Portanto, por cautela, não fale nada sobre isso por enquanto.

— Sim, senhor, farei isso, senhor. Obrigado.

No primeiro momento, Sânia não acreditou em seus olhos.

Um Benu explodiu em pleno ar. Depois o caça de Brania foi partido ao meio!

Logo em seguida, o caça da General Briéla também foi abatido. Três aeronaves, que eram tidas como invencíveis, foram destruídas em menos de um minuto.

Os instrumentos indicaram que a princesa tinha ejetado.

— VAMOS RESGATAR A GENERAL. — Gritou.

Puxou o manche e o Benu obedeceu com suavidade.

Em seu ambiente virtual, Sânia via Briéla em sua trajetória para o chão.

Se aproximaram para fazer cobertura, mas a arma inimiga disparou outra vez. O Benu ao seu lado teve fim numa explosão cinematográfica.

Seu coração foi ao limite da capacidade, segurava o manche de sua nave como se quisesse estrangulá-lo.

Gotas de suor frio brotaram em seu rosto.

O instinto de sobrevivência falou mais alto. Girou o nariz de seu Benu para Hathor.

— VAMOS SAIR DAQUI. — Gritou pelo rádio.

As outras duas naves a seguiram no mesmo instante.

Despejaram potência nos motores de seus caças e desapareceram no horizonte.

“Que maldita arma é essa?” Se perguntava sem cessar.

Com as mãos ainda trêmulas, ela sintonizou o rádio para falar com Hathor.

— Layra, aqui é Sânia, você está me ouvindo?

Um breve chiado.

— Na escuta, prossiga Sânia.

A menina engoliu em seco e olhou para o alto.

— Layra, fomos surpreendidas por uma arma desconhecida. Eles abateram quatro de nossas naves.

— O que você está dizendo? Quem é a oficial no comando? Onde está Briéla?

— Eu estou no comando. Os caças de Brania, Tissa explodiram no ar, elas morreram na hora. A nave da General perdeu o motor. Ela conseguiu ejetar. Tentamos resgatá-la, mas explodiram também a nave de Mirla.

— Por Yrm, não dá pra acreditar, como?

— Não sei. A maldita arma é muito poderosa. Saímos do alcance depois da morte de Mirla. Estamos sobrevoando o oceano. Podemos voltar e tentar resgatar a General, mas, a essa altura, temo que já esteja morta. O que devo fazer? — Perguntou Sânia.

Layra pensou um pouco.

— Retornem para Hathor, avisarei o Conselho de Administração.

— Entendido, estaremos aí em um minuto.

Layra desligou o seu aparelho e permaneceu imóvel olhando para o infinito.

Enviou um comando mental para o aparelho de comunicação.

A imagem da primeira-secretária do Conselho apareceu no monitor tridimensional.

— Layra, como você está?

A moça ignorou a pergunta.

— Aconteceu uma tragédia. Briéla está morta! Não sei como falar isso para a Imperatriz.

Os olhos da secretária arregalaram.

— Morta? Como?

— Ela e mais três Filhas de Atlântida foram mortas em combate.

A secretária desabou e chorou aos soluços.

— Não, não pode ser, não pode ser. Briéla é só uma menina. Não pode ser. Aquela nave é invencível, não pode ser.

Layra, não aguentou e suas lágrimas também caíram.

— Infelizmente é a verdade. Das sete apenas três estão retornando.

— Por Yrm, como isso pôde acontecer. Como contaremos isso à

Imperatriz?

Layra enxugou o rosto.

— Vou receber as sobreviventes e em seguida irei para o cálice central.

— Ótimo trabalho, mestre, abater quatro caças de Atlântida não é para qualquer um! — Disse Grasso sorrindo. — Que arma maravilhosa.

Drésno Kunfár também sorria em sua primeira audiência com o novo Imperador.

— Como devo chamá-lo agora, meu amigo, de Imperador?

Grasso gargalhou.

— Mestre, o senhor pode me chamar como quiser. O senhor sempre será o meu mestre.

Drésno deu dois passos e se sentou em uma poltrona.

— Vardin, vou continuar chamando-o de Vardin.

O Imperador também se sentou.

— A primeira parte de nosso plano deu certo. Tudo aconteceu como planejado.

O rosto de Kunfár ficou sério.

— Nem tudo.

— Como assim?

— Um dos malditos dardos não dissolveu por completo e o legista encontrou traços do assassinato.

O rosto de Grasso também escureceu.

— Que merda! Quem mais sabe disso?

— Por enquanto eu, você e o médico.

Grasso se levantou, com os músculos tensos e a mão cerrada.

— Esse fato pode pôr tudo a perder... podemos dar sumiço neste médico antes dele abrir a boca.

— Fique calmo, num primeiro momento também pensei assim. Mas me ocorreu uma ideia.

Grasso sentou-se novamente.

— Que ideia?

— Por sorte, temos dois prisioneiros ilustres.

— Dois?

— Sim, — continuou Kunfár, — Leflan e uma Filha de Atlântida. Não sei se te falei, mas uma das pilotas foi aprisionada. Está na masmorra neste momento.

Grasso riu de gargalhar.

— Sério? Isso é muito bom!

— Sim, muito bom. Podemos usar os dois para aumentar, ainda mais, o nosso poder.

Grasso se acomodou na poltrona.

— Continue.

— Usamos o legista para tornar público o fato de Kumárin ter sido assassinado.

O Imperador assentiu com a cabeça.

— Bem, durante a reunião com o conselho, a hipótese de assassinato foi levantada. Eu apoiei a hipótese, mas não contava que encontrariam evidências. Tudo isso me parece muito perigoso.

Kunfár desenhrou um leve sorriso.

— Parece, mas não é. Pelo contrário, vem a calhar com o nosso plano.

— Estou ouvindo.

Drésno olhou para o horizonte como a vislumbrar uma paisagem.

— Pense comigo, A notícia do assassinato se espalha. As pessoas, como é natural, vão desconfiar do novo Imperador. Você vai a público e declara que quer ver tudo solucionado. Coloca até o trono a disposição. As pessoas ficarão em suspenso.

— Continuo achando perigoso. — Disse Vardin com a mão no queixo.

— Eu planto provas capazes de incriminar Leflan. Afinal, ninguém sabe que ele está preso. Simulamos provas de que ele era um facilitador para o ataque das naves Atlantes.

Kunfár voltou a olhar para o Imperador.

— Provamos que ele é um traidor, sendo pago pelo inimigo. Responsabilizamos Atlântida pela morte de Kumárin. Pronto, teremos o conselho,

o exército e o povo, todos do nosso lado. Então, continuamos com o plano de tomar Atlântida e depois a crosta externa.

O rosto de Vardin se iluminou.

— Não é à toa que chamo você de mestre. Não existe ninguém igual.

A notícia trazida por Layra era desesperadora. PYthía ouvia o relato das sobreviventes numa serenidade difícil de entender.

A grande sala de reuniões do Conselho de Administração ficou pequena para a quantidade de pessoas que se acotovelavam tentando ver ou ouvir alguma coisa. Ninguém queria acreditar que a princesa morrera em batalha.

As pilotas terminaram a narrativa e a Imperatriz parecia olhar para o vazio.

Brathía levantou-se de sua poltrona e esmurrou a mesa.

— Malditos, — falou quase aos gritos, — eu juro que vou afundar o continente de Lemúria no oceano. Mil vezes malditos, vou fazer aquela bosta de país virar o inferno. Vou transformar aquela terra em lava incandescente!

Suas lágrimas desabaram e a última frase saiu soluçada.

TYríade também deu vazão ao pranto.

— Estou com você, Brathía, deixamos os Lemurianos soltos demais.

Devagar, engolindo em seco, PYthía olhou para Sarhin e em seguida buscou Zranide.

Sarhin trazia o semblante neutro, talvez um pouco tenso, mas não triste. Zranide parecia nem estar ali, dava a impressão de que seu espírito viajava para longe.

PYthía levantou a mão para pedir silêncio.

Todos se calaram.

A Imperatriz colocou-se em pé.

— É a primeira vez em milênios que perdemos soldados em um campo de batalha. Lutas, guerras, contendas faziam parte do mundo de nossas guerreiras Brania, Mirla e Tissa.

As lágrimas finalmente rolaram pelo rosto da Imperatriz.

— Nunca pensei que fosse viver um momento como esse. Parte de mim

quer se desesperar e outra parte entende os rumos do Universo.

— Precisamos revidar, atacar Hydra e acabar com aquela gente. —
Vociferou Brathía com punho cerrado erguido no ar.

— Não, não vamos fazer nada disso! — Falou Zranide

Todos olharam para a anciã a um só tempo.

A senhora de cento e dezenove anos levantou-se de sua poltrona.

— Não vamos atacar ninguém. Um povo inteiro não pode pagar pela insanidade de alguns. Antes de sermos atlantes, nós somos humanas. Não se apaga fogo com querosene. A força deve ser colocada a serviço da sabedoria e não o contrário.

— Mas, mãe, — Falou TYríade — A princesa foi assassinada! Não podemos ficar aqui sem fazer nada.

PYthía fez um gesto com a mão.

— Não, — sua voz era calma e triste, — Briéla não está morta. Não ainda. Tissa, Brania e Mirla atravessaram o grande portal, mas a princesa não.

Silêncio.

O rosto de Brathía se acalmou e voltou a se sentar.

— Ela sobreviveu? Foi aprisionada? Aqueles malditos a prenderam? Precisamos tirá-la de lá. PYthía, você sabe onde ela tá?

— Ela está ferida? — Perguntou TYríade.

PYthía baixou a cabeça.

— Sinto que Briéla sobreviveu à queda de seu caça. Mas não sei se foi aprisionada.

Zranide fechou os olhos. As pessoas da sala mantiveram o silêncio.

— A princesa foi capturada por soldados do Imperador. Está presa em uma das celas do calabouço do palácio imperial de Lemúria.

Brathía afasta poltrona atrás de si.

— Para mim já é o bastante, vou buscar a minha neta. — Disse, já caminhando para a porta.

— Espere. — Ergueu a voz Zranide.

Brathía parou quase que por encanto.

— Não posso ficar aqui parada, preciso fazer alguma coisa.

Zranide deu alguns passos em direção a Brathía.

— Não podemos fazer nada agora. Eles estão esperando nossa ação desesperada. Se atacarmos Hydra, o número de mortes será absurdo dos dois lados. E, aí sim, eles matarão Briéla.

— Zra tem razão, — falou a Imperatriz, — não podemos agir por impulso. A situação é delicada. O próximo passo deve ser pensado com frieza.

Zranide segurou as mãos de Brathía e de PYthía.

— Eu tenho uma ideia.

Os telejornais de todo o país de Lemúria não falava em outra coisa. Contavam e comentavam o recente escândalo na capital Hydra.

O assassinato de Klans Kumárin era manchete em todos os meios de comunicação.

Formadores de opinião se dividiam. Uns gritavam que Grasso era o assassino, outros colocavam a culpa na vida promíscua do ex-governante.

Todos, porém, queriam justiça. Pediam uma investigação profunda, que apontasse o culpado.

John McBrian chegou a Hydra no meio de todo aquele burburinho.

Parou em frente à máquina de vender jornais. Na manchete, um rosto conhecido.

“Onde já vi esta pessoa antes?” Perguntou a si mesmo.

No entanto, o título da reportagem trazia um nome que nunca ouvira antes.

Provas incontestáveis sugerem que Frésnigo Leflan assassinou o Imperador

“Leflan? Parece que eu conheço você de algum lugar”

Uma outra reportagem dava conta de que uma Filha de Atlântida fora aprisionada horas antes.

John devorou a notícia que falava sobre os quatro caças atlante, abatidos na breve batalha.

Os lemurianos compravam os jornais para guardar como lembrança daquele momento histórico.

Risos e expressão de felicidade se espalhavam entre os rostos dos

habitantes daquele país.

As últimas horas tinham sido recheadas de desespero e dor.

A todo momento, a imagem do caça de Brania explodindo vinha à mente da princesa.

Briéla ainda usava sua armadura, mas os soldados retiraram a pequena usina de fusão nuclear.

Sem energia, aquela maravilha da engenharia Atlante não valia de nada. Não passava de um macacão pesado e incomodo.

Ouviu passos, mas não se interessou, continuou sentada na cama dura aguardando pelos próximos acontecimentos.

A porta da cela se abriu e dois guardas entraram com armas em punho.

A moça nem se movimentou, limitou-se a dirigir-lhes o olhar.

Em seguida entrou um homem imponente.

Briéla o reconheceu no mesmo instante.

— Senhor Grão Vizir. — Falou por entre os dentes.

Grasso Vardin demorou um pouco para reconhecer aquela voz. Firmou o olhar não acreditando no que via.

Ficou paralisado por um momento.

— Princesa Briéla Austhrum? — Perguntou duvidando de si próprio.

A moça franziu a testa.

— General Briéla Austhrum, Filha de Atlântida. — Falou com orgulho.

O Imperador sorriu.

— Hoje eu tirei a sorte grande. Fui informado de que tinha uma prisioneira importante, mas não fazia a menor ideia do tamanho dessa importância.

— Maldito, nós vamos incendiar esse país miserável. — Falou com ódio espumando pela boca.

Vardin deu uma gargalhada sonora.

— Princesinha, vocês tentaram isso hoje, mas parece que não deu certo.

Briéla se limitou a fechar os punhos com força.

Vardin deu um passo à frente.

— Princesinha, com o seu erro de hoje, você nos deu a maior vantagem que podíamos ter nessa guerra.

— Você não tem vantagem nenhuma nessa guerra. A Irmandade das Filhas de Atlântida vai destruir esse lugar.

— Não enquanto você estiver viva! Digo mais, vou exigir a rendição de Atlântida, a entrega das armas e a dissolução do Império Atlante. Atlântida será uma província de Lemúria.

— Você é um louco. Como princesa, exijo falar com o Imperador. Quero ser ouvida por Klans Kumárin.

Grasso se tornou sério.

— Não se faça de desentendida, Kumárin foi assassinado! Você sabe disso.

Briéla sentiu seus músculos enrijecerem.

— Assassinado?

— Sim, assassinado por um espião, um agente duplo. Um traidor que recebeu para matar nosso imperador e facilitar o seu ataque ao centro de Hydra.

— Você tá louco? Não preciso que ninguém...

Grasso atravessou com voz áspera.

— Ou você vai negar que pagou Leflan para assassinar o Imperador de Lemúria?

— Não paguei bosta nenhuma. — Disse trincando de raiva.

Vardin deu uma risada sonora.

Briéla entendeu o jogo político por trás daquela informação.

— Você é nojento. Vocês mataram seu próprio governante.

O sorriso sumiu do rosto de Grasso.

— Não vai ser fácil provar isso para os juízes lemurianos.

— Quero falar com o Imperador interino. Devo ser tratada como prisioneira política e...

— CALE-SE. — Gritou. — Você não está em condições de exigir nada.

A General se limitou a um olhar carregado de ódio.

— Mas, — continuou Vardin, — quis o destino, que você pudesse falar direto com o Imperador. — Falou com voz compassada, como se os tambores da vitória ribombassem atrás de si.

Briéla arregalou os olhos antevendo o que ele iria dizer.

Grasso inflou o peito.

— Eu sou o novo Imperador de Lemúria.

Olhou para ela com lábios deformados num sorriso satânico.

— E em breve, serei o Imperador de Atlântida também. Depois, vou subjugar todas as nações da crosta externa. E por fim, serei o Imperador supremo do Planeta Terra.

Briéla sentia as batidas de seu coração quase explodindo as veias do pescoço.

— Só por cima do meu cadáver. — Vociferou mordendo cada palavra.

O Imperador de Lemúria a olhou de cima a baixo.

— Tudo a seu tempo, princesinha, tudo a seu tempo. No momento correto, será um prazer passar por cima do seu corpo apodrecido.

As últimas palavras do soldado bailavam na mente de Leflan. Remoía a informação tentando extrair o máximo dela. Sim, fazia sentido. Vardin e Kunfár sempre foram unidos. Planejaram tudo nos mínimos detalhes. E ele, fora apenas uma peça no complicado jogo de xadrez que os dois estavam jogando.

Ao ouvir o som de passos vindos do corredor, Leflan correu até a porta para ver quem era.

Se espantou ao ver Vardin passar ao lado de dois guardas.

Aguçou os ouvidos e prestou a atenção na conversa de Grasso com Briéla.

Captou boa parte do que diziam.

“Então é verdade. Vardin se tornou Imperador! O plano está dando certo.”

“Mas se está saindo como planejado, por que eu estou aqui preso?”

Ouviu as últimas palavras endereçadas à princesa.

A cela de Briéla se fechou e Vardin iniciou o retorno para o palácio.

— VARDIN, Grasso Vardin. — Gritou pela fresta. — Sou eu Leflan.

O Imperador parou. Permaneceu estático por um instante. Mastigava em sua mente se deveria ou não falar com Leflan.

De dentro da cela, o preso continuava

— Vardin, sou eu, seu amigo Frésnigo Leflan.

O Imperador se virou e fez sinal para os guardas saírem.

— Você não é meu amigo.

— Vardin, por favor, o que está acontecendo? Por que eu estou aqui? Me parece que o plano está indo bem.

— Leflan, não existe plano para você, apenas destino.

O Imperador fez menção de se retirar.

— Vardin, não faz sentido eu estar aqui. Eu ajudei para que as coisas andassem. Me diga, por que me prenderam aqui?

A testa de Vardin se enrugou.

— Por dois motivos. — Disse o Imperador. — Primeiro porque você é acusado de ter assassinado Klans Kumárin.

— O quê? Eu? — Ele já tinha ouvido aquilo, mas não queria acreditar.

— E em segundo porque eu nunca perdoei a morte de Tréssor.

Imagens trágicas visitaram a mente de Leflan.

— Até hoje me dói lembrar daquele dia, mas foi um acidente. Você viu, você estava lá. Eu tentei salvá-lo. Fiz tudo o que pude, mas...

— Mas você o deixou morrer... Maldito, deixou ele cair... — A voz do Imperador saiu embargada. — Vai pagar por isso.

— Não, não, não. Eu fui o único que tentou alguma coisa...

Os olhos de Vardin se tornaram furiosos.

— Ele não precisaria ser salvo se não fosse por causa da sua incompetência. A culpa é sua sim. Foi sua a ideia de escalar aquele maldito penhasco. Por sua causa, meu filho nunca mais retornará. A culpa é toda sua.

O rosto de Frésnigo ficou vermelho.

— Você também é culpado! Você e Kunfár, os dois estavam lá. Mas só eu desci pela encosta pendurado como pêndulo de relógio. Cheguei a meio metro dele. Gritei para ter calma, mas o menino se desesperou. Pulou na minha direção... Eu... Eu estava longe ainda... — Disse olhando para o chão. — Já contei essa história um milhão de vezes. Tentei agarrá-lo no ar...

— Leflan, pode contar a história que quiser, isso não diminuirá meu ódio por você.

Frésnigo percebeu que Vardin se afastava.

— Grasso Vardin, você é uma alma miserável e podre.

O Imperador deu dois passos e parou.

— Está decidido, — disse sem se virar, — você morrerá como traidor, assassino do Imperador de Lemúria. Lembrarão de você como um bandido, um malfeitor, um déspota. Quero que você apodreça no inferno.

Vardin seguiu pelo corredor enquanto Leflan gritava juras de vingança.

John ainda lia as notícias quando ouviu, no interior de seu cérebro, a voz de Zranide.

“John, preciso de sua ajuda.”

“Acabei de chegar em Hydra. Li no jornal que quatro naves atlantes foram abatidas. Uma pilota foi presa. Não se fala em outra coisa. Isso é verdade?”

“Sim, John, é verdade. Foi uma grande derrota para nós. Três guerreiras morreram no ataque que fizemos a Hydra.”

“Meu Deus, como isso pôde acontecer?”

“A General não sabia sobre a presença do warnnene e atacou Hydra no momento errado. É por muita sorte que ela está viva, mas foi capturada pelo inimigo.”

O coração de John bateu descompassado.

“Briéla? Aqui?”

“Sim, estamos de mãos atadas. Se atacamos eles podem matá-la.”

John caminhava por uma movimentada rua da capital.

“Briéla, meu Deus!” Pensou o rapaz. “Ela pode estar sendo torturada.”

“Eles não sabem que você está aí.” Falou Zranide. “Temos de deixar o warnnene para depois. Briéla depende de você.”

Ele cerrou os punhos e olhou na direção do palácio.

“Deixe comigo, vou tirá-la de lá. Nem que seja a última coisa que eu faça. Se for para ela morrer, então morrerei junto.”

“Obrigada, John, eu sabia que podia contar com você.”

“Senhora Zranide, eu amo Briéla e sempre a amei. Por muitas encarnações

tenho lutado pelo direito de ficar ao lado dela. Talvez tenha chegado o momento.”

“Sei que você conseguirá. Quando tirá-la de lá, eles irão atrás de vocês como loucos. Deixaremos nosso exército de prontidão, para resgatá-los.”

“Entendido, fique tranquila, mantereí contato. Quando eu e a General sairmos de lá, vamos mesmo precisar de ajuda.”

Não sabia dizer por quanto tempo ficou dormindo.

Sentia sede e fome.

Abriu os olhos devagar, fechou novamente pois os dois ardiam. Se esforçou, colocou mais energia e voltou a abrir as pálpebras. Suportou a ardência até se acostumar com ela.

Suas mãos e pernas estavam presas, algemadas ou algo assim.

Devagar, a visão foi clareando. Alguém o colocara em uma cadeira dura.

Respirou fundo umas três vezes. Não, não era uma cadeira. Estava sentado no banco de um barco, uma lancha, talvez. Acima de sua cabeça, o sol de meio dia espalhava luz vermelha num mundo sem horizonte. À sua frente, um mar enorme.

Balançou a cabeça e olhou para o lado. Uma garota dirigia aquela coisa.

— Quem é você? — Perguntou, ainda atordoado.

A moça olhou para ele.

— Meu nome é Krisça.

Braços e pernas amarrados, tornava claro que ele era prisioneiro.

— Escuta, Krisça, acho que você pegou o cara errado. Eu não sou daqui.

— Eu sei, você é um daqueles caras da superfície. Você é o tal de Steve. Conheci centenas de tolas em Hathor que se derretiam por você.

— Derretiam?

— Sim, naquela porra de lugar não tem homem e elas são obrigadas a transar com máquinas... Vida infeliz.

Steve ficou por um tempo encarando a garota.

— Krisça, pra onde você tá me levando?

Ela desviou o olhar para o inglês.

— Bem, você viu a merda que aconteceu lá atrás, não viu?

— Que merda? A queda do prédio?

Krisça riu.

— Isso. Adivinha quem fez aquilo?

Atordoadado pelo sonífero, Steve não raciocinava direito.

— Quem?

— Porra, você é lerdo mesmo, hein? Fui eu caralho. Eu destruí a usina que segurava aquelas porras lá no alto.

— Você? Por quê?

— Bem, isso não vem ao caso. Depois da merda feita, eu precisava fugir de Atlântida. Pra isso, nada melhor do que um bom refém. — Fez uma breve pausa. — Lindo, você é o meu refém captou? Ou vou precisar desenhar?

— Desenhar?

Ela voltou a olhar para frente.

— Deixa pra lá. O fato é que eu já escapei. Nem preciso mais de você.

Steve chacoalhou a cabeça.

— Caralho, o que você aplicou em mim?

Krisça sorriu.

— Uma dose do cacete de remédio pra dormir. Você é durão, já acordou. Conheço gente dormiu por uns três dias.

— Por quanto tempo eu apaguei?

— Sei lá, dois Khon, mais ou menos.

— Quanto é isso em horas?

— Cara, você é lento mesmo, não é? É só fazer uma regrinha de três! Um cinco horas.

— Sou péssimo em matemática.

— Deu pra ver.

Com o barco aberto, o vento batia no rosto do inglês.

— O que vai fazer comigo?

Ela soltou as mãos dos controles e acariciou o rosto de Steve.

— Ainda não sei, você até que é bonitinho. Tô voltando pra Lemúria. Não decidi ainda. Talvez você possa se tornar um bom escravo.

— Você vai me vender?

Ela riu.

— Vender? Quem compraria uma porcaria como você?

Steve fez cara de dúvida.

— Então, o que vai fazer? Não entendi.

Krisça riu alto e colocou as duas mãos no rosto do rapaz.

— Eu vou abusar de você.

— Vai transar comigo? — Perguntou incrédulo.

O olhar dela era lascivo.

— Isso e muito mais.

Steve sorriu e correu os olhos pelo corpo sinuoso da moça.

— Então por que esperar até chegar em Lemúria. Tô aqui e sou seu escravo. É só usar.

Ela olhou para ele inclinou a cabeça. Girou e apertou um botão.

O motor do barco parou.

— Você não presta. — Krisça falou mordendo os lábios.

Steve sorriu.

— Um bom escravo deve estar sempre pronto.

Krisça se levantou de sua poltrona e se aproximou do inglês.

Desceu o zíper da blusa, deixando os seios à mostra.

— Vamos ver do que você é capaz.

Antes da chegada dos lemurianos, fugidos da superfície, Hydra era apenas uma bela montanha. Os pioneiros da nova Lemúria se instalaram ali. Escavaram milhares de túneis. Criaram bolsões enormes no interior do gigante de pedra. Construíram bairros, centros comerciais, grandes avenidas, praças.

A megalópole de Hydra continuava no lado de fora da montanha. Mais praças, avenidas, bairros, centros comerciais. Foi uma das praças externas que Briéla atacou com seu grupo.

O cume da montanha era tomado pelo palácio do Imperador. Uma construção grandiosa, que não se limitava à superfície. O imenso prédio penetrava

dezenas de metros no subterrâneo.

As masmorras eram o último pavimento, na parte mais profunda do castelo.

Era impossível chegar ao palácio pelo interior da montanha. Não havia estradas ou passagens através das rochas. Só se podia entrar ou sair pelos portões externos. Entre a cidade, no coração da montanha, e a masmorra tinha uma parede natural de granito com a espessura de cinquenta metros.

Na parte interna de Hydra, ficavam as residências mais ricas, os bairros nobres, os cidadãos mais afortunados. No exterior, se amontoavam os mais pobres numa enorme favela. As entradas para o interior da montanha eram bem vigiadas. Para entrar, o pretendente precisava de autorização especial. Mesmo assim, era revistado e escaneado.

No topo da montanha, as entradas para o castelo eram controladas com mais rigor. Os populares não podiam, sequer, se aproximarem dos portões.

Os funcionários eram obrigados a morar ali. Só saiam em casos raros e com motivo forte.

John caminhava pela favela sem ser notado pelas pessoas. Procurava por um lugar onde pudesse se estabelecer e planejar os próximos passos.

Passou em frente a um tipo de hotel. O proprietário alugava pequenos apartamentos.

Entrou. Na recepção, uma senhora se esparramava em uma cadeira de braços.

Ela olhou para o inglês.

— Bom dia. Tá precisando de quarto?

— Sim.

— Tá tudo alugado. Só tenho um quarto pequeno. São vinte e dois lestércios por dia. Pagamento adiantado. — Falou a mulher em tom áspero.

John não tinha um tostão no bolso.

Acenou com a cabeça.

— Preciso do quarto por apenas um ou dois Khons. Posso pagar na saída?

Ela olhou direto em seus olhos.

— De jeito nenhum. Tem que pagar adiantado. E tem mais. Não importa quanto vai ficar. Só alugo dias fechados.

— Mas...

— Não tem mas... Vai querer ou não.

John olhou para a mulher.

— Vou pensar um pouco. — Disse enquanto caminhava para a porta.

A mulher não respondeu nada. Baixou o olhar e voltou sua atenção para o livro que lia.

“Preciso arrumar dinheiro. Mas como?” Pensou quando já atingia a calçada.

SëThus se materializou numa bruma à sua frente.

“Você não precisa de dinheiro. Você tem o filtro!” Falou por telepatia.

“Sim, mas o que devo fazer?”

“O filtro amplifica o poder da mente. Se lembra?”

“Sim.”

“Use-o.” Disse o mentor enquanto desaparecia.

A bruma se desfez.

John enfiou a mão no bolso. Continuava vazio.

Fechou os olhos e se concentrou. Imaginou um pacote de dinheiro lemuriano.

Quando retirou a mão, havia, pelo menos, quinhentos lestércios.

Voltou para o interior do pequeno hotel.

O quarto era pequeno quatro por quatro metros. Num canto havia uma cama de casal, colcha e lençóis brancos. Um tanto amarelados pelo tempo, mas limpos e cheirando a sabão. Havia também uma pia, um fogão de quatro bocas, uma mesa com duas cadeiras, algumas prateleiras e uma televisão.

John fechou a porta. Se sentou no chão, na pose de lotus. Fechou os olhos e o cristal se acendeu.

Se viu liberto do corpo físico.

Não era difícil para ele se concentrar em Briéla. Uma onda de amor o envolveu e, por atração, foi transportado para a cela onde a moça permanecia encarcerada.

Ela não o viu, mas sentiu sua presença.

Briéla se lembrou de John. Do momento em que o viu pela primeira vez no telão do centro de controle.

Seu coração bateu forte com a lembrança.

John se aproximou, acariciou seus cabelos e seu rosto. Briéla fechou os olhos, parecia vê-lo, mas não acreditava em si mesma. Pensou ser imaginação.

“Eu te amo.” — Disse o rapaz em pensamento.

Briéla ouviu aquela mensagem telepática. Sua mente se fechou e ela mudou a vibração.

Se levantou e caminhou até a entrada.

Ouviu uma voz vindo do lado de fora da cela.

— Princesa, você consegue me ouvir?

Ela encostou o ouvido na porta de madeira tosca.

— Quem está aí?

— Meu nome é Frésnigo Leflan, estou preso na cela ao lado.

John se lembrou da manchete no jornal.

Atravessou a parede de rocha e entrou na cela de Leflan.

“De onde eu conheço este homem?” — Se perguntou.

— O que você quer? — Perguntou Briéla.

— Quero negociar.

John se interessou. Cruzou a parede e saiu para o corredor. Ficou de frente para as duas portas.

— Negociar? Negociar o quê?

— Sei que você é Briéla, princesa de Atlântida. Então, é obvio que o seu exército virá buscá-la.

— Acho que isso não vai acontecer.

— Por que não?

A General pensou em falar na nova arma, mas optou por sondar e saber mais sobre o estranho.

— Bem, que você quer negociar?

— Se elas libertarem você, eu poderei ser muito útil para Atlântida.

— O que você está querendo dizer.

— Princesa, sou um arquivo vivo. Estou sendo condenado por saber demais. Eu sei quem matou o Klans Kumárin.

— Muito bem, você tem a minha atenção. Quem assassinou o Imperador?

— Drésno Kunfár, num acordo sórdido feito com Grasso Vardin. Eu fazia parte do acordo também, mas fui traído.

— Por que está me dizendo isto?

— Porque, estou condenado à morte. Serei executado como traidor. Além do mais, sei que o plano deles não se limita em conquistar Lemúria, eles querem muito mais.

— É, eu já sei disso, Grasso Vardin acabou de falar sobre seus planos malucos.

— Cuidado, não são malucos. Ele tem um aliado muito forte.

“Talvez esse cara possa ser útil mesmo.” Pensou a General.

— Eu descobri isso da pior forma possível. — Falou Briéla. — Abateram quatro naves do meu esquadrão. Lemúria tem uma arma nova, algo que me parece coisa de warnnene.

— Sim, tenho certeza que sim. Antes de eu ser preso, um técnico warnnene estava prestes a se materializar na Terra.

— Maldição! Então, aquilo era mesmo uma arma daqueles lagartos.

— Não sei o que atacou você, mas, até onde eu sei, o plano era o técnico construir equipamentos para enfraquecer Hathor.

— Merda.

— Princesa, se conseguirmos sair daqui eu queria colocar os meus serviços à sua disposição. Quero ajudá-la a derrubar Grasso Vardin e Drésno Kunfár.

Briéla pensou um pouco.

— Está bem. Não sei se vou sair viva disso. Mas se eu conseguir, tiro você daí. E, se você escapar, você me solta. Combinado?

— Combinado.

John se afastou, seguindo pelo corredor.

Chegou na sala do carcereiro, uns cinquenta metros adiante.

O local era bem guardado. Mnemes de guerra e soldados se espalhavam pelos corredores.

Uma coisa chamou a atenção de John.

Em uma das paredes havia uma prateleira, com portas de vidro trancadas à chave. O objeto reluzia do interior.

Se aproximou com olhar fixo naquilo.

Os olhos da anciã se abrem devagar, como se acordassem de um longo sono. À sua volta as conselheiras, sentadas ao redor da mesa de reuniões. Ela sente vontade de se espreguiçar, mas se contém.

Respira fundo e relaxa os músculos.

— Está feito, a sorte foi lançada.

TYríade se inclinou na direção de Zra.

— Mãe, o que está feito? Conte-nos mais sobre sua ideia.

Zranide correu os olhos pelas pessoas na sala e parou na Imperatriz.

— PYthía, querida. Tenho novidades, mas somente o conselho pode ter conhecimento do que vou dizer.

A Imperatriz fez um sinal com a cabeça e se virou para as pessoas na sala.

— Por favor, peço a gentileza de nos deixarem a sós. Apenas os membros do conselho devem permanecer.

Sem questionar, as pessoas saíram de forma ordenada.

Zranide chegou mais perto de TYríade e fez sinal para que a Imperatriz se aproximasse.

— Minhas filhas, — sussurrou a anciã, — esse assunto não pode sair dessa sala.

Fez uma breve pausa e continuou.

— Temos um espião em Hydra.

Brathía balançou a cabeça e replicou também em sussurro.

— Como, em nome de Yrm, esse espião entrará no palácio imperial de Lemúria? Precisamos pensar em um plano de ataque, descobrir que arma é essa e como neutralizá-la. Depois invadir aquele lugar miserável e...

Zranide quase sorriu.

— Calma minha bisneta, você é muito ansiosa, precisa aprender a ler nas

entrelinhas do Universo. As vitórias da brutalidade são efêmeras e passageiras. Só a paz e o amor são capazes de criar coisas duradouras.

— Mas, Zra, uma pessoa jamais conseguirá entrar naquela fortaleza. É questão de lógica!

— Não, você está errada, Brathía. Para uma pessoa comum, talvez seja impossível. Mas o meu espião não é uma pessoa comum.

— Zra, me desculpe, mas eu não posso ficar aqui parada esperando que uma lenda antiga defina os caminhos de nossa nação. Penso que é muito tolo e ingênuo acreditar em contos de fada.

Zranide se tornou séria, encheu os pulmões de ar e disse em voz alta para todos ouvirem.

— Brathía, não estou aqui de brincadeira. Nem tão pouco seria irresponsável a ponto de colocar a vida de nosso povo em risco. Eu, Zranide Austhrum, ordeno a todas vocês que esperem. Ninguém deve atacar Hydra nos próximos vinte Khons (48 horas).

Brathía se levantou.

— Briéla pode ser torturada e morta!

— Eu sei. — Bradou Zranide. — Você está cega para o que estou vendo.

— O que você está vendo? Conte para nós de uma vez por todas!

Capítulo 24

Um sorriso se desenhou no rosto do inglês.

“A micro usina da armadura de Briéla.” Pensou.

Na mesma prateleira, ao lado da usina, havia um anel em ouro, com o símbolo do polvo com cabeça de cobra.

Andou pelos corredores. As paredes, rústicas, escavadas na pedra, eram irregulares e onduladas. Dezenas de celas se espalhavam naquele subsolo.

Retornou para o corpo físico. Abriu os olhos e correu o olhar pelo quarto. As imagens da masmorra permaneciam em sua memória.

John se levantou do chão e deitou-se na cama.

“Preciso descansar um pouco. A tarefa não vai ser fácil.”

Ligou a televisão. Correu os canais em busca de algo interessante para assistir.

Parou no telejornal.

O aparelho apresentava imagens de manifestações no interior da montanha de Hydra. Milhares de pessoas se acotovelava nas praças do interior da montanha. Seguravam placas enormes com os dizeres: Morte aos prisioneiros.

John aumentou o volume.

Devido às grandes manifestações populares; noticiava o repórter; o novo Grão Vizir, senhor Drésno Kunfár, acaba de notificar que os prisioneiros serão torturados e executados em praça pública.

O inglês se sentou num pulo.

O Grão Vizir pediu para o povo se acalmar. Afirmou que as execuções estão programadas para amanhã. Ainda não tem horário confirmado, mas as preparações já foram iniciadas. Finalizou o repórter.

John se levantou. A adrenalina corria por suas veias. O cansaço desapareceu.

Saiu do quarto, caminhou até a recepção e entregou a chave para a dona.

— O senhor já está indo embora? — Ela perguntou olhando para o relógio na parede.

— Sim, eu falei que ficaria pouco. Obrigado pela hospitalidade.

A mulher se limitou a um aceno de cabeça.

John saiu para a rua. Olhou na direção do topo da montanha. O caminho era longo, parte podia ser vencida com o carro, mas o maior trecho deveria ser escalado.

“Vamos lá, vamos entender como funciona a entrada do palácio.”

Colocou uma velha capa nas costas, entrou no veículo e dirigiu pelas ruas estreitas e apinhadas de gente.

À medida que subia, o terreno se tornava mais íngreme. Chegou em um ponto onde o carro não conseguia mais subir.

Entrou em um bairro lateral. Fez uso da terceira visão para procurar um bom lugar onde esconder o veículo.

Encontrou uma casa abandonada. Estacionou na frente, desceu do carro e caminhou até a porta.

Abriu devagar. Era apenas um quarto. Lixo se espalhava por todos os cantos.

“Este lugar vai servir.”

Retirou um pacote de sua capa e escondeu por baixo do lixo.

Levantou-se, caminhou até a porta e girou para uma última olhada. O lixo parecia ser um bom esconderijo.

Encheu os pulmões de ar.

“Preciso ter fé.”

Saiu e fechou a porta atrás de si.

O palácio possuía várias entradas, todas elas bastante vigiadas. Algumas por soldados do Império e outras por Mnemes de guerra.

As entradas guardadas por robôs eram proibidas à população. Os androides não permitiam a aproximação de ninguém. Atiravam para matar, sem julgamento, sem aviso, sem comiseração.

O jovem olhou para a escarpa que subia à sua frente.

“É, vou ter de escalar isso.”

Lembrou-se da garota de olhos azuis. Fechou os olhos e chegou a sentir o seu perfume.

“Briéla...”

Abriu os olhos num movimento bruto. Caminhou na direção das rochas e iniciou a subida.

Uma fina lâmina de água descia pelas rochas, o que dificultava bastante a escalada. O rapaz confiava apenas na força de seus músculos e na visão aumentada que desenvolvia rapidamente.

Depois de duas horas, estava próximo das entradas. Era uma daquelas guardadas por robôs de guerra. Tomou o cuidado de ficar longe o bastante para não chamar a atenção dos Mnemes.

Encontrou uma laje onde podia descansar um pouco. Sentou-se na pose de lótus e deixou o corpo.

Flutuou até a entrada e estudou os cérebros dos andróides.

Gastou alguns minutos nesta operação. Seu cristal brilhava como nunca.

John pousou sua mão sobre a cabeça de um deles.

“Sim, acho que é possível.” Pensou.

Trabalhou na sua ideia.

Voltou para seu corpo.

“Hora da verdade.”

Levantou-se e continuou a escalada, rumo a entrada repleta de gigantes de aço, armados até os dentes.

No laboratório de física avançada, o warnnene trabalhava com dedicação para finalizar, o quanto antes, o túnel de matéria exótica.

O transceptor de hiper-ondas emitiu um bip.

O warnnene, imerso em seu trabalho, não percebeu o sinal.

Um segundo bip foi emitido, dessa vez mais alto.

ThreCumb olhou para o aparelho. Uma pequena luz piscava com insistência.

Ele deixou de lado as ferramentas, desligou alguns equipamentos e caminhou apressado na direção do rádio.

Pegou o microfone, apertou um botão.

— **Sargento ThreCumb falando.**

— **Sargento, aqui é o General Drímor.**

— **General. — Disse em tom de reverência.**

— **Quero o relatório do andamento de sua missão.**

ThreCumb correu os olhos pelo seu laboratório.

— **General, tudo caminha como programado. Em pouco tempo, a estação de transferência de matéria estará finalizada.**

O rosto do grande líder não se alterou.

— **Ótimo, quando poderemos começar?**

Um certo grau de orgulho se apossou da fisionomia de ThreCumb.

— **Ainda hoje, senhor.**

Drímor fez um leve movimento de cabeça.

— **Me avise quando estiver tudo pronto.**

— **Sim, senhor.**

— **Como estão as coisas na Terra?**

Passou pela cabeça de ThreCumb falar sobre os fatos recém-ocorridos. As bruxas, o Cavaleiro de Fogo e o ataque Atlante.

Teve medo, optou pelo silêncio.

— **Tudo conforme o planejado.**

— **Ótimo. Fico no aguardo, para iniciarmos a invasão. — Disse o General.**

O rádio desligou e ThreCumb permaneceu ali, parado, olhando para a tela apagada.

PYthía trazia o coração apertado. Confiava em Zranide, mas era sua filha que permanecia como prisioneira em Lemúria.

A notícia recém-veiculada pelo telejornal lemuriano a deixou apreensiva.

Pensamentos pesados atravessaram sua mente. Brathía batia forte na tecla de atacar com todas as forças de Atlântida. Meditou bastante e chegou à conclusão que o melhor seria negociar.

Entrou na sala de conferência virtual, sentou-se e esperou.

Alguns minutos se passaram. Sua ansiedade aumentou.

O novo Imperador de Lemúria entrou na sala.

Sorriu com desprezo.

Curvou-se, de forma exagerada, num ato de desrespeito.

— Sua Alteza, a que devo a honra.

PYthía não se alterou. Não deixou que o turbilhão que girava em sua alma fosse visível no exterior.

— Senhor Imperador, estou aqui para negociar a paz e a libertação da Filha de Atlântida que vocês mantêm prisioneira.

Grasso puxou uma das cadeiras.

Se sentou e colocou os dois pés sobre a grande mesa de reunião.

— Sabe, majestade, eu sempre acreditei que a negociação é o melhor caminho. Mas, como a senhora deve saber, essa não é uma prisioneira comum.

Vardin brincava com uma bola de vidro em sua mão.

— Ela foi aprisionada, — continuou — quando atacava, de forma desleal, a população pobre de Hydra. Muitos inocentes morreram por conta dessa demonstração de brutalidade. Acha justo, numa guerra, atacar civis? Acha justo que crianças fiquem órfãs? Que pais e mães vejam seus filhos morrerem?

PYthía engoliu em seco.

— Eu nunca fui a favor da violência. Também tivemos muitos mortos. Devo lembrar que fomos atacados primeiro.

— VOCÊS INVADIRAM O NOSSO PORTAL PARA ROUBAR NOSSOS EQUIPAMENTOS. — Gritou Vardin simulando descontrole.

— Isso não é verdade.

— Não? Então por que encontramos um psico-transceptor atlante no hangar?

— Aquele era um equipamento perdido há mais de três mil anos.

— Isso é conversa. Nossos técnicos descobriram que o aparelho foi alterado para abrir portal.

PYthía respirou fundo, sabia que tudo aquilo era uma manobra.

— Senhor Imperador, penso que não adianta trocar acusações agora. Vamos ser diretos. O que é necessário para chegarmos a um entendimento sobre a

soltura da prisioneira.

— A prisioneira está sendo acusada de participação no assassinato do nosso saudoso Imperador Klans Kumárin.

— Assassinato de Klans Kumárin? Isso é um absurdo!

Grasso se levantou num movimento brusco.

— Absurdo? Vou te dizer o que é absurdo. Uma desalmada se alia a um bandido para matar o governante desse país. Isso é absurdo.

PYthía se irritou, percebeu que aquela conversa não chegaria a lugar nenhum. Tudo fazia parte de uma grande encenação.

Levantou-se de sua cadeira.

— Imperador Grasso Vardin. A prisioneira, de quem estamos falando, é Briéla Austhrum herdeira do trono de Atlântida. Cuide bem dela. Estarei sempre aberta para a negociação. Mas, se alguma coisa acontecer a ela, Atlântida não ficará inerte. Sei que vocês estão em conluio com os warnnenes. Hathor não se curva para essa escória da galáxia. Espero que você não se arrependa do acordo que tem com eles. Voltarei a essa sala amanhã para continuarmos a negociação. Enquanto isso, todo o poderio de nosso exército está sendo preparado. Se Briéla for torturada ou... As coisas vão ficar muito feias.

Grasso deu um sorriso disforme.

— Isso é uma ameaça, senhora Imperatriz.

— Entenda como quiser. O planeta Terra vai tremer se acontecer alguma coisa com minha filha.

— Sim, o planeta Terra vai tremer, mas não serão os atlantes que protagonizarão este feito.

A cada impulso, morro acima, ele ficava mais próximo dos robôs assassinos.

“Se não der certo, eu estou morto.”

Mais alguns metros e o primeiro robô ficou visível.

John olhou para baixo. Eram uns cento e trinta metros de queda. Voltou a pousar os olhos no mneme.

Sentia o coração batendo forte no peito.

“Será que a alteração no sistema operacional dos andróides, vai

funcionar?”

O inglês subiu mais um metro. Vários robôs conseguiam vê-lo.

Um deles se virou e olhou direto para ele.

John congelou. Permaneceu extático, respirando acelerado e sentindo a frequência cardíaca aumentar.

A máquina deu um passo em sua direção. Parou, correu os olhos pelo horizonte. Voltou para sua ronda.

O rapaz suspirou aliviado.

“Funcionou. Eles não conseguem me ver.”

Subiu na plataforma onde as máquinas de guerra montavam guarda.

Os andróides não conseguiam vê-lo, mesmo que olhassem direto para ele.

“Graças a Deus, funcionou.”

McBrian passou pelos guardiões sem ser notado.

O interior da montanha era repleto de túneis. Escondeu-se em uma reentrância situada próxima a entrada.

Deixou o corpo e procurou pelo melhor caminho até a masmorra.

Tentou encontrar algum duto de ar no qual pudesse passar sem ser visto. Mas eles eram muito estreitos e instáveis.

Teria de ir pelos corredores de serviço ou pelos sociais. Os primeiros eram a melhores porque chegavam até os calabouços. No entanto, precisaria se disfarçar. Seria necessário vestir a farda de um soldado ou uniforme de trabalhador.

Voltou para o físico, os robôs ainda não o viam. Esgueirou-se para o interior da construção. Atravessou algumas passagens estreitas, entre máquinas e dutos de vapor, água e ar. Encontrou o corredor que procurava, para sua sorte, naquele momento não havia ninguém.

Ouvia vozes.

Se fosse visto naqueles trajes, eu plano seria desmascarado.

Usou a terceira visão para ver através das paredes. Encontrou um canto onde pôde se esconder.

Projetou a consciência, sem sair do corpo. Queria ver o que havia nas salas mais distantes. Em uma delas, encontrou uniformes de carcereiro aguardando serem levados para a lavanderia.

Esperou pelo momento correto. O corredor ficou vazio.

Correu até a porta da sala, tentou girar a maçaneta.

“Que merda, está trancada!”

Concentrou-se na fechadura, sentiu cada pedaço de metal do interior desta. A telecinese o fazia perceber textura e massa de cada elemento como se segurasse na própria mão. Girou o embolo com a mente e a porta destrancou.

Entrou no depósito. Com a mente, trancou a porta atrás de si.

Se aproximou de um cesto cheio de roupas.

Revirou as peças de pano até encontrar um uniforme que lhe servisse.

Vestiu-se e escondeu as suas vestes.

Olhou no espelho e se assustou. Não era mais o jovem de Londres, o engenheiro que sonhava construir máquinas a vapor. Na verdade, nem parecia nem mais ser humano. Com a visão aumentada, via chamas saindo de seu corpo. Sentia poder fluindo pelas suas entranhas.

A vida, como imaginara no passado, não existia mais. Aquele cristal em sua testa lhe conferia sensações e sentimentos controversos. Transmitia-lhe poder, mas, ao mesmo tempo, consumia sua existência

Relaxou os músculos.

Abriu a porta, agora com mais facilidade.

Saiu pelo corredor sem se preocupar com os outros.

Outra habilidade começou a aflorar. Ouvia com perfeição o pensamento das pessoas, era como se elas falassem em voz alta.

Respirou lenta e profundamente.

Caminhou com tranquilidade, pois sabia que ninguém desconfiava dele.

Desceu através das escadas de serviço em direção ao calabouço.

“Os mnemes são fáceis de reprogramar.”

“Só que os carcereiros são humanos. Não é possível reprogramar uma alma.”

ThreCumb encaixou uma última peça na usina de energia.

“Bem, isso deverá gerar potência suficiente para o túnel.”

Se afastou um pouco, colocou uma máscara para proteger os olhos.

Posicionou-se atrás de um painel de controle e girou alguns botões.

O monitor tridimensional apresentava gráficos e imagens.

O warnnene consultou os números.

“Ótimo, vamos ver se funciona.”

Pressionou algumas teclas e a usina se incandesceu, sem gerar calor.

A pequena peça, de pouco mais de um metro de altura, entrou em operação. Um mostrador digital apresentava a potência.

ThreCumb seguro botão e girou devagar.

Ouvia-se um zumbido de alta frequência, e o mostrador apresentava vinte bilhões de megawatts.

Ele deu um leve sorriso. O botão estava apenas a dez por cento de seu curso.

O homem lagarto girou mais um pouco e potência subiu para oitenta bilhões.

“Isso!” Comemorou.

Levou o botão até a metade.

“Ótimo, cento e cinquenta bilhões de megawatts. O suficiente para abrir o wormhole.”

ThreCumb desligou o equipamento e continuou seu trabalho.

Depois de meia hora ele apreciou o seu feito.

A usina estava conectada ao gerador de matéria exótica.

“Agora, o teste final.”

Fez alguns cálculos, ajustou os mecanismos de sincronismo para Alfa Centauri.

Voltou para o painel de controle. Colocou a máscara. Acionou a usina.

O portal do wormhole, quando desligado, parecia um espelho. Naquele momento, no entanto, o espelho tinha se transformado em uma névoa. Lembrava gelo seco. O gás se desprendia da superfície e se esparramava no chão.

Aos poucos, a névoa se desfez. No lugar, surgiu um túnel que aparentava uns dois metros de comprimento. Aquele estrangulamento de tecido espacial fazia com que quarenta e um trilhões de quilômetros fossem vencidos com dois passos.

ThreCumb pôde ver os cientistas trabalhando do outro lado.

Uma névoa fina preenchia o túnel, o que diminuía a visão.

Um dos warnnenedes, em Alfa Centauri, se aproximou do túnel, sem cruzá-lo.

— **Muito bem, está funcionando!**

ThreCumb retirou a máscara e se aproximou. Fez um aceno com a cabeça.

O General Drímor entrou na sala. Caminhou até a passagem.

— **General.** — Cumprimentou ThreCumb.

O líder inspecionou o equipamento.

— **Sargento, isso está seguro?**

— **General, são quatro anos-luz de distância. Existem oscilações, mas neste momento está bem estável.**

Drímor não gostou muito da resposta, queria algo mais assertivo. Odiava técnicos e suas constantes semi-afirmações.

Fez sinal para um de seus soldados.

— **Sim, senhor.**

— **Atravesse o túnel.** — Ordenou sem olhar para o rapaz.

O jovem warnnene engoliu em seco. Preferia mil vezes um salto pelo hiperespaço.

Olhou para o túnel. Todos sabem da inconstância de buracos de minhoca. Uma piscada e você pode estar perdido no meio do nada, flutuando no espaço. No entanto, aquela era uma ordem direta do General Drímor.

“Morto por morto,” pensou, “vamos lá para ver o que acontece.”

Deu um passo com olhos fixos no túnel.

Pensou em olhar para o general, mas não teve coragem.

Deu outro passo. Ouvira muitas histórias sobre mortes horrendas nessas máquinas instáveis.

Algumas gotas de suor brotaram em sua face.

Estava a um palmo do portal.

Fechou os olhos e caminhou decidido, tentando demonstrar uma coragem que não estava presente em seu íntimo

Entrou pelo corredor principal que levava até a sala da carceragem.

Um grupo de cinco soldados vinha na direção oposta.

John se manteve frio, mais calmo do que ele próprio julgava ser capaz.

Os soldados olharam para ele.

“Caralho,” pensou um deles, “tão contratando cada tipo. Esse carcereiro magrelo deve ter problemas para controlar os presos.”

John ouviu o pensamento dele e um leve sorriso se desenhcou em seu lábio.

“É bom que pensem isso de mim.”

Manteve o olhar firme e passou pelo grupo.

Aquilo parecia um labirinto de salas de carceragem, de controle, de convívio, de manutenção; tudo ligado por corredores de várias larguras.

O inglês via na mente o caminho que deveria seguir.

A sala da carceragem, do setor onde Briéla estava presa, ficou à vista.

Lá dentro, seis homens fortes conversavam sobre uma comemoração depois do trabalho.

No corredor, apenas alguns mnemes que não davam atenção para sua presença.

O inglês disfarçou e se posicionou junto à porta.

Os carcereiros combinavam beber em um boteco no piso três do palácio. Também fizeram comentários sobre as execuções que aconteceriam no dia seguinte.

“Sem chance lutar contra esses caras.”

John teve uma ideia e projetou a consciência. Com a mente, vasculhou os cômodos por perto.

Afastou-se da porta e entrou por um corredor secundário.

Achou o que procurava, entrou em um beco sem saída. Parou em frente a uma porta metálica.

“Aqui está. Isso vai surpreender muita gente. Vai causar uma bela comoção.”

Abriu a porta metálica. Era o painel de energia elétrica. Dezenas de disjuntores alinhados lado a lado.

Com movimentos rápidos, ele desarmou quase todos.

Uma grande parte do andar ficou em completa escuridão.

O resultado foi imediato. Gente gritando por todos os lados. O eco fazia a gritaria se tornar ensurdecedora. Uns gritava por medo, outros por gozação e alguns tentando reestabelecer a ordem.

Com a mente, John uniu a porta de metal a seu batente usando pulsos elétricos. Ao final, parecia que alguém tinha feito uma soldagem oxiacetilênica.

“Isso vai atrasá-los um pouco.”

As pessoas tateavam pelos corredores tentando entender o que tinha acontecido.

Lanternas de mão iluminavam com dificuldade as trevas do lugar.

Dos seis carcereiros, apenas dois ficaram na sala. Os outros saíram para tentar resolver o problema.

John conseguia enxergar com perfeição e passou pelas pessoas sem tocar em ninguém.

Entrou na sala da carceragem e foi na direção da prateleira que guardava a usina de força de Briéla.

Como imaginava, o móvel permanecia trancado.

Para complicar não era um fecho mecânico, mas sim uma trava eletromagnética. Para abrir aquela fechadura ele precisaria de um tempo. Isso era o que ele menos tinha.

Na escuridão completa, os carcereiros permaneciam sentados ao redor de uma mesa. Conversavam despreocupados sobre assuntos triviais.

— Será que a luz demora a voltar? — Perguntou um deles.

— Acho que não. — Respondeu o outro.

O tique-taque do relógio na parede pressionava sua mente. John precisava resolver aquela situação.

Prendeu a respiração e foi na direção de um dos carcereiros.

Devagar, com cuidado para não tocar nele, aproximou as mãos do pescoço do homem. Sua mente imantou os elétrons ao redor.

Despejou uma descarga de alguns milhares de volts no sistema nervoso do coitado.

O homem se esborrachou no chão, fazendo grande ruído.

— O que foi? Krissg? O que tá acontecendo? Você tá bem? — Perguntou o outro homem.

O Cavaleiro de Fogo desfechou o mesmo golpe no segundo soldado.

Eram dois brutamontes desmaiados no chão.

John pegou as chaves das celas. E, com o poder de sua mente, estilhaçou o vidro da prateleira.

O alarme disparou.

Gritaria no corredor.

Num movimento rápido, pegou a pequena usina. Deixou a sala da carceragem. Caminhou a passos apressados correndo na direção das celas.

As luzes votaram. Tudo se iluminou.

Avistou a porta da cela de Briéla.

Mais dois passos largos e ele chegou junto à fechadura.

Ouviu pessoas entrarem correndo na carceragem que acabara de deixar.

— O QUE ESTÁ ACONTECENDO AQUI? — Gritou alguém. —
ALGUÉM AVISE A SEGURANÇA CENTRAL.

Apesar da pele grossa, uma gota de suor frio surgiu em sua face de lagarto. Talvez aqueles tenham sido os dois passos mais apressados que deu em sua vida.

Atravessou o espelho de névoa.

Sentiu um frio na barriga.

Piscou várias vezes e olhou para trás. Tinha acabado de fazer uma viagem de um ponto três parsecs.

Sorriu e tateou o próprio corpo.

— **Deu certo!**

Drímor acompanhou com interesse.

— **Soldado, como você está se sentindo?**

O jovem se virou para o General.

— **Estou me sentindo normal, senhor. Não noto nenhum efeito**

colateral.

ThreCumb fez um movimento afirmativo com a cabeça.

— **Ótimo.**

O General Drímor olhou para o grupo de soldados que permaneciam aguardando ordens.

— **Parece seguro, vamos.**

Disse e caminhou destemido em direção ao gerador de wormhole.

Atravessou sem dificuldade.

Respirou o ar da Terra, não gostou. Fez uma carranca de nojo.

Olhou para ThreCumb.

— **Bom trabalho.**

— **Obrigado, General.**

John olhou para a chave em sua mão.

Balançou a cabeça.

“Que besteira, não precisava disso.”

Girou o embolo da fechadura com a mente, sem sequer enfiar a chave.

A porta se abriu num estrondo.

— Briéla, venha, vamos sair daqui.

A General, que estava com os olvidos colados na porta, deu um salto para trás.

— O quê? Quem é você?

— Sou eu, John. Vamos, não temos muito tempo.

Os olhos de Briéla arregalaram e um lampejo de esperança brilhou em sua alma.

— John!? — Falou, se aproximando do rapaz a passos rápidos. — Como? Como você chegou até aqui?

O coração de McBrian pulsava com emoção. Olhou direto nos grandes olhos azuis.

Sentiu vontade de abraçá-la, mas se conteve.

— Vire de costas. — Ordenou o Cavaleiro de Fogo.

A dúvida se formou no rosto de Briéla.

John ergueu a mão e mostrou a usina do traje.

— Por favor, vire, preciso encaixar isso na sua armadura.

A menina girou no mesmo instante.

Ele encaixou a unidade de força e todos os painéis da armadura se acenderam.

A General leu os instrumentos. A carga era total.

Enquanto ela fazia ajustes em seu armamento.

John olhou para a porta da cela ao lado e se voltou para a princesa.

— Acha que devemos soltar esse cara aí do lado?

Briéla acompanhou o olhar de John.

— Sim, ele sabe de muita coisa. Pode ser útil.

O inglês deu dois passos até a porta. Dessa vez, fez uso da chave para abri-la.

Frésnigo Leflan surgiu na porta. Reconheceu de imediato o jovem de Cambridge.

— John McBrian? Você? Como?

— Vocês se conhecem? — Perguntou a General, com olhos atentos ao ruído que vinha da sala da carceragem.

— Você me conhece? — John fez a mesma pergunta, quase ao mesmo tempo.

— Sim, você é o jovem da Inglaterra que Grasso Vardin escolheu para abrir o portal lemuriano. — Disse Leflan, com expressão de espanto. — Obrigado por abrir a minha cela também.

John focou o espião com atenção.

— Sim, eu sabia que o conhecia de algum lugar. Você é o homem que vi na biblioteca do King's College.

Leflan respirou fundo.

— John, aquilo foi tudo armado. O livro que encontrou, o psico-transceptor, a viagem para o Brasil, a abertura do portal, tudo foi armado por Grasso Vardin.

Briéla entrou na conversa.

— Por que o Grão Vizir faria isso? — Perguntou a General.

— Para iniciar uma guerra. — Afirmou Frésnigo.

— OS PRISIONEIRO. ESTÃO TENTANDO FUGIR! — Gritou um dos carcereiros — CHAMEM TODOS OS GUARDAS. ALGUÉM ACIONE O CÓDIGO DE SEGURANÇA.

Briéla tomou a frente e acionou o escudo de seu traje.

Rajadas de gás superaquecido atravessaram o corredor de rocha bruta.

O escudo absorvia com facilidade os impactos.

As pinças de caranguejo surgiram e quando tocavam as paredes, a rocha derretia e escorria em forma de lava.

Era uma visão ameaçadora, até mesmo para os soldados preparados para a guerra. Os carcereiros fugiram e os soldados, tomados pelo pânico, foram se afastando num bloco compacto e sincronizado.

A marcha da Filha de Atlântida permitiu que eles entrassem na sala da carceragem.

Leflan olhou para a prateleira semidestruída por John.

— Meu anel!

Pulou por cima da pequena mesa, esticou a mão e pegou a peça de ouro.

Sorriu e o colocou em seu dedo.

Correu atrás de John e Briéla que já saíam por um corredor.

Dezenas de Mnemes surgiram, vindos pelo outro lado.

— MELHOR A GENTE CORRER! — Gritou Briéla.

Aos tropeços, chocando-se contra os objetos do caminho, eles fugiam pelo corredor oposto.

— Como a gente sai daqui? — Perguntou a general.

— O caminho mais curto são os elevadores. — Falou Leflan — Venham, por aqui, tenho uma ideia.

Seguiram por alguns corredores estreitos tentando despistar os robôs.

— Vamos nos esconder aqui. — Disse Frésnigo que seguia à frente.

Os três se espremeram em uma reentrância da parede, de modo que não

ficavam visíveis.

Alguns segundos se passaram.

— Acho que nos perderam. — Falou Leflan em voz sussurrada.

John projetou a consciência e percorreu as imediações. Os robôs caminhavam em grupos de quatro. Faziam a varredura do local. De forma organizada e pré-programada, eles fechavam os corredores e inspecionavam sala por sala.

— Estão fazendo buscas perto daqui. Melhor a gente sair achar um jeito de subir. — Falou o inglês.

— Como sabe disso? — Perguntou Frésnigo.

— Longa história. — Sintetizou o John.

O rapaz deixou o esconderijo.

Leflan o seguiu.

— Precisamos trocar de roupas, improvisar um disfarce. — Disse John. — Tem um lugar aqui perto, está vazio e tem as roupas que precisamos.

Briéla e Leflan o seguiram.

Caminharam, olhando para os lados, evitando serem vistos.

— É logo ali. — Falou John apontando para uma porta.

Estavam quase chegando, quando a porta se abriu.

A General tomou um susto e preparou seu equipamento. John fez um sinal com a mão, para ela se acalmar.

— Não se preocupe. Fui eu que abri a porta. — Sua voz era quase sussurrada.

— Abriu como? — Perguntou Leflan.

— Longa história. — Repetiu o inglês.

Ele entrou na sala, enquanto Briéla o acompanhava com olhar pensativo.

“Zra tinha razão, ele está se transformando em algo diferente. O Cavaleiro de Fogo não é uma lenda!”

Era um lugar com muitas prateleiras e materiais estocados.

Leflan não perdeu tempo e começou a revirar o lugar.

— Espero que tenha roupas por aqui.

John se adiantou.

— Vamos, não temos muito tempo.

Foi direto para um canto mais ao fundo.

Briéla e Frésnigo o acompanharam com o olhar.

— Aqui, as roupas estão aqui. — Disse apontando para dois grandes cestos industriais.

Eram uniformes usados pelos serviços do palácio.

— Ótimo. — Falou Briéla.

Os dois homens se livraram de suas vestes e colocaram os novos disfarces.

Briéla ordenou ao cérebro quântico de sua armadura que copiasse uma das roupas à sua frente.

— Me diz uma coisa, — perguntou John, — a sua armadura não será rastreada pelos lemurianos?

A General olhou para o inglês.

— Não, esse modelo possui um dispositivo de camuflagem. Só será percebido se eu acionar o escudo.

John limitou-se a acenar com a cabeça, lembrando de sua armadura enterrada na margem de um rio.

Capítulo 25

— Bem, pra onde agora? — Perguntou Briéla.

O inglês a focou nos olhos.

— Ah, acho melhor irmos pelas escadas.

— Os elevadores serão mais rápidos. — Discordou Frésnigo.

— Sim, mas penso que estarão mais vigiados. — Contrapôs McBrian.

— Bem, — propôs a General, — a gente pode se misturar entre as pessoas, andar pelos corredores e decidir o melhor caminho.

McBrian acenou com a cabeça.

— Sim, por enquanto, é o que podemos fazer.

Briéla caminhou até a porta e colocou a mão na maçaneta.

— Espere. — Sussurrou John.

Ela travou feito estátua.

— O que foi?

— Soldados do lado de fora... Eles vão entrar.

Às pressas, mas sem fazer barulho, eles procuraram lugares para se esconder. Leflan entrou em um dos grandes cestos de roupas. Briéla e John no outro.

O rosto do inglês ficou colado ao da princesa. Ele esqueceu os guardas e colocou toda sua atenção em sentir a pele macia da princesa. Respirava devagar, desfrutando cada segundo.

A porta se abriu.

A luz acendeu.

Ouviram passos se aproximando.

— Que merda, hoje tem um jogão na TV Imperial. A gente tem que achar logo esses malditos prisioneiros. Senão, não vai dar pra sair a tempo.

— Com tanto tempo pra esses filhos das putas fugirem, tinha de ser bem hoje?

— É uma merda mesmo.

Mais passos

— Vamos embora, essa sala também tá vazia.

As luzes apagaram e a porta se fechou.

John não queria sair dali nunca mais, mas Briéla se movimentou e ele foi obrigado a deixar aquele paraíso.

Saíram dos cestos e caminhara até a porta. John fez um sinal com a mão. Fechou os olhos e olhou com a terceira visão.

— Vamos aproveitar para sair agora, o corredor está vazio. — Falou o inglês antes de abrir a porta.

Deixaram a sala e seguiram rumo a uma praça onde havia muitas de pessoas.

Se misturaram e acompanharam os movimentos dos guardas e Mnemes.

Procuravam evitar os robôs, esses eram bem mais perigosos.

Cruzaram por um grupo de soldados sem serem percebidos.

Ao chegarem nas proximidades da escada, perceberam que quatro andróides cuidavam da saída daquele pavimento.

O grande risco dos Mnemes era que esses podiam perceber padrões de comportamento como jeito de andar, respirar, pulsação, e com isso reconhecê-los.

Os robôs não impediam os trabalhadores de subirem pela escada. Não seria difícil passar por aqueles robôs, mas se fossem descobertos, estariam em apuros. Era muito importante manter o disfarce.

O ruído do alarme continuava sem parar. As pessoas se encaravam, procurando traços dos fugitivos

— Atenção, todos os servidores, — Soou a voz metálica dos alto-falantes, — dirijam-se para seus postos de trabalho.

Os trabalhadores pararam o que faziam e se movimentavam, apressados, pelos corredores.

Leflan correu os olhos em redor.

— A coisa aqui vai esquentar. Vão fazer a contagem dos funcionários. Acho melhor a gente encontrar um bom lugar pra se esconder. Algum lugar onde a gente possa ficar horas ou até dias.

John virou-se para o espião.

— Não tenho esse tempo, preciso tirar a princesa daqui.

A frase de John ferveu na mente de Briéla.

— Princesa é o cacete! Tá pensando o quê? — Falou enquanto caminhava na direção dos robôs. — Eu sou General de Atlântida.

No mesmo instante os quatro gigantes de guerra olharam para a Filha de Atlântida, cuja roupa se transformava em armadura.

— Ah, não! — Disse John, deixando também seu disfarce e seguindo a moça.

Leflan olhou para os dois.

“Loucos, este é um caminho sem volta.” Pensou

A dúvida pairou em sua mente por um instante.

“Ajudá-los ou aproveitar a confusão para sair dali?”

Balançou a cabeça.

— Espero que tenham sorte, eu vou por outro caminho. — Afirmou antes de desaparecer entre os corredores.

Os disparos começaram e o escudo protetor de Briéla brilhava a cada impacto.

Ela avançou decidida e no primeiro ataque destruiu três deles.

John usou a telecinese para esmagar o outro na parede de rocha.

Os dois entraram na escada.

Sem flutuador, McBrian subia correndo.

— Assim não vai dar certo. — Falou Briéla. — Onde está o seu antigravito?

— Precisei me desfazer de todos os meus equipamentos para conseguir entrar aqui. — Defendeu-se o rapaz.

A General, que ia à frente, voltou um pouco e o agarrou, os dois ficaram frente a frente, era o único jeito de dividir o campo antigravitacional da roupa.

— Se segura e mim. — Disse a menina.

— Com prazer. — Respondeu o menino.

Flutuaram escada acima em grande velocidade.

Um segundo alarme soou, agora por todo o palácio.

Sim, estavam em apuros.

Quando chegaram no próximo pavimento, uma dezena de Mnemes os

esperavam.

Dezenas de warnnenes atravessaram pelo túnel. Eram soldados, engenheiros, cientistas, pilotos e estrategistas.

Em pouco tempo, aquele prédio da Seita da Cobra se transformou no quartel-general dos warnnenes.

Peças e equipamentos também cruzaram pelo buraco de matéria exótica.

Drímor olhou para um canto da sala e viu um canhão de bósons pronto para o uso.

Virou-se no mesmo momento para ThreCumb.

— **O que é isso? Por que perdeu tempo construindo essa arma?**

ThreCumb olhou para o canhão.

— **General, eu precisava garantir a minha segurança.**

Drímor acenou com a cabeça.

— **Bem, este canhão pode ser útil.**

ThreCumb sorriu.

— **Sim, senhor, tenho certeza de que os dois serão úteis.**

Drímor fechou o rosto numa carranca.

— **Dois? Você construiu dois?**

— **Sim.**

— **Por quê?**

— **As bruxas de Atlântida... Elas sabiam da minha presença na Terra.**

ThreCumb se arrependeu de ter falado sobre os dois canhões, mas era tarde demais.

Drímor fechou ainda mais a cara.

— **Onde está a outra arma?**

O cientista olhou para os lados, procurou pelas melhores palavras.

— **A outra está com um terráqueo.**

Os olhos de Drímor ficaram vermelhos, suas têmporas tremiam.

— COM UM TERRÁQUEO? COMO UM CANHÃO DE BÓSONS VAI PARARA NA MÃO DO INIMIGO?

Foi naquela frase que ThreCumb entendeu a dimensão de seu erro.

— A intenção era manter as atlantes longe desse laboratório e do portal. Eu pensei...

O olhar de Drímor era de desprezo, decepção, fúria e frieza. Num movimento rápido, sacou sua arma e atirou.

Uma pequena bolha viajou na velocidade da luz, comprimindo o campo de Higgs, carregando grande quantidade de energia na forma de bósons. Atravessou o crânio de ThreCumb. Um furo circular e perfeito permitia ver do outro lado, através de sua testa. A consciência desvaneceu, as pernas dobraram, os joelhos se chocaram contra o chão num estrondo surdo. O sangue warnnene esguichou pelos orifícios abertos pelo tiro.

O braço estendido segurava a arma ainda fumegante. Drímor acompanhou a queda do sargento, cujo corpo pendeu com o rosto voltado para o solo.

O general guardou sua arma.

**— Pensou errado, — disse olhando para o corpo morto de ThreCumb,
— no meu exército os erros são pagos com a morte.**

Os outros soldados acompanharam a cena com indiferença.

Drímor olhou para o túnel por um tempo.

Girou para um subalterno.

— Coronel, precisaremos de mais técnicos. Traga outros de Alfa Centauri.

— Sim, General, vou providenciar isso agora.

A espada da Filha de Atlântida se acendeu. Faíscas de aço derretido pulavam para todos os lados. Briéla partia os gigantes ao meio como se fossem manteiga.

John encontrou outro jeito de lutar. Usando telecinese, ele esmagava os circuitos dos cérebros dos Mnemes.

Os dez foram derrotados em menos de um minuto.

— Temos de achar outro jeito de subir. Vejo centenas de robôs descendo pelas escadas. — Disse John.

Briéla olhava para os lados com preocupação.

— Sim, mas acho que os elevadores serão piores.

John fez um leve movimento.

— Melhor a gente se esconder por um tempo. Até ter um bom plano de fuga.

Briéla concordou com a cabeça.

John percorreu os arredores com a mente.

— Perto daqui existe uma sala de máquinas. É barulhento, mas pouco vigiado.

— Mostre o caminho. — Resumiu a General.

Ele segurou na mão dela e os dois correram na direção do novo esconderijo.

John projetava a consciência para ver à distância, assim, evitaram as patrulhas e funcionários.

Entraram na sala de máquinas. O ruído era ensurdecedor. Enormes motores, usados pelo sistema de ar-condicionado, rugiam ininterruptos.

John se sentou ao lado de um deles. Briéla fez o mesmo.

— VOU ME CONCENTRAR PARA ACHAR UM JEITO DE SAIR DAQUI. — Gritou.

A Princesa segurou John pelo ombro.

— QUERO IR ATÉ A TORRE DO PALÁCIO. VOCÊ CONSEGUE ACHAR UM CAMINHO ATÉ LÁ?

— ACHO QUE SIM, POR QUÊ?

— PRECISO VER A NOVA ARMA DELES.

John acenou com um leve movimento de cabeça.

— ESTÁ BEM, VOU APAGAR POR UM TEMPO. SE PERCEBER ALGUMA COISA ME ACORDE.

— PODE DEIXAR. VOU FICAR DE OLHOS BEM ABERTOS.

John se ajeitou na pose de lótus. Respirou fundo e deixou totalmente o corpo físico.

Ouvia com perfeição os pensamentos da General.

“Como você consegue fazer isso?” — Se perguntava Briéla.

Sentiu o coração bater mais forte quando percebeu que ela dirigia pensamentos de carinho para ele.

Não suportou e deixou as lágrimas rolarem por um instante.

Olhou para cima e atravessou em grande velocidade as lajes de rocha sólida.

Saiu pelo topo da montanha.

Avistou a torre do palácio. Provavelmente a arma estaria ali.

Seu corpo astral flutuava com liberdade infinita.

Desceu até a torre.

Centenas de Mnemes se acumulavam na última laje.

“Deve estar por aqui.”

Sem ser notado, John vasculhou o lugar até encontrar o canhão de bósons. Era muito complexo, mas do plano extrafísico John conseguia entender o mecanismo, a fonte de energia e como utilizá-lo.

Ficou impressionado com o poder de destruição daquele pequeno instrumento.

Voltou num jato de luz para o corpo físico.

Abriu os olhos e deu de cara com o belo rosto da princesa analisando sua testa. A mão dela pousava com leveza procurando entender onde estava o filtro. Sentiu uma onda de amor percorrer lhe o espírito.

Ela se assustou ao perceber que ele tinha acordado.

Recuou e tirou a mão tão rápido que quase causou uma distensão muscular.

John simulou não perceber.

— Briéla, você tinha razão. Existe uma arma muito poderosa escondida na torre do palácio.

Os músculos dela retesaram.

— Sim, aquela coisa cortou a minha nave ao meio.

— Está muito bem guardada, existem centenas de Mnemes protegendo todas as entradas.

A General se levantou e correu os olhos para certificar de que não havia inimigos por perto.

— John, eu preciso daquela arma. O meu exército não estará seguro enquanto os lemurianos possuírem aquela coisa.

John também se levantou.

— Briéla, não é só isso. Temos um problema ainda maior.

Ela focou direto nos olhos dele.

“Por Yrm! O que pode ser pior do essa guerra?”

— Que problema?

— Quando eu viajava pelo extrafísico, senti algo diferente.

Briéla aumentou sua atenção e John continuou.

— Não sei explicar como, mas sinto que é verdade. Os warnnenes estão invadindo a Terra, muitos deles atravessaram o túnel.

— Túnel?

— Sim, um túnel de matéria exótica.

Os grandes olhos de Briéla se arregalaram.

— Um wormhole? Matéria com massa negativa?

— Sim, eu vi isso através de uma extensão de minha consciência, uma parte do meu Eu Maior. Eles estão transferindo soldados e armamentos de uma base em Alfa Centauri. Mais precisamente, uma base no quarto planeta da estrela Próxima Centauri, a pequenina vermelha.

Briéla parecia rígida como uma estátua de mármore.

Demorou um pouco para recompor suas ideias.

— Agora, mais do que nunca, — disse com voz decidida, — eu preciso daquela arma.

O túnel de matéria exótica eram uma aberração no formato retangular de uns três metros de altura por dois de largura. Os cantos e paredes oscilavam em ondulações de baixa frequência. Atravessar aquela coisa era um ato de bravura.

Para otimizar a travessia, os técnicos colocaram cordas que atravessavam de um lado par o outro. Afinal, dentro do túnel não havia gravidade.

Mesmo com todos esses problemas, centenas de soldados já tinham atravessado. O trânsito no wormhole não parava um segundo. Peças, equipamentos, partes de naves, armas, tudo passava por ali.

— **General,** — falou o Coronel, — **Ainda temos muita coisa para trazer. Parece-me que aqui não caberá tudo.**

Drímor não desviou atenção dos mapas que analisava.

— **Abra mais espaço.**

— **Senhor, os arredores estão tomados por humanos.**

— **Mate todos. Abra mais espaço.**

— **Sim, senhor.**

Aquele prédio da Seita da Cobra se localizava em um bairro pobre. Gente simples que vivia do trabalho no conglomerado de indústrias que existia nas cidades periféricas à capital.

Como todos os humanos, as pessoas se adaptaram ao ambiente e viviam felizes com seus sonhos, suas lutas, suas vidas.

De repente, gritaria.

As pessoas na rua não conseguiram esconder o espanto, ao ver homens-lagartos saindo do temido prédio da Seita. Traziam armas e marchavam organizados.

O primeiro tiro de plasma de hidrogênio rasgou o ar. Um corpo caiu sem vida.

Medo. Busca por uma rota de fuga. Luta para se manter vivo. Desespero de salvar alguém que se ama. Correria.

Mais tiros. Mais mortes. Mais gritos, correria e desespero.

Os soldados riam e criaram pequenos jogos. Alvos correndo valiam mais pontos.

Os mortos se acumulavam nas ruas.

Alguns humanos tentavam lutar, atirando com revólveres, espingardas e armas parecidas.

Os projéteis sequer chegavam a tocar as armaduras dos lagartos. Os deformadores de campo, desviam as balas com facilidade.

Ninguém era poupado até mesmo animais eram executados sem piedade.

Foram poucos minutos de chacina. O sangue lavou o chão dos prédios que circundavam a Seita da Cobra.

Não deixaram nenhum sobrevivente, mulheres, crianças, idosos, todos

foram massacrados.

O santuário da cobra foi tomado pelos warnnenes.

O corpo de ThreCumb permaneceu ignorado no mesmo lugar em que caiu.

Os trabalhadores iam e vinham sem dar a menor importância para o warnnene que possibilitou a vinda de todos.

Drímor não se sentia tranquilo, alguma coisa não estava bem.

Pedi para que um vidente atravessasse o portal.

Um warnnene velho e cego cruzou o wormhole e respirou o ar da Terra.

— **Este lugar é quase o inferno** — Disse com ar de desprezo.

Um soldado se aproximou.

— **Senhor Prisno, o General o aguarda. Venha por aqui.**

O soldado estendeu a mão para guiá-lo.

Prisno ignorou a mão do rapaz, puxando a sua contra o peito.

— **Mostre o caminho.** — Ordenou com voz seca.

Caminharam até a sala onde Drímor estabelecera o alto-comando.

O General largou o que fazia, se levantou e foi ao encontro do ancião.

— **Reverendo Prisno, sente-se aqui.**

O velho se sentou com seus olhos focando a escuridão vazia e negra de sua cegueira.

— **General Drímor, estou às suas ordens.**

— **Preciso que me diga como está o plano extrafísico. Sinto que temos inimigos lá também.**

Prisno manteve seus olhos sem luz olhando para o nada.

Concentrou-se e sentiu o plano espiritual da Terra.

“Este lugar é o inferno mesmo.” Pensou.

Respirou fundo.

— **General Drímor, o senhor tem adversários poderosos esperando pela batalha. Não serão difíceis de vencer, mas há uma incógnita. Existe uma lenda viva, um Cavaleiro de Fogo encarnado em um humano.**

— **Um Cavaleiro de Fogo? Isso não é lenda?**

— Não, General, não é lenda. É um perigo real.

— Fale mais.

— Ele sabe que estamos aqui e se prepara para nos enfrentar. Já avançou muito no aprendizado de suas habilidades.

— Que habilidades?

— Manipulação dos elementos. General, ele é perigoso, precisa matá-lo sem demora. Antes que ele atinja todos os seus poderes.

Pensativo, o General encarou o vidente por algum tempo.

— O senhor sabe onde ele está?

O velho tossiu uma ou duas vezes.

— Está perto daqui.... — Prisno fez uma pausa. — Ele sabe sobre o túnel.

O lagarto arregalou os olhos cegos como se visse mil demônios.

— O cristal já está enraizando. Precisa matá-lo, ele tem de morrer ou tudo estará perdido! — Disse, tossindo várias vezes.

Drímor se inquietou.

— Onde, onde está esse miserável?

— No palácio do Imperador.

O general se levantou e esmurrou a mesa.

— Malditos Terráqueos traidores. Prepararam uma armadilha para nós. O combinado era derrotar Hathor.

Virou-se para o Coronel, que acompanhava a conversa.

— Quero uma tropa de elite para invadir e tomar o palácio.

No palácio do Imperador, envolto em tédio, Drésno Kunfár fazia seu trabalho como Grão Vizir.

Alguém bateu à porta

— Pode entrar. — Falou sem mover a cabeça.

As dobradiças rangeram ao se abrirem. Um homem alto e forte entrou na sala.

Kunfár se levantou.

— Sargento Jiskl, alguma novidade sobre os fugitivos?

— Não, senhor, infelizmente a notícia que trago não é muito boa.

— O que foi?

— Os warnnenes, senhor. Tomaram o santuário e dos prédios em redor. São centenas deles, mataram todos os nossos, nem os civis foram poupados.

Kunfár caminhou até um quadro na parede e se virou para o sargento.

— Isso não está como combinado, Lord ThreCumb disse que apenas alguns técnicos atravessariam o túnel.

— Lord ThreCumb também está morto, senhor. O General Drímor o matou. Nossos homens transmitiram essa mensagem antes de serem exterminados. Ninguém pode entrar. Não sabemos o que está sendo feito lá dentro.

— Lord ThreCumb está morto?

— Sim, senhor, isto é certeza. Mas não sabemos o motivo.

— Esses fatos complicam bastante os nossos planos. — Disse Kunfár pensativo.

— O que devemos fazer, senhor?

— Reúna todos os soldados e robôs de guerra, precisamos nos preparar. Acho que as intenções deles não são das melhores.

Jiskl acenou de forma afirmativa.

— Mas o que faço com os fugitivos, preciso dos homens e robôs para caçá-los.

— Eu sei, mas — ponderou Drésno, — o caso dos warnnenes me parece prioritário. Reúna o máximo possível de nossas forças na entrada do Palácio. Mantenha um grupo menor procurando pelos fugitivos.

— Sim, senhor.

A casa de máquinas era fria a ponto de causar desconforto. Para economizar energia, Briéla optou por passar frio. Tremia um pouco, já John, mais acostumado com o clima da Inglaterra, não sofria tanto.

Ela esfregava as mãos com força.

— Preciso encontrar um jeito de chegar até a torre. — O frio fazia com que surgisse vapor à medida que a Princesa falava. — Você tem alguma ideia, viu

algum caminho possível?

— Acho que sim. Os elevadores e escadas estão todos bem vigiados. Os dutos de ar são apertados e trabalham sob pressão. Entretanto, existe uma fissura entre as rochas da montanha e a parede externa do palácio. Parece-me uma formação geológica muito antiga, que já estava lá antes da construção desse prédio.

— Como fazemos para chegar até essa fissura?

— Não fica muito longe. Mas existe um pequeno problema, teremos que atravessar a parede. Você acha que sua garra consegue abrir caminho no concreto?

Briéla olhou para sua armadura.

— Tenho certeza que sim.

John sorriu, seu olhar cruzou com o de Briéla. O coração acelerou.

Ela retribuiu o sorriso.

— Onde fica essa fissura?

John se levantou.

— Venha, por aqui.

Voltaram para seus disfarces e deixaram aquele lugar frio. Entraram por um largo corredor onde alguns retardatários caminhavam rumo a seus pontos de trabalho.

A cada passo a ansiedade aumentava.

O alto-falante dava instruções para os trabalhadores.

Luzes vermelhas piscavam e um alarme ao fundo criavam um ambiente de horror.

John e Briéla tentavam agir de forma natural, como se fossem trabalhadores. As câmeras de segurança se movimentavam rápido, para lá e para cá, gerando ruídos característicos dos pequenos motores. Elas focavam o rosto das pessoas na busca pelos fugitivos.

— Tá muito longe ainda? — Perguntou a General, num sussurro quase inaudível.

— Acho que mais uns dez minutos de caminhada.

— Não tinha um caminho menos vigiado?

John não se conteve e olhou para ela.

— Acho que não.

Andavam na velocidade das pessoas, uma curva se aproximava.

Prenderam a respiração, guiados pelo instinto.

A probabilidade de cruzarem com Mnemes era enorme.

Viraram na curva.

Alívio, não havia nenhum robô.

— É aqui perto, — disse o rapaz, — vamos entrar por essa porta.

Tratava-se de um depósito de alimentos. Caixas e mais caixas de comida industrializada. No centro, entre as prateleiras, havia um vão largo onde funcionava um tipo de escritório

Perto de cem pessoas se aglomeravam ali, aguardando instruções.

John e Briéla, se infiltraram, misturando-se a eles.

Um homem de baixa estatura subiu em uma cadeira para ser visto por todos.

— Pessoa, pessoal, silêncio, por favor.

As pessoas pararam de conversar e prestaram atenção ao homem.

— Acabei de receber mais informações sobre o que está acontecendo. Meu superior disse que prisioneiros perigosos escaparam da prisão no subsolo.

O burburinho cresceu em volume.

— Silêncio, por favor. — Insistiu o homem, impondo mais força na voz.

Correu os olhos pelos ouvintes.

— Ele pediu para eu fazer a contagem das pessoas, e se perceber alguém estranho, devo avisar o controle central.

As pessoas passaram a se olhar procurando por algum suspeito.

Briéla olhou para John, seus olhos diziam que ela estava prestes a fazer.

John fez um sinal com a cabeça.

— Ainda não. — Sussurrou no ouvido dela.

Algumas pessoas fitavam os dois com ar de desconfiança.

Mais uma vez, o homem precisou pedir atenção e silêncio.

— Entretanto, — continuou, — acho que os fugitivos foram vistos lá em cima, perto da saída do palácio. Há alguns minutos, houve uma convocação urgente. Chamaram todos os soldados e mnemes lá pra cima. Não disseram nada

pra gente, mas vou fazer a contagem. Depois, a gente fica aqui esperando o que fazer. Todo mundo entendeu? Alguma dúvida?

— Mas se eles tão lá em cima, por que fazer a contagem? — Perguntou um homem de meia idade.

— Não sei se estão lá ou não. Minha obrigação é contar.

Começou uma sequência interminável de perguntas. Uma com menos sentido que a outra.

John e Briéla aproveitaram o momento e se afastaram para trás de algumas caixas.

— Se esta notícia for verdadeira, nosso caminho até a torre está livre. — Falou John.

— Acha que podemos confiar no que esse cara disse?

— Não sei, a fissura fica atrás daquela parede. Se você acionar a sua arma, todos saberão que somos os fugitivos. Podemos nos esconder e esperar que todos saiam, mas isso pode demorar muito tempo.

— Tempo é uma coisa que não temos. — Afirmou a General.

— Concordo, acho melhor mudarmos os planos e continuar a subida pelas escadas. O que me diz?

Briéla pensou um pouco.

— Como vamos sair sem ser vistos? Além do mais, as câmeras de segurança irão nos identificar com facilidade. Não concordo.

John fez um sinal afirmativo com a cabeça.

— Você tem alguma outra ideia.

— Sim, me mostre na parede onde fica a fissura.

John pegou Briéla pela mão.

— Venha, é por aqui.

Ela caminhava um pouco atrás, olhando para a mão dele segurando a dela.

John parou em um ponto, projetou sua mente, atravessou a espessa parede de concreto. Certificou-se da posição da fissura e retornou para o corpo.

— É bem aqui, a parede tem quase dois metros de espessura. Acha que sua arma consegue.

Ela o fitou nos olhos.

— Afaste-se um pouco.

Ele obedeceu.

As garras surgiram como mágica. O clarão lançou reflexos por todos os lados.

As pessoas se assustaram e o pânico se instalou.

Briéla cravou sua garra na parede. A temperatura da parede subiu para quase quatro mil graus em poucos segundos. Estilhaços de rocha derretida pulavam como pipoca em óleo quente.

Chamas se formaram ao redor, no contato com as pedras flamejantes.

Teve início um incêndio. Os trabalhadores correram a um só tempo para a porta de saída.

O sistema antichamas foi acionado automaticamente. O teto espargia jatos de água em todas as direções.

Briéla não se importou, tratou de terminar logo o seu trabalho.

Levou quase um minuto para vencer aquela parede de concreto e abrir um buraco de tamanho suficiente.

— John, já dá pra passar, agarre-se em mim. — Falou a General, estendendo o braço.

Eles se abraçaram com firmeza e flutuaram para dentro da abertura escura.

Briéla acionou o dispositivo de visão noturna. Já John enxergava tudo com sua terceira visão.

Subiram uns vinte metros pela fissura.

— Acho melhor interromper aquela entrada. — Ponderou Briéla.

— Sim, isso vai atrasar os Mnemes. — Concordou o Cavaleiro de Fogo.

— É verdade, com certeza, eles já estão a caminho.

Briéla, mesmo segurando John dentro do escudo, conseguiu acionar a garra e causar uma avalanche no interior da fissura.

Toneladas de lava e rocha incandescentes desceram por força da gravidade, selando a entrada.

Os dois estavam sepultados no coração da montanha, dentro da fissura de um vulcão extinto a milhões de anos.

Capítulo 26

O salão principal da seita, transformou-se em uma pequena fábrica.

Até a estátua da cobra foi destruída para abrir espaço.

No meio do templo, cinco caças warnnenes recebiam os retoques finais.

As peças eram produzidas em Alfa Centauri e transportadas para a Terra através do portal.

Eram naves pequeninas, em formato de bumerangue, medindo quase cinco metros de envergadura.

O General Drímor aproximou-se do engenheiro chefe.

— **Capitão, como está o andamento dos trabalhos?**

— **Dentro do cronograma, General. Em menos de dez horas as primeiras unidades estarão prontas.**

— **Ótimo, coloque toda atenção nestas cinco primeiras.**

— **Sim, senhor.**

Drímor se afastou pensativo.

“Preciso recuperar o canhão... E matar aquele fantasma.”

Nos primeiros minutos, depois de se separar de John e Briéla, Frésnigo Leflan optou por se esconder em um lugar pouco movimentado.

Ele conhecia aquele palácio como a palma de sua mão.

Sabia onde eram os melhores lugares para se esconder.

Foram minutos de reflexão.

Lembrou-se da jovem Miriá, a menina do bar. No mesmo instante, veio-lhe à mente a imagem da explosão que a matou.

Colocou o rosto entre as mãos.

“Tantas pessoas mortas por nada!”

Sua mente fervilhava, a cabeça doía e sentia uma angústia estrangulando o tórax.

Não conseguiu ficar escondido por muito tempo. O rosto fantasma da menina Miriá o atormentava.

“Era uma menina doce e meiga.”

“Por que fiz aquilo?” Pensou “Maldita sede de poder. Valeu a pena?”

Lembrou-se de Vardin, suas mãos tremeram descontroladas. Era tudo culpa dele. Dele e de seu maldito mestre.

Uma lágrima tentou nascer em seu olho, mas secou antes de cair.

Suas pálpebras tremulavam num ritmo descompassado.

Levantou-se e saiu.

“Sou um homem-morto, minha consciência me julga e me condena a cada instante.”

Olhou pelo corredor que já estava bastante vazio.

Cobriu a cabeça com o capuz.

“Só a vingança pode aquietar um pouco minha mente em chamas.”

Sabia exatamente para onde ir.

Perto dali, havia uma sala de controle.

“Deve estar muito bem guardada.”

Improvizou uma navalha.

Pernas decididas o levavam para seu destino.

Ficou à espreita, em pouco tempo, haveria a troca da guarda.

Como sombra, esperou até que o soldado substituto surgisse no corredor.

Leflan era um espião experimentado, o jovem soldado não o notou escondido atrás de uma pilha de caixas.

O rapaz passou por ele. O corredor vazio facilitava a ação.

Frénigo agarrou o soldado numa gravata fatal.

Sem piedade, tapou-lhe a boca e cortou devagar a jugular do jovem.

O sangue esguichou, manchando as paredes de rubro.

Os olhos aterrorizados do soldado perderam o brilho com velocidade macabra.

Em segundos, ele soltou seu peso e Frénigo o arrastou para detrás das caixas, sentindo o líquido quente escorrer pelas suas mãos.

Retirou rapidamente a roupa do rapaz para não encharcar de sangue.

Vestiu o uniforme manchado de vermelho.

Caminhou até a sala de controle onde o vigia aguardava seu substituto.

Leflan aproximou-se mancando, quase se arrastando, segurando-se na parede.

— Socorro. — Disse num sussurro carregado.

O vigia correu na direção do ex-presidiário.

— Homem, o que aconteceu?

Leflan mantinha a cabeça baixa.

— Socorro, me ajude.

O soldado colocou a arma no coldre e o segurou pelo braço.

— Venha, vamos achar um lugar para você se deitar. Parece que perdeu muito sangue. Procure não falar, economize as suas forças.

Neste momento, enquanto suportava o peso do ferido, sentiu uma pontada forte no abdome.

Por instinto, olhou para sua barriga para entender o que acontecia.

O homem a quem tentava ajudar, o golpeara com uma faca ou coisa parecida.

Tentou reagir, quando a faca entrou em seu ventre pela segunda vez.

Doeu muito.

Seu coração descompassava, tentando controlar a pressão sanguínea.

A faca entrou uma terceira vez, e uma quarta, quinta...

Fechou os olhos e parou de contar.

Sentiu ainda mais alguns trancos e perdeu o controle sobre seu corpo.

Frénigo deixou o soldado cair no chão.

Roubou sua arma e foi para a sala de controle.

Abriu a porta, dois operadores de segurança acompanhavam vários monitores de vídeo

Com o ruído, ambos olharam para Leflan.

O espião atirou.

Apenas dois disparos, um para cada cabeça.

Os homens escorregaram pelas cadeiras como gelatina, até ficarem imóveis no chão.

Leflan estudou os corredores. Selecionou câmeras e escolheu o melhor caminho até o escritório do Grão Vizir.

Na sala de controle havia também armas de maior calibre.

Pegou uma submetralhadora de gás e mais duas armas de mão.

Vestiu um escudo energético.

E saiu da sala deixando pegadas de sangue.

Flutuaram fissura acima por quase duzentos metros. Chegaram em um ponto em que a caverna ficou estreita demais para passar.

John projetou a consciência e atravessou a parede para o interior do palácio.

Aquele andar continha parte dos dormitórios do palácio.

— Está livre, podemos entrar por aqui.

Briéla olhou para a parede e acionou a garra energética.

— Acho que dessa vez vai demorar um pouco mais. Vou ter de fazer o corte com o antigravidade e o escudo ligados. Isso vai exigir bastante da usina de força.

John se segurava nela, sentindo o calor de seu corpo.

— Não tem problema, não tenho nenhuma pressa.

Ela o fitou com olhos de reprovação.

A pinça de caranguejo se acendeu.

John sorriu e continuou.

— Pelo que vi do outro lado, estamos com tempo, este quarto está vazio.

Fagulhas e pedaços de material incandescente voavam para todos os lados ao toque daquela arma.

Briéla fazia o trabalho com paciência acompanhando os indicadores de consumo em seu capacete. Não queria causar nenhuma sobrecarga no sistema.

Foram necessários quase trinta minutos para abrir a passagem.

Era um quarto requintado, no estilo barroco, cheio de ornamentos, quadros e pequenas estátuas em mármore branco.

Os estilhaços incandescentes, que voaram da parede, incendiaram o interior do aposento. Todas as peças e quadros foram consumidos pelo fogo.

— Venha, por aqui. — Falou o inglês, caminhando até a porta.

A Princesa o seguiu, olhando para os lados, cuidando para não serem surpreendidos.

John abriu a porta e colocou a cabeça para fora.

— Está livre, vamos.

Do corredor, já podiam ver a escada que levava até o topo da Torre.

Não havia soldados e nem androides guardando a entrada. Passo por passo, com olhos atentos, eles caminharam até lá.

— Onde estão todos os guardas? — Perguntou Briéla.

John fechou os olhos por um momento.

— Estão na entrada do palácio, estão preparando para se defender de um ataque.

— Um ataque? Será que Hathor vai invadir Lemúria?

John olhou para a General.

— Não, Zranide está segurando as forças de Atlântida. Os warnneneds irão atacar. Eles querem duas coisas.

Eles iniciaram a subida pela escada, fazendo uso do antigravidade.

Briéla, olhando para cima, tentava adivinhar.

— Uma, com certeza, é o canhão de bósons. E a outra? — Perguntou ela.

Pela primeira vez, ela viu o cristal se acender na testa de John, não via com os olhos do corpo, mas com a mente.

— A outra é o Cavaleiro de Fogo. — Respondeu o inglês com voz grave.

Com os corredores vazios, foi fácil para Leflan chegar no escritório do Grão Vizir.

Entrou com armas em punho.

A secretária se levantou assustada, quase deu um grito.

Não teve tempo, o espião, num movimento instintivo, apontou a arma e atirou.

A bolha de gás superaquecido atravessou o cérebro da moça.

Sequer ela foi capaz de fechar os olhos. Encostou-se na parede, já morta, deslizou até o chão deixando uma mancha vermelha sobre a parede branca.

Na ponta dos pés, sem fazer o menor ruído, Frésnigo caminhou até a entrada da sala contígua.

Abriu a porta devagar, tudo calmo, a sala parecia estar vazia.

Relaxou um pouco.

“Onde está Kunfár?”

Alguma coisa se movimentou muito rápido na sua direção.

Leflan apenas girou o corpo e um punhal passou sibilando perto de seu peito, fincando com energia no móvel logo atrás.

— Procurando alguma coisa, Leflan?

— Kunfár, seu maldito filho da puta.

Drésno gargalhou com a arma em punho, apontando para Frésnigo.

— O que você esperava, Leflan, que eu estivesse alheio a tudo como um tolo esperando a morte?

O espião também apontava sua arma. Ambos acionaram seus escudos.

— Por que vocês fizeram isso comigo? — Perguntou Frésnigo. — O plano era perfeito e havia lugar para três. Por que fui excluído e colocado na masmorra?

Drésno riu outra vez.

— Ora, Leflan, embora ótimo lutador, você sempre foi emocionalmente instável. Tinha chegado o momento de assassinar Kumárin. Percebemos que você tinha dificuldades para cumprir a sua parte no plano. Deixou testemunhas escaparem do portal... quase não destruiu a usina de energia. Não podíamos arriscar muito com sua instabilidade.

Os batimentos cardíacos de Frésnigo aceleraram.

— Aquilo não foi instabilidade. Fiquei indeciso sim, não via a necessidade de tantas pessoas morrem.

— PESSOAS MORREM TODOS OS DIAS, LEFLAN. — Gritou Drésno.

— Pessoas sonham todos os dias, Kunfár. — Disse o espião com firmeza e sonoridade. — De que vale o poder se não for para engrandecer uma nação. As pessoas têm o direito de sonhar e viver seus sonhos.

Drésno puxou o gatilho. A bolha de gás incandescente gritou no ar e se dissipou no escudo de Leflan.

O espião fechou os olhos por instinto e os abriu em seguida.

Drésno abriu um sorriso disforme.

— Seu escudo está funcionando bem. — Afirmou balançando a arma.

Enfiou a mão no bolso e retirou um pequeno objeto.

Os olhos de Frésnigo arregalaram.

“Uma bomba de pulso magnético!”

— Sabe, Leflan, não temos muito tempo para ficar jogando conversa fora. Você veio aqui para me matar. Mas, esses escudos, essas armas, não são dignos de nós. Então...

Ele apertou um pequeno botão no dispositivo e o jogou no chão. O objeto caiu num estalo metálico.

Rolou alguns centímetros e se desfez numa fumaça branca.

A redoma do escudo de Leflan, que parecia uma neblina levemente esverdeada, se desfez no mesmo instante.

O mesmo aconteceu com o escudo e armas de Drésno. O pulso da bomba magnética queimou todos os circuitos eletrônicos num raio de cinquenta metros. As luzes se apagaram, as telas dos monitores ficaram negras como asfalto.

Os olhos de Kunfár fitavam Leflan na penumbra. Não era um olhar feroz, era soberano e consciente de sua superioridade. Leflan nunca vencera Kunfár em uma luta.

Ambos dominavam artes marciais, mas Kunfár sempre fora o mestre invencível.

— Leflan, está preparado para morrer? — Perguntou, enquanto colocava seu anel.

Aquela frase, nunca chegara com tanto drama aos ouvidos de Frésnigo. Um calafrio percorreu seu corpo e os músculos enrijeceram.

Era uma luta suicida. Não conheceu ninguém capaz de vencer Kunfár.

“Pro diabo com essa vida sem sentido. Se eu matar esse miserável e seu maldito comparsa, talvez eu tenha uma chance de ser aceito em Hathor.”

— Sabe, velho, você foi o melhor lutador que conheci. Mas não tem mais idade para essas coisas. Sugiro que fuja e aproveite o resto de seus dias em alguma

ilha distante, cuidando de galinhas e porcos.

Drésno riu, jogou de lado as armas inúteis.

— Gosto do seu senso de humor. Fazendo piadas mesmo diante da morte.

Frésnigo também se desfez de seu peso morto. Seu anel brilhou num lampejo de luz.

— Não estou certo ainda se vou matá-lo, velho, talvez, quebrar alguns ossos de modo que você nunca mais consiga andar.

Drésno, sem se perturbar com as frases de Leflan, avançou na direção do inimigo e desfechou o primeiro golpe.

Leflan se desviou a tempo, e contra atacou com os punhos serrados. Mas também acertou o ar.

Kunfár se livrou com facilidade, e usou a própria inércia do corpo de Leflan para causar-lhe dor.

Frésnigo recebeu a primeira pancada. Foi tão bem dada que quase lhe deslocou o queixo. Girou em seu eixo e se apoiou na parede.

Seus olhos lançavam faíscas de ódio.

“Ódio não é um bom sentimento nesta hora.” Pensou Frésnigo. “É tudo o que ele precisa para acabar comigo.”

Respirou fundo e buscou calma em seu interior.

— Você está ficando fraco, velho. Não bate mais como antigamente.

Grasso Vardin olhou para o trono vazio. Até aquele momento ainda não tinha sentado nele.

Como Imperador, sua primeira ordem foi acabar com todas as festas e orgias patrocinadas por Kumárin. O salão onde esses encontros aconteciam foi fechado, as portas trancadas e ninguém tinha permissão de entrar.

O estilo de Vardin era diferente. Ao contrário do antigo Imperador, ele fazia questão de estar ciente de tudo.

As decisões importantes eram tomadas por ele.

Passava a maior parte do dia em seu novo escritório. Um salão com teto em forma de abóboda, grande como uma catedral. Pinturas e esculturas se espalhavam pelos cantos e paredes. No teto um enorme afresco contava a história da colonização da Terra. Um piano de calda longa enfeitava o centro do salão.

Já tinha sido notificado sobre a morte de ThreCumb e os movimentos dos warnnenes.

Em sua mesa, debruçado sobre o monitor tridimensional, Grasso avaliava a situação. Seu plano de ser Imperador da Terra corria perigo. Precisava ser cuidadoso.

Uma campainha musical chamou sua atenção com um som harmonioso.

Olhou para o canto inferior do monitor. O secretário de comunicação solicitava audiência urgente.

O Imperador deixou os ombros caírem.

“Caramba, o que será agora?”

Apertou um botão e a imagem de um homem magro de rosto afilado surgiu no monitor.

Os olhos semicerrados de Vardin denunciavam seu desinteresse.

— Sim. — Atendeu com voz grave.

— Senhor Imperador, me desculpe. O senhor pediu para não transferir nenhuma ligação, mas essa é muito importante.

Grasso exalou o ar, fechou e abriu os olhos num movimento de tédio.

— Quem está na linha?

— É o General Drímor. Eu avisei que o senhor estava ocupado. Ele, no entanto, disse, que seria melhor para Lemúria que o senhor o atendesse.

— Quem?

— General Drímor, comandante-geral dos warnnenes.

A postura de Vardin mudou.

“Comandante-geral?!”

Ajeitou-se na cadeira e colocou toda sua atenção no monitor

— Pode transferir.

Surgiu no visor tridimensional a figura de um warnnene de linhas duras, olhar penetrante e feroz. Ao lado também se via a imagem de um warnnene cego, cuja idade avançada era patente.

O Imperador tentou não demonstrar perturbação.

— General Drímor, a que devo a honra?

— **Grasso Vardin, vou direto ao ponto. Você traiu o nosso acordo.**

O Imperador franziu a testa.

— De forma alguma. — Disse com firmeza. — Por que diz isso?

Drímor olhou para Prisno e este fez um leve aceno de cabeça.

— **Você está escondendo o Cavaleiro de Fogo.**

A perplexidade se estampou no rosto de Vardin.

— Não sei do que o senhor está falando. Não estou escondendo ninguém. Estou sim, enfrentando um enorme problema. Alguém conseguiu entrar em meu palácio e libertar dois prisioneiros importantes.

Grasso achou prudente não falar sobre as mortes causadas pelos warnnenes. Tinha esperança de consertar as falhas visíveis em seu plano.

Prisno tomou a palavra.

— **Consigo ver com clareza, o Cavaleiro de Fogo está no seu palácio.**

— Lord ThreCumb já tinha me falado alguma coisa sobre isso. Eu juro que não estou escondendo ninguém. Talvez esse cavaleiro tenha soltado meus prisioneiros...

— **Os seus problemas são seus. — Atravessou Drímor — Pouco me importa os seus prisioneiros. O que sei é que não posso permitir que isso permaneça assim. Estou mandando meus soldados para matar está aberração. Se você tentar impedir, vou transformar o seu palácio na antessala do inferno.**

Grasso engoliu em seco.

— General, somos aliados, nosso inimigo é Atlântida.

O rosto de Drímor se tornou ainda mais grave.

— **Então prove essa afirmação. Eu quero o Cavaleiro de Fogo morto e meu canhão de bósons de volta. Aquela é uma arma warnnene, você não pode ficar com ela.**

O rosto de Vardin parecia porcelana.

— General, estamos do mesmo lado, Hathor está prestes a nos atacar. E essa arma é a nossa grande defesa. Além do mais, foi um presente de um grande amigo.

— **Warnnenes não tem amigos. Você tem uma hora cumprir essas duas tarefas. Se isso não acontecer, meus soldados entrarão em ação.**

Grasso emitiu um sorriso amistoso

— General...

A tela se apagou antes de Vardin terminar o que tinha para dizer.

Mais uma vez, não encontraram nenhuma resistência em seu caminho. Subiram com facilidade as escadas até a torre.

John fez sinal para Briéla parar.

— O que foi? — Perguntou a General.

— Mnemes, muitos deles!

Quase que por instinto, ela se preparou para a batalha.

— Estão vindo para cá?

John fechou os olhos.

— Não, estão protegendo o canhão de bósons.

Briéla cerrou os punhos.

— Vamos lá buscar aquela arma. — Disse olhando para o fim da escada.

O rapaz a segurou pelo braço.

— Não, eu tenho uma ideia melhor.

A moça parou e encarou o inglês.

— Qual ideia?

— São apenas Mnemes, consigo lidar com eles sem ser visto.

“Sim, Zra tinha razão, você está mudado. No entanto, está deixando de ser humano.” Pensou com tristeza nascendo em seu coração.

— Sem ser visto? Como?

— Depois explico, aguarde aqui. — Falou John, enquanto subia os degraus restantes a pé.

Drímor se virou para Prisno.

— **Reverendo, o que o senhor acha?**

O ancião não alterou a expressão em seu rosto.

— Ele fala a verdade, o Imperador está com medo e não sabe nada sobre o Cavaleiro de Fogo.

Drímor se virou e caminhou em círculos com a mão no queixo.

— Isso é um pouco melhor. Mas isso não altera nossos planos, vamos tomar este planeta com o sem Lemurianos.

— Os Lemurianos já fizeram a parte deles, — falou Prisno, — túnel já está ativo e nossas tropas crescem em número.

Drímor olhou para o ancião.

— Maldito ThreCumb, jamais deveria ter entregado um canhão de bósons para os humanos.

— Sim, aquilo foi um erro. — Concordou o reverendo.

— Bem, vamos cuidar para que não aconteçam mais erros. Minha missão é escravizar o planeta Terra, e farei isso nem que seja a última coisa que eu faça na vida!

Prisno acenou de leve com a cabeça.

— Sim, mas antes você precisa matar o Cavaleiro de Fogo.

Depois de mais uma bela porrada, um dos dentes de Leflan saiu voando pela sala.

Demorou um pouco mais para ele se equilibrar. A situação se complicava, Drésno era mais rápido e mais forte.

Frésnigo olhou para seu anel. Aquela arma, em seu dedo, ativava as glândulas em seu corpo, tornava-o mais energizado e consciente. O problema era que Kunfár também possuía um anel como aquele.

Ainda zozzo, pegou um bastão que estava por perto, girou o corpo com velocidade, tentando acertar Kunfár.

Atento, Drésno se desviou agachando-se, a tempo de ouvir o bastão passar zunindo por cima de sua cabeça.

Leflan já esperava este movimento de Kunfár, assim, aproveitando a inércia, continuou o giro do corpo e lançou o calcanhar contra o rosto de Drésno.

Quando Kunfár percebeu o golpe de Frésnigo, era tarde demais. O osso do pé do oponente o atingiu no meio do maxilar inferior, deslocando-o de sua posição e causando duas fraturas.

Frésnigo sentiu a pancada na foram de uma dor latejante no calcanhar. Mas a satisfação de ter acertado Drésno de jeito compensava a dor.

A vantagem momentânea fez seu organismo despejar mais uma dose de adrenalina em suas veias.

O coração respondeu trabalhando com mais energia.

Aproveitou que Kunfár ainda cambaleava e continuou o giro. Com a outra mão, acertou um soco no maxilar quebrado do inimigo.

Em contrapartida, este último movimento, lhe custou outra porrada, desta vez na boca do estômago.

Uma dor infernal tomou conta de seu corpo. Precisava se superar, não podia cair. Seria sua morte. Equilibrou-se. A mão direita agarrava o bastão com tanta força que as veias saltavam.

Drésno desembainhou um punhal. Apesar da pouca luz, Frésnigo viu o brilho frio do metal.

Kunfár tentou sorrir, mas a dor não permitiu.

Leflan aguardou o movimento do oponente. A luta estava próxima do fim.

Drésno, como gato acuado, se lançou contra o inimigo num salto explosivo.

Milissegundos, talvez menos, permitiram que Leflan percebesse o golpe de Kunfár.

Colocou seu antebraço esquerdo entre seu coração e a ponta afiada do punhal.

A navalha atravessou seu braço sem dificuldade, e penetrou mais de um centímetro no peito de Leflan.

Drésno aplicou tanta força que a guarda do punhal atravessou a pele abrindo um rombo no braço de Leflan.

O sangue espirrou no mesmo instante, cegando Kunfár por um momento.

Frésnigo não tinha tempo para sentir dor, sua mente focava seu próximo golpe.

O bastão na direita ganhou velocidade.

Drésno tentou puxar o punhal de volta para desferir o segundo golpe. A guarda enroscou na pele grossa do braço de Frésnigo.

O bastão ganhou mais velocidade.

Kunfár puxou com mais força rasgando a pele, destruindo músculos e partindo veias importantes

O pedaço de pau continuou sua trajetória.

Os olhos de Kunfár viram o bastão, mas não havia mais tempo para seu cérebro processar.

A peça de madeira atingiu a lateral da cabeça de Kunfár.

Os ossos do crânio quebraram como casca de ovo.

A força do bastão esmagou parte do cérebro de Drésno Kunfár.

Ele caiu com o punhal na mão.

O braço de Leflan esguichava sangue quente para todo lado.

Frésnigo deu uma segunda e uma terceira paulada na cabeça do inimigo.

Drésno Kunfár estava morto.

Capítulo 27

John projetou sua consciência e se certificou de que não havia humanos entre os andróides.

Fazendo uso de sua vontade, reprogramou o campo visual dos robôs.

Voltou para seu corpo e caminhou na direção daqueles gigantes de metal.

Passou por mais de cem máquinas sem ser notado.

Entrou no depósito de armas e munições da torre do palácio,

Em cima de uma mesa, coberto por um pano, viu o canhão de bósons.

O cristal em sua testa se iluminou.

Projetou sua mente sobre o objeto e tomou ciência de seu funcionamento.

Com passos decididos, avançou e pegou a arma.

Admirou por um instante aquela magnífica peça de engenharia.

Ouviu passos, girou nos calcanhares.

Dois soldados entraram pela porta.

Os dois estacaram na entrada, seus olhos se arregalaram tomados de susto.

— Quem é você? — Perguntou um dos homens, apontando sua arma.

Não havia alternativa. Precisava devolver o canhão warnnene, era o único jeito de conseguir a confiança do General.

Foi pensando assim que Vardin ordenou a dois soldados para buscarem a arma.

Pegou o telefone com linha direta para o Grão Vizir.

O aparelho tocou várias vezes. Ninguém atendeu, nem mesmo a secretária.

“Merda, Mestre, por que o senhor não atende?”

Consultou o relógio. Balançou a cabeça e caminhou até o transleve imperial.

Imprimiu grande velocidade no pequeno veículo, rumo ao escritório do Grão Vizir.

Desceu da aeronave e entrou na antessala.

A risca de sangue na parede gritava por atenção.

Descia até o solo onde o corpo da jovem quase nadava numa poça do líquido vermelho.

Sacou sua arma, olhou para a porta do escritório.

Devagar, sem fazer ruído, com a arma em punho e preparada, ouvidos atentos, olhos fincados na porta, ele avançou.

Um passo, dois passos, três passos.

Lento como um filme em slow motion, Vardin segurou a maçaneta da porta.

Os músculos de sua mão se contraíram com energia. Girou com cuidado para não fazer barulho.

Deslizou a porta, centímetro a centímetro.

“Será que vale a pena arriscar? Afinal, sou o Imperador de Lemúria.”

Por um momento, agiu como estátua fria que contempla o nada.

Inclinou-se um pouco para dentro. O suficiente para ver o corpo de Kunfár no chão. Num relance entendeu tudo.

“Leflan.”

Voltou devagar.

Tentou fechar a porta.

Um vulto saltou para cima dele. Grasso atirou, mas o estranho já tinha se desviado de sua arma.

Num movimento instintivo, o Imperador acionou seu sistema de segurança pessoal.

Alarmes soaram por todo o palácio, chamando os soldados para o lugar onde se encontrava o homem mais importante de Lemúria.

John não respondeu nada.

— QUEM É VOCÊ? — Gritou o soldado fazendo mira na cabeça do inglês.

O jovem optou por ficar calado, procurando uma saída.

O soldado deu um passo e os Mnemes se aproximaram para avaliar a situação.

— Coloque essa coisa de volta. Fique de joelhos com as mãos na cabeça.

— Ordenou o soldado.

McBrian ouviu um grande barulho. Faíscas de fogo vinham lá de fora.

O soldado girou o rosto tentando entender.

A Filha de Atlântida apareceu na porta, abrindo caminho entre os gigantes.

Os guardas giraram, apontando suas armas.

Mesmo lutando contra os droids, Briéla disparou dois pulsos elétricos. Um para cada soldado.

Os dois homens perderam a consciência e caíram desmaiados.

— PRECISAMOS SAIR DAQUI. — Gritou a general. — VAMOS.

John pegou a arma e saiu da sala.

No corredor, a princesa lutava contra dezenas de andróides de guerra.

Bolhas e mais bolhas de gás sibilavam pelo local.

Outra centena de Mnemes chegava pela escada.

Briéla, num show de artes marciais, rodopiava no ar com sua garra de matéria incandescente.

Os andróides atiravam sem parar.

John usou o filtro e, em resposta ao seu pensamento, os Mnemes foram lançados contra a parede de rocha.

— VAMOS, POR AQUI! — Gritou McBrian.

Mais robôs chegaram no local, esses, conseguiam ver o inglês.

A General correu na direção do rapaz.

Os andróides abriram fogo.

Há poucos metros, havia um enorme terraço que dava para um precipício.

Briéla deu uma olhada de relance.

“Foi daqui que mataram Brania. Desse lugar derrubaram minha nave.”

Pensou.

A energia de sua roupa chegava ao limite extremo.

— VAMOS PULAR. — Gritou a Filha de Atlântida.

John entendeu.

Os dois saltaram.

John se agarrou a Briéla.

A roupa dela diminuía a velocidade de queda.

Centenas de androides encostaram no parapeito do terraço, acompanhando o movimento dos dois.

Continuaram atirando contra o escudo de Briéla.

A energia do traje acabou.

O murro atingiu bem no meio do nariz. O sangue espirrou como se fosse um chafariz.

Atordoados, Grasso Vardin deu dois passos para trás. A arma que ele empunhava voou para longe. Quicou duas ou três vezes e caiu ao lado da secretária morta.

Leflan bufava e seus olhos animais, tomados de ódio, mostravam uma pista do que ele pretendia fazer.

— Leflan, não seja precipitado. Vamos conversar como pessoas civilizadas. — Falou o Imperador dando mais um passo para trás.

A despeito do torniquete que fizera no braço, Frésnigo ainda perdia sangue. As gotas do líquido vermelho pingavam no chão com insistência.

Testa franzida, punhos cerrados e olhar pregado no Imperador. Leflan experimentava sensações controversas. Sede de vingança e medo de morrer.

— Sabe, Vardin, acho que vocês estavam certos. Eu serei conhecido como o homem que matou o Imperador. Não era disso que você me acusava?

Vardin apertou o botão de alarme outra vez.

“Que inferno onde estão os guardas?”

— Leflan, aquilo foi um erro. Foi ideia de Kunfár. Podemos retomar o nosso plano. Os warnnenes estão causando problemas.

Vardin deu outro passo para trás, e encostou em uma parede.

Frésnigo segurava o punhal de Drésno.

A ponta da faca tremia a alguns centímetros do olho do Imperador.

— Não existe plano, apenas destino. — Disse com espuma de saliva escorrendo pelo lado da boca ensanguentada.

Olhos arregalados, Grasso Vardin apenas esperava pela morte.

Um tiro rasgou o ar.

Atingiu o ombro de Leflan, que cambaleou para o lado.

— MÃOS NA CABEÇA. — Gritou o soldado que acabara de entrar na sala.

Leflan sentia o ombro arder. Perdia muito sangue, a visão ficou turva. Mas ainda pôde ver o Imperador correr até o corpo da secretária.

Vardin agachou e pegou sua arma.

Voltou com ela em punho.

Apontou para a testa de Frésnigo.

— Te encontro no inferno, Leflan. — Disse Grasso Vardin.

Os olhos do espião, embebidos em ódio testemunharam o Imperador puxar o gatilho.

Um estalido.

Um tremor.

Tudo escuro.

Choque contra o chão.

Nunca o tempo tinha se passado tão rápido, seu prazo de uma hora estava quase no fim.

Naquele momento, dezenas de soldados chegavam à antessala do Grão Vizir.

Um jovem oficial se aproximou de Grasso.

— Senhor Imperador, o senhor está bem?

Vardin ainda olhava para o corpo morto de Leflan, enquanto seu nariz pingava sangue.

— Vivo, por enquanto.

Consultou o seu relógio mais uma vez para ter certeza do horário. Balançou a cabeça, tentando organizar as ideias.

Virou-se para o oficial.

— Onde está o canhão de bósons?

— Na torre, senhor, muito bem guardado na torre.

— Eu mandei tirar de lá. — Vociferou o Imperador.

O oficial engoliu em seco.

— Já estamos providenciando isso, senhor. Mande soldados e mais andróides para protegerem a arma.

Com as mãos ainda trêmulas, Grasso guardou sua arma.

“Merda, devolvo ou não devolvo aquela porcaria?”

Deixou a sala, abrindo caminho entre os soldados.

Subiu em seu transleve.

Ligou o equipamento e ficou por alguns segundos olhando para o painel.

Os soldados se dividiam entre os mortos e o Imperador.

O painel do transleve mostrava uma dúzia de informações, mas Vardin não via nada.

“Começar uma guerra contra os warnnenses será loucura.”

— Capitão.

— Sim, senhor Imperador.

— Prepare aquele canhão para transporte. Vou devolver a arma para os warnnenses.

— Devolver?

Grasso apertou alguns botões em seu veículo.

— Sim, devolver. Quero isso imediatamente. E tem mais, quero a fugitiva morta. Atire para matar, sem piedade. Entendeu? Atire para matar.

— Sim, senhor, entendido.

O transleve ganhou velocidade e o Imperador sumiu no corredor.

No salão da Seita da Cobra, os warnnenses faziam os últimos preparativos nas naves recém-construídas.

O General Drímor consultou seu relógio.

O tempo de Grasso Vardin se extinguiu, era hora de entrar em ação.

Deixou seu escritório improvisado, peças de aeronaves e materiais bélicos se espalhavam por toda parte.

Caminhou a passos largos e sonoros em direção a outro oficial.

— **Coronel Froonsl, qual a previsão?**

O outro homem lagarto bateu continência e respondeu sem titubear.

— **Está pronto, General, todas as naves estão prontas para batalha.**

Drímor abriu um sorriso torto.

— **Quero um ataque maciço ao palácio de Lemúria. Avise aos pilotos para terem cuidado com o canhão de bósons.**

— **Coronel,** — falou Prisno, que seguira o general,— **lá existe uma coisa, que não é humana.**

Froonsl olhou para o reverendo com expressão de perplexidade.

Os olhos cegos de Prisno focavam o infinito.

— **Tome cuidado com o Cavaleiro de Fogo, ele sim, é o nosso maior inimigo.** — Falou o mago em tom quase profético.

— **Sim,** — ratificou Drímor, — **quero essa aberração morta. Ele não pode vir para cá.**

— **Sim, General.**

Um ou dois minutos depois, cinco naves warnnenes decolaram, ganhando os céus do interior do planeta.

O escudo desapareceu. O antígravo morreu.

Em queda livre, John via o alarme da armadura de Briéla indicar energia zero.

Seu olhar cruzou com o dela.

Vislumbrou um desesperado grito de adeus.

As pedras, lá embaixo, anunciavam a morte certa.

Disparos de gás incandescente passavam zunindo a centímetros de distância.

O cavaleiro de fogo fechou os olhos e dessa vez não saiu do corpo. Fez o contrário aprofundou-se mais e mais dentro de si próprio.

Tão profundo que o tempo pareceu parar.

Abraçou a princesa com mais força.

Mesmo com os olhos fechados, conseguia ver tudo.

Encheu os pulmões de ar despejou grande quantidade de energia psíquica em torno dos dois.

O poder de sua mente fez com que os dois ficassem invisíveis aos andróides.

Os Mnemes pararam de atirar, buscando em seus mecanismos quânticos, uma explicação plausível para o desaparecimento dos humanos em pleno ar.

Briéla tentava reativar, sem sucesso, a usina nuclear de seu traje.

As rochas, ao fundo do despenhadeiro, se aproximavam numa velocidade desesperadora.

John esperou.

O tempo para ele passava de forma diferente.

Esperou.

O chão rochoso parecia gritar por sangue.

O Cavaleiro de Fogo esperou.

Era inevitável, explodiriam feito bolhas de sabão naquelas pontas de granito cinza.

Esperou, esperou.

Alguns metros os separavam da morte por despedaçamento.

Alguns metros do último suspiro.

E o Cavaleiro de Fogo não esperou mais.

Algo aconteceu, e não parecia ser desse mundo.

Briéla trazia os olhos fechados, esperando a pancada final. Mas esta não veio.

Seu cérebro, confuso, abriu devagar os olhos.

Os dois flutuavam a apenas vinte centímetros do chão.

“Por Yrm, como sem antigravidade?”

Girou o rosto na direção do inglês.

Ele ensaiou um sorriso, mas seus olhos fecharam sem vida.

Pousaram no fundo do penhasco.

Como gata assustada, Briéla deu um salto para o lado.

John desmoronou, como fantoche inanimado.

A general olhou para o alto e viu os robôs apontando suas armas.

“Os Mnemes! Vão atirar nele.”

Pulou para cima do rapaz.

— JOHN, ACORDE, ACORDE! — Gritou, enquanto batia de leve no rosto dele.

Uma primeira bolha de gás explodiu ao seu lado.

A adrenalina jorrou em suas veias.

Arrastou o inglês fazendo uso de toda sua força. Seu rosto era quase animalesco de tanta energia que colocava nos músculos.

Outro tiro, agora mais perto.

Briéla não se intimidou e continuou arrastando-o. Protegeu os dois atrás de uma rocha.

John parecia não respirar. Uma onda de terror tomou conta dela.

“Não não não não não não não, respira, respira.”

— John, acorde por favor. Por Yrm, acorde! — A voz era trêmula e ondulante.

Ela retirou o capacete e encostou o ouvido no peito do inglês.

Uma lágrima abriu caminho por seus grandes olhos azuis.

O coração pulsava fraco, mas pulsava.

Passou a mãos sobre o cristal. Sentiu o material pouco abaixo da pele. Aquilo era poderoso, percebia isso só de tocar.

“Por que você fez isso, Zranide?”

Outra lágrima seguiu a primeira.

Num gesto delicado, ela passou o indicador pelos lábios dele e acariciou a barba mal aparada.

Sua atenção foi desviada pelo ruído leve de propulsores.

“Aeronaves! Os soldados estão procurando por nós.”

Consultou o mostrador de energia de seu traje. Ainda estava baixo, não tinha a mínima condição para lutar.

Sem a ajuda da armadura, ela teve de fazer muita força para arrastar John para um lugar mais seguro.

Do fundo do penhasco, Briéla viu cinco naves desconhecidas cercarem a torre do Palácio Imperial.

A porta se abriu num estrondo.

Grasso Vardin entrou no gabinete imperial.

Ofegante, suor escorrendo pela face e sangue coagulado, escorrido sobre a boca e o queixo.

O Imperador caminhou direto para sua escrivaninha.

Olhou em um espelho próximo, o sangue ainda descia pelo nariz.

O videofone chamava com insistência.

Respirou fundo e pressionou um botão.

— O que foi?

Em sua frente, a imagem tridimensional de um oficial.

— Senhor, o canhão de bósons foi roubado!

Uma carranca disforme se instalou no rosto de Vardin.

— O QUÊ? ROUBADO? COMO? QUEM? — Disparou com voz insana.

Um leve tremor percorreu o corpo do oficial.

— Senhor, os fugitivos, não sei como, atravessaram a barreira de Mnemes e pegaram o canhão.

Grasso Vardin deu um murro descontrolado na mesa. A pancada lhe doeu até a alma, mas o ódio compensou o desconforto.

— AHHRRRRR — Grunhiu feito felino.

O oficial engoliu em seco.

Os músculos de Vardin pareciam querer esmigalhar os próprios ossos.

— Mas que caralho, maldição, seus bostas do cacete. Como deixaram isso acontecer? Onde eles estão? Mas que merda, quero aquela arma de volta. Matem todos, preciso daquela coisa.

— Acho que já estão mortos, senhor. No desespero da fuga, eles saltaram pelo penhasco e foram abatidos na queda pelos Mnemes.

Vardin sentiu um alento penetrar seu espírito.

“Enfim uma boa notícia, o tal Cavaleiro de Fogo está morto.”

— Ótimo, — disse retomando a compostura, — de qualquer modo, quero a certeza disso. E me tragam a arma e o corpo dos dois.

— Os corpos devem ter se espatifado no fundo do abismo, senhor.

— Não importa. Junte as tripas com uma pá e me traga que eu quero ver!

— Sim, senhor. — Respondeu o homem.

Um outro alarme chamava a atenção do Imperador.

“Inferno.”

Quase por instinto ele pressionou outro botão.

— O que foi?

Era o chefe da segurança.

— Senhor Imperador, naves warnnenes se aproximam.

Vardin sentiu o coração acelerar e suas mãos ficaram frias como gelo.

— Acionem todos os sistemas de defesa. Isso é um ataque!

— Sim, senhor.

Fora do corpo físico, PYthía acompanhara John na libertação de Briéla. Ao seu lado Zranide, a conduzia com maestria pelo mundo do pensamento.

— Eu te disse que o Cavaleiro de Fogo tinha voltado.

A leveza e o enlevo tomavam conta do espírito da Imperatriz.

— É maravilhoso, Zra, ver a união desses dois.

Zranide sorriu.

— Sim, acho que eles estarão a salvo por algum tempo.

— É verdade, vamos não podemos perder tempo, precisamos voltar e mandar nossa esquadra para ajudar Lemúria. Eles serão devastados por esses caças warnnenes. — Disse PYthía com voz firme.

Zranide assentiu com a cabeça e fechou os olhos.

PYthía, quase no mesmo instante, respirou fundo e abriu os olhos do corpo físico.

Levantou-se num salto.

Acionou sua pulseira, a imagem de Brathía apareceu.

— Mãe, precisamos das Filhas de Atlântida.

Do outro lado da linha, a avó de Briéla mostrava sua preocupação.

— Aconteceu alguma coisa com minha neta? — A pergunta saiu trêmula, esperando pelo pior.

— Não, Briéla está bem. O Cavaleiro de Fogo a salvou.

Brathía sentiu o corpo relaxar de uma tensão que já durava horas.

— Graças ao grande Universo. — Falou, enquanto expulsava o ar de seus pulmões.

— Os warnnenes vão atacar Lemúria. — Continuou a Imperatriz. — Precisamos ajudar. Prepare nosso exército, vamos derrotar os invasores e resgatar a Briéla.

— Com prazer, minha filha, deixa comigo. Vou ESMAGAR aquelas lagartixas! — Disse mordendo as palavras

A Imperatriz desligou o aparelho e correu para a sala de comunicação.

A operadora tomou um pequeno susto ao ver PYthía entrar sem avisar.

Levantou-se algo desajeitada, curvou-se em respeito.

— Senhora Imperatriz, no que posso ser útil?

PYthía deu um sorriso preocupado.

— Me ligue urgente com Lemúria, preciso falar com Grasso Vardin.

— Sim, senhora.

A moça quase se jogou na cadeira. Seus dedos voavam pelo teclado virtual.

Perderam alguns minutos com burocracia. A imagem do Imperador de Lemúria surgiu na tela tridimensional.

O rosto de Vardin era expressão de desespero.

— Senhor Vardin, — iniciou PYthía sem perder tempo, — sabemos que Lemúria está sob ataque. Estamos enviando ajuda. Peço que autorize a entrada de nossas naves.

O desespero de Vardin se transformou em ponto de interrogação.

Duas perguntas bailavam em sua mente.

Como Atlântida sabia que Lemúria estava sendo atacada?

Por quê Hathor enviaria ajuda, mesmo sabendo que a princesa era prisioneira ali?

— Não precisamos de nada. Não estamos sendo atacados coisa nenhuma. Se mandarem suas naves nós as derrubaremos como insetos. Do mesmo jeito que fizemos com aqueles caças.

PYthía enrugou a testa.

— Vardin, não se faça de desentendido. Vocês encontraram um modo de trazer warnnenes para a Terra e agora não estão conseguindo lidar com isso. Se continuar com essa postura tola, todo o nosso planeta vai sofrer as consequências.

Vardin suava frio, outro alarme soou em seu painel.

— Quer saber, vai se foder PYthía, você e a sua corja. Ah, só para o seu governo, a princesinha está morta no fundo do penhasco.

Desligou o monitor com um murro no botão.

“A coisa lá em cima vai esquentar.” Pensou Briéla.

“Preciso tirar John daqui.”

“Mas como?”

Ao redor, apenas rochas pontiagudas.

“Preciso descer até algum vilarejo e me disfarçar.”

A descida da montanha era íngreme, no entanto era possível descer sem usar o traje de flutuação. Afinal, precisava economizar energia.

John estava desidratado, precisava de água e algumas horas de sono.

Ela passou a mão pelo rosto do rapaz.

“Carregar você lá pra baixo não vai ser fácil.”

“Peraí, e se...”

“Sim é isso! Acho que desse jeito dá certo.”

Briéla consultou o mostrador de energia de seu traje. Continuava baixo, mas seria o suficiente para descer até um bosque mais abaixo. Ali deveria ter água fresca.

Lá em cima, as naves warnnenes sobrevoavam como moscas por sobre as torres do palácio.

A um comando mental, a roupa de Briéla se transformou em um cinto.

Ela o retirou, deixando seu corpo jovem totalmente à mostra.

Colocou o cinto ao redor do quadril de John.

Retirou as roupas do rapaz e as vestiu.

Mais um comando mental e a armadura vestia John.

Acionou a antigravitação ao mínimo, o suficiente para que o inglês pesasse uns dois ou três quilos.

Ela segurou-o pelas mãos e iniciou a descida.

Na sala de comando, Drímor acompanhava a primeira investida contra Lemúria.

Um suboficial entra a passos apressados.

— **General, o reverendo Prisno pede para vê-lo. Disse que é sobre o Cavaleiro de Fogo.**

Drímor desvia sua atenção dos monitores, seus olhos, vermelho em brasa, focam o suboficial.

— **Reverendo Prisno?**

O jovem homem-lagarto não se altera.

— **Sim, General.**

Os músculos da face do general se contorcem.

— **Onde ele está?**

— **Na sala ao lado, General.**

Drímor hesitou.

Olhou para a porta, voltou a focar o monitor.

Cerrou as mãos com força.

— **Acompanhe esta ação, voltarei logo. Se algo acontecer me chame.**

— **Sim, General.**

Em algumas passadas alcançou o pequeno corredor empanturrado de equipamentos. Desviou de alguns para não tropeçar.

Sem fazer cerimônias, entrou na sala.

O velho vidente o aguardava com os olhos fechados.

O barulho de suas passadas chamou a atenção de Prisno.

— **General.**

— **Reverendo, espero que seja importante, estou no meio de uma batalha.**

— **General Drímor, o Cavaleiro de Fogo esteve aqui.**

— **Aqui?**

— **Sim, pior do que isso, ele sabe sobre o wormhole. Ele já descobriu Alfa Centauri. O tempo está se esgotando, General. Precisa matá-lo ou morreremos todos!**

O antígravo funcionou como desejado. Sem fazer quase nenhum esforço, Briéla desceu um bom pedaço da montanha.

Entrou no bosque. Um pequeno curso de água corria montanha abaixo.

Com cuidado, fez o rapaz beber um pouco.

Ele abriu os olhos. A sede o queimava por dentro. Sorveu um grande gole de água.

Respirou fundo e sentiu a energia voltando.

— O que aconteceu? — Perguntou, enquanto se sentava.

— Um milagre. — Respondeu a moça.

John notou que ela usava suas roupas. Percebeu também que ele usava a armadura.

— Trocamos de roupa?

— Era o único jeito que eu tinha para carregar você e essa arma.

Briéla começou a se despir.

— Toma, vista suas roupas e me devolva minha armadura. Posso precisar dela.

John tinha os olhos vidrados no corpo da garota.

A armadura se transformou em um cinto. Com pudor, ele o entregou para Briéla.

Ela pegou e o vestiu com agilidade.

— Vamos, temos que sair daqui. Tenho certeza de que eles virão atrás

dessa arma. — Alertou Briéla.

— Não tenho a menor dúvida disso.

Alguns disparos sibilaram no céu.

As naves alienígenas atiravam contra a torre.

Lemúria revidava.

— Vamos logo. — Falou a moça estendendo a destra.

John segurou na mão de Briéla e os dois correram morro abaixo.

As rochas no caminho eram grandes obstáculos, entretanto também servia como proteção e meio de se esconder.

O canhão de bósons não era pesado, mas desajeitado para carregar.

Na descida, John cuidava para não danificar a arma.

Num momento de descuido, uma pedra sorrateira se colocou em seu caminho. Foi um tropeço cinematográfico. O pé ficou e o corpo continuou indo. Teve de andar de quatro para não descer o morro rolando. A custo se equilibrou, o canhão bateu em algumas pedras.

— CUIDADO COM ISSO. — Gritou a General.

John respondeu com um sorriso sem graça.

Ele inspecionou a arma.

— Parece que está tudo certo. — Falou com cara de moleque arteiro.

Briéla, não acreditou e também analisou o canhão de bósons.

— É, acho que tá em ordem. Mas tenha cuidado, essa arma é muito importante.

— Sim, General. — Falou o inglês, batendo continência.

A moça não gostou da brincadeira.

— Vamos continuar, o assunto aqui é sério

Ele se levantou e continuaram a descida.

O terreno se tornou menos íngreme e eles entraram em uma floresta densa.

Pararam para descansar.

John colocou o canhão de bósons no chão.

— Espero que essa coisa não tenha quebrado na queda.

Ofegante, Briéla sentou-se no chão como um prédio que desaba.

Recostou-se no tronco de uma árvore

— Eu também. Quero estudar essa arma a fundo. Vou tentar reproduzi-la.

John se sentou. Os olhos azuis de Briéla penetravam sua mente.

O coração bateu mais forte.

Deu uma leve chacoalhada na cabeça para espantar alguns pensamentos que surgiram ao lembrar do corpo da moça.

— Não vai ser difícil, basta usar engenharia reversa. — Sua respiração profunda entrecortava as palavras. — Eu não sei explicar como, mas entendi como isso funciona.

— Entendeu o mecanismo? Como?

O rapaz se ajeitou melhor sobre a grama úmida.

— Eu não sei, efeito do cristal eu acho. Mas tem uma coisa mais importante.

Ela depositou toda sua atenção nos olhos castanhos do inglês.

— O que pode ser mais importante do que essa arma?

— Quando eu perdi a consciência ali atrás. Quando estávamos caindo, eu saí do corpo.

Briéla se ajeitou.

— Eu ia te perguntar sobre isso, você consegue sair do corpo com facilidade? Como Zranide e minha mãe?

John desviou o olhar para o chão.

— Não exatamente como elas. Quero dizer, elas têm muito mais controle do outro lado. O fato é que eu fui levado até o quartel-general dos warnnenes.

Os olhos da princesa se abriram para o limite do possível.

Ele continuou.

— Eles estão se preparando para um grande ataque ao nosso planeta. Já te falei sobre o wormhole que liga a Terra ao quarto planeta de Alpha Centauri, não falei?

— Sim, falou.

— Eu atravessei o portal. Eles possuem uma base enorme lá. Pelo que entendi, estão se preparando a muito tempo para atacar e devastar o nosso planeta.

— Por Yrm! Como nós não percebemos nada?

Ele resolveu enfrentar os olhos azuis dela e levantou o rosto.

— Quase uma centena de soldados já atravessaram o wormhole. O plano deles é distrair Hathor e no momento oportuno, milhares de naves vão saltar para o nosso sistema solar e nos atacar de surpresa.

— Malditos lagartos!

As linhas do rosto do jovem suavizaram

— Briéla, isso que acabei de dizer é sério, mas eu tenho uma coisa muito mais importante para você.

A princesa se acomodou, buscando uma posição melhor.

— Mais importante do que esse plano de ataque?

John respirou fundo.

— Eu encontrei a cápsula warnnene.

— Que cápsula warnnene?

John baixou o rosto outra vez.

— Aquela, usada pelos lemurianos para atacar Atlântida há centenas de anos.

A expressão da moça naquele momento era de espanto.

— Como você encontrou aquilo? Onde está?

Uma lágrima escorreu pelo rosto do Cavaleiro de Fogo.

— Briéla, eu sei que você nunca vai me perdoar.

— Perdoar?

John tentou, sem sucesso, esconder a lágrima.

— Foi por burrice, ganância, sede de poder, sei lá... Não sei por que fiz aquilo. Mas fiz, eu sou o responsável, o único culpado. — Essa última frase saiu entre soluços.

Ele se rendeu à emoção e deixou as lágrimas lavarem seu rosto.

A voz ficou embargada e John não conseguia continuar.

Briéla se sensibilizou.

— Culpado de quê? — Sua voz era aveludada e doce calmante.

— Fui eu quem colocou os malditos nanodroids no corpo das mulheres de

Atlântida. Fui eu quem desgraçou a vida de gerações e gerações de pessoas inocentes. — Falou, enquanto levava as duas mãos ao rosto. Em parte, para enxugar as lágrimas e parte para se esconder por causa da vergonha.

Briéla se levantou, deu dois passos e se ajoelhou ao lado do inglês.

John não conseguia vencer a emoção e tinha dificuldade de falar.

Ela acariciou os cabelos dele.

— Me explica direito, não estou entendendo. O que você tá querendo dizer?

John afastou as mãos do rosto, seus olhos estavam avermelhados pelas lágrimas. Piscou várias vezes. Encheu os pulmões de ar. Parecia que aspirava o fogo do inferno. Buscou uma paz que não existia mais dentro de seu coração.

— Em outra vida, — falava devagar, tentando se controlar, — muito no passado, eu era poderoso entre os lemurianos. E, naquela época, tinha um ódio enorme dos atlantes. Movido por esse ódio, encontrei um jeito de contatar os warnnenes. Me aliei a eles. Massagearam meu ego, aliciaram a minha mente. Me deixei embalar e ser enganado. Foi deles a ideia de implantar os nanodroids. Eu não pensei nas consequências. A única coisa que importava para mim era o poder. Apenas o poder.

Ele olhou para o céu avermelhado do centro da Terra como que a pedir perdão a Deus.

— Eu queria mandar e ser obedecido. Minha mente se embriagava com a ideia de ser o soberano do planeta. Então, para enfraquecer um inimigo centenas de vezes mais forte, eu espalhei o terror pelo interior da Terra.

Briéla conseguia sentir a dor do inglês.

Segurou o rosto dele com as duas mãos e se aproximou um pouco mais.

— Minha mãe sempre diz que o passado pertence ao passado. Serve apenas para saber quem somos neste momento. Mas, nós não somos o nosso passado.

Devagar, de forma gentil, ela girou o rosto dele até os dois se olharem nos olhos.

— John, — continuou Briéla, — a vida acontece no “agora” o futuro é o desejo e o passado a lembrança. Desejo e lembrança são coadjuvantes nas nossas decisões do agora. Tudo o que importa é o pensamento que temos hoje, não aqueles que tivemos ontem.

O olhar dele era súplice.

— Briéla, eu sei que peço demais... Mas... Você me perdoa?

A menina ensaiou um leve sorriso.

— John, você salvou a minha vida. Quem sou eu para julgar o que aconteceu há tanto tempo? O único juiz que você tem é a sua própria consciência. Eu nunca te culparei de nada, mas se isso te faz melhor, eu te perdoo.

Por mais que lutasse, as lágrimas venciam a batalha.

Briéla enxugou as lágrimas do rapaz, inclinou-se e o beijou de leve nos lábios.

Ele a abraçou, sentiu seu corpo macio e o perfume de flores silvestres. A boca do estômago parecia vibrar e uma sensação de leveza o tomou por completo.

— Briéla, eu te amo. — Sussurrou enquanto a apertava contra o peito.

A princesa sorriu, seus olhos brilharam.

— As Filhas de Atlântida também amam.

Ele a beijou sentindo a textura de seus lábios quentes e úmidos.

Briéla se ajeitou melhor. Sua respiração era acelerada. Manteve o olhar fixo no rosto do inglês enquanto desabotoava a camisa dele.

John acariciava o rosto da menina quase sem tocá-la.

Depois do último botão, ela beijou seu tórax.

O corpo inteiro do estudante tremeu.

Briéla desceu os dedos pelo abdome do moço.

Beijou-o novamente, enquanto soltava os botões da calça de John.

Ele tomou coragem e tocou os seios de Briéla.

Ela o acariciou em sua região mais sensível.

John sentiu-se flutuar.

A um comando mental a roupa da menina se diluiu e ela ficou totalmente nua.

Ele quase rasgou a camisa quando a retirava.

Ela continuava o carinho.

Se abraçaram.

John arrancou o resto de roupas que o cobriam.

Se abraçaram.

Se beijaram.

Ele a tocou e foi a vez de Briéla tremer.

As naves dos warnnenes eram rápidas e os canhões antiaéreos dos lemurianos não conseguiam sequer minimizar a ação.

O ataque era sincronizado, tendo como alvo a torre do palácio.

Estilhaços de rocha voavam para todos os lados.

Os disparos contínuos estavam desintegrando parte da montanha. O povo, nos vilarejos mais abaixo, corria desesperado em busca de abrigo.

Grasso Vardin, em seu escritório, acompanhava a batalha pelos monitores.

Uma campainha tocou.

O pann pann pann irritante do aparelho teimava em chamar sua atenção. Pressionou o maxilar inferior contra o superior.

“Merda.”

Esticou o braço e apertou o botão num soco.

Um dos monitores apresentou a imagem de um homem.

Era o chefe de comunicação.

A mão de Vardin doía por causa da pancada.

— MAS QUE DIABOS, O QUE FOI AGORA?

— Senhor Imperador, me desculpe pela interrupção.

— ESTAMOS SEM TEMPO PARA CONVERSAS TOLAS, DESEMBUCHA LOGO SEU IDIOTA.

O homem quase paralisou e se recompôs de imediato.

— General Drímor está na linha e quer falar com o senhor.

— GENERAL DRÍMOR? O QUE VOCÊ ESTÁ ESPERANDO, PASSE LOGO.

— Sim, senhor.

A imagem do homem-lagarto surgiu no visor.

— **Grasso Vardin, seu tempo acabou. Quero a minha arma e que me entregue o Cavaleiro de Fogo.**

Uma gota de suor gélido escorreu pela face do Imperador.

— General Drímor, aconteceu um imprevisto.

— **Imprevisto?**

Pelo outro monitor, Vardin viu os caças inimigos se afastarem.

— Sim, um homem desconhecido, acho que é esse tal de Cavaleiro de Fogo, conseguiu entrar no palácio e roubou o canhão.

A expressão do general sintetizou uma careta.

— **Maldita aberração.** — Falou para si mesmo.

Grasso quase não notou a frase do General.

— Se o senhor me conceder mais algum tempo, mandarei meu exército recuperá-la. Na sua fuga, ele caiu pelo penhasco, o homem está morto no fundo do despenhadeiro.

Drímor irrompeu uma gargalhada sonora e sinistra.

— **Você não faz ideia da bobagem que está falando. Seu exército não tem a menor condição de lutar contra aquele maldito cristal.**

Vardin procurou em sua mente alguma coisa para dizer, mas não achou nada.

O General warnnene fechou a cara.

— **Eu vou buscar o meu canhão.**

John e Briéla faziam amor sobre grama úmida.

Eram ondulações carregadas de emoção.

De repente, um abraço profundo e apertado.

Amor, êxtase, amor, muito êxtase, muito amor.

Os dois relaxaram e sorriram com gotinhas de suor em seus rostos.

O jovem casal se entregou a um beijo demorado.

Ao longe, os disparos cessaram.

John olhou para cima e viu as naves warnnenses se afastando.

“Merda, agora que estava ficando bom.”

— Precisamos sair daqui.

Briéla acompanhou o seu olhar.

“Eles podiam ter esperado um pouco mais.”

— Sim, logo, logo, virão atrás da gente.

John se levantou e se vestiu aos tropeços.

A roupa de Briéla se formou ao redor dela.

A fonte de energia normalizou e a carga estava quase completa.

Briéla estendeu a mão.

— Venha, vamos flutuar montanha abaixo.

John se agarrou à moça e os dois deslizaram a grande velocidade.

— Vamos por ali — apontou o inglês, — deixei algumas coisas naquele vilarejo.

A uma distância segura, eles deixaram a flutuação e se disfarçaram de cidadãos lemurianos.

O vilarejo, parecia mais com uma favela, onde as moradias se amontoavam sem ordem.

As ruas estavam vazias por causa do ataque warnnene.

John segurava Briéla pela mão.

— Por aqui.

Entraram por algumas vielas e passagens estreitas.

O Cavaleiro de Fogo parou diante de uma porta surrada e velha.

— É aqui.

Ele abriu a pequena porta.

Briéla tentou enxergar, mas a escuridão não permitiu.

— Entre, por favor.

A princesa entrou, seguida de John.

Era um quarto pequeno com chão em terra batida, uma cama de palha num canto e uma bacia de barro no outro. E lixo espalhado por todo o cômodo.

John caminhou na direção de um punhado de lixo e entulho.

— Tenho um presente para você.

Briéla inclinou a cabeça, tentando ver o que ele procurava.

— Presente?

Ele retirou um livro do meio do lixo.

Girou e focou os grandes olhos da Filha de Atlântida.

— Isto é, talvez, a minha redenção.

Briéla olhou para o livro.

Capa preta, sem título folhas espessas e cheiro de tinta fresca.

— Que livro é esse?

John amava livros, queria abraçá-lo de tão especial que era aquele.
Estendeu os braços oferecendo-o para a moça.

Briéla pegou a obra e sentiu o peso.

O rapaz deu um passo para trás.

— Abra, leia a primeira página.

A princesa caminhou até estar próxima da porta e ter mais luz. Segurou a obra com a esquerda e abriu com a direita.

Seu rosto foi se transformando.

Ora expressão de dúvida, ora de espanto.

— John, o que é isso?

O inglês relaxou, deixou os ombros caírem.

— Este livro contém a fórmula do antídoto para os nanodroids. É a cura para essa doença. Todas as mulheres de Atlântida deverão receber uma dose por ano. Em vinte anos a Terra estará livre dessa coisa.

Briéla fechou o livro e o pressionou contra o peito.

— Como conseguiu isso?

— Eu já lhe disse, fui eu quem trouxe esses malditos nanodroids. Zranide e SêThus me ajudaram a encontrar a cápsula e o poder desse cristal me auxiliou a extrair o conhecimento e converter em um livro.

A Princesa ficou sem palavras.

Ele se aproximou e colocou a mão no ombro dela.

— Você precisa retornar para Hathor. Usar engenharia reversa e desvendar os segredos desse canhão de bósons. Prepare Atlântida para a maior batalha da história da Terra.

Briéla segurou o livro com força.

— Tenho uma ideia melhor. Vou ativar toda a minha frota de Saturno e Vênus.

Briéla deu dois passos até a porta.

— Vou limpar a Terra desses warnnenes, depois vou atrás dos que estão em Alfa Centauri.

John a seguiu.

— Penso que é melhor você cuidar da frota que está em Alfa Centauri. Eles são muitos. Se saltarem para o nosso sistema solar poderá ser tarde demais. Desde o princípio, aquela cápsula era um Cavalo de Tróia, ela possibilitou o que estamos vivendo agora.

Briéla girou apenas a cabeça.

— Talvez você tenha razão, vamos, precisamos nos apressar, temos que achar um jeito de retornar para Hathor.

John retirou um papel do bolso.

— Briéla, tome, esse é um mapa onde minha nave está escondida.

— Sua nave?

— Sim, Zranide me deu, e eu estou dando para você. É um modelo muito antigo, um Pegasus.

— Um Pegasus? Essas naves não existem mais. Foram totalmente destruídas na última guerra.

Briéla viu o cristal de John brilhar.

— Sobrou uma.

A Princesa sorriu.

— Ótimo, então vamos.

John retirou de outro bolso uma chave.

— Olha, tem um carro motorizado lá fora. Encontrei perdido na estrada. Com ele você conseguirá chegar na nave sem precisar ativar a sua armadura.

— Sim, acho que você tem razão. Melhor não chamar mais atenção. Vamos, os soldados lemurianos devem estar atrás de nós.

John segurou nas mãos da moça.

— Briéla, eu não vou. Preciso terminar o que vim fazer aqui. Preciso

destruir aquele portal.

— Não, nós voltamos com nossas naves e destruimos tudo.

Ele acariciou a mão dela.

— Não temos esse tempo. Precisamos nos dividir. Cada um cuida de um front. Você e as Filhas de Atlântida cuidam de Alfa Centauri. Eu destruo o portal.

— Não, não vou deixar você aqui. Vem comigo. — Ordenou a futura Imperatriz.

John respirou fundo.

— Está bem, então vamos.

Ela sorriu, abriu a porta.

— Isso, vamos juntos.

Briéla saiu do pequeno quarto.

McBrian não a seguiu.

— Vamos John.

— John?

Entrou atrás do rapaz.

— John, seu bosta, onde você tá?

Encontrou apenas um quarto vazio.

A imagem de Drímor desapareceu.

Vardin se deixou cair na cadeira.

“Cristal? Que cristal?”

Voltou a focar no outro monitor.

Ficou claro que os caças warnnenedes agora tinham outra missão.

O Imperador se levantou num salto.

Passos apressados o levaram até a porta.

No lado de fora, seu transleve flutuava a poucos centímetros do chão.

Pulou para dentro de veículo e imprimiu grande velocidade.

Nos corredores, pessoas assustadas saiam da frente como podiam, algumas saltando para não serem atropeladas.

Com olhos esbugalhados e expressão enlouquecida, Grasso Vardin chegou no alto da torre.

Centenas de Mnemes destruídos.

Soldados mortos por todos os lados. O cheiro forte de sangue entrava à força pelas narinas do Imperador.

Alguns sobreviventes, em melhor estado, tentavam ajudar os outros.

Da torre, ele olhava o movimento dos alienígenas.

Os caças de Drímor passaram a fazer voos rasantes no precipício e em seguida nos vilarejos ao pé da montanha.

Escaneavam todo o local.

Num correr de olhos, foi fácil encontrar o carro de John estacionado no outro lado da rua.

Correu até o veículo, colocou a arma no banco traseiro.

Uma nave vinha em sua direção.

Entrou no carro mesmo antes da porta estar completamente aberta.

Ela tinha pouco conhecimento sobre aquele veículo. Havia visto aquilo apenas uma vez, em uma videoaula.

O nervosismo aumentou. Olhava para a chave tentando entender onde enfiar aquilo.

“Essa bosta não se encaixa em lugar nenhum!”

Um caça warnnene se aproximava com seu escâner apontado para o chão.

“Merda de carro. Entra chave maldita!”

A cada segundo, a nave chegava mais perto.

A chave entrou em um buraco ao lado do volante. Não aconteceu nada.

Desesperada ela tentou mandar um comando mental.

Nada.

Chacoalhou a chave e, sem querer, girou o embolo.

O motor começou a girar.

“Ah! Isso! Ótimo! Agora preciso me lembrar como funciona. É mecânico, logo tem uma transmissão para as rodas.”

Encontrou a alavanca de marcha e engrenou a primeira.

Pisou no acelerador.

O carro saiu aos trancos, patinando na terra solta.

O piloto warnnene percebeu o movimento e passou a perseguir o carro da princesa.

“Merda, parece que ele achou alguma coisa.”

Girou com força para a direita.

O carro perdeu a traseira, derrapou e, por fim, estabilizou

A nave o seguiu o movimento do veículo sem a menor dificuldade. O piloto escaneou o carro e se surpreendeu com o contorno do canhão de bósons.

Pelo retrovisor Briéla viu a nave apontar suas armas para ela.

Sentiu os pelos das costas arrepiarem.

Por instinto apertou o acelerador com mais força. Mas o motor demorou a responder.

O piloto do caça tinha o pequeno veículo em sua mira computadorizada. Pressionou o gatilho.

Perto dali um cristal brilhou. Brilhou forte.

O dedo do warnnene puxava o gatilho para o ponto de disparo, mas o disparo não chegou a acontecer.

Pelo retrovisor, Briéla viu a nave warnnene explodir sozinha.

Não teve tempo para alívio.

Os quatro caças restantes, giraram no céu e aceleraram na direção da nave recém-abatida.

Gotas de suor frio escorriam pelo rosto da Filha de Atlântida.

Uma visão apocalíptica surgiu diante de seus olhos.

Dezenas de Phobus X surgiram no horizonte.

Os gigantes de Atlântida avançaram para cima dos caças warnnenedes.

Esses não se intimidaram, fizeram a curva e partiram para a batalha.

Milhares de caças Benus deixaram seus hangares, saindo dos encouraçados de Atlântida.

Os caças warnnenedes eram ágeis e rápidos, mas os atlantes também.

Briéla pisou no freio com força, o carro derrapou até parar.

Desceu com olhos fixos no céu vermelho do centro da Terra.

Um show de chamas cruzava de um lado para o outro.

Os warnnenes levavam vantagem. Os canhões de bósons faziam a diferença.

O ataque dos Benus era neutralizado pelos escudos dos caças alienígenas.

Eram só quatro, mas já tinham abatido dezenas de naves atlantes.

Um alienígena foi abatido após o ataque conjunto de vinte Benus. Faltavam três.

Briéla abriu o carro e pegou o canhão de bósons. Estudou por um minuto e entendeu como acionar a arma.

Apontou para um inimigo.

O Raio azul cruzou o espaço e cortou o caça ao meio.

— ISSO, MORRA MALDITO!

Sem perder tempo, apontou para outro, puxou o gatilho, mas errou o tiro.

Mais de cem caças de Atlântida queimavam no chão.

Destemidos, os dois caças warnnenes cortavam a carapaça da fuselagem de um dos encouraçados. Mas essa manobra custou mais um warnnene morto.

O último tentou fugir, mas, dessa vez, Briéla não errou. O pequeno bumerangue de cinco metros explodiu de forma retumbante no céu.

Uma centena de Benus deslizaram na direção de onde tinha saído o raio azul.

Um deles estacionou ao lado de Briéla.

A escotilha abriu.

— General Briéla. — Gritou uma Fila de Atlântida. — Entre por favor.

— Só um minuto. — Respondeu a General.

A Princesa retornou para o veículo. Abriu a porta traseira. Pegou um livro.

Colocou-o dentro do caça, junto com o canhão de bósons.

Seus olhos tensos percorreram o horizonte tentando encontrar o inglês.

“Onde você tá?”

A pilota do caça aguardou sem questionar.

Briéla baixou o olhar e entrou na aeronave.

— Vamos. — Disse com voz firme.

Ao longe, John viu a escotilha se fechar.

“Adeus, Briéla. Amo você, nunca vou te esquecer.”

Capítulo 28

Milhares de naves de transporte deixavam os encouraçados atlantes. Protegidos pelos Benus, eles desciam ao solo lemuriano e resgatavam as naves abatidas pelos warnnenes. A grande maioria das pilotas, conseguiram ejetar e retornaram para os encouraçados. Algumas perderam flutuação e pousaram em bairros de Hydra, sendo, imediatamente, socorridas pelos Benus. As soldadas feridas eram levadas para uma nave hospital.

Nem todas tiveram a mesma sorte, e pereceram na batalha. Androides resgatavam os corpos e restos das naves destruídas.

A operação durou pouco mais de vinte minutos. Só então, os gigantes deixaram os céus de Lemúria.

Tufos de fumaça negra erguiam e escureciam ainda mais o firmamento.

O cristal em sua testa se apagou e ele caminhou tranquilamente até o carro deixado pela General de Atlântida.

Entrou, fechou a porta, encostou a cabeça no volante.

Sentiu o perfume de Briéla.

Lágrimas deixaram seus olhos e escorreram pela face se misturando com suor e a poeira.

Ouviu o ruído de naves lemurianas ao longe.

Deu partida no motor e acelerou rumo à periferia.

Respirou fundo.

“Graças a Deus que você está bem, Briéla. Graças a Deus.”

Olhou pelo retrovisor, o palácio ficava à distância.

As estradas esburacadas faziam o velho carro tremer.

Ele fechou seus olhos e optou por usar a terceira visão.

Parcialmente fora do corpo, ele conseguia ver a estrada com mais nitidez.

Pegou uma estrada que levava para o sul.

“É hora de fechar esse buraco!”

O ataque dos warnnenes deixou o Palácio Imperial bastante destruído. Soldados e serviçais se esforçavam para cuidar dos feridos e organizar o lugar.

Parte da torre do castelo foi decepada pelas armas warnnenes. De um canto, que ainda permanecia em pé, o Imperador acompanhou a batalha entre warnnenes e atlantes.

Por um momento se pegou comemorando a derrota dos warnnenes.
Em silêncio, testemunhou o resgate das soldadas feridas de guerra.
Um oficial se aproximou.

— Senhor Imperador, o que fazemos agora?

Vardin abaixou a cabeça.

— Mande nossas naves vasculharem os bairros da encosta. Precisamos recuperar o canhão de bósons.

— Sim, senhor. — Falou o oficial. Fez reverência e se afastou.

“Se o canhão ainda estiver em Lemúria.” Pensou Grasso.

Caminhou, se desviando dos pedaços de mnemes e restos humanos.

Em sua mente, surgiu o rosto de sua esposa. Ela sorria em sua imaginação.

Vardin balançou a cabeça, tentando controlar a emoção.

“Será que está valendo a pena? Seria isso o melhor para nós? Será que os warnnenes são, mesmo, nossos aliados? Ou o plano deles sempre foi diferente dos nossos?”

Quase por instinto olhou para o sul.

“O prédio da Seita não existe mais. Mestre Kunfár está morto. O exército de Lemúria em frangalhos.”

“O que sobrou para nós?”

O rosto de Grasso Vardin se derreteu num olhar melancólico e sofrido.

Um transleve chegou zunindo à ponde de comando da nave capitã.

A comandante deixou seu posto e deu dois passos.

O transleve parou e Briéla desceu.

— Brathía!

Elas se abraçaram, e tentavam não chorar.

— Briéla, minha menina, você tá bem? Aqueles malditos fizeram algum

mal a você?

— Tô bem Brathía, tô bem.

Ela acariciou o rosto da avó e se afastou um pouco.

— Precisamos voltar para Hathor. Temos muito o que fazer. Conseguimos roubar a arma dos warnnenes. Quero estudá-la a fundo.

Brathía deu um leve sorriso.

— A nave capitã é sua General Briéla, seja bem-vinda de volta ao comando.

— Obrigada.

Colocou sua atenção nas mulheres que controlavam a ponte de comando.

— Levem-nos de volta para Hathor. Quero uma reunião de emergência com as Filhas de Atlântida daqui a dois Khons (quatro horas e quarenta e oito minutos).

A nave capitã não esperou o resgate das abatidas. Desapareceu dos céus de Lemúria.

Ela dirigiu o olhar para uma das comandantes.

— Coronel, peça para enviar o canhão de bósons para o centro de física avançada. Preciso que essa tecnologia seja dominada o mais rápido possível!

— Sim, General.

Num piscar de olhos eles atravessaram o mar de Telesto.

Os prédios flutuantes de Hathor reluziram diante de seus olhos.

— Vamos, Brathía, vamos falar com a Imperatriz.

Sua avó sorriu.

— Sim, embora serena, sua mãe tem estado muito ansiosa com toda essa situação.

As duas entraram em um transleve e partiram.

O coração batia forte ao entrar no terraço norte. A ponto de ela sentir a pulsação em seu pescoço.

De longe percebeu o brilho de lágrimas nos olhos de PYthía.

A princesa correu ao encontro da mãe.

PYthía quebrou o protocolo e correu para sua Briéla.

Se abraçaram num aperto caloroso.

— Que bom poder te abraçar de novo. — Disse a herdeira do trono.

Não conseguiu segurar mais e as lágrimas transbordaram, misturando-se com as de sua mãe.

A Imperatriz respirou fundo.

— Meu amor, nem consigo descrever o que sinto agora.

Briéla segurava firme o livro em sua mão.

— Mãe, precisa ver isso. Por favor, veja se o que tá escrito neste livro é possível.

PYthía deu um passo para trás.

— Que livro é esse?

— John conseguiu a cura para a nossa maldição. Ele tá diferente, mãe, ele mudou muito. Aquele cristal se misturou com sua alma. Parece outra pessoa.

— Agora, ele é um Cavaleiro de Fogo. — Afirmou PYthía.

— Tem como alterar isso? Podemos retirar aquele cristal da cabeça dele?

PYthía baixou os olhos.

— Não, se o cristal for retirado. John morre.

Os olhos da princesa arregalaram.

— Não é possível, tem que ter um jeito.

A Imperatriz olhou direto para seus olhos.

— Não dá para fazer nada, o cristal é poderoso, aumenta em muito a capacidade de cognição, a intensidade de foco e domínio na alteração da realidade quântica. Mas, uma vez implantado, ele se enraíza nos tecidos e se torna impossível de ser retirado.

Briéla ficou paralisada por alguns segundos.

Pensamentos controversos visitaram sua mente.

Estendeu o livro para PYthía.

— Toma, ele se sacrificou por esse livro.

A Imperatriz pegou a obra.

Abriu e leu as primeiras frases.

Voltou a olhar para Briéla.

— Isto pode ser a salvação.

Passos apressados ecoam pelo corredor.

A porta se abre e um oficial warnnene entra sem cerimônias.

Prisno e Drímor olham ao mesmo tempo para o recém-chegado

O homem-lagarto bate continência.

— General Drímor, todos os nossos caças foram abatidos. Uma frota de naves atlantes veio em socorro dos lemurianos.

Os punhos do general cerraram como que querendo esmagar os próprios ossos. Sua testa franziu numa carranca medonha.

— O quê?

— Eram muitos inimigos, General. Nossos soldados não tiveram chance.

Drímor esmurrou a mesa.

A pancada partiu o pequeno móvel ao meio.

— Maldição, tanto tempo de planejamento para errar, miseravelmente, na execução.

Puxou um grande volume de ar.

— E o canhão de bósons? Onde está a arma? Ao menos conseguiram destruí-la?

— Um de nossos pilotos chegou a rastrear o canhão. Estava em um veículo terrestre.

— E por que ele não destruiu o veículo? — Perguntou Drímor com voz alterada.

— General, ele tinha o alvo na mira, mas explodiu antes de conseguir disparar.

Drímor olhou para o oficial.

— Explodiu? Foi atingido pelo inimigo?

— Não, General, não foi atingido por nenhum disparo inimigo. Não temos explicação para o ocorrido, os sistemas do caça funcionavam com perfeição no momento da explosão.

O general girou para Prisno.

— **Reverendo, o senhor está certo. Não há mais tempo. Agora é tudo ou nada.**

Prisno maneou a cabeça negativamente.

— **Precisamos matar o Cavaleiro de Fogo, ele sabe sobre o portal.**

Os olhos de Drímor ficaram ainda mais vermelhos e focaram o oficial.

— **Prepare todos os soldados, vamos encontrar e destruir essa aberração.**

O sacerdote olhou para o General.

— **Não, General Drímor, você não precisa encontrá-lo. Ele está vindo para cá.**

Drímor olhou para o chão. Ficou por um instante nesta posição. Depois, como que em câmera lenta, focou o oficial.

— **Vou destruir esse planeta inteiro! Transportem uma bomba de matéria escura para cá.**

O oficial arregalou seus olhos de réptil.

— **Pelo wormhole?**

A feição de Drímor era de alguém enlouquecido.

— **É LÓGICO QUE SIM. POR ONDE MAIS?**

O oficial não fez mais perguntas, e optou por não ponderar os riscos daquela operação.

— **Sim, General.**

PYthía abraçou o livro como quem segura um tesouro de valor inestimável.

— Vou trabalhar pessoalmente no estudo desse material. Se funcionar, as mulheres de Atlântida poderão voltar a ter filhos.

A pulseira de Briéla vibrou. Era a cientista-chefe

— Sim. — Atendeu com voz apressada.

— Conseguimos, fizemos uma réplica do canhão de bósons.

O rosto da General se iluminou em um sorriso largo.

— SÉRIO? FIZERAM OS TESTES? FUNCIONOU?

— Sim, General, foram feitos testes e a nova arma funciona. Na verdade, nem é tão complicada. Depois de absorver essa tecnologia, surgiram várias ideias.

— Que ideias? — Perguntou a General.

— Estamos trabalhando com um novo paradigma. Se os testes derem certo, poderemos abafar o impacto na espuma quântica após um salto pelo hiperespaço.

— Tipo, não ser percebido após sair da quinta dimensão?

— Sim, exatamente isso.

Briéla acenou com a cabeça.

— Talvez, tenha sido desse jeito que eles saltaram para Alfa Centauri sem a gente perceber.

— Sim, General, provavelmente.

— Bem, continue os estudos, vamos ver o que mais tiramos dessa coisa. Em paralelo a isso, quero que coloque todas as nossas fábricas para produzir canhões de bósons. Todas as nossas naves devem estar equipadas com ele o mais rápido possível. Não poupe esforços coloque todos os nossos recursos nessa tarefa.

— Sim, General.

— Ah, faça o mesmo com a esquadra reserva em Júpiter. Quero todo o nosso exército preparado.

— Imediatamente, General.

Brathía se aproximou.

— Precisamos destruir aquele portal, antes que mais lagartixas entrem por aquele buraco.

Briéla se virou para sua avó.

— Brathía, por favor, reúna todas as Filhas de Atlântida. Vamos dividir nosso exército, Layra cuidará do portal e dos lemurianos aqui na Terra. Eu e você vamos para Alfa Centauri com a esquadra de Júpiter.

Voltou a fitar a pulseira.

— Em quanto tempo teremos as armas?

— Despachei o projeto para todas as fábricas em Vênus e Marte. — Respondeu a cientista-chefe — A produção já foi iniciada. A frota de Júpiter

também já está a caminho das fábricas Mais de um milhão de androides construtores estão trabalhando. Acredito que em três Khons as naves estarão prontas para batalha.

— Ótimo, não quero perder um segundo.

— Entendido.

A imagem sumiu.

Brathía segurou o braço de Briéla

— Estaremos juntas lá em Alfa, mas tome cuidado, minha menina, essa guerra vai ser dura.

O olhar das duas se cruzou.

— Sim, eu sei. Mas será vencer ou perder o nosso planeta.

Brathía fez um aceno de cabeça, sorriu e saiu a passos firmes.

Briéla abraçou PYthía.

— Mãe, se cuida você também. Acabe com esses malditos nanodroids.

— Minha filha, não se preocupe com isso. Coloque toda sua atenção nessa tarefa. O futuro da humanidade depende de você e de suas guerreiras. Os tempos de paz e de guerra se alternam e são necessários para a evolução. Mas é nosso dever aumentar os tempos de paz e tentar extinguir os de guerra. Não deixe que o ódio invada seu coração.

Briéla se lembrou de seu ataque a Hydra.

“Eu sei disso. Muitas mortes pesam no meu ombro por causa do ódio.”

— Não se preocupe, minha mãe, me preparei para isso durante toda a minha vida. Mas eram estudos em sala de aula. Nos últimos dias, vivi a guerra em todas as suas cores. Agora sei do que você tá falando.

O abraço ficou mais forte, intenso e carregado de emoção. Tão carregado, que parecia uma despedida.

Briéla soltou-se, tentou esconder a lágrima que brilhava em seu olho.

Girou e saiu deixando para trás uma mãe dividida entre medo e esperança.

A viagem pelas estradas esburacadas consumiu algumas horas.

O carro parou, o pneu arrastou deixando uma leve marca na terra solta. A poeira subiu ao mesmo tempo em que o vidro da porta baixava, forçado pela

manivela manual.

Atrás do vidro, por entre a poeira que desvanecia, surgiu o rosto do inglês. Respiração compassada, testa franzida e um cristal que voltava a acender. A porta se abriu num tranco.

Um pé para fora do veículo, e os olhos fixos na entrada secreta do Templo da Seita da Cobra.

Laçou-se para o mundo extrafísico. Demônios de todas as espécies se acumulavam ali.

— Você não tem a menor chance. — Afirmou uma criatura deformada.

O Cavaleiro de Fogo não deu atenção. Passo por passo, carregou seu corpo como se caminhasse para o inferno.

Apenas uns dez metros o separavam da entrada.

Via com nitidez a espessa parede de rocha e aço.

Via também os warnnenes se preparando para enfrentá-lo. Armas e munição eram posicionadas em lugares estratégicos.

Seus punhos fecharam com força. O cristal brilhou com mais intensidade.

O corpo ficou onde estava, enquanto seu espírito entrou na fortaleza.

Atravessou hordas de soldados apontando suas armas para a entrada.

O Cavaleiro de Fogo não se incomodou com eles e foi direto para o Portal.

A poucos metros do wormhole havia um dispositivo que chamou a atenção do Cavaleiro de Fogo.

Dois espíritos surgem ao seu lado.

— SëThus, Zranide, que bom ver vocês.

SëThus deu um passo com olhos firmes no Portal.

— John, precisamos trabalhar juntos. Você não conseguirá resolver todos os problemas sozinho.

Zranide segurou na mão do rapaz.

— Vamos dividir as tarefas. Temos três grandes problemas.

— Sim, — continuou SëThus — O primeiro é o wormhole, esse portal precisa ser destruído. Esse é o único jeito de vencer o segundo grande problema. Sem o portal, será mais fácil derrotar Drímor e Prisno.

— E o terceiro? — Perguntou John.

SëThus apontou para o dispositivo no chão.

— Aquele é o terceiro. Uma bomba de matéria escura.

— Esse é um grande problema. — Falou Zranide. — A bomba não tem como ser destruída, se explodir, transformará o nosso Planeta em um minúsculo sol. Temos duas opções, colocamos ela de volta através do portal ou a escondemos para sempre aqui na Terra.

Quase que por instinto, John olhou para a bomba.

— O que faremos?

SëThus coçou a barba espessa.

— Bem, acho que atravessar o wormhole com a bomba nas mãos não é uma boa ideia.

— E se colocarmos essa coisa em uma nave e dar um salto para o outro lado da galáxia? — Sugeriu o inglês.

Zranide soltou de sua mão e deu um passo na direção da bomba.

— Não funciona assim, é impossível saltar pelo hiperespaço com matéria escura, as consequências seriam imprevisíveis. Mesmo atravessar o buraco de minhoca já é muito perigoso. Drímor arriscou tudo nesta operação.

SëThus mantinha seus olhos fixos no portal.

— Então não temos outra opção. Vamos destruir o portal e depois escondemos a bomba em um dos planetas de nosso sistema solar.

Zranide se virou para John.

— Meu filho, você terá que fazer uma coisa que só um Cavaleiro de Fogo pode fazer. Não pode simplesmente entrar aqui. Os warnnenes já estão em alerta, esperando por você. Terá de surpreendê-los. E o único jeito que vejo é tele transportar seu corpo para o interior dessa caverna. Assim, terá o elemento surpresa a seu favor. Vamos esquecer a bomba por enquanto. Sua missão será destruir o portal.

John esboçou um sorriso de dúvida.

— Tele transportar? Você está brincando certo?

Zranide manteve o olhar sério e severo para John.

Ele deixou os ombros caírem.

— Como faço isso?

— Precisará diluir seu corpo, transformá-lo em ectoplasma puro. Então, entrar como vento pelas frestas desse prédio. Precisará estar o tempo todo consciente para se recompor aqui dentro.

— Falando assim parece bastante simples, mas ainda não sei como fazer isso.

S Thus colocou a mão em seu ombro.

— Concentra o e vontade. Só tem um porém.

— Qual porém?

— Se você perder a consciência enquanto seu corpo estiver em forma de ectoplasma, você morre. A chave está em se manter acordado o tempo todo. Você não pode dormir no processo. Senão o ectoplasma se dissolve, se mistura com a matéria e o espírito se liberta.

Prisno surgiu de um corredor e olhou direto para deles.

— **Você chegou, maldito verme terráqueo. Não pense que seus poderes são suficientes para lutar contra o exército warnnene.**

— V , deixe que cuidamos desse bruxo. — Ordenou Zranide

John acenou com a cabeça e girou para sair.

S Thus o segurou pelo braço.

— John.

Os olhos de S Thus brilhavam na luz.

— Sim. — respondeu o inglês.

— Todos os seres vivos da Terra dependem de você. Não há margem para erro.

Ambos pareciam estátuas de mármore, congelados por alguns instantes.

O Cavaleiro de Fogo fez um sinal afirmativo com a cabeça.

— Não vou decepcionar, s  espero que consiga me reconstruir corretamente aqui dentro. Seria ridículo lutar contra os warnnenes com a bunda no lugar da cabeça.

Do centro da est o o 632, Briéla acompanhava os preparativos para a grande luta de sua vida.

Todas as fábricas robotizadas de Vênus e Marte produziam enormes quantidades de canhões de bósons. Incansáveis andróides substituíam os antigos canhões de plasma pelas novas armas.

Aagitada, caminhava de um lado para o outro com olhos presos ao enorme monitor tridimensional. Gráficos e números apontavam o andamento do trabalho sem precedentes. Nunca, nos últimos quarenta mil anos, os habitantes do planeta Terra tinham despendido tanta energia. Milhões de Gigawatts eram consumidos por hora de trabalho.

— Quanto tempo ainda? — Perguntou a General, desprezando as informações do painel.

Layra, que acompanhava o processo de sua mesa de trabalho, largou o que fazia e olhou para Briéla.

— General, não falta muito, minutos, talvez.

Briéla acenou com a cabeça.

— Como está a esquadra de Júpiter?

— Já estão todas preparadas no hangar da Lua Ganimedes.

— Ótimo, eu e Brathía saltaremos para Alfa Centauri. Levaremos quase todo o nosso arsenal.

Layra fez um leve movimento de cabeça.

Briéla olhou bem nos olhos da amiga.

— Você atacará Lemúria com todas as forças de Atlântida. Acabe com aqueles lagartos custe o que custar.

— Pode deixar comigo, Briéla. Mantereí o ataque até a última Filha de Atlântida.

A General fechou os olhos e encheu os pulmões de ar.

— Se cuida, não quero vingança, mas a morte de Brania não será em vão.

Um alarme soou.

— General, — disse Layra, — acabou. O processo foi concluído, todas as unidades estão armadas com o novo canhão.

— Ótimo, não temos tempo a perder. Vamos fazer o ataque de forma sincronizada, você aqui e eu na estrela vizinha.

Briéla já caminhava para seu transleve quando PYthía e Sarhin entraram pelo corredor principal em um veículo voador.

A General aguardou a chegada da Imperatriz.

PYthía desceu do aparelho.

— Briéla, minha filha, trago notícias de Lemúria.

— Falou com Vardin?

— Não, Zranide está lá, em espírito. Está ajudando John em sua missão.

— John? Ele tá bem?

— Sim, ele vai destruir o Portal.

— Sozinho? Vai lutar sozinho contra os warnnenes?

— Foi por isso que vim pessoalmente aqui. Quero que Layra ajude o Cavaleiro de Fogo com a esquadra de Hathor.

Briéla olhou para Layra.

— Sim, claro, — concordou a General, — você sabe onde está o Portal?

— Zranide mandou a localização exata. Estão escondidos em uma caverna numa cidadezinha ao sul de Hydra. No templo da Seita da Cobra.

A testa de Briéla franziu em vincos profundos.

— Sabia que aqueles malditos estavam metidos nisso.

Layra deu um passo à frente.

— Pode deixar, majestade, levarei todas as nossas forças para lá. O Cavaleiro de Fogo não estará só.

Briéla colocou a mão no ombro da Coronel.

— Vá, não perca tempo.

Layra acenou com a cabeça, girou nos calcanhares entrou em seu transleve e desapareceu no corredor principal.

Briéla voltou-se para sua mãe.

— Também preciso ir.

PYthía a abraçou.

— Minha filha, o planeta Terra depende de nós. Você está preparada para isso.

Briéla beijou o rosto de PYthía.

— Mãe, eu te amo. Se eu morrer em Alfa Centauri, voltarei imediatamente para o nosso Planeta. Meu coração pertence a essa terra.

Lágrimas escorreram pelas faces das duas.

Briéla enxugou com o polegar as lágrimas de PYthía.

PYthía engoliu em seco.

— Por favor, não morra.

Briéla deu um sorriso amarelo.

— Preciso ir.

Subiu em seu transleve.

Olhou para a Imperatriz.

— Que a Luz suprema do Universo esteja com você hoje e sempre.

O transleve disparou sem aguardar resposta.

John retomou seu corpo.

“Concentração e Vontade” Pensou. “É muito fácil falar. Meu Deus, como faço isso? E a bosta é que eu não posso dormir”

Não obstante a falta de fé em si mesmo, ele conseguia ver através da rocha. Cada segundo era precioso.

Se Drímor acionasse aquele artefato, não haveria mais o que fazer. Precisava se tele transportar para o interior. E isso não poderia esperar a vida inteira.

Por puro palpite, concentrou a atenção em seu coração. Fechou os olhos. Sentia o pulsar da vida por todos os lados desde bactérias até animais e pessoas nas redondezas.

O cristal mudou ligeiramente de cor.

John mergulhou ainda mais fundo em si mesmo. Descobriu que o Universo estava contido ali. Tomou consciência de que todos somos Um.

Ele se viu em um lugar diferente. Não era no plano extrafísico, também não era nenhum lugar no plano físico.

“Sim, isso sou Eu. Agora vejo o quanto de poder Eu tenho em mim. Agora entendo o quanto me foi dado.”

Sob o poder da vontade, seu corpo foi se diluindo no ar, transformando-se numa névoa.

À medida que seu corpo desaparecia, sua mente tentava fugir. Parecia um

macaco doido querendo pular para a próxima árvore

O sono tomou conta de sua consciência.

“Não posso dormir.” Afirmou para si mesmo.

Imagens e paisagens surgiam do nada, trazidas por sua mente inquieta.

Era necessário controle. Controle. Controle. Muito controle.

Lembrou-se da piada que fizera sobre materializar com a bunda na cabeça. Milhares de bundas surgiram na sua frente, de todas as cores formas e tamanhos. Naquele momento, ele não tinha mais corpo, apenas uma névoa densa, que se dissipava quando ele perdia o controle sobre si.

“NÃO VOU DORMIR!” Gritou para sua mente.

Sob o poder de sua vontade, voltou sua atenção para a entrada da Seita da Cobra.

A névoa se movimentou em direção à porta.

Como fumaça sob a brisa, o Cavaleiro de Fogo entrou por entre frestas e orifícios.

Flutuou sem ser visto no interior. Procurou um canto escuro, longe dos olhares dos soldados. Tinha chegado a hora de se solidificar.

Dirigiu sua vontade para recompor o invólucro físico. Materializou-se num quarto úmido e frio. O lugar era usado para armazenar ferragens.

Tateou a cabeça, e em seguida, com desespero, tateou a bunda.

“Graças a Deus está tudo no lugar.”

“Nunca mais vou fazer isso.”

Sentiu a presença de Prisno como hálito de fera esfomeada.

“Vejo você verme.”

Não permitiu que o medo se instaurasse.

“Não, você não me vê. Você tem medo do mim!”

Zranide se aproximou em corpo espiritual.

— John, deixe que eu e SēThus cuidemos de Prisno, destrua o portal. Lembre-se, seu corpo físico é mortal.

John acenou com a cabeça e deixou seu esconderijo. O ar pesado do lugar cheirava enxofre. Caminhou por um corredor estreito.

Semi-liberto do físico, John conseguia ver todo o Templo. Viu Drímor e sua aura escura e pardacenta. Também reconhecia cada soldado, quase todos preparados para o combate. Alguns, montavam guarda ao lado da bomba e do Portal.

Aproximou-se de um deles sem ser notado. Pensou em roubar a roupa do warnnene, mas era muito grande para ele.

“Não, isso não vai dar certo. E eu nem pareço com um lagartão. No máximo um calango.”

Esgueirou-se como cobra na direção do soldado alienígena.

O homem lagarto, com mais de dois metros de altura, era forte demais para enfrentá-lo em uma luta corporal.

O Cavaleiro de Fogo saiu totalmente de seu corpo. Entrou no corpo do soldado. Pressionou seu coração com força.

O warnnene arregalou os olhos e levou a mão ao peito. Pensou em pedir ajuda, mas a pressão arterial caiu de uma vez. O soldado desabou, se espatifando no chão duro.

Desajeitado, John arrastou o warnnene desmaiado para trás de algumas caixas.

“Caramba, que cara pesado.” Pensava, enquanto amarrava o lagarto gigante.

Examinou a arma por um instante.

“Armas são todas iguais. Uma mira e um gatilho.”

Já fazia mais de oito horas que os caças warnnenses tinham sido abatidos.

O exército de Atlântida, mais uma vez, invadia o território de Lemúria. Eram centenas de Destroyers, dezenas de Cruzadores e uma porção de encouraçados.

A jovem oficial olhou para a comandante.

— Coronel, o prédio da Seita da Cobra já está à vista.

Layra olhou para o grande telão. O alvo aparecia em todas as suas cores.

— Não se iludam, os warnnenses perderam cinco caças hoje. Mas sabe Deus quais segredos eles escondem. Vamos atacar com cautela.

— **General Drímor, os cruzadores de Atlântida acabaram de chegar, em breve deverão iniciar o ataque. O que faremos?**

Num movimento lento, Drímor dirigiu o olhar para o oficial. Seu rosto abatido mostrava seu estado de espírito.

— **Lancem todos os nossos caças. Quero os Atlantes distraídos enquanto preparo a bomba de matéria escura.**

— **Sim, General.**

O oficial girou e saiu em passos acelerados.

O General dos warnnenes olhou para a mesa.

Seus planos de ataque espalhados, jogados de forma desconexa.

“Tanto tempo de planejamento desperdiçado por um erro infantil de um técnico. Essa batalha estava ganha, não tinha como dar errado. Maldito ThreCumb, apodreça no inferno.”

O chão tremeu, e ele soube que o ataque dos atlantes havia começado.

Deixou sua sala e correu em direção ao salão central onde a bomba aguardava o código de ativação.

O Cavaleiro de Fogo esgueirava-se por detrás de caixas e equipamentos.

O local tinha virado uma loucura após o primeiro tremor.

Muitos soldados corriam para o interior de pequenas naves e decolavam em seguida. Outros empunhavam suas armas e se apressavam na direção da saída.

“Bem, isso vai facilitar as coisas.”

Apenas dois soldados ficaram para proteger o portal.

No centro de tudo, a misteriosa bomba chamava a atenção. Era difícil de acreditar que aquela pequena caixa, em formato de paralelepípedo, fosse capaz de destruir a Terra inteira.

“Aquilo está a poucos metros do portal. E se eu atravessar o portal com a bomba? Afinal foi por ali que aquela porcaria veio.”

Olhou para os dois soldados, os jovens warnnenes traziam no rosto tensão e medo.

“Todos somos iguais.” Pensou.

John fechou os olhos. Não queria machucar ninguém.

“Por que tem de ser assim?”

A imagem de seus pais veio em sua mente.

“Se eu não fizer a minha parte todos vão morrer.”

Lembrou-se de Briéla. O coração descompassou e acelerou.

“Preciso fazer isso, não posso deixar a Terra ser destruída.”

Balançou a cabeça reprovando a si mesmo pela demora.

— **INTRUSO! TEM UM INTRUSO AQUI** . — Gritou um técnico do inimigo que surgiu de um corredor lateral.

“Armas são todas iguais. Uma mira e um gatilho.”

Mais de quatro anos-luz de distância foram vencidos e um enorme estrondo na espuma quântica denunciou a chegada da frota de Briéla ao sistema binário de estrelas conhecido por Alfa Centauri.

Era um planeta gelado, orbitando numa boa distância dos dois sois.

Os instrumentos dos warnnenes quase enlouqueceram quando maciças naves espaciais de Atlântida emergiram do hiperespaço.

— **SUB-GENERAL**, — gritou um dos oficiais — **TEMOS UMA SITUAÇÃO AQUI!**

O sub-general Sirans não se perturbou. Apoiou as enormes mãos na mesa para se levantar da cadeira.

— **O que está acontecendo?**

O oficial tinha os olhos arregalados, fixos num ponto de sua tela. Parecia mais um personagem de quadrinhos vítima de grande surpresa.

Sua voz demorou a sair.

Sirans impacientou-se.

— **Fale logo, o que está acontecendo?** — A entonação do sub-general era um pouco mais tensa naquele momento.

— **O hiperespaço, senhor. Centenas, talvez milhares de naves gigantes emergiram da supertrama!**

Demorou alguns milissegundos para Sirans decifrar aquela mensagem.

— **Naves gigantes?**

— **Sim, senhor, são cruzadores, destroyers e encouraçados.**

— **A que distância estão?**

O oficial arrancou o fone de ouvidos e os segurou na mão. Girou na cadeira e olhou para Sirans.

— **Estão na nossa estratosfera.** — Disse perdendo a voz gradativamente.

Foi a vez de Sirans arregalar seus olhos de lagarto.

— **O quê? Como? Como sabem nossa posição?**

A resposta foi um ponto de interrogação na face do oficial.

Sirans saiu da letargia e empurrou o rapaz para o lado.

Buscou entender o problema com seus próprios olhos.

— **Não pode ser.** — Balbuciou.

Encheu os pulmões de ar, girou nos calcanhares e correu para sua mesa,

Apertou com força uma série de botões.

Sirenes começaram a soar por todos os lados.

Dezenas de caças warnnenes saiam da Seita da Cobra.

— Lá vem eles. — Falou Layra com voz tensa. — Hora de saber se nossas novas armas vão funcionar como esperado. Aguardem minha ordem.

Olhos fixos no monitor tridimensional, a Coronel mantinha a destra levantada e aberta.

— Ainda não.

Uma gota imperceptível de suor brotou em sua fronte.

— **AGORA! AO ATAQUE. TODAS AS UNIDADES.** — Gritou no mesmo momento em que cerrava o punho e baixava a mão.

Raios de cor azul intenso rasgaram o céu avermelhado de Lemúria.

Os caças do inimigo se esquivavam dos disparos e contra-atacavam.

As armas dos warnnenes rasgavam com facilidade as grossas paredes dos cruzadores e encouraçados de Atlântida.

— **OS CAÇAS, TODOS OS CAÇAS AO AR.** — Ordenou Layra.

Milhares de Benus emergiram das grandes esferas voadoras.

Os caças warnnenes eram mais rápidos e mais ágeis. No entanto, Hathor contava com grande vantagem numérica.

As primeiras naves inimigas foram abatidas.

Os soldados warnnenes passaram a atacar também do solo com armas antiaéreas.

Os disparos atravessavam com facilidade pelos escudos.

— Coronel, o que vamos fazer? — Perguntou uma oficial.

Uma decisão precisava ser tomada.

“Droga, John está lá dentro. Por Yrm, o que faço?”

O olhar ansioso da oficial permanecia pregado nela.

— Layra, vamos atacar o prédio? — Insistiu a oficial.

Um dos cruzadores de Atlântida perdeu a flutuação e caiu no solo inimigo, girando sobre si, esmagando florestas e pequenos bairros.

A Coronel saiu de sua paralisia.

— Ataque, ataque com todo o poder de fogo. Não podemos perder esses cruzadores. ATAQUE O PRÉDIO!

— Sim, Coronel.

Capítulo 29

O primeiro disparo atravessou o Templo, rasgando o solo com violência.

A adrenalina viajou pelas veias do inglês.

O cristal em sua testa reagiu mudando de cor.

O técnico ainda gritava dando a posição do invasor.

John não pensou mais, se levantou e atirou.

O coração do delator foi despedaçado por uma carga de gás superaquecido. O lagarto caiu morto, jorrando sangue pelo peito e pelas costas.

Um segundo tiro saiu da arma de John, foi a vez de um soldado morrer.

O outro soldado correu e se escondeu atrás de algumas caixas.

John apenas o acompanhou com o olhar.

Mais warnnenes surgiram.

Seu cristal se iluminou ainda mais. A luz em sua testa se tornou visível. Se intensificou e se transformou em uma chama.

O medo fez como que eles puxassem os gatilhos várias vezes.

Para John, o tempo parecia passar em slow motion.

Se desviava com facilidade dos jatos de plasma de hidrogênio, que passavam por ele em velocidade supersônica.

A chama aumentou e uma fumaça avermelhada se formou pouco acima.

A substância se dividiu e buscou, de forma inteligente, a cabeça de cada soldado.

Sem ter como fugir ou se esconder, restava a eles tentarem suportar.

Gritavam, tentando se livrar daquilo. Corriam desesperados, chocavam-se uns contra os outros. Aquela substância enlouquecia suas mentes.

O Cavaleiro de Fogo deixou seu esconderijo.

Um batalhão entrou por um corredor.

A visão era demoníaca, formas fantasmagóricas de fogo envolviam o inglês. Pareciam patas de cavalo em galope. Subiam a certa altura depois desciam esmurrando o chão.

Mais disparos.

John perdeu o controle de si mesmo. Uma força desconhecida tomava conta dele.

Caminhou até a bomba de matéria escura, sem se importar com a avalanche de tiros.

A caixa começou a flutuar sob a influência de seu pensamento.

O General Drímor, seguido de Prisno Surgiram por uma porta.

— **O maldito conseguiu se transformar.** — Falou o bruxo entre os dentes. — **Agora apenas um pulso sônico pode desviar esse poder.**

Drímor não ouviu o que o bruxo acabara de dizer. Seus olhos, vermelhos como fogo, se enchiam de ódio pelo terráqueo estranho.

O desgosto pela derrota vergonhosa somado à imagem daquele monstro carregando sua bomba, foi demais para ele.

Sacou sua pistola.

Caminhou a passos decididos em direção ao Cavaleiro de Fogo.

Caprichou na mira.

Aquela não uma arma comum, era uma miniatura de um canhão de bósons. Apenas oficiais de alta patente poderiam usar uma daquelas.

Puxou o gatilho.

Um pulso de luz azul-intenso atravessou o salão do templo da Cobra.

Atingiu o Cavaleiro de Fogo bem no meio do peito.

Na ponte de comando da nave capitã, Briéla se recuperou rápido das náuseas causadas pelo salto.

Seu coração batia forte e acelerado.

Girou-se para sua avó.

— Brathía, não vamos deixar eles sequer decolarem com suas naves. Vamos acabar com a raça desses lagartos.

— Pode deixar Briéla, no que depender de mim essas lagartixas não vão botar mais ovos.

Rosto grave e concentrado, a General fez um gesto de cabeça.

— Boa sorte, Brathía.

— Boa sorte, Briéla. Só a vitória interessa.

Briéla fechou o capacete e disparou com seu transleve.

Um ou dois segundos depois, sentou-se no cockpit de seu Benu.

Lembrou-se de sua mãe. Fechou os olhos.

A imagem de John também veio bailar em sua mente.

— Por vocês, meus dois amores. — Disse enquanto empurrava todos os aceleradores virtuais.

O caça disparou pelo tubo de saída.

Da estratosfera podia-se ver com perfeição as duas estrelas brilhando na distância.

Voltou sua atenção para o planeta gelado à sua frente.

Não queria dar tempo para o inimigo se organizar. A essa altura, eles já deviam estar como loucos tentando preparar os seus canhões.

Milhares de caças entraram na tênue atmosfera do planeta.

— Filhas de Atlântida, — falou a General pelo rádio, — vamos limpar o Snowflake desses vermes.

— Snowflake? — Indagou uma das oficiais.

Briéla abriu um sorriso tenso.

— Este é o nome que estou dando para este planeta.

Em harmonia, a frota desceu para a superfície a grande velocidade.

Tinham destino certo, uma grande base de operações warnnene.

Os bombardeios começaram no mesmo momento.

Os Benus se concentraram em impedir que os caças inimigos levantassem voo. Enquanto os Phobus abriam fogo contra as instalações.

Pegos de surpresa, os warnnenedes não tiveram tempo de alimentar a bateria antiaérea. Os poucos canhões que apontavam para o céu eram destruídos pelos Benus.

Ainda assim, uma grande quantidade de caças inimigos decolaram.

A batalha ficou intensa.

Briéla percebeu a vantagem deles em manobra.

— Vamos fazer ataques sincronizados. — Falou pelo rádio.

Tinha vantagem numérica, mas, mesmo assim, os Benus explodiam na atmosfera de Snowflake.

— BRATHÍA, PRECISO DE REFORÇO. — Gritou a General.

Foi com horror que Sirans viu de seu monitor centenas de naves monumentais entrarem na atmosfera do planeta gelado. Os Colossus entravam em ação.

Armados com enormes canhões de bósons, aquelas máquinas robotizadas tomaram a dianteira, espalhando destruição por onde passavam.

Aquela carga de energia era suficiente para matar pelo menos uns quinhentos homens.

A chama do Cavaleiro de Fogo duplicou em tamanho.

Drímor atirou uma segunda e uma terceira vez.

A chama do cristal se agigantou.

O Fogo etéreo se precipitou na direção do General warnnene, que continuava a atirar continuamente.

Drímor sentiu as chamas o envolver.

À medida que a pele queimava seu ódio aumentava.

Deu um grito horrível, misturando palavras de dor e xingamentos.

Tentou puxar o gatilho mais uma vez, mas as mãos não respondiam mais.

Seus olhos arregalaram em face à morte.

Pela primeira vez em sua vida experimentou o medo.

Seu corpo forte perdia forças e ele sentia que se afastava de seus músculos e nervos.

O medo se transformou em pavor.

Seu grito de dor se transformou em uma súplica por misericórdia.

Seu coração de réptil bateu pela última vez.

O grande General tombou morto.

Prisno não assistiu a cena toda, sabia que não tinha mais nada a fazer.

Conhecia o poder daquele cristal. Poder esse que nem o próprio John

conhecia.

Não havia tempo a perder.

Correu de volta para sua sala atrás de um emissor de pulso sônico.

Os soldados continuavam atirando, mas as cargas só alimentavam o cristal com mais energia.

John caminhou em direção ao portal com a bomba ao seu lado.

Parou em frente ao buraco de minhoca.

Olhou para trás.

O fogo o encobria totalmente, não era possível ver seu rosto.

Por detrás das chamas John vertia lágrimas de despedida.

Entrou pelo portal, levando consigo a bomba.

Em grande desvantagem de número, os caças warnnenes caíam como moscas no solo de Lemúria.

O fogo atlante se voltou contra os soldados em terra.

No chão o prédio da Seita da Cobra tremia sob as intensas explosões causadas pelas bombas lançadas pelos cruzadores de Atlântida.

Em sua sala, Prisno revirava as gavetas em busca do objeto que precisava.

Tateou um pequeno aparelho, com os olhos cegos focando o horizonte.

“Ah, está aqui” Pensou segurando o emissor sônico com as duas mãos.

Mais um grande tremor no chão.

“Diabos, essa coisa toda vai desabar.”

Correu, se desviando de escombros que caíam do teto.

Era visível que o templo estava prestes a ruir.

O chão tremia com intensidade assustadora.

O bruxo abria caminho com dificuldade.

Um soldado parou em sua frente.

O rapaz trazia o rosto deformado pelo desespero.

— Senhor, o que devemos fazer?

Prisno não disse nada. Nem deu atenção. Desviou-se do soldado e

continuou sua caminhada.

Por entre a poeira, avistou o portal com a terceira visão.

Percebeu que ele oscilava, perdendo suas propriedades.

“O portal está se fechando!”

Colocou todas as suas forças nas pernas velhas, correu como se fora um menino.

Faltava um metro ou dois para alcançar o wormhole, quando alucinações tomaram conta de sua mente.

— **MALDITA BRUXARIA.** — Gritou, tentando achar o caminho sem enxergar nada.

Zranide, usava tudo o que podia retirar de seu corpo para cegar Prisno.

“Por que tanta pressa?” Perguntou a tetravó de Briéla.

— **SAIA DA MINHA MENTE SUA BRUXA MALDITA!** —
Vociferava o homem-lagarto.

Zranide, sabia do esforço que estava fazendo. Sentiu seu corpo começar a tremer.

“Aguente mais um pouco, por favor.”

O coração começou a falhar, mesmo assim ela continuou firme, mantendo Prisno longe do portal.

O corpo de Zranide não aguentou mais. As células cansadas se entregaram. O coração deu a última batida. Foi como inalar o aroma de orquídeas. Zra viu a ligação entre ela e o corpo se diluir no ar.

Seu espírito estava livre. Pediu a Deus que seu esforço não tivesse sido em vão.

No mesmo instante, a terceira visão de Prisno se abriu e ele viu o portal à sua frente.

Um estrondo rugiu como besta descontrolada, o teto veio abaixo.

Prisno saltou para dentro no último instante.

Toneladas de rocha e aço esmagaram os equipamentos que sustentavam o portal.

O buraco de minhoca que ligava o planeta Terra ao Snowflake desapareceu.

Entrou pelo portal, levando consigo a bomba.

Sentiu náusea ao atravessar quatro anos-luz de distância em dois passos.

Percebeu que seu peso quase dobrou. Fruto da gravidade daquele planeta em Alfa Centauri.

Esperava ser atacado, imaginava que seria recebido a bala. Mas o local se pintava num verdadeiro pandemônio. Alarmes sonoros gritavam a todo volume. Luzes vermelhas piscavam com intermitência irritante. O Chão tremia com mais intensidade do que presenciara na Terra.

“O que está acontecendo aqui?”

A chama que o envolvia, diminuiu, quase desapareceu.

“Briéla já deve estar aqui.”

Soldados warnnenes viram a figura estranha saindo do portal. Mas, naquele momento, suas mentes, entorpecidas pelo medo da morte, só pensavam em se salvar. Num esforço heroico, tentavam defender a base.

John olhou para trás e notou que o portal oscilava.

“Preciso me livrar disso e voltar para a Terra antes que a passagem seja destruída.” Pensou com olhos na bomba.

“Ela não pode ficar nesta base. Poderia explodir por causa do ataque de Briéla.”

Pensou um pouco. Caminhou alguns metros, até chegar em uma janela gigante. Era uma paisagem monótona, grossas camadas de gelo estendiam-se até onde a visão alcançava.

Deixou do corpo e segurou a bomba com o poder de sua mente. Saiu dali e carregou o artefato com ele. O vidro estilhaçou com a passagem do objeto metálico.

Viajou por milhares de quilômetros, levando seu fardo para bem longe daquela batalha. Encontrou um vulcão extinto. Entrou na cratera gelada e desceu até o fundo.

Colocou a bomba de matéria escura no chão da cratera.

Deu um leve sorriso e voltou para o corpo.

John girou nos calcanhares e correu na direção do wormhole.

Estacou de supetão ao ver Prisno sair voando do portal e se esborrachar no

chão, como artista circense malsucedido

Rápido como um felino, o bruxo se recompôs, colocando-se de pé.

John se preparou para a luta. Sentiu que Prisno tentava invadir sua mente. Resistiu, encheu os pulmões de ar. Concentrou-se no cristal em sua testa.

Sua atenção foi distraída ao ver o portal se apagar.

Um forte estrondo fez o teto rachar, a ponto de parte desabar.

Desviou seu olhar para o grande vitral. Viu vários Benus perseguindo caças warnnenses.

Voltou sua atenção para o bruxo, ele carregava um objeto nas mãos esqueléticas.

— Se afaste, bruxo, não quero matar mais ninguém.

Os olhos de réptil do Reverendo estreitaram um pouco mais.

— **Terráqueo, sua história termina aqui. Não existe mais passagem e seus amigos espíritos não podem ajudá-lo aqui. Você está sozinho agora.**

John colocou sua energia no cristal, que se iluminou no mesmo instante.

— Você não me deixa outra opção.

Com uma mão invisível, segurou na garganta de Prisno.

O bruxo sentiu os ossos do pescoço trincarem sob efeito da força titânica do Cavaleiro de Fogo.

Num movimento quase instintivo apertou o botão do emissor sônico.

Um pulso sonoro de alta frequência encheu o ambiente.

O ruído infernal não era captado pelos ouvidos, mas pela mente. Atuava na conexão entre John e o cristal.

O inglês tomou um choque com o retorno de sua própria energia. As pernas perderam a força e ele desmoronou sobre si mesmo.

Com fortes dores no pescoço, Prisno segurava a própria cabeça com uma das mãos.

A terra tremia e era difícil caminhar.

Pressionou alguns botões em sua roupa e um transleve surgiu, vindo por um corredor.

Apesar de sua idade avançada, Prisno conseguiu colocar o humano no veículo.

Desenhou um sorriso diabólico no rosto.

“Agora, Cavaleiro de Fogo, você é meu escravo.”

Entrou no transleve e disparou por um corredor largo e mal iluminado.

As poucas luzes piscavam no ritmo dos tremores. A base alienígena sucumbia aos poucos sob o poder de fogo dos Atlantes.

Briéla não aliviava o ataque em momento algum.

Todas as naves dos warnnenes já tinham sido destruídas. Era hora de acabar com as instalações.

Prisno só tinha uma chance de escapar.

Precisava entrar em um módulo de fuga. Uma nave pequena, que possuía apenas um propulsor e um dispositivo para saltar pelo hiperespaço.

Quando o bruxo chegou no lugar onde os módulos se estacionavam. Encontrou uma grande fila de soldados tentando acessar as pequenas naves.

Centenas delas decolavam e desapareciam no espaço de cinco dimensões.

Sem se importar com os outros, Prisno cortou a fila e chegou bem perto da entrada do hangar.

Um verdadeiro tumulto havia se formado. Restavam poucas naves e eles lutavam entre si. Só os vencedores se salvavam.

Era assim que funcionava as coisas em Warnnenia.

Um tiroteio teve início.

O chão tremeu mais forte. Rachaduras viajaram pelas paredes soltando grandes lascas de pedra. Chovia poeira e fragmentos de rocha.

Prisno se desesperou.

— **SAIAM DA FRENTE.** — Gritou o ancião. — **Eu sou o Reverendo Prisno. Preciso levar esse prisioneiro para Warnnenia.**

A resposta foi um murro na cara. Prisno deu uns quatro passos para trás, cambaleando. Sacou sua arma e atirou contra o agressor. O raio azul do mini canhão de bósons brilhou rasgando o soldado no meio.

Foi só neste momento que os outros perceberam que havia uma oficial de alta patente entre eles.

Prisno caminhou com a arma na mão.

Os soldados abriam caminho. O Reverendo mancava, arrastando o humano

com ele.

Se aproximou de um módulo de fuga, mas a briga recomeçou. Uma multidão de lagartos pulou para cima deles.

A terra voltou a tremer. Só que dessa vez, com mais intensidade. As paredes esmigalharam e toneladas de rocha desceram sobre o hangar.

Minutos depois do início da batalha, o Templo da Seita da Cobra e todas as instalações ao redor não passavam de uma enorme cratera incandescente.

Não havia mais soldados warnnenedes, nem suas naves ou equipamentos.

A oficial retirou seu capacete de realidade virtual e olhou para Layra.

— Coronel, o inimigo foi destruído. O que vamos fazer agora?

As sobrancelhas de Layra se contraíram.

— Vamos para o palácio do Imperador. Quero rendição dos lemurianos.

— Sim, Coronel.

Ela recolocou o capacete e a frota inteira se pôs em movimento.

Não levou um minuto para que a grandiosa construção estivesse cercada por cruzadores e destroyers de Hathor.

Centenas de andróides de guerra desembarcaram na torre do Palácio.

Não houve batalha, o alto-comando do exército de Lemúria ordenou o cessar fogo.

Layra desembarcou na torre.

Um oficial se aproximou.

— Senhora, sou Elanco Seoss, Ministro de Guerra de Lemúria. Falo em nome do Imperador Grasso Vardin. Queremos propor o fim das ofensivas.

Layra firma os olhos.

— Senhor Seoss, essa guerra nunca deveria ter começado. Por mim, eu afundaria este palácio, junto com seu maldito Imperador num mar de lava incandescente. No entanto, essa decisão não cabe a mim. Eu Exijo falar com o Grasso Vardin agora!

— Mas senhora, ele...

— AGORA, PORRA!

O homem tremeu dentro de seu uniforme.

— Espere, vou entrar em contato com o Imperador.

— Não precisa. — Disse uma voz atrás do ministro.

Todos olharam.

Grasso Vardin surgiu de uma porta próxima.

Os olhos de Layra o fitaram com superioridade.

Vardin estava derrotado, humilhado e quase sem forças. Ao seu lado, Acati caminhava de cabeça erguida, segurando a mão de seu marido.

— Senhor Imperador, em nome de Atlântida, eu exijo a rendição de Lemúria.

Os olhos de Vardin ferviam em ódio.

Girou um pouco a cabeça e percebeu o leve gesto de sua amada Cat.

— Admito que fomos derrotados. Em nome de Lemúria, eu peço o cessar fogo. Basta de mortes. Chega de dores.

Abaixou a cabeça.

— Para evitar mais perdas de vidas, Lemúria se rende à Atlântida.

Layra olhou para Vardin e em seguida para Acati.

— Levarei suas palavras para a Imperatriz de Atlântida. — Sua voz era seca, áspera, tentando esconder os sentimentos.

Girou nos calcanhares.

Entrou no transleve e desapareceu no interior da nave capitã.

Androides e oficiais de Atlântida permaneceram no palácio, onde Grasso Vardin e sua esposa eram considerados prisioneiros.

A destruição total da base warnnene em Alfa Centauri era líquida e certa. Mais alguns minutos e tudo estaria acabado

Aqui e ali um ou outro caça tentava fugir, mas não conseguiam decolar, pois o enxame de Benus não permitia.

Enquanto isso, os encouraçados e cruzadores de Atlântida bombardeavam todas as instalações.

Da ponte de comando da nave capitã, Brathía organizava os pesados

Phobus X e Colossus, enquanto Briéla comandava os caças.

Um alarme soou e luzes começaram a piscar no grande monitor central.

Brathía movimentou a cabeça de forma abrupta e uma carga de adrenalina foi lançada na corrente sanguínea.

Centenas de pontos emergiam do hiperespaço.

Eram grandes naves de batalha do exército de Warnnenia.

Respondiam ao pedido de socorro da estação de Snowflake.

— Briéla, temos companhia. Tem mais lagartixa chegando.

— Sim, já vi. Eu cuido de dar as boas-vindas. E você acaba com essa base.

— Ok, General, bota fogo no rabo deles. — Disse Brathía.

— Certo, você também.

Do cockpit de seu caça, Briéla puxou o manche virtual e o nariz da aeronave obedeceu girando num movimento brusco.

— Filhas de Atlântida, sigam-me, vamos fazer churrasco de calango.

Milhares de caças responderam ao comando da General.

Nem todas as naves eram tripuladas por humanos. Na verdade, a grande maioria era conduzida por andróides de guerra. Cada piloto controlava pelo menos dez outros caças além do seu próprio.

As naves recém-chegadas eram enormes, mas não tão grande quanto os cruzadores e encouraçados. E nem chegavam aos pés dos Colossus que estacionavam na alta estratosfera de Snowflake.

Não demorou muito para emergir centenas de caças warnnenes.

Disparos de canhões de bósons atravessaram o vácuo, numa luminosidade azul-intenso.

A frota de Briéla mergulhou em cima dos caças inimigos. Precisavam garantir que não chegassem perto dos encouraçados e cruzadores que bombardeavam a base alienígena.

A luta ficou acirrada. As Filhas de Atlântida sincronizavam sua defesa com ataques maciços contra as grandes naves dos warnnenes. A estratégia era escapar dos caças e destruir os gigantes.

Por estar em maior número, os Benus minavam a força do inimigo.

Os cruzadores e encouraçados, comandados por Brathía destruíram por

completo a base em Snowflake.

Brathía se empenhou em ajudar Briéla, os gigantes do espaço entraram em nova formação de ataque.

Mais disparos cruzaram o vácuo no sistema de Alfa Centauri.

Os caças inimigos abandonaram a batalha e retornaram velozes para o interior das naves mãe.

Briéla percebeu a manobra de fuga e permitiu que os soldados restantes escapassem.

Os warnnenes bateram em retirada e mergulharam no hiperespaço.

A tensão se desvaneceu em um sorriso no rosto da General.

— ISSSSSOOOO! — Gritou Briéla em seu cockpit. — Bom trabalho, Filhas de Atlântida.

— Parabéns Briéla, parabéns meninas. O planeta Terra nunca vai se esquecer dessa luta e do sacrifício de vocês. — Falou Brathía em canal aberto para que todos ouvissem.

Os Benus retornaram para suas bases, e a Princesa se dirigiu para a ponte de comando da nave capitã.

O lugar estava em festa, aplausos e abraços.

Desceu de seu transleve e abraçou sua avó.

— Bom trabalho, será que está tudo destruído lá embaixo.

O sorriso não saía dos lábios de Brathía.

— Nem tudo, ainda existem algumas instalações que foram feitas no subsolo.

Briéla olhou o gráfico no monitor central.

— Vamos descer lá, com andróides. Se existir alguma tecnologia interessante, quero incorporar ao nosso conhecimento. Principalmente sobre os wormholes.

Brathía respirou aliviada.

— Concordo com você, se houver outras armas também serão bem-vindas

Briéla sorriu.

— Hora de saquear a cidade.

Brathía concordou com a cabeça.

Briéla girou para outro monitor, onde se via naves semidestruídas dos warnnenes vagando no espaço.

— Também quero aquelas naves, vamos levar para nossa estação em Júpiter.

— O que faremos com eventuais sobreviventes?

— Eles não podem ir pra a Terra. Melhor levar os prisioneiros para Titã.

A mãe de PYthía olhou a princesa.

— Não temos presídios, como iremos mantê-los lá?

Briéla deu dois passos em direção ao monitor.

— Ainda não sei. Talvez criar uma colônia. Até negociar a devolução dos prisioneiros para a Warnnenia.

Brathía não disse nada.

— Vamos finalizar aqui e voltar para a Terra. Estou ansiosa para saber como as coisas estão indo lá. — Finalizou Briéla.

No Salão de Cerimônias do Cálice Central, a Imperatriz aguardava a chegada das oficiais que defenderam a Terra.

Um transleve entrou pelo corredor principal, passou devagar pela multidão. No interior do veículo três figuras conhecidas da população de Hathor. Briéla, Brathía e Layra agradeciam a recepção calorosa.

O transleve parou em frente ao trono de PYthía.

A Imperatriz se levantou, ao seu lado, importantes membros do conselho, acompanharam seu movimento. Entre elas, Sarhin e TYríade.

Briéla desceu do veículo com um largo sorriso. Olhou para os lados em busca de John. Viu Sir Oliver, Mary, Klaus e outros ingleses.

Seu sorriso se desfez. Correu os olhos com mais cuidado.

“Onde está você?”

Brathía e Layra também desceram do transleve.

Uma escada larga de cinco degraus separava as heroínas do alto-comando da maior potência da Terra.

Briéla procurou o olhar de Sarhin. Ela não sorria, na verdade, sua

expressão era grave. Focou em sua mãe e viu o mesmo olhar.

Seu coração começou a bater forte.

Subiu o primeiro degrau.

Quem sabe veria um sorriso nos lábios de TYríade. Mas ela olhava para o chão.

Subiu o segundo degrau.

Naquele momento seu coração se descompassava e uma angústia nascia em seu peito.

Desta vez, com mais energia, olhou para todos os lados procurando pelo rosto do inglês.

“Onde está você seu bosta? Apareça.”

Subiu o terceiro degrau e parou.

Não via mais ninguém, apenas a Imperatriz, sua mãe.

“Briéla, minha filha,” ouviu em sua mente, “você precisa ser forte.”

As lágrimas brotaram de seus olhos azuis.

Subiu o quarto degrau.

Deixou os ombros caírem, queria correr, sair dali. Queria o abraço e o beijo de seu inglês, onde estaria ele?

Subiu o quinto degrau.

Seu peito arfava e respirava com dificuldade. A princesa sentia-se prestes a explodir.

Parou em frente à Imperatriz.

— Onde está John?

Brathía e Layra desfizeram o sorriso que traziam e olharam ao mesmo tempo para Briéla.

Lágrimas escorreram pelo rosto de PYthía. A Imperatriz não conseguia articular palavras, apenas movimentou a cabeça num sinal negativo.

Briéla irrompeu num choro silencioso, introvertido, doloroso, sofrido. Aquele que só quem já perdeu alguém conhece.

Abraçou sua mãe.

— Não, não, não, mãe, o que aconteceu com John?

PYthía apertou o abraço.

— Não sabemos, meu amor, ele atravessou o portal e não retornou. Isso é tudo o que sabemos dele.

Os olhos da princesa se abriram para além do possível.

— O portal? Ele foi para Alfa Centauri? Por quê?

Sarhin deu dois passos em direção às duas.

— Briéla, minha filha, os warnnenes trouxeram uma bomba de matéria escura para destruir a Terra. John impediu que eles a detonassem, e arriscou a vida levando o artefato de volta para Alfa Centauri.

Os olhos enlouquecidos da General denunciavam seu desespero.

— Mas nós destruímos tudo lá. Não sobrou nada...

Ela parou de falar. Seus olhos fitavam o vazio.

— Nós matamos John. — Falou com voz pausada. — Por Yrm, eu matei meu John.

PYthía tentou enxugar as próprias lágrimas para retomar a serenidade.

— Não, Briéla, não. Você não tem culpa, lutava por todos os seres vivos da Terra.

— Não, mãe, lutava por orgulho e glória. Eu matei o meu amor. Amo John. Amo o meu inglês. Eu o quero de volta.

Soltou-se do abraço e virou-se para Sarhin.

— Sarhin, ele morreu? Você sabe se ele voltou para mundo espiritual?

Sarhin segurou Briéla pelos ombros.

— Filha, ele estava a mais de quatro anos-luz de distância. Nem SëThus sabe dizer se ele morreu ou não. O que sabemos é que, se ele morreu em Alfa Centauri, seu espírito ainda não retornou para o plano espiritual da Terra.

— Onde está Zranide? Ela deve saber de alguma coisa.

As lágrimas surgiram no rosto de Sarhin também.

— Zranide retornou para o mundo espiritual. Ela travou uma luta contra o bruxo, mas seu corpo estava muito enfraquecido.

— Zra morreu? — Perguntou a General quase em soluços.

Sarhin se limitou a uma afirmação com a cabeça.

Briéla perdeu o controle de suas emoções.

— Ah, Não, Deus, por quê? Por Yrm, por quê?

Levou as mãos e segurou o choro à força.

Respirou fundo várias vezes.

Seu pensamento voltou para John.

— Sarhin, John pode estar vivo?

— Não tenho como responder, não sei como as coisas ficaram em Alfa Centauri.

— Destruímos tudo lá. — Falou Brathía.

— Vou voltar pra lá, procurar por algum sinal dele. — Falou Briéla em desespero.

Brathía segurou a mão da princesa.

— Briéla, já vasculhamos tudo. Se ele estivesse lá nossos aparelhos teriam detectado.

PYthía tomou a palavra.

— Filha, não precisa ser você a fazer isso. Podemos mandar expedições para Alfa Centauri, especialistas que poderão ser mais efetivos na busca. Tenho certeza de que, se estiver vivo, iremos encontrá-lo.

O coração da princesa queria acreditar naquela hipótese.

— Além do mais, — continuou PYthía, — faltam poucos meses para você assumir o trono. Precisa descansar, se poupar para assumir o governo.

Os olhos brilhantes de Briéla denunciavam o que ia em sua alma.

— Mãe, não vou faltar com minha responsabilidade. Mas neste momento, John pode estar precisando de mim.

A General desceu os cinco degraus num salto e entrou no transleve.

— Estou saltando de volta para Alfa Centauri. Mande os especialistas que forem necessários.

Não esperou resposta e disparou pelo corredor principal.

— BRIÉLA, MINHA FILHA. — Gritou a Imperatriz.

Sarhin abraçou PYthía.

— Deixe-a, este é o jeito dela de lidar com essa situação.

Um estrondo na espuma quântica anunciou a chegada de Briéla em um Phobus X. A general entrou em uma nave menor e desceu até a superfície gelada de Snowflake.

Pousou sobre os escombros da base alienígena. Atrás dela, centenas de milhares de andróides construtores.

Sobre o comando da General, eles iniciaram a remoção dos enormes blocos de pedra.

Outra nave emergiu do hiperespaço. Era Brathía em um segundo Phobus X.

— Briéla, onde você está? — Perguntou pelo rádio.

— Na base warnnene, procurando por John.

— Está bem, tô descendo até aí.

Briéla não respondeu e voltou à busca.

Não demorou para as duas estarem lado a lado sobre um grande bloco de gelo.

Os olhos de Brathía eram tristes.

— Você já consultou os instrumentos? — Perguntou com voz pausada.

Briéla fez um sinal positivo com a cabeça.

— Eles não podem estar certos.

— Briéla, você tem de aceitar que talvez...

— Brathía, os instrumentos estão errados, ele está vivo aqui em algum lugar. Eu sinto isso.

— Minha neta, as vezes a gente quer o impossível. Tem horas que precisamos aceitar que a morte faz parte da vida.

A General girou e encarou sua avó.

— John tá vivo. Eu sei que tá.

Brathía levantou as duas mãos.

— Está bem, vamos procurar até achar alguma coisa.

Briéla se afastou, não queria perder a esperança.

Três horas se passaram sem acharem nenhum vestígio do inglês. Todos os

instrumentos mostravam que não havia nenhum coração batendo num raio de quilômetros.

A princesa demonstrava os primeiros sinais de cansaço.

Brathía se aproximou devagar.

— Briéla, você precisa encarar a realidade. Despejamos toneladas de bombas nesse lugar. Se ele estava aqui, pode ter sido esmagado pelas rochas. Além disso, a temperatura ambiente é de menos vinte graus. Sem equipamentos, mesmo que tenha escapado das explosões, ele já deve ter morrido congelado há muito tempo. John não está mais entre nós. Desculpe falar essas coisas, mas acho melhor voltar pra Terra.

Briéla respirou fundo.

— Talvez você tenha razão. — Falou com o rosto voltado para o chão. — Mas gostaria de, pelo menos, encontrar o corpo dele.

— Sim, eu entendo, mas isso pode demorar dias.

— Eu não queria deixá-lo tão longe de casa. — Falou a princesa, soltando o ar dos pulmões.

— Claro que não. — Brathía fez uma pequena pausa. — Podemos deixar os andróides trabalhando aqui até encontrarem ele.

Briéla concordou com a cabeça.

— Tá bem, vou andar um pouco. Meditar sobre o que aconteceu. Me despedir em pensamento.

Brathía se limitou a um meio sorriso.

— Isso querida, sei que não é fácil, mas seja forte.

As duas se abraçaram.

— Obrigada por estar aqui, vovó. Obrigada.

A garota flutuou para o meio dos escombros. Se aproximou do local onde os andróides trabalhavam.

“Sabe, John, queria te dizer uma coisa.”

As lágrimas fluíram.

“Levei o livro para Hathor.”

“As especialistas o estudaram a fundo...”

Fez uma pausa, tentando controlar a emoção.

“Deu certo...” Levou a mão à boca, como se quisesse segurar os soluços.
“Existe cura!”

“Finalmente fomos capazes de entender como a doença acontece.”

“Graças a você.”

Enxugou o rosto.

“A vacina vai funcionar.”

“Na verdade, nossas fábricas já estão até produzindo.”

Respirou fundo.

“Obrigada, meu amor, por tudo o que você fez por nós.”

“Obrigada. Vou seguir minha vida, lembrando sempre de você.”

“Você é único. Aqui, neste coração, só existe lugar para um homem, você.
Obrigada por tudo, meu amor.”

Fechou os olhos e parou de pensar, apenas sentindo seu próprio mundo mental.

Não sabia dizer quanto tempo ficou naquele estado.

Olhou para trás, Brathía a esperava com paciência.

Limpou o rosto para arrancar as últimas marcas de choro.

Girou decidida a retornar para Atlântida.

Foi neste momento que sentiu alguém invadir sua mente.

“Obrigado, Briéla, você não sabe o peso que tira do meu coração ao dizer isso. Me sinto outro agora.”

A menina arregalou os olhos.

“John, é você?”

“Ahhhh... Sim!”

O sorriso brilhou no rosto da princesa.

“John, por Yrm, você tá vivo?”

“Sim, estou sim.”

“Você tá soterrado em algum lugar? Preso entre rochas? Você tem como dizer onde devo cavar? Estou com milhares de androides aqui. Onde você tá?”

Um breve silêncio se formou.

“Onde você tá, John?” Insistiu a herdeira ao trono de Atlântida.

“Bem na sua frente.” Respondeu o Cavaleiro de Fogo.

Briéla olhou em redor, mas não viu ninguém.

“Será que estou enlouquecendo? Talvez isso seja alucinação.”

“Não, você não está...” Voltou a ouvir em sua mente.

Uma névoa branca surgiu devagar em sua frente. Aos poucos tomando forma humana.

Briéla deu dois passos para trás.

John se materializou diante de seus olhos perplexos.

Num movimento rápido, McBrian levou a mão à cabeça e em seguida apalpou sua bunda.

— Graças a Deus tá tudo no lugar. — Falou olhando para a General.

— John? É você?

O rapaz deu um passo na direção dela.

— Bri, como é bom te ver. — Falou abrindo os braços.

Briéla correu e o abraçou.

— Seu bosta, eu pensei que você tivesse morrido.

Ele a apertou junto ao peito.

— Foi por pouco. Estava num hangar quando tudo veio abaixo. Fiquei preso entre as rochas.

— Mas como você não congelou?

— Eu hibernei, diminui o metabolismo do meu corpo e...

Ela não o deixou terminar. Elevou-se nas pontas dos pés, a mão direita subiu até a nuca do rapaz.

Ele inclinou a cabeça e acariciou os cabelos loiros da General.

Se entregaram a um beijo longo. Daqueles que a gente não quer que acabe nunca mais.

Numa posição em destaque, Imperatriz de Atlântida atendia a uma audiência solicitada pelos visitantes da crosta externa.

Os olhos da Imperatriz eram tristes, porém serenos.

— Pois não, senhor Stewart, no que podemos ajudar?

O mestre, fez um sinal de cabeça, pigarreou de leve para limpar a garganta.

— Sua alteza, em primeiro lugar, agradecemos por nos conceder esta audiência. Sabemos dos momentos difíceis que todos estamos atravessando. — Fez uma breve pausa. — Nós pensamos bastante antes de tomar esta decisão. Antes de vir aqui falar com a senhora.

— Sim, — falou Mary, — somos muito gratos pela hospitalidade. Fomos e estamos sendo muito bem tratados aqui. Mas nosso mundo é outro.

PYthía assentiu num leve movimento com os olhos.

— Compreendo.

Sir Oliver olhou para baixo e em seguida para Imperatriz.

— Sim, nosso mundo é outro. Gostaríamos de voltar para a Inglaterra. Acredito que não seria difícil para vocês nos levarem até lá.

— O senhor está certo, se este é o desejo de vocês, podemos levá-los para a Inglaterra quando quiserem.

— Obrigado. — Agradeceu Sir Oliver. — Me desculpe, sua alteza, a senhora tem alguma notícia de John e Steve.

PYthía deixou os ombros caírem.

— As notícias que tenho não são muito boas. Minha filha está procurando por ele agora. Mas tudo indica que ele... — Fez um sinal negativo com a cabeça. — Eu sinto muito.

O mestre baixou a cabeça num misto de tristeza e raiva.

PYthía voltou a falar.

— Senhor Stewart, nos sentimos muito consternadas e culpadas por toda essa situação. Houve uma de conspiração para dar início a uma guerra onde vocês foram usados. John acabou se tornando um herói, o homem que salvou o planeta Terra. Entregou sua vida para salvar milhões.

Os olhos de Sir Oliver brilharam e a voz ficou presa na garganta.

— E Steve? — Perguntou Klaus.

— Ainda não foi encontrado. Talvez tenha se perdido na floresta.

— Mas as buscas continuam, certo?

— Sim, claro. Existem muitos andróides destinados, exclusivamente, a

essa tarefa.

Um breve silêncio se formou.

— Vocês têm certeza de que querem voltar para a Inglaterra?

Sir Oliver acenou com a cabeça.

— Sim, estamos decididos.

— E quando pretendem partir?

— O mais breve possível, sua alteza.

PYthía se endireitou na poltrona.

— Mantemos uma casa, nas imediações de Londres. É um lugar calmo, tranquilo, um tipo de casa de campo. Lá temos carruagens, cavalos, dinheiro, tudo que vocês podem precisar para retomar à vida na Inglaterra. Se quiserem podem partir hoje à tarde.

O mestre acenou positivamente.

— Sim, por favor, ficaremos muito gratos.

A Imperatriz ensaiou um sorriso.

— Senhor Stewart, gostaria de deixar claro, — correu os olhos pelos presentes, — para todos vocês, que seria interessante manter este lugar em segredo. Acho que seja prudente não comentar sobre o portal que encontraram no Brasil. Isso poderia a levar muitas pessoas a tentarem saquear aquele lugar. Fato que nos custaria outra guerra.

Sir Oliver olhou para o grupo de ingleses num gesto significativo.

— Sua alteza pode ficar tranquila, não falaremos nada sobre Hathor e Atlântida. Eu dou a minha palavra.

Um holograma surgiu na mesa da Imperatriz. Era uma forma abstrata gerada pelo cérebro do prédio.

— Senhora PYthía, a princesa Briéla está na antessala.

— Briéla? Ela já retornou de Alfa Centauri?

— Sim.

— Por favor, peça para ela entrar. — Pediu a Imperatriz.

— Senhores, me desculpem a interrupção, mas minha filha retornou e pode ter más notícias sobre...

Os olhos de PYthía se abriram demonstrando sua surpresa.

Os visitantes giraram a um só tempo.

— Senhor McBrian! — Falou o mestre, levantando-se da poltrona.

— Senhor Stwart, William.

Se abraçaram como uma família.

Capítulo 30

Dois meses depois

A três quilômetros e meio das praias de Hathor existe uma ilha. Um lugar habitado apenas por aves e pequenos animais. Não é grande, algo em torno de cinco mil metros de largura por oito de comprimento. Não há montanhas altas, apenas um conjunto de morros e platôs circundados por praias. A vegetação alaranjada se espalha por toda a ilha.

Bem ao centro, existe uma planície, quase ao nível do mar. Lugar onde as árvores são mais baixas e as plantas rasteiras proliferam.

Naquele dia, luzes artificiais, revelavam cada recanto da bela planície. O lugar estava tão iluminado que parecia mais uma ilha no Mar do Caribe. Mas era o Mar de Telesto, no centro oco do planeta Terra.

Milhares de convidados chegavam de todas as grandes cidades de Atlântida. Estacionavam suas naves ao redor daquela pequena porção de terra e desciam em seus transleves.

Na planície, uma enorme estrutura impedia que as plantinhas fossem pisoteadas. A plataforma fora montada para acomodar as mesas, o púlpito e o trono daquele país.

Androides garçons se esforçavam para servir todas as pessoas, fazê-las sentirem-se confortáveis e felizes.

Afinal, Briéla acabara de completar vinte anos de idade. Era a hora de ela assumir o controle de Atlântida sendo coroada como Imperatriz.

Muitos pensamentos povoavam sua mente enquanto se olhava no grande espelho.

Dezenas de garotas de sua idade a ajudavam a se vestir para a cerimônia.

Alguém abriu a porta.

Era Brathía.

— Briéla, vamos, tá na hora.

A Princesa encheu os pulmões de ar.

Deu uma última olhada no visual. Seu vestido era todo branco, no estilo vitoriano. Mangas compridas e ombros à mostra. No pescoço, um colar de pedras preciosas reclamava por atenção.

Levantou-se. Girou na direção da porta.

— Como estou?

Brathía correu os olhos, dos pés à cabeça.

— Está linda!

— Obrigada. Me pareço com uma Imperatriz?

Brathía sorriu, feliz e orgulhosa.

— Você será uma grande Imperatriz.

Briéla caminhou até a porta.

— Vou fazer o meu melhor.

Brathía acenou com a cabeça.

— Vamos, a cerimônia já vai começar.

Briéla caminhou até a porta, girou para as moças que a ajudaram.

— Muito obrigada.

— Não há de que. — Foi a resposta em coro.

Brathía e sua neta seguiram por um curto corredor e entraram em um palco. No centro, PYthía a aguardava sentada no trono.

As palmas irromperam naquele templo da natureza.

Briéla se posicionou ao lado de sua mãe.

Todos os convidados fizeram silêncio. O hino nacional de Atlântida encheu o ambiente com suas notas harmoniosas.

Briéla correu os olhos pelo templo e parou sobre alguém na tribuna de honra. John McBrian mantinha os olhos vidrados nela.

Uma sensação diferente invadiu seu peito e um pensamento novo surgiu.

“Sim, será muito bom me tornar Imperatriz. Só assim poderei servir, de verdade, essas pessoas maravilhosas.”

Ao final do hino, várias pessoas discursaram. Até que chegou o momento de Briéla falar.

Ela se aproximou do microfone.

— Senhoras, senhores, não sei se conseguirei traduzir em palavras aquilo que sinto em meu peito agora. Acho que é como o sabor da amora doce. Ou, talvez, aromático como um buquê de lavandas, ou harmônico como o canto de um canário. Acho que tudo isso junto...

— sentada na grama ou na areia apreciando o mar.

— ... Vocês são isso, a beleza de todas as coisas

sintetizadas dentro de cada um de vocês.

— ... Vocês são luz e amor... Nós somos luz e amor.

— ... Ser Imperatriz de Atlântida será uma grande honra para mim

John acompanhava cada palavra da princesa imerso numa felicidade que não tinha como explicar. Sua terceira visão se abriu e ele viu duas pessoas queridas ao lado dela.

Zranide, ao lado direito da princesa, sorria e despejava amor para todos. Do outro lado, SëThus, seu grande amigo.

John se emocionou e olhou para o trono.

PYthía sorriu quando seus olhares se cruzaram.

“John, meu filho. Um novo tempo é chegado.” Disse a Imperatriz por telepatia.

Pensou em perguntar alguma coisa, mas foi atraído de volta para a fala da princesa.

— Assim, — continuava Briéla, — minhas irmãs e irmãos, é com muito amor que eu aceito ser a nova Imperatriz de Atlântida.

PYthía se levantou, abraçou e beijou Briéla.

Estendeu os braços, segurando o cetro com as duas mãos.

— Briéla Austhrum, pelo poder conferido a mim por Brathía Austhrum, eu PYthía Austhrum transfiro para você o símbolo máximo. E, a partir deste instante, declaro iniciado o governo da Imperatriz Briéla Austhrum.

Briéla segurou o bastão de ouro.

— Obrigada. Juro, por nossos ancestrais em Yrm, que

irei honrar este cetro a cada minuto de minha vida como Imperatriz.

A multidão aplaudiu com calor e energia.

Epílogo

A garota entrou respeitosa na sala da Imperatriz.

— Senhora Briéla, está tudo pronto, o julgamento está prestes a começar.

A jovem ergueu os olhos devagar e focou a interlocutora.

— Então, vamos, só falta isso para virar essa página da história.

Em seu escritório virtual, rubricou um documento e se levantou.

As duas caminharam até um transleve.

A viagem até o tribunal foi curta. E Briéla tomou seu lugar de destaque.

John, PYthía e Brathía permaneciam sentados em suas poltronas, como espectadores.

O Imperador Grasso Vardin e a Imperatriz Acati Vardin foram levados ao banco dos réus.

Eles eram acusados de incitar a guerra e atentar contra os direitos pela vida.

Os advogados de Vardin mostraram evidências de que Frésnigo Leflan tinha traído Lemúria, assassinado Klans Kumárin e Drésno Kunfár. Além de ter tentado matar o próprio Grasso Vardin.

Apresentou provas de que Leflan havia se aliado aos warnnenes, viajara para a superfície para colocar em ação seu plano de dar início à guerra entre Lemúria e Atlântica. Sua intenção era se consolidar como soberano do planeta Terra.

Segundo a história contada pelos advogados, isso só não aconteceu porque o Imperador arriscou a própria vida em defesa de Lemúria.

Várias pessoas foram ouvidas.

O júri estava propenso a absolver o Imperador de Lemúria.

A juíza da suprema corte de Atlântida correu os olhos pelo documento virtual em sua mesa.

— Façam entrar a última testemunha.

Os olhos de Grasso focaram a porta de entrada.

Ficou feliz ao ver o Conselheiro Fransl Guildsen entrar.

“Ainda bem que é um dos nossos.”

O conselheiro fez o juramento de dizer a verdade.

A juíza olhou para o lemuriano.

— Senhor Guildsen, eu gostaria de ouvir a sua versão da história.

Fransl fez um movimento respeitoso para a juíza, e em seguida para a Imperatriz.

— Senhoras, a minha versão diz respeito a um grande erro, filho de uma grande mentira.

O salão ficou em silêncio.

— Tudo aconteceu muito rápido e as decisões precisavam ser tomadas. Nosso país acabara de declarar guerra e o Imperador fora assassinado. Provas mostravam que os assassinos eram espiões do inimigo. Venho hoje aqui, não apenas para contar a verdade, mas também para expor a minha participação nessa história.

Olhou para o banco dos réus. Grasso Vardin fez um imperceptível sinal com a cabeça.

— Há poucos dias — continuou o conselheiro, — eu descobri a verdade. Klans Kumárin foi assassinado por uma arma lemuriana... A arma que matou o Imperador pertencia a Drésno Kunfár...

Um murmúrio percorreu o salão.

— ... O legista, que fez a autópsia em Kumárin, identificou de imediato os dardos minúsculos que depositaram veneno. Meritíssima, esses dardos são feitos para se dissolverem no corpo da vítima e não deixarem nenhum vestígio

— ... Mas quis o destino que um deles falhasse nesta última fase, deixando à mostra o verdadeiro assassino. O médico legista, fez a sua parte, notificou o Grão Vizir. O homem, que ele já sabia ser o verdadeiro assassino. No entanto, o medo foi mais forte e médico optou por se calar.

Ele fez outra pausa.

— Há poucos dias, o legista me procurou, tomado de remorso. Me contou toda a história...

— ... Fui atrás das provas. E elas estão aqui. — Disse enquanto levantava um pequeno dispositivo de armazenamento de massa. — Aqui estão todos os arquivos de vídeo e áudio que consegui encontrar em diversos sistemas de Lemúria. Drésno Kunfár, Grasso Vardin e Frénigo Leflan foram os responsáveis pelas mortes em Lemúria e Atlântida.

O dispositivo foi colocado em um leitor apropriado. E os fatos vieram à tona. Até uma conversa envolvendo Vardin e ThreCumb estava gravada.

Grasso Vardin e sua esposa foram condenados ao exílio em Titã, uma lua de Saturno. O mesmo lugar onde os warnnenes capturados em Alfa Centauri permaneciam presos.

A condenação exigia que eles ficassem presos por dez anos. Outras pessoas também receberam a mesma punição. Eram ativistas da ODA e alguns ex-comandantes do exército de Lemúria.

Após a sentença, todos olharam para a Imperatriz que tinha a palavra final. Ela deveria ratificar ou anular o julgamento.

Briéla ficou em pé.

O silêncio imperou.

— Eu, — Falou em tom solene. — Briéla Austrum ratifico o julgamento. Grasso Vardin e os outros condenados, cumprirão os dez anos de exílio.

Um murmúrio percorreu a sala de julgamento.

— Entretanto, — continuou a Imperatriz, — não ouvi, em momento algum, nenhuma acusação contra Acati Vardin.

Briéla deixou seu lugar de honra e se aproximou de Acati.

— Imperatriz Acati Vardin, você sabia de todos esses fatos?

Uma lágrima rolou do rosto de Cat.

— Eu sabia que meu marido queria ser Imperador do Planeta, juntar todas as nações da Terra em um só povo. Ele tinha um sonho: Dividir o conhecimento e a qualidade de vida que temos aqui, com todos os habitantes do mundo. Eu sabia que ele queria anexar Atlântida ao seu governo. — Fez pequena pausa, ergueu o roto. — Assumo diante de todos que sou culpada por omissão.

Acati olhou nos olhos de Briéla.

— E sou culpada também por acreditar nesse sonho. Acho, do fundo do coração, que dividir o que temos de bom no Centro da Terra é nobre e belo.

Briéla virou-se para a área reservada aos espectadores.

— Sinto que no dia de hoje, uma nova fase se inicia. Não quero mais saber de armistício. Quero cultivar a paz.

— Concordo com a Imperatriz Acati, esta divisão só prejudica a evolução da humanidade. E é por esse motivo, é pensando assim que quero convidar

Atlântida e Lemúria para se tornarem uma só nação. Somos todos humanos, descendentes de Yrm...

— ... Sei que o caminho é longo e tortuoso, mas toda caminhada começa com o primeiro passo. Proponho, como primeiro passo, unificar os governos. Buscar um governo de coalisão, onde todos possam ganhar.

Voltou a olhar para a réu.

— A despeito de tudo o que aconteceu, para mim, Acati, você é inocente. A legítima Imperatriz de Lemúria.

Briéla segurou a mão de Cat.

— Peço que fique na Terra, e que juntas governemos os dois países pelos próximos vinte anos. Trabalharemos para unir Atlântida e Lemúria. E depois, com o cuidado necessário, enviaremos emissários para a crosta externa. Homens e mulheres de ciência, para ajudar no avanço de nossos irmãos.

PYthía se emocionou e deixou um par de lágrimas rolar.

As pessoas olhavam para Acati esperando a resposta.

Um sorriso meigo se desenhou em seus lábios.

— Imperatriz Briéla, senhoras membro do júri, meritíssima e todos presentes, eu quero reparar o que deixei acontecer pela omissão. A paz é o maior bem da humanidade. — Fez uma pequena pausa. — É com muita honra que aceito governarmos juntas.

As lágrimas de Acati rolaram quando ela olhou para Vardin.

— Não faço isso pelo poder. Faço isso para, de algum modo, limpar um pouco as nuvens que invadem meu coração.

Briéla sorriu.

— Ótimo, fico muito feliz com a sua decisão. Se me permitir, Hathor gostaria de ajudar na reconstrução do seu palácio.

— Eu agradeço, e a ajuda será bem-vinda, mas não para reconstruir o palácio. Prefiro investir essa ajuda na reconstrução das cidades. Da usina de energia que foi destruída. Das praças, das ruas, dos lugares de convivência.

Briéla acenou com a cabeça e Acati continuou.

— Não pretendo morar naquele palácio nunca mais! Vou transformá-lo em um prédio público. Uma grande escola para os lemurianos.

— Onde você pretende ficar? — Perguntou a Imperatriz de Atlântida.

— Vou procurar por algum lugar menor, com menos luxo, mas pitoresco e agradável.

— Eu tenho uma ideia. — Falou Briéla. — Podemos construir uma nova sede de governo. Pode ser em uma ilha entre Atlântida e Lemúria. Os dois governos podem ser transferidos para esta sede. Estaremos juntas para governar as duas nações.

Acati enxugou o rosto.

— Eu aceito.

Foi necessário coragem para atravessar os portões de entrada do King's College.

— Senhor Stewart. — Falou William.

— Sim.

— Realmente, eu jamais voltaria a estudar aqui. — Afirmou. — Não dá para voltar. O senhor tem certeza de que é isso que quer?

O mestre olhou para o rapaz.

— Senhor Kenward, devo ser sincero em dizer que sentimentos controversos invadem a minha alma neste momento. Penso que o senhor deve continuar com os estudos. Mas entendo, perfeitamente, que talvez esse não seja mais o lugar. Quanto a mim, não quero perder as minhas raízes.

William respirou fundo.

— Sim, acho que o senhor tem razão.

John McBrian acompanhava os dois.

— Senhor Stewart, entendo o que sente. Existem muitos alunos que precisam aprender coisas novas. O senhor é a pessoa certa no lugar certo.

O mestre sorriu.

— Quem sabe eu não abra um curso sobre álgebra binária ou coisa assim.

— É verdade, — respondeu John, — podemos começar com isso e, daqui um tempo, iniciar um curso sobre cérebros quânticos.

Os três riram.

— Acho que é um pouco cedo para isso. — Comentou Sir Oliver.

Um pesado silêncio se instalou. O mestre abaixou o olhar.

— Estava pensando em Steve. O que será que aconteceu com ele.

John deu um leve sorriso.

— Não se preocupe com ele. Aquele malandro está bem.

— Como sabe?

— Não sei, apenas sinto.

— Ainda não entendi como consegue sentir essas coisas. O senhor vê imagens? — Perguntou o professor.

— É um misto de tudo imagens, sons e outras sensações.

William colocou a mão nas costas de John.

— E você, vai voltar para o King's? — Perguntou com um riso irônico no rosto.

John balançou a cabeça.

— E deixar a minha Imperatriz sozinha? De jeito nenhum!

— Isso sim é fácil de entender.

Os dois viraram para o mestre.

— Adeus, mestre. — Falou William, retirando a cartola.

— Adeus, William.

John abraçou o professor.

— Senhor Stewart, se algum dia, um aluno aparecer com um livro na mão. Bota ele pra correr. Não deixa ele nem entrar na casa do senhor.

— Pode deixar, — respondeu o mestre, com os olhos brilhando, — isso só acontece uma vez na vida da gente.

Sir Oliver acenou com a mão e caminhou em direção à faculdade.

John e William pegaram uma carruagem e seguiram para Londres.

Klaus e Emma se casaram na Inglaterra. E, com dinheiro recebido de Atlântida, compraram uma casa em Cherry Hinton. Mary Balding e Oliver Stewart se tornaram grandes amigos. Havia rumores de que estavam namorando. Yuri não quis voltar para Cambridge, optou por ficar em Londres. Comprou uma casinha pequena e arrumou emprego em uma fábrica de tecido.

Um dia, andava devagar, retornando para sua casa. Passou em frente a um bar. Surgiu em sua mente as risadas de Joseph, os gritos e descontroles de Tom, as gargalhadas brilhantes de Steve. Colocou a mão na frente dos olhos para esconder as lágrimas que escapavam de seus olhos.

“Aquele tempo sim era bacana. Eu tinha amigos, tinha vida, sei lá.”

Olhou para o bar.

“Não seria uma boa ideia tomar um trago?”

Enxugou as lágrimas, balançou a cabeça.

“Não, deixa pra outro dia.”

Continuou seu caminho.

Quando virou a esquina, havia uma linda carruagem estacionada na frente de seu lar.

“Diacho, quem será?”

Apressou o passo.

Não tinha ninguém dentro da carruagem.

Olhou para a residência e a porta estava aberta.

“Caralho, quem será o filho da puta que entrou na minha casa?”

Entrou resolutamente na sala de estar.

Seus olhos não acreditaram no que viram.

— E aí, como você tá seu russo barrigudo?

— Steve? Caralho é você, Steve? Cara, você tá vivo?

— Porra Yuri, é lógico que sim.

Steve usava um fraque caríssimo e uma cartola de igual valor.

Yuri correu na direção dele e o abraçou com força.

— Cuidado rapaz, vai amarrotar o meu fraque.

— Desculpe. — Disse soltando o abraço.

Steve abriu um largo sorriso.

— Foda-se o fraque. — Falou enquanto abraçava forte o amigo.

Neste momento, uma garota entrou na sala.

Yuri olhou para ela.

Steve a segurou pela mão.

— Yuri, essa é a minha comparsa, Krisça. Não se iluda com este rostinho meigo, ela é foda!

— Steve, que palavreado na frente da menina.

Krisça sorriu.

— Num liga não Yuri tô acostumada com esse traste que eu escravizei em Hathor.

— Escravizou?

Steve deu um leve tapa nas costas do russo.

— Longa história. Estou aqui pra te propor um negócio.

— Eu e Krisça estamos a algum tempo roubando bancos aqui na Inglaterra. Queremos expandir os negócios. Estamos pretendendo ir para os Estados Unidos da América. Você sabe, lá tem uma boa demanda, o fato é que tô precisando de mais gente. Aí eu pensei em você. O que acha? Topa?

— Roubar banco é perigoso!

— Não com as coisinhas que eu e Krisça trouxemos de Hathor e Lemúria.

— Mas Steve... Eu sou trabalhador agora.

— Sim, mas é feliz?

Yuri ficou estático.

— Te prometo que não vamos machucar ninguém. — Afirmou Steve.

— Só nós três?

— Não, estou tentando convencer Klaus também. Afinal, cê sabe, vocês são a minha família.

Depois de várias horas de viagem, a carruagem parou na frente da casa de uma fazenda.

— William, tome cuidado! Se precisar de alguma coisa me avise.

— Não se preocupe, sei me cuidar. Estou em casa.

— Está bem, mas fique em contato.

— Pode deixar.

John desceu e o cocheiro seguiu com a carruagem.

Acompanhou com os olhos a carruagem se afastando pelo caminho por onde veio.

Respirou fundo e entrou na casa.

— E então, como foi? — Perguntou alguém.

— Você tinha razão, é muito difícil voltar.

— E William? Onde está ele?

— Resolveu visitar seus pais.

— Ah. Sim... E você? O que pretende fazer agora? Também vai visitar seus pais?

O rapaz acenou positivamente para a garota.

— Sim, quero que eles a conheçam. Preciso apresentar minha esposa para eles.

A moça sorriu.

Ele a abraçou.

— Eles moram não muito longe daqui, mas sei que você irá sofrer com essa carroça.

A menina o beijou.

— Estou doida para andar de carroça, deve ser muito mais divertido do que aqueles transleves monótonos.

John acariciou o rosto dela.

— Me desculpe, Bri, sei que esses bancos são duros. Você pode colocar uma almofada para aliviar... Digo, para não machucar a bun... Você sabe.

Briela apertou o abraço.

— Não se preocupe, minha bunda vai aguentar, eu prometo. Vai ser uma aventura e tanto. Mas, — soltou-se do abraço, — o que dirá sobre mim? Você não vai falar nada sobre Hathor, vai?

— Não, não, não. De jeito nenhum. Se bem que eu adoraria dizer que a minha garota é uma Imperatriz.

Ela estreitou os olhos.

— Por enquanto. Daqui vinte anos serei General de novo.

John deu um sorriso provocativo.

— Imperatriz é mais poético, não acha?

— Tá, mais poético. Já tô até me acostumando. Mas, voltando ao assunto, o que vai dizer?

— Eu pensei em falar que te conheci no Rio de Janeiro. Que você é brasileira... O que acha?

Briéla abriu um enorme sorriso.

— Amei, eu adoro o Brasil.

News Letter

Seria um prazer para mim poder avisar você sobre os meus futuros trabalhos.

Inscreva-se na minha [lista de e-mail](#).

Ao informar o seu email, você será adicionado à minha lista de News Letter. Fique tranquilo, eu valorizo o seu tempo e nunca mandarei spam para sua caixa.

A finalidade dessa lista é informar aos leitores sobre o lançamento de novos livros e notificar quando alguma das minhas obras estiver em promoção.

A qualquer tempo, você poderá retirar seu email da lista clicando no link que encontrará no final do email. Ou ainda, enviando uma mensagem para markus@markusthayer.com.br

Muito obrigado.

Outras Obras do Autor

Série: Pandemia H36 – Episódio 1

[Em promoção na Amazon](#)



Episódio 1

Elisa Esker leva uma vida tranquila em Guararema. Sonha em se formar em odontologia e viver a vida pacata do interior.

Depois de um jantar romântico com Yudi, seu namorado, ela só quer descansar. Mas um telefonema, as notícias no rádio e na TV alertam para o fato de que as pessoas estão se comportando de forma anormal.

Ninguém sabe o que se passa. Brigas? Assaltos? Loucos foragidos do hospício?

Elisa se vê obrigada a enfrentar a noite escura, e seguir em direção ao foco do problema. Precisa avisar seu namorado sobre as notícias.

Será que Elisa Esker conseguirá encontrá-lo a tempo?

Será que ela própria suportará o que está prestes a ver?

Série: Pandemia H36 – Obra completa

Pandemia H36 – Série Completa.



Episódio 1

Elisa Esker leva uma vida tranquila em Guararema. Sonha em se formar em odontologia e viver a vida pacata do interior.

Depois de um jantar romântico com Yudi, seu namorado, ela só quer descansar. Mas um telefonema, as notícias no rádio e na TV alertam para o fato de que as pessoas estão se comportando de forma anormal.

Ninguém sabe o que se passa. Brigas? Assaltos? Loucos foragidos do hospício?

Elisa se vê obrigada a enfrentar a noite escura, e seguir em direção ao foco do problema. Precisa avisar seu namorado sobre as notícias.

Será que Elisa Esker conseguirá encontrá-lo a tempo?

Será que ela própria suportará o que está prestes a ver?

Episódio 2

Elisa Esker só queria ter uma vida tranquila em Guararema.

Mas a cidade virou de ponta cabeça.

Pessoas enlouquecidas se espalham pelas ruas.

Durante busca por seu namorado ela encontra Sally, uma garotinha em

perigo.

Deve tentar salvar a menina e arriscar sua própria vida?

Não seria melhor fechar os olhos e fugir dali?

Episódio 3

Elisa Esker enfrentou a noite escura na esperança de avisar seu namorado sobre os riscos que corria.

Mas foi jogada para dentro de um trem junto com desesperados tentando fugir da epidemia.

O destino não deixa o trem viajar muito e a locomotiva para perto de Sabaúna.

A doença se espalha rápido, é necessário lutar pela vida.

Mesmo assim Elisa decide voltar para Guararema.

Decide voltar para Yudi.

Episódio 4

Depois da destruição da cidade, só resta fugir.

Tenta encontrar seu pai em Guaratinguetá, mas a Pandemia H36 já chegou lá também.

Elisa se dá conta de que a humanidade está acabando.

Como sobreviver num mundo cheio de dementados?

Seria possível reconstruir a vida?

Sobre o Autor

Markus Thayer

Markus Thayer é formado em Ciência da Computação e MBA em Controladoria.

Sendo entusiasta por física teórica e mecânica quântica, dedica parte de seu tempo no estudo dessas ciências.

Como o tempo é elástico, M. Thayer separa uma parte dele para cinema, música, leitura e outras grandes paixões, como escrever histórias de ficção e criar programas para computador.

O Tempo é um papel em branco que pintamos com nossas melhores cores; é um presente para sentir-se bem e exercitar a felicidade.

[Amazon Author Page](#)

[Goodreads](#)

[Skoob](#)

[Twitter](#)

[Facebook](#)

Agradecimentos

Agradeço a todas as pessoas que, direta ou indiretamente, ajudaram a tornar esta obra uma realidade. Em especial a Marcia Denleschi e a Camila Denleschi que me ajudaram durante todo o processo.

Dedicatória

À minha esposa, Marcia, e à minha filha, Camila, que estão comigo em todos os momentos, iluminando os meus caminhos